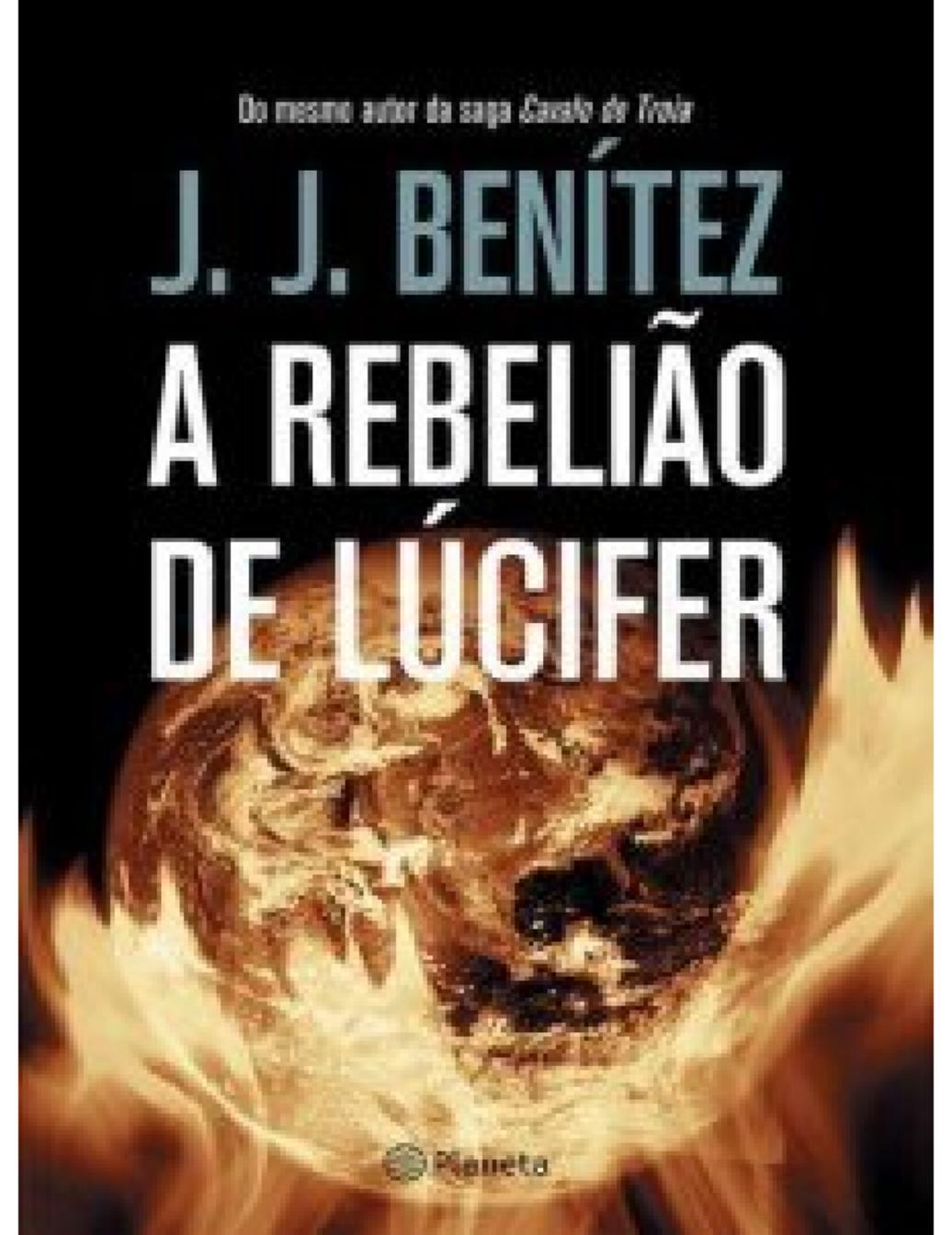


Do mesmo autor da saga *Cavaleiro do Trovão*

J. J. BENÍTEZ

A REBELIÃO

DE LÚCIFER

A globe of Earth is shown in the center, surrounded by intense flames that appear to be consuming it. The background is black, making the globe and the fire stand out prominently.

 Planeta

J. J. BENÍTEZ

REBELIÃO DE LÚCIFER

Tradução de Lucy Ribeiro de Moura

Editora Mercuryo São Paulo

Título Original La Rebelión de Lucifer

© J. J. Benítez, 1985 Editorial Planeta, Barcelona

1993

Todos os direitos reservados à

Editora Mercuryo Ltda.

Al. dos Guaramomis, 1267 — CEP 04076-012

São Paulo — SP — BRASIL

Tel: (011) 531.8222 — Fax (011) 530.3265

ISBN 85-7272-013-8

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Benítez, J. J.

B415 Rebelião de Lúcifer / J. J. Benítez; tradução de Lucy Ribeiro de Moura.

São Paulo: Mercuryo, 1993.

1. Ficção científica espanhola I. Título

88-2302

CDD-863.0876

índice para Catálogo Sistemático:

1. Ficção científica: Literatura espanhola 863.0876

A "Nietihw", que existe,

por certo.

" ■ "

"Aprendamos a sonhar, senhores, e então, pode ser que encontremos a Verdade."

Essa recomendação lapidar do insigne químico alemão Kekulé, que chegou ao descobrimento da fórmula do benzeno graças a um sonho, revolucionando assim a

química orgânica, acabou por convencer-me de que, na vida, a Verdade passa muitas vezes ante os seres humanos...disfarçada.

Ou talvez porque os inimigos da Verdade sejam ainda tão numerosos que chegam a nublar a face da Terra, elegi para *Rebelião de Lúcifer* a intangível e arcana roupagem da fantasia. Só aqueles que não tenham perdido a capacidade de sonhar poderão compreender-me. Nesse caso, como eu, talvez descubram através dos sonhos algumas das múltiplas faces dessa surpreendente Verdade.

J. J. Benítez

De repente, sem saber como, Nietihw e Sinuhe descobriram que se encontravam na praça da Lastra, na recôndita aldeia soriana de Sotillo dei Rincón, caminhando sem pressa em direção à Casa Azul. O Sol, radioso, provocava um brilho doce e discreto no bronze da Diana Caçadora, enquanto a bica continuava a jorrar em silêncio, como se nada tivesse acontecido. . .

O jovem, tendo a bolsa das câmeras ao ombro, deteve-se um instante junto à fonte. Voltou a cabeça na direção do bosquezinho e, em seguida, interrogou a companheira com o olhar. A resposta brotou de seus corações. . .

Tinham regressado!

José Maria, o prefeito, confortavelmente sentado no jardim da Casa Azul, continuava sorvendo sua fumegante xícara de café. Sinuhe, maravilhado, constatou que seu relógio marcava 13h56. Não mais que cinco minutos haviam transcorrido desde o início da lua nova e daquela fantástica aventura!

Antes que Sinuhe conseguisse pronunciar palavra, a senhora da Casa Azul tomou-lhe a mão direita e, em silêncio, com um sorriso de cumplicidade, mostrou-lhe o anel dourado — com o símbolo dos homens "Pi" —

que ainda lhe brilhava no dedo anular...

Pouco depois, o investigador iniciava o relato de tão desconcertante missão, com as seguintes palavras:

". . . Quanto a vós, filhos de 'TURANCHA', regressai e contai ao mundo quanto haveis vivido e conhecido... Só então, quando essa parte da Verdade tiver sido propagada... só então" — insistiu a .voz—

"podereis iniciar a segunda fase da missão: o julgamento de Lúcifer."

1. "RA-6 666"

Os cinco veleiros diminutos e multicoloridos que pendiam

do teto oscilaram suavemente', agitados por súbita corrente de ar. Harold D. Craft Jr., diretor de operações do maior e mais potente radiotelescópio do mundo, ergueu o olhar: à sua frente, com a fisionomia transtornada e uma folha de papel a tremer-lhe na mão esquerda, estava Rolf B. Dyce, diretor-adjunto de Arecibo.

Harold compreendeu que alguma coisa grave estava acontecendo. Seu colega e amigo parecia preso à maçaneta da porta. Uma segunda golfada de ar agitou os veleiros, pondo reflexos vermelhos, verdes e azuis em seus cascos lustrosos.

— Meu Deus! — exclamou Craft detrás da pilha de documentos e pastas que se amontoavam sobre sua mesa.
— Não fique aí parado. Que foi agora?

O astrofísico reagiu e, fechando a porta, avançou em grandes passadas. Incapaz, porém, de articular palavra, limitou-se a estender o telex a um palmo do basto bigode de Harold.

O diretor de operações do radiotelescópio de Arecibo, dependente da universidade norte-americana de Cornell, leu aquele galimatias matemático em trinta segundos. Em seguida, interrogou Rolf com o olhar.

Rolf assentiu com a cabeça.

— Então estávamos certos — disse Craft levantando-se com um ricto de alarma.

— Sim — murmurou finalmente o diretor-adjunto —, nossas suspeitas foram confirmadas pelo observatório Einstein, pelo Monte Palomar, pelo centro de astrofísica do Harvard College e pelo observatório Smithsonian de Cambridge. .. Estou assustado, Harold. Que fazer?

— No momento — replicou o diretor de operações —, continuar vigiando "Ra"...

E os dois se precipitaram para a porta.

Quando os cientistas irromperam pela sala de processamento de dados, a notícia já havia transcendido até os 144 astrônomos e técnicos especializados do radiotelescópio. Uns trinta, adivinhando os movimentos do diretor de operações de Arecibo, se haviam congregado à volta dos poderosos computadores CDC-3300 e Datacraft 6024/4.

Ao vê-los, Harold sorriu maliciosamente, pedindo calma ao inquieto pessoal a seu serviço. Sem mais comentários, sentou-se à mesa do CDC, digitando nervosamente. A gigantesca antena do radiotelescópio —

de trinta metros — procurou a constelação de Orion. Fixada

a posição, Harold Craft ativou o radar, forçando ao máximo sua potência de saída. Nesse momento, toda atenção foi para os dígitos verdes que acabavam de aparecer na tela do computador.

15.a transmissão radar-planetário.

2 380 MHz.

Distância estimada: 29,760580 unidades astronômicas.

Hora e data de emissão: 15h00 (27 de janeiro de 1984).

Tempo estimado para choque de sinal-radar: quatro horas e nove minutos. Retorno estimado: 23h18.

Coordenadas: 3h44. Inclinação positiva.

— OK — suspirou o diretor assim que se concluiu o lançamento do sinal radioelétrico —, agora só nos resta esperar.

Mas alguns dos astrofísicos, sem poder conter a curiosidade, desandaram a interrogar Craft. Entretanto, a torrente de perguntas foi interrompida pelo som insistente de um dos telefones da sala de computadores.

— É para você — esclareceu Rolf, dirigindo-se ao diretor de operações —. Frank parece muito aborrecido...

Harold atendeu, adivinhando o motivo da chamada e do desgosto de Frank Drake, diretor do radiotelescópio de Arecibo e seu responsável supremo.

— Sim, fale...

— Harold — explodiu Drake —, como é possível que seja eu o último a ser informado? Acabam de chamar de Ithaca pedindo um relatório completo sobre... como diabos se chama?

"Ra" — interferiu Craft sem perder a calma.

— É isso! Pois bem, de que se trata? Alguém foi dar com a língua nos dentes lá no Centro Nacional de Astronomia de Cornell, e tenho um jornalista do *Washington Post* que não me deixa respirar. . . Por favor, venha até minha sala.

Cinco minutos depois, Harold Craft exibia a Drake a recém-chegada confirmação dos observatórios do Monte Palomar, Harvard e Cambridge. Frank, alisando nervosamente a cabeleira branca, exclamou:

— Está bem, está bem, mas comece pelo início... Que diabo de história é essa sobre "Ra"? Que é que está acontecendo?

— Em fins de 1975 — começou o diretor de operações — o telescópio orbital de raios X do satélite holandês ANS

descobriu um misterioso corpo celeste. Encontrava-se além do sistema solar e se dirigia para a constelação de Orion. Pouco depois, em janeiro de 1976, o oitavo Observatório Solar Orbital e os satélites SAS-3, Vela e Uhuru confirmavam o achado. Nesse mesmo mês, a pedido de Jonathan Grindlay, do observatório do Harvard College, dirigimos nossa antena para as coordenadas de situação de "Ra".

— E daí?

Harold apanhou um bloquinho no bolso da camisa e vasculhou as folhas.

— Sim, está aqui — comentou, observando de soslaio os olhares cada vez mais impacientes de Drake. —

Justamente a 27 de janeiro de 1976 (faz agora 8 anos), nosso radar detectou o astro a 1 261 440 000

quilômetros da órbita de Plutão. Nos anos seguintes, tanto os satélites HEAO-1 quanto HEAO-2 e mais os telescópios de Palomar, Harvard e Cambridge e nosso próprio radiotelescópio vêm seguindo a trajetória de

"Ra", calculando-se em cinco quilômetros por segundo a sua velocidade...

— Continuo não entendendo — interrompeu-o o

responsável por Arecibo.

— Um momento, Frank. Por todos estes anos, os cálculos de Grindlay e dos demais astrônomos coincidiram em dois fatos que provocaram certa preocupação. Em primeiro lugar, "Ra" viaja diretamente em direção ao nosso sistema solar.

Segundo: trata-se de um corpo celeste singular, com uma órbita cujo período de revolução foi calculado em 6 666 anos.

— Um astro periódico! Mas vocês têm certeza disso?

O diretor de operações respondeu com denso e significativo silêncio.

— Um momento, um momento — interveio novamente Drake. — Se entendi bem, esse astro viaja em média cinco quilômetros por segundo.

Harold concordou.

— E para quando se estima que cruze a órbita de Plutão? Craft apontou o telex recebido naquela mesma manhã em Arecibo e pediu-lhe que o lesse com atenção.

— Vamos ver. . .

O dedo indicador de Drake foi percorrendo ansiosamente o

texto.

— Sim. . aqui está: " . . De acordo com estes cálculos" —
leu o diretor —, "estimamos que 'Ra'

alcançará a órbita de Plutão hoje, 27 de janeiro, situando-se a
uma distância do Sol de 29,760580 unidades astronômicas.
Rogamos nova comprovação radar".

Drake abandonou a leitura do telex e voltou a interrogar
Harold:

— Você emitiu o sinal?

— Às 15h00. Exatamente quando você telefonou.

— E qual sua opinião?

— Não sei. . Craft parecia resistir.

■

— Por Deus, Harold! Fale com mais clareza. . .

— Está bem. Mas não nos alarmemos. . . Faltam ainda muitas
comprovações. . .

— Fale, maldito seja! Que acontece com "Ra"?

— Como lhe disse, sua atual trajetória aponta quase diretamente para a Terra. Mas pode acontecer que a passagem entre Saturno e Júpiter altere-lhe sensivelmente o curso.. .

Drake cortou a explicação contemporizadora do astrônomo:

— Que estrutura tem?

— Gerry Neugebauer, de Palomar, obteve há meses os primeiros informes, graças a um de seus satélites de infravermelho. "Ra" também tem um núcleo frio, porém, um tanto superior ao do nosso planeta. Mas o que é mais desconcertante é que esse núcleo aparece rodeado por uma espécie de envoltório (ainda não sabemos se líquido ou gasoso), cujo diâmetro total é similar ao de Júpiter.

— Isso significa um volume mil vezes maior que o da Terra

— murmurou Drake entredentes, visivelmente confuso.

Harold moveu afirmativamente a cabeça.

— E que dizem Harvard e Cambridge sobre a previsão do tempo para a sua aproximação da Terra?

— Se não houver variações, precisará de uns 8 400 dias. Isto é, para o ano 2 006 ou 2 007, aproximadamente. ..

Drake anotou a data sem dissimular sua preocupação.

— Entretanto — Craft cuidava de suavizar a tensão —, tudo isso é teórico. . . Esta noite, quando estudarmos a última emissão do radar, talvez possamos precisar um pouco mais. . .

Drake parecia alheio às palavras tranquilizadoras do amigo.

— ... 6 666 anos — murmurou. — ... 6 666 anos. . . Dirigindo-se a Harold, perguntou:

— Que se sabe de sua passagem anterior?

— Sinto muito, Frank. Você sabe que não dispomos de registros astronômicos tão antigos. A não ser que. . .

A pausa estudada produziu o resultado esperado pelo diretor de operações do radiotelescópio.

— A não ser que? . . . — interpelou Drake.

O jovem astrofísico tornou a consultar o bloco. Adotando um tom de prudente ceticismo, afirmou:

— Por mera curiosidade e diante da impossibilidade de obter registro anterior, quando tivemos alguma certeza da órbita desse "intruso", Rolf Dyce e outros rapazes consultaram o Departamento de História Antiga de Cornell. Pois bem, ao

que parece, existe uma lenda de origem egípcia em que se fala da passagem de um astro. Essa lenda conta que a desaparecida civilização da Atlântida pereceu "no transcurso de um dia e uma noite, em consequência da aparição de 'Ra' nos céus".

— "Ra"? . . . Trata-se do mesmo astro?

— Não é mais que uma lenda — insistiu Craft —, mas, se concedermos um mínimo de credibilidade a Platão, compilador, como você sabe, da lenda sobre o mítico continente desaparecido da Atlântida, topamos com uma curiosa casualidade. De acordo com nossos cálculos matemáticos, a passagem desse corpo sideral se produz a cada 6 666 anos. Isso quer dizer que o registro anterior (se é que existe um algures) deve remontar ao ano 4 660 antes de Cristo, aproximadamente.

— Não entendo aonde você quer chegar — interrompeu Drake. ,

— Muito simples. Se Monte Palomar, Harvard e Cambridge coincidem na presunção de que "Ra"

irromperá na órbita da Terra por abril do ano 2 006, temos de remeter ao ano 11 326 antes de Cristo a antepenúltima passagem do "intruso". Data muito próxima à apontada por Platão para o catastrófico desaparecimento da Atlântida.

Drake caçoou:

— Harold, são apenas lucubrações. . . e bem pouco científicas.

O diretor de operações deu de ombros. Antes, porém, de abandonar o escritório, comentou:

— Eu sei, mas é muita coincidência, você não acha?

— Certamente. Mas qual é a designação oficial desse astro?

— Ra-6 666.

— Vocês estão todos loucos! — concluiu Drake. — Bem, informe-me sobre os resultados da emissão do radar. Verei o que posso dizer a esse jornalista.. .

E o diretor de Arcibo enredou-se em uma nova leitura do telex, sem perceber o sorriso enigmático que acabava de despontar no rosto de Harold.

Às 15h30 daquele dia 27 de janeiro de 1984, Craft fechava atrás de si a porta do escritório do seu chefe imediato, Frank Drake. No fundo do corredor, Rolf esperava. Ao ver Harold, correu ao seu encontro. Havia intenso brilho no olhar de Rolf B. Dyce. A meia voz, sussurrou ele ao ouvido do diretor de operações:

— Boas notícias, Harold. O Grão-Mestre acaba de ligar. ..

Craft levou o dedo indicador aos lábios, pedindo silêncio ao amigo. Segurando-lhe o braço, arrastou-o até sua sala.

Trancada a porta, dirigiu-se ao quadro-negro que ocupava boa parte da parede direita do seu pequeno santuário. E, em silêncio, escreveu:

"Autorizaram a transmissão da mensagem?"

Rolf, compreendendo as medidas de segurança do seu irmão de Loja, pegou o giz que ele lhe estendia e, consultando uma série de números escritos com esferográfica na palma da mão direita, rabiscou nervosamente na lousa:

"Grão-Conselho de Kheri Hebs autoriza o irmão 1-685-819-S a enviar mensagem urgente a 'Ra'".

Harold vibrou de emoção, ao ler aqueles estranhos números. Tão só ele e o Grande Grão-Conselho dos Kheri Hebs ou Mestres da Grande Loja da Escola da Sabedoria conheciam a chave que identificava Harold D. Craft Jr. como membro da citada ordem secreta. Irmandade nascida no antigo Egito, durante a dinastia XVIII — há 3 350 anos — e firmemente impulsionada pelo primeiro Kheri Heb ou Mestre, Amen-em-apt, também conhecido na Escola dos Mistérios como Germaá ou *O Verdadeiro Silencioso*, segundo consta do

papiro 10 474 da Grande Loja.

O diretor de operações do radiotelescópio pegou novamente o giz e escreveu:

"Qual o texto da mensagem?"

Rolf copiou na palma da mão, com letras maiúsculas:

"O JULGAMENTO DA TERRA SERÁ ASSISTIDO PELA
RONDA DA RODA DE 'RA'".

"GLORIA AO DISCO".

GLORIA AOS MENSAGEIROS SOLITÁRIOS". GLÓRIA À
ILHA ESTACIONARIA DO

PARAÍSO".

"144 000 URANCHIANOS ESPERAM O SINAL DE 'RA'".

Concluída a mensagem do Grão-Conselho dos Kheri Hebs, Rolf Dyce encetou meticulosa verificação, palavra por palavra. Confirmada a exatidão, Harold anotou-a em uma folha de papel, na qual se lia o seguinte lembrete: "Centro Nacional de Astronomia e de Ionosfera — Universidade de Cornell (110 Day Hall) —

Ithaca, N.Y. 14 853".

Ato contínuo, os dois astrofísicos apagaram a lousa, eliminando qualquer vestígio de tudo o que haviam escrito.

Mais tranqüilos, Craft e Dyce tomaram assento à escrivaninha.

Harold, depois de reler a enigmática mensagem, perguntou baixinho:

— Código?

— Conversão em números. Chave de Cagliostro — sussurrou Rolf.

Sem mais comentários, puseram-se a codificar o texto elaborado pelo Grão-Conselho dos Mestres. Nem Harold nem Craft, claro, atreveram-se a formular perguntas sobre o sentido daquela criptografia. A fé nos Kheri Hebs da Grande Loja a que pertenciam era total; e isso bastava.

Às 16h15, com a mensagem codificada num total de 201 caracteres numéricos, o diretor de operações de Arcibo e seu diretor-adjunto dirigiam-se sigilosamente para a sola de controle do radiotelescópio.

O centro de processamento de dados — tal como o supunham Harold e Rolf — estava deserto. O

primeiro turno de astrofísicos não se encarregaria do programa habitual de emissões e recepção de sinais antes das 17 horas. Tinham, portanto, o tempo exato para programar o computador CDC-3300 e transmitir a mensagem.

Craft postou-se à frente do teclado, transmitindo ao projetor de laser as coordenadas galácticas de "Ra".

Em 15 segundos, a antena situada na plataforma triangular, suspensa a uma altura de cinquenta andares sobre o gigantesco disco côncavo aluminizado de trezentos metros de diâmetro, que funciona como refletor, ficou definitivamente direcionada para um dos 38 778 painéis individuais de alumínio que constituíam o mencionado refletor ou "tigela de sopa", como diziam familiarmente em Arecibo.

Harold ajustou a potência de saída em 450 000 watts, procedendo à emissão dos 201 caracteres numéricos. De início, o computador codificara a mensagem em cinco grupos de 53, 13, 30, 35 e 34

caracteres, com um total de 36 dígitos suplementares

— estrategicamente distribuídos — que faziam as vezes de "espaços em branco". Decodificados, por sua vez, em sistema binário, os 201 dígitos foram transmitidos a uma velocidade de 10 caracteres por segundo.

Às 16 horas, 30 minutos e 20 segundos, partia a mensagem, finalmente, para as profundezas do sistema solar, em busca do misterioso astro "intruso" . . .

Por um minuto — a partir do último segundo da transmissão

— Rolf manteve-se atento à tela do computador, ajustando a frequência da mensagem de forma tal que não se visse alterada pelo efeito Doppler do movimento orbital e da rotação da Terra.

Esgotado esse minuto, o diretor-adjunto respirou profundamente, comunicando a Harold que a mensagem já se encontrava na órbita de Marte. Depois, premiu o teclado do CDC e aguardou.

Quase instantaneamente uma série de dígitos verdes percorreu a tela do computador.

— Bem — murmurou Harold —, em 35 minutos alcançará a órbita de Júpiter e, em 71, a de Saturno.. .

A última linha anunciava algo que os astrofísicos já sabiam:

"O cruzamento com a órbita de Plutão se registrará em quatro horas e nove minutos."

Ambos, movidos pelo mesmo pensamento, consultaram

seus relógios.

— A mensagem — afirmou Rolf — será recebida às 20h33.

— Sim — confirmou o colega —, mas haverá resposta? Rolf olhou-o fixamente.

— Você sabe que sim — disse com ênfase. — É questão de esperar. . .

Nessa noite, pouco antes das 23 horas, havia inusitado movimento na sala de controle do radiotelescópio de Arecibo. Nem Harold Craft nem Rolf puderam convencer os colegas a que se recolhessem para repousar.

Cerca de meia centena de astrofísicos esperava impacientemente a iminente recepção do sinal do radar emitido oito horas antes.

No comando do computador, o diretor de operações checkou pela enésima vez a posição da antena, de trezentos metros, do refletor principal. A seu lado, Rolf, cabelo revolto e lápis atrás da orelha direita, fez o mesmo com o segundo computador — o Datacraft —, responsável pelo controle da antena "passiva" de noventa metros, postada a dez quilômetros ao norte da localização do gigantesco radiotelescópio, vital para a recepção e combinação dos ecos do radar.

"23 horas: 16 minutos: 45 segundos." O relógio acoplado ao computador continuava avançando inexoravelmente. Harold, com um movimento mecânico, procedeu à total desconexão e bloqueio do transmissor. Estava tudo no ponto.

"23 horas: 15 minutos: 15 segundos."

Era absoluto o silêncio na sala de controle.

Cruzou-se um último olhar entre Rolf e Harold.

"23 horas: 16 minutos: 45 segundos."

Apesar da baixa temperatura do ambiente — sete graus centígrados —, gotículas de suor brotaram na testa de Rolf.

"23 horas: 17 minutos: 00 segundo."

Os cientistas prenderam a respiração. Todos os olhares se concentraram no vidro esfumado que protegia os discos

"23 horas: 18 minutos: 05 segundos."

O computador central, entretanto, não dava sinal de vida. Harold, tenso, aproximou seu rosto do CDC e sussurrou-lhe:

— Vamos, menino!...

"23 horas: 18 minutos: 10 segundos."

Os dois discos deram um quarto de volta. E aquele primeiro movimento foi acolhido com estrondosa salva de palmas. O sinal do radar acabara de retornar ao radiotelescópio.

Confirmada a recepção do eco, Rolf ativou o mecanismo de cartografia. Cinco minutos depois, sentado diante da tela do sistema de coordenação de computadores, Harold Craft — ante a expectativa geral —

decodificava os primeiros informes do sinal-radar emitido para o astro "intruso".

"Distância: 29,66 unidades astronômicas."

Foi geral o murmúrio: "Ra" já ultrapassara a órbita de Plutão.

"Velocidade: 5,1 quilômetros por segundo e acelerando."

O diretor de operações pediu então a um de seus colegas que efetuasse os cálculos teóricos e aproximados da velocidade de "Ra", em sua passagem pelas órbitas planetárias seguintes.

O resultado sacudiu os cientistas.

— Se conservar esse ritmo de aceleração — anunciou o astrofísico, guardando sua régua de cálculo —, necessitará de 3 248,6 dias para percorrer os 1 403 400 000 quilômetros

que o separam de Plutão à órbita de Netuno. Os 1 627 milhões de quilômetros seguintes (da órbita de Netuno à de Urano), considerando-se o incremento de sua velocidade, ele pode vencê-los em 2 699 dias.

"É provável também que, ao abandonar esta última órbita (a de Urano), sua velocidade já seja algo superior a 7 quilômetros por segundo. Nessa suposição, os 1 442 600 000 quilômetros que o separarão de Saturno serão cobertos em 1 669,6 dias.

"Desde ali até a órbita de Júpiter, a distância média estimada é de 648 700 000 quilômetros. Mas a aceleração de "Ra" terá passado de uns 10 quilômetros por segundo nas proximidades de Saturno, e 15

quilômetros na órbita de Júpiter. O que quer dizer que pode percorrer esses 648 milhões e pico de quilômetros em pouco menos de 500 dias. ...

Impassível, Harold foi contabilizando os dias.

— ... Quanto à última trajetória (da órbita de Júpiter à de Marte), "Ra" precisará, na razão de 15 a 25

quilômetros por segundo, de 254,8 dias.

— Tudo isso dá um total de 8 327 dias ou 22,9 anos —

concluiu Craft, visivelmente desalentado.

— ... Sim — interveio Rolf —, e se não se produzir algum milagre, "Ra" se precipitará da órbita de Marte até a Terra em pouco mais de 75 dias, a uns 35 quilômetros por segundo...

Esfumara-se a alegria inicial dos homens de Arecibo ante aquele cálculo sinistro.

O angustiante silêncio dos astrofísicos foi finalmente quebrado pelo diretor de operações:

— Senhores, eis a triste realidade: se o milagre não se realizar (se "Ra" não for desviado ou catapultado pelos campos de força de Saturno ou de Júpiter), sua precipitação sobre o nosso mundo registrar-se-á, possivelmente, entre os meses de março ou abril do ano 2 007.

Harold, adivinhando os pensamentos dos colegas, abandonou o banco do computador central e deu uns passos até a janela da sala. A noite, serena e estrelada, parecia alheia à tragédia que se aproximava. As seiscentas toneladas da plataforma triangular que suporta as antenas, iluminada agora, elevava-se acima das colinas do norte de Porto Rico, qual fantasmagórica nave espacial.

— É meu dever anunciar-lhes — comentou Craft dando as costas à noite — que, é claro, tudo o que viram e ouviram é

considerado pelo Centro Nacional de Astronomia e de Ionosfera de Cornell altamente confidencial e secreto. . . Deverá ser o NAIC que, uma vez verificadas todas as comprovações lógicas, anunciará ou não à opinião pública mundial os fatos que vocês conhecem. . .

E Harold, assumindo um tom menos solene, rogou aos companheiros que abandonassem o centro de controle.

— Frank Drake — explicou — deve dispor, às primeiras horas, de um informe completo. . . Boa noite, e obrigado. . .

Os quase cinqüenta astrofísicos, silenciosos e cabisbaixos, foram desfilando diante de Craft que, cortesmente, mantinha aberta a porta da sala para que saíssem os amigos e colegas.

Às 24 horas, o diretor de operações fechava a chave a sala de controle. Em pé, junto ao computador, continuava Rolf. Tinha os olhos fixos em um pequeno mapa, recentemente extraído do sistema de cartografia. Harold observou nas mãos dele um pequeno tremor e intuiu que não haviam terminado as surpresas. . .

— Como é possível?

Rolf B. Dyce repetiu a pergunta, mas agora estendendo o mapa ao companheiro:

— Como é possível, Harold?

Craft examinou a imagem de "Ra" que o radar acabava de fornecer. O mapa em relevo aparecia como uma mancha praticamente negra e perfeitamente circular. Eles sabiam que o brilho e o esbranquiçado desse tipo de mapas de retrodifusão são proporcionais ao grau de aspereza da superfície do astro explorado. Em outras palavras: quanto mais escura a imagem do radar, mais lisa a superfície cartografada.

Perplexo, Harold consultou as imagens do planeta Vênus obtidas em 1975 e 1977. Daquelas vezes, o radiotelescópio efetuara um magnífico trabalho, cartografando por radar os dois hemisférios e, em especial, uma região situada a 320 graus de longitude Este, em pleno hemisfério sul. Em tais mapas, confirmando as suspeitas dos radioastrônomos, aparecia, por exemplo, uma enorme mancha branca a que chamaram de

"Maxwell" (a 65 graus de latitude Norte e 5 graus de longitude Este), que não era senão uma gigantesca montanha de 11 000 metros. "Ra", ao contrário, à vista daquele primeiro informe de radar, apresentava absolutamente lisa uma de suas faces, sem as rugosidades e acidentes naturais que se deveriam esperar.

— Como é possível, Harold? — repetiu Rolf pela terceira vez.

Mas o diretor de operações só conseguiu encolher os ombros. Apanhando a régua de cálculos, pediu a Rolf que o ajudasse na elaboração dos últimos dados. Em alguns minutos o diâmetro equatorial do "intruso"

havia sido fixado pelos cientistas em 13 756 quilômetros. Curiosamente, mil quilômetros maior que o da Terra.

— Esse estranho envoltório de que falavam os satélites? — perguntou Harold.

Rolf moveu negativamente a cabeça.

— É preciso esperar pelos informes de Monte Palomar — comentou —. Acho que você deveria informar Drake. . .

— Amanhã nos ocuparemos disso. Craft consultou seu relógio.

— Se o Grão-Conselho dos Kheri Hebs estiver certo, a resposta de "Ra" será captada pelo radiotelescópio a partir das 24 horas, 38 minutos. Temos que nos apressar. Mal temos tempo.

Rolf obedeceu em silêncio e foi postar-se outra vez diante do

teclado do computador principal.

Desconectou o radar, ativando continuamente o sistema de recepção de sinais radioelétricos. A antena de 32

metros e 4 500 quilos de peso continuava apontando para as coordenadas galácticas de "Ra".

— Tudo em ordem? — perguntou Harold mecanicamente.

— Afirmativo. Mas... Rolf hesitou.

— Mas o quê? — animou-o o companheiro.

— Não sei, Harold... Você acredita que haverá resposta?

— Agora você está duvidando — sorriu Craft.

E dando-lhe uma palmadinha nas costas, sentou-se frente à tela do computador auxiliar.

O relógio digital do Datacraft 6024 marcava 24 horas, 5 minutos e 45 segundos.

Rolf, cada vez mais nervoso, mordiscava a ponta da lapiseira.

"24 horas: 28 minutos: 15 segundos."

— Atenção, Rolf!

"24 horas: 38 minutos: 00 segundo."

Dessa vez, os radioastrônômos foram surpreendidos pelo giro dos discos magnéticos do computador. A antena do radiotelescópio começava a captar algum sinal. . .

— Harold! Harold!.. .

Rolf, branco como papel, só conseguia repetir o nome do amigo.

— Deus do céu! — exclamou Harold. — Eis aí a resposta. O Conselho dos Mestres tinha razão.. . "Ra" é muito, mais que um simples astro!.. .

Rolf, hipnotizado pelo lento mas contínuo e espasmódico movimento dos discos memorizadores do Datacraft, nem ouviu o companheiro.

"24 horas: 38 minutos: 15 segundos."

Seis décimos depois, o computador se detinha.

Os astrofísicos se entreolharam perplexos.

Foram segundos pesados. Quase eternos. A recepção, porém, tal como indicava o computador central, terminara.

Harold, esforçando-se por dominar-se, fez retroceder as fitas magnéticas até o ponto zero da transmissão:

"24 horas: 38 minutos: 00 segundo". Suas mãos trêmulas digitaram em busca da decodificação dos sinais.

As fitas lançaram na tela um total de 156 impulsos, distribuídos, à primeira vista, em quatro grandes grupos. Cada um constava de 33, 35, 51 e 37 caracteres, respectivamente.

Rolf confirmou o tempo de recepção calculado.

— Olhe, Harold!.. . 156 impulsos e um total de 15 segundos e 6 décimos para a transmissão. O que significa que foram enviados à razão de 10 caracteres por segundo. Exatamente como os nossos!

— Calma, Rolf!.. . Calma! Ajuste o computador ao código binário. Não sei o que é "Ra" e os que o controlam, mas, se foram capazes de captar nossa mensagem, decifrá-la e enviá-la quase instantaneamente, alguma coisa me diz que sua resposta virá codificada sob a mesma chave.

A decodificação dos sinais não tardou a aparecer na tela.

— Eu sabia, Rolf! — explodiu Harold Craft, sem se conter. — São números!

No monitor, efetivamente, começara a desenhar-se uma série de dígitos, correspondentes ao sistema decimal ordinário.

"21-6666-122121-53-56567-415487-6" na primeira linha.

"313-31481513-66-3611215-1-315655-6" na segunda linha.

"31-5111-45-31-2171-1763-122121-415221-55-66-4113-6" na terceira.

"53-161317-45-3631852-666-51-3353147-6" na quarta e última.

Nem Rolf nem Harold souberam jamais o tempo que permaneceram mudos e estáticos ante aquele punhado de verdes e brilhantes números, procedentes de mais de 4 400 milhões de quilômetros. . .

Inútil. Apesar das súplicas de Rolf, Harold Craft negou-se a prosseguir com a decifração da mensagem vinda de "Ra".

— Nossa missão termina aqui — sentenciou —. Agora, é o Grão-Conselho que deve atuar...

Os astrofísicos retiraram as fitas magnéticas, desconectando a grande antena do radiotelescópio.

Três horas mais tarde, a mensagem original, convenientemente lacrada e selada, partia do aeroporto de San Juan de Porto Rico rumo a um lugar secreto ao sul de

São Francisco, sede central do Grão-Conselho dos Kheri Hebs ou Mestres da Grande Loja da Escola da Sabedoria.

A 1.º de fevereiro, sete altos funcionários das embaixadas da Venezuela, Grã-Bretanha, França, Alemanha Federal, Suíça, Suécia e Egito — todos eles membros secretos da Grande Loja — partiam de Washington, Nova Iorque, Los Angeles e Miami com destino aos seus respectivos países. Em suas malas diplomáticas se havia depositado uma carta, presumivelmente contendo a mensagem procedente de "Ra", definitivamente decifrada, em cujos envelopes se lia:

"NEWTON. Londres".

"DEBUSSY. Paris".

"LEIBNITZ. Bonn".

"NOBEL. Estocolmo".

"CALVINO. Berna".

"BOLÍVAR. Caracas".

"NEFERTITI. Cairo".

Poucas horas após a chegada às capitais mencionadas, as sete missivas eram entregues, em mãos, a cada Kheri Heb responsável pela Escola da Sabedoria, nas áreas da

Comunidade Britânica, França, Alemanha Federal, Países Nórdicos, Suíça, América Latina e África.

Só os Grãos-Mestres das jurisdições do Oriente Médio, Ásia e Australásia foram excluídos pelo Grão-Conselho. O motivo estava contido naquelas sete cartas, enigmáticas e "altamente secretas" . . .

2. AS 66 BADALADAS

Naquele 3 de fevereiro de 1984, como o fazia quase todas as manhãs, o carteiro de um pequeno povoado basco batia à porta do seu amigo e jornalista. Com a correspondência vinha um telegrama. Quando o abriu, o escritor leu uma frase lacônica e enigmática, sem qualquer referência: *"O viveiro está morrendo"*.

Sem perda de tempo, assistido por sua mulher que, perturbada, não conseguia decifrar o sentido nem o remetente da mensagem, nosso homem se preparou para imediata viagem a Madri.

Ninguém que conhecesse esse escritor, especializado fazia muitos anos em investigações de mistérios, poderia imaginar, naqueles tempos, que, tal como outros milhares de pessoas em todo o mundo, era membro da Grande Loja da Escola da Sabedoria. Na realidade, aquele telegrama não era senão uma chamada urgente, em código, para que se apresentasse no Templo da Irmandade na capital da Espanha, dependente, por sua vez, do Conselho dos Kheri Hebs da jurisdição européia.

Às 10 horas de segunda-feira, 6 de fevereiro, era recebido pelo Grão-Mestre da Ordem. Embora o alto funcionário israelense conhecesse perfeitamente aquele membro da Loja, ao estreitar-lhe a mão fez um dos sinais secretos de

identificação entre os "sorores" ou irmãos da Ordem. O jornalista e escritor respondeu mecanicamente com a mesma contra-senha, pressionando o dedo indicador e o polegar sobre a mão do Kheri Heb.

— Bem-vindo, Sinuhe. . .

O investigador sorriu ao ouvir seu nome: aquele que recebia cada membro da Irmandade, ao ser aceito no seio do Templo correspondente. Desde esse instante solene, nosso homem — como os demais — era conhecido entre os irmãos de Loja por um nome mítico. Nome de pia carregado de reminiscências esotéricas e que, na Antigüidade, pertencera a destacados e sábios Kheri Hebs. Tal distintivo e uma numeração cifrada

— conhecida tão só pelo novo membro e pelos respectivos Grãos-Conselhos Jurisdicionais — eram as senhas de identidade de cada "soror". Este segundo batismo não obedecia a caprichos ou acasos. Cada aspirante à Escola da Sabedoria via-se obrigado a superar uma série infindável de provas que lhe pusessem em relevo a personalidade, bem como suas aspirações espirituais e seu grau de honestidade. Uma vez aceito, o novo irmão era "batizado" com o nome que melhor refletisse seu caráter e temperamento. Eis que "Sinuhe"

significava "o que é solitário".

Desde a infância esse homem, a quem chamaremos Sinuhe, distinguira-se justamente por seu profundo desejo de solidão. Quase ninguém, nem mesmo a própria família, vislumbrara jamais o fundo daquele coração sempre atormentado pela busca da Verdade. Sinuhe amava a aventura, o perigo; e esse espírito, unido a insaciável curiosidade, o arrastara a uma vida de viagens constantes, que ia relatando, parcialmente, em seus numerosos livros. No arcano da alma guardava ainda segredos que teriam causado estremecimentos em seus assíduos leitores.

Apesar dessa vida apaixonante, invejada, admirada e até odiada em partes iguais por amigos e inimigos, Sinuhe era um homem insatisfeito, com crescente desprezo por si mesmo. Por isso, quando o Grão-Mestre lhe anunciou que fora eleito "para uma delicada missão", longe de entusiasmar-se sentiu-se acabrunhado.

Mas o Kheri Heb não chegou a perceber a dúvida no olhar do discípulo. Aos 37 anos, Sinuhe era um homem frio, perfeitamente capaz de dominar e dissimular até mesmo o mais desenfreado dos seus sentimentos. Esta, talvez, fosse uma das razões por que se odiava.

O Grão-Mestre se dirigiu então a um dos quadros que lhe

decoravam as paredes do escritório. Tratava-se de magnífica fotografia em cores do Menorá, ou candelabro de sete braços, emblema oficial do Estado de Israel e que se ergue em Jerusalém, em moderna versão do escultor Benno Elkan. E em silêncio, o alto funcionário de Israel na Espanha começou a deslocar o quadro, pondo a descoberto um pequeno cofre embutido e camuflado na parede. Tirou dali um envelope branco e voltou para sua mesa, continuando a conversa.

— Querido Sinuhe, como lhe dizia, o Grão-Conselho o designou para uma delicada missão.

O Kheri Heb abriu o envelope e entregou a Sinuhe um dos dois documentos que ele continha.

— Leia e memorize — voltou a falar o Grão-Mestre —.

Esta mensagem é altamente secreta e não pode sair do Templo.

Sinuhe reconheceu de imediato o emblema da Ordem, gravado em delicado alto-relevo, encabeçando o documento: uma serpente vermelha, enroscada ao redor de dois olhos. O da direita, menor e com um ligeiro vazado, e o da esquerda, três vezes maior e com um relevo proeminente.

Ao pé do símbolo da Escola da Sabedoria estavam escritas

quatro frases.

Sinuhe as leu devagar. No começo, tentando apreender-lhes o significado. Depois, procurando memorizá-las. A segunda — talvez porque reproduzisse o seu nome — foi mais fácil..

Após cinco minutos, Sinuhe ergueu o rosto e, fechando os olhos, repetiu mentalmente aquelas quatro frases enigmáticas.

O Grão-Mestre o observou satisfeito.

Ao concluir a memorização, o discípulo voltou a repassar o texto, comprovando satisfeito que ele ficara gravado minuciosamente em sua mente. Devolveu o documento ao seu Kheri Heb que, adotando um tom muito mais solene, comentou:

— Querido irmão, no momento, não fui autorizado a revelar-lhe a origem e a finalidade desta mensagem... Só posso acrescentar, como você já terá comprovado, aliás, que procede do Conselho Supremo da Irmandade.

Sinuhe assentiu.

— ... A mensagem, isso sim, guarda transcendental relação com o futuro da humanidade. E a Escola da Sabedoria, por razões que você pode intuir, foi eleita depositária da

mensagem. Agora, antes de passar para a última e mais importante fase da sua missão, quer, por favor, repetir-me o texto do documento?

A voz de Sinuhe, límpida e profunda, foi desafiando as vinte e seis palavras e oito números que formavam as quatro frases:

— "RA-6 666" ABRIRÁ O NOVO TEMPO-6. "AS BADALADAS-66-GUIARÃO SINUHE-6.

"A FILHA DA RAÇA AZUL ABRIRÁ TERRA EM 66 DIAS-6.

"O JULGAMENTO DE LÚCIFER-666-CHEGOU-6.

— Exato — aprovou o Kheri Heb com um grande sorriso. E, sem mais comentários, enfronhou-se em demorada leitura do segundo documento.

Sinuhe não podia, então, imaginar que o texto que acabava de aprender fora recebido na madrugada de 27 de janeiro do mesmo ano, pelo mais potente radiotelescópio do mundo, vindo de um astro desconcertante, batizado pelos astrônomos de "Ra-6 666".

Tal como suspeitaram Harold Craft e Rolf Dyce, aquela série de dígitos — desde que estudada pelo Grão-Conselho da Escola da Sabedoria — foi codificada finalmente, seguindo o

método de conversão de Cagliostro; o mesmo que fora utilizado pelos dois membros da Grande Loja na emissão da primeira mensagem para o astro "intruso".

O Kheri Heb abandonou enfim a leitura do segundo documento e, depois de guardá-los no envelope, prosseguiu:

— Bem, caro Sinuhe. O Grão-Conselho especifica que a sua missão consiste em identificar a "filha da raça azul". Para tanto, como você terá observado no texto da mensagem, será "guiado pelos sinos"...

O Mestre compreendeu imediatamente as dúvidas naturais do discípulo. Adiantando-se aos seus pensamentos, acrescentou:

— Como lhe disse, não estou autorizado (agora) a revelar-lhe quem é essa "filha da raça azul", nem como chegará a reconhecê-la. Seja fiel à Escola da Sabedoria e encete imediatamente a busca. A fortaleza do Gerador (você o sabe) o acompanhará a cada momento. Confie Nele e no Grão-Conselho... Você tem alguma pergunta?

Sinuhe teria querido expor ao Kheri Heb o torvelinho de dúvidas que o fustigava. Limitou-se porém a responder:

— Sim, Mestre. Apenas duas...

— Continue.

— Em primeiro lugar, que devo fazer quando identificar a "filha da raça azul"?

— Use o código secreto e me faça saber imediatamente.. . E a segunda?

Sinuhe conservou um breve silêncio e, fixando seus olhos rasgados e castanhos no Mestre, perguntou:

— Por que eu?

O Kheri Heb sorriu, enigmático. Apontando o envelope dos documentos, comentou:

— Há apenas algumas horas, outras seis missivas iguais a esta foram depositadas nos Templos Nacionais da Irmandade em Londres, Bonn, Estocolmo, Berna, Caracas e Cairo. Esta, a sétima, foi entregue na Jurisdição de Paris, da qual, como você sabe, somos dependentes. Todas elas procedem do Grão-Conselho, nos Estados Unidos. E são todas elas portadoras da mesma mensagem: a que você acaba de decorar. Entre os 144 000 membros da Irmandade em todo o mundo, apenas sete figuram, atualmente, com o nome de

"Sinuhe". Você é um deles e, como seus irmãos, foi chamado

para desempenhar a missão que lhe acabo de explicar. Mas apenas um desses sete "Sinuhe" descobrirá e nos revelará a "filha da raça azul". No instante em que isso ocorrer, os demais irmãos eleitos serão avisados e cessarão suas respectivas pesquisas.

Sinuhe, mais e mais perplexo, não resistiu à tentação e formulou uma terceira pergunta:

— Perdão, Grão-Mestre, mas por quem fomos eleitos? Sorrindo novamente, o Kheri Heb replicou:

— Tudo em seu devido tempo, Sinuhe... Tudo em seu devido tempo...

Durante aqueles dois meses de fevereiro e março, Sinuhe ficou absolutamente atento a tudo quanto ocorria à sua volta. Mas as notícias divulgadas em seu país e no resto da Europa não fizeram qualquer alusão àqueles misteriosos sinos a que se referia a não menos intrigante mensagem.

As dúvidas, longe de se dissiparem com o passar dos dias, multiplicavam-se no ânimo do investigador.

"Quem ou o que é 'Ra'?", repetia-se uma vez ou outra, sem encontrar resposta nem sossego.

"A que 'novo tempo' se referiria o texto secreto que lhe

mostrara o seu Kheri Heb?"

"Por que devia ser guiado por algumas badaladas?"

Esta, juntamente com a terceira, era dentre as frases a que mais desconsertava Sinuhe.

"Onde estão esses sinos? . . . Deverei ouvi-los ou alguém o fará por mim?"

A julgar pelo pouco que lhe havia revelado o Grão-Mestre, as badaladas o guiariam até a "filha da raça azul" ... Mas, e se não fosse assim?

E, sobretudo, quem era essa "filha da raça azul"?

Sinuhe considerava que, entre as atuais raças do planeta, contamos com a negra, a amarela, a vermelha, a branca e a mestiça. No entanto, jamais ouvira falar da azul...

Se não eram poucas essas incógnitas, a terceira e a quarta frases eram tão sibilinas, ou mais, que as anteriores.

Por que deveria a "filha da raça azul" "abrir a terra em um prazo de 66 dias"? A que terra se referiria o criptograma? E, supondo que fosse a nossa Terra, em que momento se iniciaria esse prazo de sessenta e seis dias?

Sinuhe dedicou-se, boa parte daqueles dias, a investigar

sobre a figura de Lúcifer. A extrema pobreza da Bíblia, entretanto, mal lançou uma luz sobre a quarta e última frase da mensagem: "O JULGAMENTO DE

LÚCIFER-666-CHEGOU-6".

Tão-só no *Apocalipse* de São João (13.18) conseguiu um indício — indigente talvez — que, não obstante, animou-o em suas pesquisas. Esse parágrafo do *Apocalipse* alude à Besta (designação talvez de Lúcifer) nos seguintes termos:

"Eis aqui a sabedoria. Aquele que tenha inteligência, que calcule o número da besta, porque é número de homem. O número é seiscentos e sessenta e seis."

"... 666."

Sinuhe, conhecendo o código de Cagliostro, submeteu também cada letra da mensagem à correspondente conversão em números, de acordo com o referido código. Sua confusão chegou ao auge quando observou que a soma dos números que integravam cada uma das frases dava precisamente seis. A mesma cifra que aparecia ao final de cada linha.

"Sem dúvida" — obtemperou o investigador — "esses quatro seis devem ter alguma relação com o número (6 666) que figura ao princípio da primeira frase do enigma. .. Mas

qual?"

Naquela madrugada de 1.º a 2 de abril de 1984, o frondoso e acaçapado azinheiro que monta guarda frente à casa do prefeito de Sotillo dei Rincón estava especialmente concorrido. Dezenas de pardais e gaviões refugiaram-se entre suas folhas espinhosas. Ameaçadores cúmulos-nimbos corriam furiosamente, empurrados dos topos da Sierra Cebollera pelo vento do Oeste. Alguns aguaceiros já se haviam descarregado no vale do rio Razón, paraíso perdido a pouco mais de vinte quilômetros a noroeste de Soria, capital (Espanha) e assentamento natural da retirada e bela aldeia de Sotillo. Dir-se-ia que a entrada da lua nova iria pressagiar coisas estranhas e singulares. ...

Sinuhe, a várias centenas de quilômetros daquelas agrestes paragens soriana, achava-se totalmente alheio ao que estava na iminência de acontecer. Naquela mesma madrugada, aproveitando a mudança oficial d& hora, dedicara boa parte da noite a novas e infrutíferas investigações, empenhando-se em desentranhar a mensagem oriunda de "Ra". Uma ou outra vez lembrou as quatro frases, mas o esgotamento acabou por vencê-lo.

"RA-6 666" ABRIRÁ O NOVO TEMPO — 6." "AS
BADALADAS — 66 — GUIARÃO SINUHE —

6..." "AS BADALADAS — 66 — GUIARÃO.. ." Um sono escuro e inquieto deixou parte da mensagem a flutuar na mente de Sinuhe.

Nesses precisos momentos — à 1 hora e 30 minutos —, os duzentos habitantes de Sotillo dei Rincón também dormiam, embora seus sonhos não fossem tão agitados quanto os de Sinuhe. Apenas o uivar dos cães da região e o ulular das rajadas de vento entre as copas do choupal que circunda a Câmara Municipal do povoado pareciam pressagiar a aproximação de "algo" inquietante.

No centro da praça da Lastra, dentro da escuridão, a pequena estátua de bronze da Diana Caçadora resistia impassível aos embates do vento. A seus pés, a única bica sobrevivente da fonte, doada em 1913, jorrava ainda doce e silenciosamente. A uma distancia eqüidistante da fonte, e formando um triângulo, levantam-se e encerram a praça da Lastra três sólidos edifícios: a Câmara Municipal, cujo relógio, de um metro de diâmetro, contempla o sul; a casa de José Maria Gómez Zardoya, prefeito de Sotillo, com seu campanado azevinho; e a chamada Casa Azul, quase defrontando a Câmara Municipal. Desde outrora, aquele elegante e só-3 casarão de três andares era conhecido entre as pessoas de sotillo como a Casa Azul, graças ao anil de seus batentes e das janelas. Ninguém então suspeitaria que aquele apelido caprichoso e popular guardasse um sentido

muito mais profundo e misterioso...

Naquela noite intranquãila, como digo, era total a escuridão no longínquo povoado soriano. Todos descansavam. Melhor: todos, não. Uma das janelas do segundo andar da Casa Azul estava iluminada. Era o único sinal de vida na praça da Lastra. Mas, pouco antes da uma e quarenta, apagou-se também aquele retângulo amarelo. E Glória, a senhora da Casa Azul, preparou-se para dormir.

Como narrador desta história, creio que devo deter por alguns instantes o curso dos acontecimentos. Os fatos que passo a relatar em seguida ficariam incompletos ou menores, se eu não pusesse o leitor a par dos antecedentes da inquilina dessa Casa Azul.

A súbita aparição de Glória e sua família — quase seis anos atrás — em Sotillo dei Rincón, também foi um tanto misteriosa, ao menos para aquela gente boa e simples do lugar.

Em 1979, essa família — velhos e íntimos amigos de Sinuhe — decidiu-se a abandonar o solar de seus ancestrais. A imensa maioria dos conhecidos não soube nunca o porquê daquela inesperada ruptura. Da noite para o dia, tudo o que até então tinha sido habitual para aquelas pessoas — luxo, relações sociais e o tumulto da cidade grande —

desapareceu. Apenas uns poucos amigos eleitos, entre os quais estava Sinuhe, conheciam parte da verdade. Alguns anos antes da drástica decisão, Glória, primeiro, e o resto da família, depois, souberam da existência de certos seres, intuídos desde sempre no mais profundo de seus corações.

Esses seres, que Glória chamava de "irmãos maiores", foram os principais responsáveis pelo êxodo da família para uma aldeia da qual jamais tinham ouvido falar. E um belo dia, como digo, sutilmente conduzidos por esses "guias do Espaço", descobriram primeiro o rio Razón e, em seguida, Sotillo e a Casa Azul. E ali permaneceram, submersos em incansável e intensa busca interior, à espera de uma "missão" que iria ter começo exatamente naquela madrugada de 1.º a 2 de abril de 1984. . . "Missão" que Glória ignorava e para a qual, a nível inconsciente, fora treinada desde 1974. Mas não antecipemos acontecimentos. . .

De repente, o gemido do vento e o plangente uivo dos cães emudeceram. E o som de bronze do sino, prisioneiro da torre metálica da Câmara Municipal de Sotillo dei Rincón, propagou-se nítido e claro na turbulência da noite.

Glória, ainda acordada, ouviu assombrada aquelas badaladas rítmicas. Consultou seu relógio: lh40.

"Graças a Deus" — pensou —. "Até que enfim consertaram

o relógio.. ."

Todos os habitantes de Sotillo sentiam e sentem especial carinho por aquele velho relógio de pesos, doado ao lugarejo em 1907 por dom Gregório Revuelto, ilustre filho do local. Todos, sem exceção, aprenderam a compartilhar a vigília e o sono com aquele companheiro redondo. Suas badaladas, marcando as horas e as meias horas, eram acompanhadas por todos, inclusive durante a noite. Muitos habitantes, obedecendo a costume ancestral, chegam a contar — em meio ao sono — os sucessivos toques e voltam a descansar. Por isso, nas poucas vezes em que o relógio da Câmara sofreu pane, as pessoas dali chegavam a sentir mal-estar. Na verdade, faltava qualquer coisa em suas vidas. . .

Pois bem, nesses dias de que nos ocupamos, a fatalidade — ou teria sido a casualidade? — fez com que o relógio tornasse a parar. Fazia várias semanas que tanto Glória quanto o resto da comunidade insistiam, vez por outra, para que o prefeito fizesse com que Antonino, o fiel guardião do relógio, subisse à torre e pusesse em marcha a vetusta mas sólida maquinaria.

A reação primeira da senhora da Casa Azul, ao ouvir as solenes badaladas, foi, portanto, de surpresa e alegria. "Está claro que Antonino deu corda no relógio. . ."

Essa meditação lógica, porém, suspendeu-se quando, alguns segundos depois, o poderoso martelo de ferro situado sobre a face exterior do sino continuou a fustigar o bronze, ultrapassando o número de doze badaladas.

Guiada por inexplicável impulso, Glória contava as batidas. E ao chegar ao número 27, consciente de que alguma coisa estranha estava acontecendo, tentou despertar José Ignacio, seu marido. Ele porém, profundamente adormecido, mal se deu conta do que se passava do outro lado da praça.

"Trinta. . . Trinta e uma. . . Trinta e duas. . . Trinta e três. . ."

Ao chegar à badalada número 33, fez-se uma breve pausa.

E o silêncio voltou a descer sobre Sotillo. Entretanto, a que obedeceriam aquelas inexplicáveis badaladas?

Glória não fora a única pessoa a quem a súbita volta das batidas alertara. Apesar da cera que lhe tapava os ouvidos, o prefeito também havia escutado as badaladas. Ele, José Maria, fora arrancado bruscamente do sono pelo insistente e escandaloso golpear do martelo no sino.

Ele, sim, sabia que o relógio ainda não fora consertado. E após ouvir os primeiros toques um pensamento lhe veio à mente: "Valha-me Deus! Algum engraçadinho entrou na Câmara..."

Sem pensar duas vezes, saltou da cama, disposto a remediar o contratempo. Mas, ao abrir a porta de casa, verificou assombrado que a chave de acesso à Câmara continuava pendurada, como de costume, na parede de sua casa.

Naquele momento, agravando a confusão de José Maria, o relógio reencetou suas badaladas. Escorregou-lhe pelas costas um calafrio...

"Não é possível!", pensou, enquanto, sem saber por quê, iniciava a contagem desse segundo turno de badaladas.

Sigilosamente, em meio à escuridão, transpôs os poucos cinqüenta passos que separavam sua casa da fachada da Câmara.

Como suspeitava, a porta do edificio achava-se muito bem fechada. Ergueu o olhar até o alto da negra e delgada torre de ferro que encima a Câmara, desvelando com terror crescente o movimento ritmado do martelo, a açoitar de quando em vez o imóvel sino de oitenta quilos.

"Deus do céu!" — murmurou. — "Como é possível?"

Percorreu com a vista as janelas e os pequenos olhos-de-boi do edificio, mas as trevas no interior do casarão eram tão densas como no exterior.

"... Trinta... Trinta e uma... Trinta e duas... Trinta e três..."

Ao alcançar a badalada número 33 o martelo não se tornou a levantar. E o silêncio foi devorando o eco daquele último e misterioso toque.

O relógio de Sotillo dei Rincón, apesar de parado havia semanas, fizera soar seu sino 66 vezes.

Na manhã seguinte, a confusão do prefeito, longe de dissipar-se, foi crescendo. Chegando ao trabalho, fez minucioso exame visual na fachada da Câmara. Os ponteiros do relógio, imóveis, marcando a mesma hora que marcavam há semanas atrás: quatro vinte José Maria encolheu os ombros. Entretanto, por mais que tentasse, não conseguia tirar da cabeça aquele acontecimento estranho. Como era possível que o velho relógio — praticamente morto e com os pesos no chão, a doze metros da maquinaria — tivesse podido ativar o sino?

Mas seu desconcerto foi aumentando quando interrogou, com curiosidade incontida, seus conterrâneos.

Nem um — nem sequer suas duas irmãs, que dormem na mesma casa — ouvira as misteriosas badaladas. . .

Tal fato, sinceramente, parecia-lhe mais prodigioso ainda que o longo e inexplicável toque. Todo mundo em Sotillo,

como já se comentou, tinha como ponto de honra dormir e contar ao mesmo tempo as sucessivas badaladas do velho vigia. Ainda mais se os retinidos tivessem alcançado a soma de 66.. .

E é mais provável que o alcaide tivesse contemporizado ou esquecido o incidente, não fora a oportuna intervenção da senhora da Casa Azul.

Naquela mesma tarde de 2 de abril, Glória — tão confusa quanto José Maria — interpelou-o a respeito das misteriosas badaladas.

— No começo — disse-lhe —, pensei que você tivesse conseguido acionar o relógio. Mas esta manhã, ao vê-lo parado. ..

Ele respirou, aliviado. Pelo menos havia em Sotillo outra testemunha do desconcertante acontecimento.

A partir dali, agudo pressentimento enraizou-se no espírito da senhora da Casa Azul. Se era fisicamente inviável que a maquinaria do relógio se tivesse posto em movimento, quem teria levantado o pesado martelo e golpeado — 66 vezes! — o sino? E, principalmente, por quê? Que "mensagem" se ocultaria debaixo daquele sinal e por que teria sido ouvida unicamente por dois dos duzentos habitantes de Sotillo?

Glória nem de longe imaginava, então, que algumas das respostas a tais incógnitas não tardariam a chegar, e pelas mãos de um velho amigo: Sinuhe.

Dias mais tarde, a senhora da Casa Azul — por motivos aparentemente alheios e absolutamente divorciados desta história viu-se na contingência de viajar para a sua antiga cidade. E como costumava fazer, também dessa vez procurou reunir um reduzido grupo de amigos que compartilhavam de suas inquietações.

Sinuhe, há anos espiritualmente ligado à família, acudiu feliz ao chamado de Glória. Durante uma daquelas longas conversações que manteve com a senhora da Casa Azul foi que o investigador veio a saber do mistério das badaladas.

Nenhum dos circunstantes, com exceção de Glória, percebeu o súbito nervosismo de Sinuhe. Tampouco o insólito interesse do jornalista por aquele "curioso fenômeno" e sua imediata torrente de perguntas chegou a alarmar os presentes. Aquela curiosidade, típica no investigador de temas ocultos, parecia normal aos que o conheciam. Apenas Glória, com sua finíssima intuição, detectou no amigo algo além de uma simples curiosidade. . . Concluído porém o primeiro e exaustivo interrogatório, Sinuhe desviou o assunto para outros rumos, adotando sua já clássica fleuma.

Poucas horas depois, a família regressava a Sotillo dei Rincón, praticamente alheia à autêntica motivação da viagem.

Sinuhe, por sua vez, procurando conter a excitação crescente, entregou-se à tarefa de ordenar os primeiros informes sobre o caso das badaladas. Entretanto, naquele momento, seu habitual racionalismo e sistema analítico de trabalho viu-se perturbado, desde o primeiro momento, por uma das quatro frases que memorizara na presença do Kheri Heb:

"AS BADALADAS — 66 — GUIARÃO SINUHE — 6."

Suas primeiras avaliações e as correspondentes conversações em números — sempre segundo a chave de Cagliostro — dos dados proporcionados pela senhora da Casa Azul mostraram-se inquietantes.

A soma da data em que o fato tivera lugar (2/4/1 984), da hora em que as badaladas soaram (lh40), das próprias badaladas (66) e da hora em que o relógio da Câmara estava marcando (4h20) projetava um número curioso naquele aparente galimatias: seis.

Por outro lado, guiado por firme mas sutil "mão invisível", Sinuhe somou igualmente as letras que compõem os nomes das duas únicas testemunhas do acontecimento: GLÓRIA e

JOSE MARIA. Atônito, comprovou que o resultado também era seis!

Sentiu-se tentado a comunicar-se com o Grão-Mestre e adiantar-lhe tudo o que averiguara. Mas o instinto acabou por dominar aquele primeiro impulso. Tivesse-o feito e talvez seu Kheri Heb houvesse contribuído com um novo e suspeito dado que Sinuhe,

logicamente, não conhecia ainda: aquelas 66 badaladas haviam soado exatamente 66 dias depois de recebida em Arcibo a "mensagem" de "Ra" . . .

Talvez tenha sido melhor. Ou talvez não. . . A verdade é que Sinuhe, entregue já de corpo e alma ao enigma das sessenta e seis badaladas de Sotillo dei Rincón, não soube explicar por que deixara que se passassem dois meses após a histórica madrugada de 1 ° a 2 de abril de 1984, sem que se apresentasse no lugarzinho soriano. De um lado, a própria força da investigação o impelia, desde o começo, a viajar para Sotillo e verificar por si mesmo toda uma série de fios soltos. Por outro lado, aquela "presença" intangível, que sempre parecera acompanhar e proteger o investigador, freava ou torcia todas e cada uma das tentativas que Sinuhe fazia para estar no lugar dos acontecimentos.

E o investigador — velho conhecedor do poder de

"causalidade" — deixou-se guiar pela "presença" da sentinela antiga. . .

Até que, na noite de 4 de junho, súbita chamada telefônica precipitou os acontecimentos. Ulla, amiga de Glória e de Sinuhe, informava-o sobre a morte inesperada de José Ignacio, marido da senhora da Casa Azul.

Naqueles momentos de tristeza e desolação, o investigador, lógico, não atinou que o falecimento e posterior enterro de José Ignacio tivesse estreita relação com a terceira frase da "mensagem" que ele decorara:

"A FILHA DA RAÇA AZUL ABRIRÁ TERRA EM 66 DIAS.
.."

' Foi pouco depois de 6 de junho, data da inumação dos restos mortais do querido companheiro de Glória, que Sinuhe, quase por acaso — ou não teria sido por casualidade — detectou este novo indício: desde a madrugada do dia 1.º a 2 de abril, em que se registraram os toques do sino, até o enterro, 66 dias se haviam passado.

Agora, a suspeita de Sinuhe já se cristalizara numa certeza quase total: as 66 badaladas o haviam guiado até a "filha da raça azul". Que outra conclusão tirar?

Duas semanas mais tarde — a 29 de junho — o investigador

entrava, enfim, em Sotillo dei Rincón. É

evidente que todas essas indagações — e mais as que estava na iminência de iniciar — Sinuhe as mantinha no mais restrito silêncio. Nem naquela primeira

visita a Sotillo nem nas subseqüentes, Glória soube quais as verdadeiras motivações que levavam o amigo a continuar investigando o milagre das badaladas. Assim o exigia a disciplina da Escola da Sabedoria e, sobretudo, o desdobrar dos fantásticos acontecimentos que se dariam pouco depois. . . .

Depois de minuciosos e prolongados interrogatórios feitos ao prefeito e a diversos habitantes de Sotillo, Sinuhe pôde confirmar para si mesmo a autenticidade do sucesso. Algumas badaladas que, à primeira vista, escapavam a qualquer lógica.

De acordo com o que relatou José Maria, poucos dias antes daquela misteriosa madrugada, o relógio fora acertado, funcionando regularmente. Mas, em conseqüência de umas obras que se realizavam no interior da Câmara Municipal, alguma caliça caiu na maquinaria do relógio, que tornou a parar. Para cúmulo do azar, quando quiseram abrir a porta do edificio, a chave se quebrou e um pedaço dela ficou alojado dentro da fechadura, impossibilitando o acesso à Câmara.

Pela mesma razão, Sinuhe não pôde inspecionar o interior do casarão e, o mais importante, a maquinaria do relógio. Tal contratempo de certa forma o irritou, pois não conseguia compreender, então, aquela série sucessiva de lamentáveis e mesmo estúpidas circunstâncias. Dezesete dias mais tarde, a resposta às aparentes casualidades apareceria. . .

Ante a impossibilidade física de penetrar na Câmara, Sinuhe limitou-se, nessa primeira visita, a meticulosa exploração do exterior, assim como dos arredores da Câmara.

Nessa nova paralisação, os ponteiros do relógio ficaram ancorados nas nove horas e seis minutos.

Sinuhe empurrou a porta; mas, realmente, ela estava trancada. Levantou o olhar e divisou, entre as folhas da tília frondosa que guarnece a fachada da Câmara, a torre de ferro, negra e sólida, a coroar o telhado do edifício. No centro da armação, brilhava ao Sol o misterioso sino. Sobre ele Sinuhe observou também um pesado martelo, preso por uma corda metálica à cabina onde devia repousar a maquinaria.

O pesquisador foi inspecionando, palmo a palmo, a totalidade daquela instalação rústica. O sino, com efeito, parecia soldado à estrutura de ferro.

"O vento não teria podido movê-lo. . ." — argumentou.

No alto da torre, exatamente no vértice, aparecia uma esfera, também de ferro forjado, com umas letras gravadas que Sinuhe não pôde distinguir com exatidão. Sua curiosidade animou-se mais ainda. Mas, por mais que tentasse, a grande distância que o separava da esfera e a posição das letras — no que poderíamos chamar de "pólo norte" do globo metálico — tornaram-lhe inúteis os esforços para esclarecer a nova incógnita.

Distinguiu, sim, com toda nitidez, a data — 1 907 — que adornava o cata-vento situado bem em cima do globo de ferro.

De repente, dezenas de andorinhas e gaviões alçaram vôo, fugindo qual relâmpago negro do choupal que rodeava a Câmara.

Sinuhe, alertado pela súbita fuga dos pássaros, tomou o rumo do sombrio bosquezinho.

Deteve-se na orela do arvoredado escuro. O Sol já se precipitava para o poente, iluminando não mais que algumas copas mais altas. Por uns segundos, o olhar do investigador percorreu a espessa e desordenada vegetação que crescia entre as árvores. Tudo parecia tranqüilo.

"Tranqüilo demais. ..", refletiu.

Com efeito, a nuvem de pássaros que habitualmente revoava pelo bosque desaparecera. Em seu lugar, denso silêncio. Algo estranho estava acontecendo. Por um momento, nosso homem pensou na possibilidade de que aquele desacostumado silêncio se devesse à presença, no choupal, de alguma serpente, tão freqüente naquelas paragens. A idéia eriçou-lhe os pêlos. E lentamente, adotando toda espécie de precauções, foi-se adentrando na mata espinhosa.

A cada quatro ou cinco passos, Sinuhe detinha-se, apurando os ouvidos. A única resposta, porém, era o silêncio; aquele silêncio que aturde, quebrado somente pelo estalido dos fetos e cardos esmagados sob os pés.

Ao alcançar o coração do bosque, os olhos de Sinuhe, acostumados já à penumbra, perscrutaram minuciosamente em torno. A poucos metros, divisou uma pequena clareira. E, sem saber por quê, dirigiu-se para lá.

Uma vez no centro do pequeno claro, Sinuhe deu-se conta de outra circunstância não menos estranha: a superfície da clareira estava atapetada por uma espécie de areia, quase branca e por demais delicada. O

emaranhado vegetal que cobria o pequeno bosque interrompia-se bruscamente no perímetro daquele claro.

Sinuhe, de cócoras, tomou de um punhado de areia para examiná-la. Quando a estendeu na palma da mão, os microscópicos grãos emitiram leves lampejos. Tão surpreso quanto maravilhado, deixou escorregar a misteriosa areia, que formou, na mesma hora, uma deslumbrante cascata de luz. Curiosamente, entretanto, ao voltar à superfície da clareira, aqueles grãozinhos perdiam a fascinante luminosidade, recuperando o tom acinzentado.

Durante longo tempo Sinuhe brincou com a areia misteriosa, tentando desvelar o enigma. Porém o crepúsculo, mais e mais denso, tornava impossível uma análise detalhada. Cheirou os diminutos e refulgentes corpúsculos, sem resultado. E estava a ponto de prová-los com a ponta da língua quando, de repente, um calafrio percorreu-lhe a espinha. Sinuhe teve a sensação de que alguém o observava fixamente. Soltou a areia e, cuidando de manter-se calmo, foi erguendo-se lentamente. Tornou a eriçar-se-lhe o pêlo dos braços e da nuca. Não restava dúvida: alguém — quem sabe um animal — estava nos arredores da clareira. Embora o jornalista fosse homem acostumado, em suas múltiplas correrias noturnas, a dominar o medo, esse inconfundível sentimento humano que nos adverte de perigo iminente palpitou, uma vez mais, no coração de Sinuhe.

Muito lentamente, centímetro a centímetro, o repórter foi girando sobre os calcanhares, tentando vislumbrar alguma

coisa na espessa negrura.

O silêncio se tornara insuportável. Tudo ao redor parecia morto. Fora do tempo. Por mais que perfurasse as silhuetas negras das árvores e os perfis informes da floresta, não percebeu sons nem movimentos. O

coração, entretanto, bombeando aceleradamente, continuava a adverti-lo de uma presença estranha. "Mas onde?", repetia sem saber a que agarrar-se.

Daí a poucos instantes, Sinuhe sofreu nova comoção. À sua frente e a pouco mais de meia dúzia de passos, viu uma sombra cruzar e desaparecer precipitadamente atrás de um dos altos maciços de fetos.

Empalideceu. Sua frequência cardíaca disparou e o medo já lhe secava a garganta. Na tentativa de recuperar o domínio sobre si mesmo, quis convencer-se de que, a julgar pela diminuta estatura da sombra, talvez estivesse sendo espiado por algum menino do povoado. Essa hipótese o tranqüilizou um pouco. Reunindo coragem, avançou um par de metros, saindo da clareira.

"E se for imaginação minha?", perguntou-se. Mas a idéia foi rechaçada em cheio, quando descobriu o ligeiro agitar das avermelhadas e serrilhadas folhas dos fetos-machos por onde passara a silhueta fugaz.

Sinuhe sondou o fundo do bosque, seguindo com a vista a direção que parecia levar ao hipotético menino. Mas a exploração visual foi infrutífera. A sombra desaparecera.

"Só vejo uma possibilidade" — prosseguiu raciocinando. —
"... Talvez se tenha escondido entre as árvores..."

Disposto a livrar-se das dúvidas, continuou avançando.

Com ânimo abatido, foi percorrendo o primeiro grupo de árvores, afastando lenta e cuidadosamente a mata agreste.

Ao cabo de dez minutos de busca estéril, o investigador, um pouco mais sereno, suspendeu a perseguição. Encolheu os ombros e pegou o maço de cigarros. Mas, quando estava a ponto de acender um, súbito vento gelado apagou a chama. Paralisado de surpresa, Sinuhe não moveu um só músculo. Em um décimo de segundo, seu cérebro formulou apenas uma interrogação:

"Mas que é isso? . . . Vento gelado em pleno verão?"

Mecanicamente, voltou a acender o isqueiro. A chamazinha azul oscilou levemente e, num instante, outro jorro de ar gelado acabou com seu propósito.

Desta vez consciente de que aquela misteriosa corrente não podia ser natural, nem tentou repetir a operação. O sopro, e

disso tinha certeza, vinha do alto. O medo tornou a invadi-lo. Alguma coisa ou alguém achava-se por cima de sua cabeça. E a imagem da sombra correndo veloz na espessura veio-lhe imediatamente à mente.

Apesar daquelas duas golfadas geladas, a testa de Sinuhe ficou ensopada de suor. O instinto o impelia a correr, a safar-se daquele maldito bosque. Mas a curiosidade, ainda dessa vez, foi mais forte. E engolindo saliva, ergueu o rosto. "Jesus Cristo! . . ."

A pouco mais de dois metros por cima de sua cabeça, o aterrorizado investigador descobriu uma figura monstruosa. Essa, ao menos, foi a primeira impressão.

Empoleirado em um dos ramos mais baixos da árvore mais próxima, encontrava-se um ser de pequena estatura. Em pé sobre o galho, segurava-se ao tronco com a mão direita. Ambos os braços eram extraordinariamente longos e desproporcionados. O esquerdo, quase colado ao corpo, chegava abaixo do joelho. Tinha um crânio volumoso e em forma de pêra invertida, e um rosto perceptível apenas.

Os olhos — pareciam na realidade dois pontos ou orifícios escuros, rodeados de uma espécie de circunferência córnea e saliente — fixavam-se nos de Sinuhe. Este, paralisado primeiro pela surpresa e pelo pânico, depois, não conseguiu

reagir.

A escassa luminosidade não lhe permitiu perceber muitos detalhes. Num gesto instintivo abaixou a cabeça, acreditando-se presa de alguma alucinação. Mas ao voltar outra vez os olhos para aquela "coisa", ela havia desaparecido. No cérebro de Sinuhe, porém, a imagem daquele ser continuava viva. Confuso, tentou organizar seus pensamentos. "Que é que está acontecendo?"

Inexplicavelmente o medo desaparecera, esvaziado diante da possibilidade de tudo aquilo não ter passado de uma peça de mau gosto pregada por sua mente. Senão, como explicar a desapareição do pequeno e monstruoso indivíduo?

Seu impulso seguinte foi sair do bosque. Estava a ponto de fazê-lo quando, subitamente, pelo rabo do olho, acreditou ver uma espécie de luminoso fogaRéu no centro da clareira.

Voltando-se, nosso homem outra vez ficou petrificado. "Jesus Cristo!. . . Então, não era alucinação!"

Efetivamente, Sinuhe tinha diante de si a pequena criatura. "Mas como pôde?..."

O homenzinho — ou o que quer que fosse — surgira sem se anunciar no centro geométrico da clareira. E

Sinuhe, atônito, agachou-se entre os fetos, disposto a observar até o mínimo movimento do extraordinário personagem.

A criatura, ligeiramente debruçada sobre a areia, parecia ausente e distraída. Apanhou um punhado daquele pó e, erguendo-se, esticou o longo braço direito, lançando o conteúdo da mão em direção a uma das árvores próximas. Porém, para assombro do repórter, de seus dedos não saíram os minúsculos grãos. A areia se transformara em um finíssimo fio luminoso, formado por centenas, talvez milhares, de microscópicos pontos de luz. Em fração de segundo, o resplandecente feixe branco-azulado mergulhou na casca da árvore, desaparecendo.

O ser, durante alguns segundos, contemplou o alvo em que incidiu o enxame luminoso. Nesse momento, o investigador se apercebeu de um novo e desconcertante detalhe: o corpo do homenzinho parecia transparente. Através da criatura, ele podia ver as árvores do outro lado da clareira.

Em seguida, o ser abaixou-se, recolhendo um segundo punhado de areia. E repetiu a operação, mas desta vez em outro dos delgados troncos que se levantavam à volta da aberta.

O novo fogaréu iluminou parte da clareira, como também o

rosto e o dorso da criatura. Sinuhe pensou distinguir-lhe uma sorte de escudo ou emblema circular no centro do peito. À primeira vista, pareciam três círculos concêntricos. Em virtude porém do seu crescente nervosismo, não podia assegurá-lo.

Como se se tratasse de um jogo — ou de um absurdo passatempo —, o pequeno ser foi repetindo os lançamentos, até um total de seis. Cada rajada luminosa atingiu uma árvore diferente, de forma tal que, ao concluir, seis dos troncos que formavam o perímetro do claro apareceram chamuscados ligeiramente. Sinuhe, segurando a respiração, não atentou muito para as manchas enegrecidas e fumegantes que foram surgindo nas cascas das árvores. A penumbra e a distância, além do mais, dificultavam-lhe a observação. A criatura, essa sim, parecia interessada no resultado de cada um dos impactos. E, como digo, ao efetuar as desconcertantes manobras, repetia suas observações. Para a atônita testemunha, o fascinante era o incrível personagem que tinha à frente. Na primeira dedução, precipitada, o investigador o associou com um dos tipos de humanóides ou tripulantes dos OVNI's, extensa e exaustivamente estudados por ele. Tal pensamento fê-lo vibrar de emoção. Em que pesem os muitos anos de perseguição, jamais tivera oportunidade de avistar-se com esses seres. E agora, casualmente, encontrava-se a pouco mais de cinco metros de um deles. ..

Entretanto, baseado no que acumulara de observações, "algo" havia que não se encaixava na mente de Sinuhe. As características da criatura — a total transparência, em especial — não correspondiam às descrições que paulatinamente fora reunindo sobre eles. Por outro lado, aquele rosto. .. Sinuhe não poderia jurá-lo, mas estava quase certo de que não tinha boca nem nariz.. O volumoso e a pequena estatura — talvez um metro —, isso sim, eram depoimentos "habituais" nos testemunhos de encontros com esse tipo de ocupantes dos "objetos voadores não identificados". Sinuhe, naquele momento, sequer podia suspeitar que se encontrava ante uma criatura muito mais fantástica e, inclusive, "comum" — embora possa parecer um contra-senso — que os extraterrestres que ele perseguia com tanto empenho.

Concluída a misteriosa função, a criatura girou lentamente, postando-se bem defronte ao esconderijo de Sinuhe. Melhor que ver, sentiu o olhar daqueles olhos negros como a noite a perfurar o matagal que o ocultava, cravando-se nos seus. Na mente do investigador ecoou uma voz clara e profunda, muito familiar.

"Lembre-se do meu sinal... O de Micael!..."

E o ser, mirando sempre o ponto onde se escondia Sinuhe trêmulo, cruzou as mãos sobre o peito.

Naquele instante, os três círculos concêntricos que formavam aquela espécie de escudo ou emblema adquiriram uma tonalidade celeste brilhante, que foi invadindo a clareira, até ocultar com sua luz ofuscante a figura do homenzinho.

Deslumbrado, o jornalista protegeu os olhos com o braço direito. Mas, tal como acontece quando se olha fixamente o Sol, no cérebro dele ficou a flutuar uma informe mancha negra.

O medo tornou-se mais intenso e Sinuhe, instintivamente, afastou o braço, esforçando-se para não perder de vista o desconhecido. Sua surpresa foi enorme. A criatura desaparecera pela segunda vez!

Nosso homem forçou a debilitada visão, no afã de localizá-la. Mas as árvores e o matagal pareciam desertos. Daquela torrente luminosa, emanada dos três círculos concêntricos, não restava o menor vestígio.

Tudo voltara ao normal. O prolongado e insólito silêncio terminara; o bosque recuperou sua palpação própria. Sinuhe, ainda de joelhos, explorou o alto do choupal, mas não conseguiu ver qualquer traço da aparição misteriosa. Alguns pássaros voltaram a revoar entre os ramos, enchendo o espaço com seus costumeiros trinado.

Durante minutos, Sinuhe, que afinal se levantou, permaneceu confuso e com o olhar perdido no vazio.

Em sua mente, soavam ainda aquelas palavras inexplicáveis, mescladas agora com uma avalanche de perguntas.

"...Terei sonhado? . . . Que aconteceu comigo? . . . Quem era aquele ser? .. Lembre-se do meu sinal! . . .

Mas que sinal?... O de Micael! .."

Aturdido, não soube nunca quanto tempo permaneceu imóvel na clareira. Finalmente, quando recuperou o ânimo necessário, um pensamento o impeliu para a areia:

". . . As árvores. . . Se tudo não passou de uma alucinação" — repetia enquanto dava os poucos passos que o separavam do claro — "os troncos devem continuar intactos. . ."

Ao pisar o pó misterioso, um calafrio sacudiu-lhe as entranhas. A um metro e meio do chão, seis das doze árvores que encerravam o círculo exibiam uma estranha marca.

Arrepiado, se foi aproximando de um daqueles sinais. Na acinzentada casca da árvore estavam desenhados — ou mais exatamente "gravados" — três círculos concêntricos

enegrecidos, com cerca de dez centímetros de diâmetro.

Tomando todo tipo de precaução, explorou as circunferências, verificando que, na realidade, tratava-se de várias e profundas queimaduras. Tocou com as pontas dos dedos as estreitas franjas negras, mas estavam frias como o resto da árvore.

"Como pode ser" — perguntou-se, ao passo que se dirigia a outra das marcas —, "se há poucos minutos fumegavam ainda? . . . Ou não teria sido questão de minutos?"

Consultou o relógio. Tranqüilizou-se. Não se havia passado meia hora desde que se decidiu a enveredar pelo bosquezinho.

Foi examinando um por um dos sinais. Eram todos idênticos. E todos, curiosamente, encontravam-se à mesma distância do chão e equidistantes do centro da clareira. Mas por quê? Que significavam aqueles três círculos concêntricos? E, principalmente, quem era aquela criatura? Existiria alguma relação com o fenô-

meno das 66 badaladas?

Movido por insaciável curiosidade, ajoelhou-se na delicada areia e, pegando um punhado dela, preparou-se para executar a mesma manobra do homenzinho.

Ao serem apanhados na clareira aqueles milhões de diminutos corpúsculos tornaram a cintilar na palma da mão de Sinuhe. Ele, sem conter a emoção, lançou-os em um dos troncos não marcados pela criatura.

Desiludido, comprovou que a rajada luminosa estatelava-se na casca e caía docemente. Não aconteceu nada.

Dando de ombros, pegou o lenço e nele guardou uma pequena porção daquele pó desconhecido.

Lançou pelo bosque um último olhar e, compasso acelerado, abandonou-o.

A aldeia seguia sua habitual e singela rotina. Ninguém, nem mesmo a senhora da Casa Azul, sentira nada de anormal. Sinuhe, tendo formulado discretas perguntas aos habitantes mais próximos do bosquezinho, convenceu-se de que aquele insólito encontro se dera só com ele. Tal circunstância, longe de tranquilizá-lo duplicou, se é que isso é possível, sua perplexidade. Pouco faltou para que, ao longo daquele entardecer, durante um tranqüilo passeio pelos arredores de Sotillo, Sinuhe revelasse a Glória tudo o que vira. Seu senso de disciplina, entretanto, cristalizou uma vez mais seus desejos. Antes, teria de informar seu Kheri Heb. . . E

obedecendo a plano já estabelecido, abandonou Sotillo, pretendendo ultimar as investigações programadas.

Numa tentativa para apurar as possíveis e hipotéticas — cada vez mais hipotéticas — explicações que talvez pudessem justificar as 66 badaladas, o membro da Escola da Sabedoria dirigiu-se primeiro ao Observatório Meteorológico de Soria. O próprio chefe do centro, Ricardo Garcia Acinas, afirmar-lhe-ia que, naquela madrugada de 1.º a 2 de abril de 1984, não havia sido registrado nenhum fenómeno meteorológico capaz de provocar as 66 badaladas. O vento Oeste, com uma velocidade de dez quilômetros por hora — "talvez até mais na região de Sotillo", aventou o meteorologista —, jamais poderia mover o peso do sino, fortemente soldado em sua torre, e, muito menos, levantar uma só vez que fosse o pesado martelo de ferro.

Em uma segunda investigação, o Instituto Sismológico, sediado na cidade de Toledo, ratificaria a suspeita de Sinuhe: ". . . nessa noite" — declarou-lhe o próprio diretor, Gonzalo Paz —, "nossos aparelhos não detectaram movimento sísmico algum em nosso país".

Quando Sinuhe o interrogou sobre a intensidade necessária para que possa um terremoto mover e fazer soar um sino, o diretor do instituto foi claro e contundente: "Seria necessário um abalo de grau 4 na escala de Mercali".

Aparentemente, pelo menos, as 66 badaladas não tinham explicação lógica. Sinuhe considerou então que havia

chegado a hora de uma nova entrevista com seu Kheri Heb. .

Nos primeiros dias daquele mês de julho de 1984, Sinuhe utilizou o código secreto da Escola da Sabedoria, aprazando uma segunda reunião com o Grão-Mestre em Madri. O Kheri Heb ouviu atentamente a exposição do "soror" que, em seguida, entregou ao alto funcionário israelense um frasquinho de vidro com a misteriosa areia recolhida no bosque de Sotillo. O Mestre da Loja secreta limitou-se a observar em silêncio o alvo conteúdo do recipiente. Sinuhe, sem conseguir conter a curiosidade, tentou forçar uma resposta; uma explicação que fosse, que dissipasse as brumas que lhe envolviam o cérebro:

— Mestre. . . é fato evidente e objetivo que essas inexplicáveis sessenta e seis badaladas me terão conduzido até a "filha da raça azul". E não é menos verdadeiro que a senhora da Casa Azul "abriu a terra em sessenta e seis dias". Apesar de tudo, como podemos ter a certeza de que se trata, efetivamente, da pessoa que buscamos?

O Kheri Heb sorriu e, apanhando o envelope branco enviado pelo Conselho Supremo da Irmandade, sacou os dois documentos que ele continha. Sinuhe, lembramo-nos, conhecia o texto de um deles. O Grão-Mestre, no entanto, nada lhe dissera do segundo.

— Por desejo expresso da Ordem — manifestou-se o Kheri Heb, apontando o documento secreto —, nenhum dos irmãos que participaram dessa missão recebeu uma informação que complementasse a busca e que, por razões de segurança, só se revelaria ao "Sinuhe" que verdadeiramente fosse guiado pelas sessenta e seis badaladas.

Sinuhe percebeu um brilho de alegria nos olhos do Mestre.

— "...O eleito" — continuou, enquanto ia lendo o documento — "receberá ne-ces-sa-ri-a-men-te...".

O Kheri Heb saboreou cada uma das sílabas da palavra.

— "... Receberá, ne-ces-sa-ri-a-men-te, o sinal e a bandeira de Micael, o Filho Criador do Paraíso."

E ele aguardou a reação do discípulo.

— Sinal e bandeira de Micael?... Então — retomou Sinuhe, batendo na mesa com a palma da mão —, a voz que soou em meu cérebro...

O Mestre fez que sim com a cabeça.

— Mas qual é o sinal?

O impaciente membro da Escola da Sabedoria, entretanto,

não deu tempo ao Kheri Heb. Dando um segundo tapa na mesa, respondeu a si mesmo:

— Jesus Cristo!... Os três círculos concêntricos! Agora compreendo — balbuciou, sob o olhar divertido do israelense —. Aquela criatura.. . sim.. . aquela criatura me comunicou qualquer coisa: "Lembre-se do meu sinal.. O de Micael!..."

Sinuhe, sem dissimular a contrariedade pelo fato de não haver captado logo o significado oculto daquela mensagem, baixou os olhos, envergonhado. Ele sabia, como membro da Ordem, quem era e o que representava Micael. E sabia também qual era o sinal e a bandeira do Filho Criador do Paraíso: três círculos azuis e concêntricos sobre fundo branco.

O Kheri Heb não permitiu que se abatesse.

— Caro Sinuhe, você não poderia saber que a criatura era o que a Escola da Sabedoria chama um

"mediano"... Mas permita-me que eu prossiga segundo o plano estabelecido pelo Conselho Supremo da Irmandade.

E o Mestre concentrou a atenção no documento secreto. Ao concluir a leitura, acomodou-se no escuro e reluzente encosto da cadeira de couro e, adotando um tom displicente,

encetou um relatório que Sinuhe jamais esqueceria.

— Há já alguns anos, estimado Sinuhe, os astrônomos detectaram um astro desconhecido que se avizinhava do nosso sistema solar. A notícia foi divulgada logo, mas poucas pessoas (com exceção de alguns observatórios e dos nossos Kheri Hebs) prestaram-lhe atenção. Hoje, precisamente desde 27 de janeiro passado, sabemos que esse corpo celeste (batizado pelos astrônomos com o nome de "Ra-6 666") não é um astro como os demais...

Sinuhe, suspenso com a narração, não chegava a entender, mas conteve-se.

— ... Pois bem; na madrugada daquele 27 de janeiro, seguindo instruções do Conselho Supremo, dois radioastrônomos de Arecibo, membros como nós da Escola da Sabedoria, enviaram uma mensagem secreta a "Ra-6 666". A resposta (tal como reza um de nossos papiros mais antigos e sagrados) não se fez esperar.

"Ra" transmitiu ao radiotelescópio uma chave que você conhece e que felizmente já se resolveu.

O Mestre percebeu nos olhos do "soror" uma enxurrada de perguntas e pediu-lhe calma com as mãos; prosseguiu:

— Um momento, Sinuhe. É melhor que ouça primeiro tudo

o que tenho para dizer-lhe. Essa mensagem, como lhe dizia, que você conhece, consta de quatro frases. A segunda e a terceira ("AS BADALADAS — 66 — GUIARÃO SINUHE — 6" e "A FILHA DA RAÇA AZUL ABRIRÁ TERRA EM 66 DIAS — 6") foram pontualmente cumpridas. Quanto à primeira e à última frases ("Ra-6 666" ABRIRÁ O NOVO TEMPO — 6" e "O JULGAMENTO DE LÚCIFER — 666 —

CHEGOU — 6"), é o que o Conselho Supremo da Escola da Sabedoria me autoriza a revelar-lhe.

O Kheri Heb mudou o tom de voz e, de forma incisiva, declarou:

— Devo esclarecer-lhe que, se uma vez conhecida esta segunda missão que a Ordem deseja pôr-lhe nas mãos, sua resposta for negativa, você deverá esquecer tudo o que sabe...

O investigador, sem hesitar, assentiu com a mesma firmeza com que seu Mestre se desincumbira de tal esclarecimento.

— Está bem. Continuemos. . . Como lhe vinha dizendo, de acordo com a interpretação do Grão-Conselho, a presença desse astro "intruso" representa (segundo se depreende do sentido da primeira frase da mensagem) que a Humanidade deste planeta em que vivemos está na iminência de abrir ou iniciar um "novo tempo". Um tempo (preste muita atenção,

Sinuhe) que tem muito que ver com "Ra" e, sobretudo, com o julgamento a que está para ser submetido nosso antigo Soberano Sistemico: Lúcifer. Você aprendeu, através dos ensinamentos do nosso Templo, qual é a organização "administrativa" dos sete superuniversos. A Irmandade mostrou-lhe o maravilhoso plano divino do Pai Celestial e de seus filhos "descendentes" e

"ascendentes" no inevitável caminho da Perfeição. Mas os conhecimentos da Escola da Sabedoria são ainda muito limitados. Há milhares de perguntas que nos fazemos sempre e que você mesmo ventilou em reuniões com os demais "sorores". Agora, finalmente, temos aqui a oportunidade única de saciar um pouco dessa sede de conhecimento.. .

O Kheri Heb, com entusiasmo crescente, desandou a formular ma série de interrogações que eletrizaram também o perplexo membro da Ordem secreta:

Pela graça dos Anciãos dos Dias, caro Sinuhe, é-nos possibilitado conhecer quem é verdadeiramente Lúcifer. .. Por que se rebelou? Quais foram as causas e razões da sua rebelião? Até que ponto foi grave a sua desobediência? A quem arrastou consigo? E, acima de tudo, quais as repercussões dessa rebelião para o nosso mundo? Que há de real ou de simbologia no pouco que a Bíblia conta?... : Transbordando, Sinuhe interrompeu o Kheri Heb com uma

só e lógica pergunta:

— Mestre, mas quem terá o poder de desvelar esses mistérios?

A pergunta objetiva de Sinuhe contribuiu, não pouco, para estabilizar o crescente entusiasmo do Mestre.

Este, inspirando profundamente, compreendeu que não devia precipitar-se. E, para grande alívio do discípulo, entrosou-se com as perguntas concretas que ele havia começado a propor-lhe.

— Estas e outras muitas questões, irmão querido, podem ser desvendadas pela filha da raça azul e por você mesmo, Sinuhe. . . se você aceitar a missão que "Ra" transmitiu à Escola da Sabedoria.

— Um momento. . . — interrompeu-o nervoso Sinuhe —, que ou quem é "Ra"?

— Como eu começava a expor-lhe, para os observatórios astronômicos trata-se apenas de um astro periódico, com uma órbita cíclica de 6 666 anos e que em 27 de janeiro passado cruzou a órbita de Plutão, em uma aflitiva viagem em direção ao nosso planeta ou, talvez, até o Sol. . .

Sinuhe empalideceu.

— ... Para nós, entretanto — prosseguiu o Kheri Heb em tom tranqüilizador —, "Ra" é muito mais.

Sabemos que não é um corpo sideral como outro qualquer. Seres altamente evoluídos e responsáveis pela administração do nosso universo local de Nebadon dirigem e controlam "Ra": uma das magníficas esferas artificiais que habitualmente rodeiam Jerusem, a capital (como você sabe) do nosso sistema. E tal como consta de nossos papiros sagrados (os da "Quinta Revelação"), "Ra" desloca-se pelo nosso sistema satânico a cada 6 666 anos terrestres, com diversificadas missões. A nós, neste momento, tocou-nos por sorte sermos testemunhas (e protagonistas, se você aceitar a missão) de uma nova "ronda" da roda de "Ra".

Sinuhe, como discípulo da Ordem, estudara os papiros sagrados denominados de "Quinta Revelação" —

aos quais me reportarei logo —, mas, apesar disso, continuava confuso.

— E, que relação existe entre a primeira frase da mensagem

(" 'RA-6 666' ABRIRÁ O NOVO TEMPO") e a última ("O JULGAMENTO DE LÚCIFER — 666 —

CHEGOU")?

— Como você sabe, pelos seus estudos, o tempo é um conceito psicológico, cujo valor se altera de acordo com o lugar de onde se meça. Para nós (mortais), um ano no planeta Terra equivale a 365 dias e um quarto. Mas esse conceito do tempo não é igual para os seres que habitam nosso universo local ou qualquer dos sete superuniversos e, é claro, para as altas hierarquias do Universo Central de Havona, sede da Ilha Eterna do Paraíso. Pedro disse-o com extrema objetividade em sua segunda carta (3.8):

"Amadíssimos, que não se oculte, entretanto, este fato: um dia é, perante Deus, como mil anos e mil anos como um dia". Com isso quero dizer-lhe que (segundo a interpretação do Conselho Supremo da Ordem) o iminente julgamento de Lúcifer abrirá uma nova era para o nosso mundo e para todos aqueles que foram arrastados na rebelião.

Embora para esta humanidade "ascendente" e evolucionista possam ter-se passado centenas de milhares de anos desde aquela desgraça, para os altíssimos seres que regem os superuniversos, esse tempo é realmente insignificante. E o fato objetivo e fascinante é que (por razões que nos escapam) a Divindade está a ponto de julgar o grande rebelde. Isso pode significar o final da "quarentena" que vem sofrendo a Terra desde o momento em que o então príncipe planetário (Caligastia) decidiu unir-se à insurreição de Lúcifer. Uma

"quarentena" que, você também não ignora, significou insulamento, dor e atraso para este mundo infelizado.. .

— Mestre — lamentou-se Sinuhe —, continuo sem entender o que tem que ver tudo isso com a filha da raça azul e também comigo.

O Kheri Heb voltou a socorrer-se do segundo documento:

— Nesta informação secreta, complementar da que você já conhece, o Conselho Supremo da Escola da Sabedoria nos informa sobre uma série de fatos que tentarei resumir para você: uma vez localizada a filha da raça azul, e a título de compensação pelos sofrimentos experimentados por este planeta em virtude da rebelião, os Anciãos dos Dias determinaram que nossa Humanidade (da mesma forma que os mundos que foram igualmente arrastados rebeldes) esteja representada no julgamento de Lúcifer. Essa representação, como é justo, só será cabível se se der através de um descendente vivo da raça mais nobre de cada um desses planetas, atualmente em "quarentena". "Ka" indicou esse representante humano (a "filha da raça azul") e como identificá-la: pelas badaladas. . .

— Assistir ao julgamento de Lúcifer?... Sinuhe, já de pé, formulou a pergunta, incrédulo.

Mas as surpresas estavam apenas começando para ele...

Com rosto grave, pediu-lhe o Mestre que se sentasse.

— Sim, você o disse. E essa delicada missão tem uma primeira fase da qual (se vocês dois aceitarem) nossa Ordem e o mundo inteiro poderão obter respostas completas, respostas para muitas indagações que se formulavam há um momento. .. Lembre-se de que a humanidade nada sabe sobre os motivos reais daquela revolta celestial e de suas conseqüências.

— Bem — solicitou novamente o investigador —, em que consiste essa primeira fase da missão e qual o papel que me toca?

— Como você mesmo pôde observar, a filha da raça azul não está consciente de sua verdadeira identidade. Centenas de milhares de anos transcorreram desde a rebelião, e a passagem do tempo apagou qualquer vestígio daqueles acontecimentos e dos seres que participaram deles direta ou indiretamente. Ela, é lógico, ignora quais foram seus remotos antepassados (os homens da raça azul) e a missão transcendental que desempenhou na Terra o primeiro casal dessa estirpe singular: Adão e Eva.

Ao ouvir esses nomes, Sinuhe Sentiu um calafrio.

— ... Pois bem, sua missão, antes que a filha da raça azul decida-se a assistir ou não ao grande julgamento, consiste

em prepará-la e, quando chegar o momento, supondo-se, repito, que você assuma a responsabilidade, acompanhá-la. .

— Eu?. .. Acompanhá-la, eu, ao julgamento de Lúcifer?

E, sem poder conter-se, foi assaltado por um ataque de riso. O Kheri Heb, consciente da tensão que ele vinha suportando, deixou que o "soror" aliviasse o ânimo.

— Sinto muito, Mestre — dominou-se afinal —. Não pude evitá-lo. . . Mas você sabe que não tenho sangue de herói. Não passo de um homem atormentado, que despreza a si próprio. Por que precisamente eu?.. . ,

— Eu poderia responder em parte essa questão; mas não o farei. . . por ora. Se você aceitar essa missão, haverá alguém muito mais importante que eu que poderá satisfazer-lhe a curiosidade. Por outro lado, tentarei esclarecer-lhe a pergunta anterior. Por que ser você o acompanhante da filha da raça azul no julgamento de Lúcifer? Em primeiro lugar (de acordo com os planos superiores), uma vez completado o treinamento da filha da raça azul, sua missão também terá terminado. . . a não ser que, livre e voluntariamente, você aceite unir-se à "eleita" para localizar os arquivos secretos de IURANCHA. Será o final dessa primeira fase da missão. Só então, quando esses arquivos tiverem sido descobertos,

começará para a filha da raça azul (e talvez para você) a segunda e última parte dessa "aventura" apaixonante: a presença no julgamento de Lúcifer.

— Os arquivos secretos de IURANCHA!

Sinuhe disse as palavras com reverência. Ele sabia que o nosso planeta é conhecido no Universo não como a "Terra", mas como IURANCHA. Estudara também que, depois do caos produzido pela rebelião, os arquivos secretos do mundo — com toda a sua História — haviam caído em poder dos rebeldes. Amparados pela rígida "quarentena" decretada sobre IURANCHA, os partidários de Lúcifer e Caligastia haviam ocultado esse imenso "tesouro" das vistas dos seus legítimos proprietários: os humanos autóctones de IURANCHA. Assim, mantendo a humanidade alheia e distante da Verdade, sua possibilidade de controle e domínio dos povos se mantinha viva, semeando a dúvida, a confusão e a ignomínia entre os cegos e desditosos povoadores do planeta.

A Escola da Sabedoria tivera conhecimento da existência desses arquivos secretos através dos papiros da

"Quinta Revelação". Mas, até aquele momento, todas as tentativas para descobri-los e resgatá-los se haviam frustrado.

Sinuhe assentiu com a cabeça. Agora, sim, começava a compreender.

"Os arquivos secretos!.. ."

Vibrando de emoção, aceitou.

- Farei tudo o que estiver em minhas mãos. Mas por onde devo começar?

O Kheri Heb, sorridente, dirigiu-se ao cofre, voltando com um grande envelope fechado. Depositou-o nas mãos do discípulo, dizendo-lhe:

— Você tem aqui informações precisas para iniciar o adestramento da filha da raça azul. Você deve estudá-las meticulosamente. Parte delas já lhe foi revelada pelo Templo. O resto, e dada a natureza da missão que você acaba de assumir, foi expressamente autorizado pelo Grão-Conselho. Não se surpreenda com o que logo vai conhecer. . . Guarde-o no fundo do coração e procure fazer bom uso disso. Você deverá transmitir esses conhecimentos à "eleita" de "Ra". Quando julgar oportuno, junte-se a ela e inicie sua preparação.

Difícilmente poderá assistir ao julgamento de Lúcifer, se antes não se tiver feito luz em seu espírito. Mas essa "luz" não se encontra só neste conhecimento que lhe estou

entregando. Assim que terminem esse primeiro treinamento, a filha da raça azul e você mesmo deverão coroar a preparação com a busca dos arquivos secretos de IURANCHA e com a Verdade que encerram.

O investigador acariciou o lacre vermelho que selava o envelope, que trazia impresso o escudo da Loja: uma serpente enroscada entre dois olhos. . . Permaneceu assim, pensativo, por longos momentos.

Finalmente, levantando o olhar para o Mestre, perguntou:

— E se a filha da raça azul não aceitar? O Kheri Heb pareceu surpreso.

— Você, que a conhece, duvida?

Uma vez mais, o Mestre ficava com a razão. Sinuhe sabia que Glória não era dessa espécie de pessoas que recuam ante as dificuldades ou os desafios. No fundo, era como ele. . .

— Mais alguma pergunta?

— Sim, claro. . . Uma vez concluído o adestramento, como saberemos?.. .

O Mestre apontou o envelope e respondeu:

— Siga as instruções. Já lhe referi que outra

"personalidade", muito mais importante que eu, abrir-lhes-á o caminho.. .

O jornalista se pôs empé e, antes de estreitar a mão do Kheri Heb, comentou quase de si para si:

— Uma "personalidade", suponho, que tem muito que ver com "Ra"...

Mas o Mestre, com um sorriso de cumplicidade, limitou-se a dizer:

— Boa sorte, Sinuhe!... E que a força e a sabedoria do Gerador o acompanhem. Esperarei, impaciente, seu feliz regresso.

3. A "QUINTA REVELAÇÃO"

A algumas horas dessa nova e secreta entrevista, Sinuhe viu-se, uma vez mais, assaltado pela dúvida. Ao examinar o conteúdo do envelope lacrado, seu entusiasmo esfumou-se quase todo. Em sua mente, fruto talvez de seu afiado senso crítico, foi-se instalando uma idéia que por pouco não o faz desmontar daquela missão aparentemente disparatada.

"Estarei ficando louco?..."

A contragosto, obrigado somente pela promessa feita

perante o Mestre, retomou uma vez ou outra as informações que devia transmitir à filha da raça azul. O Templo do Conselho Supremo da Escola da Sabedoria pusera em suas mãos parte dos chamados papiros sagrados da "Quinta Revelação". Textos remotíssimos que Sinuhe, tal como os demais membros da Loja, fora conhecendo paulatinamente. A primeira parte dessa documentação — a referente à "Organização Administrativa do Universo Central e dos Superuniversos" — era-lhe sobejamente familiar. O mesmo não acontecia com a segunda, que, sob o sugestivo e genérico título de "A Primeira Família Humana em IURANCHA", dava a conhecer insólita e fascinante versão dos primeiros seres humanos no planeta Terra. Narração "revelada", como o resto dos papiros sagrados, por uma plêiade de "autoridades celestes", tão enigmáticas e perturbadoras como o conteúdo desses papiros. A hipotética "paternidade celeste" fora motivo, em número infindável de vezes, de duros confrontos entre Sinuhe e os demais "sorores" da Loja. Para investigador, a lógica formidável dos papiros não justificava a plena aceitação deles pela Ordem e, muito menos, seu caráter de "revelados". E foi esta circunstância que, uma vez concluído o estudo desses informes sobre a História de IURANCHA, voltou a espicaçar a sua curiosidade.

Sinuhe não podia, apesar de tudo, relegar as últimas experiências vividas na aldeia da filha da raça azul.

"Seja como for" — confabulou consigo mesmo —, "talvez a resposta para essas indagações esteja precisamente nessa desvairada e absurda busca dos arquivos secretos. . ."

E, um pouco mais animado, resolveu viajar para Sotillo e transmitir à amiga o que lhe fora recomendado.

A senhora da Casa Azul e os demais conhecidos de Sinuhe já não se surpreendem com suas súbitas aparições e desaparecimentos. Por isso, a nova e inesperada visita do amigo e "irmão" não foi motivo de estranheza. Alguns minutos depois de sua chegada, Glória percebeu-lhe no olhar, no entanto, aquela luz característica e inconfundível, de quando Sinuhe trazia algo importante. Mas, a filha da raça azul, com a prudência habitual, deixou que ele próprio tomasse a iniciativa.

Naquela mesma noite, sentados no átrio da Casa Azul, debaixo de um céu resplandecente de estrelas, Sinuhe rogou-lhe que prestasse atenção.

— Querida amiga — disse ele sem saber exatamente por onde começar a exposição —, não me pergunte no momento quem me terá facilitado a informação que devo transmitir-lhe. Cumpro uma missão na qual você, precisamente, se der seu consentimento, deverá desempenhar papel de extrema importância. . .

Glória, sempre com seu sorriso acolhedor, animou-o a prosseguir.

— Claro que eu lhe ficaria muito agradecido se, durante a minha narrativa, você me pedisse esclarecimentos para as dúvidas que surjam.

E, com o espírito animado pela paz intensa que a fisionomia da amiga refletia, apontou para a rústica encadernação azul do livro pousado em seus joelhos.

— Não lhe vou ocultar minhas próprias dúvidas quanto ao que encerram estes documentos. Foram

"revelados", segundo informações que recebi, por uns seres dos quais você já ouviu falar. . . Mas começemos pelo começo. De acordo com essa "revelação", este universo que contemplamos — explicou Sinuhe, voltando o olhar para a imensa e cravejada echarpe da Via Láctea — não é mais que uma ínfima e quase ridícula fração de todo um

Universo-Mestre (também chamado Universo dos Universos) e que reúne a totalidade do espaço astronômico. Este Universo-Mestre está conformado, de um lado, pelo que esses seres qualificam de Grande Universo (habitado ou habitável) e, por outra parte, do Espaço Exterior, ainda inabitável, com suas zonas anulares de espaço "impenetrado", alternando com outras áreas de espaço

"penetrado" por múltiplos circuitos energéticos

Sinuhe levantou a vista do livro que começara a ler, para observar a filha da raça azul. Ela, com os olhos cerrados, acompanhava atenta as explicações do amigo.

— Essas zonas "penetradas" são formadas por imensos universos em formação, que os telescópios e radiotelescópios vão aos poucos descobrindo. Neste Universo-Mestre, como lhe dizia, existe o chamado Grande Universo que é, em realidade, o verdadeiro objetivo desta informação. O referido Grande Universo encontra-se, por sua vez, subdividido em departamentos administrativos. Quero acentuar-lhe este conceito:

"departamentos administrativos", para que você não caia no engano de associá-los com divisões puramente astronômicas. Pois bem, depois do parêntese, continuo: esses departamentos puramente administrativos estão organizados segundo o sistema decimal, com uma exceção septenária no vértice.

"Resumindo ao extremo, dir-lhe-ei que este Grande Universo em que vivemos é formado por um Universo Central, chamado Havona e localizado à volta da Ilha Eterna e Estacionaria do Paraíso, e um total de sete superuniversos que giram ao redor de Havona, seguindo uma trajetória

elíptica enormemente alongada e muito plana.

Sinuhe fez nova pausa. Tentando tornar sua exposição o mais acessível e lógica possível, saltou com essa intenção as páginas em que se falava dessa misteriosa Ilha Eterna e Estacionaria do Paraíso.

Se você me permite — continuou, retomando o fio da leitura —, falar-lhe-ei agora desses sete superuniversos que gravitam em torno do Universo Central de Havona. Cada um deles acha dividido, ad-minis-tra-ti-va-men-te falando, da seguinte forma:

"10 setores maiores, cada um deles com 100 setores menores. Cada setor menor, por sua vez, com um total de 100 universos locais, criados ou por criar."

"Cada universo local consta de 100 constelações (criadas ou por criar) e, por sua parte, cada constelação é integrada por 100 sistemas."

"Finalmente, cada sistema reúne cerca de 1 000 planetas, criados ou por criar."

"Se dispusermos em números (e sempre de acordo com esta revelação), cada um dos sete superuniversos conta com:

"10 setores maiores;

" 1 000 setores menores;

" 100 000 universos locais;

" 10 000 000 de constelações;

" 1000 000 000 de sistemas e, aproximadamente, um bilhão de planetas habitados ou habitáveis no futuro.

Sinuhe, consciente da extrema e deduzível dificuldade de uma primeira assimilação destas cifras enfadonhas, preferiu conservar-se silencioso por alguns segundos.

— Tente dominar a emoção — recomendou-lhe Sinuhe —, porque mal estamos começando...

"Cada uma dessas divisões administrativas acha-se regida por uma capital, sede do correspondente Quartel-General Administrativo. Esses planetas-capitais, assim como seus satélites imediatos, não são mundos naturais. Muito pelo contrário: trata-se de esferas "arquiteturais" artificiais, construídas segundo normas específicas preestabelecidas pelos chamados Mestres Arquitetos do Universo. Cada planeta-capital é dotado dos meios necessários para viver na beleza e assegurar as funções próprias de uma capital de tais características. IURANCHA, verdadeiro nome do nosso mundo, ao contrário dessas esferas artificiais e tal como outros milhões de planetas, foi arrancada da massa solar

gasosa e lentamente solidificada, com inumeráveis contribuições de meteoritos, tal como determinam as leis da Natureza.

"Pois bem, de acordo com essa revelação, nosso planeta (IURANCHA) acha-se situado no sétimo superuniverso, chamado Orvonton, cuja capital é Uversa. O núcleo central desse sétimo superuniverso é a nossa Via Láctea.

Glória, de olhos cerrados, não chegou a ver a quase imperceptível careta de incredulidade que aquela última frase provocara em Sinuhe. O investigador não pôde jamais compreender como o núcleo central de todo um superuniverso", com 100 000 universos locais e dez milhões de constelações, podia ser formado por uma simples galáxia.. . Porque é isso o que é a Via Láctea. Mas, fiel a seu compromisso, preferiu silenciar suas dúvidas.

— Segundo estes documentos — continuou —, nosso setor maior chama-se Splandon; sua capital, Umajor a Quinta. Por sua vez, nosso setor menor, chamado Ensa, tem como planeta-capital Uminor a Terceira.

"Mas, concentrêmo-nos no capítulo que mais nos interessa: os universos locais. Entre esses cem mil, que o sétimo superuniverso de Orvonton abarca, o nosso, Nebadon, tem sua capital ou quartel-general em Salvington. Esses

universos locais constituem as divisões administrativas de maior importância dentro de cada superuniverso. Nebadon, como os demais, compreende cem constelações. Nós (IURANCHA) nos encontramos na constelação de Norladiadek. Capital, Edência. . . Grave bem esse nome, Edência, porque tem muito a ver com outro assunto de vital importância: "o Jardim do Éden"...

A filha da raça azul abriu os olhos, surpresa. E murmurou o nome de Edência.

— Continuemos. Esta constelação de Norladiadek reúne cem sistemas. Não se trata de sistemas solares, como seria o nosso, mas de todo um conjunto de sóis, com seus correspondentes cortejos planetários. E

desses cem sistemas, o nosso leva o número 24. É conhecido fora da Terra como o sistema de Satânia. Seu planeta-capital é Jerusem. Satânia (sempre segundo esta "Quinta Revelação") conta atualmente com 619

mundos habitados. IURANCHA figura com o número sistêmico 606. Geralmente, não há mais que um ou dois planetas habitados em cada sistema solar...

Sinuhe tornou a observar Glória, que já começava a inquietar-se, logicamente, com a dificuldade de reter tantos nomes e cifras.

— Não se preocupe; uma vez que eu termine minha exposição, você poderá dispor destes documentos e estudá-los a fundo.

“Como lhe dizia, nosso universo local, Nebadon, está situado na fronteira exterior de Orvonton, o sétimo superuniverso. Estes sete formidáveis superuniversos evolucionários giram em sentido levogiro ao redor do Universo Central de Havona. Torna-se praticamente impossível representar as astronômicas proporções de tais superuniversos, tanto quanto do Universo Central de Havona e de sua Ilha Eterna do Paraíso.”

"Cada um dos sete superuniversos é uma criação inacabada. Surgem neles e se organizam, de forma constante, novas nebulosas. Para que você faça uma idéia das suas dimensões, nosso superuniverso (Orvonton) tem um diâmetro de uns 500 000 anos-luz, com um total, até este momento, de mais de dez trilhões de sóis. Aqui, de IURANCHA, percebemos-lhe o núcleo central na forma lenticular e achatada da Via Láctea, cujo diâmetro aproximado é de 250 000 anos-luz.”

"Na realidade, nosso planeta (como já vêm intuindo todos os homens) é parte infinitesimal nesse sublime e quase inconcebível projeto-realidade que é a Criação Divina. Nosso sistema solar é conhecido no nosso universo local

como Monmatia, e é oriundo da antiga nebulosa de Andronover. Esta será, porém, outra questão de que trataremos mais tarde. . .

"Agora, se você quiser, falaremos de um dos aspectos mais extraordinários desta fantástica cosmogonia: do Universo Central de Havona e da Ilha Eterna e Estacionaria do Paraíso. . .

— O Paraíso?

A filha da raça azul não conseguiu dissimular a emoção.

— Sim — respondeu Sinuhe em tom solene —. O Paraíso! . . . Embora profundas as minhas dúvidas sobre tudo isso, como creio você já terá percebido, devo por outro lado reconhecer que esta estranha descrição é tão bela que talvez merecesse ser correta.

"No coração desse Universo Central de Havona encontra-se a Ilha Eterna e Estacionaria do Paraíso, meta e destino de todos os seres humanos evolucionários e "ascendentes" de todos os superuniversos.

Glória foi compelida a fazer sua primeira pergunta:

— Então, a idéia do Paraíso não é uma utopia. . .

— É certo que não, segundo esta "Quinta Revelação". Não é utopia! Sua imensidão, sua glória e beleza material ultrapassam toda compreensão. A Ilha Eterna do Paraíso é o único ponto fixo do Universo dos Universos. Suas dimensões colossais, digo-lhe, desafiam qualquer imaginação. Tem a forma de um disco oval e plano, com uma face superior, o Alto Paraíso, e, outra inferior, o Baixo Paraíso. As direções definidas por seus eixos maior e menor são Norte, Sul, Este e Oeste absolutos, sobre os quais se orientam geograficamente todos os universos. O eixo maior é um sexto mais longo que o menor. No momento, só posso adiantar-lhe que o Paraíso existe independentemente do Tempo e do Espaço... É a origem de todas as energias físicas e controla a gravitação universal.

"Ao redor do Paraíso, circulando em sentido dextrogiro (como agulhas de relógio), encontram-se os chamados "três Circuitos Trinitários", cada um incluindo sete "esferas sagradas". As proporções dessa Ilha Eterna do Paraíso são tão formidáveis que, para fazermos uma idéia aproximada, essas vinte e uma "esferas sagradas" nos pareceriam minúsculos pontos."

"Esses três circuitos, com suas vinte e uma "esferas sagradas", servem de suporte para certas atividades das Três Pessoas da Trindade: o Pai Universal, o Filho Eterno e o Espírito Infinito. "E imediatamente encontramos, também

em sentido dextrogiro, em torno da Ilha Eterna e dos seus gigantescos vinte e um satélites sagrados, o Universo Central e Eterno de Havona, com mil milhões de esferas “arquiteturais” ou artificiais”. São mundos habitados, de beleza e perfeição inimagináveis. É formado por sete circuitos, todos eles dextrogiros. O interior soma mais de 35 milhões de esferas e o exterior, mais de 245 milhões.”

"Todo esse imenso Universo Central é circundado por dois circuitos inabitados, formados por número incrível de corpos de "gravidade escuros" ou esferas colossais, que não refletem a luz. Um desses circuitos acha-se no mesmo plano que os mil milhões de esferas de Havona e o outro, em plano perpendicular. O circuito interior é tubular e levogiro, seguindo uma elipse cujo eixo maior é cinco vezes o eixo menor. Tais circuitos de esferas escuras, que não absorvem nem refletem a luz, envolvem Havona tão completamente que chegam a ocultá-lo, até mesmo dos superuniversos mais próximos. Por um duplo efeito giroscópico, o conjunto desses corpos de "gravidade obscuros" garante a estabilidade do Universo Central e regula a gravitação universal. A massa de Havona, somada à do Paraíso, vai além da dos trilhões de estrelas dos sete superuniversos.”

"Essa Ilha Eterna e Estacionaria do Paraíso, o Universo Central de Havona e os sete superuniversos que os rodeiam — Sinuhe procurou sintetizar — conformam o que,

inicialmente, eu lhe definia como o Grande Universo. E este, conjuntamente com o chamado Espaço Exterior, é considerado o Universo-Mestre ou Universo dos Universos. Como você pode ver, algo que escapa à compreensão humana...”

"Esse Espaço Exterior (com seus quatro níveis elípticos ainda inabitados e que correm ao redor do Grande Universo em sentido dextrogiro e levogiro, alternadamente) constitui a mais admirável "recompensa"

(supondo-se que possamos utilizar-nos deste conceito) que jamais possa conceber ser humano evolucionário algum. ..”

— Recompensa, você diz — interrompeu a filha da raça azul —, para quem?

— De acordo com estes documentos, para aqueles humanos "ascendentes" que, ao final, alcancem o Paraíso. Creio que você entende aonde quero chegar. . . Nesses quatro níveis do Espaço Exterior, ainda inabitados, milhões de galáxias encontram-se em pleno período de formação. Nossos astrônomos já começaram a descobrir muitas delas. Principalmente no primeiro nível. Este, atinge uns 500 000 anos-luz para além das fronteiras do sétimo e último dos superuniversos e dele se encontra separado por uma zona 'de espaço "semitranquilo", zona desprovida de pó cósmico.

O fato de as galáxias daquele nível girarem em sentido inverso ao nosso ajuda a emprestar-lhes aparência de fuga.

"Esses quatro níveis do Espaço Exterior são, insisto, imensos. Sua largura e a das áreas elípticas

"semitranqüilas" que os separam atingem milhões de anos-luz. Os próximos telescópios de IURANCHA, aperfeiçoados, revelarão algum dia a maravilha de mais de 375 milhões de galáxias. Mas não é tudo. No Espaço Exterior existem uns 70 000 agregados de matéria. E um só deles é maior que qualquer dos nossos superuniversos.

Sinuhe, visivelmente esgotado por aquela arrebatada explanação, decidiu concluí-la com um pensamento que já havia germinado — e para sempre — no coração de Glória.

— E, segundo essa "Quinta Revelação", os astrônomos cósmicos de Orvonton, nosso superuniverso, já vislumbram nesses níveis do Espaço Exterior os sinais preparatórios de algumas manifestações de energia, mais extraordinárias ainda.

"Tudo isso, Glória querida, parece representar tão somente o início de uma super-revolução estelar em que nós, humanos, que "viajamos" em direção à Perfeição, ocuparemos um papel-chave. É possível que alguns mortais ressuscitados, perfeitos e dotados de um corpo espiritual e de uma vida

eterna, sejam enviados a esse Espaço Exterior. . . com maravilhosa missão. . . em longínquo futuro.

A sutil sugestão de Sinuhe de adiar por aquela noite a exposição da insólita cosmogonia universal, segundo os papiros da Escola da Sabedoria, não foi aceita pela filha da raça azul. Ao contrário: aquela informação havia excitado de tal maneira a curiosidade dela que suplicou ao amigo que prosseguisse.

E o "soror", enternecido com o interesse da companheira, resolveu aproveitar tão boa disposição para enveredar por um dos departamentos mais eletrizantes e revolucionários do texto que manejava: as inumeráveis e não menos fantásticas personalidades que governam e administram esta magnífica Criação Divina.

— Mas antes — preveniu Sinuhe —, convém que você compreenda, embora eu saiba ser ocioso este esclarecimento, que o nosso mundo (IURANCHA) é, ou melhor, era um planeta vulgar, perdido em um universo local relativamente jovem (Nebadon data somente de 400 mil milhões de anos), que atualmente, segundo reza a "Quinta Revelação", reúne já 3 841 101 planetas habitados e outros muitos milhões susceptíveis de sê-lo em futuro mais ou menos distante. Um universo local entre os 700 000 que abrigam os sete superuniversos. . . Apesar do imensurável,

IURANCHA, como cada um de todos os mundos, encontra-se meticulosamente registrado nos arquivos do Universo. Nosso planeta está designado assim: "O número 606 do sistema de Satânia, na constelação de Norladiadek, universo local de Nebadon, setor menor de Ensa, setor maior de Esplandon e superuniverso de Orvonton".

Perplexa, Glória pediu a Sinuhe que repetisse. Ao concluir, ele acentuou:

— Esta "guia" é o bastante para que qualquer mensageiro de Deus encontre o nosso mundo e, nele, quem quer que seja. ..

A filha da raça azul retornou às recentes palavras de Sinuhe:

— Por que ao referir-se a IURANCHA, ao nosso mundo, você se corrigiu, afirmando que "era" um planeta vulgar?

Sinuhe sabia que aquela matização não escaparia à perspicácia da interlocutora. E tentando ordenar as idéias, prosseguiu:

Você diz bem. Talvez tenha sido um planeta comum. .. até há 1991 anos, exatamente. Naquela data (21

de agosto do ano 7 antes de Cristo), "algo" ocorreu que faria com que IURANCHA entrasse na História, pelo menos, do

nosso universo local de Nebadon: o nascimento na Palestina do Criador e Soberano deste universo local. Ser excepcional, reconhecido durante sua encarnação humana como Jesus de Nazaré.

Sinuhe sabia da delicadeza do terreno em que estava por aventurar-se. Mas o "adestramento" da filha da raça azul exigia, acima de tudo, que se lhe mostrasse a Verdade. Uma Verdade, segundo a "Quinta Revelação", que fora sistematicamente escondida por todas as Igrejas e que hoje, em pleno século XX e depois de tanto tempo de encobrimento, só poderia ser suscitada entre seres humanos muito evoluídos.

Verdade que, entretanto, longe de minimizar ou desmerecer o plano de Deus, torna-o muito mais sublime e atraente. Este era, entre suas dúvidas, o pensamento de Sinuhe. Antes de enveredar de cheio em tão profundas e sagradas proposições, nosso, homem procurou sistematizar os complexos e prolixos documentos relativos à organização administrativa do Universo dos Universos.

— Como você já terá começado a intuir, querida Glória, esse Universo-Mestre, essa maravilha incomensurável, é meticulosamente regido e administrado por uma plêiade de seres, perfeitamente hierarquizados, que os humanos evolucionários e "ascendentes" como nós não podem ver

com os olhos físicos. Entre si, porém, são perfeitamente visíveis. E em ocasiões determinadas, quando assim o dispõem essas personalidades celestes, alguns desses seres podem tornar-se visíveis também para os mortais. Esses milhares de milhões de raças humanas que povoaram, povoam e povoarão os mundos dos sete superuniversos submetem-se a essa administração que, não lhe vou ocultar, exige certa harmonização com o plano geral de Deus, embora o livre arbítrio dos homens- e dos anjos, como veremos, seja respeitado ao máximo pela referida administração.

"E, como parece, é pelo Amor que a ordem e a unidade acham-se garantidas em todos os universos.

Todas as criaturas que amam a Deus (e quase todas aquelas que o conhecem acabam por amá-lo) trabalham num mesmo espírito, fazendo Sua vontade.

"Na cúspide dessa hierarquia encontra-se Deus, também denominado a Causa sem Causa e o Absoluto que todas as criaturas mortais vêm adorando sob centenas de nomes. Deus procura expressar sua natureza amorosa nos universos, sem impor um absolutismo pessoal. E o consegue, diz esta revelação, graças à Trindade Absoluta, composta de Três Pessoas coexistentes desde toda a Eternidade, atuando sempre com unanimidade e, no entanto, hierarquizadas. Na unidade essencial do seu conjunto,

perfeitamente coordenado, que constitui a Deidade Absoluta ou Absoluto Divino, cada uma das Três Pessoas da Trindade conserva um papel especializado. Poderíamos simplificá-lo assim: o Pai representa a Mente; o Filho, a Palavra; e o Espírito, a Ação.

"O Pai Universal ou Causa-Centro-Primeira despojou-se voluntariamente dos seus atributos (exceto da Volição ou Vontade absoluta e da Paternidade, igualmente absoluta) a favor das outras Duas Pessoas da Trindade. É o Pai, por conseguinte, quem dispõe da Vontade final e quem concede a "personalidade"... —

Sinuhe calçou este conceito — aos seres aos quais deseja outorgá-la.. .

Bem depressa a filha da raça azul formulou a pergunta que Sinuhe vinha esperando:

— Que classe de "personalidade" é essa?

— Na Criação, ao que parece, há numerosas classes de seres inteligentes "não personalizados", à espera precisamente de personalização. São também chamados seres "pré-pessoais". Adiantar-lhe-ei, por ora, apenas uma pista: para um ser humano "ascendente", a perda dessa "personalidade" equivale à morte cósmica ou segunda morte...

Ficaram ambos em silêncio.

— Agora — anunciou Sinuhe com voz trêmula —, permita-me que lhe fale de outro assunto que, talvez, lhe enevoe o coração: é da Segunda Pessoa da Trindade, conhecido também como o Filho Eterno.

A filha da raça azul aguardou impacientemente.

— Como você se deve lembrar, faz agora dez anos, em um conhecido contato que se deu em terras do Peru por parte de seres do Espaço, que você sempre chamou (muito acertadamente) "os irmãos maiores", alguém perguntou a esses "guias" sobre quem era realmente Jesus de Nazaré. Você se lembra?

Glória acenou que sim.

— E você se recorda, da resposta daqueles "guias"? — voltou a perguntar Sinuhe.

— Creio que sim. "Vocês" — dizia p contato — "não estão preparados ainda para saber quem era Jesus."

— Exato — disse o "soror" —. Naquela ocasião e ao longo de todo este tempo, você, outras muitas pessoas e eu próprio estivemos nos interrogando sobre esse ponto. .. Por que não quiseram, aqueles seres do Espaço, revelar-nos

quem era o Cristo? Pois bem; nesta "Quinta Revelação" achamos a resposta. Uma resposta que, insisto, talvez lhe cause estremecimento e que, como o resto da informação em meu poder, não pode ser demonstrada. Por isso, peço a Deus de todo o coração que não lhe magoe o espírito.. .

— Você sabe — retrucou Glória — que a Verdade nos tornará livres. Deixe portanto a cargo do meu coração julgar e filtrar o que você está expondo.. .

— Bem — disse um Sinuhe agradecido —, eis a questão: rezam estes documentos que a Segunda Pessoa da Trindade (também chamado Filho Eterno ou Causa-Centro-Segunda) é a expressão da Personalidade do Pai Universal. Consiste sua missão em revelar o Pai a todos os universos. Até aqui, como você vê, tudo parece ajustar-se ao que vêm ensinando as diferentes Igrejas, especialmente a Católica. E milhões de seres humanos identificaram e identificam ainda esse Filho Eterno com nosso Jesus de Nazaré. Foi ele próprio quem disse: "... Eu sou o Filho de Deus vivo".

Sinuhe fez pausa pela enésima vez. Apesar da amizade com a filha da raça azul, era evidente que lhe era difícil abordar aquele tema. Glória, conservando o sorriso, esperou, animando-o com outra xícara de café.

— ... Pois bem, segundo a "Quinta Revelação" essa

manifestação do Pai a todas as criaturas (missão específica, repetimos, do Filho Eterno) não é efetivada, de forma direta, pelo Filho Eterno, mas por uma série de "intermediários"...

Glória, com o café a meio caminho dos lábios, não pestanejou.

— ... E esses intermediários são conhecidos como os Filhos Criadores ou "Micaeles": soberanos criadores dos universos locais.

— Então — ponderou a filha da raça azul —, Jesus de Nazaré era...

— Sim, o Soberano Criador do nosso universo local de Nebadon. Um dos muitos Cristos ou "Micaeles", filhos do único Filho Eterno, que não deveriam ser confundidos com a Segunda Pessoa da Trindade.

— Mas Jesus falou do seu Pai Celestial... — retrucou Glória, desconcertada.

— Certo. Mas não é menos verdade que pudesse ter-se referido ao "verdadeiro" Pai: o Filho Eterno.

Jesus de Nazaré (e isso, sim, você tem que admitir comigo) não poderia fazer com que compreendessem, aquelas pessoas simples de há mil novecentos e poucos anos e

duvido que a nós, a maravilhosa profundidade desses mistérios. Teve de falar com palavras e conceitos elementares e acessíveis. Sua missão em IURANCHA foi, entre outras razões, revelar aos homens o Pai Celestial. E o fez. Que pode importar-nos (tendo em vista sua mensagem) que o Cristo-Micael fosse em realidade um dos múltiplos "netos" do Pai Universal ou Primeira Pessoa da Trindade? Na realidade, e à margem desses detalhes, Jesus era em verdade o Filho de Deus.

"Esse Cristo-Micael, criador de Nebadon, ofereceu inigualável exemplo a todas as criaturas que habitam este universo local. Em sua sétima e última efusão (precisamente a registrada em nosso planeta), esse Filho Criador adquiriu a experiência completa como Filho do Homem, assumindo a seguir, com pleno direito, o título de Filho de Deus, Soberano Supremo do universo local que havia criado e do qual era apenas sub-gerente, antes de ter sofrido, fisicamente, as mesmas experiências sofridas pelos seres mortais que Ele criara.

Você sabe que muita gente considerou Jesus de Nazaré apenas um homem. Outros, em compensação, qualificam-no única e exclusivamente como Deus. A verdade é que ele "fundiu" as duas naturezas em uma só, em sua passagem por IURANCHA. Hoje, Cristo-Micael é o Soberano Supremo e indiscutível de Nebadon. De um lado, por ter sido

confirmado nesta sétima efusão por Deus. Por outro, porque todas as criaturas de Nebadon dignas de sobreviver obedecem-lhe e servem voluntariamente, por amor a Ele e por sua maravilhosa e inspiradora forma de vencer as provas mais duras que um ser encarnado pode sofrer.. .

"Como você pode ver pelo pouco que falei de Jesus de Nazaré, aqueles "guias" do Espaço (se é que tudo isto está certo) tinham razão: "Não estamos preparados para saber quem é em verdade o Filho do Homem. .."

Inevitável torvelinho de perguntas abateu-se sobre Sinuhe. Longe de repudiar o que acabava de ouvir, Glória "sentiu" que em tudo aquilo havia "algo" maravilhosamente lógico, que centuplicava sua visão da Divindade. E resolveu não dar trégua ao informante. Ela sabia que Sinuhe estava expondo apenas um mínimo do que conhecia.

— Então, segundo essa "Quinta Revelação", quem nos criou, a nós os humanos?

— Neste universo local (Nebadon), Micael ou, se você prefere, Jesus de Nazaré.. .

— Mas — titubeou a filha da raça azul — se você diz que há 700 000 universos locais, existem também 700 000 Filhos Criadores ou "Micaeles".

— Só posso dizer-lhe que a Ordem dos Micaeles é imensa...

— Deus meu! . . . E como e quando e por que criou Nebadon?

— Antes de tentar satisfazer-lhe essa tríplice pergunta, é preciso que você conheça primeiro a organização e as atribuições de algumas das muitas "personalidades" celestes... Tenha calma. Devemos manter certa ordem na exposição. Agora, quero falar-lhe da Terceira Pessoa da Trindade: o chamado Espírito Infinito ou Ator Conjunto ou Causa-Centro-Terceira.

Glória se resignou, mais ou menos.

— O Espírito Infinito representa a passagem para a ação. É a manifestação inteligente da vontade conjunta do Pai Universal e do Filho Eterno. Atua com prodigiosa variedade de meios, operando com infinita delicadeza. Cada uma das Três Pessoas da Trindade manifesta-se por um Espírito. O Pai Universal tem a sublime faculdade de fracionar-se em "chispas" divinas (as palavras, como você vê, limitam-nos sempre) pré-

personais, que esta "Quinta Revelação" chama "Harmonizadores do Pensamento" ou "Monitores de Mistério".

Proponho-lhe um exemplo: quando uma criança toma sua primeira decisão moral (geralmente um pouco antes dos cinco anos de idade), o Pai Universal envia um destes harmonizadores para que habite em sua mente. Isso proporciona ao humano a capacidade de conhecer a Deus, a necessidade de encontrá-lo e o desejo de parecer-se com Ele. O harmonizador de pensamento atua na supra consciência, sem que os homens, em linhas gerais, dêem-se conta de sua presença. Essas "personalidades" misteriosas preparam os mortais para a vida eterna, ajudando-os a formar seu caráter e provocando, em todos nós, o sentido do pecado.

"Você não deve confundir a presença do harmonizador — esclareceu Sinuhe — com a consciência humana ordinária, que é uma reação puramente psíquica."

"Asseguro-lhe que pouquíssimas pessoas em IURANCHA chegaram a descobrir a presença do seu harmonizador de pensamento e a entabular "diálogo" com ele."

"Em qualquer universo local o Espírito de Verdade emana do Filho Criador desse mesmo universo. Atrai todas as criaturas para o Filho e traduz, debaixo de um aspecto apropriado ao universo local, o Espírito de Verdade que nasce conjuntamente das duas primeiras Pessoas da Trindade: o Pai Universal e o Filho Eterno.

Foi esse Espírito de Verdade que Jesus de Nazaré derramou sobre toda a Humanidade de IURANCHA no Pentecostes, depois de sua desapareição no Monte das Oliveiras. Consiste essencialmente em reconhecer a paternidade de Deus e, como conseqüência imediata, a fraternidade entre os homens.

"Convém não confundir o Espírito de Verdade com o Espírito Santo, que já existia antes dele. O Espírito Santo é o circuito espiritual que emana da chamada Divina Ministra do universo local, filha do Espírito Infinito. . . Essa Divina Ministra é a associada complementar e eterna do Filho Criador. . . É independente do Espaço, enquanto o Filho Criador é independente do Tempo. . .

Sinuhe observou a filha da raça azul. No mesmo instante compreendeu que a mente dela se havia perdido. Era lógico.

— Creio que por hoje — concluiu o "soror", dando por terminada a exposição — é mais do que suficiente... Amanhã passaremos por alto muito dessa "burocracia" celeste para tentar alcançar um dos capítulos diretamente vinculado a essa missão de que lhe falei: a busca da ignorada História dos primeiros tempos de IURANCHA.. .

Nem aquela nem as jornadas subseqüentes à aparição de Sinuhe na Casa Azul poderão jamais ser esquecidas pela

filha da raça azul. À margem das revelações que ia recebendo então, Glória intuía que "algo"

de extraordinário estava por suceder-lhe. O que não podia nem imaginar é que ocorresse tão abruptamente.

Mas antes de encetar a narração da incrível aventura dos dois personagens, entendo que — da mesma forma que a filha da raça azul — o leitor compreenderá melhor o que aconteceu se receber antecipada informação sobre determinados sucessos, como também sobre algumas das chamadas "personalidades celestes" que integram, segundo os papiros da "Quinta Revelação", a imensa rede dos Peregrinos Descendentes da Trindade.

Na manhã seguinte, depois de uma noite em que a inquietação mal lhe permitiu conciliar o sono, Glória se mostrou disposta a prosseguir imediatamente com aquele absorvente rio informativo. Sua sede de conhecimentos era tão viva e permanente como o era em Sinuhe. O que, indubitavelmente, facilitou o trabalho do membro da Ordem da Sabedoria.

— Como lhe adiantei ontem à noite — iniciou Sinuhe o seu discurso —, procurarei eludir a complexa

"burocracia" que administra os universos, a fim de nos concentrarmos nas hierarquias e fatos que têm diretamente

que ver com nossa missão...

"Você já terá intuído que, de acordo com esta documentação, entre as personalidades espirituais que habitam a Ilha Eterna e Estacionaria do Paraíso e as que residem ou visitam as "unidades administrativas"

menores (os planetas) existe toda uma formidável escala, perfeitamente organizada. Tal "rede" celeste forma a chamada corrente dos Peregrinos Descendentes da Trindade ou Filhos de Deus. Todos eles, desde sua criação no Tempo, foram dotados de vida eterna. Do ponto de vista potencial, são seres perfeitos, embora precisem ir adquirindo experiência para lograr então uma perfeição manifesta. Essa experiência (mandam as leis celestes) eles só a conseguem através da sua passagem pelos níveis materiais inferiores. Tome como exemplo o caso de Cristo-Micael que, em sua sétima efusão, chegou, sob a figura de Jesus de Nazaré, a assumir carne humana...

"Para que você possa compreendê-lo mais facilmente, dir-lhe-ei que toda essa incontável população celeste se move, conforme sua natureza, em níveis diversos de energia e inteligência. Poderíamos agrupar esses níveis em cinco categorias fundamentais:

"1. O nível Absoluto. É inacessível à nossa inteligência.

Corresponde à Deidade.

"2. O nível Espiritual. Nele encontra-se a maioria desses Peregrinos Descendentes da Trindade.

"3. O nível Moroncial ou da alma. Esta palavra não tem equivalente na terminologia humana. A

"morôncia" designa uma vasta rede de realidades e energias intermédias entre os níveis espiritual e material.

É matéria sutil que escapa a nossos sentidos físicos. É a substância da alma (nem espiritual nem material), da mesma forma que uma criança não é nem seu pai nem sua mãe, ou que a água não é nem oxigênio nem hidrogênio, mas ambos.

Poderíamos definir a substância "moroncial" da alma como o resultado da fusão entre o espírito do harmonizador de pensamento' e o pensamento físico do ser humano, por eles habitado: Como talvez tenhamos oportunidade de estudar depois, se a alma for julgada digna de sobreviver à morte física, a personalidade humana, após a morte, será ressuscitada por meio de uma estranha técnica nos chamados

"mundos moronciais".

"Em determinadas circunstâncias, os seres e formas

"moronciais" podem tornar-se visíveis para os humanos. Foi o caso, segundo a "Quinta Revelação", das dezenove aparições de Jesus aos discípulos, depois da ressurreição.

"Sucedem a esses níveis o Mental e o Físico ou Material, que é o último na escala. A energia Física se divide, por sua vez, em três categorias:

"a. A Força Cósmica ou energias procedentes do Absoluto Incondicionado e que não equivale à gravidade do Paraíso.

"b. A Energia Emergente, que, essa sim, equivale à gravidade circular da Ilha Eterna, embora nada tenha a ver com a gravidade lineal ou local. Corresponde ao nível pré eletrônico da energia-matéria.

"c. O Poder Universal ou Força do Universo, que corresponde à gravidade do Paraíso e à gravidade lineal ou local. equivale ao nível eletrônico da energia-matéria e é manejada nos universos pelos chamados

"Diretores de Poder Universal", entre outras personalidades. A transição entre a Energia imaterial e a material manifesta-se pela aparição de "ultimatones", que são uma espécie de grânulos de energia extremamente pequenos, girando a inconcebível velocidade. É de tal ordem essa velocidade, que os

"ultimatones" são dotados de poder de antigravitação. Um elétron, por exemplo, é formado por cem

"ultimatones".

"Mas continuemos com a organização administrativa do Grande Universo.

"É o Espírito Infinito, de que já lhe falei, quem cria os sete Espíritos Mestres. Cada qual garante a supervisão central de um dos sete superuniversos. Esses sete Espíritos Mestres representam os sete aspectos possíveis da atividade das Três Pessoas da Trindade, atuando conjunta ou separadamente. Residem na periferia do Paraíso, de onde exercem influência sobre os superuniversos, por intermédio dos sete Administradores Supremos. Estes têm a respectiva sede, em cada uma das sete esferas do Espírito, que gravitam ao redor da Ilha Eterna. Designa-se cada uma das esferas com o nome do superuniverso correspondente.

"A política administrativa da Trindade do Paraíso é executada pela "Hierarquia dos Dias", que compreende sete classes de personalidades supremas, criadas pela Trindade:

"1. Os Secretos de Supremacia Trindatizados;

"2. Os Eternos dos Dias;

"3. Os Anciãos dos Dias ou Chefes dos Superuniversos;

"4. Os Perfeição dos Dias;

"5. Os Recentes dos Dias;

"6. Os União dos Dias e Conselheiros dos universos locais;

"7. Os Fiéis dos Dias.

"Os primeiros (os Secretos de Supremacia) somam um total de setenta e operam em grupos de dez, em cada um dos sete planetas do circuito interior do Pai, próximo ao Paraíso. Em cada grupo de dez, sete dirigem os departamentos maiores e três representam a Deidade Trina junto aos outros. Nessa combinação estará talvez a origem do sistema decimal, freqüentemente misturado nos universos com o sistema setenário.

"No cume da "Hierarquia dos Dias" estão os "Eternos dos Dias", os "Espíritos Mestres do Universo Central". O escalão seguinte reúne os "Anciãos dos Dias", Três desses "Anciãos" residem na esfera capital de cada superuniverso. São seus regedores e estão rodeados por uma multidão de seres celestes, tais como

"Conselheiros Divinos", "Sensores Universais", "Prefeitos de Sabedoria", "Mensageiros Poderosos" etc.

"A "rede", como você vê, é complicadíssima, pelo menos para as mentes dos seres mortais, como nós.

Mas, enveredemos em que nos importa: os universos locais. Sei que, da mesma forma que ocorreu a mim, a descoberta de Jesus de Nazaré como Soberano e Criador do universo local de Nebadon, afetou você.

"Suponho que se perguntará como funciona cada um desses universos locais. . .

— Sim, fale-me de Nebadon — entusiasmou-se a filha da raça azul.

— Cada um desses universos locais é regido, repito, por um soberano: um Filho Criador da Ordem dos Micaeles, sempre acompanhado de uma Filha Criadora da Ordem dos Espíritos-Mãe.

Sinuhe interrompeu a leitura e, com sorriso malicioso, comentou:

— Se tudo isso está certo, Glória, aí por fora, ao contrário do que se passa na Igreja Católica, o papel da mulher, aí sim, é reconhecido e considerado. . .

— Não caçoe e vamos. . .

— Cada Filho Criador é abençoado em sua missão por um "União dos Dias", que o ajuda como consultor. Habita em sua capital e garante certas relações superuniversais. Em Salvington, capital de Nebadon, b "União dos Dias" tem o nome de. . . Emmanuel.

Ao ouvir pronunciar tal nome, a filha da raça azul estremeceu.

— Aquele cujo nome significa "Deus está conosco"?

— Sim. Emmanuel é citado por Jesus de Nazaré como seu irmão maior. Mas essas palavras não foram bem interpretadas, logicamente. Emmanuel, segundo a "Quinta Revelação", assumiu a soberania de Nebadon durante a encarnação de Micael em IURANCHA.

"Cada Micael soberano, como nosso Jesus, é ajudado em seu universo local por legiões de seres celestiais; entre eles, por exemplo, posso citar-lhe Gabriel, também conhecido como a "Radiante Estrela da Manhã", chefe executivo de Nebadon e que também, como você sabe, foi encarregado da Anunciação às mães de João Batista e de Jesus de Nazaré, respectivamente.

Emocionada, a filha da raça azul repetiu o formoso qualificativo de Gabriel..

— A Radiante Estrela da Manhã!

— Dentro dessa imensa e divina multiplicidade — acentuou Sinuhe —, citar-lhe-ei, também, entre outros, os chamados Melchizedeks, admiráveis instrutores e administradores; os Portadores de Vida, que transportam a vida aos planetas e a modelam, criando novas formas e novos ambientes de desenvolvimento; os Espíritos Mentais Auxiliares, que dotam os seres com qualidades mentais e afetivas; os Mensageiros Solitários, que levam suas mensagens a uma velocidade superior a cinco milhões de vezes à da luz; os Serafins ou anjos guardiães, que também asseguram a desmaterialização e o transporte interestelar dos mortais; as Brilhantes Estrelas da Tarde, os Arcanjos e um longo etcétera que tornaria interminável esta relação...

"Continuando esta primeira ordem na escala "descendente" do Paraíso, chegamos às constelações, regidas por três Filhos da Ordem dos Vorondadeks, assistidos, por sua vez, por um observador da Ordem dos Dias, um Fiel dos Dias. Os Filhos Vorondadeks trazem, ainda, o cognome de "Mui Altos" ou "Pais da Constelação". Diz esta documentação que freqüentemente os autores da Bíblia confundem os "Mui Altos"

com Deus...

"Eis que chegamos à menor unidade administrativa, antes dos planetas propriamente ditos: os sistemas, de que já lhe falei. Cada sistema, com um milhar de mundos habitados ou por habitar, encontra-se sob o controle de um soberano sistêmico, um Filho da Ordem dos Lanonandeks. Preste bem atenção neste nome (Lanonandeks) porque tem muito que ver com a nossa missão e, em definitivo, com uma personagem de que você ouviu falar: Lucifer.

Glória mal prestou atenção às últimas explicações do amigo. Em sua mente outras palavras ficaram gravadas: os Mensageiros Solitários. E interrompeu Sinuhe:

— Você diz que podem viajar a cinco milhões de vezes a velocidade da luz?

Sinuhe contemporizou a exposição sobre Lúcifer e sua revolta e, voltando atrás na documentação, leu alguns parágrafos relacionados com o ponto que estava interessando a filha da raça azul.

— É isso aí. Dizem que esses Mensageiros Solitários podem viajar à média de uns 5 400 milhões de quilômetros por hora...

Sinuhe, ele próprio, compartilhava o mesmo sentimento de incredulidade que se esboçava na fisionomia de Glória. Mas continuou:

— O Espaço e o Tempo (aqui está na "Quinta Revelação") são características essenciais do universo material. O Espaço se concebe por síntese e o Tempo, por análise. O Espaço se mede pelo Tempo e não o Tempo pelo Espaço. As criaturas materiais (nós) dependem do Espaço e do Tempo; passou-se isso com Jesus de Nazaré, enquanto ele esteve encarnado. Mas, enquanto Filho de Deus, era e é independente do Tempo, embora subordinado ao Espaço. Quero dizer, por exemplo, que não pode estar presente em dois lugares ao mesmo tempo, mas pode deslocar-se instantaneamente de um lugar para outro.

— Fantástico! — exclamou Glória.

— Caso inverso se dá, por exemplo, com o Espírito-Mãe do universo local: é independente do Espaço; isto é, dotado de onipresença, mas está submetido ao Tempo. Em outras palavras: não pode modificar por si mesmo a duração de um fenômeno, nem pode viver simultaneamente em duas épocas. Deus, ao contrário, é independente por sua vez do Espaço e do Tempo. Pois bem, entre Ele e os homens, temos essa imensa escala de seres capazes de deslocar-se; inclusive, a velocidades superiores à da luz. Isso os torna mais ou menos independentes, do Tempo e do Espaço.

— Por exemplo?

— Além dos Mensageiros Solitários, os Supernafins, que podem transportar os mortais ressuscitados a duas vezes a velocidade da luz: quase 600 000 quilômetros por segundo. E ainda assim, posso dizer-lhe, esses seres precisam de milhares de anos para transportar-se de um extremo a outro dos universos. Entretanto, como já lembrei anteriormente, tampouco o Tempo que você e eu conhecemos é o mesmo para esses seres. ..

"Há personalidades celestes, como os Mensageiros da Gravidade e os Espíritos Inspirados da Trindade, entre outros, que podem ir a todas as partes quase no mesmo instante. É o caso, igualmente, dos Harmonizadores de Pensamento ou "centelha" pré-pessoal do Pai Universal. Você, eu, seus filhos, os meus e todos os humanos temos nosso próprio harmonizador de pensamento. ..

— Jesus de Nazaré também?.. .

— Claro que sim. Dir-lhe-ei algo mais. Foi precisamente o Harmonizador dele quem, no histórico momento do batismo do Cristo-Micael, no Jordão, viajou em segundos desde aquele ponto até uma das esferas "arquiteturais" próxima à Ilha Eterna do Paraíso, regressando para trazer a célebre mensagem que figura no Evangelho: "Este é meu muito amado Filho, em quem tenho minhas complacências". Um Mensageiro Solitário, entretanto, teria precisado de várias

semanas para cobrir o mesmo trajeto.

"Essas "viagens" (simplificando a linguagem) realizam-se ao longo de circuitos preestabelecidos pelos Mestres Arquitetos do Universo. E há uma infinidade de circuitos: espirituais, de gravitação, mentais, de energia física etc. Todos eles partem da Ilha Eterna e Estacionaria do Paraíso e a ela retornam. E, já que fala-mos do Espaço e do Tempo, posso dizer-lhe também que o Paraíso

é eterno e independente do Tempo. Ali, as decisões são concomitantes com os atos; e os resultados, instantâneos.

"Mas não nos afastemos do objetivo final desta exposição: Lúcifer e sua rebelião catastrófica...

A filha da raça azul não lograva compreender por que tanto interesse por aquele odioso e repulsivo personagem, Lúcifer. Desde criança, sem saber por quê, bastava o nome daquele que sempre foi considerado o diabo ou Satanás para que sentisse funda repugnância. Por isso, não foi de bom grado que se dispôs a escutar.

— Pouco sabemos sobre esse personagem — esclareceu o amigo —. As Sagradas Escrituras e outros textos mais ou menos sacros de outras religiões e culturas fazem referência à sua existência, mas sempre de forma bem vaga. . .

Sinuhe compulsou seus papéis.

— Para base do que vou expor-lhe em seguida, aqui estão alguns testemunhos bíblicos que, mais ou menos, fazem alusão a essa não menos alta "personalidade" celeste. No Evangelho de Lucas, por exemplo (10, 17-21), está dito: "Os setenta e dois voltaram com alegria, dizendo: 'Senhor, até os demônios se nos submetem em teu nome!' Jesus lhes disse: 'Eu via Satanás cair do céu como um raio. Eis que vos dei o poder de pisar serpentes, escorpiões e todo o poder do inimigo, e nada poderá vos causar dano. Contudo, não vos alegreis porque os espíritos se vos submetem; alegrai-vos, antes, por que vossos nomes estão inscritos nos céus.'"

"Também Lucas (4, 1-14) fala-nos das famosas tentações de Jesus em seu retiro no deserto. Nesse texto se repete a palavra "diabo".

"No Evangelho de João (8, 44-46), Jesus afirma: "Vós tendes por pai o diabo e quereis satisfazer os desejos do vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio, e não permaneceu na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele mente, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira. Mas, porque digo a Verdade, não credes em mim. Quem, dentre vós, me acusa de pecado?"

"Em Mateus (25-41) também li: "Em seguida dirá também aos

que estiverem à sua esquerda: 'Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos'."

"Quanto ao *Apocalipse* de João, talvez seja o mais extenso e sugestivo. No capítulo 12, 7, conta-nos sobre a mítica "batalha no céu": "Então houve uma batalha no céu. Miguel e seus anjos guerrearam contra o Dragão. O Dragão batalhou, juntamente com seus anjos, mas foi derrotado, e não se encontrou mais um lugar para eles no céu. Foi expulso o grande Dragão, a antiga Serpente, o chamado Diabo e Satanás, sedutor de toda a terra habitada; foi expulso para a terra, e seus anjos foram expulsos com ele. Ouvei então uma voz forte no céu, proclamando: 'Agora atuou a salvação, o poder e a realeza do nosso Deus, e a autoridade do seu Cristo; porque foi expulso o acusador dos nossos irmãos, aquele que os acusava dia e noite diante do nosso Deus. Eles, porém, o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra que testemunharam, pois desprezaram a própria vida até a morte. Por isso alegrai-vos, ó céus, e vós que os habitais! Ai da terra e do mar, porque o Diabo desceu para junto de vós cheio de grande furor, sabendo que lhe resta pouco tempo. O

Dragão, ao ver-se precipitado sobre a terra, perseguiu a mulher que tinha dado à luz o filho varão. Ela, porém, recebeu as duas asas de uma grande águia para voar ao deserto, para o lugar em que, longe da Serpente, é

alimentada por um tempo, dois tempos e metade de um tempo?"

"Mais à frente — concluiu Sinuhe —, ao falar das "duas Bestas", no capítulo 13, João termina com

"algo" que não quero que você esqueça: "... E fez com que todos, pequenos ou grandes, ricos ou pobres, livres e escravos, recebessem um sinal na mão direita ou na testa, de forma tal que ninguém possa comprar ou vender se não tiver sido marcado com o nome da Besta ou com o número do seu nome. Eis a sabedoria.

Aquele que tenha inteligência, calcule o número da Besta, um número de homem. Seu número é 666".

E Sinuhe repetiu a última frase:

— Seu número é 666.

— Não sei aonde você quer chegar — comentou Glória, impaciente.

— Bem, vamos ao miolo. Essas passagens e outras semelhantes falam-nos do "Diabo". Entretanto, os teólogos e exegetas mais modernos não parecem dar muita importância à figura desse personagem, ao contrário de toda a tradição e, inclusive, do papa Paulo VI. Você deve lembrar-

se de que, em 29 de junho de 1972, em célebre discurso, ele falou da "fumaça de Satanás" e afirmou que ela "penetrara em determinados setores da própria Igreja Católica". Referiu-se na ocasião a Satã como um "ser pessoal" ... Pois bem, segundo estes documentos, equivocam-se uma vez mais os teólogos. Mas equivocou-se também Paulo VI...

— Isso é muito forte! — retrucou a filha da raça azul.

— Eu sei. Na realidade, toda essa "Quinta Revelação", supondo-se que esteja certa, é dinamite pura.

— E por que é que você garante que nem mesmo o Papa tinha razão?

— Porque, tanto quanto a tradição e a imensa maioria dos crentes, confunde Lúcifer com Satã e com Caligastia e Belzebu. A final de contas, foram todos "etiquetados" com a mesma e comum definição: "o diabo". Mas, como você verá, trata-se de personalidades celestes diferentes.

— E qual é a sua versão?

— Minha versão não — corrigiu Sinuhe —. Versão da "Quinta Revelação" ... isso sim. De acordo com ela, cada sistema (não se esqueça de que um superuniverso abriga por volta de mil milhões de sistemas) é regido por um soberano sistêmico: um filho da chamada Ordem dos

Lanonandeks. O nosso, Satânia, foi governado por uma dessas brilhantes criaturas: Lúcifer. Era, como os demais seres dos quais lhe falei, um

"peregrino descendente" da eternidade. Todo um anjo de luz que, há cerca de 200 000 anos, fez estalar uma revolta em nosso sistema, arrastando um total de 37 dos 619 planetas habitados.

"Satã, ao contrário, era seu lugar-tenente. Tratava-se também de uma criatura perfeita, "peregrino descendente" e, como Lúcifer, pertencente à Ordem dos Lanonandeks Primários. Coube a Satã um papel de destaque, já que seu "chefe" encarregou-o de representá-lo e de manter viva a rebelião em diferentes mundos, entre eles IURANCHA.

"Quanto a Belzebu ou Belzebub, era outra criatura, chefe dos chamados "medianos" rebeldes, que também se aliaram às forças de um quarto e não menos importante personagem: Caligastia, o príncipe planetário de IURANCHA naquela época. Como já lhe disse, os planetas são a última unidade na organização administrativa dos universos. Cada mundo dispõe de um príncipe planetário que pode alcançar o grau de soberano. Talvez você se

lembre da alusão que Jesus de Nazaré fez, durante sua vida em IURANCHA, ao "príncipe deste mundo" ... Referia-se

precisamente a Caligastia que, depois da rebelião, foi deposto.

— Quem eram esses... "medianos"?

— Quase nada posso falar-lhe deles. Sabemos que não se tratava de criaturas "descendentes do Paraíso"

e que tiveram muito que ver com o Estado-Maior de Caligastia. Este é, precisamente, um dos objetivos da missão que nos deram: averiguar quem são os "medianos" e, sobretudo, onde se encontram os arquivos secretos de IURANCHA...

Sem querer, Sinuhe acabava de revelar à filha da raça azul a primeira parte da missão.

— Arquivos secretos? Sobre quê?

— Segundo a "Quinta Revelação", repito, a cerca de 200 000 anos terrestres explodiu uma revolta em nosso sistema: a terceira em toda a história do universo local de Nebadon. E, dos 619 mundos habitados de Satânia, 37 uniram-se a Lúcifer. Entre eles, o nosso: IURANCHA.

"Quando um soberano sistêmico atua normalmente, as personalidades (invisíveis para os olhos dos humanos) que integram sua hierarquia administrativa podem comunicar-se

livremente com todos os planetas do sistema, assim como com os níveis superiores. Parece porém que, ao iniciar-se uma rebelião, as personalidades celestes superiores atuam vertiginosamente, cortando determinados circuitos de comunicação com esses planetas, de forma que a sublevação não possa propagar-se. Assim, todos os planetas ficam submetidos a uma "quarentena". Foi o que aconteceu no sistema em que vivemos e com esses 37 mundos

"rebeldes". Pois bem, em conseqüência do terrível isolamento a que IURANCHA está sujeita, boa parte das forças rebeldes (os "medianos" entre outros) continua dominando a Terra e levando ao caos, à violência e ao erro constante as diferentes humanidades que vão desfilando pelo globo. Temos informações de que foram esses seres enigmáticos (os "medianos" rebeldes) que se apoderaram do controle dos arquivos secretos do planeta Terra.. .

— Insisto — interrompeu Glória, preocupada com sua pergunta anterior —, que contêm esses arquivos?

— A verdadeira história da rebelião de Lúcifer e as tremendas conseqüências que dela redundaram, especialmente para os humanos de IURANCHA. As forças do Mal não se dispõem a abrir aos mortais

"ascendentes" (a nós) esses arquivos secretos. Isso talvez

significasse uma mudança na atitude dos seres humanos, o que não os interessa. . .

Glória aproveitou a nova pausa do amigo:

— Sempre nos ensinaram — afirmou com alguma reticência — que Lúcifer se rebelou contra Deus porque pretendeu ser como

Ele. Estou enganada?

Sinuhe esperou que a filha da raça azul descobrisse por si mesma o absurdo de semelhante hipótese.

— ... Embora, pensando friamente — prosseguiu Glória —, pareça muito esquisito que uma criatura perfeita, criada diretamente por Deus e por conseguinte inteligente, quisesse ser Deus. . .

— Você o disse: extraordinariamente inteligente. Pergunto-lhe eu: você sabe de algum ser humano realmente inteligente (talvez tivesse de escrever com letras maiúsculas) que seja soberbo? Os seres INTELIGENTES de verdade são, quase sempre, os mais humildes.. .

— Você insinua — cortou Glória — que houve "outras razões" que teriam provocado a revolta de Lúcifer?

— Suspeitamos que sim, da mesma forma que não acreditamos que Adão e Eva tenham sido nossos primeiros pais; também suspeitamos que a serpente e a maçã sejam só um mito ou símbolo francamente infelizes... .

— Um momento. Você conhece a verdadeira história da rebelião de Lúcifer?

Mas antes que Sinuhe respondesse, a filha da raça azul o abordou com outra pergunta sutil:

— Por que você diz "suspeitamos" e "acreditamos"? Sinuhe, sorridente, decidiu-se a abrir-lhe definitivamente o coração.

Boa parte daquele segundo estágio em Sotillo foi dedicada a pôr Glória a par de alguns antecedentes, conhecidos por Sinuhe, sobre "Ra", sua mensagem e a "necessidade de levar a termo determinada missão".

No momento, não considerou oportuno falar-lhe sobre a vinculação com a Escola da Sabedoria, tampouco das experiências que ele viveu no bosquezinho próximo daquela Casa Azul em que dialogavam.

Foi sobretudo a mensagem de "Ra" que causou impacto especial na filha da raça azul.

— ... Por tudo isso — declarou Sinuhe, ao passo que

incitava a amiga a que se definisse —, fomos indicados para tentar localizar esses arquivos secretos, em poder dos "medianos" rebeldes. Se você aceitar (e devo sabê-lo o quanto antes), no momento oportuno ampliarei alguns detalhes, imprescindíveis para encetar-mos a grande aventura. . .

Glória hesitou.

— Há muitas coisas que não consigo entender bem. . .

— Por exemplo? — animou-a o amigo.

— Se vocês, os depositários dessa "Quinta Revelação" ou quem quer que seja conhecem a verdadeira história da rebelião de Lúcifer, por que- não a oferecem ao mundo? Evitar-se-ia, penso, engajar-se nessa missão incompreensível.

— Você tem razão, em parte. Não dispomos senão de uma fração do que supomos ser a autêntica história da revolta. Como também só conhecemos uns poucos sucessos relacionados com as conseqüências da rebelião em IURANCHA; assim como ignoramos, quase completamente, em que consistiu, na verdade, o erro de Adão e Eva (supondo-se que tal erro tenha existido), que foram os nossos mal chamados "primeiros pais", e quando se instalaram no Jardim do Éden. . .

"Tudo isso e muito mais acha-se depositado nesses arquivos. Fôssemos capazes de chegar até eles e desvendá-los, a Humanidade inteira conheceria a Verdade, o que, não duvide, traria sensíveis benefícios a todos os mortais "ascendentes" ao Paraíso. O homem, salvo exceções, acha-se perdido e confuso. Não sabe por que nasceu nem qual o seu destino final. Não entende a dor e se rebela contra Deus e contra si próprio, sem perceber que tudo isso não é por casualidade. O Conhecimento, enfim, sempre serviu para serenar o espírito dos humanos e acelerar-lhe o caminho rumo à suprema Perfeição.

— Você me falou dos muitos seres que compõem o fluxo de "Peregrinos Descendentes da Eternidade"

ou da "Ilha Eterna do Paraíso". Compreendi. Mas que somos nós, os mortais?

— Poderíamos descrevê-lo como "o contrário": um refluxo de "Peregrinos Ascendentes" do Tempo.

Cada humano é criado por Deus. . .

A filha da raça azul interrompeu, evidentemente confusa.

— Deus? Mas por qual dessas pessoas que formam a Trindade?

— Em realidade, e respondendo concretamente, por seus "intermediários": pelos Filhos Criadores de universos locais. Deus, em geral, é um símbolo verbal que se usa para designar todas as personalidades da Deidade. Nestes escritos, o termo Deus é utilizado para os seguintes significados. Ouça atentamente, e não se alarme:

"1. Deus o Pai: Criador, Controlador e Sustentáculo. É o Pai Universal e a Primeira Pessoa da Deidade.

"2. Deus o Filho: Criador Coordenado, Controlador do Espírito e Administrador Espiritual. É o Filho Eterno e a Segunda Pessoa da Deidade, de que também já lhe falei.

"3. Deus o Espírito: Ator Conjunto, Integrador Universal e Dispensador de Pensamento. É o Espírito Infinito e a Terceira Pessoa da Deidade.

"4. Deus o Supremo: é o Deus do Tempo e do Espaço, expandindo-se ou evolucionando. Deidade Pessoal concebendo a identidade entre criaturas e Criador por associação e sua realização por experiência no Espaço-Tempo. O Ser Supremo executa pessoalmente a experiência de realizar a unidade da Deidade, como Deus evolutivo e "experiencial" das criaturas evolucionárias do Tempo e do Espaço.

"5. 'Deus o Sétuplo: Personalidade da Deidade operando em

todos os sentidos, de maneira efetiva no Tempo e no Espaço. São as Deidades Pessoais do Paraíso e seus associados criadores, operando dentro e fora das fronteiras do Universo Central. Personaliza seu poder como Ser Supremo no primeiro nível da criatura, unificando no Tempo e no Espaço a revelação da Deidade. Esse nível é o Grande Universo, a esfera de onde as personalidades do Paraíso descendem no Espaço-Tempo, em recíproca associação com as criaturas evolucionárias que ascendem no Espaço-Tempo.

"6. Deus o Último: exteriorização do Deus do Supertempo e do Espaço transcendido. Segundo nível

"experencial" de manifestação da Deidade unificadora. Deus o Ultimo inclina-se a conceber limpidamente a síntese dos valores discordantes-superpessoais que transcendem o Espaço-Tempo e exteriorizam a experiência. Coordena-os nos níveis criadores finais da realidade divina.

"7. Deus o Absoluto: o Deus experimentador dos valores superpessoais transcendidos e dos significados da Divindade agora existencial como Deidade absoluta. É o terceiro nível de expansão e de expressão da Deidade unificadora. Nesse nível supercriador, a Deidade esgotou o potencial personalizável, completou a Divindade e vê estender-se a atitude de revelar-se a si mesma em níveis

sucessivos e progressivos de personalizações diferentes. Neste ponto, a Deidade reencontra o Absoluto Incondicionado, contraria-se a si mesma e realiza a experiência de identificar-se consigo mesma. ..

Glória fez um movimento negativo com a cabeça.

— Eu sei — argumentou Sinuhe —, tudo isso é pouco menos que indecifrável... para os humanos. Posso esclarecer-lhe que na "Quinta Revelação" há centenas de páginas em que se tenta tornar compreensível a idéia múltipla da Divindade. Talvez, para que nos entendamos, pudéssemos resumir essa sétupla versão de Deus dizendo que a existência divina não poderá jamais ser provada nem compreendida através de experiências científicas ou de deduções lógicas da razão pura. Ninguém pode conceber Deus claramente, mais que fora dos reinos da experiência humana. No entanto, como você sabe, o verdadeiro conceito da realidade de Deus é razoável para a lógica, plausível para a filosofia, essencial para a religião e indispensável para toda esperança de sobrevivência pessoal.

"Em teoria, pode-se pensar em Deus como Criador e, efetivamente, é o Criador Pessoal do Paraíso e do Universo Central de Havona. Entretanto, os universos do Tempo e do Espaço foram, todos eles, criados e organizados pelo Corpo Paradisiaco dos Filhos Criadores. E entre ELES está nosso

Micael: Jesus de Nazaré.

"O Pai Universal não é o Criador do Universo local de Nebadon. Este, você também o sabe, é criação de seu Filho Micael. Entretanto, mesmo que o Pai Universal não crie pessoalmente esses universos evolucionários, Ele os controla em muitas de suas relações universais e em algumas de suas manifestações de energias físicas, mentais e espirituais. Lembre-se do caso dos Harmonizadores de Pensamento ou "centelha"

pré-pessoal do Pai Universal em cada um de nós...

"Em resumo, Deus o Pai é o Criador Pessoal do Universo do Paraíso e, associado com o Filho Eterno (Segunda Pessoa da Trindade), o Criador de todos os Criadores pessoais de universos.

"Como controlador físico no Universo-Mestre material, a Causa-Centro-Primeira funciona nos arquétipos da Ilha Eterna do Paraíso. Em metade desse centro de gravidade absoluto, o eterno Deus exerce um supercontrole cósmico do plano físico, tanto no Universo Central quanto de um extremo a outro do Universo dos Universos. Como Mente, Deus obra pela Deidade do Espírito Infinito. Como Espírito, Deus se manifesta na pessoa do Filho Eterno e na dos divinos "filhos" do Filho Eterno. Essas relações mútuas da

Causa-Centro-Primeira (Deus) com as Pessoas e os Absolutos coordenados do Paraíso não excluem, de forma alguma, a ação pessoal direta do Pai Universal em toda a Criação e em todos os seus níveis. Pela presença de seu Espírito fragmentado, o Pai Criador mantém contato imediato com seus filhos-criaturas e seus universos criados.

"Todos nós mortais, finalmente, somos criados pelo correspondente Soberano do universo local e, ao contrário do que acontece com os seres "descendentes", nós, entretanto, não somos criados perfeitos, mas somos dotados do potencial de perfeição e de vida eterna. Nessa associação de Deus o Sétuplo, os Filhos Criadores de universos locais trazem o mecanismo pelos quais nós mortais chegamos a ser imortais e o finito pode ser abarcado pelo infinito.

"Se, depois de sua vida física em seu planeta natal, o humano "ascendente" for julgado digno de sobreviver, entra no caminho da ascensão do Paraíso. São ressuscitados dentre os mortos, seja individualmente (ao "terceiro dia" depois de sua morte), seja coletivamente, ao fim de cada milênio.

A filha da raça azul ia de surpresa em surpresa. Emocionada, exclamou:

— Fale-me dessa passagem! . . . O que acontece depois da

morte?

Sinuhe observou-a com semblante grave.

— Você sabe muito bem o que acontece quando se passa para "o outro lado" — censurou-a.

— Sim, mas não a sua versão. . . Perdão, a versão dessa "Quinta Revelação".

— No momento da morte, o ser humano dorme no nada. Seu harmonizador de pensamento e seu anjo da guarda o abandonam. Em outras palavras: durante certo tempo (aceitando o difícil conceito de "tempo sem tempo" dessa nova experiência), o humano deixa de ter personalidade. Se destinado a sobreviver, será ressuscitado pelas "personalidades celestes" responsáveis por tal incumbência, nesse que chamam o Mundo dos Moronciais ou das Casas. Nesse caso recebe um corpo "moroncial" e seu harmonizador volta a habitar-lhe a mente, ao mesmo tempo que seu anjo da guarda lhe restitui o psiquismo e a memória do passado. Sua personalidade é inteiramente reconstruída e, a partir daí, as entidades qualificadas da hierarquia celeste vigiam seu progresso espiritual.

"O corpo "moroncial" é repetidas vezes substituído por outros corpos "moronciais", cada vez, porém, mais sutis e espiritualizados. Essas mudanças sucessivas foram

reveladas em IURANCHA por grandes instrutores celestes, mas os humanos se enganaram interpretando-as como reencarnações sucessivas...

— Então, a reencarnação não existe?

— Segundo a "Quinta Revelação", não como nós os humanos a entendemos. Os mortais (se diz aqui) não tornam a nascer nem no seu planeta natal nem com um corpo físico. As reencarnações são, na realidade, um fenômeno "moroncial". Depois dessa experiência "moroncial" ou experiência da alma, começa a prolongada experiência espiritual. Corpo sutil, alma e espírito se fundem progressivamente e o "peregrino ascendente"

no Tempo é lançado em uma vertiginosa e promissora vereda a um destino maravilhoso: a Ilha Eterna do Paraíso. E essa "vereda", reza a "Quinta Revelação", constitui uma resplandecente sucessão de experiências, de todo tipo, que vão "abrindo" ao filho de Deus caminhos de revelações cada vez mais extraordinárias...

Impossível descrever com palavras o que realmente nos aguarda "do outro lado".

Glória, os olhos úmidos de emoção e alegria, nem sequer respirava.

— Todos esses "peregrinos ascendentes" — continuou Sinuhe —, vão sendo transportados de mundo em mundo pelos chamados serafins transportadores, dentro de uma "técnica" prodigiosa. E o número de mundos a visitar antes de alcançar o Universo Central de Havona é extraordinário. Digo-lhe mais: nesse mesmo Universo de Havona, como já lhe expliquei, é preciso que se conheçam as mil milhões de esferas antes de se estar qualificado para a longa viagem interestelar que leva à Ilha Eterna. Mas não se assuste. Os conceitos humanos de tempo não têm relação alguma com os milhões de anos dessa "carreira" para o Paraíso, e é curta a sua duração se a relacionamos com o conceito de Eternidade.

"Antes de nós, massas incontáveis de mortais já fizeram o percurso. Essa "carreira" tem um único fim: transformar os seres humanos evolucionários em seres "aperfeiçoados" ou "finalistas", semelhantes, sob muitos conceitos, aos seres "perfeitos" por natureza que habitam normalmente as esferas paradisíacas, mas que não desfrutam da experiência do Espaço-Tempo.

— De acordo com isso — observou Glória —, podemos chegar a ser mais afortunados que esses seres criados "perfeitos" desde sua origem..

Sinuhe encolheu os ombros.

— Só posso dizer-lhe que, se tudo que está aqui for verdade, a promessa de Jesus de Nazaré de toda uma

"recompensa e um lugar na casa de meu Pai" parece acanhada...

— Que são os "finalistas"? — atacou Glória com seu entusiasmo natural.

— A totalidade desses mortais afortunados que conseguem alcançar a Ilha Eterna agrupa-se no que chamamos Corpo da Finalidade. O destino deles, entretanto, não foi desvendado ainda. A "Quinta Revelação" permite entrever a fantástica possibilidade de que todos esses "peregrinos ascendentes", juntamente com miríades de anjos, sejam os futuros povoadores desse Espaço Exterior, ainda inabitado, de que já lhe falei.

E Sinuhe formulou um pensamento em voz alta:

— É fantástico! . . . Muito mais do que jamais pôde ensinar-nos Igreja ou doutrina alguma... Talvez agora, por tudo isso, meu coração está buscando Deus com mais força. . .

Voltando os olhos para Glória, formulou-lhe a pergunta decisiva:

— Depois de tudo o que você escutou, aceitaria sair comigo

em demanda desses arquivos secretos e transmitir seu indubitável "tesouro" de conhecimentos?

Iluminou-se o rosto de Glória ao ouvir aquela proposta solene. Sinuhe sabia que a companheira, desde o primeiro momento e no recôndito da alma, dissera "sim" à missão. Mas, fiel à recomendação de seu Kheri Heb, preferia ir devagar, meticulosamente.

— Você sabe — recriminou a amiga — que o acompanharia ao fim do mundo. E com mais razão quando

"alguém", não sei exatamente quem, mas pouco importa, nos oferece a oportunidade única de nos enfrentarmos com nosso próprio passado e, o que é mais importante, com nossa verdadeira história e identidade como humanos. Não sei o que tenho a fazer nem como, mas "sim"... Como resposta, Sinuhe levantou-se e, aproximando-se de Glória, beijou-lhe as duas faces.

— Obrigado.

— Mas, antes que você me fale sobre os preparativos para essa missão — acrescentou a senhora da Casa Azul, cuja memória era bem mais implacável que a de Sinuhe —, tire-me uma dúvida: que é a "raça azul"?

Nosso homem voltou aos documentos e já se dispunha a

dilucidar a incógnita quando, subitamente, à porta do salão apareceu a corpulenta figura do alcaide de Sotillo.

Sinuhe silenciou. Glória, percebendo que seu informante não desejava falar daqueles assuntos na presença de José Maria, desviou com tato a conversação. O investigador, no fundo, agradeceu aquela interrupção. Era necessário que ambos, a filha da raça azul e ele próprio, refletissem sobre o que trataram aqueles dias. Sinuhe sentia cada vez mais próximo o momento de empreender a missão. Estava consciente, também, de que boa parte do êxito dela dependia não só dos ensinamentos que Glória recebesse, como —

muito especialmente — do entusiasmo nascido do interior de cada um deles. Isso, é óbvio, requeria tempo.

Era duro, ao menos para Sinuhe, não saber com precisão por que fora eleito para a missão e, naturalmente, como levá-la a cabo. Mas Glória jamais soube de tais dúvidas.

Discretamente, Sinuhe interrogou o prefeito a respeito do velho relógio da Câmara Municipal. Ainda lhe palpitava no ânimo o desejo de inspecionar a maquinaria e a torrezinha metálica, em busca sabe Deus de que nova "pista". Mas José Maria só contribuiu para esfriar o entusiasmo do investigador. Como é habitual nesses pequenos lugarejos rurais, "as coisas de palácio vão muito mais devagar. .."

Assim, durante o tempo todo transcorrido desde a última visita de Sinuhe a Sotillo, a fechadura da porta de acesso à Câmara continuava emperrada, bloqueando a entrada ao edifício.

As palavras do prefeito, prometendo solução imediata, não serviram de consolo a Sinuhe. Ele "sentia"

que devia entrar no velho casarão. Mas como?

Nessa mesma segunda-feira, 16 de julho, a incógnita se aclarou.

Absorvido pelos preparativos da missão — o que não era de estranhar dada sua habitual distração —, Sinuhe não se dera conta de que no dia seguinte, 17 de julho, Glória celebraria seu 49.º aniversário. O

primeiro, "casualmente", sem o marido. A circunstância, muito especial, atraiu seus amigos mais íntimos para Sotillo, a fim de fazer-lhe companhia.

Assim pois, ao longo daquela segunda-feira, a Casa Azul foi paulatina e alegremente agitada por um tráfego contínuo de pessoas e bagagens. E a filha da raça azul e Sinuhe, de comum acordo, decidiram adiar suas conversações secretas.

Ao entardecer, com a desculpa de uma caminhada rotineira

pelos arredores, o membro da Escola da Sabedoria deu um jeito de entrar sozinho no bosquezinho que cerca a Câmara Municipal, onde vivera tão estranha experiência.

Nessa segunda visita, Sinuhe não percebeu nada de anormal. As copas das árvores, inundadas de Sol, eram testemunhas imóveis do jogo incansável de dezenas de andorinhas e gaivões, cujos trinados afogavam por vezes o zumbido das libélulas e o sibilo de cigarras escondidas.

O objetivo dele era alcançar o claro do bosquezinho e verificar o que acontecera aos seis misteriosos sinais gravados nos troncos por aquela criatura monstruosa.

Apesar de ter assistido à cena, de ter tocado o emblema que decora a "bandeira de Micael de Nebadon" e de ter ainda recolhido um punhado da não menos perturbadora areia do solo da clareira, continuava a rebelar-se o espírito analítico e racionalista de Sinuhe.

Mas esfumou-se logo a incerteza. Ao ganhar a orla do claro, o sangue voltou a ferver-lhe nas entranhas.

Ali estavam as seis marcas! Negras, intactas, testemunhas frias e palpáveis de todo o acontecido.

Trêmulo de emoção, Sinuhe caminhou até o centro geométrico da clareira. Uma vez ali, levantou os olhos em

direção ao círculo azul que se recortava, quase como um milagre, entre os altos choupos.

Sem saber por quê, sentiu-se pleno de uma paz intensa. Vieram-lhe ao cérebro as palavras cada vez mais familiares que, sem dúvida, havia-lhe transmitido aquele ser: "Lembre-se do meu sinal. .. o de Micael".

Sinuhe baixou a vista, fixando-a em cada um daqueles círculos concêntricos. E a súbita paz que o inundava foi dando lugar

a uma mistura de nostalgia e serena melancolia. Se tudo aquilo não era sonho, encontrava-se diante do símbolo do Criador: os três círculos que, segundo a "Quinta Revelação", constituem a bandeira do Filho Criador do universo local de Nebadon, Jesus de Nazaré. Uma bandeira branca com três círculos azuis e concêntricos ao centro. Bandeira que Micael jamais utilizou durante sua vida terrena em IURANCHA.

"Bandeira", meditou Sinuhe, "que resume todo o mistério e a grandiosidade da Trindade."

E ele, inditoso e contraditório mortal, havia sido eleito para tão alta missão?

Sinuhe não podia entendê-lo, embora reconhecesse que havia "algo" sumamente familiar ou conhecido em tudo

aquilo que o impelia a prosseguir, mesmo contra a vontade.

Antes que umas lágrimas ameaçadoras lhe brotassem dos olhos, recolheu um par de punhados dos grãos luminosos, enchendo um pequeno frasco que — contrariando suas próprias dúvidas — levava consigo ao bosque.

Minutos mais tarde o investigador — presa de crescente e no momento inexplicável nostalgia —

afastava-se do lugar, caminhando a esmo em direção às geladas neves da Sierra Cebollera.

Sinuhe permaneceu na solidão da serra até bem entrada a noite. E, embora aquelas fugas a paragens tão longínquas quanto sombrias costumassem ser freqüentes em suas impenitentes correrias em demanda do mistério, naquele instante — caído diante da imensa faixa da galáxia — o atormentado repórter pediu, com mais força que nunca, algum tipo de sinal que lhe aliviasse as dúvidas...

Mas esse "sinal" não chegaria, pelo menos não como nosso homem supunha. Um tanto decepcionado, abandonou aquelas trevas, imerso em outras muito mais densas: as do próprio coração.

Glória começava a impacientar-se com a tardança do amigo. Assim, respiraram todos quando ele apareceu e assentou-se,

como era costume, no estrado do salão, com as costas apoiadas na fria e silenciosa lareira da Casa Azul.

Sinuhe dedicou alguns minutos a observar os que ali estavam reunidos. Todos, em maior ou menor grau, compartilhavam das in-quietudes da filha da raça azul e a conversação, como era de esperar, deslocou-se para assuntos esotéricos agora, paranormais depois, revestidos sempre de profunda inquietação espiritual. Em meio ao animado colóquio, o inexplicável fenômeno das 66 badaladas não foi esquecido. Alguém interrogou-a, mas Glória, maliciosamente, se esquivou, deixando a possível resposta a cargo de Sinuhe.

O investigador, sem alterar-se, mal desvelou alguns detalhes, evitando, naturalmente, qualquer indício ou notícia que se relacionasse com a missão encomendada pela Ordem. A atitude hermética do jornalista — a que já estavam sobejamente acostumados todos os que o conheciam —, longe de encerrar o caso, aguçou mais ainda a curiosidade de todos. Vários dos presentes à tertúlia fecharam o cerco em torno de Sinuhe, acoçando-o com perguntas. Glória assistia, divertida, a essa chuva de veladas perguntas e sugestões. Mas o investigador, curtido em mil escaramuças como aquela e até mesmo piores, não era fácil de se conquistar e muito menos de se enganar. Assim pois, como também lhe era habitual, conduziu o diálogo para um terreno

aparentemente inócuo que, entretanto, para grande surpresa dele, ia trazer-lhe o "sinal" que tanto implorara na serra.

Sinuhe explicou que, antes de chegar a qualquer tipo de conclusão sobre as misteriosas badaladas, seria mister fazer minuciosa revisão da maquinaria do relógio. E lamentou que tal exame não tivesse podido ainda ser levado a termo, graças ao estúpido acidente da chave, que bloqueou a fechadura.

— Enquanto não houver possibilidade de passar em revista aquela cabina — mentiu —, tudo serão especulações...

Nesse instante, Joana, velha amiga de Glória e que com ela compartilhara dos primeiros anos de exílio voluntário da família em Sotillo, insinuou a possibilidade de subir à torre da Câmara "por outro caminho".

Desta vez foi Sinuhe, ao sentir que lhe disparavam todos os seus "alarmas" mentais, quem fez uma única e rotunda pergunta:

— Como?!

Joana lembrou-lhe que, durante a longa temporada que passara na aldeia, morara precisamente na velha e desabitada vivenda do secretário da Câmara Municipal. Justamente na parte baixa da chamada Casa Consistorial.

— Certo! — exclamou Sinuhe, começando a compreender.
— Então, há alguma porta de comunicação com a parte alta do casarão?

Joana respondeu que sim.

Sinuhe, levantando-se, deixou-se levar por uma de suas típicas intuições:

— Então, que estamos esperando?

— Agora? — clamaram perplexos alguns dos convivas — É quase meia-noite...

— Além do mais — tornou Joana —, essa porta está selada há vários anos e "taipada" por um pesado armário que eu mesmo ajudei a arrastar até ali...

— Mas — insistiu Sinuhe, sem nem sombra de desfalecimento — não seria possível deslocar o móvel e abrir a porta?

— Suponho que sim — apressou-se Joana, já começando a entusiasmar-se com a excitante perspectiva.

Vários dos amigos, especialmente as mulheres — Ulla à frente —, assumiram a idéia esportivamente e aderiram a Sinuhe.

— Um momento — reagiram os outros —; o velho casarão está às escuras... Pode ser perigoso... Não sabemos o que pode haver no ático... Não seria mais prudente esperar até amanhã?

Um dos "dissidentes", num último esforço para dissuadir Sinuhe e as mulheres que se dispunham a sair para a Câmara, evocou as 66 badaladas, enfatizando a hipótese de que talvez "aquilo fosse coisa de fantasmas ou de almas penadas. ..."

Algumas das amigas de Glória empalideceram. Mas Joana freou aquele medo incipiente, com uma de suas habituais tiradas:

— Se é assim, levaremos "pedrinhas"! ..

Ignorando os conselhos sensatos da maioria, Sinuhe mais quatro ou cinco mulheres, munidos de velas e uma lanterna, compassos decididos atravessaram a praça da Lastra.

A filha da raça azul ficou em casa, fiel a um dos seus costumeiros pressentimentos. Faltavam poucos minutos para seu 49.º aniversário e ela "sentia" que, ao final daquele seu sexto ciclo humano, iria deparar-se com grandes surpresas...

Sinuhe se deteve por alguns segundos. Do centro da praça

solitária da Lastra levantou o olhar para as estrelas. A lua, embora já perdida sua branca redondeza, arrancava ainda fulgores do bronze do sino e da acinzentada silharia da torre da Câmara Municipal. O silêncio era apenas e levemente perturbado pelos nervosos e fugazes cochichos das mulheres e pelo doce manar da fonte de Diana Caçadora. A aldeia dormia.

Apenas as luzes da Casa Azul rompiam a escura geometria da noite.

Joana, que naqueles dias voltara a ocupar o antigo e temporário lar, empurrou a porta de folha dupla.

Cortesmente, Sinuhe deu passagem às acompanhantes. Ao verificar porém a proximidade dessa porta com a que estava bloqueada, reprochou-se pelo que ele achou ser uma grave distração. Como não se havia dado conta de que a antiga vivenda do secretário podia também conduzir à cabina da maquinaria do relógio?

Sem perda de tempo, Joana mostrou aos amigos a parede por onde poderiam penetrar no casarão da Câmara. Um pesado armário de pouco mais de metro e meio, com efeito, escondia dois terços da vetusta e carcomida porta. Sinuhe depois de um rápido exame dos pés do armário, curtos e gastos, passou a arrastá-lo.

Em segundos, a porta estava liberada. Tal como anunciara Joana, três tiras de fitas adesivas selavam aquele acesso. Na mente de Sinuhe, uma dedução lógica: "Se alguém, na famosa madrugada das 66

badaladas, tivesse entrado na Câmara por aquela porta, além de ver-se na contingência de deslocar o incômodo armário, teria tido que romper ou descolar aquelas bandas adesivas. . ." Mas as fitas estavam intactas e perfeitamente coladas ao fio do umbral e da madeira da porta, respectivamente.

O investigador pegou o lenço e, debaixo dos olhares expectantes das mulheres, friccionou-o suavemente na superfície de uma das tiras. O pó, nelas acumulado durante os cinco anos em que a casa esteve fechada, passou imediatamente para o tecido. Parecia óbvio que, se o suposto intruso tivesse entrado e depois saído por ali, embora se tivesse dado o trabalho de tentar selar de novo a porta com aquelas mesmas bandas, estas, ao serem dispostas e friccionadas, teriam perdido o brilho e, naturalmente, a generosa capa de poeira que as cobria.

"Além do mais" — perguntou-se o repórter pela enésima vez —, "para quê?... Que sentido teria entrar alguém do povoado, de madrugada, na Câmara e divertir-se a fazer soar o sino. . . 66 vezes? Talvez a solução desse enigma irritante" — disse a si mesmo — "já esteja ao alcance da mão.. . É

questão de subir e ter abertos os olhos."

E, lentamente, Sinuhe foi retirando as fitas adesivas.

Definitivamente, faltava a Sinuhe muita perspicácia para tornar-se um bom detetive. . .

Retirados os "selos" rudimentares, usou a lanterna para iluminar a porta que tentava abrir. Mas ela foi resistindo, por alguns segundos. . . Ulla, às suas costas, lembrou-lhe que, logicamente, só podia abrir-se para dentro e não para fora, como pretendia o ofuscado "detetive". Resolvido o momentâneo contratempo, Sinuhe empurrou a rangedora porta, enfrentando total escuridão.

À luz frouxa da lanterna, descobriu um quarto pequenino e desnudo. Tudo calmo. Silencioso. Morto.

Sinuhe sentiu instantaneamente o conhecido bafo que uma habitação longamente desabitada exala e, voltando-se para as companheiras, sugeriu-lhes que, se o desejassem, ainda era tempo de regressar. As mulheres, segurando as velas acesas, negaram-se redondamente. Só Joana, conhecendo o centenário casarão como conhecia, apoiou-o timidamente, avisando que o lugar podia estar infectado de ratos.

As mulheres não se intimidaram; foi Sinuhe quem estremeceu ante a possibilidade de tropeçar com os

repulsivos e perigosos roedores. Mas, para dizer a verdade, ele não tinha alternativa. Fora ele quem havia promovido aquela incursão; agora não podia voltar atrás. Assim pois, tendo inspirado profundamente, rumou para os degraus localizados a um dos cantos do quarto e que provavelmente conduziam ao primeiro andar.

As mulheres o seguiram de perto; com exceção de Joana, que — horrorizada com a perspectiva de ratos —

preferiu mudar de sapatos. Mas, apesar dos seus gritos enfurecidos pedindo que a esperassem, fizeram todos ouvidos moucos e continuaram a subida até o desvão.

O primeiro lance da escada, até o andar que abriga as diferentes dependências municipais, foi vencido rapidamente e sem novidade. Sinuhe, sempre no comando, queria chegar o quanto antes à torre e examinar a maquinaria do relógio. Sabia que a escuridão da cabina devia ser total e que isso iria dificultar muito a exploração. Mas também sentia que "algo" inesperado o aguardava ao final daquele percurso e a curiosidade já se tornava insustentável.

Quando alcançou o primeiro andar, Sinuhe parou. Foi iluminando lenta e progressivamente cada uma das portas e paredes, ao mesmo tempo que apurava os ouvidos. Os lamentos de Joana haviam cessado e, envoltos nas trevas, o

único som perceptível era o das respirações ofegantes dos decididos aventureiros.

Convencido em parte de que aquele primeiro andar estava deserto, Sinuhe encetou um registro consciencioso das peças. As mulheres, já mais animadas, imitaram-no. Mas, como lhe havia anunciado o alcaide, essa ala da Câmara estava em obras e suas diversas dependências, desmanteladas.

Dentro de instantes nosso homem atacava o último lance da escada: aquele que o levaria, sem dúvida, ao ático.

Com o coração martelando-lhe o peito, ascendeu até uma pequena porta que lhes vedava a passagem.

Passeou o círculo de luz pelo batente e pela maçaneta e, esforçando-se por dominar-se, preparou-se para abri-la.

Entretanto, alguma coisa perturbadora e impensável naqueles instantes chegou a paralisá-los...

Sinuhe apoiou a mão direita na portinhola que presumivelmente os separava do desvão e, quando estava para empurrá-la, um toque súbito quebrou o silêncio. Era o sino!

O golpe do martelo no bronze propagou-se

vertiginosamente, furando as trevas e a minguate coragem do investigador. Fulminante descarga de adrenalina secou-lhe a garganta, provocando-lhe tremores da cabeça aos pés. Perdeu o controle por alguns segundos. A lanterna escorregou entre seus dedos suados e se precipitou escada abaixo. E as débeis chamas amarelo-azuladas bruxulearam como o nervosismo das portadoras das velas.

Faltou muito pouco para que o grupo desse meia-volta e se lançasse em fuga frenética.

Em instantes, Sinuhe conseguiu recuperar-se em parte e, tendo pedido calma, recolheu a lanterna, enfrentando outra vez a portinhola.

— Isso — sussurrou para as mulheres com um fio de voz — deve ter sido o vento...

Mas a piedosa mentira nem sequer foi escutada e, muito menos, aceita. Todas elas sabiam que naquela noite não havia vento e que o relógio já estava parado havia semanas.

Quem ou o que havia levantado o pesado martelo? Um animal, talvez? Um morador? Ou se tratava, como havia sugerido o amigo de Glória, de "uma alma penada"?

Esse vendaval de interrogações foi passando pela mente de Sinuhe e de suas não menos inquietas amigas, enquanto

lutavam por recuperar um mínimo de coragem.

Quando se achavam no difícil transe, alguém, tendo consultado o relógio, fez um comentário que finalmente levantou aqueles ânimos desalentados:

— Curioso! O sino soou à meia-noite em ponto... Glória acaba de completar 49 anos.... Não será um sinal?

Sinuhe não compreendeu bem as segundas intenções daquela sugestão. Mas agradeceu o fugaz desafogo e, dominado por violenta curiosidade, esmurrou a porta, abrindo-a de par em par.

— Seja o que for — gritou com raiva —, já o veremos... Num salto, enveredou na mansarda escura.

Sem poder dissimular o nervosismo, os pés firmemente assentados no chão de madeira, fez girar o feixe de luz em um raio de 180 graus. Foi uma primeira e anárquica exploração do lugar, em busca, sobretudo, de algum rosto ou movimento suspeito.

Prudentemente postou-se no umbral da porta, impedindo a passagem das companheiras e procurando, ao mesmo tempo, cortar a possível fuga do não menos hipotético indivíduo que teria tocado o sino.

Com o coração descontrolado pelo medo, Sinuhe foi iluminando um a um os cantos da mansarda. Era uma espaçosa sala quadrada, repleta de móveis, velhos, pacotes de papéis empoeirados amontoados em pilhas informes e um não acabar de cacarecos, entre os quais, em uma primeira vista d'olhos, distinguiu latas, utensílios agrícolas e ferramentas enferrujadas.

Em meio àquele silêncio tenso, o foco de luz foi recuperando pouco a pouco sua estabilidade, passeando agora com mais nitidez pelas fantasmagóricas silhuetas dos trastes abandonados por ali.

À primeira vista, tudo parecia tranquilo. Mas não era uma calma normal. "O lógico" — ia meditando o investigador — "é que nossa presença fosse afugentando pelo menos algumas das muitas ratazanas que se devem aninhar aqui, neste esconderijo sujo. . ."

Então, por que não haviam topado com uma que fosse, por todo o caminho? "Algo" ou "alguém" as teria assustado. .. antes que eles chegassem?

Súbito pressentimento invadiu Sinuhe.

O espesso silêncio e o inesperado toque do sino trouxeram à mente de Sinuhe aquela outra experiência, vivida ou sofrida — de acordo com o ponto de vista — no interior do

pequeno bosque que cerca o casarão em que penetraram impensadamente. E o pêlo tornou a eriçar-se-lhe diante de um desconfortável pressentimento:

"E se o responsável por essa nova badalada tiver sido a monstruosa criatura que vi na clareira? Se assim for" — meditou enquanto procurava com a lanterna o acesso à torre —, "talvez se encontre ainda junto à maquinaria ou, quem sabe, junto ao sino. . . Mas não, não é possível."

Alienado graças às suas lucubrações, Sinuhe nem percebeu que por duas vezes já iluminara uma pequena porta, situada ao fundo da mansarda e a um metro, aproximadamente, do nível do soalho que ele pisava. Foi em um terceiro repasse que o feixe de luz enfocou, primeiro meia dúzia de degraus de madeira e, finalmente, uma porta desconjuntada maltratada pelos anos e que se manteria, quase por milagre, em tais e improvisadas escadas.

Sinuhe descobriu afinal, encostada ao muro principal do casarão, a cabina que devia abrigar a almejada maquinaria do relógio.

Lentamente foi caminhando até àqueles últimos degraus. Mal dera três passos, porém, um golpear distante o deteve. Ao girar sobre os calcanhares e iluminar a porta que acabava de empurrar, constatou que as mulheres também se haviam

voltado para a direção de onde provinha o ruído mais e mais atroante.

Sem nem sequer pensar, abriu passagem entre elas, postando-se na escadinha estreita de onde tinham ouvido o lúgubre tanger do sino. Levou o dedo índice aos lábios, pedindo silêncio.

Aquele golpear continuava chegando nítido e ameaçador, misturado às vezes com o próprio eco.

Sinuhe e suas companheiras não precisaram de muitos segundos para deduzir, com pavor crescente, que aquele atropelado "martelar" vinha da parte baixa do casarão e que, a julgar pelos cada vez mais claros e poderosos estampidos, subia rapidamente até eles.

Os corações, vítimas de pavor incontável, voltaram a disparar. O de Sinuhe, então, parecia a ponto de saltar pela boca.

"Que está acontecendo nesta casa maldita?", se perguntou, incapaz de identificar o estrondo que se aproximava sempre.

De repente, desapareceu aquele ruído seco. Os últimos golpes soaram no andar de baixo. Sinuhe, tentando que não gemessem os degraus sob seus pés, desceu dois ou três, empenhando-se em perceber algum sinal — quem sabe uma

sombra — que delatasse ou identificasse o responsável por aquele escândalo aterrorizador. A luz da lanterna perfurou as trevas, explorando o final daquele lance e o cotovelo que formava o passadiço. A única resposta, o silêncio.

Nesse instante uma das moças conseguiu articular uma frase que arruinou a já debilitada coragem do detetive:

— Pareciam passos. . .

"Passos?" — repetiu Sinuhe para si mesmo — "Passos que ressoam como tiros de canhão? . . . Não!" —

argumentou, contra suas próprias dúvidas. — "Nenhuma pessoa humana provocaria semelhante estrépito. . ."

Nem bem haviam desaparecido de sua mente essas reflexões e aquela série de golpes reapareceu, congelando-lhe o sangue.

O estrondo era agora infinitamente mais violento e próximo. Soava justamente no andar onde se achavam as dependências municipais!

Sem poder evitá-lo, o detetive recuou ante a evidente proximidade daquela tormenta de golpes rotundos e decididos.

Em sua precipitação, porém, tropeçou, estatelando-se de costas nos degraus. E a lanterna escapou-lhe da mão pela segunda vez. .

A espalhafatosa queda de Sinuhe e o simultâneo repicar da lanterna, rolando de degrau em degrau e mergulhando — ao apagar-se — os desmoralizados expedicionários na mais desastrosa escuridão, abriram finalmente as comportas do medo e várias das senhoras gritaram, amortecendo por alguns momentos as frenéticas pancadas com uma barulheira assustadora.

Então, foi como um milagre. Ou talvez como uma estocada mortal. O "fantasma", ou o que quer que fosse, ao escutar os gritos deteve-se. Pelo menos os golpes tinham cessado. E entre respirações ofegantes Sinuhe conseguiu levantar-se, apalpando os degraus na busca desesperada da lanterna. Na realidade, embora suas mãos tateassem às cegas e nervosamente a madeira, seus olhos se mantinham fixos no final do lance da escada e, mais precisamente, no cotovelo que levava ao andar inferior. Mas as trevas eram ainda suficientemente densas para que se não pudessem distinguir vultos ou silhuetas.

Ao cabo de uns segundos, que a Sinuhe pareceram intermináveis, a pessoa, animal ou "fantasma"

prosseguiu em sua marcha, mas agora, passo a passo. Os golpes no lance de escada, que morria exatamente no pedaço em que Sinuhe lutava para encontrar a lanterna, fizeram-se definidos e angustiantes. Já não havia dúvida: aquele estrondo era provocado por "alguém" ou "alguma coisa" que estava a poucos metros dos arrependidíssimos "aventureiros" . . .

Meio paralisado pelo terror, de joelhos e com a vista empanada por um suor frio, lançou-se para o último degrau, maldizendo sua má estrela. A lanterna não aparecia e "aquilo" — seja lá o que fosse — continuava subindo, provocando-lhe tal arritmia cardíaca que esteve a ponto de desembocar em coisa pior.

As moças, mais sensatas, haviam retrocedido, perdendo-se atropeladamente no desvão escuro. Uma das velas, de chama já bruxuleante, acabara por estatelar-se nos degraus, iluminando frouxa e milagrosamente o recinto.

Finalmente, tal presente dos céus, Sinuhe deu com a lanterna e a agarrou como um possesso.

Procurou nervosamente o interruptor e, quando se dispunha a acioná-lo, fez-lhe o instinto que levantasse a cabeça. À sua frente, a cerca de um metro, distinguiu um vulto imenso.

Uma vaga de sangue se lhe precipitou das entranhas...

Em fração de segundo, pela mente de Sinuhe desfilou, ou melhor, “estalou”, um caótico tropel de possibilidades, cada qual mais ameaçadora. ..

Por Jesus Cristo!.. . Que era aquilo que tinha diante dos olhos?

O vulto, negro e imenso, parecia arquejar e oscilava levemente da esquerda para a direita. Por instantes aquela silhueta, com seu movimento rítmico, pareceu-lhe um gorila. Em meio aos calafrios o investigador levantou-se de um salto, esgrimindo a lanterna num gesto defensivo, incapaz de raciocinar friamente.

Deve ter sido aquele gesto — lanterna levantada — que afinal precipitou o desenlace daquela história angustiosa.

De repente, daquele vulto surgiu uma voz entrecortada:

— Tonto!... Mas sou eu!...

Atônito, Sinuhe baixou lentamente a lanterna e, trêmulo, mexeu no interruptor, projetando o feixe luminoso na parte superior do vulto.

Ante os olhos perturbados do repórter apareceu um rosto pálido e contraído pelo medo.

— Joana!

Quando escutaram aquele nome, as moças se aglomeraram na porta do ático, passando do terror para a risada meio histérica.

— Joana!... Mas é claro — balbuciou a recém-chegada —, quem diabo ia ser? Seus malnascidos, por que não me esperaram?

Sinuhe, boca aberta de surpresa, não acreditava ainda no que via.

— Mas — conseguiu articular finalmente — e esses estrondos?

— Estrondos? Mas que estrondos? — perguntou Joana.

A lanterna do estupefato detetive focalizou os pés de Joana e, ao compreender, foi ele quem caiu na gargalhada. Joana calçava uns enormes e velhos tamancos, trazidos anos atrás de sua querida terra das Astúrias.

Aqueles estampidos tinham sido provocados, em realidade, pela batida do calçado de madeira no soalho e nas escadas do casarão silencioso.

Sinuhe, abatido pela risada e por profundo sentimento de

ridículo, deixou-se cair nos degraus, reprovando-se com a cabeça;

— Não estou preparado, simplesmente não estou... Foram as amigas que o arrancaram daquele abatimento. Uma delas, já passado o susto, interrogou Joana sobre a misteriosa badalada.

— Sim, eu ouvi! Vocês são muito engraçados! Que susto me deram!

No mesmo instante Joana compreendeu que o silêncio com que foi acolhido seu comentário escondia qualquer coisa em que não havia reparado. .. até aquele momento. Foi, pois, com um fio de voz que perguntou:

— Ah, meu Deus!. .. Não foram vocês?! Como resposta, o silêncio eloqüente.

— Ah, Virgem Santíssima!. .. Quem foi então o patrício. ..

Joana nem chegou a acabar a frase. Sinuhe, recuperado, retomou a iniciativa, abandonou as escadas e enveredou compassos decididos pela mansarda escura. Nenhuma das companheiras chegou a notar o ricto de raiva que lhe ia endurecendo a expressão. Sinuhe era assim. Podia, do mais espantoso sentimento de ridículo e vergonha, saltar, em um piscar de olhos, para mal contida ira. Ira contra si mesmo, por

sua aparente fraqueza e temor. Aquele incidente, definitivamente, havia terminado por exasperá-lo.

"Isto tem de acabar" — repetia-se, enquanto caminhava para a pequena porta da torre —. "Este mistério absurdo já durou demais."

Até mesmo esquecendo as amigas, que lhe acompanhavam os passos de perto, saltou sobre os degraus, disposto a irromper pela sala onde jazia a antiga maquinaria do relógio.

Com presença de espírito pouco comum — consequência, sem dúvida, de sua momentânea e renascida coragem — Sinuhe empurrou violentamente a portinhola. As dobradiças rangeram e uma pestilência a graxa seca ou estragada escapou do tenebroso recinto.

Sem hesitações, galgou os últimos degraus, postando-se no umbral daquilo que, a julgar pela primeira e rápida exploração da lanterna, não era senão um mísero quartinho de quando muito dois ou três metros.

As moças acompanharam aqueles primeiros movimentos do amigo desde o pé das breves escadas, em um silêncio reverente.

Sinuhe, sem pronunciar palavra, permaneceu por alguns segundos no retângulo da porta, tentando identificar as

coisas que se viam no centro da cabina.

Sua obsessão, naqueles primeiros momentos, não era examinar a maquinaria do relógio, mas reconhecer e enfrentar — se necessário — a pessoa ou, mesmo, aquela criatura monstruosa que, segundo seus angustiados pensamentos, poderia ser a responsável pela badalada.

Seus olhos, ajudados pelo nervoso cone de luz, foram acostumando-se às trevas.

A primeira coisa que distinguiu foi uma sólida armação de um pouco mais de um metro de altura, com robustos pés de madeira.

Sobre ela descansava uma empoeirada máquina retangular, semeada de indecifrável labirinto de rodinhas dentadas, alavancas e contra-alavancas, todas elas imóveis e lambuzadas com uma graxa tão azeviche como malcheirosa. Era a maquinaria, efetivamente adormecida, do misterioso relógio da Câmara Municipal de Sotillo.

O lugar estava aparentemente deserto. Sinuhe, um pouco mais confiante, procurou com a lanterna o fio metálico que, necessariamente, devia pôr em comunicação aquele vetusto mostrengo com o martelo situado na torre exterior.

Descobriu-a logo. Saía do extremo direito da maquinaria, subindo até o teto e atravessando-o por um orifício feito ali

para isso.

"Puxando-se aquele fio para baixo" — deduziu Sinuhe — "o dispositivo exterior levantará o martelo, fazendo com que ele caia e golpeie, assim, a superfície do sino..."

Decidido a experimentar ele próprio a lógica teoria, avançou um passo, quase colando-se à maquinaria.

Passou a lanterna para a mão esquerda e, quando estava a ponto de agarrar a corda metálica e comprovar sua hipótese sobre o funcionamento do sino e a quantidade de força necessária para levantar o martelo, acreditou ver "algo" estranho à sua esquerda. Foi uma imagem meio esfumada, fugazmente captada pelo rabo do olho; isso sacudiu-lhe mortalmente a coragem recuperada havia pouco.

Por longos segundos ficou com o braço direito no ar, incapaz de reagir.

Lenta, lentamente, foi girando a cabeça para a esquerda, procurando aquilo que acreditava ter entrevisto.

Ao olhar para a frente, a pele do investigador se arrepiou e tremeram-lhe as pernas.

Naquele muro esquerdo da torre, colada ao vidro da única janelinha ali existente, estava a volumosa cabeça de um ser

que parecia olhá-lo fixamente.

Com os cabelos da nuca eriçados pelo terror, esforçou-se por gritar avisando as companheiras. Mas o medo o estrangulava; só conseguiu tartamudear.

O luar, caindo obliquamente sobre aquele crânio enorme, contribuía — e não pouco — para realçar sua monstruosidade. Dois pontos negros — parecendo vazios e que Sinuhe associou a olhos — estavam espetados nele. Os calafrios se sucediam, agora em ritmo frenético.

Em meio àqueles segundos angustiantes, o nosso homem esgrimiou todos os seus recursos, mas não conseguiria senão direcionar a lanterna para a janelinha. Um décimo de segundo: ao projetar o jorro de luz na vidraça, e na horrível cara do lado externo, Sinuhe descobriu que o feixe luminoso atravessava materialmente aquela cabeça, chegando a iluminar os galhos das árvores situadas imediatamente atrás e a pequena distância da torre.

E antes que ele reagisse, a criatura desapareceu. E o fez tal qual aquele outro "ser" que o detetive vira esfumar-se no bosquezinho. Esse tempo infinitesimal, entretanto, foi suficiente para que o perturbado jornalista pudesse detectar um par de detalhes que lhe pareceram "familiares": aquela criatura carecia de nariz e de boca e, como observara em seu

primeiro encontro na clareira, dava a sensação de transparência!

Quando comprovou que aquele ser repulsivo já não se achava à janela, num derradeiro e repentino arranque (Sinuhe jamais entendeu como e de onde pôde sacar aquele último rasgo de valentia) precipitou-se para a vidraça, aferrando-se com todas as forças ao trinco do postigo. Fê-lo girar, empurrou-o bruscamente, escancarando a janela.

Em um de seus inexplicáveis impulsos, Sinuhe atreveu-se a botar para fora a cabeça e parte do tronco, investigando, pela abertura estreita, o esconderijo da criatura. Com mão trêmula focalizou o telhadinho construído ao pé da janelinha e também os galhos e os muros vizinhos. Mas estava tudo deserto. Nenhum rastro do estranho ser. Ao levantar para o céu o olhar interrogador, as estrelas refletiram o medo dele com ininterruptos pestanejos brancos e azuis que, naquele momento, pareceram a Sinuhe tão mordazes quanto extemporâneos. ...

— Que é que está acontecendo?

Ao ouvir as companheiras, desistiu da busca inútil e, fechando a janela, conservou-se silencioso, tentando acalmar-se e pôr em ordem seus pensamentos em tropel.

Foram precisos mais de dez minutos para que recobrasse seu

ritmo cardíaco normal. E, enquanto as senhoras passeavam as velas pelo recinto e pela maquinaria do relógio, vasculhando tudo, recostou-se à parede correspondente à janela.

Pouco a pouco, em sua mente, além da imagem do rosto sem rosto da criatura, uma idéia se ia gravando a fogo:

"Aquele ser" — o mesmo talvez que ele vira no bosque — "tinha de ter sido o responsável por aquela badalada solitária... Mas como? E, sobretudo, por quê?"

Sinuhe nem suspeitava, então, que as brumas não tardariam a dissipar-se-lhe do cérebro...

— Que aconteceu? — repetiu uma das amigas, aproximando-se de um Sinuhe muito pálido.

Ele, porém, prudentemente, preferiu não revelar o que vira. Deixando a parede, juntou-se ao grupo, fazendo grande esforço para aparentar serenidade.

— Por aqui não há ninguém — opinou uma das expedicionárias, insinuando, sem pausa, que talvez o toque do sino tenha sido por pura casualidade.

Sinuhe, sem despregar os lábios, enfrentou a corda metálica pela segunda vez, e puxou-a com força. Tal como supusera,

esse puxão levantou o martelo de ferro, que tirou do sino, como o golpe, uma vibração solene.

As moças, surpresas primeiro e divertidas depois, imitaram-no, repetindo as badaladas.

"Do que já não há dúvida alguma" — meditou o repórter — "é de que, para fazer soar o sino, é preciso levantar o martelo e deixá-lo cair. Mas isso, já que a maquinaria do relógio encontra-se evidentemente paralisada, só se pode levar a efeito do interior da cabina onde estamos, ou no exterior, na torre metálica.. ."

A aparente paz, que reinava na torre, estimulou a confiança das moças, que chegaram até mesmo a abrir a janelinha e por ela sondar a escuridão de lá de fora. Nesse momento, quando Sinuhe escutou o gemido agudo da janela, sentiu um novo sobressalto. Mas o comportamento tranqüilo das amigas tornou evidente que a misteriosa criatura desaparecera. .. ao menos por enquanto.. . Um tanto mais confortado, dedicou-se à leitura e meticoloso exame das placas apostas à maquinaria do relógio. Numa delas, lia-se: "Gregorio Revuelto BENITO. 8-setembro-1907". Na segunda, Sinuhe distinguiu apenas três palavras: "MOISÉS DÍEZ.

PALENCIA".

O primeiro nome, segundo lhe adiantara o prefeito em uma

de suas inúmeras entrevistas, correspondia a um magnânimo habitante de Sotillo, doador do relógio em 1907. Quanto ao segundo, Sinuhe concluiu tratar-se do relojoeiro e construtor da complexa maquinaria. E, sem conceder maior importância à essas duas inscrições, passou a explorar a parte baixa da estrutura de madeira sobre que descansava o pesado mostrengo de relojoaria.

Pôs-se de cócoras, inspecionando com seu feixe luminoso os enebados suportes de madeira da armação.

Mas, ao iniciar essa investigação, os olhos de Sinuhe agarraram "algo" insólito.

A luz da lanterna enfocava um disco de ferro de uns vinte e cinco centímetros de diâmetro. A peça pendia de uma haste igualmente metálica; era o pêndulo do relógio.

Sinuhe não percebeu logo, devido à espessa camada de pó que cobria o disco e a gravação inscrita nele.

Ele não saberia apontar qual de suas amigas teve a feliz idéia de inclinar-se como ele entre os suportes da armação e, ajudada por uma vela, encetar uma primeira limpeza do alto-relevo que adornava o disco do pêndulo. Talvez fosse Joana... Mas isso, na realidade, pouco importava. A verdade é que, ao livrar do pó a face do disco, Sinuhe ficou atônito.

Duvidando da imagem focalizada pela lanterna, fechou os olhos por três ou quatro segundos. Ao abri-los, a desconcertante realidade daquele alto-relevo continuava ali, oscilando levemente ainda, ao impulso da improvisada limpeza.

No mesmo instante, o membro da Escola da Sabedoria reconheceu, ou acreditou reconhecer, a forma ondulante de uma serpente enroscada entre dois círculos: o da esquerda, sensivelmente maior que o da direita.

"Jesus Cristo!.. . Como é possível?..."

Com o pulso novamente acelerado, Sinuhe tornou a examinar a gravação.

Sim, não havia dúvida: aquele era o emblema da Loja secreta a que ele pertencia: uma serpente enroscada entre dois "olhos".

"Como pode ser?... Aqui? Em uma aldeia perdida? E precisamente no lugar das 66 badaladas... e da filha da raça azul?"

Na verdade, aquela surpreendente descoberta afetou a Sinuhe de maneira mais sutil e duradoura que as anteriores. Era como se mão e inteligências superiores tivessem preparado aquela cadeia de incríveis e comovedoras

"causalidades", muito antes, mesmo, que eles nascessem..
Senão, como explicar a presença, ali, daquele disco fabricado em 1907 ou antes, com a insígnia da Ordem?

Mas a noite estava fértil em surpresas. Ao desviar a luz à esquerda e à direita do emblema, Sinuhe levou o susto final.

Perfeitamente nítidas e em maiúsculas, pôde ler duas letras que fizeram transbordar seu caos mental:

"RA".

Tornou a fechar os olhos e, ao abri-los, leu outra vez:

"Sim. . . 'RA' ", repetiu mentalmente, presa ao mesmo tempo de alegria, comoção e cansaço. Foram demasiadas e intensas emoções e aquela — que Sinuhe acreditava ser a última — ultrapassara suas próprias e minadas limitações mentais.

" 'RA'? Mas não entendo. . . "

Aquele disco negro tinha gravado, também em alto-relevo e desde há mais de 77 anos, o nome do astro

"intruso" que se aproximava da Terra, e- do qual partira a mensagem sobre as "66 badaladas", "a filha da raça azul" e "o julgamento de Lúcifer" . . .

Com a razão praticamente bloqueada, Sinuhe deixou-se ficar

por longo momento a olhar fixamente aquelas letras que não esperava. Parecia hipnotizado.

"Deus meu! Como é possível? . . . ;"

Ao final, em uma última e absurda tentativa de ratificar o que tinha a dois palmos do nariz, pediu às suas companheiras que lessem o que aparecia no pêndulo. E as moças — todas — foram repetindo o que Sinuhe já sabia:

"RA" . . .

Algumas o interrogaram sobre a enigmática inscrição. Mas ele não respondeu.

Pouco depois, quando a comitiva atravessava a praça da Lastra rumo à Casa Azul, o investigador deteve-se junto à murmurante água da fonte e, buscando com a alma aquele firmamento incomensurável, lembrou-se de um fato de que se havia esquecido durante a acidentada visita ao velho casarão municipal: no último momento, os céus escutaram a prece que formulara na serra. É que, sem dúvida, o "sinal" solicitado chegara, junto com aquelas duas letras significativas e familiares:

"RA".

Sinuhe foi o último a acomodar-se no salão acolhedor da

Casa Azul. O coração lhe batia ainda com dificuldade; procurou manter-se à margem das inevitáveis perguntas e da hilaridade geral, quando Joana e as outras expuseram a seqüência de "estrandos" e o cômico desenlace.

Definitivamente, excetuando o achado das letras "R" e "A" no pêndulo do relógio, as valentes companheiras de Sinuhe não puderam reportar muitos detalhes interessantes da convulsiva "aventura". O

toque solitário não sofreu mais que algum fugaz comentário, mas foi prontamente relegado diante do insólito lance dos tamancos asturianos. Somente Glória captou a transcendência do enigmático alto-relevo no disco de ferro. Ao ouvir o nome de "RA", empalideceu, cruzando com Sinuhe um olhar inquietante e inquisidor.

Mas o amigo limitou-se a responder-lhe com um sorriso não menos significativo. Não era oportuno o momento para falar-lhe da descoberta na torre do casarão; a filha da raça azul soube compreendê-lo.

Já avançada a madrugada, e vencendo a resistência de alguns dos convivas, Sinuhe retirava-se para repousar.

Naquela noite, assim como nas seguintes, o membro da Escola da Sabedoria viu-se assaltado por uma maré de pesadelos, diretamente relacionados com a visita ao interior

da Câmara Municipal, com o nome de

"RA" e, muito especialmente, com aquela criaturazinha que tivera a chance de ver no pequeno bosque e na janelinha da cabina.

Oprimido e cansado, Sinuhe deixou passar o aniversário de Glória. E só quando o último convidado disse adeus à senhora da Casa Azul, decidiu-se a expor-lhe o que vira no velho casarão. Uma parte. Omitiu novamente o encontro com o ser que parecia espiá-lo do lado de fora, mas entretendo-se em torno da teoria cada vez mais firme de que as 66 badaladas e aquela que se dera à meia-noite de segunda-feira, 16, tinham de ter sido causadas por "alguém" pouco comum. . Mas o que verdadeiramente conturbou o espírito da filha da raça azul foi o inesperado achado de "RA", no relógio. Dessa vez Sinuhe não eludiu a resposta.

Simplesmente, não sabia qual. A única pista — tentou demonstrar a Glória — estaria em uma das placas parafusadas à maquinaria: "MOISÉS DIEZ". Quem era esse sujeito? Se tivesse sido o relojoeiro que desenhou e montou o relógio, por que teria incluído no pêndulo o selo secreto da Ordem da Sabedoria?

Pertenceria à Loja? E, mais que nada, por que teria incluído o nome de "RA"?

O investigador se dispunha, é claro, a aclarar essas novas incógnitas.. .

Antes, porém, era mister completar a instrução da filha da raça azul. Uma pergunta ficara pairando no ar

— "que era a raça azul?" — e Sinuhe atacou aquela última fase da exposição com brios renovados.

Sinuhe consultou seus documentos e hesitou. Devia falar a Glória sobre a origem da nebulosa de Andronover que foi, por sua vez, o "berço" de IURANCHA?

Se se estendesse por esse capítulo apaixonante da "Quinta Revelação", o objetivo primordial desta última fase informativa poderia atrasar-se. Assim, pois, mais uma vez deixou-se arrastar pela intuição.

— Antes de começar a relatar-lhe tudo o que sei sobre a raça azul, quisera fazer alguns breves esclarecimentos sobre como se formou nosso mundo.

Então mostrou a Glória o volumoso maço de laudas em que se detalhavam tais questões, dando a entender que se via obrigado a mutilá-las a favor desse fim prioritário. Glória, tal como ele imaginara, não parecia conformar-se muito com essa decisão. Mas, sabiamente, deixou que o companheiro fizesse como queria.

— ... Segundo reza este pedaço da "Quinta Revelação", a presente informação foi proporcionada aos humanos por um "Portador de Vida", quer dizer, por uma dessas criaturas celestes de que já a informei, membro, ainda, do chamado "Corpo Original de IURANCHA" e, atualmente, "observador residente" em nosso planeta.

"Pois bem, em essência, IURANCHA tem sua origem em nosso Sol. E o Sol, por sua vez, "é um dos múltiplos produtos da nebulosa de Andronover que foi, outrora, como parte constituinte do poder material e da matéria física do universo local de Nebadon..."

De explicação em explicação, Sinuhe foi citando textualmente algumas das passagens que lhe pareceram mais importantes.

— E essa grande nebulosa originou-se da carga de força universal do espaço no superuniverso de

Orvonton. O nosso, como você sabe. Em época remota, os chamados "Mestres Organizadores de Força Primária do Paraíso" possuíam já o controle completo das energias espaciais que foram organizadas mais tarde sob a forma da referida nebulosa de Andronover. E diz a "Quinta Revelação":

"Há 987 000 milhões de anos, o "Organizador de Força Associado" (que então era o "inspetor-adjunto"

da série de Orvonton) viajou para fora de Uversa (capital do nosso superuniverso), prestando contas aos Anciãos dos Dias que as condições do espaço apresentavam-se favoráveis para inaugurar fenômenos de materialização em certo setor do segmento, então oriental, de Orvonton.

"E, de acordo com estes documentos, foi registrada, há 900 000 milhões de anos, nos arquivos de Uversa, uma autorização, expedida por seu Conselho de Equilíbrio, expedida ao governo do superuniverso, que permitiria o envio de um "Organizador de Força" com o seu pessoal para a região designada pelo inspetor 811 307.

"As autoridades de Orvonton encarregaram, ao primeiro explorador desse universo potencial, a execução da ordem dos Anciãos dos Dias pela qual devia iniciar-se a organização de uma nova criação material. Após longa viagem, faz 875 000 milhões de anos, o Organizador de Forças e seu séquito empreenderam a formação daquela que seria a gigantesca nebulosa de Andronover, registrada nos arquivos do superuniverso com o número 876 926. E aqueles seres celestes desencadearam um torvelinho de energia, que desembocaria nesse vasto ciclo espacial.

"Logo em seguida, uma vez em marcha essas rotações

nebulosas, — continuou lendo Sinuhe — os Organizadores de Força Vivente retiraram-se perpendicularmente ao plano do imenso disco em rotação. E a partir daí, as qualidades inerentes à energia garantiram a evolução progressiva e ordenada do novo sistema físico. E a nova criação caiu sob o controle das personalidades do superuniverso.

"Em suma — concluiu —, era o verdadeiro nascimento de nossa História.

Sinuhe perguntou então à filha da raça azul se desejava conhecer também o que a "Quinta Revelação"

qualifica de "estados nebulares" de Andronover ou se, ao contrário, preferia que se pulasse aquele capítulo.

Glória, sempre sedenta de conhecimento, pediu-lhe, quase exigindo, que se aprofundasse mais no relato daquelas críticas e ignoradas épocas da "pré-história" de Andronover.

— Diz esta documentação secreta — reatou a leitura, aceitando com prazer a saudável curiosidade da companheira —, todas as criações materiais evolucionárias nascem de nebulosas gasosas e circulares. E

todas essas nebulosas primárias são circulares durante a primeira fase de sua existência gasosa. À medida que

envelhecem transformam-se, geralmente, em espirais e, quando sua função geradora de sóis terminou, tomam a forma única de cúmulos ou aglomerados estelares, rodeados de número variável de planetas, satélites e outras formações materiais inferiores. Qualquer coisa muito semelhante ao nosso sistema solar.

Mas, prossigamos com esse curioso cômputo: há 800 000 milhões de anos a criação havia tomado forma, e Andronover aparecia como uma das mais belas nebulosas do superuniverso de Orvonton.

"Há 700 000 milhões de anos, Andronover alcançou dimensões tão gigantescas que muitos Controladores Físicos Suplementares foram enviados a nove criações materiais vizinhas, com o objetivo de proporcionar apoio e concurso aos centros de poder do novo sistema material de evolução tão rápida.

Naquela época longínqua, Andronover assemelhava-se a uma imensa roda espacial. Quando alcançou seu diâmetro máximo, as matérias que a conformavam iniciaram um processo progressivo de condensação e contração e o giro da "roda" se foi tornando cada vez mais rápido.

"Há 600 000 milhões de anos, Andronover, com um máximo de massa, era uma incomensurável nuvem de gás em forma

de esférico aplanado. A gravidade e outros fatores iniciaram a conversão dos gases em matéria "organizada". A nebulosa entrou, então, no chamado "estágio nebuloso secundário". Foi adquirindo a forma de espiral, e os astrônomos de outros universos começaram a percebê-la. Vocês, em IURANCHA chamam a essa fase de "fenômenos espirais".

"E quando Andronover havia alcançado sua massa máxima, o controle de gravidade do conteúdo de gases começou a debilitar-se, a que se seguiu uma etapa de fuga de gases. Brotando em dois braços gigantes e diferenciados que arrancavam de dois lados opostos da massa mater, esses gases fugiram. A veloz rotação do enorme núcleo central deu a seguir um aspecto de espiral a essas duas correntes de gases. O

resfriamento e a condensação posteriores de determinados lances de ambos os braços acabou por dar-lhes uma forma "nodosa". Essas porções mais densas eram, em realidade, vastos sistemas e subsistemas de matéria física aglomerada no espaço, envolta na nuvem gasosa da nebulosa.

"Mas Andronover começara a contrair-se e o aumento da velocidade de rotação reduziu ainda mais o controle da gravidade. E as regiões gasosas exteriores começaram a escapar da influência do núcleo nebuloso, saltando para o

espaço e seguindo circuitos irregulares para regressar às regiões centrais, voltar novamente ao exterior e assim sucessivamente. Esta, entretanto, foi apenas uma fase temporal. A crescente velocidade do redemoinho acabaria depressa por derramar pelo espaço enormes sóis, que seguiriam circuitos independentes. Era o princípio da "grande deslocação".

"Há 500 000 milhões de anos nasceu, finalmente, o primeiro sol propriamente dito. Esse "raio"

chamejante escapou à influência da "mãe", voando para uma aventura "pessoal". E sua órbita ficou determinada pelo rastro de sua própria fuga. Os jovens sóis desse tipo transformam-se rapidamente em esféricos, passando por diversos períodos evolutivos e de serviço universal. Em Orvonton, no nosso superuniverso, a maioria dos sóis nasceu e nasce de maneira semelhante.

"Há 400 000 milhões de anos, Andronover entrou em seu período de "recaptação". Quer dizer, muitos pequenos sóis vizinhos foram novamente absorvidos em consequência do progressivo incremento da condensação do núcleo central da nebulosa. Dentro de pouco, deu-se o começo da fase inicial de condensação nebular que precede, sempre, o fracionamento último desses imensos agregados espaciais de energia e matéria. ...

Sinuhe distraiu a vista do documento e observou Glória. Apesar da terminologia, ela continuava atenta.

E, tal como ele esperava, ao encetar a leitura da passagem seguinte, a filha da raça azul estremeceu. . .

— Um milhão de anos depois (recorde-se que falávamos de 400 000 milhões de anos atrás) um dos Filhos Criadores do Paraíso elegeria esta nebulosa em desintegração para cenário de uma prodigiosa aventura pessoal: a construção de um universo local de que chegaria a ser Soberano.

"Como você já terá adivinhado, esse Filho Criador era o nosso Micael. O chamado Jesus de Nazaré durante sua sétima e

última "encarnação" ou efusão em seu universo local de Nebadon ou, mais concretamente, na Terra ou IURANCHA.

"E quase imediatamente encetou a criação dos mundos ou esferas "arquiteturais" ou artificiais de que já lhe falei, bem como a preparação do planeta-capital, daquele que brevemente seria Nebadon, e dos correspondentes grupos planetários, sedes de cem constelações. . .

Glória interrompeu-o, intrigada:

— Qual é essa esfera ou planeta-capital de nosso universo

local?

— Salvington. É a residência permanente do Soberano Supremo de Nebadon.

— Nesse caso, Jesus ou Micael vive ali.. . — disse, incrédula.

— É o que afirma a "Quinta Revelação" — respondeu, compartilhando com ela o ceticismo.

— É engraçado! Se isso estiver correto, Jesus (perdão, Micael) não está no Paraíso ou no Céu, como dizem..

— São conceitos ambíguos, que poderíamos considerar válidos. Em realidade, atendo-nos estritamente ao escrito, Salvington é a "residência" desse Filho Criador. Suponho, porém, isso não lhe impede visitar a Ilha Eterna do Paraíso.

Sinuhe aguardou algum novo comentário ou pergunta; mas, como nada viesse, continuou:

— E diz a "Quinta Revelação" que foi necessário quase um milhão de anos para completar a criação e organização desses grupos de mundos artificiais de Nebadon. Os planetas capitais dos sistemas locais correspondentes foram construídos em um lapso de tempo que se estende desde aquela época, até uns 5 000

milhões de anos antes da Era Cristã de IURANCHA.

"Há 300 000 milhões de anos, as órbitas solares de Andronover achavam-se bem definidas e o sistema nebular vivia um período de relativa estabilidade física. Por aquele tempo, o Estado Maior de Micael tomou posse de Salvington e o governo de Uversa, capital do superuniverso de Orvonton, reconheceu oficialmente a existência física do novo universo local. Nascia nosso Nebadon. . .

"Há 200 000 milhões de anos, a contração e a condensação de Andronover se incrementaram, gerando imensas vagas de calor a partir do núcleo central, afetando ainda regiões vizinhas da "roda-mater". As imensas áreas exteriores já eram mais estáveis e alguns planetas haviam começado a girar à volta de sóis, alcançando um resfriamento progressivo, que os tornou aptos para a "semeadura" da Vida. Os mais velhos planetas de Nebadon datam exatamente dessa época: 200 000 milhões de anos. O mecanismo completo desse universo local começava, assim, seu funcionamento, e a maravilhosa criação de Micael foi registrada em Uversa, sede capital do superuniverso, como um "novo universo habitável e de ascensão humana progressiva". Era o que, com nossas pobres palavras, poderíamos chamar "nosso particular princípio dos tempos".

..

Sinuhe, à margem de suas dúvidas, pronunciou as últimas frases com velada emoção.

— O princípio dos tempos. . . — sussurrou Glória —. Um princípio em que já existíamos... Ao menos na mente desse Filho Criador. . .

Sinuhe foi compreendendo que aquela aparentemente árida exposição de dados, datas e complexos processos do "nascimento" e evolução de Andronover tinha também sua importância. Descobrir e entender que Micael era o Criador de um universo local, mas não de toda a Criação, poderia ferir e causar estranheza; porém, no fundo, uma cabeça aberta e racional como a de Glória acabaria por aceitar a perfeição do "grande responsável" e maravilhar-se ante ela: essa perfeição, o Pai Universal. Deus raras vezes atua diretamente.

Seus "intermediários" são os que participam dos planos divinos e com eles colaboram. E este, a criação de Nebadon, era outro exemplo sublime. Assim o entendia Sinuhe e, por isso, animou-se a aventurar-se um pouco mais nos tempos primigênicos da história de IURANCHA.

— E faz 100 000 milhões de anos, a tensão de condensação em Andronover alcançou seu apogeu. A tensão calorífica chegou ao seu zênite. Porém, mais cedo ou mais tarde, a

batalha entre o calor e a gravidade se resolve sempre em benefício do calor. E desencadeou-se uma espetacular dispersão de sóis.

Sinuhe fez parênteses, resumindo os primeiros estágios nebulosos :

— O primeiro, como já citei, é circular. O secundário toma forma de aspirai e o terceiro provoca essa fuga ou dispersão de sóis. Quanto ao estágio quaternário, a nebulosa tenta uma segunda "fuga" de massas solares. No fundo é o final da massa central ou "mater", que acaba com uma acumulação globular ou como um velho e solitário sol. . .

"Há 75 000 milhões de anos, Andronover achava-se no período terciário. Foi o ponto culminante da primeira dispersão solar. A partir de então, esses sóis quase todos formaram seus respectivos cortejos planetários, "agarrando" em suas órbitas um não acabar de cometas, satélites, ilhas escuras, meteoros e nuvens de pó cósmico.

"Esse primeiro período de fuga de sóis em Andronover terminou há 50 000 milhões de anos. Então já se haviam formado 876 926 sistemas solares. É o que consta, pelo menos, da "Quinta Revelação".

"O epílogo desse estágio terciário ocorreu há 25 000 milhões de anos. Mas os fenômenos de contração física e de

crescente produção de calor não haviam terminado no interior do coração de Andronover. E, há 10

000 milhões de anos o quarto ciclo começava. A temperatura da massa nuclear experimentou sua quota máxima e o núcleo original da nebulosa passou a sofrer fortes convulsões sob a pressão da condensação do seu próprio calor interno e a atração gravitacional cíclica e progressiva do enxame de sistemas solares, liberados. Estava na iminência de produzir-se a grande cadeia de erupções nucleares que inaugurariam essa segunda e definitiva "fuga" de massas solares e, com isso, o período quaternário de Andronover.

"E há 8 000 milhões de anos explodiu a nossa nebulosa. Foi uma assustadora erupção final. Só os sistemas solares exteriores salvaram-se dessa magna perturbação cósmica. Era o fim do "berço" do nosso universo local. Isso que os astrônomos de IURANCHA chamaram o "big-bang" ou grande explosão primigênia, que teria dado lugar ao nascimento do universo. Eles têm razão, em parte. Na realidade, como você vê, não se tratava da origem ou nascimento do universo, mas de um gigantesco porém simples universo local. ..

"Por causa desse estalo (como se se tratasse de um último e múltiplo parto) a nebulosa "pariu" centenas de milhares de novos sóis. E, entre eles, o nosso, que nos ilumina ainda.

Essa expulsão final de sóis, antes da agonia definitiva de Andronover, prolongou-se por quase 2 000 milhões de anos.

— Quando nasceu o nosso Sol?

Sinuhe esperava a pergunta. Sorrindo, procurou entre os documentos.

— A "Quinta Revelação" fixa esse momento justamente com a morte da nebulosa: há uns 6 000 milhões de anos. Nos arquivos celestes, nosso Sol figura com o número 56 antes da aparição do último sol dessa segunda geração ou família de estrelas fugidas de Andronover. E se diz que essa erupção última do núcleo nebular engendrou 136 702 sóis ou estrelas, a maior parte globos solitários. No total, portanto, a nebulosa de Andronover "deu à luz" 1 013 628 sistemas solares. O nosso, chamado Monmacia, figura com o número 1

013 572. Fomos, em conclusão, um dos últimos. Assim como os "benjamins" de Neadon...

— Quer dizer que, se foi assim, nós, os humanos de IURANCHA, somos na verdade uns "bebês" dentro da grande família cósmica de Andronover.. .

— Com efeito, uns "bebês"! — concluiu seu companheiro. Glória, sem saber por quê, começava a experimentar uma

singular mistura de amor e de tristeza por aquela "mãe", capaz de autoaniquilar-se contanto que seus "filhos" pudessem viver. Então, perguntou por Nebadon, a "mãe nebulosa".

— Morreu. Mas — prosseguiu ele com seriedade — continua vivendo, em seus milhares de sóis e sistemas planetários. E conta esta história celeste que o último rescaldo dessa magnífica nebulosa continua aceso no coração de Nebadon, aquecendo com sua luz avermelhada uma humilde família de 165 planetas que giram em torno da venerável "velha-mãe", origem de duas poderosas gerações de "monarcas de luz".

Glória animou o amigo a que lhe falasse de Monmacia. As perguntas se atropelavam umas às outras em seu coração...

— Como nasceu o nosso Sol? Quando e como o fez IURANCHA? Quem ou quais foram os responsáveis pelo surgimento da Vida em nosso mundo?.. .

Sem querer, a filha da raça azul começava a aproximar-se à quase esquecida pergunta inicial: que era a raça azul?

— Há 5 000 milhões de anos — retomou Sinuhe — nosso Sol era um globo incandescente, relativamente solitário, que foi recolhendo a seu redor resíduos da recente comoção cósmica da qual, precisamente, nascera. Hoje, é um astro

praticamente estável. As manchas solares que surgem, cada onze meses e meio, lembram-nos que, em sua juventude, o Sol que dá nome a Monmacia foi uma estrela inquieta e variável. Em suas primeiras fases de vida a contínua contração e a elevação gradual de sua temperatura provocaram-lhe imensas convulsões na superfície. Convulsões e ciclos que duravam três dias e meio. Essas pulsações periódicas contribuíram decisivamente para que o nosso Sol se visse afetado por determinadas influências exteriores, que para sempre o marcariam. ..

"Em resumo, nosso Sol estava preparado para colaborar com a aparição disso que hoje conhecemos como sistema solar. Monmacia ia nascer. Mas o grupo de mundos que giram hoje ao seu redor não teve nascimento comum e corrente. A "Quinta Revelação" afirma que menos de um por cento dos sistemas planetários do superuniverso de Orvonton tiveram origem igual à nossa.

— Nisso, também, somos diferentes? Sinuhe assentiu com certo ar de satisfação.

— Conta-se aqui que, há 4 000 milhões de anos, um enorme sistema chamado Angona, começou a aproximar-se do nosso solitário Sol. O "coração" desse grande sistema era um gigante do espaço, escuro, sólido, poderosamente carregado e com poderosa força de atração gravitacional. À

medida que Angona viajava em direção ao nosso Sol, suas pulsações solares iam derramando torrentes de matéria gasosa, que eram projetadas no espaço como línguas gigantes. Esses jorros solares iam finalmente cair de novo sobre o colosso de Angona. Entretanto, à medida que se ia aproximando, as cataratas de gás incandescente se foram quebrando, e só as raízes retornavam ao corpo do visitante. Imensas áreas exteriores das línguas se desprenderam para formar corpos materiais independentes; quer dizer, meteoritos solares que passaram a girar ao redor do Sol, seguindo órbitas elípticas próprias.

"Tal situação se prolongou pelo espaço de 500 000 anos, aproximadamente. Quando Angona alcançou a posição mais próxima ao nosso Sol, e coincidindo com uma das convulsões internas periódicas dele, aquela série de fenômenos conduziria a uma deslocação da massa solar do astro que hoje nos ilumina. Dois enormes volumes de matéria escaparam do nosso Sol. Cada qual nas antípodas. Uma dessas formidáveis línguas (a que se achava mais perto do sistema intruso) foi atraída por Angona, separando-se definitivamente da massa solar. As duas extremidades dessas colunas de gases eram afiladas e o centro, muito inflado. Depois, a língua evoluiu, formando os doze planetas de Monmacia.

"Quanto ao gás ejetado pelo lado oposto, terminaria por

condensar-se, dando lugar aos meteoros e à poeira espacial do sistema solar. Apesar disso, e à medida que Angona ia distanciando-se rumo às profundidades siderais, nosso Sol acabou recapturando boa parte dessa matéria.

"Angona, em conclusão, não passara suficientemente perto para roubar um mínimo de matéria solar.

Entretanto, seu vôo providencial pelas cercanias do Sol solitário permitiu atrair para o espaço intermediário toda a matéria que hoje compõe o sistema planetário. Os cinco planetas interiores nasceram dos núcleos, em vias de resfriamento e condensação, das referidas e afiladas extremidades da língua de gás, que Angona conseguira levantar no Sol. Saturno e Júpiter, em compensação, formaram-se a partir das porções centrais e mais volumosas. A poderosa atração gravitacional desses dois planetas gigantes não demorou a capturar a maior parte dos materiais desprendidos do sistema intruso, como o testemunha o movimento retrógrado de alguns de seus satélites.

"Júpiter e Saturno, por terem saído da zona central e superaquecida da língua, continham verdadeiros materiais solares, que brilhavam com luz ofuscadora, derramando enormes quantidades de calor. Foram, por um tempo, sóis secundários. E continuam sendo praticamente gasosos, pois não conquistaram o resfriamento definitivo e a solidificação.

"No que tange aos dez planetas restantes, a solidificação foi rápida, iniciando um processo de atração de enormes e crescentes quantidades de matéria meteórica que circulava no espaço próximo.

— A Terra, portanto, como os demais planetas frios, tem dupla origem. . .

— É verdade: primeiro, como núcleo de fixação gasosa e, finalmente, como "lixeiro" de matéria meteórica. Lembre-se de que os planetas não giram ao redor do Sol no plano equatorial.' Assim teria acontecido se os planetas se tivessem desprendido como consequência da força centrífuga. Giram, isso sim, no plano da protuberância solar que provocou Angona. . . Um plano que forma um ângulo acentuado como o do equador solar.

"Pouco depois do derramamento dessa massa ancestral que deu lugar ao nascimento de Monmacia, e enquanto Angona se encontrava ainda nas proximidades do Sol, três planetas maiores do sistema de Angona passaram muito perto de Júpiter. Sua atração gravitacional, incrementada pela do Sol, foi suficiente para arrancá-los do domínio gravitacional do intruso. Originariamente, todos os materiais que formavam nosso sistema solar circulavam em órbitas de direção homogênea. E, não fora pela captura desses três mundos estranhos, todo esse cortejo planetário teria mantido sempre

a mesma direção em seus movimentos orbitais.

Porém, o impacto dos três tributários de Angona provocou no jovem sistema solar de Monmacia, novas direções, aparecendo os chamados "movimentos retrógrados".

"Mas permita-me que, antes de prosseguir com essas revelações (todas elas ignoradas ainda por nossos astrônomos), eu leia para você o que poderíamos qualificar de "profecia fatídica"...

Sinuhe tranqüilizou Glória.

— Não se alarme. Tal "profecia" (se é que podemos dar-lhe esse nome) não é para o século XX.

Tampouco para um futuro imediato. Mas vamos a ela. . .

"Reza a "Quinta Revelação" que, na Era da formação dos planetas do nosso sistema, os mais próximos ao Sol foram os que primeiro sentiram a desaceleração da sua velocidade de rotação, conseqüência dos atritos cíclicos. Essas influências gravitacionais contribuíram também para estabilizar as órbitas planetárias, reduzindo esse ritmo de rotação dos mundos sobre si mesmos. Eis porque os planetas giram cada vez mais devagar, até que se detenha a sua rotação axial. O que faz, sem mais nem menos, que um dos hemisférios do planeta em questão fique permanentemente de frente para o

Sol, como acontece com Mercúrio ou com a Lua com respeito a IURANCHA. Apresentam sempre a mesma face.

"Pois bem; quando os atritos cíclicos da Lua e os do nosso planeta se virem iguallados, a Terra apresentará o mesmo hemisfério ao nosso satélite natural. O dia lunar equivalerá então ao mês lunar, com a duração aproximada de 47 dias terrestres.

"No momento em que se alcance esse equilíbrio em ambas as órbitas, as fricções cíclicas atuarão em sentido inverso: a Terra atrairá progressivamente a Lua. . .

A filha da raça azul fez um trejeito, expressando alarma:

— Então a Lua pode estatelar-se contra a Terra?

— Segundo isto — e Sinuhe apontou para a documentação que manuseava —, não. Em futuro remoto, nosso satélite se aproximará de IURANCHA até uns 18 000 quilômetros. Hoje, como você sabe, encontra-se muito além: a distância máxima da Lua à Terra é de 384 400 quilômetros, aproximadamente. Mas a força gravitacional de IURANCHA provocará a deslocação da Lua.

— Que significa isso?

— Que nosso satélite natural explodirá, ficando reduzido a

pequenas partículas.

Silenciaram os dois. Mas seus pensamentos foram os mesmos. "A Lua, nossa querida Lua, tem também os dias ou os milênios contados..."

— E esses restos — reatou Sinuhe — irão reunir-se finalmente ao redor da Terra, formando uma série de anéis, semelhantes aos de Saturno e de Urano. Outras porções lunares serão atraídas pela gravidade de IURANCHA, caindo sobre o planeta como imensa e espetacular chuva de meteoros.

Aquela descrição trouxe à lembrança de Glória uma conhecida passagem da Bíblia em que, referindo-se à segunda vinda de Cristo, escreve o evangelista Lucas (21,25-27): "Haverá sinais no Sol, na Lua e nos astros; as nações estarão angustiadas na Terra e perplexas com o estrondo do mar e das ondas; e os homens, mortos de terror e de ansiedade pelo que sobrevém no mundo, pois as colunas do céu oscilarão. Então, verá o Filho do Homem vindo em uma nuvem com grande poder e majestade."

A filha da raça azul procurou o parágrafo e, mostrando-o a Sinuhe, perguntou-lhe:

— Se a Lua explodisse, as marés causariam grandes transtornos?

— E muito especialmente durante a sua terrível aproximação.

..

— Então, poderíamos interpretar essa "profecia" ou o que quer que seja, como uma confirmação do Evangelho?

Sinuhe não respondeu. Limitou-se a dar de ombros. Glória, que sabia do irritante ceticismo do amigo, optou por não ir adiante. Entretanto, desde esse anúncio, a queda e a posterior explosão da Lua, a 18 000

quilômetros da Terra, ficaram-lhe associadas no coração com a advertência evangélica.

— ... Quando os corpos espaciais têm um mesmo tamanho e densidade — continuou Sinuhe, tratando de justificar a "profecia" anterior —, pode produzir-se uma colisão física. Mas, se dois astros são comparáveis em densidade e de tamanho relativamente desigual, o menor se desintegra quando se aproxima do maior.

Observa-se essa deslocação quando o raio da órbita do corpo menor é inferior duas vezes e meia ao raio do maior. De fato, são muito raros os choques entre gigantes do espaço. As explosões cíclicas gravitacionais dos astros inferiores, ao contrário, são freqüentes.

"Os anéis de Saturno, por exemplo, são fragmentos de um

dos seus satélites que se desintegrou. E, segundo a "Quinta Revelação", uma das luas de Júpiter acerca-se hoje de forma perigosa ao que poderíamos chamar sua "zona crítica de deslocação". Dentro de alguns milhares ou milhões de anos, essa lua se espedaçará também, tal como aconteceu com esse quinto e desaparecido planeta do nosso sistema solar.

— Como aconteceu? — Glória sempre se perguntava o que poderia ter acontecido a esse enigmático mundo, reduzido hoje a um cinturão de esteróides.

— Há muito, muito tempo, esse quinto planeta percorria uma órbita irregular, acercando-se periodicamente, de Júpiter. Em uma dessas incursões, acabou por penetrar na "zona crítica de deslocação cíclico-gravitacional", explodindo em milhões de fragmentos.

"E chegamos ao tempo em que nosso sistema solar foi definitivamente "batizado".

"Há 3 000 milhões de anos, o sistema funcionava já mais ou menos como na atualidade. O volume de seus planetas e satélites continuava avolumando-se, graças às seguidas capturas de matéria meteórica. Nessa época, como lhe digo, nosso jovem sistema solar foi inscrito no "Registro Físico" de Neadon, recebendo o nome de Monmacia. E é assim que nos conhecem no universo local regido por Micael e em

todo o superuniverso de Orvonton.

"Mais tarde, faz agora 2 000 milhões de anos, o tamanho dos planetas havia crescido prodigiosamente. E

nosso mundo, IURANCHA, era uma esfera bem desenvolvida, com uma massa que crescia sempre e que, então, era a décima parte da atual. Eram os preâmbulos do espetáculo de um milagre prodigioso: a

"semeadura" da Vida...

A "semeadura" da Vida!

A filha da raça azul, ansiosa, pediu a Sinuhe que fosse adiante:

— Há tanto que aprender! ..

— Sim, mas essa Vida não surgiu em IURANCHA da noite para o dia.. . Durante milhões de anos, a superfície no nosso futuro "lar" viu-se""incessantemente bombardeada por pequenos corpos siderais. E tais impactos mantiveram mais ou menos quente o solo da Terra. Este fenômeno, somado à ação da crescente gravidade do planeta, em consequência do seu ininterrupto aumento de volume, desembocou em outro sucesso não menos importante: a acumulação, no centro do planeta, de elementos pesados como o ferro.

"Eis porque a Terra passou a levar vantagem sobre a Lua, sua companheira. Isso, há 2 000 milhões de anos.

IURANCHA foi sempre maior que o seu satélite, mas a diferença, naquelas remotas épocas, não era tanta como a que chegou a alcançar e hoje facilmente comprovável. Pouco a pouco suas dimensões foram ganhando, logrando reter a atmosfera primitiva, que havia nascido em consequência do conflito entre o calor exterior e a crosta, em plena fase de resfriamento.

"A atividade vulcânica propriamente dita remonta àqueles tempos. O calor interno da Terra continuou subindo, a partir da integração (sempre mais profunda) de elementos radioativos trazidos do espaço pelos meteoros. Algum dia (diz a "Quinta Revelação") o estudo desses corpos radioativos revelará ao homem que a superfície de IURANCHA tem mais de 1 000 milhões de anos. O "relógio" do rádio é o indicador infalível para avaliar cientificamente a idade do planeta. No momento, porém, esses materiais radioativos de que se dispõe procedem da casca terrestre e não do interior.

"Há 1 500 milhões de anos, a Terra havia já conseguido dissipar terços do seu tamanho atual. A Lua, essa, aproximava-se de sua massa de agora. Essa rápida "engorda" do nosso mundo em relação à Lua permitiu-lhe

"roubar" lenta, mas inexoravelmente, do seu satélite natural, a pouca atmosfera que possuía desde o princípio.

"A atividade vulcânica achava-se em seu apogeu. A Terra inteira era um inferno. Entretanto, muito lentamente, se foi forjando uma crosta, integrada basicamente por granito. Uma crosta que seria o suporte preparatório para essa "semeadura" celeste da Vida...

Intencionalmente, Sinuhe deixara escapar uma "pista", que Glória agarrou no ato.

— "Semeadores celestes?" Sinuhe pediu paciência.

— A atmosfera planetária continuou evoluindo. Continha já certa quantidade de vapor de água, de óxido de carbono, de gás carbônico e clorídrico. Porém o oxigênio e o hidrogênio livres ainda eram escassos. O

espetáculo da Terra deve ter sido aterrador e ao mesmo tempo fascinante: imensas colunas de gases venenosos levantavam-se para o espaço, enquanto a superfície do planeta era sacudida por implacável chuva de gigantescas "pedras" cósmicas, que provocavam terríveis estampidos e terremotos.

"Logo, essa atmosfera incipiente se foi fazendo mais estável e fria o suficiente para inaugurar as primeiras chuvas sobre a

enrugada e ardente superfície de IURANCHA. E durante milhares de anos, nosso mundo (como Vênus, hoje) permaneceu envolto em um encouraçado manto de vapor de água. Por todas essas idades, jamais o Sol brilhou sobre a Terra.. .

"Grande parte do carbono da atmosfera foi subtraído para formar os carbonatos dos diferentes metais que abundam nos estratos superficiais do planeta. Mais tarde, quantidades enormes desses gases carbônicos foram consumidas pela prolífica vida dos primeiros vegetais.

"E, em períodos posteriores, as correntes de lava e a queda de meteoros esgotaram quase completamente o oxigênio do ar. Os primeiros sedimentos do oceano primitivo, que logo apareceu, não continham, inclusive, nem pedras nem xistos coloridos. IURANCHA foi, durante imensos períodos de tempo, um mundo "morto", sem oxigênio. Mas o mar veio "ressuscitá-la". Foram as algas marinhas e outras formas de vida vegetal que restituíram à atmosfera ingentes volumes de oxigênio. E continuam presenteando o planeta com o elemento vital.

"Esse enriquecimento de oxigênio foi tornando mais "espessa" a envoltura de IURANCHA e, os meteoros, cada vez mais intermitentes. Agora, a fricção os aniquilava.

"E chegamos, finalmente, ao "ponto zero" da História da "Terra"...

— A data do "nascimento" ou partida da história do nosso mundo, do ponto de vista geológico —

esclareceu Sinuhe —, situa-se há 1 000 milhões de anos. O planeta tinha um tamanho comparável ao atual e nessa época, segundo a "Quinta Revelação", foi inscrito nos arquivos do universo local de Nebadon com o nome de IURANCHA.

"As contínuas precipitações aquosas e a atmosfera facilitaram o resfriamento paulatino da crosta terrestre. A ação vulcânica equilibrou a pressão calorífica interna, assim como as violentas contrações do envoltório. Os vulcões se foram tornando menos ativos e apareceram os tremores de terra. E chegou, como lhe digo, o "ponto zero", geologicamente falando, de IURANCHA. Ao resfriar-se a crosta, surgiu o primeiro e imenso oceano. Um mar que cobriu a Terra por completo, com profundidade média de quase dois quilômetros. As marés manifestavam-se mais ou menos como na atualidade, porém aquele oceano primigênio levava uma diferença: não era salgado...

Glória estranhou vivamente tal afirmação:

— Quem o teria suposto! — limitou-se a comentar.

— Sim, aquele manto imenso formava uma envoltura de água doce. Em tal Era, a maior parte do cloro encontrava-se combinado com diversos metais, embora também seja verdade, segundo esta documentação, que havia o suficiente de cloro mesclado com hidrogênio, para emprestar ao oceano primitivo um ligeiro tom de cor acidulado.

"Com o passar do tempo, profundas correntes de lava derramaram-se pelo fundo do atual oceano Pacífico, que ficou consideravelmente rebaixado.

"A primeira massa de solo continental emergiu daquele oceano mundial, restabelecendo o equilíbrio e compensando o aumento de espessura da crosta terrestre.

"Há 950 milhões de anos, IURANCHA já oferecia a imagem de' um mundo com um imenso e único continente, rodeado de um oceano não menos considerável. Os vulcões eram numerosos e os tremores de terra, freqüentes e violentos. A "chuva" de meteoros, embora decrescesse, importava muito ainda. Entretanto, a atmosfera continuava purificando-se, apesar dos ainda excessivos volumes de gás carbônico.

Sinuhe fez outra pausa e pediu à filha da raça azul que prestasse a máxima atenção ao que estava prestes a ler.

— Foi nesse tempo que IURANCHA foi agregada ao sistema de Satânia, em face da sua futura administração

planetária, e inscrita nos "Registros de Vida" da constelação de Norladiadek à que, como você sabe, pertence o citado sistema de Satânia. Iniciou-se então o "reconhecimento administrativo" daquela esfera pequena e insignificante, destinada a ser o mundo ao qual se lançaria Micael de Nebadon, para a sua última e fascinante "aventura pessoal" de encarnação, participando de experiências conhecidas de todos e que fariam que IURANCHA outro nome: "o Mundo da Cruz".

— Um "reconhecimento" do planeta?

A expressão ficara firmemente gravada na mente de Glória. E imediatamente fez uma segunda pergunta a Sinuhe.

— "Reconhecimento" de IURANCHA, mas por parte de quem?

— A primeira chegada de seres, digâmo-los "celestes", ao nosso mundo deu-se, há 900 milhões de anos.

Formavam um grupo expedicionário e pioneiro, procedente de Jerusem, planeta-capital de Satânia. A missão dele era a seguinte: examinar o planeta e apresentar um relatório sobre as possibilidades de nele adaptar-se uma "estação experimental de vida". Essa comissão, dizem os documentos, era integrada por 24 membros.

Entre eles, "Portadores de Vida", "Filhos Lanonandeks", "Melchizedeks", "Serafins" e outras personalidades da vida celeste, dedicadas à organização e administração inicial dos mundos evolucionários.

"E, segundo a "Quinta Revelação", depois de minucioso exame de IURANCHA, o grupo regressou a Jerusem, apresentando ao Soberano do sistema um relatório favorável e aconselhando a inscrever o planeta no "Registro da Experiência da Vida". A partir daí, IURANCHA figurou nesses registros como um mundo

"decimal" . . .

Sinuhe reparou na estranheza da filha da raça azul.

— Imagino que você se pergunte que quer dizer "planeta decimal". Parece que, dentro da "ordem administrativa" dos superuniversos, em cada dez mundos ou planetas habitáveis, os chamados "Portadores de Vida" elege um, em que a "semeadura" das primeiras células viventes pode ser manipulada, tendo em vista ensaiar certas novas combinações mecânicas, elétricas, químicas e biológicas destinadas a modificar, eventualmente, os arquétipos de vida do universo local previstos para o sistema. Nos outros nove planetas, os tipos viventes são mais "normais" . . .

. — Quer dizer então que nós, os humanos da Terra, somos

fisicamente diferentes dos "humanos" de outros mundos habitados?

— Não necessariamente. Essa "manipulação" da Vida, à que se refere a "Quinta Revelação", provoca nos mundos "decimais" como IURANCHA certas combinações inéditas que os criadores observam, a fim de beneficiar, se for o caso, aos demais mundos do seu universo local. A grande "diferença", porém, não parece residir aí, mas na anarquia e nos perigos de rebelião que freqüentemente resultam desses "ensaios" nos planetas "decimais" e que, portanto, não se dá habitualmente no resto dos mundos evolucionários. . .

A filha da raça azul começava a compreender o porquê da agitação, das trevas e das guerras constantes que assolaram e assolam a Terra. Expressou-o ao companheiro. Ele fez um gesto negativo. . .

— Não creia que essa caótica situação das diferentes humanidades que foram desfilando por IURANCHA se deve, única e exclusivamente, a essa condição de "mundo decimal". Aí entra precisamente, e em cheio, outra razão: a revolta liderada por Lúcifer e que, você sabe, tem muito que ver com a nossa missão. . .

— Uma vez inscrito nosso jovem planeta nos arquivos de Jerusem, capital do sistema, os "Portadores de Vida" (uma das hierarquias celestes responsáveis por essa "semeadura" da Vida) foram informados de que, com efeito, receberiam permissão para experimentar novos modelos de mobilização mecânica, química e elétrica em IURANCHA, com ordem expressa para transplantar e implantar a Vida. Foi, sem dúvida —

comentou Sinuhe com certo regozijo — uma boa nova.

"No momento oportuno (disse a "Quinta Revelação"), a chamada comissão mista dos Doze, em Jerusem, dispôs as medidas oportunas para a ocupação do planeta. Tais medidas foram previamente aprovadas pela comissão planetária dos Setenta de Edência, sede, como lhe disse, de nossa constelação de Norladiadek.

Esses planos, propostos pelo conselho consultivo dos "Portadores de Vida", foram definitivamente aceitos em Salvington, capital de Neadon e residência de Micael. Imediatamente, as "teledifusões" do universo local transmitiram a notícia de que IURANCHA passaria a ser o cenário da sexagésima experiência dos

"Portadores de Vida" em Satânia, orientada para ampliar e melhorar o tipo "sataniano" dos arquétipos de vida de

Nebadon. IURANCHA não tardou a receber o estatuto completo de Nebadon, sendo registrada também nos arquivos celestes de Ensa (nosso setor menor) e de Splandon (setor maior). Por último, nosso mundo figurou nos registros da vida planetária em Uversa, capital do superuniverso de Orvonton. . .

Com ar esgotado, Glória "lamentou tanta burocracia" . . .

— Sim — respondeu o amigo —, excessiva também para o meu gosto. Mas talvez essa ingente hierarquização possa explicar a incrível e matemática ordem do Cosmos. . .

"Essa Era — reatou Sinuhe, prometendo que estavam perto do fim de tais prolegômenos —, caracterizou-se por freqüentes e violentos furacões. O envoltório terrestre achava-se ainda em estado de fluidez e o resfriamento superficial se alternava com imensos rios de lava. Em parte alguma da superfície do nosso planeta (diz a "Quinta Revelação") pode encontrar-se o menor vestígio dessa crosta primitiva, que se foi misturando com lavas e matérias vulcânicas, ejetadas desde as grandes profundidades, e com ulteriores depósitos do oceano mundial primigênio.

"Quanto aos resíduos modificados das antigas rochas pré-oceânicas, o atual noroeste do Canadá (ao redor da baía de Hudson) é o ponto onde eles mais abundam, em todo o

planeta. Sua imensa plataforma granítica é formada por uma rocha pertencente a essas idades pré-oceânicas.

"Ao longo das idades oceânicas, enormes mantos rochosos estratificados e desprovidos de fósseis depositaram-se no fundo desse oceano mundial (o calcário pôde formar-se como consequência de precipitações químicas; nem todos os calcários antigos têm sua origem em depósitos da vida marinha). Não se encontraram restos de vida nessas antigas formações rochosas, a não ser que depósitos posteriores (de idades aquáticas) se tivessem mesclado, por casualidade, com essas capas mais antigas, anteriores à Vida.

"A casca terrestre primitiva era bastante instável, embora ainda não houvessem surgido as primeiras montanhas. O planeta inteiro se comprimia sob a pressão da gravidade, à medida que se formava.

"A massa continental daqueles tempos cresceu até cobrir aproximadamente dez por cento da superfície da Terra. Os tremores começaram justamente quando essa massa continental emergiu muito acima do nível da água. E os sismos, cada vez mais intensos, prolongaram-se pelo espaço de milhões de anos. Diminuíram depois, embora ainda hoje IURANCHA sofra uma média de quinze por dia.

"Há 850 milhões de anos produziu-se a primeira estabilização

da crosta terrestre. A maior parte dos metais pesados fora atraída para o centro do globo e o envoltório, em vias de resfriamento, parou de derreter.

Sob esse envoltório, a lava se estendia por quase o mundo inteiro, contribuindo para a sua compensação e estabilização. A frequência e a violência dos sismos continuavam decrescendo e a atmosfera, apesar do gás carbônico, não cessou de depurar-se. As perturbações elétricas, tanto em terra como no céu, tornaram-se menos frequentes e as correntes de lava transportaram para a superfície de IURANCHA uma mescla de elementos que isolaram o planeta contra certas energias espaciais. Tudo isso contribuiu para facilitar o controle da energia terrestre e regularizar-lhe o fluxo, como o testemunha o funcionamento dos pólos magnéticos.

"Há 800 milhões de anos assistimos (afirmam as personalidades celestes que asseguram ter escrito esta

"Quinta Revelação") à inauguração da primeira grande Era terrestre: a Idade do ressurgimento dos continentes. Depois da condensação da hidrosfera de IURANCHA, primeiro no oceano mundial e depois no Pacífico, convém ter presente que esta última massa de água cobria as nove décimas partes da superfície do mundo. O fundo do oceano ficava cada vez mais pesado, tanto pelos milhões de meteoros

caídos, como pelo peso da água que, em algumas áreas, alcançava até dezessete quilômetros de profundidade.

"E assim se forjou o nascimento dos continentes. A Europa e a África surgiram do Pacífico, ao mesmo tempo que as massas hoje denominadas Austrália, América do Norte e do Sul e mais o continente Antártico.

Ao final do período, as massas emersas representavam quase um terço da superfície do mundo, formando um só continente.

"Tal elevação das terras implicou nas primeiras diferenças climáticas. Elevação do solo, nuvens cósmicas e influências oceânicas (dizem estes documentos) são os principais fatores das flutuações do clima.

"A borda da massa continental asiática, por exemplo, atingiu perto de 15 000 metros de altura. Se naquela Era tivesse existido muita umidade no ar dessas grandes altitudes, o gelo teria aparecido, formando-se precocemente as glaciações.

"Há 750 milhões de anos apareceram as primeiras brechas nesse único continente. Grandes brechas. Foi um enorme afundamento, de norte a sul, que no fim foi invadido pelas águas. As falhas prepararam o caminho d! deriva do que mais tarde seriam a América do Norte e a do Sul e a

Groenlândia em direção ao oeste.

"Outra imensa fissura, agora de este a oeste, separou p que, no futuro, chamaríamos África e Europa, arrancando a Austrália, a Antártida e as ilhas do Pacífico do continente asiático.

"E estamos chegando ao final. Ou ao princípio, de acordo com a perspectiva. Faz agora 700 milhões de anos, IURANCHA se aproximava, a passos gigantescos, do que deveriam ser as condições ideais para a

"semeadura" da Vida. A saber: a deriva continental prosseguia incessante, o oceano penetrava mais e mais nas terras, como longos braços, proporcionando águas pouco profundas & baías abrigadas, tão necessárias para o assentamento da vida marinha.

"E assim nos situamos nos 650 milhões de anos. Essa Era foi testemunha de uma nova cisão das massas continentais. A partir daí, os mares se estenderam muito mais e suas águas rapidamente alcançaram o teor de salinidade necessário para o nascimento da Vida em IURANCHA.

"E a "Quinta Revelação" conclui este capítulo da história geológica do nosso mundo com as seguintes palavras:

"Foram esses mares, e aqueles que lhes sucederam, que fixaram os anais da Vida, tal como o homem aprende a lê-los

nas páginas de pedra bem conservadas, volume por volume, enquanto as Eras sucedem às Eras e as Idades às Idades. Foi nesses mares interiores onde, finalmente, apareceu a Vida".

Visivelmente esgotados, Glória e Sinuhe interromperam ali a leitura dos estranhos documentos. Na realidade, já restava pouco para finalizar aquele adestramento, imprescindível, da filha da raça azul.

Entretanto, acontecimento não previsto por Sinuhe viria alterar-lhe boa parte dos planos...

Durante as horas que se sucederam à acidentada visita à Câmara Municipal, Sinuhe não conseguiu afastar da cabeça a imagem daquelas duas letras — RA — no disco metálico do pêndulo. E, ao passo que instruía Glória sobre os universos, sua organização e a história de IURANCHA, tomou uma decisão: na primeira oportunidade regressaria — dessa vez sozinho — à torre do casarão. Precisava examinar minuciosamente o alto-relevo.

Foi naquela última pausa — ao encerrar o capítulo sobre a criação do universo local de Neadon, a partir da nebulosa de Andronover — que o "soror" da Ordem da Sabedoria acreditou que chegara o momento.

Conseguiu uns trapos velhos, um recipiente com gasolina, uma brocha fininha e, naturalmente, a máquina fotográfica.

A amarga experiência sofrida no casarão fez com que refletisse e programasse essa segunda exploração à luz do dia. Para ele, as trevas só serviram para complicar as coisas. No fundo, porém, a verdadeira razão por que Sinuhe preferia subir ao ático da Câmara durante o dia era outra. Ele próprio sabia que, apesar da curiosidade, só o pensamento de voltar à cabina já lhe causava tremores nos joelhos. Ele nunca foi um valente — já o dissemos.

Tudo preparado. Sinuhe propôs à amiga o congelamento, por algumas horas, das instruções. Ela e ele necessitavam disso. E a senhora respeitou os íntimos desejos do sempre desconcertante jornalista. No fundo, a filha da raça azul intuía que pela mente do "irmão" esvoaçava mais que um simples descanso.

Mas quando o investigador, com a desculpa de relaxar os músculos com um passeio pelos arredores, caminhava já para a saída, alguém empurrou a porta, fazendo soar o alegre cacho de campainhas da Casa Azul.

Ao ver a figura do carteiro, deteve-se. Glória correu para atender e, após cumprimentar o funcionário e velho amigo, ele lhe entregou a correspondência, perguntando-lhe por um tal. . .

— Sou eu — apressou-se Sinuhe ao escutar seu verdadeiro

nome e sobrenomes.

— Este telegrama é para o senhor. Assine aqui, por favor.

O investigador cruzou um olhar de estranheza com a amiga. Quem poderia saber, com exceção da família e do seu Kheri Heb, que se encontrava naquela aldeia recôndita?

Sinuhe nunca gostou de telegramas. É que quase sempre anunciam problemas ou perdas irreparáveis. Por isso, de má vontade, estampou a assinatura no livro do carteiro e apanhou o inoportuno envelope azul.

Quando ficaram a sós, Glória pôs-se a observar o amigo. Em vez de abrir o telegrama e conhecer-lhe o conteúdo, com irritante hesitação limitava-se a virá-lo de lá para cá entre os dedos, parecendo querer adivinhar o texto.

Após segundos de silêncio sufocante, a senhora da Casa Azul, compreensivelmente intrigada, apontou o telegrama e com incontida curiosidade perguntou:

— Você não pretende abri-lo?

Desta vez, o membro da Escola da Sabedoria não se enganou. A intuição lhe anunciava "algo"

importante.. .

Ao escutar a senhora, regressou ao presente, desculpando-se por sua tolice.

Sem poder nem querer ocultar seu nervosismo, abriu o telegrama, fixando um olhar vago nas tiras brancas de papel coladas sobre o impresso azul.

Glória fez menção de afastar-se, mas Sinuhe, sem pronunciar palavra nem desviar os olhos do papel, pediu-lhe com a mão que esperasse. E a filha da raça azul obedeceu.

No final, despreendeu-se do texto e, com súbita palidez, convidou a companheira a que regressassem ao salão. O coração dela sem querer acelerou. Intuíra que os acontecimentos estavam a ponto de precipitar-se.

Ela sentou-se. Sinuhe, estendendo-lhe o telegrama, dirigiu-se em seguida até a grande janela, por onde entrava a generosa luz daquela manhã de 19 de julho. Calado, de braços cruzados, deixou-se ficar submerso em pensamentos inexpugnáveis.

Dali a instantes, sentia no ombro a mão reconfortante da filha da raça azul. Ao voltar-se, o atormentado investigador respirou aliviado. Uma luz intensa fulgia nos olhos da amiga. Sinal inequívoco de que Glória compreendera e, mais transcendente, aceitara definitivamente a missão.

Um vivificante sorriso aflorou aos lábios da senhora da Casa Azul, ao mesmo tempo que, com a voz banhada pela emoção, repetia de cor o texto do telegrama:

"O momento chegará com a lua nova. Recorde-se do sinal de Micael. 'Ra' fará descer então seu mensageiro solitário, Lúcifer. Repito. Lúcifer. Que o seu harmonizador e o da filha da raça azul guiem seus passos".

Contagiado pelo olhar estimulante, correspondeu com outro sorriso.

A mensagem, com efeito, marcava o início da "contagem regressiva" para a grande missão. Vinha assinado por duas singelas palavras — "O Mestre" — que, é claro, não passaram despercebidas para Glória.

E uma vez sossegados os ânimos, a senhora da Casa Azul pediu a Sinuhe que lhe desse detalhes. Por exemplo: quem era esse "Mestre"? Por exemplo, que queria dizer a palavra "Lúcifer", repetida, aliás?

O membro da Loja secreta começou pelo fim. Sem fazer alusão alguma à sua categoria de irmão da Escola da Sabedoria, informou à amiga que, há alguns dias já, tinha em seu poder uma série de informações confidenciais, organizada para aqueles momentos prévios à iniciação da misteriosa aventura.

Recomendações e dados, incluídos pelo seu Kheri Heb no envelope lacrado que continha os textos da

"Quinta Revelação". E a palavra "Lúcifer" fora incorporada como uma contra-senha que deveria colocar o investigador em alerta total. Afortunadamente, o Mestre depurara a informação, revelando o momento exato para a arrancada da missão: a lua nova.

Ao mencioná-lo, Sinuhe estremeceu. Quanto faltaria para esse dia? Glória não soube precisar.

Mas logo em seguida, depois de vertiginosa consulta a um calendário, tranqüilizaram-se. Não haveria lua nova antes do dia 28 daquele mês de julho. Dispunham, portanto, de pouco mais de uma semana. Oito dias, dentre os quais Sinuhe teria de completar a bagagem informativa da companheira a respeito da "Quinta Revelação" e tornar a inspecionar a velha maquinaria do relógio da Câmara Municipal.

Glória quis aprofundar-se nos preparativos para a grande missão, mas o companheiro, esquivo, limitou-se a lembrar-lhe o texto do telegrama:

— Não se inquiete. Está tudo previsto. Quando chegar o momento, conclui-se, um Mensageiro Solitário (dessas personalidades celestes de que já lhe falei) descerá para "abrir-nos o caminho". ..

— E por que nos devemos lembrar do sinal de Micael? Para Sinuhe estava claro. A provável "descida"

ou "aparição" do Mensageiro Solitário teria lugar na clareira do bosque onde aquela enigmática criatura gravara a fogo os três círculos concêntricos, sinal e emblema de Micael, o Soberano do universo local de Nebadon. Aquele, portanto, devia ser o ponto onde a filha da raça azul e seu companheiro teriam de estar quando apontasse a lua nova.

Após segundos de silêncio sufocante, a senhora da Casa Azul, Mas, obedecendo ao instinto, preferiu não compartilhar a suposição com a amiga curiosa. Desviando o assunto suplicou-lhe que mantivesse tudo aquilo no fundo do coração e que, sob nenhum pretexto, chegasse a manifestá-lo a quem quer que fosse.

Sinuhe conhecia a delicada discrição da senhora da Casa Azul. Assim, por esse lado, ficou tranqüilo. O

que realmente lhe flagelava a inteligência era não saber, não intuir sequer o que os aguardava uma vez iniciada a missão. . . E foi melhor assim. Se o suspeitasse, talvez se tivesse rendido, abandonando imediatamente a aldeia com todos os seus enigmas.

É evidente que aquela mensagem do seu Kheri Heb em Madri veio alterar-lhe os planos. Glória, com sobeja razão,

em vista do curso que tomavam os acontecimentos, acabou por formular-lhe uma pergunta para a qual, ao contrário do que acontecia consigo mesmo, ele tinha sim uma resposta:

— Diga-me, por que eu? Por que fui eleita?

Sinuhe sorriu com ternura. E, acariciando-lhe os cabelos louros, retrucou:

— Glória querida, o segredo e a resposta encontram-se nesta "Quinta Revelação". Tornamos, pela terceira vez, à sua dúvida inicial: que é a raça azul?

— Sim, que é essa raça azul e que tenho eu que ver com ela? O "soror" voltou a abrir seus documentos, enquanto advertia à amiga expectante que, dada a premência do tempo, via-se obrigado a contornar aquelas informações sobre os primeiros tempos do estabelecimento de Vida em IURANCHA, as respectivas Eras da Vida marítima e terrestre, como também o relato fascinante dos primeiros homens primitivos na Era Glacial e de seus precursores: os inteligentes animais de Lemúria. Sinuhe tranqüilizou a "aluna", assegurando-lhe que tais conhecimentos — embora apaixonantes — não eram vitais para o seu adestramento e a iminente missão.

— Falar-lhe-ei, portanto, daquilo que, isso sim, você deve saber, necessariamente. . . — concluiu ele.

Glória protestou, apesar das razões. Aquela referência do amigo sobre os tipos primitivos de lêmures e sua relação com os primeiros homens literalmente a cativara.

Mas Sinuhe, com a rigidez que lhe era característica, passou por alto os desejos da filha da raça azul, prometendo-lhe, isso sim, que, "se o tempo não os atraísse, satisfar-lhe-ia a curiosidade. .."

E, dessa forma, começou a última fase da preparação da filha da raça azul.

— Antes de mais nada, devo adiantar-lhe que algumas das revelações que você já vai escutar podem ferir-lhe a sensibilidade. ..

— Não sei a que você se refere.

— Talvez as passagens desta "Quinta Revelação" que, você o notará, acham-se em franca oposição ao que sempre foi nosso credo ou nos haviam ensinado sobre a origem do homem e, mais exatamente, sobre o que nos diz o *Gênese*. . .

A advertência ativou todas as "antenas" da filha da raça azul.

— É tão grave assim?

— Se focalizado de um ponto de vista desapaixonado e racional, não...

— Pois vamos lá!

— Bem, vamos lá.. . Segundo estes documentos, "as raças são o resultado de individualidades humanas, aparecidas em IURANCHA por mutação" . . .

Sinuhe estudou a expressão de Glória, à espera de alguma reação. Aquela primeira assertiva chocava violentamente com um princípio estabelecido na Bíblia, em que se insinua que o homem foi criado diretamente por Deus. Ela, no entanto, permaneceu em silêncio.

— Antes, muito antes do aparecimento, em IURANCHA, do primeiro par verdadeiramente humano —

retomou Sinuhe, aliviado ante a aparente docilidade da atenta receptora —, o mundo achava-se povoado por um sem fim de famílias de primatas pré-humanos. Estes, por sua vez, procediam dos lêmures.

— Os o quê. ..?

Sinuhe moveu a cabeça, com desalento. Depois, mostrando o vultoso maço de documentos, comentou:

— Não dispomos de tempo para nos determos e aprofundarmo-nos nessa parte da "Quinta Revelação".

Terei de saltar, necessariamente, por cima das fascinantes descrições daquelas primeiras idades de IURANCHA, nas quais a Vida tomou posse do planeta, propagando-se em seqüências maravilhosas... Porém

— acrescentou, enquanto procurava a informação sobre os lêmures — tratarei de sintetizar esse capítulo, decisivo para a posterior aparição do homem.

"Aqui diz que, faz aproximadamente um milhão de anos, os antepassados imediatos da humanidade apareceram em três mutações sucessivas, partindo do ramo primitivo do chamado tipo lemuriano de mamífero placentário. Sua origem, em que não vamos entrar, esteve em um grupo americano ocidental.

"Os lêmures primitivos tinham certa semelhança com os antepassados da espécie humana, muito embora não guardassem parentesco algum com as tribos preexistentes de gibões e macacos, que viviam então na Eurásia e na África do Norte e cuja descendência sobrevive até hoje. Enquanto aqueles lêmures primitivos evoluíam no hemisfério ocidental, os mamíferos (antepassados diretos da Humanidade) assentaram no sudoeste da Ásia, na zona

originária de implantação central da Vida. Vários milhões de anos antes, os lêmures de origem americana haviam emigrado para o oeste, pela ponte terrestre de Bering. E haviam avançado para o sudoeste, ao longo da costa asiática. Essas tribos chegaram finalmente às regiões que se estendiam entre o mar Mediterrâneo (então muito maior) e as regiões montanhosas, em vias de levantamento, da península da Índia. E nessas terras do oeste da Índia as referidas tribos fundiram-se com outras, preparando, assim, a ascendência definitiva da raça humana.

"Com o passar do tempo, o litoral situado ao sudoeste da Índia foi submergindo a pouco e pouco e a vida naquela região ficou isolada. A península mesopotâmica ou Pérsia não dispunha ainda de qualquer via de acesso ou saída, salvo pelo norte. Mas esta foi, repetidas vezes, ocupada pelas invasões glaciais. Foi, pois, nessa região paradisíaca, e a partir de alguns descendentes superiores desse tipo de mamíferos lemurianos, onde nasceram dois grandes grupos: as tribos simiescas que vêm proliferando até os nossos dias e a espécie humana.

"Aqueles descendentes dos lêmures americanos (afincados nas áreas mesopotâmicas) eram criaturas pequenas, de um metro de altura, muito ativas e que, em geral, caminhavam com as quatro patas, embora tivessem já a faculdade de permanecer erguidos sobre suas extremidades traseiras.

Eram muito peludos e ágeis. Pairavam como os monos, mas, ao contrário das restantes tribos simiescas, eram carnívoros.

Dispunham de um polegar oponível muito primitivo e também de uma unha grossa, muito útil. Decorrido tempo, o polegar oponível foi adquirindo perfeição, enquanto a unha ia perdendo sua capacidade de agarrar.

"Esses mamíferos precursores do homem atingiam a idade adulta aos três ou quatro anos e a duração média de vida era de uns vinte anos. O habitual era que tivessem um único filho em cada parto, embora também houvesse casos de gêmeos. Os membros dessa nova espécie possuíam cérebro mais volumoso que o normal, em proporção ao seu tamanho. E, à diferença dos símios, experimentavam alguns sentimentos. ...

— Quais, por exemplo?

— Eram extremamente curiosos, manifestando, inclusive, evidentes e singulares reações, que talvez pudéssemos definir como "de alegria". O apetite sexual era igualmente muito desenvolvido e eram capazes de lutar ferozmente por sua prole. Gregários, tinham muito apego a associações de tipo familiar e de clã. E, de acordo com a "Quinta Revelação", possuíam também apurado sentido de humildade. Isso desemboca em outros sentimentos, como a vergonha e o

remorso.

"A inteligência aguda lhes permitia compreender os graves perigos a que estavam expostos naquele meio florestal. E daí nasceu outro sentimento, não menos importante: o medo. Isso os levou a adotar prudentes medidas de segurança, que acabaram sendo transcendentais para o futuro deles. Assim surgiram os primeiros refúgios nas copas das árvores. E, segundo se afirma nesta revelação — comentou Sinuhe —, o ancestral e permanente sentimento de medo que o ser humano padece origina-se, precisamente, daquelas remotas épocas. É algo genético, perfeitamente lógico e compreensível.

"Graças ao seu sentido de clã, aqueles lêmures primitivos acabaram aniquilando as tribos simiescas mais próximas, dominando assim as criaturas menores.

"Durante mais de mil anos, esses pouco menos que insignificantes e agressivos lêmures multiplicaram-se e invadiram toda a península mesopotâmica. Setenta gerações depois deu-se um fato de suma importância: a súbita diferenciação dos antepassados da etapa vital dos lêmures. O acontecimento se materializou com a aparição de dois gêmeos, um macho e uma fêmea, nascidos na copa de uma das gigantescas árvores.

Comparados com o resto dos lêmures de sua tribo, eram menos peludos e sensivelmente maiores que os progenitores. Logo alcançaram 1,20 metros de altura; pernas mais longas e braços mais curtos. Os polegares, quase perfeitos. Caminhavam praticamente eretos e os cérebros eram mais volumosos que os dos antepassados. Os gêmeos demonstraram logo uma inteligência superior e foram aceitos como chefes da tribo.

Chegaram mesmo a instituir uma certa forma de organização social. Os dois se uniram e procriaram um total de vinte e um filhos, muito parecidos com eles. E assim surgiu o núcleo dos chamados mamíferos intermediários.

"Quando os membros desse novo núcleo se tornaram numerosos, a guerra tornou a eclodir. E ao final, seus ancestrais e a multidão de tribos de macacos tinham sido aniquilados. Por mais de 15 000 anos (cerca de 600 gerações), os conquistadores converteram-se no terror daquela parte do mundo. Comparados com os lêmures primitivos, esses mamíferos intermediários significaram um grande progresso. A média de vida aumentou, chegando aos vinte e cinco anos e apareceram, até mesmo, dardos e flechas. O instinto de armazenamento de víveres fez-se mais acurado, assim como a provisão de pedregulhos e de pedras, que utilizavam como projéteis. Foram esses mamíferos os primeiros a manifestar tendência inata para o combate,

revelada, por exemplo, em contínuas escaramuças na hora de construir seus refúgios, quer nas copas das árvores, quer em túneis subterrâneos. Durante o dia viviam no chão e se refugiavam no alto das árvores ao cair da tarde.

"Entretanto, a grande proliferação de indivíduos dessa espécie acabaria por provocar uma dura concorrência na hora de partilhar o alimento ou de eleger o par. E a guerra, uma vez mais, fez seu papel. As batalhas foram prolongando-se, até que não restou mais que uma centena de sobreviventes.

"Vós (diz a "Quinta Revelação") mal podeis imaginar quantas vezes vossos antepassados pré-humanos estiveram a ponto de roçar e alcançar a destruição total. Se a rã, antepassado da humanidade, tivesse, em algum momento, dado um salto cinco centímetros menor do que o necessário, toda a evolução teria mudado."

"A mãe lemuriana imediata da espécie dos mamíferos precursores escapou da morte por um triz, pelo menos cinco vezes, antes de parir o "pai" da nova ordem de mamíferos superiores. O último acidente deu-se quando um raio atingiu a árvore em que dormia a futura mãe dos gêmeos primatas. Os dois mamíferos intermediários ficaram gravemente feridos e três dos sete filhos dela morreram. Eram animais muito supersticiosos: quando esse casal se retirou da região para

construir novos abrigos, a três quilômetros do primitivo acampamento, metade da tribo seguiu-lhe o exemplo. Pouco depois de concluído o novo assentamento, aquela veterana e inteligente parilha converteu-se em pais de outra transcendental parilha de gêmeos. No mesmo momento em que nasciam esses gêmeos, outro par do grupo (bastante mais atrasado) deu à luz outros gêmeos: macho e fêmea. Estes, porém, ao contrário dos primeiros, não se interessaram por conquistas, limitando-se a comer frutos. E assim surgiu o grande tronco das tribos modernas de macacos.

Seus descendentes saíram em demanda de climas mais suaves e de abundância de frutos. E assim se perpetuaram até nossos dias.

"Em síntese, com os anos, aqueles primatas evoluíram por mutação em duas direções: uma regressiva, que deu os monos de que lhe acabo de falar e outra, progressiva, da qual surgiu esse primeiro par de gêmeos. . . Realmente, os "primeiros pais" da humanidade.

— Adão e Eva? — Glória tentava adiantar-se à leitura. Sinuhe negou com a cabeça.

— Segundo a "Quinta Revelação", negativo. E faço um parêntese para dizer-lhe algo mais: parte da nossa missão

consistirá em averiguar quem foram realmente Adão e Eva, sua companheira, quando se estabeleceram em IURANCHA e qual terá sido o erro deles...

Glória captou a sutileza do companheiro e voltou a perguntar:

— Por que você diz "estabeleceram-se em IURANCHA"? Não eram humanos?

— A isso, sinceramente, não lhe posso responder. Simplesmente não o sei. Intuímos que Adão e Eva foram muito mais que meros seres humanos. . . Mas continuemos.

"Como vê, o homem, portanto, não descende do macaco, como sustentam as teorias evolucionistas.

Entretanto, ambos (homem e macaco) sim, têm origem ou tronco comum: os primatas primigênicos. Depois, a mutação (e nisso Darwin acertou) fez o resto.

"Esse grande acontecimento (o nascimento da primeira parilha humana) ocorreu há um milhão de anos, em consequência de um "acidente cromossômico". Estes dois seres foram gêmeos (homem e mulher) e se chamaram Andon e Fonta. Nasceram de um primata...

— Que se pode entender por "acidente cromossômico"?

— O biólogo Jean de Grouchy, diretor das investigações do CNRS francês e responsável pelo laboratório de citogenética do hospital Necker, foi, entre os sábios, um dos que mais se aproximou — sem sabê-lo —

desta "Quinta Revelação". Pois bem; na opinião desse especialista, a aparição do homem, entendido como tal, sobre o planeta, pôde dever-se ao encontro de uma fêmea e um varão que portavam número aberrante de cromossomos (47, no caso). Isso sim, pôde desembocar na aparição de uma nova linha: a nossa. Como você sabe, as células sexuais têm a metade de cromossomos que as demais do organismo. O macaco, que desfruta de 48 cromossomos, produz células sexuais com 24 cromossomos. O homem/ por outro lado, que tem 46

cromossomos, produz células sexuais de 23 cromossomos cada uma. Em todos' os óvulos encontra-se um cromossomo sexual propriamente dito, sempre o mesmo, que determina o sexo do novo ser. É chamado

"cromossomo X". Nos espermatozóides, entretanto, o cromossomo sexual é "X" (fêmea) ou então "Y"

(macho). Por isso, ao fecundar-se um óvulo (sempre "X"), dará lugar ao nascimento de uma fêmea ou de um macho, dependendo de ser, o espermatozóide, portador de um "X"

ou de um "Y".

"Que o número de cromossomos das células sexuais fique reduzido à metade consegue-se, tanto nos testículos como nos ovários, graças a duas divisões consecutivas ou "meiose" das células sexuais originárias. Além disso, durante essa fase de "meiose" podem dar-se acidentes que redundem em células sexuais com um cromossomo de menos. Esse "acidente cromossômico", segundo o doutor Grouchy, pode ter sido a chave do "salto" ou "passagem" dos macacos ou primatas (48 cromossomos) ao ser humano (46

cromossomos). . . por meio de gêmeos que teriam 47 cromossomos. Dou-lhe um exemplo: imagine um símio macho que tivesse uma "meiose" que lhe ocasionasse esse tipo de acidente. Normalmente ele emite dois tipos de espermatozóides: um com "X" e outro com "Y". Nessa hipótese, e por causa desse acidente, uns terão 23 cromossomos e os outros, 24. Da parilha formada por esse símio macho com outra fêmea normal de primata, poderia nascer uma filha que tivesse herdado a tara do pai. Quer dizer, que fosse capaz de produzir alternativamente óvulos de 23 e de 24 cromossomos.

"Suponhamos agora que nessa nova fêmea se apresente outra "meiose"; em outras palavras, que o chamado glóbulo

polar (que é uma espécie de minióvulo), em vez de degenerar e ser abandonado, como normalmente ocorre, permanecesse no interior do óvulo. Se este e o glóbulo polar são fecundados por um símio normal, nasceriam, possivelmente, dois gêmeos de sexos diferentes. . .

"Para o doutor Grouchy, tais gêmeos teriam sido Adão e Eva. Cada um desfrutaria de 47 cromossomos.

No caso de se acasalarem entre si, poderiam ter dado lugar ao "nascimento" do homem atual. Para tanto, teria bastado que um óvulo de 23 cromossomos tivesse sido fecundado por um espermatozóide que também tivesse 23 cromossomos.

Sinuhe suspendeu sua exposição científica. Glória se havia perdido. Compreensivelmente.

— Quero dizer com tudo isto — resumiu o jornalista — que já em 1978 um eminente biólogo aventou uma teoria que coincide (e de que forma!) com o que nos conta a "Quinta Revelação". Uma "revelação" que remonta a muitíssimos anos. . .

"De um ponto de vista puramente científico, pois é perfeitamente viável que os gêmeos Andon e Fonta pudessem ter existido. Obviamente, porém, não conhecendo a "Quinta Revelação", o doutor Grouchy associou esse par

com os mal chamados "primeiros pais".

E Sinuhe entrou em cheio na curiosa e acidentada vida daqueles primeiros e extraordinários gêmeos. . .

— Você se perguntará por que os gêmeos foram chamados Andon e Fonta. IURANCHA foi registrada como um mundo "habitado" quando esses dois primeiros seres humanos alcançaram a idade de onze anos e antes que chegassem a ser pais do primeiro nascido da segunda geração de verdadeiros humanos. Um milhão de anos atrás, repito. Aproximadamente.

"Naquela ocasião solene, a hierarquia celeste estabelecida em Salvington (capital do nosso universo local), remeteu uma mensagem arcangélica que se encerrava assim — e o investigador leu o texto concernente na "Quinta Revelação" —: "... A inteligência humana apareceu no 606 de Satânia (nosso mundo), e os pais dessa nova raça serão denominados Andon e Fonta. Todos os arcanjos rezam para que essas criaturas possam ser rapidamente dotadas da presença pessoal do dom do espírito do Pai Universal".

Refere-se a esse harmonizador do pensamento ou presença pré-pessoal do Pai.

Glória assentiu.

— Pois bem, Andon é um nome "nebadoniano", que significa "a primeira criatura semelhante ao Pai e que demonstra sede de perfeição humana". Fonta, por sua vez, quer dizer "a primeira criatura semelhante ao Filho e que mostra sede de perfeição humana".

"Esses nomes lhes foram dados pela hierarquia celeste no momento em que se realizou o ingresso de seus respectivos harmonizadores de pensamento. Ao longo de sua encarnação em IURANCHA, Andon e Fonta, entretanto, batizaram-se a si mesmos com outros nomes. Anton se denominou Sonta-An ou "o amado da Mãe" e sua companheira, Sonta-En ou "a amada do Pai". Escolheram tais nomes como prova de mútuo afeto e respeito. Em muitos aspectos (conta a "Quinta Revelação"), Andon e Fonta constituíram a dupla de seres humanos mais notáveis que jamais tenha vivido sobre a face de IURANCHA. Estes seres incríveis — os verdadeiros primeiros pais da Humanidade — foram, sob muitos pontos de vista, muito superiores, inclusive, aos seus descendentes.

— Que aparência tinham?

— Aparentemente não eram muito diferentes dos demais primatas pré-humanos que compunham seu círculo inicial ou tribo. Uma de suas grandes diferenças físicas estava em que, ao passo que seus companheiros deslocavam-se a quatro

patas, eles se mantinham erectos. Seus cérebros, como já vimos, eram mais desenvolvidos, mais bem dotados. A incipiente inteligência colocou-os rapidamente entre os membros mais vivos da tribo, sendo eles os primeiros a aprender o lançamento de pedras, assim como a utilização de paus em combates. E não levaram muito tempo para descobrir a utilidade dos seixos agudos, do sílex e do osso.

"Quando ainda vivia com seus pais, Andon, usando tendões de animais, fixou um pedaço de sílex bem afiado à ponta de estaca. Assim nasceu a primeira raça da humanidade. E estes documentos contam que o jovem gêmeo chegou a utilizá-la pelo menos uma dúzia de vezes, salvando a própria vida e a da irmã que, tão aventureira e curiosa quanto ele, o acompanhava em todas as suas incursões.

"Mas, "alguma coisa", no mais íntimo daqueles gêmeos, os compelia a uma vida nova e independente, distante da simiesca

e bestial família de que nasceram. Enquanto a inteligência de Andon e Fonta se ia clarificando, seus congêneres caminhavam em progressiva degeneração, miscigenando-se com as diferentes espécies de primatas.

"A chegada, até eles, dos respectivos harmonizadores de

pensamento, foi decisiva. A partir de então, os gêmeos começaram a tomar uma vaga mas sólida consciência de si mesmos e da tremenda barreira que os separava e diferenciava dos outros animais, incluídos seus próprios "pais" e "irmãos". Nasceria, neles uma tí-
mida e incipiente personalidade.

"E chegou o grande dia. Aquele em que Andon e Fonta tomaram a decisão inabalável de fugir... .

— Muito antes que se realizasse a fuga dos gêmeos — retomou Sinuhe ante a mirada atônita da senhora da Casa Azul —, Andon e Fonta já vinham alimentando essa possibilidade. Porém, o temor à sua própria tribo foi atrasando a efetivação do plano. Temeram, mesmo, possíveis ataques de outras tribos ou das feras que povoavam aqueles bosques africanos.

"A família, além do mais, já estava sentindo ciúmes. Quando meninos, os gêmeos passavam a maior parte do tempo juntos, provocando sem querer sentimentos hostis entre seus primos e irmãos, todos eles primatas. O fato de terem construído em outra árvore o seu abrigo, que, além do mais, era muito superior aos outros, em nada contribuiu para melhorar o relacionamento com a tribo. Eles o sabiam, e o medo de morrer em mãos dos parentes foi crescendo.

"E foi nesse lar, no mais alto da mais alta das árvores, que, uma noite, quando dormiam ternamente abraçados, foram despertados por violenta tempestade de vento e água. Nesse momento, Andon e Fonta deslizaram copa abaixo, empreendendo sua histórica fuga; a que marcaria a senda de toda uma humanidade.

"Arrumaram outro refúgio no alto de uma árvore, a uma meia jornada de caminho para o norte. Ali, naquele esconderijo secreto, os irmãos viram transcorrer seu primeiro dia fora do bosque e território natal.

Embora partilhassem ainda do medo ancestral dos primatas de permanecer em terra durante a noite, ao entardecer daquele primeiro dia de liberdade, Andon e Fonta retomaram sua fuga, sempre rumo ao norte.

Necessitaram de excepcional coragem

para empreender aquelas viagens noturnas, sempre debaixo da ameaça dos animais e de outros possíveis grupos de símios. E, ajudados pela lua cheia, os gêmeos conseguiram afastar-se o suficiente para que seus

"familiares" não os pudessem alcançar.

"No decorrer da viagem, descobriram uma jazida de sílex a céu aberto; fizeram boa provisão de pedras.

Alguma coisa vital e surpreendente ocorreu para os gêmeos. Quando Anton trabalhava com uma daquelas peças, tentando dar-lhe forma adequada para as lidas de caça, observou, estupefato, como do sílex brotavam umas "luzes" diminutas. E a idéia de fabricar o fogo surgiu pela primeira vez no cérebro daquele humano.

Mas no momento não foi posto em prática. A benignidade do clima tampouco estimulou a necessidade.

Entretanto, como lhe digo, a semente fora lançada e o fogo, como tal, não tardaria a aparecer de uma forma consciente e artificial.

"Apenas quando o Sol do outono começou a esconder-se mais rapidamente e as noites, à medida que ascendiam em direção ao norte, foram tornando-se mais frias, os gêmeos começaram a sentir a necessidade de um abrigo permanente e eficaz. E assim nasceram os primeiros vestuários, à base de peles de animais.

— Como e quando fizeram eles o primeiro fogo?

— A "Quinta Revelação" garante que foi antes que tivesse transcorrido a primeira lua, desde a fuga do lar familiar. Andon disse à irmã que acreditava ser capaz de fazer fogo, à base das pedrinhas de sílex. Mas, por dois meses foram inúteis suas tentativas. As pedras produziam chispas, é

verdade, mas o casal não conseguia inflamar a madeira. Afinal, quase sem querer, Fonta encontrou a solução. Uma tarde, ao pôr-do-sol, ela subiu ao alto de uma árvore, tentando apoderar-se de um ninho abandonado. O ninho estava seco, e por isso inflamável. Quando uma das chispas escapadas do sílex o alcançou, por casualidade, o material pegou fogo. O susto dos gêmeos foi tanto, que por pouco não deixaram que se apagasse a tímida chama. Mas reagiram a tempo, acrescentando material combustível em abundância. Era a primeira fogueira da humanidade. . .

"E durante horas e horas Andon e Fonta permaneceram junto ao fogo, como que hipnotizados pela ondulante e vivificante dança das chamas. E daí, começou a busca de madeira e de toda classe de materiais que pudessem sustentar e alimentar a sagrada descoberta. Foram, aqueles, alguns dos momentos mais alegres da sua breve mas intensa vida.

"Assim permaneceram a noite toda, intuindo vagamente que aquele achado lhes mudaria a vida, permitindo-lhes desafiar os rigores do clima e ajudando-os a uma definitiva independência.

"Antes deles, naturalmente, outros antepassados haviam alimentado os fogos e deles se servido, porém fogos provocados por raios em bosques e pastagens, mas até esse

dia criatura alguma terrestre dispusera de um método para provocá-lo à vontade. Entretanto, necessitaram os gêmeos de muito tempo ainda para aprender que o musgo seco, por exemplo, era material mais acessível que ninhos de pássaros e, como estes, prático na hora de provocar o fogo.

"E três dias passados o primeiro casal humano reencetou sua peregrinação.

— Dois anos haviam transcorrido, desde que os gêmeos decidiram partir do bosque natal, quando, finalmente, Fonta deu à luz seu primeiro filho. E, segundo consta da "Quinta Revelação", deram-lhe o nome de Sontad. Aquela foi a primeira criatura humana que, ao nascer, recebeu um leito protetor e foi abrigada e cuidada de forma permanente pelos progenitores. Esse incipiente instinto maternal seria vital para a multiplicação de uma espécie que, ao contrário dos seus "primos", os primatas, nascia frágil e desamparada, como é natural entre os seres humanos evolucionários, cuja essência e finalidade não é a força bruta, mas o raciocínio.

"Depois de Sontad, outros dezoito filhos vieram. E o casal viveu o bastante para ver à sua volta cerca de cinquenta netos e meia dúzia de bisnetos. O "clã" assentou-se definitivamente em quatro abrigos rochosos ou semicavernas, dos quais três se comunicavam através de galerias abertas na macia rocha calcárea, abertura essas

praticadas pelos filhos dos gêmeos com ferramentas de sílex. E assim nasceu a primeira grande raça humana: a "andônica" ou "andonita", em homenagem a Andon.

Sinuhe estava consciente do insólito de sua narração, que talvez pudesse empanar a tradicional idéia cristã de uns primeiros pais — Adão e Eva — criados "do barro e de uma das costelas de Adão", tal como menciona o *Gênese*. Por isso, antes de prosseguir, pediu a opinião de Glória. 0

Mas a senhora da Casa Azul se limitou a responder com esta frase lacônica:

— Possível e belo. . . Por que não?

E quando o amigo reencetava a leitura, exprimiu em voz alta:

— Sempre acreditei que a Bíblia utiliza símbolos.

Especialmente nessa parte da criação do homem e do próprio Cosmos. . . Além do mais, até agora não achei nada que vá contra a essência dos planos divinos. . .

Talvez, depois que você me tenha explicado como e de que forma foi levada a termo a "semeadura" da Vida sobre o planeta, eu possa entendê-lo melhor.

O investigador não respondeu. Após uns instantes de dúvida, em que esteve a ponto de voltar atrás nas páginas

da "Quinta Revelação" para informar a amiga sobre a "semeadura", optou por seguir o que já havia planejado antes.

— Os primeiros "andonitas", como lhe dizia, demonstraram alto espírito de clã. Caçavam em grupo e nunca se distanciavam do lar. Davam-se conta, ao que parece, da diferença que os separava do resto das tribos simiescas e que não deviam cruzar-se com elas sob nenhum pretexto. E cumpriram-no. Essa idéia tão íntima e quase incompreensível para os gêmeos e sua descendência era o fruto, na realidade, da progressiva intensificação da presença, em todos eles, de seus respectivos harmonizadores -de pensamento.

"Andon e Fonta labutaram sem descanso para alimentar e proteger os filhos. Viveram até a idade de 42

anos; morreram durante um terremoto. Uma rocha precipitou-se sobre eles, esmagando-os. Como você vê, nasceram e morreram juntos. Outros cinco filhos e onze netos pereceram no sismo e uma vintena de descendentes sofreu ferimentos graves.

"Sontad, apesar de um pé dilacerado, assumiu imediatamente a chefia do clã, ajudado por sua hábil mulher, a irmã mais velha. Seu primeiro trabalho como dirigente da família "andonita" foi exatamente amontoar pedras sobre os corpos

sem vida dos pais, irmãos e filhos. . .

— Eles rendiam culto aos mortos? — interrompeu Glória, quase não acreditando no que estava ouvindo.

— Não. Suas idéias a respeito da vida além da morte eram muito confusas e mal definidas. Era muito cedo ainda. . . Talvez não se deva dar tanta importância a esse ato de sepultar seus mortos. Tão só em seus sonhos fantásticos apareciam imagens que poderiam associar-se a uma concepção de sobrevivência além da morte.

"Mas entendo que chegou o momento de passar a outro capítulo, aliás sumamente atraente: qual o aspecto físico desses primeiros "andonitas", e que foi feito deles?"

Naqueles dias, Sinuhe intensificou seus ensinamentos, proporcionando ao mesmo tempo, à filha da raça azul, prazos maiores para reflexão. Era decisivo que ela assimilasse tudo aquilo ou, pelo menos, a essência da informação, para que seu comportamento, enquanto durasse a missão, fosse o mais frutífero possível.

Em vários daqueles descansos obrigatórios, o irmão da Loja surpreendeu-se ao pé do velho casarão da Câmara Municipal. Suas andanças terminavam sempre no mesmo lugar. Mas só no final, quando a intensa preparação se concluiu, teve a coragem necessária para aproximar-se da

torre solitária.

— A família de Andon e Fonta se conservou unida até a vigésima geração. Daí por diante, em consequência da luta pelos alimentos e das crescentes e assíduas rivalidades tribais, a primeira raça humana se dispersou.

"Não, não creia que essa atomização dos "andonitas" tenha constituído uma rachadura nos planos das personalidades celestes que vigiavam atentamente a evolução desses humanos. Como você verá dentro em pouco, tudo estava previsto. Bom. .. quase tudo.. .

"Aqueles homens primitivos tinham olhos negros e tez escura.

— Eram negros?

— Não. A aparição das diversas raças de cor foi um fato posterior, sumamente complexo e premente; mas falaremos disso em momento oportuno. Os "andonitas" tinham uma coloração comparável à que se poderia derivar do cruzamento de um amarelo com um vermelho. A melanina (esse pigmento que dá coloração à pele) achava-se já na epiderme andônica. Entretanto, a julgar pelo seu aspecto geral e o colorido da pele, lembravam um pouco os esquimós de hoje. Como também, creio haver-lhe dito, foram os primeiros seres humanos a utilizar peles de animais para

proteger-se do frio, apesar de terem epiderme muito mais povoada de pêlo do que a nossa.

— Alguma coisa não se encaixa — interveio a senhora da Casa Azul —. Ficou demonstrado que o antiqüíssimo gênero dos *Australopithecus*, muito anteriores a esse milhão de anos, já dispunha de certas regras sociais, e já sabiam usar os pedregulhos e o sílex. Por que então diz a "Quinta Revelação" que foram os "andonitas" que começaram a cobrir-se de peles?

— Em parte você tem razão. Esta documentação esclarece que os ascendentes de Andon e Fonta manipulavam toscas ferramentas de pedra e às vezes se aproveitavam do fogo. Mas, até agora, a paleontologia moderna não logrou descobrir entre estas três espécies que parecem formar o gênero dos *Australopithecus* (o *africanus*, o *robustus* e o *boisei*) um vestígio sequer que demonstre que se cobriam com peles. Os achados registrados nessa época, há um milhão de anos, época em que a "Quinta Revelação"

assegura que nasceram os gêmeos, não são ainda convincentes. Na atual divisão estratigráfica do Quaternário, entre os anos 600 000 e 2 000 000 antes de nossa Era (quer dizer, no Pleistoceno inferior), os descobrimentos paleontológicos mais relevantes foram, precisamente, os dos *Australopithecus* dos tipos *africanus* e *robustus* na África

do Sul, e *boisei* no famoso barranco de Olduvai e no Vale da Greta, a leste do continente africano. Algumas escavações mais recentes, levadas a efeito por Richard Leakey nos primeiros anos da década de setenta, vieram demonstrar que a leste do lago Rodolfo, em Kenya, viveu uma numerosa colônia desses *Australopithecus* ou pré-humanos, possivelmente entre dois e três milhões de anos. Porém, o mais curioso, é que Leakey Jr. chegou a insinuar que, junto aos restos desses quase primatas havia também vestígios de verdadeiros humanos, contemporâneos e muito próximos dos *Australopithecus*. . . Você percebe o que significa a asserção de Leakey?

"Se é que a "Quinta Revelação" está correta, Richard Leakey poderia estar mencionando alguns dos exemplares "andonitas" que, realmente, conviveram com seus "primos distantes", os pré-humanos. Você terá notado, também, que há alguma coisa que não está de acordo: enquanto a "Quinta Revelação" afirma que os gêmeos nasceram há um milhão de anos, uma das descobertas de Leakey em 1972 (um crânio completo de aspecto humano e grande capacidade craniana) situa a presença desses misteriosos humanos africanos para além dos dois milhões de anos. Quem tem razão? Pode Leakey ter-se enganado na hora de datar a antigüidade desses restos de verdadeiros humanos contemporâneos dos pré-humanos? Mas creio que me desviei da sua pergunta inicial...

Sinuhe recapitulou.

— Sim, falávamos das regras sociais. . . Os achados de uma certa "indústria lítica" entre os *Australopithecus* ou pré-humanos confirma o que nos diz a "Quinta Revelação". Os antepassados e, também, contemporâneos dos "andonitas" souberam manejar algumas armas muito rudimentares, arrojadas (pedras, por exemplo) ou manipuladas diretamente: paus, talvez. . . Jamais, porém, teriam sido capazes de talhar machadinhas de mão, como as encontradas em Sterkfontein, perto de Johannesburgo, em quartzo, oblongas, brilhantes e com catorze faces! E, no entanto, esse sensacional achado do doutor Brain, em 1956, em um habitat do *Australopithecus africanus*, vem demonstrar-nos que, se não pôde ser aquele primitivo pré-

humano quem teria fabricado tais utensílios de pedra, o autor, necessariamente, deve ter sido um verdadeiro humano, contemporâneo do *africanus*! Como você vê, pouco a pouco, a Paleontologia vai desembocando em uma hipótese única e revolucionária, apontada já pela "Quinta Revelação": houve verdadeiros humanos na África, em convivência com outros seres quase símiescos (os *Australopithecus*) de que se foram distanciando mais e mais. O que, no momento, não pode ser descoberto nem provado pela ciência moderna é como e por que se deu esse "salto" dos primatas para os autênticos humanos. . .

"Para a "Quinta Revelação", foi a progressiva expansão da capacidade craniana dos "andonitas" que favoreceu esse enriquecimento das emoções, dos hábitos sociais e a própria tomada de consciência individual e coletiva daqueles clãs. E tudo isso redundou afinal na ruptura do tronco primigênio que os gêmeos haviam formado. Mas passemos a analisar alguns dos principais traços sociais desse grande clã, antes da cisão definitiva. . .

— Em um contraste singularmente profundo em relação a seus "primos", os pré-humanos (ou os *Australopithecus*, se você o preferir) Andon e Fonta e as gerações que se lhes seguiram foram avançando em sua evolução a ritmo vertiginoso. Desde o princípio as regras sociais, para dar-lhes algum nome, distanciaram-se eloqüentemente dos costumes puramente instintivos de muitos dos seus ancestrais. Os varões eram capazes de lutar heroicamente para proteger a companheira e a prole, e as fêmeas, diversamente das pré-

humanas, essas sim, foram capazes de superar o mero impulso animal da maternidade, substituindo-o por sólido e real sentimento de afeto. Porém, essa lealdade incipiente circunscrevia-se unicamente ao clã. A

"Quinta Revelação" afirma que aqueles primeiros "andonitas" não eram ainda capazes de conceber um mundo

melhor. O altruísmo seria um sentimento ulterior.

"Apesar disso, esses homens primitivos carregavam a semente do afeto e da amizade. E o praticavam, embora de maneira bem rudimentar. Mais tarde, terá sido habitual o espetáculo, nas batalhas com outras tribos inferiores, de os leais "andonitas" lutarem com uma só mão, protegendo com a outra um companheiro ferido.

Glória formulou uma de suas típicas e certeiras perguntas:

— Sabiam brincar?

— Pelo que sei, não exatamente. Eram muito propensos a imitar, mas o senso do brincar era neles pouco desenvolvido. O mesmo acontecia com o humor. . .

A senhora da Casa Azul lembrou-se de uma coisa de que jamais havia cogitado: de quando data o senso de humor entre os homens? É inato ou aprendido?

— Pode parecer-lhe incrível, mas o homem primitivo mal sorria e, ao que parece, não conheceu a risada nem a gargalhada. Essa condição humana que precisamente nos distingue dos animais foi um legado muito posterior...

— Um legado? De quem?

— Não fica muito claro na "Quinta Revelação". Já lhe lembrei que há grandes lacunas nestas informações... Mas tudo parece indicar, como responsáveis por essa ascensão, homens de outra raça: a

"adâmica".

"Definitivamente, aqueles "andonitas" primitivos não eram muito sensíveis à dor nem a situações desagradáveis que, com o passar do tempo e da evolução, aí sim, começaram a afetar os restantes seres humanos. Dar-lhe-ei um exemplo: Fonta e as "andonitas" que lhe sucederam jamais pariram com dor. Essa circunstância, hoje tão diferente, teve outras raízes... das quais já falaremos.

"E assim foram transcorrendo os anos. O clã original conservou sempre uma linha ininterrupta de chefes, até que, na vigésima sétima geração, o fato de não se ter dado o nascimento de filho varão na descendência direta de Sontad provocou revoltas internas pela chefia "andonita", a cargo de duas facções rivais.

"Explicavelmente, à medida que passava o tempo, os clãs "andônicos" foram crescendo em número e o contato entre as famílias em expansão acabou sendo inesgotável fonte de rixas e mal-entendidos. É preciso compreender que o espírito desses primeiros povos achava-se dominado por dois

princípios básicos: a caça e a guerra. O primeiro, fundamental para a conservação e desenvolvimento dos seus membros. O segundo, para vingar-se das injustiças ou insultos (reais ou imaginários) lançados por tribos vizinhas. É praticamente impossível que seres primitivos cheguem a viver juntos, em paz. O humano, não nos esqueçamos, descende de animais combativos, e quando seres tão rudimentares convivem tão estreitamente, ofensas e agressões são inevitáveis.

"No caso dos primeiros "andonitas", as guerras não tardaram a eclodir entre as diferentes tribos. E houve muitas e irreparáveis perdas entre os membros mais valiosos e promissores. Tão trágicos foram os sucessos, e lamentáveis, que, afirma a "Quinta Revelação", algumas linhas genéticas dotadas de mais aptidões e inteligência perderam-se para sempre. Como se se tratasse de sombrio presságio — ponderou Sinuhe — aquela belicosidade ampliou-se de tal forma que a raça "andônica" atravessou momentos graves, chegando até mesmo ao risco de extinção total.

"Os "Portadores de Vida" conhecem essa tendência nas criaturas evolucionárias e adotam disposições para dividir finalmente os humanos, ao menos em três raças diferentes e separadas e, geralmente, em seis.

— Foi assim que nasceram as raças humanas e as diversas

línguas?

— Os "Portadores de Vida" raramente atuam de forma drástica. Um de seus princípios básicos, que teria encantado Darwin — comentou Sinuhe com seu senso de humor —, é o progresso pela evolução e não pela revolução. Antes da sua dispersão, os "andonitas" tinham uma linguagem comum e bastante aperfeiçoada.

Essa língua continuou enriquecendo-se, através de contribuições cotidianas, novos inventos e progressivas adaptações ao meio. Este testemunho afirma que aquela foi a primeira língua de IURANCHA, que prosperou até o ulterior aparecimento das raças de cor. Raças de que lhe falarei amanhã...

A lua nova se aproximava. E Sinuhe, cada vez mais tenso, preocupava-se em ultimar aquele trasfego de informações. Glória teria de conhecer, mesmo que apenas superficialmente, o panorama do planeta naqueles primeiros tempos e, sobretudo, a verdadeira origem dele. Assim pois, não sem algum remorso, decidiu concluir o treinamento ainda naquela quarta-feira, 25 de julho.

— Como lhe referia, aquela série de batalhas acabou por mobilizar os clãs "andonitas". E começou a grande dispersão. As sucessivas gerações introduziram-se na

África, mas não excessivamente. A geografia daqueles tempos os conduzia sempre para o norte. E a grande viagem prosseguiu sempre nessa direção, até que foram detidos pelo avanço lento da terceira glaciação.

"Mas, antes que o imenso manto de gelo os tivesse feito presa nas terras do que hoje são a França e as ilhas Britânicas, os descendentes de Anton e Fonta haviam avançado e progredido para o oeste, através da Europa atual. E ali levantaram mil povoados, ao longo dos grandes rios que desembocam no mar do Norte, cujas águas, então, eram cálidas.

Sinuhe alterou o tom da voz e, com certa emoção, anunciou para a companheira "algo" que os paleontólogos ignoram ainda.

— Segundo a "Quinta Revelação" os membros dessas tribos "andônicas" foram os primeiros povoadores das margens dos rios da França de hoje. Viveram, por dezenas de milhares de anos, junto ao Somme. É o único rio que em seu curso não foi afetado pelas geleiras. Naquelas épocas distantes corria para o mar, quase com a mesma trajetória de hoje. Eis porque os achados paleontológicos ao longo do seu leito contam-se na atualidade aos milhares... O triste -- refletiu Sinuhe — é que os cientistas não sabem que tais restos humanos pertencem, nada mais nada menos, aos

descendentes daqueles gêmeos históricos... Os verdadeiros pais da humanidade, se não nos enganamos.

"Esses primeiros povoadores de IURANCHA — continuou lendo — já não habitavam as copas das árvores, embora tivessem conservado o hábito de se refugiar nelas nos momentos de perigo. Viviam, em geral, ao abrigo dos penhascos, quase sempre sobre os rios ou em covas naturais nos alcantilados. Isso lhes garantia uma perfeita visibilidade dos acessos e os protegia dos elementos. Dessa forma, podiam desfrutar do calor das fogueiras sem que fossem incomodados pela fumaça...

— Eram os conhecidos trogloditas ou cavernícolas?

— Não exatamente. Só com o passar das idades e a chegada dos gelos, os descendentes daqueles

"andonitas" viram-se impelidos a buscar refúgio nas covas. A princípio, porém, preferiam acampar nos limites dos bosques e nas proximidades dos rios.

"Foram notáveis construtores de choças de pedra, em forma de domo ou cúpula, que camuflavam habilmente, e em cuja habitação dormiam e se resguardavam. Fechavam a entrada fazendo rolar uma grande pedra, que colocavam no interior antes de rematar o teto.

"Os "andonitas" eram caçadores hábeis e intrépidos. A dieta baseava-se na carne, complementada às vezes com bagas e frutos silvestres. E, assim como Andon foi o inventor da machadinha de pedra, seus sucessores criaram e utilizaram a lança e o arpão, tornando-se igualmente peritos no manejo de novas e cada vez mais refinadas ferramentas.

"Sob muitos aspectos, essas tribos "andônicas" deram excelentes provas de inteligência e progresso. Mais e melhores do que as que nos ofereceriam seus sucessores em quase meio milhão de anos. Mas... é outra história...

Aquela revelação de uns "primeiros pais" da humanidade, diferentes da tradição adâmica, cativou a senhora da Casa Azul. Glória teve de reconhecer, com Sinuhe, que aquela parecia mais "lógica" e natural que a de um Adão subitamente nascido do barro vermelho. Ambos haviam, desde crianças, feito a mesma pergunta: "Será que antes da criação de Adão e Eva, não havia outros seres humanos sobre a Terra?"

— Mas, se aceitamos a "Quinta Revelação" — esgrimiu a filha da raça azul —, onde e quando encaixamos Adão e Eva? Ou não terão existido?

— Vai aí uma opinião pessoal. Apesar de seus simbolismos, confusões, lacunas e, às vezes, acréscimos inoportunos, a

Bíblia tem razão. Pelo pouco que sei, Adão e Eva existiram. Mas nem foram nossos primeiros pais (no sentido físico da expressão), nem sua história foi escrita e transmitida com fidelidade. Nesses arquivos secretos de IURANCHA, que você e eu devemos encontrar, está a verdade. A "verdade" (segundo a

"Quinta Revelação", claro) sobre quem foram Adão e sua companheira e sobre os sucessos que protagonizaram. .

Glória exclamou, sem poder conter-se:

— Então, que é que estamos esperando?

Sinuhe mostrou o céu, ao mesmo tempo que lhe pedia calma.

Lembre-se. . . a lua nova.

E o porta-voz da Escola da Sabedoria enveredou de novo por aquelas últimas páginas, nas quais se recolhia a definitiva dispersão da raça "andônica" ...

— Ao mesmo tempo em que os descendentes dos famosos gêmeos povoavam a Europa e as terras da Ásia, o nível cultural e espiritual das tribos retrocedeu lamentavelmente. Suas lutas e diferenças não tardaram a reativar-se, prolongando-se pelo espaço de mais dez mil anos. Aquela tenebrosa Era iria finalizar-se com a aparição de um humano

excepcional: Onagar.

"A "Quinta Revelação" diz que esse "andonita" nasceu faz agora (1984) 983 373 anos. Assumiu a chefia da maior parte dos clãs e, à maneira do primeiro profeta e guia espiritual da Humanidade, pacificou-os, fazendo com que adorassem, pela primeira vez em IURANCHA, "Aquele que dá alento aos homens e aos animais".

— Eu pensei que Andon e Fonta adorassem a Deus.. .

— Não. Foi muito confusa a filosofia dos gêmeos. Andon terminou adorando o fogo, pelo bem-estar que lhes proporcionava. A razão o compelia para a adoração do Sol, mas tratava-se de uma "fonte" demasiado distante e aquele humano primigênio, como tantos outros, caiu na veneração do fogo.

"Desde os primeiros tempos de sua existência como humanos, os "andonitas" experimentaram um temor profundo pelas forças da Natureza. Não compreendiam o trovão nem o raio nem tampouco o vento ou a chuva. Mas a fome, verdadeiro motor das vidas, os levaria finalmente à adoração de determinados animais.

Para Andon e seus filhos, a carne dessas criaturas foi um símbolo da potência criativa e da fertilidade. E de vez em quando estabeleciam o costume de designar alguns desses

animais como objeto de veneração.

Naquelas épocas, o animal eleito era pintado, em geral toscamente, nas paredes das cavernas. Mais avançado o tempo, esses deuses-animais eram representados com maior perfeição e sensibilidade. Logo, esses povos

"andônicos" renunciaram a comer a carne do animal venerado pela tribo. Para criar impressões fortes no espírito dos jovens, chegaram a estabelecer toda uma série de ritos e cerimônias em torno desses animais sagrados. E mais tarde essas celebrações primitivas transformaram-se em autênticos sacrifícios. Esta, nem mais nem menos, é a origem da introdução de sacrifícios rituais e cruentos nos cultos. A idéia foi sustentada, inclusive por Moisés, e conservada por São Paulo sob a forma da "doutrina de resgate por efusão ou derramamento de sangue".

Sinuhe valeu-se dos Evangelhos e leu em *Hebreus* (9,22):

— Diz Paulo: "Além do mais, segundo a Lei, quase tudo é purificado com o sangue, e sem derramamento de sangue não há remissão."

"Mas continuemos com os "andonitas" e esse curioso personagem, Onagar. O alimento, como eu lhe dizia, tinha importância capital para aquela gente. Hoje, talvez, custe-nos compreendê-lo. E no entanto, segundo a "Quinta

Revelação", esse capítulo vital nas vidas dos primeiros humanos levaria Onagar (o grande instrutor) à elaboração da primeira oração de que se tem notícia na Terra. Diz assim: "Oh, sopro de Vida!

Dá-nos hoje nosso alimento diário. Livra-nos da maldição do gelo. Salva-nos dos nossos inimigos dos bosques e recebe-nos com misericórdia no Grande Além."

— A primeira oração humana! — sussurrou Glória.

— A primeira, sim. Mas aquele Onagar, providencial, levaria adiante outras muitas e memoráveis ações.

— Onagar — prosseguiu Sinuhe — tinha seu quartel-general em Obar, uma colônia situada na orla setentrional do antigo mar Mediterrâneo, que hoje é a região do mar Cáspio. Era um ponto estratégico, pois a rota procedente da Mesopotâmia meridional em direção ao norte cruzava com os caminhos do oeste, rumo à Europa. E dali Onagar foi enviando educadores a todas as tribos, com a missão de propagar sua fé em uma Deidade única e em uma vida futura que ele chamava o "Grande Além". Foram, em realidade, os primeiros

"missionários" de IURANCHA. Graças também a Onagar, os "andonitas" passaram a cozer a carne.

Assavam-na sobre pedras previamente aquecidas ou na ponta dos seus bastões. Esse costume saudável, entretanto, acabou por perder-se e os descendentes retornaram à ingestão de carne crua e sanguinolenta, com os conseqüentes riscos sanitários.

"Esse grande mestre, filósofo e chefe espiritual da raça "andônica", foi o primeiro artífice disso que hoje poderíamos definir como progresso. Instituiu um governo tribal e pioneiro na Terra, organizando os homens de acordo com autênticas pautas sociais. Ele morreu aos 69 anos, legando à humanidade toda uma promissora "Idade de ouro". A primeira de IURANCHA. Desgraçadamente, após esse florescer humano, os novos povos foram olvidando os ensinamentos de Onagar e caindo em caos progressivo, em idolatria e bestialidade.

"E relata ainda a "Quinta Revelação que, embora Andon e Fonta e muitos descendentes recebessem seus respectivos harmonizadores de pensamento, foi a partir de Onagar que inumeráveis harmonizadores e anjos da guarda chegaram à Terra.

"Mas, como eu lhe dizia, aquela primitiva humanidade, longe de progredir tal como estava previsto, retrocedeu. E durante quase 500 000 anos, até o momento em que IURANCHA recebeu seu primeiro príncipe planetário (o nefasto

Caligastia), os homens se espalharam pelo mundo, cegados pelas trevas espirituais mais tétricas que possamos imaginar.

"E a "Quinta Revelação" finaliza a trepidante história dos gêmeos, com as seguintes palavras: "Andon e Fonta, os admiráveis fundadores da raça humana primigênia, receberam a consagração do próprio valor no momento do julgamento de IURANCHA, depois da chegada de Caligastia. E no momento conveniente emergiram do mundo de 'Moroncia ou das Casas', com a categoria de 'cidadãos de Jerusem'. Embora jamais tenham sido autorizados a regressar à Terra, conhecem a raça que fundaram, sofreram angústia pela traição do príncipe planetário e entristeceram-se com o malogro de Adão e Eva. Mas encheram-se infinitamente de gáudio com a notícia de que Micael escolhera o mundo deles para cenário de sua encarnação última.

"Em Jerusem, Andon e Fonta se fundiram com seus respectivos harmonizadores mentais, como o fizeram também muitos dos seus filhos, Sontad incluído. Entretanto, a maior parte dos descendentes, entre os quais muitos imediatas, só conseguiram a fusão com o Espírito. Pouco depois de chegados a Jerusem, os gêmeos receberam do Soberano do sistema autorização para voltar ao Primeiro Mundo de Moroncia e, dali, servir os

'peregrinos ascendentes' de IURANCHA. Foram agregados

a essa missão por tempo indeterminado. Por ocasião das presentes revelações, Andon e Fonta tentaram fazer chegar seus melhores votos para IURANCHA, mas a petição foi sabiamente rejeitada.

"Este (conclui a 'Quinta Revelação') é o capítulo mais heróico e apaixonante da história de IURANCHA: o relatório da luta pela vida, da morte e da sobrevivência eterna dos 'pais' extraordinários de toda a humanidade."

Sinuhe tornara a mencionar um nome que intrigava poderosamente a filha da raça azul: Caligastia, o príncipe do planeta IURANCHA. Perguntou por ele.

O amigo repetiu-lhe o que ela já sabia:

— Há vários momentos na "Quinta Revelação" em que a informação é mais detida. Este é um deles. . .

"Sabemos que o primeiro príncipe planetário da Terra foi o tal Caligastia. Sabemos também que apareceu em IURANCHA há cerca de 500 000 anos. Isto é, exatamente quando os descendentes de Andon e de Fonta haviam caído, já o lembramos, em uma Era de trevas. Sabemos igualmente que esse ser celeste e seu Estado-Maior (permita-me a licença) desempenharam papel decisivo no ressurgimento da humanidade. Mas "algo"

não deu certo. E eis que é esse "algo" o que nós (você e eu) devemos verificar. Minhas informações acusam a Lúcifer como responsável direto por esse "problema", ou seja lá o que for, de tão nefastas repercussões, passadas e presentes, para o planeta.

"Posso dizer-lhe unicamente que a "Quinta Revelação" deixa entrever que esse "fracasso" do príncipe de IURANCHA poderia estar relacionado com a rebelião. Mas, se devo ser sincero, tudo são especulações. A verdade, não a conhecemos. A verdade está escondida nesses arquivos que temos de encontrar. . .

"500 000 anos? Caligastia? Um Estado-Maior celeste? Um fracasso? Lúcifer e seu motim?"

Eram perplexidades demais para a filha da raça azul e também para Sinuhe. Mas a irritante situação, em lugar de intimidá-los, avivou-lhes a curiosidade. Sim, era preciso localizar esses malditos arquivos secretos e saber que foi que aconteceu naquela obscura e remota época da humanidade.

— E nisso tudo — insistiu Glória — onde figura a chamada "raça azul"?

— Já chegamos lá. Segundo consta desta documentação secreta, justamente nos tempos em que Caligastia foi enviado para IURANCHA (há meio milhão de anos, você

sabe), surgiram no planeta os primeiros indivíduos de cor. E, diz a "Quinta Revelação", esses indivíduos nasceram do mesmo pai e da mesma mãe: dois exemplares de inteligência notável, assentados, então, em uma tribo do nordeste da Índia atual. Essa família foi conhecida como Sangik. Tiveram dezenove filhos: cinco vermelhos, dois alaranjados, quatro amarelos, dois verdes, quatro azuis e dois violáceos. E deles germinariam todas as raças de cor conhecidas na Terra.

Glória, estupefata, fitou o amigo com benevolência meio irônica.

— Já sei — antecipou-se Sinuhe, adivinhando o fundo ceticismo da interlocutora —, sei o que você está pensando. Mas permita que eu cumpra com a primeira parte da minha tarefa: informá-la sobre o que diz textualmente essa "revelação" ...

"A extraordinária miscigenação que se deu em IURANCHA (prossigue o texto) em virtude das migrações e das guerras, ocasionou uma situação nada fácil de estudar e definir. Digamos simplesmente que as raças alaranjada e verde foram praticamente exterminadas. Que a vermelha, escorraçada da Ásia pela amarela, emigrou para a atual América pela ponte terrestre de Bering. Que as raças de tipo negróide originam-se da índigo ou violácea e que a branca descende daqueles primeiros indivíduos de pele azulada."

— A raça azul! Então, não compreendo... Se o homem branco atual procede dessa primitiva raça azul, por que você diz que sou a filha da raça azul?

A perturbação que aquela passagem provocou na senhora da Casa Azul era compreensível. Então Sinuhe tratou de deixar as coisas no devido lugar.

— Não se precipite. Há alguma coisa que você ainda ignora.

..

— Você tem razão em um ponto. Eu, um homem de raça branca, como tantos e tantos milhões no mundo, provavelmente procedo dessa suposta raça azul de que fala a "Quinta Revelação". Mas seu caso é diferente. . .

Glória fulminou-o com o olhar.

— Que é que você quer dizer?

— A partir de informações, corroboradas por mim e por outros... digamos "amigos", dos quais não lhe posso falar agora, você, Glória, é uma das últimas representantes de outra raça azul. Uma raça de que não lhe falei ainda, entre outras razões porque não disponho quase de informação.

Glória fez um trejeito que lhe refletia o desalento diante de semelhante galimatias.

— Houve, diz aqui, uma raça azul primigênia — continuou Sinuhe, com uma parcimônia de paquiderme

— nascida dessa família chamada Sangik, há uns 500 000 anos. E, desses supostos quatro indivíduos azuis, derivaram os homens brancos. Porém, muito tempo depois... Insisto: sempre segundo a "Quinta Revelação".

..

— Pelo amor de Deus! Quer ir ao núcleo?

— Sim, perdão...

Sinuhe compreendeu a impaciência da "aluna". Tentou não cair em novos rodeios ou circunlóquios.

— ... Muitos anos mais tarde (não lhe posso precisar a data), quando os primeiros indivíduos "azuis" já haviam desaparecido para dar lugar aos brancos, IURANCHA viveu outro sucesso extraordinário: a chegada de uns seres alheios à Humanidade (preste muita atenção nisso) de cor azul ou talvez violeta. Isto também não aparece claro na "Quinta Revelação". E esses seres, talvez celestes, procriaram novos humanos, que também se multiplicaram e se estenderam pelo globo terrestre. E, pelas informações que tenho, você (é isso, você) seria a última, ou uma das derradeiras, representante ou "filha dessa segunda raça azul" ...

Glória guardou silêncio. Mal teve forças para murmurar:

— Eu?... Mas quem eram esses "pais" da segunda raça azul?

Sinuhe não respondeu.

Glória sabia que o amigo ocultava — como quase sempre — muito mais do que contava. Fez então o impossível para pressioná-lo. O investigador, porém, conservava-se impenetrável. Entretanto, ali ele foi sincero:

— Eu a enganaria se não lhe dissesse que tenho (ou temos) uma suspeita mortificante sobre quem foram, em realidade, esses progenitores da última e transcendental raça azul... Mas foi-me terminantemente proibido difundir o que verdadeiramente só é uma suposição. Confie em mim. Essa, querida amiga, é outra razão por que estou aqui, com você: devemos desvendar o mistério que vem envolvendo esses "pais" da segunda raça azul.

— Por quê? — esgrimiu Glória, tentando que o amigo mordesse a isca —. Por que é tão importante saber quem foram esses forasteiros?...

Sinuhe limitou-se a esboçar um interminável sorriso. A senhora da Casa Azul teve de resignar-se.

A instrução intensiva da filha da raça azul estava

praticamente terminada. Foi o que Sinuhe lhe fez ver, fechando a volumosa e misteriosa fonte de informação: aquela que ele denominava "Quinta Revelação".

— Se bem compreendi — recapitulou Glória — nossa missão consiste em localizar os arquivos secretos de IURANCHA, em poder dos rebeldes desde que eclodiu a rebelião de Lúcifer. Correto?

Sinuhe moveu a cabeça silenciosa e afirmativamente.

— Se não me engano — continuou a companheira, que recuperara seu equilíbrio habitual —, nesses arquivos está a informação completa sobre as causas da rebelião, sobre suas conseqüências na Terra e sobre a identidade desses seres que procriaram, em IURANCHA, a raça azul, da qual eu faço parte...

— Você se está esquecendo de alguma coisa. Nesses arquivos encontra-se também a possível explicação de por que Caligastia teria fracassado e sobre quem foram na verdade Adão e Eva. E qual pode ter sido a natureza do seu histórico erro...

— E você por acaso pretende que nós dois descubramos esses arquivos? Você está louco?

— De qualquer forma — corrigiu-a com afeto —

maravilhosamente loucos!

Glória assentiu.

— Mais perguntas? — interveio Sinuhe, por cuja mente voltava a rondar a idéia de visitar a torre do velho casarão da Câmara Municipal. Faltavam 48 horas para a lua nova, e o tempo corria.

— Mais perguntas? Milhares, eu diria! Mas neste instante só quisera propor uma... Ou talvez não passe de uma simples reflexão. ..

— Você dirá...

— Se o nascimento ou "semeadura" da Vida em nosso mundo foi obra dos chamados "Portadores de Vida", e se esses seres celestes se movem e atuam segundo planos e padrões perfeitamente estudados, por que a humanidade de IURANCHA teria fracassado?

Sinuhe respondeu à pergunta direta e dura; no início, com grave silêncio. Depois, retomando a "Quinta Revelação", buscou-lhe entre as páginas.

— Podemos falar de "fracasso" ... em parte. Mais: adianto-lhe que boa dose dessa falha relativa dos homens pode ter tido suas raízes em outros seres... não humanos. Como você

percebe, voltamos a um dos objetivos da nossa missão. Mas, já que você tocou no assunto, deixe-me que lhe exponha algumas das noções que, neste sentido, dizem terem sido transmitidas pelos próprios "Portadores de Vida", e que constam destas "revelações". Para começar, IURANCHA, como você sabe, é um planeta decimal. Em conseqüência, sujeito a maiores problemas de indisciplina e alterações do que parece ser o "plano cósmico universal" ...

— Em outras palavras — Glória simplificou — não passamos de "porquinhos da índia" . . .

— Se a "Quinta Revelação" estiver certa, essa expressão (embora com certa base), soaria, pelo menos, irreverente... .

— Desculpe! Você sabe que não é minha intenção... Sinuhe, no fundo, também pensou nisso uma que outra vez.

Porém, mudava quando se tinha acesso àquela parte da informação secreta. Continuou:

— Vimos como Andon e Fonta, os gêmeos e nossos "primeiros pais", surgiram de um tronco, que teve duas grandes ramificações: uma regressiva, que deu origem aos macacos, e outra progressiva, da qual floresceu o ser humano propriamente dito. E esse "tronco comum", de acordo com a "Quinta Revelação" e a ciência hodierna, pôde ter sido formado por uma espécie de seres "hominídeos" ou

pré-humanos. Quem sabe? Talvez esses *Australopithecus*, cujos restos se encontraram na África...

"Quero, com isso, conduzi-la a uma questão-chave: você crê que a súbita aparição dos gêmeos em uma

"família" de pré-humanos ou primatas deveu-se a uma casualidade? Ou pode ter sido fruto de uma evolução... inteligentemente conduzida?

A senhora da Casa Azul, como já o supunha o membro da Escola da Sabedoria, não se pronunciou.

Quem poderia e quem poderá, contando apenas com a razão, iluminar semelhante enigma?

Sinuhe, tendo advertido a companheira sobre a dificuldade de alguns dos termos que lhe desvelaria, arremeteu com a que seria a última "informação" antes da grande partida.

— Em relação ao que "eles" (os "Portadores de Vida") chamam o "supercontrole da evolução", estes documentos dizem, entre outras coisas, que "a vida material evolucionária" (vida anterior à aparição da inteligência propriamente dita) redonda de uma colaboração entre os Mestres Controladores Físicos e o ministério de Transmissão de Vida, através dos sete Espíritos Mestres em conjunção com os ativos cuidados dos Portadores de Vida

responsáveis. Em consequência do funcionamento coordenado dessa tríplice atividade criadora, desenvolve-se uma aptidão físico-orgânica para pensar mecanismos materiais, destinados a reagir inteligentemente aos estímulos do meio exterior e, posteriormente, aos que chegam do próprio órgão pensante. De acordo com isso, são três os níveis de geração e evolução da vida:

"1. O nível físico-energético, ou produção da aptidão mental.

"2. O ministério de inteligência dos espíritos agregados, procedendo e preparando a aptidão espiritual.

"3. A dotação espiritual da inteligência humana, que culmina com a concessão dos "harmonizadores de pensamento".

"Os níveis, não passíveis de serem ensinados, de reação maquinai do organismo em torno, constituem o domínio dos Controladores Físicos. Os Espíritos Mentais Agregados ativam e regulam os tipos de inteligência adaptáveis ou não-maquinais (mecanismos de reação de organismos capazes de aprender por experiência). E da mesma forma que os Agregados Espirituais manipulam as potências da mente, os Portadores de Vida exercem um controle discricional considerável nos aspectos ambientais dos processos revolucionários, até o momento em que aparece a vontade humana, a aptidão para conhecer a Deus e a faculdade de

escolher adorá-lo.

"É a atividade integrada dos Portadores de Vida, dos Controladores Físicos e dos Agregados Espirituais a que condiciona o curso da evolução orgânica nos mundos habitados...

Sinuhe levantou a vista e percebeu como Glória, obviamente, tornou a perder o fio daquelas palavras indecifráveis.

— Talvez possamos resumir tudo o que foi dito com uma frase tão singela quanto transcendental: a evolução, em IURANCHA ou em qualquer outro planeta, é sempre premeditada, nunca acidental.

— Isso não agrada a cientistas e racionalistas — sussurrou Glória, divertida.

— Não, evidentemente... Mas para você e para mim é tranquilizador.

— Pelo que vejo, e como suspeitava, esses curiosos "Portadores de Vida" — comentou Glória —

exerceram papel importantíssimo na "semeadura" da Vida...

— Na "semeadura" e em qualquer coisa mais... — retificou Sinuhe —. Observe o que se diz a seguir:

"Esses seres (os Portadores) são dotados de potenciais de metamorfose da personalidade. Poder que poucas categorias de criaturas celestes possuem.."

Após uma pequena pausa, baixando o tom de voz, o investigador confessou à companheira:

— Se é verdade que algum dia vamos ressuscitar nesses Mundos de Moroncia, sabe que papel ou nova

"profissão" me agradaria mais?

A filha da raça azul conhecia bem as idéias peregrinas do velho amigo. Assim, aguardou algum disparate.

— Portador de Vida... Fosse tudo isso certo, e supondo-se que se pode escolher, eu ficaria encantado por dedicar "meu tempo" à "semeadura" da Vida por outros mundos...

Glória não percebeu se ele falava sério ou de brincadeira.

— Mas continuemos. O que acontece quando esses Portadores de Vida se preparam para uma nova

"semeadura", assim como parece ser que aconteceu em IURANCHA?

— Uma vez eleito o lugar ideal para a "semeadura", os Portadores (diz a "Quinta Revelação") convocam a chamada

Comissão Arcangélica de Transmutação. Integram esse grupo dez ordens de personalidades diversas, compreendendo os Controladores Físicos e seus associados. Preside a Comissão o chefe dos arcanjos, atuando por ordem de Gabriel e com a autorização dos Anciãos dos Dias. Quando esses seres se encontram "em circuito", podem efetuar nos Portadores de Vida modificações que lhes permitirão operar de imediato ao nível físico da eletroquímica.

"Formulados os arquétipos de vida (note como isso é importante), devidamente complementadas as organizações materiais, as forças supramateriais implicadas na propagação da Vida ativam-se, e a Vida

"nasce": manifesta-se.

"Nesses momentos, os Portadores de Vida são imediatamente recolocados no estado "mediano" habitual (quase "moroncial") de sua personalidade. Nesse segundo nível os Portadores podem manipular os elementos vivos e manobrar os organismos em evolução, mas atenção: já não podem criar nem organizar novos arquétipos ou formas de matéria viva. Ainda mais: quando a evolução orgânica segue já determinado curso e o discernimento ou livre arbítrio (de tipo humano) faz sua aparição nos organismos mais elevados, esses Portadores são constrangidos a sair do

planeta ou a prometer renúncia...

Glória, cheia de curiosidade, perguntou:

— E se falham esses planos evolutivos dos Portadores?

— Então, nesse caso, a sabedoria das personalidades celestes chega a um extremo tal que, pelo que tenho entendido, existem outras "medidas" de correção. Por exemplo, uns seres cósmicos chamados...

Sinuhe hesitou^ Devia pronunciar aqueles nomes, se nem sequer tinha certeza?

— ... uns seres cósmicos chamados Adão e Eva — concluiu finalmente.

A senhora da Casa Azul, sorte para Sinuhe, não se deu conta do que acabava de ouvir. Ele, rápido e vivo, aproveitou o lapso da companheira, enfronhando-se de novo nó tema dos Portadores de Vida.

— Em outras palavras: que esses incríveis seres celestes (os Portadores), uma vez terminada sua tarefa, têm de comprometer-se a não interferir na evolução orgânica. Seja qual for o resultado.

"Se os Portadores não abandonam o mundo (ouça até que

extremo existe um controle da Vida) e, como segunda alternativa, decidem fazer voto de renúncia, permanecendo assim no planeta, para aconselhar no futuro àqueles que terão a missão de proteger as criaturas recentemente evolucionadas, convoca-se uma comissão de doze membros, presidida pelo chefe das "Estrelas da Tarde". Essas doze personalidades atuam a mando do Soberano do sistema em questão, e com a devida autorização de Gabriel. Nesse caso, os citados Portadores de Vida são transmudados ao terceiro nível ou fase de sua existência: o chamado semi-espiritual.

O Portador de Vida de Nebadon, que divulgou esta parte da "Quinta Revelação", diz de si mesmo, neste sentido: "Sempre atuei em IURANCHA debaixo dessa terceira fase ou forma de existência, depois da época de Andon e Fonta. Esperamos com satisfação o momento em que o universo ancore na luz da Vida, talvez um quarto estado de existência, em que seremos totalmente espirituais; mas a técnica que nos proporcionará esse superior e desejável estado ou natureza, essa, nunca nos foi revelada".

— Três ou quatro níveis ou fases de existência? — perguntou Glória, pensando ter entendido mal.

— Três estados, sim, para esses Portadores de Vida. Primeiro: o físico da eletroquímica. Segundo: a fase

"mediana" ou quase "moroncial", que (diz aqui), seria uma matéria "entre o físico e o espiritual". A "matéria"

que constituirá nosso "suporte físico" ou "corpo", uma vez ressuscitado... E terceiro, o nível semi-espiritual avançado, que é o estado em que se encontra nestes momentos o mencionado Portador de Vida. E ainda deve existir um quarto nível ou fase... Mas prossigamos com nossa história: como surgiu o homem na Terra e como atuaram esses Portadores de Vida?

— A história da ascensão dos humanos (reza a "Quinta Revelação"), desde o estado de alga marinha até o domínio das criações terrestres, não é mais que uma epopéia de combates biológicos e de sobrevivência mental.. .

— Quem foram, concretamente, os primeiros e autênticos antepassados do homem?

— Embora nos pese, procedemos do barro e do limo (literalmente) depositados no fundo dos mares interiores e das lagoas de águas cálidas e estancadas nas costas desses mares. Aí, de acordo com estes dados, estabeleceram os Portadores as três implantações de Vida. Mas, daqueles tipos primitivos de vegetais marinhos, que proporcionaram as históricas mutações e delas participaram até dar lugar à vida animal, pouquíssimos subsistem ainda hoje. As

esponjas, por exemplo, constituem um desses heróicos sobreviventes... Os animais monocelulares de tipo primitivo não tardaram a formar colônias, como ocorre com os corais e as famílias da medusa. Mais tarde apareceram, por evolução, as estrelas do mar, crustáceos, holotúrias, ouriços, insetos, aracnídeos etc, assim como os grupos mais próximos às minhocas e sangues-sugas, seguidos, depois, por moluscos, ostras, polvos e caracóis. Centenas de espécies surgiram e se extinguíram. As que mencionamos (diz ainda a "Quinta Revelação") são aquelas que sobreviveram mas que, tal como a família dos peixes, aparecida mais tarde, representam na atualidade os tipos de animais estacionários que não conseguiram progredir...

"O cenário achava-se preparado, pois, para a aparição dos primeiros animais vertebrados: os peixes. E

destes, com o passar de milhões de anos, derivaram duas modificações excepcionais: a rã e a salamandra. . .

Sinuhe virou-se para Glória, e comentou com uma ponta de ironia:

— E aqui se diz, definitivamente, "que o homem é homem graças à rã". Como já vimos, foi ela que, parece, inaugurou a longa série de diferenciações que desembocariam no ser humano propriamente dito...

— A rã? Quem o diria. . .

— Sim, segundo isto, trata-se de um dos mais antigos sobreviventes dentre os ancestrais da raça humana.

A filha da raça azul lembrou-se então — talvez por associação de idéias —, daquele velho conto infantil, em que um príncipe é presa de encantamentos malignos e transformado em sapo ou rã e vice-verso.

Perguntou-se o porquê da existência de tal conto. Será que no mais íntimo dos genes humanos palpita ainda algum tipo de informação que nos lembre esse remoto pretérito?

— A rã — foi continuando o investigador — é o único antecessor da raça humana que ainda vive sobre o planeta. Todas as espécies intermediárias entre a rã e o esquimó desapareceram. As rãs permitiram o nascimento dos répteis (muitas famílias também já se extinguiram) e estes, por sua vez, propiciaram a aparição das aves e de ordens de mamíferos. O marco maior de toda a evolução pré-humana se deu quando o réptil voou como pássaro.

"No total, apareceram em IURANCHA catorze *phylum* (espécie celular, mãe de uma série de seres que formam um ramo zoológico)...

— Não são muitos — desafiou Glória.

— Não, é verdade. Os peixes formam o último e nenhuma classe nova se desenvolveu depois dos pássaros e mamíferos. E você continuará perguntando-se como terá sido a manipulação desses Portadores de Vida para que terminassem por arrancar nossa espécie humana. Foi a partir de um pequeno e ágil dinossauro.

De um réptil de costumes carnívoros, mas dotado de um cérebro relativamente importante...

— Procedemos de um dinossauro? — exclamou a filha da raça azul.

— Não de todo. Foram os primeiros mamíferos placentários os que, segundo estes papéis, nasceram desse dinossauro. E tais mamíferos placentários (dos quais é um exemplo a família do canguru) desenvolveram-se vertiginosamente e por caminhos bem diferentes. Não só deram origem às variedades comuns e conhecidas hoje em dia, mas também a formas marinhas, como é o caso da foca e da baleia.

Registraram-se ainda variantes "aéreas", como, por exemplo, o morcego.

"O homem evoluiu, portanto, a partir dos mamíferos superiores, derivados principalmente da implantação levada a efeito nas áreas ocidentais do planeta; sobretudo naquela efetuada nos antigos mares abrigados e com uma orientação

este-oeste. Quanto aos grupos oriental e central de organismos viventes, estes progrediram favoravelmente no seu princípio em direção aos níveis pré-humanos de existência animal.

Mas, à medida que se passaram as Eras, esse foco oriental de vida foi incapaz de alcançar um nível satisfatório frente a um possível Estatuto Pré-humano de Inteligência. Sofreu perdas irreparáveis em seus tipos mais promissores e de maior elevação em seu plasma germinativo, de tal forma que acabou por desaparecer.

"Como a qualidade de aptidão mental em desenvolvimento fosse claramente inferior no grupo oriental, em comparação com os outros grupos, os Portadores de Vida (com o consentimento de seus superiores) manipularam o meio ambiente de forma a proporcionar vantagens às tendências pré-humanas inferiores da vida evolutiva. E, segundo as aparências exteriores, a eliminação dos grupos inferiores de criaturas foi acidental. Foi outra a realidade: esteve tudo perfeitamente premeditado.

"Em data ulterior ao desdobramento evolucionário da inteligência, os antecessores lemurianos da espécie humana estavam muito mais avançados na América do Norte do que nas demais regiões. Foi por essa razão (fala a "Quinta Revelação") que se lhes induziu a deixar o espaço da

implantação da vida no Ocidente de IURANCHA para passar pela ponte de Bering, ao longo da costa, até o sudoeste da Ásia, como você já sabe.

Ali, continuaram evolucionando, beneficiando-se de certas tendências trazidas pelo grupo central de vida. O

homem, pois, evolucionou a partir de certas linhas vitais do centro-oeste, mas nas regiões do centro-leste do mundo.

"E assim, chegamos à Era glacial: época em que pela primeira vez surge uma parelha humana: os gêmeos Andon e Fonta...

— E por que justamente nesse momento, por que não em outro?

— Aparentemente, os Portadores de Vida fixaram essa Era por uma razão básica: "Os rigores e a severidade climatológica (diz aqui) da Era glacial estavam perfeita e minuciosamente programados para obter um fim: estimular a produção de um tipo robusto de ser humano, dotado de prodigiosa aptidão para sobreviver."

Contemplando a amiga, Sinuhe acrescentou:

— Estranho. Muito estranho.. .

— Mas não é menos estranho o que vem a seguir — afirmou

o membro da Escola da Sabedoria, emendando com outro capítulo não menos polêmico —. No dia em que essa "Quinta Revelação" se torne definitiva e oficialmente pública em todo o mundo, não será fácil explicar aos pensadores como se produziram alguns dos sucessos, aparentemente grotescos, que cercaram a evolução humana. A despeito das teorias e hipóteses em moda, todas essas evoluções dos seres vivos perseguiram plano preconcebido. "Entretanto (narram os Portadores de Vida), quando esses arquétipos viventes começam a funcionar por si mesmos, nós não temos o direito de arbitrar sobre o desenvolvimento deles."

— Que quer dizer essa última assertiva?

— Que os Portadores podem utilizar todos os meios naturais possíveis e todas as circunstâncias fortuitas susceptíveis de contribuir para o progresso evolutivo da experiência de vida, mas não lhes é permitido intervir mecanicamente na evolução vegetal ou animal, nem tampouco obrar a bel-prazer no curso e orientação dessa experiência vital.

— E se aquela famosa rã — veio Glória, com sua acuidade — tivesse sofrido algum acidente lamentável? De acordo com isso, adeus humanidade!.. .

Sinuhe desaprovou com a cabeça.

— Nada disso. O Portador de Vida de Nebadon, residente

em IURANCHA e autor destas páginas da

"Quinta Revelação", sai precisamente de encontro a esse argumento, e diz: "Vós aprendestes que os mortais de IURANCHA desenvolveram-se por evolução, a partir de uma rã primitiva, e que essa linha ascendente iniciou-se potencialmente pela única rã que escapou, por pouco, à destruição. Não devemos deduzir daí que a evolução da humanidade se tivesse detido por semelhante acidente e naquele momento crítico..."

Sinuhe interrompeu a leitura e pediu à companheira que meditasse sobre a passagem que já ia ler.

— ... "Naqueles tempos (diz o Portador de Vida), observávamos e também cuidávamos de pelo menos um milhar de linhas de vida: mutantes, diversificadas e muito afastadas umas das outras, que teriam podido ser dirigidas para diversos arquétipos de desenvolvimento pré-humano. A rã ancestral em pauta representava nossa terceira seleção. As duas primeiras linhas malograram, apesar dos nossos ingentes esforços por conservá-las."

— Quer dizer — concluiu a senhora — que já estava tudo previamente estabelecido e programado...

—É incrível; e até que extremo — disse Sinuhe, com um laivo de fatalismo —. Está dito aqui: "Nem mesmo a perda

dos gêmeos, antes que tivessem procriado descendência, teria podido impedir a evolução humana. Quando muito, atrasado."

— Em outras palavras, se não tivéssemos partido da rã, tê-lo-íamos feito do crocodilo ou do cavalo...

Sinuhe não deu muita atenção às ironias de Glória. Continuou:

— Depois da aparição de Andon e Fonta, e antes que os potenciais mutantes humanos da vida fossem esgotados, não evoluíram menos que 7 000 linhas favoráveis, que teriam podido alcançar algum tipo humano de desenvolvimento. Muitas dessas boas linhas foram ainda assimiladas, mais tarde, pelos diferentes ramos da raça humana, em plena expansão.

Fez-se silêncio. Os dois trocaram um olhar significativo. Olhar que talvez se tivesse podido traduzir nos seguintes termos:

"Nascerá em algum futuro um novo tipo de homem, partindo, precisamente, de qualquer dessas linhas de animais com capacidade de mutação?"

"A Divindade e seus 'intermediários' podem ter previsto, inclusive, a extinção da raça humana atual e o nascimento,

em épocas vindouras, de um novo homem?"

Foi Glória, uma vez mais, quem se atreveu a formular em voz alta os seus pensamentos.

O amigo, embora sob esse ponto de vista não se achasse muito de acordo com a "Quinta Revelação", fez um gesto de impotência e continuou a leitura:

__ A humanidade deve resolver seus problemas de desenvolvimento mortal sobre IURANCHA com a ajuda dos recursos humanos de que dispõe. "Nenhuma raça nova" — leu, ruminando cada palavra —

"evoluirá no futuro a partir de fontes pré-humanas!" Você está percebendo? Segundo isto, não haverá novas nem futuras "humanidades" sobre a Terra. Somos os últimos...

"Isso não descarta (ainda a "Quinta Revelação") de modo algum a hipótese de que o homem consiga níveis muito mais altos de desenvolvimento, se mantiver inteligentemente os potenciais evolucionários que subsistem ainda dentro das raças humanas. O que nós, os Portadores de Vida, fazemos por conservar e promover, antes que a vontade humana apareça nessas linhas viventes, devemos os homens conseguir por si mesmos, já que nós nos retiramos de qualquer participação ativa na referida evolução."

"Em outras palavras — resumiu Sinuhe — diz que, a partir de determinado momento da existência humana, o destino do homem repousa única e exclusivamente em suas próprias mãos.

"... E a inteligência científica, cedo ou tarde, deve substituir o caótico funcionamento de uma seleção natural não controlada e de uma sobrevivência. . . submersa no acaso."

Na mente da filha da raça azul agitavam-se sempre as perguntas. Uma delas, já a ponto de esfumar-se entre tantas outras, reapareceu-lhe quando do comentário do repórter.

— Se não me engano, IURANCHA foi um dos últimos mundos do nosso universo local em que se

"semeou" a Vida.

— Correto.

— Bem, nesse caso é natural imaginar que nossa forma física é similar à de outros habitantes de milhões de planetas...

— Embora a "Quinta Revelação" esclareça que IURANCHA constituiu um ensaio (um planeta decimal), em que os Portadores de Vida efetuaram sua tentativa número 70 para modificar e melhorar "a adaptação ao sistema de Satânia dos arquétipos de vida de Nebadon", é evidente que somos nós,

os humanos, que nos parecemos com os extraterrestres e não eles conosco. . . Entre outras razões porque, se tudo isso for verdade,

"eles" são muito mais velhos ou antigos no tempo.

"Com relação a esse tema, os próprios Portadores dizem: "Reconhece-se que realizamos numerosas mudanças benéficas nos tipos padrões de vida. Para sermos precisos, elaboramos sobre IURANCHA, com resultados satisfatórios, no mínimo vinte e oito pormenores de modificação de vida, que em tempos futuros serão úteis para todo Neadon. Entretanto (e com isso respondo também à sua pergunta), nunca, em planeta algum, pratica-se um ensaio de vida que não tenha sido estudado previamente. A evolução da vida é sempre uma técnica progressiva, diferenciada e variável, embora nunca seja utilizada às cegas, sem controle, nem em uma direção experimental que se possa ver subitamente alterada por algo accidental.

"Numerosos traços da vida humana (afirmam os Portadores) provam fartamente que o fenômeno da existência mortal foi inteligentemente concebido e preparado; que a evolução orgânica não é um simples acidente cósmico. Uma célula ferida é capaz de elaborar certas substâncias químicas, por exemplo, que têm o poder de estimular e ativar as células sãs e vizinhas, de forma que estas segreguem imediatamente

outros produtos que facilitam os processos de cura da ferida. Ao mesmo tempo, as células normais e intactas começam a proliferar, criando novas células capazes de tomar o lugar das que se destruíram.

"Essa série de ações e reações químicas, que promovem definitivamente a cura das feridas e a reprodução das células, representa a eleição (feita pelos Portadores de Vida) de uma fórmula que abarca mais de cem mil fases e reações químicas, com todas as suas repercussões biológicas possíveis. Mais de meio milhão de experiências científicas foram efetuadas pelos Portadores de Vida em seus laboratórios, antes que adotassem a fórmula definitiva para a experiência de vida em IURANCHA.

"Quando os sábios deste planeta conhecerem tais substâncias químicas curativas, poderão tratar as feridas mais eficazmente e, de forma indireta, controlarão também certas enfermidades graves. .. Depois do estabelecimento da vida em IURANCHA, nós, os Portadores de Vida, melhoramos a técnica curativa, introduzindo-a em outro planeta do sistema de Satânia. E agora, representa grande alívio para a dor, permitindo que seus habitantes exerçam melhor o controle sobre a capacidade de proliferação das células normais associadas..."

— Ouvindo esses documentos — lamentou-se Glória —

parece assim como se a totalidade do universo vivesse em paz, na beleza e no progresso. E nós, ao contrário, não progredimos... Por quê? Será que nós, descendentes de Andon e Fonta, cometemos algum pecado especial?

Sinuhe atribuiu aquela divagação da amiga ao intenso bombardeio de informações que há dias a alvejava.

Compreensivelmente sobreviria o cansaço mental. Embora o membro da Loja acreditasse já ter respondido a essas questões, lembrou à Glória que IURANCHA era um mundo "decimal" e, por conseguinte, sujeito a múltiplas peripécias, entre as quais o risco de desordens.

— Conforme o que diz a "Quinta Revelação", o fato de a raça "andônica" aparecer antes dos humanos de cor e que estes, por sua vez, nascessem no planeta de uma só família, demonstra que vivemos em um astro bem singular... Nosso mundo parece ter sido o primeiro do sistema de Satânia em que essas seis raças de cor constituíram descendência direta de uma única família humana. O habitual deve ser que essas raças surjam em linhas diversificadas e como consequência de mutações independentes no ramo ou tronco animal pré-humano. A "Quinta Revelação" afirma que aparecem uma a uma e sucessivamente, no curso de prolongados períodos, começando pelo homem vermelho. A última raça é quase

sempre a índiga, que dá o negro. Além do mais, já lhe informei sobre outro "fator" que fez com que se frustrasse (ou pelo menos freasse) a evolução normal da humanidade: Caligastia.

A filha da raça azul foi rememorando...

— Na opinião desses Portadores de Vida, o habitual em um mundo que nasce é que o que poderíamos definir como a "vontade humana" não surja e se fortaleça só muito tempo depois da aparição das raças de cor...

— E aqui, em IURANCHA — antecipou-se Glória — aconteceu o inverso.

— É o que dizem nossas informações.

— Foi também um acontecimento premeditado?

Ele respondeu com um parágrafo textual da "Quinta Revelação":

"Foi nossa intenção (referem os Portadores) produzir precocemente uma manifestação da vontade na vida evolucionária de IURANCHA e o conseguimos."

— Andon e Fonta...

— Sim, Glória querida. Segundo esses Portadores, a

"vontade humana" emerge normalmente quando as, raças de cor progridem. E, em geral, o primeiro a ostentá-la é o tipo superior de homem vermelho.

— Os que chamamos depreciativamente "peles-vermelhas"?

— É isso. Como você vê, essa informação está repleta de surpresas.

— Não nos desviemos do assunto: Caligastia. Que mais você pode dizer?

— Pouco, muito pouco... Nós é que temos de preencher essa lacuna. Entretanto, observe um detalhe significativo: esse príncipe planetário não viajou para IURANCHA quando realmente devia, quer dizer, há um milhão de anos: no tempo em que os gêmeos desenvolveram a vontade. Era o que teria sucedido em um mundo normal. Mas o nosso era e é "decimal" e Caligastia dele tomou posse com 500 000 anos de atraso.

— Não consigo entender...

— Eu tampouco, embora possa existir uma justificativa. A "Quinta Revelação" adianta que, por ser IURANCHA um mundo "decimal" ou qualificado como "modificador de Vida", acordo anterior previra uma espécie de "experiência-piloto". Esse plano estabelecia que, durante um longo

período, fossem enviados à Terra doze Melchizedeks na qualidade de observadores e conselheiros dos Portadores de Vida. Essa

"comissão" vigiaria a marcha de IURANCHA e da primeira raça humana, até a ulterior chegada do príncipe planetário.

— Durante meio milhão de anos a raça "andônica" e o planeta em geral viveram sob a "custódia" de doze Melchizedeks. Então, por que era necessária a chegada de um príncipe planetário?

— E que assim o estabelece a organização administrativa dos universos. Não se esqueça. Esses príncipes, além do mais, parecem ter outras funções importantíssimas.

— Por exemplo?

— Melhorar as raças humanas, tanto desde o ponto de vista puramente físico, como intelectual e social, de acordo sempre com os planos divinos. Mas, repetimos, Caligastia fracassou. E nós até hoje estamos sofrendo as conseqüências desse fracasso... ou seja lá o que for.

— E porque você não conhece a natureza dessa falha... — insinuou a senhora da Casa Azul, tentando ainda surpreender o hermético informante.

— Se o soubesse, que sentido teria embarcarmos nessa missão? Só o que sei é que Caligastia e seu séquito fizeram "algo" grave o bastante para arruinar o processo normal evolutivo da nossa humanidade.

— Um "processo evolutivo" — expressou Glória com melancolia — desesperadamente lento...

— Suponho que tudo depende.

A filha da raça azul pediu-lhe uma explicação com o olhar.

— Tudo depende do conceito que se tenha desse "tempo".

— Nós pelo menos só temos um.

— Sim, mas não há por que ser o único. E não serei eu a responder-lhe. Um desses Portadores de Vida o fará em meu lugar. Assim escreve, falando precisamente do que você propõe: "Se estais surpresos de que seja necessário tanto tempo para efetuar as mutações evolucionárias no desenvolvimento da Vida, responder-vos-ei que nós não podemos conseguir que os processos caminhem mais depressa. Não temos controle algum sobre a evolução geológica. Se as condições físicas o permitem, estamos preparados para completar a evolução total da vida em prazo muito menor do que esse milhão de anos que foi preciso para IURANCHA.

Mas, como sabeis, encontramos-nos debaixo da jurisdição dos Dirigentes Supremos da Ilha Eterna do Paraíso, e, ali, o tempo não existe.

"A medida do tempo de um indivíduo é sempre a duração da sua própria vida. Assim, todas as criaturas estão condicionadas ao tempo e por isso consideram a evolução um processo interminável. Para aqueles como nós que, ao contrário, não têm a vida limitada por uma existência temporal, a evolução não aparenta ser tão lenta. No Paraíso, onde o tempo não existe, todas essas coisas são 'presente' no pensamento da Infinitude.

"E da mesma forma que a evolução da mente depende do lento desenvolvimento das condições físicas (que a atrasam), assim também o progresso espiritual condiciona-se à expansão mental. O atraso intelectual infalivelmente o freia..."

Glória pediu ao investigador que se detivesse um instante.

— Você quer, por favor, explicar-me essa última parte?

— Em suma, o Portador de Vida quer dizer que a evolução espiritual não depende da educação, da cultura, ou da sabedoria. A alma pode evolucionar, independentemente dessa cultura, mas não com ausência da faculdade mental e do desejo de fazer a vontade do Pai Universal; em outras

palavras: escolher a supervivência para além da morte física ou primeira morte e buscar a perfeição progressiva. "Embora a supervivência (dizem os Portadores) possa não depender da posse do conhecimento e da sabedoria, o progresso, sim, necessita disso."

— Vejamos se entendi. Se o indivíduo humano sente a necessidade de encontrar Deus, e luta por isso, sua ressurreição está garantida...

No olhar de Sinuhe brilhou uma luz diferente. E a companheira soube o que ia responder.

— A "Quinta Revelação" é o que melhor o define. Nos laboratórios cósmicos a mente domina sempre a matéria. E o espírito encontra-se vinculado a essa mente. Se esses diferentes dotes não chegam a sincronizar-se e coordenar-se, podem registrar-se atrasos nessa evolução. Porém, tudo isso é circunstancial. A chave está nesse desejo, nessa busca, nesses anelos de descobrir a Verdade. Nem as limitações físicas da nossa humanidade, nem a perversidade mental podem apagar essa maravilhosa realidade que supõe (ou suporá) a realização espiritual de cada ser humano.

A centelha nos olhos de Sinuhe tornou-se penetrante como uma adaga.

— Você e tantos outros o sabem: a Verdade não é outra

coisa senão uma busca tenaz. A Verdade não é realmente um fim, mas o próprio caminho... Concluo meus modestos ensinamentos com algumas palavras do Portador de Vida de Nebadon, residente em IURANCHA: "Quando as condições físicas são maduras, podem dar-se evoluções mentais repentinas".

Sinuhe fez outra breve pausa, cruzando olhares de cumplicidade com a filha da raça azul.

— Quando o estatuto da inteligência é propício, podem ocorrer transformações espirituais... súbitas.

Quando, por último, os valores espirituais recebem a consideração devida, o humano começa a discernir e desentranhar as formosas e profundas realidades cósmicas.

E Sinuhe fechou de vez aquela "Quinta Revelação", concluindo:

— Então, querida Glória, só então, a personalidade surge progressivamente liberada das limitações do Tempo e do Espaço.

4. RA: O DISCO

Os derradeiros raios daquele entardecer envolveram de bronze a longa e sedosa cabeleira da filha da raça azul.

Sentados frente a frente, Glória e Sinuhe observavam-se em silêncio. Ela, profundamente consternada com tudo o que ouvira naqueles dias e, especialmente, ante duas incógnitas que lhe roíam a curiosidade:

"quem era na realidade este amigo?" e "como entender que ela fosse uma descendente dessa misteriosa raça, chegada à Terra em tempos tão remotos?"

Sinuhe, por sua vez, não podia afastar a idéia de que aquele "adestramento" em torno da organização administrativa que rege os universos e sobre os primeiros tempos de IURANCHA fora superficial e precipitado. Teria ela assimilado aquela montanha de novos e desconcertantes conceitos? Em virtude do seu caráter — raivosamente meticoloso e racionalista — o investigador teria desejado e necessitado período mais prolongado de tempo. Mas a sorte estava lançada e o membro da Loja sabia disso. A lua nova não tardaria a aparecer e muitas daquelas dúvidas — refletia ele —, talvez se esvaziassem. Era questão de paciência.

— Muitas felicidades... Com atraso, filha da raça azul!

A voz de Sinuhe arrancou Glória de seus pensamentos. E a senhora observou que o companheiro procurava alguma coisa nos bolsos das calças. Em poucos segundos colocava sobre a mesa um pequeno frasco de vidro. Divertido,

animou-a a abri-lo.

— É para você — exclamou ao olhar interrogativo de Glória —. Aceite-o. Não é grande coisa, mas é meu presente de aniversário.

A senhora da Casa Azul tomou-o delicadamente, mas examinou-o com avidez. Ao incliná-lo, a areia branco-acinzentada que continha girou, e os corpúsculos emitiram levíssimos lampejos.

Surpresa, fixou o amigo com o olhar.

— Que é?

Sinuhe quisera ter respondido. Entretanto, não havia chegado a esperada informação do seu Kheri Heb sobre a amostra da estranha areia recolhida na clareira do bosquezinho. E, deixando-se arrastar pela intuição, quis que a sua companheira na iminente busca dos arquivos de IURANCHA participasse assim de um de seus segredos.

— Pode abri-lo; sem medo.

Glória atendeu sem vacilar. Despejou parte do conteúdo na palma da mão esquerda e, como o esperava o investigador, os corpúsculos transformaram-se em centenas ou milhares de pontos luminosos.

— Santo Deus!

A inesperada e súbita metamorfose dos grãos de areia em miríades de reflexos apanhou tão desprevenida a filha da raça azul, que ela, assustada, sacudiu a mão, deixando cair aquela alva e luminosa "nuvem" sobre a polida mesa de carvalho.

— Mas que é isso? — perguntou pela segunda vez e com a voz tão descomposta quanto o ânimo.

— Não lhe saberia explicar com exatidão. Sei apenas que pode considerá-lo como uma espécie de

"antecipação" disso que nos aguarda...

Um pouco mais confiante, a senhora voltou a explorar o montinho de areia. Ao cair sobre a madeira da mesa, os grãozinhos perderam novamente a luminosidade. Glória, tal como fizera Sinuhe no claro do bosque, brincou durante algum tempo com seu insólito presente. Pegava um punhado com seus longos dedos e, vivamente emocionada, contemplava-o a cair lentamente, convertido em um mágico repuxo de luz.

— Onde e como? — interpelou-o atropeladamente, sem desviar o olhar das diminutas estrelas luminosas

— Quem lho deu?

Sinuhe decidiu-se, então, a revelar-lhe o estranho achado da clareira do bosque, assim como o primeiro e desconcertante encontro com aquela criatura pequenina e de corpo transparente.

Quando ele terminou seu relatório, a filha da raça azul, entusiasmada, pediu-lhe que a levasse até a clareira. Mas Sinuhe, fiel às ordens do Mestre, pediu à amiga impulsiva que dominasse sua ansiedade.

— Prometo-lhe que você lá estará... assim que chegue a lua nova.

No dia seguinte, ainda aurora, Sinuhe atravessou a praça da Lastra, disposto a estudar aquele perturbador hieróglifo que descobrira no pêndulo do relógio. . . A Casa Azul, como a maior parte da aldeia, não despertara ainda para o dia luminoso e promissor. O inquieto investigador, armado com suas câmaras fotográficas, uma brocha e alguns trapos velhos, empurrou o portão da casa solitária de Joana, cuidando para não derramar a gasolina que o ajudaria a concretizar aquela tarefa.

Essa segunda visita à Câmara Municipal de Sotillo foi um pouco mais sossegada. A claridade do dia ajudou, e não pouco, a que ele conservasse sua presença de espírito.

Apesar de tudo, a lembrança dos sucessos daquela noite e a imagem da monstruosa cabeça colada à vidraça da torre provocaram nele, enquanto subia pausadamente, um ou outro sentimento de inquietação. Desta vez, achava-se sozinho e isso, de alguma forma, o tranqüilizou. Sinuhe, "o que é solitário", preferia esta situação à de um possível risco ou perigo compartilhados.

Mas, ao empurrar a portinhola que permitia o acesso ao ático, o jornalista não pôde reprimir um calafrio.

As ferragens das dobradiças protestaram; Sinuhe, imóvel no umbral por uns segundos, deu uma rápida olhadela no recinto desmantelado.

"Deveria ter-me munido de uma lanterna..."

O pensamento do nosso homem justificava-se fartamente. Os fios de luz que penetravam pelos dois olhos-de-boi praticados na fachada do edifício — um de cada lado da cabina onde descansava a maquinaria do relógio — mal quebravam a escuridão.

O lugar, não obstante, estava tranqüilo. O silêncio era absoluto. Impelido pela curiosidade, avançou sobre o empoeirado chão de madeira, fazendo-o ranger lastimosamente. Seu objetivo era sempre a porta situada ao fundo do ático. Mas, talvez ajudado pela tênue penumbra ou

movido por um desejo inconsciente de atrasar tanto quanto possível sua inevitável entrada na torre, o investigador, tendo deixado a bolsa das câmaras e os utensílios que transportava no chão, dirigiu-se até o fundo escuro do lugar.

Que procurava ali? Ele mesmo não sabia. Talvez alguma pista, algum indício que o ajudasse a compreender por que o nome de "RA" figurava no disco metálico ou, quem sabe, talvez um resto esquecido do momento, em 1907, em que foi instalado o relógio.

Pouco a pouco, apalpando e tateando, foi abrindo caminho entre os móveis sujos e carcomidos, latas e irreconhecíveis ferramentas de lavoura empilhadas.

"Se eram corretas as informações de Joana, e aquilo era um ninho de ratos, o normal seria que, uma vez desaparecida a misteriosa criatura que ele vira e que sem dúvida, os havia espantado, os roedores tivessem voltado ao seu habitat..."

Para comprová-lo, a única solução seria invadir o território e os possíveis refúgios deles.

Os olhos de Sinuhe não tardaram a acostumar-se à escuridão e os ouvidos se apuraram ao máximo, pendentes da menor roça-dura ou crepitação.

Continuou avançando até um dos cantos escuros, mas, de

repente, uma espécie de estalido o deteve. Ao apurar os sentidos, involuntariamente percorreu-lhe pela pele um calafrio. Apertou os olhos para afiar mais a visão e descobriu, a pouco mais de dois metros, um vulto enorme. Ao observá-lo compreendeu, com certo alívio, que se tratava de uma antiga poltrona, ensebada, destripada e com mil feridas por onde haviam saltado umas molas ameaçadoras.

Tentou tranqüilizar-se, dizendo a si mesmo que talvez aquele estalo tivesse sido produzido por passos seus. Mas tais raciocínios não eram muito sólidos...

Após alguns segundos tensos de espera, optou por continuar avançando. Desta vez, diretamente para o lado da desconjuntada e grande poltrona. Porém, ao dar o segundo passo, alguma coisa se interpôs em seu caminho. Uma maranha de densos, pegajosos e invisíveis fios enredou-se-lhe entre os cabelos e o rosto, obrigando-o a retroceder. Bateu com as mãos, desesperadamente, lutando por desvencilhar-se daquela repugnante teia de aranha. Um par de minutos depois, ofegante e pálido, conseguia livrar-se dos últimos restos.

Inspirou profundamente, e, estendendo os braços para o lado da escuridão, golpeou o ar em busca de outros possíveis restos de teias de aranha. E justamente quando rasgava uma daquelas rodas, o coração do aventureiro

sofreu novo sobressalto. Um segundo estalo, agora mais claro e mais próximo, petrificou-o.

Por frações de segundo permaneceu imóvel, os braços erguidos e submersos na escuridão. O sangue lhe corria pelas artérias a velocidade inusitada, impelido por uma nova descarga de adrenalina. O medo, uma vez mais, invadira o esforçado investigador. Imediatamente, movido por um reflexo puramente animal, levou os braços ao rosto. Se aquele estalido tivesse sido causado por um rato, ele teria de ser de tamanho considerável e haveria o risco de que, sentindo-se encurralado, saltasse sobre o hipotético inimigo.

Mas, nos seguintes e intermináveis segundos, nada aconteceu. Sinuhe, lentamente, foi descobrindo os olhos. Perfurou a silhueta negra da poltrona em busca do roedor, explorando também o contorno. Tudo em vão.

Seu cérebro, submetido a violenta tensão, dizia-lhe que aquele estalo não parecia emitido por um rato. Na realidade, lembrava melhor o ruído de duas tábuas chocando-se uma contra a outra. Mas, nesse caso, que ou quem o provocara?

Tentando não fazer o menor ruído, inclinou-se sobre o assoalho, empunhou o cabo do que outrora devia ter sido uma enxada. Um pouco mais confortado com a posse daquela arma improvisada, sentiu-se disposto a superar o

angustioso lance.

Na ponta dos pés fez o metro e meio que o separava da grande poltrona, brandindo o robusto cabo da enxada.

E foi nesse momento, com os joelhos a poucas polegadas do assento, que um terceiro estalo soou. Desta vez Sinuhe manteve-se firme junto à poltrona, com o cabo levantado acima da cabeça, preparado para ser catapultado contra o primeiro que se movesse.

O ruído, muito mais nítido que nas ocasiões anteriores, parecia brotar do interior do maltratado encosto do cadeirão. Cravou o olhar naquele labirinto de brechas por onde surgiam e se esparramavam molas e feixes informes de enchimento.

Subitamente, na escuridão de uma daquelas fendas profundas, o investigador pensou ver qualquer coisa que lhe gelou o sangue: dois minúsculos pontos luminosos.

Desfiou-lhe pela mente vertiginosa série de hipóteses. Sem dúvida, eram dois olhos: de quê? Quem sabe um rato? Um gato talvez?

Seu primeiro impulso foi retroceder e interpor o maior espaço possível entre eles. Mas pela enésima vez a curiosidade venceu.

E nervosamente remexeu nos bolsos, até dar com o isqueiro. Pensou em mudar o cabo para a outra mão, para manusear o acendedor com maior precisão, mas o instinto de sobrevivência foi mais forte; então, devagarinho, foi estendendo o braço esquerdo em direção ao escuro espaldar. Apertou nervosamente o isqueiro, tentando levar seu punho até a parte inferior da greta, em cujo interior continuavam chispeando os supostos olhos. Ao mesmo tempo fez oscilar o cabo, tentando concentrar-se. Ao menor movimento suspeito, a maçã improvisada cairia sobre o buraco da poltrona e seu possível inquilino.

Com o coração disparado, acariciou com a ponta do polegar esquerdo o acendedor da mecha, preparando-se para a iminência de acioná-lo. E, sem pensar duas vezes, fez girar a rodinha.

"Maldição!"

O dedo, suado, resvalara, provocando apenas uma breve faísca.

Mecanicamente, Sinuhe repetiu a manobra. Uma breve chama amarelada apareceu na terceira ou quarta tentativa. A partir dessa fração de segundo, tudo se precipitou, ficou confuso e desagradável.

À luz da chama, Sinuhe, o rosto a pequena distância da

fenda, descobriu, com efeito, dois pontinhos brancos, pontiagudos e enterrados em uma massa peluda. Ao perceber o que tinha diante dos olhos, tentou retroceder. Mas a criatura foi mais rápida: antes que o repórter pudesse mover um músculo, saltou na direção de seu rosto.

Foi uma dor aguda o que devolveu os sentidos a Sinuhe. Primeiro, apalpou à sua volta, verificando, alarmado, que estava estendido no chão do sótão, boca para cima e meio prisioneiro de um informe castelo de móveis.

"Que aconteceu?"

Antes que pudesse organizar seus pensamentos confusos, lutou com aquele enredado de cadeiras e carteiras escolares que lhe tinham caído sobre o peito. Um dos pés se lhe havia incrustado entre as costelas, provocando-lhe uma dor pungente. Quando, finalmente, conseguiu desembaraçar-se de entre os trastes que o imobilizavam, o maltratado repórter se levantou. Seus olhos 'deram então com a figura do cadeirão e tremeu com calafrios. Na realidade, só tinha consciência de pouca coisa do sucedido.

"Sim.. o culpado do desastre foi esse maldito morcego."

Quando a mecha foi acesa, com efeito, o mamífero se assustou e fugiu precipitadamente de sua guarida, dentro da poltrona. Mas o animal acabara por estatelar-se contra o

rosto do não menos aterrorizado membro da Escola da Sabedoria, entre estalos e um aparatoso bater de membranas.

Na lembrança de Sinuhe, gravada a fogo, lá estava a imagem da pequena e peluda cabeça do morcego, com suas brancas e pontiagudas presas que, nos primeiros momentos, ele confundira com uns brilhantes olhos, desconhecidos para ele.

Depois, em conseqüência do impacto e do susto, perdera o equilíbrio, caindo de costas sobre os móveis.

A partir desse momento, tudo ficou escuro e distante. A cabeça, a julgar pelo fiozinho de sangue que lhe escorria por detrás da orelha direita e pela pontada dolorosa que sofria na região occipital, deve ter-se chocado contra algum daqueles velhos trastes, provocando-lhe a perda dos sentidos.

Quanto tempo permanecera inconsciente?

Consultou seu relógio, mas aqueles dígitos, marcando 8h00, tampouco esclareceram-lhe as dúvidas. E, preocupado com a insistente dor no lado esquerdo das costas, não atinou com outro detalhe inexplicável. O

jornalista subira ao ático pouco antes das 7 horas. Se sua catastrófica exploração havia sido coisa de cinco ou dez

minutos, por que seu relógio marcaria as 8? Teria estado inconsciente todo esse tempo? Ou teria acontecido algo mais? Providencialmente, o desastrado investigador não se aperceberia dessa curiosa circunstância senão bem avançada a manhã, quando, estimulado por aquelas dores nas costas, decidiu despir-se e examinar o torso. Mas essa será outra questão a considerar mais adiante...

Aborrecido consigo mesmo por suas tolices contínuas, recuperou seu aparelhamento e, dizendo impropérios, abriu a portinhola da torre. A luz jorrava pela janelinha; depois de percorrer o olhar pelo recinto, hesitou entre inspecionar a fundo a maquinaria e o disco do pêndulo, ou realizar a série de fotografias que tinha planejado. Finalmente, como lhe era habitual, decidiu-se por uma terceira tarefa: a limpeza do misterioso alto-relevo em que apareciam o emblema de sua Ordem e o nome de "RA".

Como digno representante do signo zodiacal de Virgem, preparou o recipiente de gasolina, os trapos e o pincel, colocando-os meticolosa e estrategicamente entre os suportes de madeira da armação que sustentava a maquinaria do relógio. O único acesso ao pêndulo era através desses pés e, se o investigador desejasse executar conscienciosa limpeza do disco metálico, tinha só uma alternativa: escorregar para baixo daquela armação e, sentado ou de cócoras entre os quatro suportes, levar

adiante a operação.

É óbvio que a maquinaria e, conseqüentemente o pêndulo, continuavam imóveis.

Foi com certa dificuldade que se arrastou entre os pés da armação. Uma vez debaixo da maquinaria, pressionou com a mão o lado esquerdo das costas, buscando alívio para a dor aguda, agravada agora com a brusca flexão. Sem mais demora, pegou um dos trapos, disposto a uma primeira remoção daquela espessa camada de pó, talvez velha, de 77 anos, que semi-ocultava o enigmático alto-relevo.

Porém, ao tentar segurar o disco com a mão esquerda, algo ocorreu que o deixou perplexo...

— Jesus Cristo!...

O "soror" da Escola da Sabedoria, agachado, praticamente aprisionado entre os suportes da armação, não podia crer no que estava vendo.

Ao aproximar do pêndulo a sua mão, os dois "olhos" do alto-relevo iluminaram-se subitamente.

Hipnotizado, Sinuhe não chegou a tocar o disco. Retirou assustado a mão esquerda. Ao fazê-lo, aquele fulgor avermelhado foi apagando-se, até desaparecer. E o pêndulo

recuperou seu aspecto original.

— Estarei sonhando?

Outra dolorosa pontada, porém, convenceu-o de que não. "Aquilo", fosse o que fosse, era absolutamente real.

Repentino frio invadiu-o dos pés à cabeça. Mas, com um incipiente tremor nos dedos, repetiu a manobra.

Sua mão esquerda foi aproximando-se do emblema da Grande Loja e, prodigiosamente, os "olhos" foram mudando a tonalidade metálica enegrecida para aquele resplendor de granada.

Sem conseguir compreendê-lo, sentiu quanto desaparecia o seu medo, substituído por doce sensação de bem-estar. Então, maravilhado, atreveu-se a tocar o disco.

Mas nada de novo aconteceu. Os "olhos" continuaram emitindo aquela viva luz avermelhada, que tornou a esfumar-se no momento em que a mão do investigador se separou, apenas uma polegada, da superfície do pêndulo.

Atônito, não sabia o que fazer. Que era tudo aquilo? Que tinha que ver com "RA" e com a missão que estava a ponto de encetar?

Depois de longa meditação e de comprovar à saciedade como se iluminava parte do alto-relevo cada vez que ele tocava o pêndulo ou dele aproximava as mãos, o investigador deixou-se levar pela intuição.

Começou a desparafusá-lo, retirando o disco da barra de ferro que o atravessava e segurava ao resto da maquinaria do relógio.

Nesse instante, ao liberá-lo, o companheiro da filha da raça azul foi novamente surpreendido: o disco, cujo peso real não devia ser inferior a um ou dois quilos, flutuava, levemente, entre suas mãos!

Sinuhe escapou como pôde de entre os pés da armação e, perplexo, começou a dar curtos e nervosos passos pela reduzida cabina, com os olhos fixos naquela peça mágica.

De repente parou. E lenta, lentamente, passou a separar as mãos das bordas do disco. A luz vermelha se foi apagando, mas o pêndulo continuou flutuando no espaço.

Sinuhe retrocedeu um par de passos e, para seu assombro, o disco, como que movido por mão invisível, seguiu-o suavemente. Quando se deteve, o pêndulo fez outro tanto, mantendo-se flutuante à altura do seu peito, e com uma levíssima oscilação.

— Não é possível!

Sinuhe repetiu aquela espécie de jogo. Foi caminhando de costas, até topar com a parede da torre. O

disco fez outro tanto. Mas, em lugar de bater no tronco do abismado jornalista, permaneceu imóvel a poucos centímetros do seu corpo, como se fosse dotado de inteligência...

Embora não entendesse o que estava acontecendo, começou a sentir-se feliz com aquele jogo. E decidiu levar adiante uma nova prova. Foi deslizando até o chão, com a espádua colada à parede, até ficar sentado. O

disco, como ele supunha, foi descendo, quase junto. Mas, ao tocar no solo, por causa da nova posição, Sinuhe recebeu outra chicotada. Aquela dor nas costelas fez que suspeitasse de uma fratura.

Aturdido com aquela mordida dolorosa, crispou-se a face do "soror"; ele cerrou os olhos. Mas dali a poucos segundos a punhalada cessou. Foi uma desapareição tão repentina que, desorientado, levantou as pálpebras, chegando a ver o que, sem dúvida, seria a causa do brusco e repentino alívio da sua dor: do disco, que modificara sua posição habitual, colocando-se "de viés" no ar, partia um finíssimo e quase imperceptível feixe de luz. Esse fio luminoso brotava do

centro geométrico do pequeno "olho", colocado, como já disse, entre a serpente e a letra maiúscula "A".

Aquela espécie de laser, cujo arranque do disco não fora captado pelo investigador, já que tinha fechado os olhos, morria justamente no seu costado esquerdo. Concretamente, no ponto onde surgira e depois desaparecera a aguçada dor.

Aterrado, ele não se moveu. Mas mentalmente formulou algumas perguntas:

"Quê ou quem é você? Que quer de mim?"

Mas, ao contrário do que ocorreu na clareira do bosque com aquela pequena e transparente figura, desta vez não houve resposta mental. . . Entretanto, as perplexidades do membro da Loja não seriam ignoradas.

E imediatamente após ter desaparecido a dor, o raio celeste — como se soubesse que cumprira sua missão — desapareceu. E fê-lo de forma tão fulminante que Sinuhe, sobressaltado, cruzou os braços, protegendo o rosto. O pêndulo, então, retomou sua posição inicial, paralelo ao solo. E ali se manteve, a trinta ou trinta e cinco centímetros do peito do nosso homem: majestoso e diáfano como uma bolha de sabão...

Convencido de que aquele estranho "companheiro" não

parecia desejar-lhe mal algum, relaxou. Passou a dedicar seu tempo a nova exploração do mágico disco.. A dor passara totalmente e, à sua maneira, o repórter soube ser agradecido. Aproximou suas mãos do misterioso objeto, cujos "olhos" se iluminaram imediatamente. E, com uma simpatia que começava a invadir-lhe o espírito, levou-o até os lábios, beijando-o.

Não é que pudesse estar muito seguro de nada, mas Sinuhe intuía que aquele "achado" guardava íntima relação com a missão que lhes fora confiada. No entanto, um não acabar de dúvidas voejava-lhe na mente: que sentido teria a dócil presença daquele disco? Quais os seus poderes? Deveria conservá-lo consigo? E, sobretudo, quem o dirigia?

O investigador respondeu a esta última, com outra pergunta: "E não terá vida própria?"

Sinuhe o acariciou, fascinado ante a fantástica possibilidade. E desde esse momento, sem nem mesmo saber por quê, tomou a firme decisão de não se separar dele. Como se tivesse escutado aqueles pensamentos, o disco vibrou por uns segundos, estremecendo-se e estremecendo o "amo". Indescriível emoção apoderou-se do investigador.

A partir desse instante, Sinuhe surpreendeu a si mesmo a falar com o disco como se se tratasse de um íntimo amigo.

— Temos de encontrar-lhe um nome — comentou em voz alta.

O pêndulo reagiu, fazendo com que transbordasse a já saturada capacidade de surpresa de Sinuhe. Como se quisesse significar que não precisava concluir o comentário, e quisesse colaborar com a procura do abençoado nome, as letras do disco se iluminaram. As mãos do "soror" se separaram do objeto, que continuou estático no ar, exibindo um refulgente e branco "RA".

— Claro! — exclamou cheio de alegria —. Como não me ocorreu?... *Ra!*

Ao pronunciar o nome, as letras se apagaram. E Sinuhe, ainda sentado no canto da torre, beliscou a coxa direita, resistindo a crer em tudo aquilo que estava vendo. Mas, assim que retirou os dedos da perna, *Ra* —

permita-me o leitor que passe a chamar assim a esse "personagem" singular — emitiu um novo e fulminante feixe de luz, também celeste, que incidiu sobre a zona maltratada pelo próprio investigador. E a dor se dissolveu no mesmo instante.

Sinuhe sentiu que o rosto se lhe enrubescia de vergonha. E, dirigindo-se ao "amigo", improvisou uma desculpa:

— Sinto muito. . . Não era minha intenção, mas você tem de reconhecer que isso é coisa de loucos.. .

O fio de luz desapareceu; nosso homem, depois de prolongado e embaraçoso silêncio, resolveu continuar aquele incrível "diálogo":

— Alguma coisa me diz que você, *Ra*, deve acompanhar-nos na busca dos arquivos de IURANCHA.

Mas com que missão?

O disco continuou imóvel e silencioso.

— Está bem. Como posso sabê-lo, se nem sequer sei a que lugar nos devemos dirigir nem que vamos encontrar...? No entanto — animou-se Sinuhe, tentando expressar uma súbita idéia —, há uma coisa que poderíamos esclarecer.

Pôs-se de pé e, apontando o pincel abandonado no chão, perguntou a *Ra*:

— Você pode erguê-lo?

Foi formular a pergunta, e Sinuhe se sentiu contrafeito. "Não obstante, soliloquiou, é preciso averiguar até onde chega o seu poder e, sobretudo, se realmente está a nosso serviço."

Ra oscilou ligeiramente, pondo-se em posição vertical. A

brocha, os trapos e o recipiente de gasolina continuavam no assoalho, entre os pés da armação. Perplexo, Sinuhe observou como, do menor dos "olhos", fluía uma cadeia de reduzidos círculos ou aros de apenas um centímetro de diâmetro e de belíssimo azul-celeste. Essa sucessão de argolas luminosas projetou-se em linha reta até tocar o cabo do pincel. E, como um milagre, o primeiro dos circulozinhos projetados por *Ra* volteou o negro feixe de pêlos. Nesse momento, os vinte ou trinta aros que compunham os dois metros do "braço" mágico se esfumaram. Só ficou o círculo que abraçava o pincel. E instantaneamente, como se obedecesse a uma vontade encerrada no disco, o aro elevou-se do assoalho, arrastando a brocha consigo. Mas, não satisfeito com aquela demonstração, *Ra* atraiu para si aro e pincel, tirando-os lindamente de entre os pés da armação. E ali permaneceram, flutuando no ar, a metro e meio do solo e a dois palmos de um Sinuhe boquiaberto.

Recuperado do primeiro sobressalto, o membro da Escola da Sabedoria pensou em apalpar aquele brilhante aro azul. Mas conteve-se.

— Ma-ra-vi-lho-so! — soletrou com emoção. E uma segunda idéia lhe surgiu à mente.

— Diga-me... Quem é você?

Sinuhe nem bem concluía sua nova pergunta, e o círculo celeste se diluiu no ar e o pincel, liberado da força que o mantinha, precipitou-se para o chão.

O disco girou então em direção a Sinuhe e, conservando a mesma postura — perpendicular ao solo —

desandou a iluminar suas letras.

— *Ra*... Sim, isso eu já sei — exclamou com certa decepção —. Mas quem é você na verdade?

O nome de *Ra* continuou a brilhar por breves espaços.

Finalmente, depois de rápida série de pulsações, o

"R" e o "A" se escureceram.

Quando o investigador começava a acreditar que o enigmático "amigo" escolhera o silêncio como resposta, *Ra* voltou a surpreendê-lo. ..

O disco recuperou a horizontalidade e, animado por suave bamboleio, rumou para o teto da torre. Sinuhe seguiu-lhe os movimentos com o coração na mão. Que pretendia *Ra*?

Uma vez no alto da cabina, o desconcertante "camarada" efetuou uns curtos deslocamentos — à direita e esquerda —, como se procurasse alguma coisa.

Quando *Ra* ficou definitivamente imóvel, Sinuhe, baixando os olhos, reparou que o disco se achava sobre a vertical da antiga maquinaria de que fora parte durante decênios. Intrigado, esperou.

O pêndulo — a verdade é que não sei se deveria continuar a chamá-lo assim — experimentou então uma daquelas intensas vibrações. E os atônitos olhos da solitária testemunha escancararam-se: a superfície que dava para o relógio começara a emanar, ela inteira, uma densa "chuva" de luz. . . negra!

— Jesus Cristo! — exclamou maravilhado, enquanto milhares de raios azeviches partiam lenta e majestosamente da face inferior de *Ra*.

Naqueles momentos críticos, o "soror" não prestou atenção a uma circunstância não menos surpreendente. Foi mais tarde, ao regressar à Casa Azul que, friamente, rememorou como aqueles raios se propagavam, não à velocidade normal da luz, mas pausada e quase trabalhosamente. E assim, centímetro por centímetro, aquela cascata negra foi absorvendo ou anulando a luz natural, mergulhando o quartinho em densas trevas.

Sinuhe, escaldado pela amarga experiência vivida durante a visita noturna ao casarão, retrocedeu, buscando a porta com

a mão esquerda. *Ra*, porém, que parecia captar até o mais singelo sentimento do nosso protagonista, "acendeu" seu pequeno "olho" e, no mesmo instante, o já familiar raio azul destacou-se dentre a

"luz negra" incidindo, com milimétrica precisão, sobre a mão que com tanto afã tateava a parede.

Embasbacado, o repórter assistiu, impotente, à transformação daquele finíssimo laser em outro aro, também azul, que lhe enlaçou os cinco dedos. E o investigador viu e sentiu como o círculo luminoso o puxava, delicadamente, em direção à maquinaria.

Não era preciso ser muito esperto para entender que *Ra* desejava que ele se aproximasse. É claro que acedeu.

Uma vez diante da armação, o aro celeste desapareceu. O sobressaltado investigador sentiu um formigamento breve e superficial nos nós dos dedos e em parte da palma da mão. Levantou os olhos e distinguiu a negra silhueta do convincente "amigo", recortada contra o alvo teto da cabina.

Inexplicavelmente, a face superior de *Ra* não difundia aquela "luz negra", razão por que o teto e uma lâmina delgada situada entre ambos conservavam a claridade natural.

— Que é que você pretende?

A pergunta ia conseguir uma imediata e inimaginável resposta.

Em poucos minutos, e quando o "soror" parecia ter recuperado algum do seu dizimado equilíbrio emocional, de um dos "olhos" de *Ra* partiu um cone de luz branca, bastante mais amplo que os feixes anteriores, que iluminou instantaneamente uma das placas parafusadas em um dos lados da quase invisível maquinaria.

Sinuhe, instintivamente, leu a inscrição:

GREGORIO REVUELTO

BENITO SETEMBRO-8-1 907

— E então?... — perguntou a *Ra*, levantando o rosto até o lugar onde flutuava o disco.

Do círculo escuro brotou um novo feixe, gêmeo do anterior, que incidiu sobre a segunda placa, nacarada.

Dela constava a legenda:

MOISÉS DIEZ PALENCIA

Satisfeito o aparentemente absurdo desejo de *Ra*, Sinuhe passou a testemunhar outro prodígio de que não se esquecerá enquanto viver...

De repente, uma das letras da segunda placa deslocou-se do seu lugar original e — ante inevitável exclamação de assombro de Sinuhe —, começou a ascender pelo interior do cone luminoso, indo deter-se à altura dos olhos do investigador. Era o "S" ...

Imediatamente atrás veio o "O" de "MOISÉS", que se estabilizou junto ao "S".

Sinuhe tinha a garganta seca. Entretanto, não podia reagir. Em seguida uma terceira letra — o "U" —

saído da outra placa, foi colocar-se junto às anteriores.

Com emoção indescritível, o jornalista, que já ia vislumbrando a intenção do "amigo", sussurrou aquela palavra... "flutuante":

"SOU..."

— Quem, quem?... — animou com voz entrecortada.

E, enquanto aquelas três letras se mantinham em aéreo e inconcebível equilíbrio, no cone que iluminava a primeira placa se deram outros desprendimentos. Como em um sonho, o "T" e o "E" escaparam da velha legenda, subindo pela coluna luminosa com a leveza de rolhas emergindo do fundo de um lago. A estas letras se juntou o reflexo do "U",

anteriormente desprendido.

"TEU" ...

— Sim, compreendo... SOU TEU... Que mais?

Com desesperante lentidão, as duas primeiras letras voltaram à sua placa, ajustando-se à palavra MOISÉS, com precisão matemática. No outro cone, entretanto, flutuava a palavra TEU.

E, subitamente, uma após outra, cinco das oito letras que formavam PALENCIA repetiram a operação, formando um terceiro conceito — mas incompleto:

". .. ENLAC..."

Sinuhe, sem conseguir entender, repetiu o termo em tom interrogativo:

— ENLAC? . . .

Mas sua dúvida se resolveria na hora. O "E" de DIEZ acabava de unir-se ao resto.

— Sim, sim, eu entendo: "SOU TEU ENLACE". Continue, continue! Meu enlace, mas com quem?

Ra, evidentemente, não parecia escravizado a impaciência

alguma. Com uma calma que a Sinuhe pareceu irritante, fez que voltassem a seus lugares de origem todas as letras que flutuavam nos fachos de luz.

Só então apareceu uma nova palavra. Uma palavra que o sacudiu:

"... MEDIANO..."

Sinuhe, fascinado pelo quase imperceptível e leve vaivém das espigadas e brilhantes letras, repassou tudo quanto *Ra* lhe havia transmitido até o momento:

"... SOU TEU ENLACE MEDIANO..."

Mas, ao contrário do que supunha, a mensagem não estava concluída.

A palavra MEDIANO caiu docemente sobre a placa, e segundos mais tarde foi substituída, naquele mesmo feixe de luz, por outras três letras:

"... COM..."

Uma vez estabilizadas, como nas ocasiões anteriores, a pouco mais de dois quartos da placa, algo inesperado aconteceu. De *Ra* partiu um terceiro raio luminoso.

Avermelhado e sensivelmente mais fino..Perfurou as trevas

como uma exalação, indo pousar sobre um dos "O" da placa contígua. O fio luminoso recolheu-se sobre si mesmo, arrastando na ponta a letra referida. E, parecendo manipulado inteligentemente, o feixe granada efetuou um movimento pendular, depositando aquele "O" em continuação às letras que flutuavam diante dos olhos perplexos do repórter, formando assim uma nova palavra: "COMO".

Sinuhe moveu negativamente a cabeça.

— SOU TEU ENLACE MEDIANO COMO... Mas isso não tem sentido!

As três primeiras letras desta última palavra foram fundindo-se suavemente, até incorporar-se à inscrição.

Ao mesmo tempo, o laser avermelhado — que permanecia imóvel na penumbra e como que cortado por navalha — avançou até o "O". Banhou-o com sua luz e, depois de colocar-se novamente sobre a vertical da placa de que extraíra a letra, avançou sem pressa, até fazê-la chegar ao seu posto original. Depois dobrou-se sobre si mesmo, até desaparecer no interior do disco.

E Sinuhe, sem fôlego quase, presenciou a que seria a seqüência definitiva daquela "comunicação"

insólita com seu poderoso "companheiro".

Da primeira placa, como um enxame negro, subiu um desordenado punhado de letras. Sinuhe somou até oito. Porém, por mais que se esforçasse, não conseguiu decifrar-lhe o significado. Brotou de *Ra*, pela segunda vez, aquele finíssimo feixe avermelhado. Passeou pela segunda legenda e, apoderando-se de outras duas letras, incorporou-as ao primeiro grupo.

E o irmão da Loja, à beira da vertigem, contemplou maravilhado como as dez novas letras oscilavam e se chocavam entre si, até compor a sexta palavra da "mensagem":

"... RESERVISTA..."

— SOU TEU ENLACE COMO RESERVISTA... .

Sinuhe repetiu algumas vezes a estranha resposta de *Ra*. Mas, entorpecido e esgotado, só pôde encolher os ombros.

"SOU TEU ENLACE MEDIANO COMO RESERVISTA"?

"Que diabos significavam aquelas seis palavras? Certamente, outra vez se repete o 6..."

Ra, desde que finalizada a "transmissão", iniciou o que

poderíamos qualificar de volta à normalidade: as últimas letras retornaram às suas respectivas placas, os feixes se extinguíram, a escuridão artificial foi retrocedendo. Ao ser absorvida pelo disco, a luz "negra" foi deixando passagem — lenta e gradativamente —

para a claridade diurna. Como em uma fantasmagoria, a diáfana luminosidade daquele 26 de julho foi aparecendo, primeiro a rés do chão. Depois, ao passo que *Ra* puxava a angustiante massa negra, a cabina foi tornando-se visível.

Quando o disco "colheu" o último facho de raios azeviche, o repórter, em pé junto à armação, fez por adivinhar qual seria o movimento seguinte do seu "enlace". *Ra* porém não deu sinal de vida. Continuou estático sobre sua cabeça. Sinuhe, arrastado por um sentimento (cada vez mais fraco) de incredulidade, acariciou as placas. As letras não se tinham trocado ou estragado. Continuavam gravadas — solidamente enterradas — em suas respectivas e brancas superfícies metalizadas. E estas, naturalmente, bem parafusadas à madeira da armação.

— Como pôde?...

Passando as pontas dos dedos sobre as inscrições, percebeu tão só um ligeiro aquecimento das placas.

"... SOU TEU ENLACE MEDIANO COMO RESERVISTA. .."

O jornalista levantou o olhar e interrogou *Ra*:

— Que foi que me quis dizer? Será você uma criatura "mediane"? Que significa "reservista"? Sou, por acaso, um "reservista"?

Entretanto, o disco não respondia. Em contraste com o crescente desespero de Sinuhe, *Ra* parecia surdo e alheio às suas dúvidas e até mesmo à sua presença.

A "Quinta Revelação" quase não falava dos "medianos". Como já comentara com a filha da raça azul, este era exatamente um dos compromissos dentro da missão de busca dos arquivos secretos do planeta: averiguar a natureza desses seres e o papel que tiveram na rebelião de Lúcifer. De repente, teve medo:

"E se *Ra* fosse um dos 'medianos' rebeldes?.. Um inimigo, talvez, posto em nosso caminho por sabe lá que forças do Mal?"

A sinistra hipótese turvou o olhar de Sinuhe. A figura do disco, leve "e suspenso no alto, pareceu-lhe pela primeira vez fosca e ameaçadora.

"Por que fica em silêncio?.. Será que tenho razão?"

E presa de pânico fulminante, começou a caminhar de

costas, sem apartar os olhos do hipotético mensageiro ou enviado de Lúcifer.

Absorvido por aquele sentimento e obcecado pelo medo, tropeçou na portinhola da cabina, que cedeu facilmente. Mas o investigador, ávido por fugir, não se deu conta dos imediatos degraus de acesso à torre, e seus pés — impelidos pela inércia — passaram vertiginosamente do solo da cabina para o vazio.. .

Tarde demais para evitar a queda. Não encontrando terreno debaixo dos pés, o corpo de Sinuhe precipitou-se de costas, em direção ao piso do sótão, a um metro de desnível. O infeliz repórter compreendeu que em uma fração de segundo poderia ter quebrado o pescoço e a coluna. Mas seu erro de cálculo fora tão inesperado, tão rápida a precipitação escada abaixo, que nem tempo teve de gritar.

Instintivamente, fechou os olhos. E, quando não lhe restava senão receber o impacto final, "algo" freou-lhe a queda. Questão de décimos de segundo. Ele percebeu forte sensação de calor no peito e, quase simultaneamente, um puxão lancinante ao longo do corpo. Era como se invisível e gigantesca mão o tivesse agarrado no ar...

Abriu os olhos, confuso; compreendeu que se achava tombado a coisa de um palmo do assoalho do ático.

Mas qualquer impressão se apagaria diante do outro fato: flutuando no alto da escada, a poucos centímetros do umbral da portinhola traiçoeira, distinguiu *Ra*. Do "olho" menor partia um daqueles já familiares "jorros"

de círculos azuis. Uns aros com um dedo de diâmetro, que lhe caíam sobre o tórax, banhando-lhe as roupas com uma intensa coloração celeste.

Em poucos segundos Sinuhe era suavemente depositado sobre o piso. *Ra* fez com que desaparecessem os círculos que, sem dúvida haviam contribuído para remediar o desastre e, no mesmo instante, extinguíram-se o calor do seu peito e aquela radiação azulada.

Sinuhe moveu os braços. Esfregou os olhos e, convencido de que continuava vivo, levantou-se de um salto. O disco não se moveu. O jornalista, envergonhado, baixou os olhos. Um sentimento inconfundível — misto de agradecimento a *Ra* e amarga reprovação de si mesmo — começava a aflorar-lhe no coração. E uma lágrima solitária rolou-lhe pela face.

Pouca gente o vira chorar, a esse repórter infatigável, curtido nas mil batalhas de sua profissão.

Entretanto, embora possa aparentar frieza, os que o conhecem sabem que, debaixo da couraça, palpita um temperamento densamente emotivo, capaz de vibrar ante o

sofrimento, ante a beleza ou, como neste caso, ante um nobre gesto de amor e generosidade.

Mas as surpresas não se tinham esgotado ainda naquela manhã inolvidável.

De repente, ele teve uma estranha sensação. Levantou a vista e viu, à sua frente, a não mais que meio metro do seu rosto, o salvador e amigo: *Ra* flutuava de viés. Seu nome estava iluminado. E o abatido investigador soube que a aproximação do disco e o brilho de suas letras tinham muito que ver com um possível e bondoso gesto de "reconciliação e estímulo".

Aquele sentimento-suspeita ver-se-ia confirmado quando, inesperadamente, sobre o negro e áspero relevo da face de *Ra* surgiu "algo" que Sinuhe, comovido, verificou ser uma lágrima. . .

A minúscula e brilhante gota havia surgido pela linha inferior do pequeno "olho" e deslizava, lenta, entre as rugosidades que formavam o ondulante alto-relevo da serpente enroscada entre ambos os "olhos".

Curiosamente, aquela única "lágrima" vertida pelo disco brotara do "olho" à esquerda do que poderíamos começar a considerar como a "face de *Ra*". E digo que era "curioso" porque a solitária lágrima de Sinuhe também lhe escapara do

olho esquerdo...

Com um nó na garganta, ele estendeu a mão trêmula até tocar a superfície muito fria do disco, e enxugou a incrível lágrima. Esboçando um breve sorriso de amizade, levou aos lábios as pontas úmidas dos dedos.

Sinuhe não entenderia jamais como poderia a poeirenta peça de um relógio antigo, chegar a cobrar vida e a converter-se ainda em fiel, mágico e inquebrantável companheiro de viagem e de fadigas. .. A verdade é que o irmão secreto da Ordem ou Loja da Sabedoria estava apenas começando — apenas! — a descobrir o ilimitado poder dos Céus...

— Cristo! .. Mas é salgada!

Sinuhe retirou os dedos dos lábios e contemplou, atônito, os restos da "lágrima" que *Ra* derramara.

Se ainda adejavam dúvidas no espírito do repórter, ali estava aquela nova confirmação da natureza do humor vertido pelo misterioso disco. Já não cabia vacilação alguma: *Ra* era capaz de sentir e de demonstrar sentimentos humanos.. .

— Obrigado, amigo!

Aquelas duas únicas e contundentes palavras de Sinuhe encontraram no companheiro uma resposta igualmente

direta. *Ra* apagou e iluminou seu nome três vezes, demonstrando-lhe assim que o entendera. E, ato contínuo, recuperou a horizontalidade, e moveu-se em direção à porta da cabina. O jornalista seguiu-o intrigado.

— Que me quer dizer você?

Ra não tardaria a "explicar-se". Postou-se sobre a bolsa preta das câmaras fotográficas, projetando um fino raio azul sobre uma das extremidades do fecho. Delicadamente, aquele fio luminoso foi abrindo-a. Ao terminar, o disco dissolveu o mágico "braço" celeste, e o substituiu pela outra projeção, também familiar, de pequenos círculos da mesma cor. As argolinhas penetraram no interior e, num instante, Sinuhe, estupefato, contemplava como *Ra* extraía da bolsa uma das Nikon. A câmara flutuava no espaço, misteriosa e perfeitamente segura pelo último dos círculos azuis.

O aro se ajustara ao diâmetro da teleobjetiva curta — uma "105" — que o repórter montara na caixa dias atrás.

Maravilhado, observou como o "amigo" mantinha a câmara em posição horizontal e abraçada pelo ponto do anel de conexão das lentes. Justamente pelo lugar onde ele costumava suspender suas câmaras. Sem dúvida, *Ra* parecia conhecer muito bem os costumes do repórter...

O disco ganhou altura e se dirigiu até ele, pondo-lhe a

"alada" máquina ao alcance das mãos. Quando o nosso homem dela se apoderou, o fluxo de círculos desvaneceu-se e *Ra* voou, então, para a janela da torre.

Após segundos de aparente indecisão, sua face voltou-se para- o expectante amigo. E depois, muito devagarinho, foi descendo até apoiar-se na estreita cornija interior da janela. Ficou imóvel, em posição vertical, ligeiramente inclinado e apoiado entre a vidraça e o batente esquerdo. Nessa posição — tão só nessa — o disco metálico recebia o máximo de luz. Sorrindo, Sinuhe entendeu os desejos de *Ra*.

Por sinal que, muito antes de visitar o casarão pela segunda vez, ele planejava fotografar o enigmático pêndulo e os detalhes do alto-relevo. Mas aqueles intensos e múltiplos acontecimentos acabaram por apagar-lhe as primeiras intenções. O disco, agora, encarregava-se de fazer com que se lembrasse.

Sinuhe ajoelhou-se no assoalho, levando a câmara aos olhos. Foi quando, ao fazer girar a roda da 105

milímetros, buscando perfeita focalização da face de *Ra*, deu-se conta de outro "detalhe", tão gentil quanto demonstrativo da "inteligência" do "amigo". Na bolsa estavam duas câmaras: a que *Ra* acabara de tirar e uma Nikkormat, armada com uma 24 milímetros; quer dizer, com

um grande ângulo. Esta câmara encerrava um filme a cores, com sensibilidade de 100 ASA. A Nikon, por outro lado, dispunha de um em branco e preto, de mais alta velocidade — 400 ASA — muito mais apropriado que o anterior para um lugar como aquele, com pouca luz natural, relativamente. O jornalista, além do mais, odiava *flash*. Pois bem, para *Ra* essas circunstâncias não passaram despercebidas, pois escolheu a câmara e, inclusive, a objetiva mais adequada para o caso. Se Sinuhe desejava tomar sobretudo os detalhes e a configuração do alto-relevo, o lógico seria que se tivesse utilizado da "tele" curta ou uma "macro" e não a grande angular. A precisão na escolha da câmara, portanto, fora absoluta. ..

E o investigador tremeu quando a "105" abriu ante seu olho a face claro-escura de *Ra*. — Deus!. . . Que é isso!?

Ao focar, Sinuhe ficou estupefato. Baixou a câmara e cravou os olhos em *Ra*.

— Não pode ser. .. — murmurou, confuso.

É que vira, através da teleobjetiva, que a figura da serpente fora escamoteada. Em seu lugar, rodeando os

"olhos", aparecia outro alto-relevo: um complexo enredado de linhas grossas, tudo em relevo também. Onde estaria o sinuoso corpo da serpente?

Sinuhe, preocupado, passou a culpar seu cansaço, a achar que tudo não passava de fruto de sua imaginação, uma alucinação ou alguma deformação ótica.

"A melhor prova" — monologou — "é que, ao baixar a câmara, tornei a ver o "rosto" de *Ra*: a serpente enroscada nos dois círculos..."

E, convencido de que talvez tivesse focalizado incorretamente a superfície do disco, voltou com a câmara para os olhos. Acertou a objetiva e . . .

— Jesus Cristo!

Não manipulara mal a objetiva; tampouco fora vítima de lapso mental. Mas a serpente desaparecera, transformando-se ou ocupando-lhe o lugar aquela gravação incompreensível.

Tremeram-lhe as mãos. Hesitou, por um instante: baixava novamente a Nikon? Ou disparava? Inspirou profundamente e, segundos depois, achando que seu pulso recobrava um mínimo de equilíbrio, disparou. O

"clic" tranqüilizou-o. Baixou a câmara e, tal como supunha, o punhado de linhas fora nova e misteriosamente substituído pela serpente inicial.

— É incrível!

Sinuhe aproveitou a extrema docilidade do "amigo", imortalizando a superfície do pêndulo em uma demorada dúzia de imagens. E, cada vez que mirava através da teleobjetiva, a "face" que ele havia visto, e que continuaria vendo no futuro, sofria igualmente deformações. (Quando essas fotografias foram reveladas, depois de concluída a missão, ele comprovaria que aquela "mudança" fora real. Hoje constituem uma das poucas provas de que *Ra* existe...)

Por alguma razão que escapava ao conhecimento do investigador, seu singular "companheiro" não desejava que o filme captasse o seu "rosto". Ou será que a serpente enroscada tampouco era a sua verdadeira face?

Hoje, já de regresso daquela fascinante aventura, nem a filha da raça azul nem Sinuhe lograram desvendar a sibilina incógnita.

Mas tentarei não cair em um dos meus defeitos habituais: adiantar acontecimentos...

Quando o membro da Escola da Sabedoria considerou satisfeita sua curiosidade pessoal e a jornalística

— que no caso vinham a dar no mesmo —, devolveu a câmara ao estojo, permanecendo com a vista como que

distraída, à espera de alguma outra mudança no alto-relevo. Mas a serpente que ondulava entre os

"olhos" não se alteraria. E Sinuhe propôs a *Ra* uma questão que, à primeira vista, não parecia fácil, mas que o vinha atormentando desde que soubera ou intuía que seu circular "amigo" teria de unir-se a eles na "grande busca".

— Diga-me, como vou levá-lo comigo?

Sinuhe estremeceu só de pensar na possibilidade de que *Ra* pudesse segui-lo pela aldeia, voando como um pássaro... A cena teria sido simplesmente catastrófica.

Enquanto aguardava uma resposta, chegou a pensar, mesmo, em uma drástica e talvez pouco delicada solução: envolvê-lo em uma das toalhas que protegiam as câmaras fotográficas e ocultá-lo na bolsa. Porém, como digo, não tardou a desistir de semelhante iniciativa, convencido de que não era o tratamento mais correto para com um "amigo"..

E a solução, uma vez mais, correu por conta de *Ra*.

O disco, que sem dúvida acompanhava as reflexões de Sinuhe, abandonou o batente da janela, immobilizando-se a metro e meio do piso. O investigador pôs-se de pé e esperou. Que aconteceria agora?

E do pequeno "olho" brotou aquele fluxo de círculos celestes pequeninos. Dirigiram-se então para a mão direita do repórter. Ele experimentou uma cocegzinha fina, mas deixou que o "amigo" atuasse. O aro da extremidade e em contato com a mão se havia introduzido no dedo anular como se fora um anel. E, docemente, *Ra* puxou o dedo. O braço, até ali caído ao longo do corpo, foi tomando a posição horizontal. Sinuhe, embora fizesse por adiantar-se e compreender a manobra, acabou por render-se.

— Que é que você pretende? — chegou a perguntar-lhe, com um começo de intranqüilidade.

Ra porém parecia cativo daquele dedo e, é claro, nada respondeu.

A aliança de Sinuhe perdeu por instantes seu reluzente dourado, e ele chegou a temer pela integridade física da jóia.

Então, aconteceu o inesperado...

De repente o disco sofreu uma daquelas características e intensas vibrações. Ele todo se iluminou de um vermelho escarlate e, ante o olhar atônito de Sinuhe, que continuava com o braço estendido, desmaterializou-se. Perplexo, Sinuhe viu como, um décimo de segundo depois da súbita desapareição de *Ra*, o jorro de círculos azuis seguiu o mesmo destino. O dedo anular ficou então liberado da tênue mas

enérgica pressão.

— Oh!

A exclamação não foi só por causa da incrível cadeia de acontecimentos que acabava de testemunhar. No seu dedo, no mesmo lugar que ocupara o aro azul, apareceu um anel de um centímetro e meio de largura, todo em ouro lavrado.

Tremeram-lhe as pernas pela enésima vez. Devagarinho, foi abrindo e fechando a mão direita. Não; não se tratava de um sonho. Ali, em seu dedo anular, junto à aliança, reluzia um selo amarelo, coroadado por delicado relevo quadrangular.

Distinguiu na palma da mão microscópicas gotículas de suor. Seu tremor inicial foi acentuando-se.

Durante uns poucos minutos sentiu-se incapaz de tocar o misterioso anel. Finalmente, devorado pelo medo e pela curiosidade, roçou com um dedo a figura que rematava o selo.

Nada aconteceu. O anel era, no mínimo parecia ser, absolutamente normal. Estirou os dedos e procurou decifrar o significado da figurazinha que ocupava e decorava todo o remate superior. Desde o primeiro momento, aquela gravação em ouro lhe parecera familiar. Mas onde a vira anteriormente?

Seus pensamentos, no entanto, iam entrecruzando-se sem conceder-lhe trégua.

— Que terá acontecido com *Ra*? .. Por que terá desaparecido?... Ou não desapareceu?...

Sinuhe sentiu uma chicotada nas entranhas.

—, Terá mudado de forma, assumindo agora a deste anel?

À guisa de resposta — e contundente — uma onda de sangue subiu-lhe do ventre, intensificando generosamente o suor que já lhe havia brotado pelos poros.

— E por que não? — murmurou, disposto a crer em qualquer coisa que viesse de *Ra* —. Minha pergunta sobre "como iria levá-lo comigo" pode ter sido atendida com esta concreção.. . Mas como posso ter certeza?

E o investigador, ingenuamente, ficou aguardando algum sinal. Porém, o formoso anel — supondo-se que, com efeito, se tratasse do pêndulo — não parecia detectar suas inquietações. Assim pois, um tanto decepcionado, aproximou-se à luz que jorrava do postigo da janela, disposto a explorar minuciosamente o selo. A figura do relevo representava um estranho ser, de cabeça quadrada e provido de dois olhos enormes.

Mas Sinuhe não conseguiu distinguir naquela face nem nariz nem boca. E, levantando os olhos até a vidraça, lembrou-se imediatamente da monstruosa cabeça que descobrira, dias atrás, naquela mesma janela, também desprovida de nariz e de lábios. Um estremecimento percorreu-lhe a coluna vertebral.

"Por que a nova coincidência?"

O ser em questão aparecia agarrado ao umbral de uma espécie de porta. Com exceção daquela "face"

quadrada, o resto do corpo achava-se oculto sob um atavio ou proteção difícil de descrever. Sinuhe teria jurado que se tratava de uma couraça flamífera. Porém, dadas as reduzidas dimensões — formando um quadrado de um centímetro de lado —, qualquer hipótese seria arriscado formular. Não obstante, o cérebro do investigador fazia por recordar.

"Onde vi esta figura? Onde?" . . .

Finalmente, decidiu-se a pôr em prática uma idéia que o assaltava desde logo, mas que o medo foi retardando. Pegou o selo com dois dedos e o foi retirando da mão. Nesse instante, assim que o anel acabou de deslizar para a ponta do anular, súbito foguear o deixou meio cego.

— Meu Deus!...

Foi tão súbito que Sinuhe soltou a jóia, cegado pela inesperada e silenciosa explosão fulgurante.

— Oh, Deus!...

O repórter levou as mãos aos olhos, tentando recuperar a visão. Seus temores porém eram infundados.

Embora a luminosidade lhe tivesse, efetivamente, sobrecarregado as pupilas, ao baixar as mãos, seus olhos

— apenas irritados — perceberam normalmente o seu contorno.

Suspirou aliviado. Olhou para o chão, esperando que o anel estivesse talvez sobre o assoalho, mas, por muito que procurasse, não havia nem sombra do selo.

E, de repente, experimentou uma sensação conhecida. Não saberia como defini-lo, mas "algo" ou

"alguém" se achava às suas costas, a observá-lo. Tratava-se de um sentimento ou de uma sensação muito freqüente, dessas que muitas pessoas já viveram alguma vez.

Ao voltar-se, passada a primeira surpresa, Sinuhe não pôde deixar de sorrir. No centro da peça flutuava *Ra*, negro e majestoso como sempre. Suas suspeitas viram-se assim

confirmadas: o "amigo", com o propósito de acompanhá-lo sem ser percebido, havia-se transformado em anel e este, ao ser retirado do dedo, recuperara sua primigênia forma habitual. ..

— Está bem — comentou Sinuhe aproximando-se do disco e levantando o braço direito —, já o compreendi. . . Pode voltar ao dedo, se você não se importa. . . Devemos regressar para junto da filha da raça azul.

Ra então repetiu sua emissão de círculos celestes, desintegrando-se e reincorporando-se ao dedo anular em forma de anel.

Apesar de tudo, o "soror" estremeceu. Não era nada fácil acostumar-se a tantas e tão vertiginosas emoções e, muito menos, a levar na mão um ser "vivo" e praticamente onipotente...

Mas, depois de acariciar o anel, preferiu esquecer tudo aquilo. E, carregando o material fotográfico e os utensílios emprestados, deixou o casarão.

Um Sol cálido, caminhando já para o zênite, saudou-o quando ele pisou o branco e tosco calcetado da praça da Lastra. Sinuhe, agradecido, levantou o rosto, para que sua pele se carregasse de energia.

"Quem acreditaria em mim?" — meditou, cerrando as pálpebras —. "Embora, no fundo, que importa isso? . . . Não é a vida, realmente, uma fantasia e a mais prodigiosa das aventuras?"

O resto daquela inesquecível jornada decorreu em paz. Glória não fez perguntas demais, embora, ao vê-

lo, tivesse sentido que o irmão e amigo guardava algum novo segredo no coração. Indeciso » preocupado, deixou que passassem as horas. Durante o almoço e o aprazível passeio que encerrou aquele 26 de julho, sentiu-se tentado a confidenciar à companheira tudo o que vira e vivera no ático e cabina. Mas, a cada vez que se propunha falar, de *Ra* partia uma espessa e nítida onda de calor que lhe inundava e chegava quase a adormecer a mão direita. O primeiro "aviso" do camuflado "amigo" pilhou-o tão de surpresa, que esteve a ponto de trair-se. Ao senti-lo, levantou involuntariamente a mão, deixando escapar uma interjeição seca.

Glória olhou-o admirada, e Sinuhe viu-se em apuros para justificar o gesto tão inexplicável.

Afortunadamente, porém, a filha da raça azul não percebeu o anel. Os problemas, entretanto, não haviam terminado.

Essa noite, ao recolher-se, o irmão da Loja secreta sofreria outra surpresa.

Foi ao despir-se. Embora, ao passar pela fonte da Diana Caçadora, no seu regresso à Casa Azul, Sinuhe, sempre meticoloso, tivesse tentado limpar do pescoço aquele fiozinho de sangue seco, pensou que o mais prudente ainda seria tomar um banho relaxante. Eliminaría qualquer marca do ferimento e, ao mesmo tempo, suavizaria seus nervos castigados.

Ao descobrir o dorso, o jornalista — que tinha praticamente esquecido aquela pontada no lado esquerdo das costas — ficou perplexo. Ao olhar-se fugazmente no espelho descobriu uma pequena mancha à altura das costelas. Em uma primeira e agitada exploração, associou-a com uma equimose ou mancha roxa, conseqüência — pensou — do impacto de um dos pés das cadeiras que lhe haviam caído sobre o corpo. Mas, ao aproximar-se da luz, sua perplexidade não teve limites: "aquilo" não podia ser um vergão qualquer.. .

"São círculos!"

Nervosamente passou os dedos sobre a suposta equimose e constatou que aqueles três círculos concêntricos azulados não se apagavam. Esfregou com mais força e insistência, mas só conseguiu avermelhar as costas. Aplicou água e sabão, mas foi inútil. Aquele "sinal" — o de Micael, o mesmo que vira no escritório do seu Kheri Heb e nas seis

árvores do bosque — não se alterou em nada.

Desconcertado, deixou cair a esponja e retrocedeu. Contemplou-se de novo ao espelho, e uma tempestade de hipóteses, contra-hipóteses e receios apoderou-se dele.

— Que é isso?... Que significa?... Mas quando?...

Com grande dificuldade retrocedeu no tempo, tentando reconstruir as cenas vividas no velho casarão.

— Isso aconteceu em algum momento — repetia-se obsessivamente —. Mas quando?

Sinuhe se lembrou do morcego e de sua estúpida queda. E, entre sombras, veio-lhe à mente seu retorno à consciência e aquela dor aguda, exatamente no ponto em que agora ele descobria os três círculos. Entretanto, a possibilidade de que algum dos móveis fosse o causador daquele "emblema" foi descartada na hora.

Havia, sim, "algo" que não parecia lógico: como era possível que tivesse permanecido toda uma hora inconsciente? Que teria acontecido todo esse tempo?...

Qualquer hipótese, por suspeitosa que fosse, teria de ser descartada e esquecida, ante aquela nova vivência: *Ra...*

"Sim, deve ter sido ele."

E então se recordou daquela última pontada, quando se achava sentado no chão da cabina, e a fulminante intervenção do disco, projetando um dos seus feixes luminosos sobre a zona dolorida. Mas, aceitando tal possibilidade, que objetivo teria marcá-lo com o emblema ou escudo de Micael? Ou não se trataria de mero sinal?

Como já insinuei a certa altura, o irmão da Ordem da Sabedoria tinha de "passar ao outro lado" para conhecer a verdade sobre como e por que lhe haviam sido "implantados" aqueles três círculos entre a quinta e a sexta costelas... e tão perto do coração. Naquele momento, ele não podia sabê-lo, mas eu, sim, posso anunciar ao leitor, que guardava íntima relação com o papel dos "reservistas".

O cansaço pôde mais e, depois de um rápido banho, Sinuhe foi deitar-se. Seu descanso, entretanto, foi minado e interrompido por uma sucessão de pesadelos angustiosos. Muito antes da alba, já estava saltando do leito.

Enquanto aguardava Glória, tentou decifrar o sonho de que se recordava mais e que o havia enchido de espanto. Naquele pesadelo— que se repetiria várias vezes — via a si mesmo ao pé de uma estranha torre e em meio a uma "escuridão avermelhada" Ao seu redor, centenas, talvez

milhares de seres de pequena estatura e crânios volumosos vinham aproximando-se, braços estendidos, atitude ameaçadora.

Criaturas semelhantes às que vira na clareira do bosque e também do outro lado da vidraça da janela da torre. Disso ele tinha certeza. Mas, à diferença deste ser, os do pesadelo não ostentavam no peito aqueles três círculos azuis e concêntricos. No centro do tórax de cada um deles, igualmente transparente, Sinuhe pensou distinguir outro emblema ou símbolo: um círculo preto, com outro vermelho e menor no interior dele.

As enormes cabeças, tal como a da criatura que o havia espreitado na torre, só tinham olhos: escuros, redondos, pequeninos e circundados ou cercados por uma espécie de calosidade que sobressaía vários centímetros na cara horrenda. E aquela multidão sempre aproximando-se, aproximando-se.. .

Mas quando aquela infinidade de dedos estava a ponto de cair-lhe em cima, o pesadelo se apagava e o repórter, violentamente sacudido em sua cama, despertava. Suado e ofegante, lutava por encontrar e acionar o interruptor de luz. Aqueles segundos, submerso nas trevas do quarto e nas brumas da semi-inconsciência, eram-lhe especialmente amargos. . .

Naturalmente, quando, afinal, dava com o maldito interruptor, rosto descomposto, percorria com o olhar até o último canto do aposento, em busca de sabe Deus que criaturas. Entretanto, o lugar parecia calmo. Com o coração avariado apagava novamente a luz, escorregando para debaixo dos lençóis, cobrindo-se até o nariz.

E, durante minutos intermináveis seus olhos perscrutavam a escuridão, pendentes de qualquer sombra. Só aquelas pessoas que sentem esse agudo e indescritível medo das trevas e da possível aparição de seres terrificantes na solidão do quarto, podem entender o sofrimento do nosso homem aquela noite...

Tais sobressaltos, como disse, repetiram-se uma ou outra vez, até que, incapaz de controlar os pesadelos e o pânico, acabou com a situação, descendo para o primeiro andar da Casa Azul.

Foi pequeno o conforto que encontrou em suas auto-explicações.

"Se esses pesadelos" — raciocinava, enquanto tentava plasmar o perfil-robô daquelas criaturas — "não foram mais que isto, pesadelos, por que em seus peitos eu via um emblema tão diferente do de Micael? . . .

Quem eram? Não são mais que imaginação minha? .. Sim,

deve ser isso."

Como se enganava Sinuhe!... Houve uma época em que estudou os chamados sonhos premonitórios. Ele sabia, conseqüentemente, que essa categoria de fascinações do inconsciente revela às vezes o que vai acontecer...

Mas sigamos a ordem dos fatos.

Quando a filha da raça azul desceu para o desjejum, Sinuhe já tinha relegado a incógnita dos pesadelos.

Era outro, agora, o problema que o ocupava e preocupava. A lua nova aconteceria no dia seguinte, 28 de julho e, como sempre, apesar de meticuloso e apaixonado pela ordem, o investigador deixara para o último dia um detalhe que, embora prosaico, não admitia mais demoras: em que exato momento desse sábado se registraria a entrada no novilúnio?

A precisão nesse caso — assim o entendia — era crucial. Se "o momento do início da missão" — como rezava o telegrama do seu Kheri Heb — "devia chegar com a lua nova", era imprescindível conhecer a hora e, se possível, até o minuto exato. Mas como solucionar o problema?

Sinuhe não dispunha das tábuas astronômicas e, na Casa Azul, segundo Glória, seria difícil encontrar uma pista.

Esforçando-se para não abalar os nervos, fez um inventário das pessoas que poderia consultar por telefone.

"Se tudo falhar" — meditou, ao mesmo tempo em que acariciava o anel — "suponho que *Ra* nos poderá tirar do atoleiro..."

Mas, dessa vez, não foi necessária a intervenção do seu "enlace".

Ao discar o número do observatório do Ebro, em Roquetas, seu bom e paciente amigo, o padre Cardús, diretor do centro, acedeu gostosamente em resolver o intrigante pedido do investigador. Em poucas horas, a resposta soava clara e precisa do outro lado do fio.

— Meu querido amigo — informou o jesuíta — a lua nova se dará às 11 horas e 51 minutos, tempo universal.

Ao pendurar o fone, Sinuhe não dissimulou a estranheza.

— Que foi? — interrogou Glória, percebendo que "algo" de extraordinário e imprevisto provocara aquela sombra na fisionomia de seu companheiro.

— Não entendo — murmurou finalmente, mostrando à Glória a hora prevista para o novilúnio daquele mês de julho.

A filha da raça azul leu as anotações em silêncio e, levantando os olhos do papel, deu-lhe a entender que não conseguia captar o motivo de suas preocupações.

— Pode ser que não tenha maior importância, mas essa hora, mais as duas adiantadas, significam que a lua nova se iniciará quase às duas da tarde...

— E daí?

Sinuhe contemplou a senhora e, depois de uns instantes de hesitação, exclamou em tom conciliador e como que desejando esquecer o assunto:

— Não, nada. . . Você verá, mas não sei por quê, sempre acreditei que nossa missão teria sua partida em plena noite. . . Evidentemente, não é assim.

— Evidentemente — repetiu Glória com um sorriso —. E lhe digo outra coisa: você se preocupa demais.

Deixe que voem os acontecimentos. Espere-os. . . Não sabemos aonde vamos, o que nos espera, tampouco como achar esses arquivos secretos. . . Não se atormente. . . Talvez seja tudo mais simples do que supomos.

— Ou mais difícil — sussurrou, recordando-se dos pesadelos. Mas Glória nem prestou atenção a esta última e

premonitória

reflexão do membro da Loja da Sabedoria. Para espanto do companheiro, a filha da raça azul parecia mais interessada em outra atividade. Pelo resto do dia, Sinuhe a viu ir e vir, preocupada tão-só com a indumentária e a bagagem que deviam apresentar...

Só ao anoitecer, quando se convenceu de que aquela preocupação estava sendo levada muito a sério, Sinuhe pediu à amiga irrequieta que o escutasse:

— Não se trata — disse-lhe com ternura — de uma "viagem" como você talvez esteja imaginando...

Glória o mirou, sem compreender de todo. Não que Sinuhe tampouco soubesse como ou de que maneira ia transcorrer a missão, mas intuía que, para a realização daquela "grande aventura" contava-se tão-só com a boa disposição dos dois e, naturalmente, com a presença permanente de *Ra*.

E, nessa crença inabalável, a data fixada chegou.. .

Nem Glória nem Sinuhe conseguiram dormir. Naquela noite, véspera do encontro com o desconhecido, apoderou-se deles o nervosismo. Enquanto a filha da raça azul se certificava, consternada, de como pareciam apagados da mente os ensinamentos recebidos, o investigador,

indormido, investiu a maior parte do tempo em frenéticos passeios pelo dormitório, mergulhado em dúvidas tais como, por exemplo, se devia levar seu material fotográfico ou se deixaria carta escrita para a família. ..

Com as primeiras luzes daquele inapagável 28 de julho de 1984, ele e ela, esgotados, apareceram quase simultaneamente no salão, persuadidos de que o melhor era não pensar e deixar-se levar pelos acontecimentos. E depois de frugal desjejum — já preparados para a missão — saíram para o jardim. Glória, finalmente, escolhera uma longa túnica azul de mangas generosas e bolsos. Sinuhe, sem a menor preocupação com suas vestimentas, apareceu com um jeans gasto e desbotado e uma camisa de verão, também celeste. Em sua mão direita, naturalmente, reluzia o ouro do anel. .. Enquanto a filha da raça azul procurava preencher aquelas horas de tensão que precediam a ida ao bosque, com leituras ou cuidando de suas flores, seu companheiro se enfiou em minuciosa revisão e limpeza das câmaras fotográficas.

Contrariamente às ponderações que ele próprio sustentara na véspera com a senhora da Casa Azul, no sentido de que não deveriam carregar bagagem alguma, seu instinto jornalístico o compelia a não se desfazer pelo menos de seu equipamento fotográfico. Se a missão da busca dos arquivos secretos de IURANCHA prometia ser tão intensa e delicada como ele cria, o lógico era que tentasse munir-se do máximo

possível de provas documentadas. Sinuhe confundia a natureza da missão. Bem depressa, porém, descobriria que, nessa busca, o "lógico" seria precisamente o "ilógico" ...

Consultou o relógio: 10 horas. No céu de transparência infinita, o Sol era cada vez mais ardente. Ao dirigir o olhar na direção do bosquezinho que abraçava o casarão da Câmara Municipal, nada parecia fora do normal ou da rotina. Bandos inquietos de andorinhas e gaivões faziam como sempre escuros mergulhos sobre as copas dos choupos, enquanto as tranqüilas pessoas da vila atendiam, sem pressa, aos seus afazeres.

E aquela dúvida queimante — nascida com a consciência da hora e da lua nova — veio embaralhar-lhe os pensamentos.

"Como é possível que estejamos na iminência de embarcar em semelhante aventura e que, no entanto, pareça tudo tão tranqüilo?"

Tais apreciações, não obstante, não se mostrariam exatas. Pelo menos no que se referia a Glória e a Sinuhe. . .

Pelas 13h30, quando o par já se dispunha a abandonar a Casa Azul rumo ao bosque, alguma coisa ocorreu que esteve a ponto de arruinar-lhes os projetos.

Desapontado, Sinuhe viu que José Maria, o prefeito de

Sotillo, atravessava a cancela do pátio e, com um leve sorriso, caminhava em direção ao guarda-sol à cuja sombra ele se ocupava em ajustar suas câmaras.

E com um "olá, como vai?", tomou assento junto ao forasteiro. Num movimento reflexo, Sinuhe observou os dígitos do seu relógio. Balbuciou outra saudação e procurou Glória com o olhar. Mas a senhora, atarefada na revisão de um viveiro, não se apercebera ainda da inesperada visita do vizinho.

— Pensei — expôs o alcaide após um de seus característicos e demorados silêncios — que, se você concordasse, hoje seria um dia ideal para que eu lhe mostrasse a fábrica de mel.

— Como?...

Só então Sinuhe se lembrou de que em oportunidades diferentes pedira a José Maria que lhe permitisse acompanhá-lo aos apiários existentes nos arredores da aldeia, como também visitar a fábrica em questão, uma das melhores da Europa em sua especialidade. Mas, por uma ou outra razão, tais visitas sempre haviam sido postergadas.

— Você não está com boa fisionomia. Eu lhe dizia que esta manhã disponho de tempo para mostrar-lhe a fábrica. . .

— Ah! . . . Bem, mas . . . é que . . .

Sinuhe se remexeu nervosamente na cadeira de vime, suplicando aos céus que Glória aparecesse. E ela não tardou a fazê-lo, como se tivesse captado o pedido de socorro. Trazia um fresco e luminoso maço de margaridas graúdas. Sentou-se frente a Sinuhe e, ao conhecer o motivo da visita, trocou um olhar significativo com o jornalista. No momento ela percebeu o delicado problema mas, longe de interferir, continuou silenciosa. Depositou o ramo de flores silvestres em cima da mesa e se entreteve a escolher uma das mais belas.

Sinuhe, pálido, só conseguia consultar o relógio.

" 13 horas e 45 minutos."

Estava a ponto de declinar do amável convite e arrastar Glória para o bosque, quando a senhora tomou uma iniciativa muito mais prudente. Ajeitou entre seus cabelos louros a margarida que selecionara e, com uma serenidade que o deixou perplexo, perguntou a Sinuhe:

— Está bem assim? . . .

Antes que o pobre e confuso amigo emitisse uma palavra, acrescentou:

— Quando você quiser, podemos tirar as fotos. Estou pronta. E imediatamente, dirigindo-se ao alcaide, pediu-lhe que os desculpasse.

— É coisa de cinco ou dez minutos — esclareceu, sugerindo-lhe que não saísse dali.

José Maria, conhecedor dos gostos fotográficos de Sinuhe não se alterou e, com um lacônico "está bem"

os viu desaparecer pelo bosque, enquanto se servia de uma fumegante xícara de café.

Eram 13 horas e 47 minutos. Faltavam apenas quatro minutos para que desse começo a desejada e, ao mesmo tempo, temida lua nova.

"... 13h50".

Sem alento, mais atento ao relógio que à companheira, Sinuhe finalmente entrou na clareira. Soltou a pesada mala preta das câmaras e, angustiado pela iminência da hora, recostou-se ao tronco de uma das seis árvores marcadas com os círculos concêntricos. A filha da raça azul, ofegante também depois da louca corrida até ali, tentou recuperar o fôlego.

Aturdida com a fuga precipitada de casa, Glória precisou de

alguns segundos para compreender que se encontrava, justamente, no claro de que lhe havia falado Sinuhe. As batidas do seu coração se precipitaram quando descobriu, nas cascas das árvores, aqueles três símbolos.

— Lembra o sinal de Micael! — murmurou com um fio de voz. E, apontando para os círculos gravados nos troncos, interrogou o amigo com o olhar.

— Sim — retrucou o membro da Ordem da Sabedoria — este deve ser o lugar. Este é o sinal de Micael (sua bandeira) e

Ra fará descer com a lua nova seu Mensageiro Solitário. . .
Lembra-se?

Glória assentiu, em silêncio. E ambos, movidos pelos mesmos pensamentos, levantaram os olhos para o puríssimo céu que se recortava entre as ramagens das árvores.

" 13h51"

Nem nossos expectantes protagonistas, nem tampouco o Conselho Supremo dos Kheri Hebs da Ordem da Sabedoria podiam imaginar o que — exatamente naqueles instantes: 13 horas e 51 minutos de 28 de julho

— estava acontecendo a milhares de quilômetros daquele pequeno bosque perdido e insignificante, na remota aldeia

soriana de Sotillo.

Cerca de vinte e quatro horas antes do começo da lua nova os astrofísicos do conhecido radiotelescópio de Arecibo, na ilha de Porto Rico, experimentaram uma nova comoção.

Aquele astro "intruso" que vinham seguindo e que, a 27 de janeiro, como recordará o leitor, cruzara a órbita de Plutão, agora se havia detido.

Harold D. Craft, diretor de operações, e seu colega Rolf B. Dyce não se haviam descolado desde então da sala de controle de dados. Para os cientistas, a imobilização de "Ra-6 666" não tinha explicação lógica alguma. A não ser, claro, que fosse dirigida inteligentemente. Mas esta cada vez mais perturbadora realidade não podia ser assimilada assim facilmente por sua mente racionalista. E Craft e Dyce — de posse de parte do segredo do astro — mantiveram-se frios e serenos.

Os computadores do radiotelescópio fixavam as coordenadas galácticas e a distância de "Ra-6 666" em 3

horas e 44 minutos ou em 29,6937 unidades astronômicas. Quer dizer, praticamente em idêntica posição à calculada pelos observatórios do mundo nas datas do seu ingresso no sistema solar: a uns 4 454 milhões de quilômetros do Sol. E a essa impressionante distância, como digo, havia freado sua

ameaçadora carreira.

Desde esses momentos críticos, todos os astrônomos que participavam do seguimento haviam orientado seus telescópios em direção àquela zona do espaço e, perplexos e maravilhados, tiveram de inclinar-se ante a evidência e reconhecer que "algo muito estranho" ocorria nas fronteiras do nosso sistema. Mas aquela perplexidade quase alcançaria os limites da loucura quando, às 11 horas e 51 minutos (tempo universal) daquele 28 de julho — 13h51, hora local na Espanha —, um dos astrofísicos do Monte Palomar, Gerry Neugebauer, atento ao astro "intruso" detectou em suas imediações algumas potentes "explosões".

Quando, poucas horas depois, Gerry revelou as chapas fotográficas e checou os tempos impressos nos negativos obtidos com o telescópio Schmidt de 48 polegadas, não soube a que se ater. A primeira explosão, registrada em plena linha equatorial de "Ra-6 666", tivera uma duração de 0,00000000001 (1,-) segundos.

Os dígitos da placa fixavam a explosão luminosa — tão espetacular como a de uma supernova — nas 13h51

(hora local da Espanha). A esta inexplicável "explosão" outras 36 se lhe haviam seguido, sempre no mesmo ponto e com períodos ou tempos de "brilho" tão infinitesimais como

o primeiro. Aquela cadeia de "estalos"

havia-se produzido com intervalos exatos de um minuto entre "explosão" e "explosão".

Neugebauer, totalmente desconcertado, apressou-se a transmitir a informação entre seus colegas. Mas ninguém, é óbvio, pôde desvendar o mistério das 37 fugazes mas grandiosas "explosões" de luz que, aparentemente, haviam partido de "Ra-6 666". Tampouco Harold Craft e seu secreto irmão de Loja no radiotelescópio chegaram a intuir a enorme transcendência dessa seqüência. Só algum tempo depois —

quando Sinuhe pôde informar sobre sua fascinante missão —, o Conselho Supremo da Escola da Sabedoria ficou em condições de desvendá-la.

Naturalmente, como já terá adivinhado o leitor, essas 37 "explosões" — especialmente a primeira —

guardavam relação muito estreita com a presença de Sinuhe e da filha da raça azul no bosque de Sotillo, com os "Mensageiros Solitários", capazes de deslocar-se pelos universos a cinco milhões de vezes a velocidade da luz, e com os 37 mundos do sistema de Satânia que haviam secundado a rebelião de Lúcifer. . .

Se Glória e Sinuhe tivessem sabido, naqueles momentos

cruciais, das informações que os astrofísicos norteamericanos tinham começado a recolher e, pelo menos, o registro da primeira "explosão", teriam compreendido mais rapidamente a natureza do personagem e dos sucessos que estavam por materializar-se sobre a clareira. Mas." . . talvez fosse melhor assim. . .

Às 13h51, Sinuhe consultou o relógio. Olhou a companheira e praticamente não teve tempo para nada mais. A partir desse instante bosque e aldeia caíram debaixo do influxo de um silêncio já bem conhecido do investigador. O gorjeio dos pássaros e o zumbido subterrâneo dos insetos foram sufocados de repente. E

aquela "pedra" — mais que silêncio — esmagou até o luxuriante brilho das folhas e, naturalmente, os ânimos dos nossos cada vez mais intranquilos protagonistas.

Simultâneo com o surgimento daquele silêncio, e procedente do fundo do bosque, Glória e Sinuhe descobriram, cheios de temor, uma névoa opaca que, de todos os pontos cardeais avançava para eles, ocultando-à sua passagem troncos e matagal sob enormes campânulas leitosas. A filha da raça azul, assustada, refugiou-se atrás de Sinuhe. Ele, sem conseguir reagir, limitou-se a perscrutar o reduzido círculo do céu, ainda visível desde o centro da clareira.

Mas já não pôde distinguir o primitivo retalho celeste que vislumbrara pouco antes entre os ramos dos choupos. Em seu lugar, estava aquela névoa oscilante, enredada na folhagem e caindo sobre eles como um presságio.

— Deus meu! . . . Que é isso?

Foram as únicas e vacilantes palavras que Glória logrou exprimir, antes que a bruma, cada vez mais rápida, invadissem a clareira e devorasse o casal. O repórter comprimiu fortemente a quase desmaiada mão da filha da raça azul, lutando por não perder a calma e, ao mesmo tempo, por descobrir em algum ponto da espessa massa esbranquiçada alguma silhueta, um vulto qualquer. Entretanto, com pavor crescente, compreendeu que a densidade daquela bruma misteriosa era tal que mal conseguia avistar a amiga... Um calafrio estremeceu-lhe as entranhas.

À beira do desfalecimento, Glória e o investigador assistiram, então, a um sucesso que veio substituir o medo por um oportuno sentimento de esperança. Pelo menos, em Sinuhe. . .

Era inútil. Os esforços de Sinuhe para obter uma resposta racional para a súbita aparição daquela bruma não encontraram eco. Ele estava consciente de que o dia amanhecera luminoso e transparente. A que obedeceria

então aquela alteração meteorológica? Por outro lado, o repentino silêncio e o quase "inteligente"

avanço da bruma, envolvendo-os, não eram normais nem próprios de nenhum tipo de nuvens baixas ou de cerração.

Porém "algo" igualmente misterioso iria dissipar, como digo, parte desse medo. Até esse momento, o jornalista não se havia dado conta de que aquela era a primeira vez — desde que *Ra* adotara a forma de anel

— que sua mão direita estreitava a da filha da raça azul. E quando o pânico ia tornando-se insustentável, dentre aquelas mãos fortemente entrelaçadas brotou uma luz avermelhada e bruxuleante. No princípio limitou-se a envolver as mãos, palpitando e crescendo até alcançar o volume de uma bola de futebol. E essas extremidades desapareceram da vista dos confusos humanos. Glória, incapaz de sustentar a tensão emocional, dispôs-se a escapar, mas Sinuhe, que soube na hora "quem" provocava aquela bolha escarlata, fez por retê-la, certo de que seu invisível "amigo" alguma coisa pretendia.

Foi nesses instantes dramáticos que tanto Glória como o companheiro perceberam outro fenômeno que, em princípio, só acrescentou confusão à confusão. Ao tentar falar e comunicar-se, nenhum dos dois conseguiu articular palavra.

Podiam mover os lábios, sim, mas — embora seus pensamentos não parecessem afetados — o som final não lhes chegava aos ouvidos.

A "bolha" vermelha, após breve lapso de tempo em que palpitou e se manteve com um diâmetro constante, começou a crescer e expandir-se dentro da bruma, tingindo a clareira e os nossos personagens de um fantasmagórico resplendor carmesim.

No momento, o chão do bosque estremeceu. Essa, ao menos, foi a sensação que tiveram. Por um ou dois segundos, os pés de Glória e Sinuhe captaram uma vibração que cessou quando, atônitos, observaram como a areia do bosque adquiria vida. Os milhões de grânulos que atapetavam a clareira deslocaram-se e, flutuando lentamente, foram ascendendo, convertendo-se em prodigiosa e rutilante "nevada de luz" . . . ao revés.

A filha da raça azul, muito mais surpreendida que Sinuhe, apertou com mais força a mão do amigo. E

ele, que vinha sentindo na carne as arestas do mágico anel, teve a nítida sensação de que *Ra* já não estava no seu anular. Mas, sacudido pela luz vermelha e entretido na imensa coluna de pontinhos luminosos que se elevava para as copas das árvores, não tentou sequer certificar-se.

Milhares daquelas partículas cintilantes ficaram presas em suas roupas, cabelos e rosto, emprestando-lhes um aspecto fulgente.

E eles dois souberam que qualquer coisa de aterrador e sublime ao mesmo tempo estava por acontecer.. .

De repente, Sinuhe escutou a voz da amiga. Com efeito, os lábios dela se moviam, mas aquelas palavras

— se é que se pode chamá-las assim — não vinham de sua garganta. Porém, penetraram nitidamente no cérebro do investigador ..

— Olhe para cima! ..

Sinuhe obedeceu e seus olhos quase lhe saltaram das órbitas.

Acima de suas cabeças, no centro daquela "cascata" ascendente, começava a formar-se uma figura.

Milhares, centenas de milhares daqueles diáfanos e vivíssimos pontos de luz, ao alcançar uma altitude de três metros, freavam sua ascensão retilínea, agrupando-se de tal forma que, em segundos, Glória e Sinuhe estavam em condições de distinguir o que parecia ser uma cabeça.

Muitos dos corpúsculos que se elevavam também do perímetro da clareira, ao chegar à altura daquela figura em formação, variavam sua trajetória, indo fundir-se — a grande velocidade — com os milhões de

"irmãos" que iam "modelando" aquele corpo gigantesco.

À cabeça seguiram-se longos e musculosos braços e também um largo tórax. Imersos na luz escarlate e banhados por aquela contínua "chuva" ascendente, nossos protagonistas foram testemunhas da aparição de umas atléticas pernas.

Glória ameaçou retroceder, mas Sinuhe não permitiu. E misteriosamente o medo foi desaparecendo.

Apesar do aspecto impressionante, aquele ser de três metros de altura emanava uma cálida sensação de paz.

Todo ele fora integrado por milhões de grânulos de luz que continuavam pulsando individualmente, transformando seu corpo em uma incrível brasa iluminada. Os cabelos — de um branco algodadoo — caíam-lhe sobre os ombros e deixavam a descoberto um rosto de olhos rasgados e traços talhados a cinzel. Ao centro do peito, o emblema de Micael, cuja visão contribuiu para tranqüilizar Sinuhe.

Largo cinturão parecia enfaixá-lo e realçar-lhe ainda mais a

musculosa compleição. No centro dele os corpúsculos luminosos agruparam-se para formar a estrela de Davi.

As pernas — que as mãos de um homem não abarcariam — estavam metidas em algo parecido com nossas calças, embora muito justas e compondo, sem dúvida, um uniforme ou traje de uma só peça. Já os pés, evidentemente pousados na "areia" cintilante da clareira, mal se distinguiam. Miríades de grãozinhos de luz brotavam sempre do solo, ocultando-os. Uma capa tecida por milhões de pontos luminosos flutuava ao sabor de um vento doce e inexistente.

Ainda assombrados, Glória e Sinuhe viram o robusto braço direito da criatura levantar-se em sinal inequívoco de saudação. Ao mesmo tempo, uma voz grave ressoou-lhes no cérebro.

— Que a paz de Micael, nosso Soberano e Criador, esteja convosco, filhos de IURANCHA...

Os olhos amendoados do ser centuplicaram sua luminosidade. E um amplo sorriso tranqüilizador desenhou-se naquela face que se diria marmórea. Nenhum dos atônitos humanos percebeu movimento em seus lábios. Entretanto, uma vez no "outro lado", tanto Sinuhe como a filha da raça azul souberam que haviam recebido a mesma mensagem.

— Meu nome — soou a voz — é Agurno, Mensageiro

Solitário vindo de "Ra" e enviado pelos Mui Altos da constelação. . .

Maravilhado, Sinuhe teria desejado corresponder à saudação e também formular algumas perguntas. Mas por mais que o tentasse nem os braços nem a língua lhe obedeceram. Simplesmente, tal como sua companheira, estava paralisado.

Nesse instante os dois tiveram plena consciência de que sua enigmática missão acabara de começar.

— Como "iuranchianos", fostes escolhidos para resgatar primeiro os arquivos secretos de vosso mundo evolucionário, subtraídos pela iniquidade do príncipe planetário Caligastia e de seus seguidores. . .

Como em um sonho, Glória e o companheiro acolheram as "palavras" do enviado celeste — um dos que compõem a Ordem dos Mensageiros Solitários, capazes de deslocar-se a mais de cinco milhões de vezes que a velocidade da luz — e, como um tesouro, guardaram-nas em seus corações.

— Sabei que tal desempenho não será fácil. Guardai-vos de Belzebu, líder dos "medianos" rebeldes instalados em IURANCHA desde a rebelião do Maligno. Guardai-vos de sua iniquidade e estai prevenidos porque não haverá trégua para vós. . .

Ao ouvir aquelas advertências, Glória e Sinuhe estremeçeram.

— Mas não desfaleçais. Sabei também que, embora nem um dos servos de Micael possa substituir-vos nessa missão, outros "medianos" leais ao Pai Universal estarão prontos a socorrer-vos, se necessário. . .

Belzebu? . . . "Medianos" rebeldes e "medianos" leais? . . . Que significava tudo aquilo? A inquietação tornou a instalar-se nos ânimos dos atônitos "iuranchianos".

— Buscai Solônia — continuou Agurno naquele tom cavernoso mas firme —, o serafim que guardou o Jardim do Éden. Sua espada vos será necessária. Agora vos deixo com o "olho de *Ra*". Ele vos acompanhará.

Sinuhe, ao contrário da filha da raça azul, ele sim, sabia então a quem se referia o Mensageiro Solitário.

Entretanto, desse outro personagem — Solônia — não sabia nada, absolutamente nada. Quem poderia ser?

Ele se recordava daquela remota passagem do *Gênese*, onde se conta como um anjo, com uma espada flamejante, guardou as portas do Paraíso. Tratar-se-ia do mesmo ser? E por que sua espada lhes seria necessária?

— Como nos outros 36 mundos evolucionários de Satânia, mergulhados no insulamento desde a rebelião do Maligno, os Anciãos dos Dias concederam a IURANCHA o direito a assistir ao iminente julgamento de Lúcifer. Mas antes, ide e descobri a Verdade por vós mesmos. . .

E o gigantesco mensageiro levantou de novo o braço direito, despedindo-se:

— Que a paz de Micael, o Filho do Paraíso, esteja convosco. E tu, filha da raça azul, prepara-te para receber teu verdadeiro nome...

Quando Agurno terminou sua mensagem, os milhões de pontos luminosos que lhe davam forma foram perdendo brilho, até apagar-se por completo. E embora legiões daqueles grânulos resplandecentes continuassem subindo de toda a superfície da clareira, como refulgentes e mágicas borbulhas, aqueles que se haviam reunido para formar a poderosa figura do Mensageiro Solitário se foram dissolvendo agora em um processo fulminante. Precisando bem, nem toda a indecifrável constituição corporal do enviado aniquilou-se.

Entre a bruma avermelhada e os rutilantes grãos, sempre ascendendo quem sabe para onde, Glória e Sinuhe observaram como aqueles rasgados olhos continuavam fixos

no mesmo lugar. Não se havia extinguido a intensa luz branca que deles fluía. Muito pelo contrário, começou a propagar-se, perfurando a névoa como os braços de um farol marinho. E cada um daqueles cilindros luminosos foi banhar Sinuhe e a filha da raça azul.

Era como se da informe massa de bruma vermelha que os envolvia tivessem saído de repente uns olhos infernais...

Os feixes, entretanto, desapareceram cessando de inundar os corpos do casal. No mesmo instante, eles recuperaram a capacidade de movimento.

Ao sentir-se livre, Glória correu e refugiou-se atrás do amigo.

Aqueles "olhos" imóveis, a três metros do chão, foram tornando-se menores, modificando seu primitivo e amendoado perfil por outro circular. Sinuhe assistiu então a uma metamorfose que acabaria por enchê-lo de alegria.

Um dos olhos — o da direita — aumentou quase instantaneamente de diâmetro. O outro não sofreu modificação alguma. E num instante, recortando-se em meio à névoa, surgiu a negra silhueta do disco.

— *Ra!*

Sinuhe gritou aquele nome com todas as forças. E, embora

sua voz não pudesse ser ouvida, o pêndulo correspondeu à saudação apagando os "olhos" e iluminando as letras da face.

— *Ra*... por Deus! Que é tudo isso? Quem é Solônia? Que devemos fazer?

Mas o disco, com sua proverbial indiferença, parecia mais preocupado com outro assunto. Assim que, lentamente, se deslocou e foi postar-se acima das cabeças do confuso casal. À sua passagem a névoa agitou-se nervosamente.

Em seguida, dos "olhos" de *Ra* surgiram os jorros familiares de círculos celestes que foram abraçar as mãos da filha da raça azul. E com extrema delicadeza cada um dos fluxos luminosos as foi afastando dos ombros de Sinuhe. Aterrorizada, ela pediu ajuda ao amigo. Mas ele, consciente de que *Ra* não lhes causaria dano algum, tratou de apaziguar-lhe o pânico.

— Não tenha medo. Chama-se *Ra* e é um velho amigo...

Glória, à beira do paroxismo, levantou o rosto para aquela "coisa" discoidal e num repente tentou abaixar os braços e liberar-se dos etéreos aros azuis. Mas apesar de suas convulsões as mãos — invisivelmente manietadas por uns círculos que nem sequer lhe roçavam a pele — não se moveram.

Sempre, *Ra* deixou que a filha da raça azul se agitasse até o esgotamento. Seus "braços" luminosos e imóveis ante aquela movimentação, não cederam. Sinuhe sem poder compreender as intenções do disco só conseguiu pedir calma à companheira.

Quando finalmente a filha da raça azul desistiu do empenho inútil para livrar-se da sólida pressão dos anéis de *Ra*, ele, devagar, como se não quisesse machucar-lhe os punhos, fez girar os círculos celestes que rodeavam suas mãos. E as palmas se uniram apontando em direção ao disco que continuava estático a pouco mais de um metro sobre suas cabeças, meio velado pela bruma avermelhada.

Aquela nova posição das mãos de Glória — ofertando ou talvez esperando receber — fez com que o companheiro se recordasse da última comunicação de Agurno: "... E tu, filha da raça azul, prepara-te para receber teu verdadeiro nome".

"Que pretendia *Ral* Então Glória tinha outro nome?"

Desta vez Sinuhe acertara. De repente, sobre as palmas trêmulas de Glória fez-se uma luz vivíssima, tão intensa que os dois tiveram de fechar os olhos.

O membro da Loja secreta foi o primeiro a abri-los outra vez. E o que viu encheu-o de assombro. Aquela espécie de nuvenzinha radiante desaparecera e, em seu lugar, a poucos

centímetros acima das palmas, os círculos azuis projetados por *Ra* traziam suspensa uma coroa magnífica. . . Ou não era uma coroa?

Maravilhado, concentrou a atenção "naquilo", descobrindo que efetivamente se tratava de qualquer coisa parecida com uma coroa, mas composta de letras. . . Caracteres grandes, de uns cinco centímetros de altura cada um, construídos ou fabricados em metal dourado e sem mácula.

Timidamente, a filha da raça azul foi descolando as pálpebras e, embora semicerrados, seus olhos não tardaram a distinguir o puríssimo ouro das letras que o amigo de Sinuhe segurava.

Ela também, perplexa e já livre dos anéis, baixou os braços. Desobedecendo porém ao primeiro impulso

— o de fugir — deixou-se ficar diante da coroa, cativa do enigma daquelas letras. Ao lê-las, algo no mais íntimo do seu ser cambaleou.

— Sim, não há dúvida — declarou Sinuhe, dirigindo-se à amiga —. Este tem de ser o nome de que falou Agurno. Seu verdadeiro nome.

Glória desviou o olhar para *Ra* e em seguida procurou alguma resposta na expressão de Sinuhe.

— Meu verdadeiro nome? — exclamou incrédula — Você quer dizer que este é meu nome... "cósmico"?

O companheiro concordou com a cabeça. Desde há muito tempo eles tinham conhecimento de que seus nomes e os usados pelos seres humanos durante o estágio carnal no mundo não são os autênticos. O

verdadeiro — designado por todas as escolas esotéricas como "nome cósmico" — é geralmente ignorado por homens e mulheres. E sabiam também Glória e Sinuhe que os poucos que chegam a recebê-lo em vida são entes altamente responsáveis e com profundo nível de evolução espiritual. Entre outras razões, porque esses

"nomes cósmicos" poderiam também ser usados como "armas" . . .

Mas sem querer estou relatando fatos que ainda vão chegar.

". . . NIETIHW . . ."

Sinuhe, ao pôr-se diante da filha da raça azul, foi o primeiro a ler aquelas misteriosas letras que compunham a coroa.

— Nietihw?. . . E que significa?

O investigador levantou os olhos para *Ra* à espera de

alguma explicação. Mas o disco continuou ignorando o impaciente amigo.

Glória vendo as letras pela parte de trás teve mais dificuldade para lê-las. Ao ouvir no cérebro a voz de Sinuhe a pronunciar aquele estranho nome, esqueceu por uns momentos a difícil leitura daqueles caracteres metálicos e perguntou:

— Como disse?

— Nietihw — repetiu o amigo, sublinhando com um trejeito de indiscutível incompreensão.

Então o rosto da filha da raça azul iluminou-se com um sorriso.

— Nie-tihw!...

Foi com orgulho e veneração que Glória pronunciou aquele nome.

E só nesse momento, quando seu espírito parecia experimentar uma evidente paz, *Ra* decidiu-se a dar o passo seguinte.

Imóvel dentro da névoa, o disco foi erguendo então a coroa até colocá-la acima de Glória. Ela, documente, deixou que *Ra*

atuasse. E os magníficos anéis celestes que seguravam o diadema projetaram-se, com grande solenidade, em direção à filha da raça azul. Com precisão matemática, a coroa de letras foi-lhe colocada sobre a cabeça. Por alguns segundos, os feixes que partiam dos "olhos" do disco mantiveram-se vibrantes, circundando o perímetro craniano.

Instintivamente, Glória cerrou os olhos e seu semblante sereno e iluminado adquiriu singular beleza.

O nome "NIETIHW" cingia-lhe agora toda a frente e parte dos longos e sedosos cabelos dourados.

Inexplicavelmente — ao menos para Sinuhe — aquelas letras não pareciam soldadas ou unidas umas com as outras por o que quer que fosse, metal ou estrutura. Entretanto, era evidente que alguma força invisível as mantinha em perfeita coesão. Essa mágica e poderosa ligação estendia-se por toda a coroa a julgar pela pequena depressão dos cabelos na parte de trás; assim como se fossem pressionados por uma auréola visível e material.

Sinuhe, testemunha singular daquela insólita "coroação", não pôde reprimir um cálido sentimento de alegria e satisfação. Sem dúvida era um momento importante. E a emoção do "soror" teria sido completo se naquele momento se tivesse dado conta de que o nome "cósmico" que adornava já a frente da amiga guardava íntima relação com

outro tema que já o vinha obcecando desde há anos: a Cabala. Mas o transcorrer natural dos acontecimentos que iria vivenciar terminaria por desvendar-lhe esse novo "segredo".

..

Aquela série de fantásticos encontros e profundas emoções na clareira do bosque chegava ao fim.

Quando o nome "cósmico" ficou firmemente seguro na cabeça da mulher — a quem daqui por diante chamarei Nietihw —, *Ra* fez que retrocedessem os anéis até que, um depois do outro, fossem enrolando-se e desaparecendo no interior de cada um dos "olhos" do disco.

Sinuhe, atônito, assistiu ao penúltimo capítulo do que evidentemente não era outra coisa senão a prévia para a grande "missão" de busca dos arquivos secretos de IURANCHA.

Quando se extinguiram as colunas de aros celestes uma das letras do diadema — o "H" — perdeu subitamente o brilho dourado, tornando-se transparente. Ato contínuo, a solitária letra esfumou-se. Sinuhe, no primeiro momento, teve a impressão de que a letra resvalara para a areia da clareira. Mas nem deu para baixar o olhar e buscá-la. Antes que o fizesse, o corpo de Nietihw estremeceu e de sua pele

emanaram milhões de raios brancos finíssimos, mas sem qualquer brilho ou resplendor. Tinham a cor da neve e, em vez de se propagarem em todas as direções, mantiveram-se vibrando a menos de meio metro do túnica azul e do resto do corpo. Nietihw deu pelo estranho fenômeno. Arregalou os olhos e lançando um grito agudo desmaiou.

Como relâmpagos negros, das profundidades da bruma escarlate irromperam na clareira dois seres como aqueles que Sinuhe vira ali mesmo no bosque e depois através da vidraça da torre.

Antes que o corpo exangue da mulher caísse estendido sobre a borbulhante areia, eles a pegaram pelos braços, decolando em seguida para o alto, deixando atrás de si remoinhos de poeira luminosa.

Foi tudo tão vertiginoso, que o perplexo repórter mal teve tempo de ver como desaparecia a amiga acima de sua cabeça, firmemente segura e amparada, de cada lado, por aquelas pequenas figuras de corpos transparentes e enormes crânios.

Na realidade, sequer conseguiu mover um só músculo ou proferir alguma palavra. Assim que perdeu de vista Nietihw, o disco o envolveu em um dos seus feixes luminosos e azuis; e, apesar de sua resistência, uma força irresistível lhe

foi cerrando os olhos e mergulhando-o em um sono profundo e obscuro...

5. DALAMACHIA

Quando despertou, os olhos de Sinuhe ficaram presos àquele sol. Jamais vira nada igual. Contemplá-lo era singularmente agradável. Em lugar de ofender a vista, o majestoso disco negro — praticamente no zênite

— permitia ampla observação. Seus raios também negros derramavam-se por todo o firmamento. Entretanto, a considerável distância do solo, a obscura "luminosidade" vinda do estranho sol parecia desaparecer ou deter-se ou transformar-se. Não teria podido precisar a que altura se dava o fenômeno, mas o fato é que a partir daquele ponto a negra radiação solar alterava-se ou se extinguia, dando lugar — ou sendo por ela substituída — a uma claridade amarelada. Suas próprias roupas, as mãos, tudo se tingia daquela cor de limão. Foi nesse instante, ao contemplar seu corpo, que descobriu que se achava estendido sobre uma areia igualmente amarela. Apalpando-a, identificou o lugar como um deserto ou talvez uma praia. Quando se dispunha a levantar-se uma mão acariciou-lhe os cabelos, ao mesmo tempo em que uma voz muito familiar se propagava clara e docemente no interior de sua cabeça.

— Já volta a si!

Ao sentar-se na areia descobriu às suas costas Nietihw. Ela estava de joelhos, sorridente e com o diadema de letras a

cingir-lhe fronte e cabelos. Mas alguma coisa estava diferente em sua companheira... Sob a túnica

— que transmudara seu azul pelo amarelo que parecia tudo inundar —, Sinuhe observou, perplexo, um corpo

"vazio" e transparente. No lugar das vísceras e órgãos normais em todo ser humano, a mulher exibia uma complexa rede de vasos delgados, igualmente transparentes, pelos quais circulavam milhares de minúsculas borbulhas de todas as cores. Estes "tubos", como se fossem veias, artérias e capilares partiam do centro do tórax, repartindo-se e ramificando-se pela totalidade do organismo de Nietihw.

Sinuhe fechou os olhos.

— Deus meu! Será que estou sonhando?

Aquele pensamento teve uma resposta fulminante. A voz da amiga tornou a soar-lhe no fundo do cérebro.

— Não, Sinuhe. . . Não se trata de um sonho.

Era a primeira vez que a companheira o chamava por seu nome secreto. Ele então abriu os olhos, desconcertado.

Nietihw, sem apagar seu sorriso reconfortante, mostrou-lhe seu corpo transparente como cristal e aparentemente

"vazio", acrescentando:

— Não se alarme. A missão que nos foi conferida exige que meu corpo físico anterior, denso, sofra uma alteração temporal... Isto que você vê — apontou Nietihw para o interior e o centro do seu peito — não é outra coisa senão um circuito vital por onde circulam antídotos complementares das correntes de Vida do sistema a que pertencemos.. .

Aproximou o rosto do lugar apontado por Nietihw e descobriu que, onde logicamente deveria estar o coração, estavam os três círculos concêntricos — emblema de Micael — e que era deles, precisamente, que provinham os vasos mais grossos daquele fascinante "circuito vital".

— ... Não é a mesma coisa — prosseguiu a mulher sem mover os lábios —, mas guarda certa semelhança com os corpos "moronciais" ou dos ressuscitados de que você, precisamente, já me havia falado. A substância "moroncial" é muito mais sutil que esta, embora a estrutura do corpo deles seja idêntica à que você está vendo: os aparelhos circulatório, digestivo e respiratório (como você pode observar) não existem nos corpos "moronciais". Não são necessários depois da morte física. Em seu lugar, os anjos ressuscitadores proporcionam aos humanos evolucionários estes "corpos" temporários, "alimentados" de uma vida que

pode ser eterna, graças a estes circuitos vitais.

Maravilhado, Sinuhe acompanhou o contínuo e lento circular dos milhares de diminutas borbulhas coloridas, que sem cessar eram empurradas desde os três círculos concêntricos, repartindo-se através de centenas — talvez milhares — daqueles vasos milimétricos e de transparência sem igual.

De repente, porém, o repórter afastou-se assustado. Examinou as próprias roupas e o corpo, e ao constatar que seu organismo

conservava a estrutura original não teve como evitar um pensamento que o encheu de espanto:

— Então você está morta?...

Nietihw escutou a dúvida do amigo com o mais amplo e compreensivo dos sorrisos.

— Não, Sinuhe... Simplesmente, e só enquanto durar a nossa missão, o poder de *Ra* me fortaleceu o espírito e mudou minha essência corporal.

— Por quê? — perguntou o nosso homem, incapaz de entender o que estava acontecendo. Antes que Nietihw chegasse a responder veio com uma segunda pergunta —: E

por que meu corpo não sofreu transformação alguma?

As compreensíveis perguntas de Sinuhe ficariam no ar, porque, subitamente, a luz amarela que o inundava todo, desapareceu. ...

Foi brusca a mudança. A atmosfera tênue e verde-amarelada que os envolvia foi invadida por outra coloração verde, tão sutil quanto a anterior. E os corpos, vestimentas e a areia daquela paragem impregnaram-se de tons esmeralda.

Sinuhe ergueu os olhos para o sol negro, constatando como continuavam tingidas de trevas as profundidades daquele firmamento desconhecido. Por debaixo, entretanto, a radiação — agora esverdeada

— mantinha sua incrível forma de guarda-chuva luminescente. Foi nesse momento, ao erguer-se, que divisou o mar.

Consternado, girou sobre os calcanhares esquadrihando o horizonte que se levantava enfrentando aquele oceano igualmente verde e adormecido. Ao longe, através da transparência esmeralda do espaço, apontavam alguns montes e montanhas cobertos de bosques; tudo isso submerso sob a mesma coloração. Sinuhe concentrou a atenção na praia perscrutando os seus limites. Um deles perdia-se na distância. Em compensação o outro, perto de

onde se encontravam, aparecia recortado pela abrupta invasão do rochedo no mar.

— Onde estamos?

Nietihw permaneceu em silêncio. Embora de forma confusa e incompleta, lembravam-se da experiência na clareira do bosque. Mas, como teriam chegado até ali? Que extraordinário mundo era aquele? E o investigador repetiu a pergunta que formulara momentos antes da inexplicável mudança da luz:

— Por que meu corpo não sofreu variação alguma? Nietihw tomou entre as suas as mãos de Sinuhe e replicou:

— Não posso explicar-lhe por quê, mas o poder das trevas só me busca a mim.. . Você, além do mais, tem *Ra*.

— *Ra*? Onde está...?

Virou a cabeça, procurando a quase esquecida silhueta do amigo circular. Mas o disco não deu sinal de vida.

Com um movimento reflexo, lançou o olhar para o dedo anular direito. Tampouco ali estava o seu

"enlace"...

Inquieto e confuso, consultou o relógio.

— Oh Deus!

Os dígitos estavam imóveis marcando as 13 horas e 51 minutos: justamente o começo da lua nova e da aparição da misteriosa bruma no bosque da aldeia. Pressionou nervosamente os comandos do relógio; o mecanismo, porém, não obedeceu.

— Parou! — exclamou, resignado.

Sorrindo, Nietihw pegou-lhe a mão e o convidou a passear até a orla do mar.

O membro da Ordem da Sabedoria, com irreprimível inquietude, virou a cabeça para trás várias vezes na esperança de localizar *Ra*. E foi numa dessas infrutíferas tentativas que se apercebeu de outro detalhe que o imobilizou. Nietihw, estranhando, interrogou-o com o olhar. Sinuhe, sem articular palavra, talvez fosse melhor dizer "pensamento", mostrou suas pegadas.

Assim que se refez da surpresa conseguiu dizer:

— Veja! . . . Ficam apenas as minhas pegadas. Mas e as suas? Efetivamente, embora os pés de Nietihw se afundassem na

areia, não deixavam marcas como os de Sinuhe.

— Tranqüilize-se — murmurou ela —, já lhe disse que meu corpo se transformou. E você ainda poderá contemplar outras maravilhas... pela graça e poder dos servidores de Micael.

Nietihw deu dois passos para trás. Fechou os olhos e, cruzando as mãos sobre os três círculos concêntricos de seu peito, exclamou:

— "Waw", emblema da água, mostre-nos o caminho!
Imediatamente, ante os olhos atônitos do investigador, uma das letras que compunham o diadema de Nietihw — o "W" — intensificou seu brilho esmeralda, formando-se à sua volta uma palpitante auréola. Vagarosamente, a última letra de "NIETIHW"

foi afastando-se da frente da filha da raça azul.

Temeroso, Sinuhe inclinou-se para trás. Evidentemente, a antiga amiga não era a mesma que conhecera na Casa Azul. Ao seu fantástico corpo de "vidro", ter-se-ia que acrescentar um conhecimento que, no primeiro momento, punha-o fora de si.

— Não tenha medo! "Waw" é parte de mim mesma.

Os olhos dela, sem sombra de desconfiança, acompanhavam as evoluções da letra, que se elevava silenciosa e

majestosamente.

O "W", envolto naquela espécie de bruma verde resplandecente, deteve-se a uns dez ou quinze metros acima da orelha do mar. De repente, inverteu sua posição, convertendo-se assim em um "M". E suas pernas exteriores, sempre vestidas de halos luminosos, prolongaram-se até mergulhar nas ondas mansas e silenciosas. Sinuhe despertou então para outro fato: as ondas que se iam quebrando incessantemente na areia não faziam ruído algum. Mas absorto na contemplação do "M", agora gigantesco, esqueceu depressa a insólita circunstância daquele oceano emudecido.

Subitamente a água — tersa e quieta até então — começou a borbotar às longas e luminescentes pernas da letra mágica.

O mar, ao influxo daquele "M" ou "W" invertido, continuou borbulhando, como se um gigantesco forno escondido fizesse ferver suas águas. O borboteio se foi fazendo mais e mais intenso e, de repente, dentre as verdes ampolas gasosas se destacou um vulto.

O "soror", ao intuir a natureza daquele ser, fez um movimento para interpor-se entre a letra e a companheira, pensando em protegê-la. Nietihw, porém, rogou-lhe que não se movesse. E, em silêncio, caminhou até ficar embaixo do

"M".

Aquele vulto, informe em um primeiro momento, continuou emergindo do seio das águas agitadas.

Sinuhe não se enganava. Diante dele aparecia uma descomunal cabeça de serpente, coberta de grandes placas que jorravam abundantemente. E, em seguida à monstruosa cabeça, vinha um corpo também escamoso e grosso como um tronco de carvalho.

O animal, empurrado por uma força invisível, continuou sua ascensão vertical, até chegar à altura da letra. Nesse instante, a pouca distância do verde e tenso ofídio, apareceu de entre as ondas o que, presumivelmente, devia ser a cauda do animal. Esta subiu também, indo em direção à cabeça. Pouco depois o corpo todo da serpente flutuava a pequena altura das águas, adquirindo uma figura quase circular. E o mar se aquietou. Extinguiu-se o movimento; só o jorrar do monstro imenso alterou ligeiramente a superfície do oceano.

A serpente, levitando como uma bolha de sabão, abriu as terríveis fauces, preparando-se para devorar a própria cauda. Nietihw, entretanto, atenta sob as pernas do "M", lançou um grito:

— *Samej.*

Sinuhe, aterrorizado, viu que a cabeça do réptil girava em direção à sua amiga. E seus olhos vidrados, enormes como luas, tingiram-se de sangue.

— *Samej*. — clamou de novo a filha da raça azul, levantando ao mesmo tempo o braço direito, para mostrar a coroa que lhe toucava a fronte —, que teu segredo beije minhas mãos! . . Indica-nos o caminho!

E *Samej*, a serpente, como se tivesse reconhecido Nietihw, fechou as ameaçadoras fauces. E se foi esfumando o escarlate dos olhos. Então, a filha da raça azul estendeu os braços na direção do animal, aguardando a entrega do segredo solicitado.

Os olhos do réptil despediram rápidos e intermitentes lampejos brancos e abriram-se novamente suas mandíbulas. Com movimentos ondulantes foi avançando para a mulher. Sem tocar a água um só momento, seu corpo parecia lutar por um terreno invisível. Chegando diante de Nietihw, deteve-se. Durante alguns instantes, intermináveis para Sinuhe, os fulgurantes olhos do ofídio pareceram espetados no miúdo e frágil corpo da amiga. Ele, impotente, temeu o pior. *Samej* arqueou então o lombo reluzente e, muito devagar, baixou a cabeça até quase tocar as delicadas e transparentes palmas das mãos. Naqueles momentos tão críticos Sinuhe sentiu falta — e quanta! — da poderosa

presença de *Ra*.

Aquelas fauces, capazes de abarcar um cavalo, armadas de uma tríplice fileira de dentes, longos e encurvados como foices, exalavam um jorro ininterrupto de fumaça, de um verde mais opaco do que aquele que lhe tingia o corpo.

As volutas daquela espécie de gás logo esconderam as mãos de Nietihw. Ela, porém, imperturbável, não se moveu. Instantes depois, *Samej* retirou a cabeça, ergueu-se e cerrou a boca descomunal. As palmas da mulher continuavam envoltas no impenetrável "alento" que, pouco a pouco, se ia dissipando.

O monstro surgido das águas voltou ao lugar em que aparecera, adotando de novo a figura de grande círculo ou roda. E, quando a ponta da cauda já tocava a cabeça, *Samej* escancarou as mandíbulas, e passou a devorar a si mesma.

Em questão de segundos, os trinta metros, ou mais, que o corpo do réptil atingia, foram engolidos. Nesse momento, quando a cabeça do ofidio tragava já seu próprio pescoço, um segundo jorro de fumaça escapou de suas fauces. E *Samej* — ou o que dela restava — precipitou-se no mar, desaparecendo entre as águas. No ar ficara uma nuvenzinha verdolenga que, tocada por uma brisa inexistente, dirigiu-se para Sinuhe.. .

No momento, o perplexo investigador não se deu conta do lento mas contínuo deslocamento da nuvenzinha esverdeada. Uma vez desaparecida a misteriosa criatura, sua atenção se voltara para Nietihw.

Mais concretamente, para as mãos dela. A fumaça exalada por *Samej* se fora dissipando e sobre as palmas já se podia adivinhar "algo" negro e reluzente...

Quando o verdoso "alento" da serpente desapareceu, a mulher protegeu o misterioso objeto, encerrando-o entre as mãos. Ato contínuo, abandonou sua posição sob as espigadas pernas do "M" e regressou para o lado do companheiro. Antes que ele pudesse interrogá-la sobre quanto havia visto, a letra recuperou seu tamanho primitivo. Girou sobre si mesma e, sem pressa, dirigiu-se para o diadema da mulher. Fácil e suavemente, o

"W" ocupou sua posição, completando assim o nome cósmico.

Nietihw postou-se então em frente ao repórter e, estendendo as mãos fechadas, pediu-lhe que examinasse o "segredo de *Samej*". Sinuhe obedeceu. Dispondo as suas em forma de concha, colocou-as debaixo das da amiga e esperou.

Quando Nietihw deixou cair o misterioso objeto entregue pela serpente, Sinuhe sentiu sobre a pele de suas palmas

uma superfície fria e com arestas. A amiga, compreendendo a curiosidade que o consumia, sorriu divertida. Retirou então suas mãos, deixando a descoberto uma pequena esfera negra e polida como a obsidiana, mas extremamente leve. Examinando-a ele comprovou que, na realidade, tratava-se de uma esfera e um cubo, perfeitamente embutidos um no outro.

— Que é? — perguntou Sinuhe.

- Dentro está o segredo de *Samej*, essa que se nutre de sua própria substância. Só ela e os rebeldes conhecem o caminho que dá aos arquivos de IURANCHA.

Sinuhe foi tateando aquele volume, em busca de algum botão ou ranhura que lhe permitisse abri-lo.

Inicialmente, presa de um temor quase reverente, limitou-se a acariciá-lo. Mas, por mais que o revirasse, não conseguiu acertar com o mecanismo que o acionasse.

Levou nisso algum tempo, mas afinal teve de render-se. Interrogou então Nietihw que, como resposta, fez-lhe uma pergunta:

— Diga-me, que pode significar "*Samej*"!

Como membro da Ordem da Sabedoria, fora instruído sobre a

Cabala e, subitamente, ocorrendo-lhe o nome da serpente, começou a compreender.

— "Samej", em hebraico, significa "beijar" . . .

Nietihw, satisfeita, aceitou o esclarecimento e, com leve movimento dos lábios translúcidos, incitou-o a beijar a estranha esfera.

Com alguma hesitação Sinuhe acedeu. Segurou-a entre as pontas dos dedos e aproximou-a à boca.

Nesse entretempo, a nuvenzinha esverdeada acabara por flutuar sobre o casal.

Os lábios tocaram, finalmente, a negra superfície do objeto. .

Depois de depositar o tímido beijo na "esfera-quadrangular" vomitada por *Samej*, Sinuhe, temeroso, afastou-a rapidamente. Nos instantes imediatos nada aconteceu. Confuso, cruzou olhares com Nietihw. Antes porém que qualquer um dos dois chegasse a expressar-se, os vértices do cubo ou quadrilátero que estava imerso na esfera começaram a dilatar-se. Sinuhe, assustado, soltou aquela coisa que, em lugar de cair no.

chão, ficou flutuando e sujeito a bruscas e intermitentes

contrações. As arestas do cubo curvaram-se e, ante o assombro do investigador, o objeto continuou deformando-se, assim como se estivesse sendo modelado por algum escultor invisível.

Logo apareceram dois orifícios profundos e, abaixo deles — lembrando um nariz —, um terceiro buraco.

A "esfera", quase irreconhecível, foi rachando-se na região inferior, surgindo ali uma espécie de boca.

No mesmo instante, Nietihw > que flutuava à altura de suas cabeças: era uma caveira negra.

Mas que significava?

Assim que terminou o processo de transformação a lustrosa e macabra cabeça abriu a pontiaguda mandíbula inferior, e a nuvenzinha precipitou-se como um dardo contra a dentadura da caveira. Em um abrir e fechar de olhos o fumo esmeralda foi absorvido pelo crânio flutuante, desaparecendo no interior dele.

A caveira então fechou a boca e, com suave cabecear, se foi chegando ao perplexo Sinuhe que retroceu ao mesmo tempo em que pedia socorro à amiga impassível.

— Deus meul. . . Nietihw!

Mas a descarnada cabeça continuou seu balanceio no ar enquanto se aproximava com seu permanente sorriso gelado.

— Calma, Sinuhe! — pediu finalmente a filha da raça azul —. Não tenha medo! . . Estenda as mãos!

A voz de Nietihw não lhe apaziguou o crescente pavor; mas serviu, pelo menos, para fazê-lo deter-se. E

ele, trêmulo, ofereceu as mãos. . .

A caveira então se imobilizou a poucos centímetros do rosto de Sinuhe. E seus tenebrosos e esvaziados buracos irradiaram uma luz branca, igual àquela que ele vira nos olhos da serpente. E "algo", de repente, surgiu no fundo daqueles olhos fantasmagóricos.

— Sinuhe, diga: que é que você está vendo? A voz da companheira soou nítida.

— Diga-me: que está vendo? — repetiu ela em tom imperativo.

Pálido, meio hipnotizado pelos focos luminosos que jorravam das cavidades, Sinuhe forçou a vista, tentando obedecer à amiga.

— Há. . . alguma coisa — gaguejou.

— O quê, Sinuhe? — insistiu ela, impaciente.

— Sim.. vejo uma figura. Não! são duas... Parecem iguais...
Uma em cada olho. .. Mas. . .

Nietihw animou-o a continuar.

— Não é possível! — murmurou nosso homem—. Essa
figura é...

Antes que pudesse descrevê-la, apagaram-se os olhos da
caveira.

Sem perder o monótono cabeceio, a cabeça retrocedeu. E,
postando-se acima das suarentas palmas do investigador,
abriu de novo as mandíbulas.

Sinuhe, olhar esgazeado, parecia alheio a tudo que o
rodeava. Súbito e poderoso estalido o devolveria à
realidade. Inesperadamente, a caveira fechara a mandíbula
inferior, provocando violento choque entre suas brilhantes e
negras peças dentárias. Em conseqüência do golpe, um
punhado de dentes saltou pelos ares. E, pausadamente,
girando sobre si mesmos, foram caindo nas mãos abertas do
"soror" que, sobressaltado com o entrechocar da dentadura,
esteve a ponto de esquecer a ordem de Nietihw e recolher as
mãos. Entretanto, as peças foram caindo, uma após outra,
sobre as palmas. Mal lhe tocavam a pele e Sinuhe,

maravilhado, descobria que cada um dos escurecidos dentes convertia-se em um número. Primeiro apareceu um "3". O seguinte se transformou em "1". A este seguiu-se um "4"... Depois outro "1", um "5", um "9", um "2", um "6", até que, finalmente, a última peça dentária desceu sobre as mãos, metamorfoseando-se em outro "9", diminuto, tão azeviche e reluzente como seus irmãos...

Nietihw e o companheiro, extasiados, sequer se atreveram a reagir. Que era e que significava aquele caótico punhado de números?

A filha da raça azul, mais audaciosa que Sinuhe, dirigiu-se até o amigo, disposta a examinar aquele monte de números que repousavam nas mãos dele. Porém, quando estava para tocá-los, as cavidades, nariz e boca, da caveira começaram a emanar, cada uma delas, fios daquele fumo verdolengo que pouco antes eles tinham visto ser absorvido pela caveira. E Nietihw parou.

As finas colunas de fumo foram envolvendo a caveira até que terminaram por ocultá-la em uma esfera opaca, parecida com a nuvem que as fauces de *Samej* arrojara. Os expedicionários, com os olhos fixos naquele "globo" esmeralda, assistiram então a outra rápida e mágica transformação: a diáfana "esfera" sofreu súbita contração.

Oscilou no ar e, como se se tratasse de uma bola de cristal, rompeu-se em pedaços.

Milhares de fragmentos verdes precipitaram-se "em câmara lenta" na areia.

Ao quebrar-se, no lugar que a nuvenzinha esférica ocupara, surgiu uma silhueta negra, redonda e familiar. ..

— *Ra!* — exclamou Sinuhe.

Iluminou-se-lhe o rosto ante a inesperada aparição do velho amigo. E o disco, de acordo com seu costume, respondeu-lhe iluminando as letras que o identificavam.

Nietihw tinha pressa de desvendar aquele novo mistério. Assim, esquecendo-se do disco — que se mantinha imóvel acima deles —, dedicou toda a sua atenção aos números que descansavam nas palmas de Sinuhe.

Pegou um, separando-o do resto; atraídos então por misterioso magnetismo os demais o seguiram. O

investigador contemplou a companheira que, em silêncio, limitou-se a examinar a cadeia de números.

Contou-os e quando se sentiu segura mostrou a seqüência ao desnordeado amigo.

— Não há dúvida — exclamou com ar de triunfo —, essa chave nos levará aos arquivos secretos.

Sinuhe leu a "cadeia" de números que Nietihw sustinha com as duas mãos, fascinado com a força que os mantinha coesos e que lhe lembrou a não menos misteriosa aderência das letras da coroa. Mas não logrou decifrá-la. Com os olhos, pediu ajuda à companheira. Ela, entretanto, não parecia disposta a simplificar o dilema.

— Observe com atenção, Sinuhe.

Ele concentrou o olhar nos quinze "elos" flutuantes, repetindo a seqüência por três vezes:

— 3... 1... 4... 1... 5... 9... 2... 6... 5... 3... 5... 8... 9... 7... 9.

— Não lhe diz nada? — insistiu Nietihw.

— 31415...

O membro da Loja secreta se deteve. Repassou aqueles primeiros cinco dígitos e, após consultar o resto da seqüência, sorriu.

— Claro. . . — retomou ele, enquanto ia acentuando o sorriso de satisfação — agora entendo o porquê daquela figura nos olhos da caveira...

Nietihw aguardou a explicação, que já conhecia em parte.

— 3,1416! Estes números correspondem aos quinze primeiros elementos do famoso número "pi": o número por excelência; o número transcendente.

A mulher assentiu.

— Então — continuou Sinuhe —, a figura que vi nas cavidades. . . Demônios, agora percebo: é a mesma que aparece gravada no anel!.. .

— Que anel?

O investigador, apontando para *Ra*, explicou à amiga como o disco se metamorfoseava, por vezes, em um belo e dourado selo quadrangular com um alto-relevo em que se podia distinguir um ser de cabeça quadrada e olhos enormes e redondos, corpo flamígero e segurando-se, com ambas as mãos, aos batentes de uma porta, como inicialmente ele interpretara.

— Agora entendo. Agora sei que esses batentes e o lintel superior não compõem uma porta, mas a letra grega "pi".

Nietihw parecia duvidar. Sinuhe tentaria convencê-la.

— Você já vai ver...

Levantou o braço direito em direção ao disco e pediu-lhe que se colocasse em seu dedo anular. *Ra* iluminou-se de intenso vermelho e, depois de lançar um de seus fluxos de anéis celestes sobre a mão do amigo, desmaterializou-se, reaparecendo no dedo em forma de anel.

Satisfeito, estendeu a mão até junto da vista de Nietihw, convidando-a a examinar o selo e a figura nele gravada. A filha da raça azul passou-lhe a "cadeia" de números, analisando o delicado alto-relevo, agora tinto, também, pela radiação esmeralda que iluminava o lugar.

— Entretanto — refletiu Sinuhe —, não consigo entender. Temos uma seqüência de números, aparentemente relacionada com a letra "pi" que eu mesmo vi sobre essa criatura de cabeça quadrada e que aparece igualmente no anel. Mas aonde nos conduz tudo isso? Que é que temos de buscar? Por que *Samej* nos terá entregue um segredo que só agrava as trevas da nossa missão?

Nietihw não respondeu às questões ventiladas com razão pelo companheiro de aventuras. Em parte porque ela mesma não conhecia as respostas e menos ainda os agitados sucessos que estavam por vir. Era o bastante saber que a busca dos arquivos secretos de IURANCHA dependia em razoável medida do número

"pi" e da criatura desconhecida que aparecia sob a letra grega. No fundo, toda aquela incerteza tornava ainda mais fascinante a missão E enquanto recuperava a "cadeia" de números, colocando-a —à guisa de colar — à volta do pescoço do amigo, procurou animá-lo:

— Sinuhe, não desanime. Agurno ordenou-nos que procurássemos Solônia, o serafim que guardou o Éden... Talvez a chave entregue pela serpente nos conduza até ele e sua espada.

— Sim, é possível... — concordou ele com certo desalento.

E acariciando as "contas" negras do seu colar, apressou-se em seguir Nietihw, que encetara a caminhada pela orla daquele oceano mundo, em direção aos alcantis que se esfumavam nos longes.

Com apenas uma centena de metros andados, Sinuhe se deu conta de um fato que, no fundo, não o surpreendeu demais: suas câmaras não haviam "saltado" com ele para aquele mundo irreal. Muito embora *Ra* continuasse ali, no dedo, a ausência dos aparelhos fotográficos causou-lhe certo mal-estar. Na realidade, qual era a sua incumbência em tudo aquilo? Por que fora escolhido para acompanhar a filha da raça azul?

Ensimismado nestes e em outros pensamentos semelhantes,

continuou marchando pesadamente na areia esverdeada da praia solitária, sem perder um só instante de vista a graciosa e ligeira figura de Nietihw que, melhor que caminhar, parecia deslizar.

O rochedo já se achava bem próximo quando, subitamente, ela se deteve. Sinuhe imitou-a, buscando com o olhar o ponto que lhe teria chamado a atenção. Mas por mais que esquadrinhasse as rochas verde-esmeralda que se derramavam sobre a areia, mar adentro, nada percebeu de anormal. Era um imenso deserto.

— Que foi?

Nietihw, olhos pregados no alcantil, fez-lhe sinal para que não se movesse. Com a mão direita, pegou no diadema a letra "E", levando-a primeiro para os círculos concêntricos do seu peito e lançando-a em seguida para o céu.

Sinuhe, boquiaberto, viu como o "E" ganhava altura e, a grande velocidade, perdia-se dentro da tênue atmosfera verde, em direção à massa rochosa que delimitava o outro lado da praia. Naquele momento, a letra não aumentou ou modificou sua dimensão e Sinuhe acabou por perdê-la de vista.

Pouco depois o "E" surgia novamente em meio à bruma, reintegrando-se diretamente à coroa de Nietihw.

— Que está acontecendo? — insistiu Sinuhe.

— "Eim", a letra que simboliza meu próprio ouvido detectou a presença de uma criatura estranha...

— Onde? — interrompeu-a, alarmado —. Não vejo ninguém.

..

— Do outro lado do rochedo. Venha. Siga-me...

Sem titubear nem um pouco, Nietihw pôs-se a correr na direção que o "E" acabara de sobrevoar.

— Mas...

Foi estéril o propósito de Sinuhe de reter a impetuosa amiga. A contragosto, coração aos pulos, pressentindo perigo iminente, saiu atrás dela.

Ao transpor as primeiras rochas, Nietihw e o agitado amigo tiveram, seu avanço cortado por uma segunda muralha rochosa de uns cinco metros de altura. Sinuhe, ofegante, examinou aquela parede, compreendendo com certo alívio que seria impossível escalá-la e ganhar o outro lado do escarpado.

Com um gesto de impotência, fez ver à amiga que só restava retroceder. Nietihw hesitou. Pegou o diadema e, escolhendo

a letra " "H", colocou-a também sobre o peito. Mas, indecisa, devolveu-a ao lugar, sobre a testa.

— Que é que há com você? — perguntou, intrigado com o súbito arrependimento de Nietihw —. Para que serve essa letra? Por que você não a utilizou?

— "Hai", o "H", é o símbolo do ar... e nos teria permitido voar para o outro lado. Porém alguma coisa me diz que sua ajuda não é aconselhável.

O repórter olhou-a, perturbado.

— A criatura que se encontra do outro lado desta rocha — acrescentou ela — parece estar em perigo; é preferível agir com sigilo.

E Nietihw, contemplando as ondas que se quebravam entre as escarpas, convidou-o a que a seguisse.

— Faremos um pequeno rodeio.

Sinuhe não teve nem tempo de mostrar-lhe os riscos que correriam metendo-se entre as águas que se quebravam silenciosas, mas fortemente nas arestas dos escolhos.

— Espere!... Talvez *Ra* pudesse...!

Mas, ignorando a recomendação do companheiro,

continuou saltando as rochas e delas esquivando-se, disposta, aparentemente, a enveredar pelo mar. Entretanto, quando seus pés tocaram a água, a mulher tornou a deter-se. Esperou que Sinuhe se aproximasse e, ato contínuo, tomando do diadema o "W", colocou-o em contato com o tríplice circuito, e arrojou-o entre as ondas embravecidas.

— "Waw"!... — gritou — emblema da água, abra-nos caminho!

E a letra começou a planar, para cá e para lá, sobre o mar. Em alguns segundos, aquelas areias da superfície marinha por sobre as quais "Waw" tinha voado subitamente ficaram "congeladas". Sinuhe não podia dar crédito ao que via. As verdosas cristas das ondas sobrevoadas pelo "W" ficavam "petrificadas", convertidas em grandes e cintilantes massas rochosas, quase graníticas. A cada lado daquele mar solidificado, no entanto, agitavam-se as águas...

Cumprida a missão, o "W", tal qual um dócil bumerangue, voltou até a frente de sua dona e senhora.

E Nietihw, tomando da mão de Sinuhe, iniciou a caminhada pela franja do oceano cristalizado. O

"corredor" adentrava um trecho no mar, para depois voltar em direção à praia, evitando assim o rochedo.

Foi nos últimos metros, no momento em que o casal estava para saltar para a areia da margem, que o investigador sentiu uma vibração surda debaixo dos pés. Em terra firme, coração na mão, descobriria a causa do estremecimento da singular "ponte de pedra" que lhes estendera "Waw": a enrugada superfície da estreita

"senda" que os conduzira até ali voltou a liquefazer-se. E, entre as vagas mais e mais frenéticas, surgiu o dorso ondulante de *Samej*, a serpente.

Um calafrio percorreu Sinuhe.

— O tempo todo nós caminhamos sobre o corpo dela? — exclamou, retrocedendo ao avistar entre as águas os olhos purpurinos da serpente — Nietihw!

Desolado, Sinuhe descobriu que a amiga não estava ao seu lado. E, retrocedendo sempre, foi girando a cabeça em todas as direções. Mas Nietihw, com efeito, desaparecera. De repente, o crânio gigantesco de *Samej* emergiu das águas, cravando seus olhos circulares e vermelhos naquele homem que, atarantado, tratava de fugir para longe da margem.

A serpente continuou elevando-se acima das vagas, até que sua robusta cabeça se achou a uma altura considerável. As placas da pele, jorrando aquela água verdolenga, mil vezes refletiram a cambaleante imagem de Sinuhe que, aterrorizado,

caía uma ou outra vez em sua atropelada fuga. *Samej* ia avançando, vagorosamente. Abandonou as águas e, arrastando-se de ventre, iniciou a perseguição ao investigador.

— Nietihw!... Socorro!

E novamente Sinuhe tombou na areia. Ao voltar-se para o gigantesco réptil, o pavor o imobilizou. A cabeça do monstro erguia-se a cinco ou seis metros acima do seu corpo. Numa última tentativa, tratou de arrastar-se em direção a um pequeno amontoado de rochas, mas a cauda de *Samej* desceu até a areia cor de esmeralda, impedindo-lhe a passagem. Paralisado pelo medo, viu quando a serpente abria as fauces, exibindo aquele enxame de lâminas afiadas.

— Não!... Deus meu!... *Ra!*

E, seguindo um derradeiro impulso, cerrou o punho direito, dirigindo-o tremulamente para os sanguinolentos olhos do animal.

— *Ra*, ajude-me!

No mesmo instante brotou do anel um vento gelado e impetuoso que obrigou *Samej* a retroceder. Sinuhe, ante a salvadora reação do amigo recobrou o ânimo perdido e, levantando-se, não deixou de dirigir o punho para a

serpente. Apesar de suas convulsões, parte do corpo dela, erguido ainda sobre a areia, começou a apresentar sinais de congelamento. As longas presas converteram-se em pedras de gelo, os olhos redondos empanaram-se com a névoa esverdeada. Assim, de repente, *Samej* ficou rígida e imóvel tal qual um poste. O

jato gelado parou e Sinuhe, desorientado, continuou com o braço estendido, sem deixar de vigiar o corpo aparentemente morto do inimigo.

E antes que o investigador pudesse reagir ou tomar qualquer decisão, aquela massa cilíndrica espatifou-se em milhares de pequenos fragmentos de gelo, que caíram na areia. Perplexo, desceu o braço e aproximou-se dos "restos" de *Samej*.

Não jaziam aos pés de Sinuhe os milhares de cristais de gelo em que vira descompor-se o corpo do réptil.

Em lugar deles, na areia, havia um longo arco e uma aljava com uma única flecha, tudo de gelo!

Hesitou. Temia tocá-los. Mas finalmente decidiu-se e, com efeito, comprovou que tanto o arco quanto a corda eram formados por um gelo puríssimo e transparente. Examinou também a aljava e a flecha, constatando que eram confeccionados com o mesmo material. Mas a flecha, em vez de terminar em ponta, era arrematada por estranha

protuberância.

— Oh! não é possível...

Ao descobrir os perfis da insólita cabeça de flecha, nervoso e alarmado, soltou-a. Mas a finíssima arma, longa de metro e meio, não chegou a cair na praia. Como uma exalação, foi buscando a boca do estojo, introduzindo-se ali.

Pouco lhe faltou para que abandonasse ali mesmo arco e aljava. Recuperado porém da primeira impressão, voltou a apanhar a flecha, examinando-a minuciosamente.

— Não é possível... — repetiu, ao certificar-se do que vira segundos antes.

A flecha, efetivamente, terminava em uma cabeça um tanto mais reduzida do que um punho: a cabeça de *Samej!* Esculpidas no gelo, distinguiam-se as cerradas fauces da serpente, como também seus olhos circulares...

Seguindo outro de seus impulsos naturais, Sinuhe jogou às costas a aljava, pegando com a esquerda o frio e espidado arco. Mas quando se dispunha a localizar a desaparecida Nietihw, retumbante alarido ecoou-lhe no cérebro...



Ao sentir aquele grito dilacerante, acreditou identificá-lo com a voz da companheira. Aturdido com a segunda aparição de *Samej*, a serpente, não tivera oportunidade de ocupar-se com a repentina desapareção de Nietihw nem com a exploração do lugar em que se encontrava. Entre a verde transparência daquela "atmosfera", e no extremo oposto ao ponto em que agora se encontrava, o investigador descobriu os restos de um navio encalhado na areia. Pareceu-lhe, apesar das centenas de passos que o distanciavam, desarvorado e meio enterrado ao pé da escarpa rochosa que fechava a praia a partir do rochedo que eles tiveram de rodear.

Mas, por muito que forçasse a vista, não percebeu sinal algum de vida junto ao casco do barco. A muralha rochosa que haviam contornado lhe cortava a passagem às costas e sucedia o mesmo à sua direita, com aquele talude. À esquerda, abria-se o oceano e, por conseguinte, não lhe restava senão um caminho: o que levava ao' lugar onde se recortava o navio.

Tomando as maiores precauções, dirigiu-se finalmente para aquela extremidade da praia. Por mais que meditasse, não conseguia entender por que o teria abandonado a filha da raça azul em momentos tão críticos e, ainda, a que atribuir aquele perfurante grito.

— Se ao menos eu tivesse a certeza de que Nietihw tomou este mesmo caminho. . .

Mas a ondulada superfície da praia esverdeada não mostrava pegada alguma.

Ao chegar perto do barco perdido, Sinuhe parou de andar. Inspeccionou cuidadosamente seus restos, verificando que, realmente, estava, diante de um vetusto casco de madeira de uns quarenta metros de comprimento, encalhado sob o despenhadeiro e ader-nado do lado da amurada de bombordo. Antes de dar-lhe a volta, examinou o casco campanudo que se erguia à sua frente, semi-enterrado sob toneladas daquela areia cor de esmeralda. Raspou as partes ressecadas da quilha e deduziu que o hipotético naufrágio se teria dado há muitos anos. Pé ante pé, muito devagar, foi passando para a popa para verificar o que esconderia a coberta e se, como intuía, aquele grito podia ter partido do outro lado do navio, que ou quem o teria lançado.

Fazendo do timão um parapeito, dirigiu um primeiro olhar em direção à praia que se estendia desde ali e que, até aquele momento, ficara escondida pelo casco.

— Oh, não!

A cena que descortinava fez com que estremecesse. A algumas centenas de metros dali do navio, descobriu,

estendido na areia, o corpo imóvel de Nietihw. Ao seu lado, com os braços para o alto, via-se uma criatura que, no primeiro instante, achou que era um menino. Segundos depois, ao vê-lo baixar uns braços enormes, compreendeu, aterrorizado, que não se tratava de um "menino". Era um ser idêntico aos que vira na torre e no bosque de Sotillo. Havia entretanto uma clara diferença em relação àqueles: esta monstruosa criatura não tinha o corpo transparente. Tanto o volumoso crânio como o resto do corpo eram de uma coloração anegrada.

De repente, aquela personagem tornou a alçar os braços acima da cabeça. Sinuhe percebeu que alguma coisa lhe brilhava entre as mãos e, intuindo que a amiga poderia estar correndo grave perigo, saltou para um lado do barco. Tomando da aljava a sua flecha, colocou-a junto da corda de gelo do seu arco e começou a tendê-la, alvejando a enorme cabeça do ser. Em vez de quebrar-se, a corda foi cedendo centímetro a centímetro, ao mesmo tempo em que os braços de Sinuhe se endureciam como pedras. Quando alcançou a máxima tensão, o investigador assistiu, boquiaberto, a outro acontecimento mágico: as cerradas fauces lavradas na cabeça da flecha escancararam-se e a seta, sem que o arqueiro chegasse a distender a corda, escapou violenta — como se tivesse vida própria — na direção do monstruoso anão. . .

Aturdido, não reagiu. A flecha foi perfurando a atmosfera esverdeada, deixando atrás um "fio" branco e luminoso que pouco a pouco se foi esfumando. Sinuhe poderia jurar que apontara para o crânio, mas a seta, em lugar de atingir o ponto escolhido pelo improvisado arqueiro, mudou sua trajetória e foi bater em cheio no peito da criatura.

O ser caiu de costas, mantendo entre as mãos aquele objeto reluzente, impossível de identificar a distância.

Convencido de que ele estava morto ou pelo menos muito ferido, Sinuhe correu para onde estava Nietihw. Ela continuava estendida na areia, sem dar sinal de vida. Mas, quando lhe faltavam uns vinte passos para chegar até ela, estacou atônito: entre os enegrecidos dedos do monstro estava a dourada e brilhante coroa de letras da amiga. Ao desviar o olhar para Nietihw, não só teve a confirmação de que seu diadema desaparecera, mas constatou também outro fato singular, que o deixou estarecido: despojado do seu nome cósmico, o corpo perdera sua total transparência, recobrando o primitivo e natural aspecto humano.

O desconcerto do investigador, porém, foi momentâneo. De repente, alguma coisa negra e informe começou a serpentear na areia, bem perto do volumoso crânio do ser que jazia de costas, com a enorme flecha espetada no tórax.

Sinuhe, sem compreender de que se tratava, retrocedeu, desorientado. Mas "aquilo" parecia interessado tão-somente na mágica coroa de Nietihw, enredada entre os dedos da imóvel criatura.

Subitamente, brotava da areia aquela mão esgalhada e escura, avançando como um polvo sobre os braços enormes e esticados do homenzinho que, aparentemente, arrebatara o diadema da filha da raça azul. Sinuhe sentiu que se lhe eriçavam os cabelos. A mão, amputada à altura da munheca, foi explorando as longas extremidades da criatura, fazendo de tentáculos seus cinco dedos. Finalmente, ao chegar junto às letras, o índice e o polegar conseguiram a liberação do diadema, arrastando-o até a verde superfície da praia. Foi então, compreendendo as intenções da mão cortada, que Sinuhe fechou o punho direito, invocando o nome de *Ra*. Mas, ao tentar cortar o passo à mão que fugia com o nome cósmico, o nosso homem sentiu que alguém ou alguma coisa lhe agarrava o pé esquerdo. Desequilibrado, caiu de bruços na areia. Ao voltar-se contra o que lhe havia causado a queda espetacular, sentiu o coração na boca: outra mão, esquelética e negra, também seccionada no pulso, se havia enroscado em seu tornozelo, retendo-o com força titânica.

Desesperado, viu quando a primeira mão imergiu entre as suaves dunas esverdeadas, soterrando-se com a coroa.

Instantes depois, as pontas dos dedos de uma terceira mão foram abrindo passagem entre os grãos de areia, bem perto do rosto exânime de Nietihw. E após esta apareceram uma quarta e uma quinta e uma sexta mãos, todas em movimento contínuo, como que articuladas por uma inteligência diabólica e subterrânea.

Cada uma delas foi agarrar-se a uma extremidade da túnica celeste, puxando a mulher com a evidente intenção de sepultá-la.

— Oh, não! . . .

Sinuhe, caído na areia, tentou safar-se da mão que o retinha, mas todas as suas convulsões e pontapés foram inúteis. Horrorizado, constatou que aquelas quatro mãos começavam a enterrar o corpo indefeso da sua amiga. . .

— *Ra!*

O grito de Sinuhe teve resposta imediata. Quando cerrou de novo o punho direito, apontando o anel para o corpo de Nietihw, cujas pernas haviam já desaparecido dentro da areia, escapou do anel uma fumaça branca que, vertiginosamente, foi adotando forma humana. Sinuhe não precisou de muito tempo para identificá-la: era ele mesmo!

Que pretendia *Ra* criando aquele seu brumoso duplo?

Imobilizado pelo punho férreo, o investigador descobriu, assombrado, como haviam aparecido, no peito daquele segundo "Sinuhe", umas letras misteriosas, também lavradas em fumo:

"ALEF-MEN-TAV."

Esses caracteres hebreus, formados nessa ordem, compunham a palavra "EMET" ("verdade"). Mas Sinuhe, aturdido com o cada vez mais rápido desaparecimento do corpo da companheira na areia, não chegou a intuir, naqueles dramáticos momentos, os propósitos do amigo. Irritado, ao ver como as tétricas mãos continuavam arrastando Nietihw sabe Deus para que abismo, interpelou *Ra* pela segunda vez, pressionando-o a que os liberasse daquele novo pesadelo. Como única resposta, a branca e fumegante escultura ajoelhou-se junto ao quase desaparecido corpo da filha da raça azul, soprando, com todas as forças, o rosto lívido da mulher. E pela boca do "duplo" surgiu um jorro de letras: as mesmas que ele exibia no tórax. No mesmo instante, a delicada epiderme de Nietihw cobriu-se de uma espécie de neve, cujos flocos nada mais eram que centenas de "alef", "men" e "tav". Para surpresa do verdadeiro Sinuhe, aquele inexorável enterramento da amiga suspendeu-se. Imediatamente, como se tivessem sido alertados por "algo" muito mais cobiçado que o corpo que arrastavam para as profundidades da praia, destacaram-se da

areia os famintos e ameaçadores dedos das quatro mãos. E todas elas, em uníssono, dirigiram-se para a "nevada" face da senhora.

Impassível, o segundo Sinuhe — de quem se desprendiam ininterruptas e delgadas tiras de fumo branco

— esperou que os quatro tocos de mão cavalgassem até o rosto de Nietihw, onde se detiveram visivelmente irritadas. Pôs-se então a pulverizar entre os dedos as centenas de consoantes hebraicas. Aquele, sem dúvida, era o momento esperado pela criatura que *Ra* criara... Assim, antes que as mãos demolidoras pudessem reagir, o "duplo" abriu novamente a boca, aspirando profundamente. Ante a perplexidade de Sinuhe, todas as letras "alef" que ainda estavam pousadas na face de Nietihw eram absorvidas pela aspiração poderosa, penetrando outra vez na fumegante figura. Sobre o rosto permaneceram tão-somente as "men" e as "tav", formando assim, de repente, uma nova palavra: "morte". As mãos, desprevenidas, abriram-se ao contato com a "morte". Mas já era tarde demais. As centenas de "men" e "tav", por sua vez, tinham começado a devorá-las. Em segundos, aquelas sombrias garras ficaram reduzidas a um monte de ossos.

O "duplo" voltou-se assim para a outra mão, a última: a que

continuava agarrando o pé do investigador.

Mas, quando se preparava para repetir a operação, os dedos soltaram o tornozelo de Sinuhe, sumindo, qual escorpião, na areia esmeraldina.

Da mesma forma que havia surgido, assim Sinuhe viu extinguir-se seu segundo "eu": sem que ninguém pudesse evitá-lo, o alvo fumo voltou a ser absorvido pelo anel e desapareceu.

Sinuhe precipitou-se então sobre o corpo imóvel da amiga. Limpou-lhe do rosto os restos de "neve", arrojando para longe as esqueléticas garras. Não sem esforço conseguiu afinal desenterrar Nietihw. O corpo, efetivamente, voltara a ser o de sempre. Alarmado, porém, o amigo constatou que o coração dela estava mudo.

— Não!... Nietihw!

Inúteis todas as tentativas para reanimá-la. A filha da raça azul, imersa numa palidez mortal, parecia efetivamente sem vida. Desconsolado, ele ajoelhou-se junto a ela e, envolvendo-lhe com os braços a cabeça, entregou-se a um amargo pranto. Bem depressa, no entanto, impelido por uma indignação irreprimível, arrancou o anel do dedo e, amaldiçoando a aparente passividade de *Ra*, arrojou-o violentamente em direção aos restos do navio.

— Por quê?. .. Por que você o permitiu?

Cego de raiva e de dor, Sinuhe não percebeu outro fato surpreendente: das profundezas daquele firmamento tenebroso surgiu, de repente, o adejar de um pássaro. Entre seu bico ele tomou o anel, voou para onde estava o casal, pousando sobre o ventre de Nietihw.

Receoso, Sinuhe tentou espantar o enorme corvo. Este, porém, depois de engolir o anel, abriu novamente o enegrecido bico e exclamou com voz grave:

— Filhos de IURANCHA! Não temais! Estou vindo para saldar minha dívida antiga...

Sinuhe retrocedeu, alarmado ante aquela ave falante.

— No princípio dos tempos — prosseguiu o corvo —, um dos meus antepassados desobedeceu a um humano chamado Noé. Foi solto depois do grande dilúvio, mas não regressou à arca. Por isso, e como castigo por sua desobediência, sua primitiva plumagem branca foi substituída por outra negra e sombria.

E o pássaro deu alguns passos curtos sobre o corpo de Nietihw, introduzindo o bico em um dos bolsos da túnica. Ao retirá-lo, vinha com o pequeno frasco de vidro contendo os luminosos e misteriosos grãos de areia que Sinuhe

recolhera no claro do bosque, e que fora seu original presente de aniversário. Sinuhe ignorava, naturalmente, que Glória ou Nietihw o escondera na túnica.

O corvo, saltando sobre a areia, foi depositá-lo aos pés do seu perplexo e emudecido observador.

— Agora estamos em paz — retomou o corvo, assestando os olhos azeviche em Sinuhe —. Basta que os lábios de tua companheira toquem os "ibos" para que volte à vida.

— Os "ibos"?! Mas que é isso?!

O pássaro, depois de bicar insistentemente a parede de vidro do recipiente que jazia na areia, abriu as asas pronto para remontar vôo.

— Algum dia, em IURANCHA, chamarão "tempo" aos "ibos".

E bateu solenemente a plumagem, elevando-se dentro da luz esmeralda. Mas, nem bem começara o seu vôo, a tonalidade escura do seu corpo desapareceu, sendo substituída por outra muito alva e deslumbrante. E

o corvo continuou distanciando-se rumo ao sol negro do qual havia surgido.

Sem saber o que fazer, Sinuhe se pôs a contemplar o frasco de areia. Não sabia como, mas em tudo aquilo adivinhava a mão de *Ra*. Não obstante, seu "amigo" fora tragado por aquele oportuno corvo branco.

Tal pensamento voltou a tranquilizá-lo. Desviou os olhos para Nietihw e, ao vê-la imóvel e indefesa, compreendeu que a missão de busca dos arquivos secretos de IURANCHA chegara a um momento sumamente delicado: ele perdera seu amigo *Ra* e Nietihw, sua coroa mágica...

Mas, acostumado desde sempre às variações de sorte, não se deixou abater. Recolheu o providencial presente de aniversário e, após examiná-lo, pôs-se de joelhos junto ao corpo da filha da raça azul. Abriu o vidrinho e, levantando ligeiramente a cabeça de Nietihw, aproximou-o aos lábios lívidos a boca do frasco. Os grãos deslizaram cintilantes até tocá-la. Nesse momento, ao tocar a pele, cada partícula daquela areia cinzenta perdeu sua luminosidade, convertendo-se em microscópicas gotas douradas. Ao contato com aquela espécie de "ouro potável", Nietihw reagiu. Sinuhe sentiu estremecimentos no corpo da companheira. Os lá-

bios se entreabriram e o punhado de "ibos" desapareceu-lhe na boca.

— Nietihw!

Presa de intensa emoção, foi assistindo à progressiva recuperação da mulher. A palidez esfumou-se e, aos poucos, se lhe abriram os olhos.

— Oh!... Nietihw! Que está acontecendo com você?

Ela abriu e fechou os olhos. Finalmente, fixou o olhar na fisionomia assustada do companheiro. E Sinuhe pôde contemplar as formosas pupilas que emanavam leques luminosos, formados pelas sete cores do arco-

íris. A cada pestanejar, os arco-íris desapareciam, reaparecendo quando Nietihw conseguia manter abertos os olhos. Aqueles feixes multicoloridos chegavam a propagar-se até a pessoa, coisa ou lugar em que Nietihw fixava sua visão. Assim, quando a filha da raça azul — totalmente recuperada — resolveu levantar-se, os fachos coloridos que partiam dos seus olhos iluminaram primeiro seu próprio corpo e, ato contínuo, a criatura que jazia na praia, a flecha e, por último, os restos distantes do navio encalhado.

Não tardaria a vir a pergunta fatal. Nietihw levou as mãos aos cabelos e descobriu que o diadema desaparecera; interrogou o companheiro em silêncio. Ele se limitou a apontar para aquele ser ali perto, inanimado.

— Que aconteceu? — suplicou-lhe, banhando-lhe o rosto com aquelas catorze cores.

O investigador lhe foi relatando tudo o que vivera e presenciara e, ao concluir, interrogou-a, por sua vez, sobre a razão que a teria levado a deixá-lo ficar sozinho com *Samej*, a serpente.

Nietihw, com evidentes sinais de desalento, deixou-se cair sentada na areia. Afundou o rosto nos joelhos e desandou a chorar. Sinuhe, querendo mostrar que nem tudo estava perdido, apressou-se emocionado a consolá-la. Quando ergueu a cabeça o rapaz notou, maravilhado, que as lágrimas da amiga, em lugar de resvalar-lhe pelas faces, eram capturadas pelos leques de luz, deslizando por eles como chuva sobre cristal. E

algumas daquelas lágrimas passaram, dessa forma, para os alhos e o rosto do próprio Sinuhe, que, perplexo, sentiu como se a consternação e a tristeza da amiga lhe inundassem também o próprio coração.

— Sinto, Sinuhe, mas pelo que consigo recordar, "Eim" (o "E") chegou a alertar-me contra alguma coisa... melhor, contra alguém.

Sinuhe concordou, lembrando-se do lançamento da letra por cima do alcantil.

— Logo depois, ao pisar a praia, foi tudo muito rápido e confuso. . . Sem consultar-me, o "W" saltou do meu diadema e me foi arrastando até este mesmo lugar. Estendida na areia, mais ou menos como agora, achava-se esta ou qualquer outra criatura parecida. Inclinei-me sobre ela e, quando estava quase convencida de que se achava morta, os braços dela arremeteram-se contra mim. A partir de então, tudo escureceu. . .

— Não posso dizer com certeza, mas quase posso garantir-lhe que ela só queria a coroa que você trazia.

..

O par fez silêncio. Mas eles dois, movidos pelo mesmo impulso, voltaram seus olhares para o ser que provocara a súbita catástrofe.

Não obstante, como já intuía Sinuhe, nem tudo estava perdido. . .

Verificando que Nietihw tomava entre as mãos o frasco de areia, decidiu-se a externar o pensamento que lhe acabava de nascer na mente e que, evidentemente, era compartilhado pela amiga:

— Você crê que os "ibos" poderiam. . . ?

— Logo o veremos — replicou a mulher, dirigindo-se com decisão até a criatura. Sinuhe porém a deteve já ao pé do minúsculo ser.

— Um momento. . .

Debruçando-se sobre o enxuto corpinho descobriu, meio alarmado, que a cabeça da flecha, em lugar de penetrar no peito, havia com suas fauces mordido a escura e encarquilhada pele, justamente na altura do estranho emblema: um círculo vermelho com outro menor, preto, ao centro.

— Deus!.. .

— Mas o que há? — perguntou Nietihw, intrigada. Sinuhe mostrou-lhe aquele espécie de escudo e, em tom solene, anunciou:

— Esta criatura traz no peito a bandeira de Lúcifer. . . Temos de agir com precaução.

Nietihw retrocedeu, assustada. O companheiro, com muito cuidado, empreendeu meticuloso estudo do corpo do presumível servidor do Maligno. Tal como havia suspeitado, a estrutura daquele ente era quase idêntica à daqueles que vira em Sotillo: enorme cabeça provida de dois minúsculos olhos, tão negros quanto a pele e circundados por aquela

estranha e repulsiva calosidade e, no lugar do que poderia ser a boca, uma espécie de orifício igualmente circular.

Sinuhe não deu com fossas nasais nem ouvidos. O resto do corpo — de um metro de comprimento, no máximo — era coberto e protegido por uma pele flexível. Os braços, extremamente longos e finos, escorriam até abaixo dos joelhos, arrematados por mãos quase infantis, com cinco dedos iguais, mas desprovidas de polegares. Já aos pezinhos lhes faltavam dedos.

Tampouco possuía sexo. Consternado, Sinuhe não se explicava por que não teria, aquela monstruosa criatura, um corpo transparente como os que ele vira nas outras ocasiões passadas. Aquela diferença substancial, por quê? Se o inquieto investigador tivesse podido pressentir, naqueles momentos, as turbulentas circunstâncias através das quais chegaria ele a desvelar esse novo mistério, o mais provável é que ali mesmo tivesse implorado pelo fim fulminante da missão... Mas, absorto naquela exploração minuciosa, não podia sequer imaginar o que lhes reservava o destino.

Ao reparar de novo nas fauces da flecha observou, preocupado, como entre as presas de gelo, que aprisionavam e desgarravam parte do tórax, não aparecia sangue. Desconfiado, colou o ouvido ao peito, mas a atenta escuta não lhe revelou som algum. Ou aquele ser carecia de

coração ou, fato provável, estava realmente morto... Assim, tranqüilizado, preparou-se para arrancar-lhe a seta. Nietihw vencera parte do medo e, ajoelhando-se junto do amigo, preparou o frasco com os "ibos".

Foi empunhar a haste de gelo da flecha, e a cabeça reduzida de *Samej* cobrou vida e se lhe abriram as fauces, liberando a presa. Sinuhe soltou a seta que, traçando uma curva sobre a cabeça dele, foi alojar-se na aljava.

O casal, expectante, aguardou. Mas a criatura continuou imóvel, os olhos vidrados, fixados naquele céu verde-esmeralda.

Sinuhe, munindo-se de coragem, passou o braço esquerdo por debaixo daquela cabeça em forma de campânula, deslocando-a da areia. Quando sua mão roçou aquela pele rugosa como a palha, um calafrio estremeceu-lhe as vísceras. Dissimulando, entretanto, animou a amiga a que abrisse o recipiente e vertesse algum tanto da cintilante areia no tenebroso agulheiro que parecia servir-lhe de boca...

E Nietihw, mãos trêmulas, aproximou o frasco da cara do monstro.

Por medida de precaução, Sinuhe pediu à companheira que se afastasse. Segurou firmemente os braços da criatura, e esperou.

Os finíssimos e cintilantes grãos de areia que o corvo branco havia chamado de "ibos", e que o investigador começava a identificar com "porções de tempo", foram caindo na boca circular do ente. E, tal qual como sucedera com a filha da raça azul, de--pressa converteram-se naquele "ouro líquido". Porém, teriam o mesmo efeito revitalizador que no caso de Nietihw?

A resposta não se fez esperar...

A primeira coisa que chamou a atenção dos "iuranchianos" foi uma poderosa luminosidade no emblema centrado no peito. Pelas numerosas dentadas que a tríplice fileira de dentes de *Samej* praticou, surgiram outros tantos fios de luz, de vivo escarlate. Misteriosa atividade começava a manifestar-se no interior da criatura. Curiosamente, as mordeduras da serpente haviam deixado sobre a bandeira de Lúcifer uma figura familiar: os três anéis concêntricos que constituíam, precisamente, o símbolo contrário: o de Micael. Cada um desses "círculos" fora delineado por vinte e quatro pequenos orifícios provocados, repito, pelos dentes caninos da flecha de gelo. No total — contou Sinuhe — os três círculos somavam 72 fendas, pelas quais escapavam outros tantos raios luminosos.

Fascinados por aquela tríplice coroa escarlate que brotava do tórax da criatura, nem Sinuhe nem Nietihw perceberam

que os olhos dela começaram a pestanejar... E pouco a pouco a luminosidade avermelhada foi perdendo força, até extinguir-se por completo. A criatura, erguendo o crânio enorme, cravou seus olhos na mulher. Nietihw, pálida, não conseguiu desviar o olhar daqueles círculos impenetráveis. E, por alguns minutos, suas catorze cores foram misteriosamente absorvidas pelas negras e opacas paredes que formavam aqueles olhos.

O rosto de Sinuhe havia ficado a pouco mais de um palmo daquela cabeça horrenda. Consciente do risco que poderia correr se soltasse os braços da criatura, continuou na mesma posição: escarranchado, de joelhos sobre o frágil corpo.

O ente percebendo o medo crescente de Sinuhe, girou a cabeça para ele, e o orifício que lhe servia de boca abriu-se. Ante a surpresa do casal, exclamou com voz rouca e cavernosa:

— Agradeço-vos por me haverdes concedido um novo período de vida... Não temais. Embora a minha missão, como a dos meus irmãos, os "medianos" primários, consista em aniquilar-vos, em minha memória sobram restos de um sentimento que, agora, é mais forte que a ordem dada por Belzebu...

Sinuhe, desconcertado, interrompeu a amiga com o olhar. E

Nietihw, convencida da sinceridade do

"mediano", fez um gesto de aprovação.

Sinuhe preparou-se para soltar a criatura. Temeroso, porém, lançou mão ao mesmo tempo da flecha de gelo e a apontou para o emblema de Lúcifer.

O "mediano" se pôs em pé, ao mesmo tempo em que movia a cabeça negativamente, em reprovação à atitude ameaçadora do homem:

— Meu nome é Vana e, como vos disse, meus criadores (Van e Amadon) souberam desde o princípio dotar-me do sentimento de gratidão. Como posso demonstrá-lo?

— Se é verdade o que dizes — interferiu Nietihw —, indicamos como chegar até Solônia, o guardião do Éden. ..

Vana parecia hesitar. Mas, finalmente, levando a mão esquerda aos círculos vermelho e preto gravados no peito, falou assim:

— Outros 40 000 seres como eu, residentes em IURANCHA desde a chegada dos "Cem de Caligastia", zelam pela segurança dos arquivos que buscais com tanto empenho... Vou saldar minha dívida de gratidão para convosco, porque (estou certo) minha revelação não porá em perigo o sagrado

mistério que envolve tais arquivos... A Solônia só se pode chegar por intermédio dos homens "Pi".

— Os homens "Pi"? — perguntou Sinuhe enquanto devolvia a seta a seu estojo —. Quem são?

O "mediano" ficou em silêncio. Deu vários passos em direção ao interlocutor e, tomando entre os dedos o colar de números que pendia do colo de Sinuhe, argüiu:

— E tu mo perguntas?... Só os membros da Ordem do Grande Número podem levar este distintivo. . .

Entretanto — refletiu Vana —, é evidente que nem tu nem a mulher sois homens

"Pi".

Nietihw, cada vez mais inquieta, nem deixou que à criatura terminasse:

— E como podemos chegar até eles?

O "mediano" voltou-se então para o barco e, estendendo o braço esquerdo na direção daqueles restos, acrescentou:

— Dalamachia...

Antes porém que pudesse prosseguir, a superfície da areia

sobre a qual se encontravam começou a agitar-se. E Vana, Nietihw e Sinuhe descobriram, com horror, que dezenas de escuros e nervosos dedos surgiam entre seus pés...

— As "golem"!.. . Fugi!.. . São as "golem"!

A voz do "mediano" quebrou-se. Uma vintena daquelas esgalhadas mãos agarrara-se aos seus caniços, arrastando-o para o interior da terra.

— Fugi!

Sinuhe, de um salto, esquivou-se das primeiras garras que já investiam contra ele e, tomando do braço da companheira, arrastou-a em direção ao navio encalhado.

Nietihw, presa do pânico, obedeceu ao amigo correndo desesperadamente.

Sinuhe virou-se para trás e viu que a cabeça de Vana desaparecia, tragada por torvelinhos de poeira verde-esmeralda.

Quando o "mediano" foi definitivamente devorado, um bando daquelas garras ossudas, saltando e avançando qual exército de aranhas negras, precipitou-se atrás dos dois.

Ofegantes, continuaram correndo em direção ao casco, mas

a corrida sobre a areia tornava-se cada vez mais lenta e fatigante. E aquelas mãos, muito mais ágeis, iam ganhando terreno.

Não faltavam mais que cinqüenta metros para alcançar o navio e uma das garras, mais veloz do que as outras, prendeu-se à túnica de Nietihw. Ao senti-la, a filha da raça azul estacou, paralisada pelo medo.

— Não! — gritou-lhe Sinuhe —. Não pare!. .. Continue!.. . Continue!

Os afiados dedos puxavam para o chão, enquanto as demais mãos, adivinhando a crítica situação dos humanos, freou seu atropelado avanço, agora deslizando com movimentos lentos e calculados.

Sinuhe, sem tempo para pensar, puxou a flecha de gelo e, erguendo-a por cima da cabeça, alvejou a garra com preciso golpe. As fauces de *Samej*, escancaradas no instante mesmo em que foram retiradas da aljava, trancaram-se mortalmente nas nervosas articulações da parte posterior. Os dedos, feridos pela cabeça da seta, largaram a túnica e Nietihw, aos gritos imperiosos do companheiro, continuou fugindo para o barco.

Sem perda de tempo o investigador colocou a flecha no arco e, apontando para o fervedouro de garras, disparou. Mas a

seta, com a presa entre os dentes, foi cair na areia, entre o arqueiro e a multidão enfurecida.

No mesmo instante, aos olhos atônitos do "iuranchiano", em estertores contínuos, as extremidades daqueles dedos agonizantes começaram a alongar-se, brotando em cada uma delas cabeças de serpente. E as novas cinco *Samej* caíram, por sua vez, sobre outras tantas garras. Estas, sofrendo igual metamorfose, foram enterrar-se nas demais que, desorientadas, começaram a retroceder.

Aproveitando a confusão, Sinuhe correu no rastro de Nietihw. Ela, do alto da coberta do navio, tinha os olhos aprisionados àquele vibrante bosque de serpentes implacáveis que, pouco a pouco, iam exterminando as diabólicas e sibilinas "golem".

Já sem respiração, o companheiro alcançou, finalmente, o casco adernado. Mas, antes de saltar para junto de Nietihw, alguma coisa lhe chamou a atenção. Naquela banda de bombordo, junto à proa, dava para ler ainda um nome desgastado: "DALAMACHIA".

Ao vê-lo sobre a carcomida coberta, Nietihw, presa de um ataque nervoso, precipitou-se entre os braços dele.

Sinuhe, sem perder de vista a singular batalha que se travava na praia, acariciou-lhe os cabelos, tentando

tranqüilizá-la. Entretanto, enquanto seus corações batiam ainda vertiginosamente, outro acontecimento veio sacudi-los: de repente, aquela "atmosfera" esverdeada que os envolvia tornou-se escura. E ficou tudo submerso em uma luz violeta...

— Deus meu!.. . Mas que é isso?

À vista espantada do casal, o sol negro caminhava já muito próximo do horizonte, a ponto de, praticamente, esconder-se atrás de uma das cadeias de montanhas.

— Temos de nos apressar — reagiu Sinuhe, adivinhando que aquelas estranhas mutações de cores na atmosfera deviam guardar estreita relação com o movimento daquele estranho sol —. Devemos procurar o caminho que nos leve aos homens "Pi"...

Nietihw concordou.

Aquela brusca "escuridão violácea" descera para complicar ainda mais a já angustiada situação de nossos amigos. Mal se conseguia distinguir a cobertura do navio, e a praia, naturalmente, constituía tenebrosa incógnita. Que teria acontecido com *Samep*.

Sinuhe constatou que a seta não regressara à aljava. E uma

idéia perturbadora começou a fustigá-lo: teriam as "golem" vencido o único aliado deles?

Nem a filha da raça azul nem seu companheiro sentiam-se dispostos a esperar o resultado daquele encontro sangrento entre a cabeça da serpente e as mãos amputadas. Então Sinuhe, lembrado da última indicação de Vana, o "mediano" rebelde, sugeriu a Nietihw que descessem o mais depressa possível ao fundo da embarcação. Talvez ali, em algum lugar do velho casco, descobrissem o caminho para os enigmáticos homens "Pi".

A mulher, movida por irrefreável desejo de distanciar-se das "golem", aderiu na hora. Os raios multicoloridos de seus olhos iluminaram a cobertura, revelando para os lados da popa o que parecia ser a única entrada. Os arco-íris que seus olhos projetavam exploraram ligeiramente a cabina escura; depois de lançar um último olhar para o lado da praia, Sinuhe introduziu seu arco de gelo pela pequena escotilha, comprovando, decepcionado, que a distância até o fundo do porão passava de cinco metros. Como poderiam pular daquela altura? *Ra* desaparecera e, para o cúmulo, já não tinham o diadema cósmico de Nietihw, roubado e enterrado por uma daquelas "golem"...

Compreendendo o problema, ela apontou para o "colar de números" que ele portava, sugerindo-lhe que lançasse mão

dele.

— Mas acontece que ele mal alcança meio metro de comprimento. .. — rebateu Sinuhe, descartando a idéia.

Sorrindo, Nietihw tomou o colar entre as mãos e pediu-lhe que se lembrasse a que letra hebraica estava ligado o número "pi".

— A "samej" — respondeu, mas sem saber até onde ela queria chegar.

— E qual é o seu valor numérico?

— Sessenta... Claro! — descobriu finalmente o membro da Ordem da Sabedoria —. Sessenta!

E, segurando a "cadeia" de números flutuantes, invocou a letra e seu número sagrado:

— "Samej"!... Sessenta!

Na mesma hora, aos quinze primeiros dígitos do número "pi" encadearam-se outros quarenta e cinco, até formar uma seqüência de sessenta.

Sem titubear, Sinuhe arrojou pela escotilha a "corda" mágica de números. Nietihw, decidida, foi a primeira a descer pela escada improvisada.

Já' o investigador hesitou. Prenderia o primeiro número — o 3 — na moldura de madeira do escotilhão e escorregaria assim até o porão, ou recolhia a "corda" e venciam a distância de um salto? Se se inclinasse para a primeira solução, o mais provável seria que não pudesse recuperar seu "colar", convertido agora em um longo cabo. . E, em uma de suas típicas reações, enrolou nervosamente a "cadeia" à volta da cintura e projetou-se no vazio.

Ao vê-lo cair, Nietihw deu um grito e escondeu o rosto entre as mãos. Quando fechou os olhos, a obscuridade do fundo do barco se fez escuridão total.

Em seu empenho em conservar a "corda" mágica, Sinuhe não calculou bem a distância. Na realidade, eram sete metros. Quando estava a ponto de estatelar-se, "alguma coisa" freou-lhe a queda.

Assim que a filha da raça azul descobriu o rosto, os fachos coloridos tornaram a iluminar o recinto. O

corpo desfalecido do repórter balouçava a pouco mais de metro e meio do solo. Nietihw correu em sua ajuda e então descobriu por que o amigo ficara providencialmente suspenso no ar: *Samej*, a seta de gelo, mostrava-se vibrante atrás dele, com as fauces cravadas no "cinturão" de números.

Lentamente a flecha foi baixando, até que os pés de Sinuhe tocassem o piso do porão. A cabeça da serpente soltou então sua presa já salva, e retornou ao carcás vazio.

Recuperados do susto, dedicaram-se ambos a uma exaustiva exploração do lugar. Os olhos de Nietihw, única fonte de luz, percorreram a peça até se persuadirem, com surpresa, de que se encontravam em um reduzido quarto vazio. . . de forma piramidal. Curiosamente, o vértice de onde confluíam os quatro tabiques inclinadíssimos era constituído pela pequena escotilha por onde acabavam de descer.

Em poucos minutos, surpresa e desilusão eram os sentimentos que dominavam aqueles corações aventureiros. Surpresa porque, como puderam verificar, aquelas quatro faces da pirâmide não eram construídas de madeira como a cobertura do barco e o casco. As supostas anteparas eram formadas por vinte e três fileiras de pedra cada uma. E cada fileira, por sua vez, integrada por graníticos blocos retangulares. . .

Desilusão porque, por mais que tateassem e revistassem, não havia ali porta ou qualquer conduto.

— Que é isso?. . . Pegamos caminho errado? — explodiu Sinuhe, dirigindo um olhar impaciente para a claridade violácea recortada pelo escotilhão.

A companheira, porém, meio ajoelhada junto a uma das paredes, nem parecia ouvir os comentários do amigo. Seus dois leques coloridos estavam concentrados em uma pintura misteriosa, em que mal haviam reparado até aquele momento.

Sinuhe, cada vez mais aflito, continuava falando sozinho, tateando com frenesi as geladas pedras das fileiras, pedras talhadas e ajustadas de forma impecável. De repente, diante de tudo aquilo, teve a sensação de que haviam caído em uma armadilha...

Entretanto, preferiu silenciar aquele súbito sentimento. Mas, intrigado com o silêncio da companheira, acabou por juntar-se a ela. Aos seus olhos, ocupando boa parte de uma das paredes, aparecia, não uma pintura, mas um relevo delicado, talhado sobre a apertada rede de blocos retangulares. As catorze cores que Nietihw emanava foram passeando de cima para baixo, da esquerda para a direita, revelando ao membro da Escola da Sabedoria uma conhecida amostra da arte milenar egípcia: um disco — símbolo do deus Ra — do qual partiam nove longos raios luminosos, cujas

extremidades eram rematadas por mãos humanas. Após alguns minutos de observação atenta, Sinuhe pediu à filha dá raça azul que focalizasse toda sua luz naquelas mãos. Nietihw atendeu e descobriu, por sua vez, que em cada uma das palmas aparecia lavrada uma pequena letra hebraica.

"..D..A..L..A..M. . .A. . .C. . .H. . .I. . .A. . ." A voz do investigador, quando lia e traduzia os caracteres, propagou-se pelo acanhado recinto pontiagudo, com solene eco.

— "Dalamachia" — repetiu Sinuhe, mergulhado em profundas reflexões.

Mas o insólito criptograma não parava aí. Nietihw baixou os olhos e iluminou, ao pé do ideograma, uma série de hieróglifos. Assim, o "soror", treinado pela Loja secreta na leitura e interpretação da tríplice escritura do Egito — a hieroglífica, a hierática e a demótica —, não tardaria a concluir que aqueles grafismos correspondiam a esta última: as dos iniciados...

Ao terminar a tradução da referida legenda, ante a expectante Nietihw, com uma exclamação de triunfo passou a ler em voz alta:

— Sim, Nietihw. . . Compreendo agora. Escute: "Ó Rá, a língua sagrada ilumina o número do teu olho: chave de Dalamachia."

Parecendo-lhe obscuras aquelas palavras, a mulher pediu-lhe que esclarecesse o sentido delas.

— Alguém (não sei quem) escreveu nesta parede a cifra para entrar em Dalamachia...

— Mas que é Dalamachia? Sinuhe deu de ombros.

— Isso eu não sei... Entretanto, a julgar pelo que nos disse Vana, esse nome deve ter alguma relação com os homens "Pi"... E a única forma de averiguá-lo será pôr em prática o que esconde este relevo.

— E que devemos fazer?

— Observe — apontou — que a língua sagrada em questão só pode ser a hebraica: a que forma a palavra

"Dalamachia".

— Continuo não entendendo... .

— Observe também — continuou Sinuhe com entusiasmo crescente — que cada uma dessas letras hebraicas tem um valor numérico... Pois bem, se somarmos todos e cada um desses valores, que número você crê que se obtém?

Desta vez foi Nietihw quem encolheu os ombros.

— O 6! — explodiu Sinuhe.

— Outra vez o 6... — murmurou com ar preocupado.

— Sim, preste atenção... Não há dúvida...

E Sinuhe, ajoelhando-se diante das nove mãos, entoou a primeira letra — o D —, como se se tratasse de um "mantra":

— Daleth!... o 4...

O eco se propagou pela pequena pirâmide; imediatamente, no centro do disco ou círculo superior destacou-se, intenso, um ponto vermelho.

— Deus meu!... Sinuhe, olhe!

Estupefato, o casal permaneceu por uns segundos com a vista no círculo de pedra. De onde viria aquela luz avermelhada?

Sinuhe, compreendendo que a ponta de cada uma das letras provocava a ativação de alguma mola ou mecanismo secreto no disco, apressou-se a entoar a segunda:

— Aleph!..o 1.

Novo eco confundiu-se com os restos do primeiro e, tal como havia suposto, um segundo ponto vermelho apareceu no símbolo solar.

— Lamed!... o 30.

Tal qual um milagre, assim que ele pronunciou o "L", uma terceira áscua escarlata fulgiu no grande círculo.

— Aleph!.. ..o 1.

— Mem!.. .. o 40.

— Aleph!.. ..o 1.

— Cheth!... o 8.

Ao cantar o "CH", um sétimo ponto — também tirante a vermelho — abriu-se no disco e Nietihw, que iluminava sempre a parte superior do relevo com seus arco-íris, sussurrou, enquanto se aferrava, medrosa, ao braço de um Sinuhe exultante:

— Não continue!

Ele, porém, fazendo ouvidos moucos às cautelosas palavras da mulher, entoou a penúltima letra:

— Yod!... o 10.

No centro do círculo, os oito pontos compunham já a figura de um "6", de vivíssimo escarlate. Sinuhe, ao vê-lo, repetiu vitorioso a legenda que acompanhava o ideograma:

— "Só a língua sagrada ilumina o número de teu olho: chave de Dalamachia".

Antes, porém, que o investigador chegasse a cantar o último

"A", uma corrente gelada soprada do escotilhão levou-os a mirar para o alto...

Os feixes multicoloridos dos olhos de Nietihw iluminaram então uma figura quadrangular. Estava suspensa a pouca distância acima da boca — também quadrada — por que haviam penetrado no interior do barco. E o par, intuindo novos e graves acontecimentos, apressou-se a se colocar na vertical do escotilhão.

Nesses precisos momentos, enquanto observavam como aquela espécie de lousa se precipitava para o truncado vértice da pirâmide, Sinuhe voltou a experimentar a angustiada sensação de que haviam caído em uma armadilha. O estalo da peça ao encaixar-se na escotilha, tampando-a, foi a trágica confirmação.

— Oh! Mas não!.. . Fomos apanhados!

Nietihw, trêmula, aferrou-se novamente a Sinuhe, implorando-lhe que fizesse alguma coisa. Mas havia nele tanto medo quanto na amiga. Apesar do vento gelado que precedera o "sepultamento", o rosto dele suava copiosamente.

Foram necessários alguns minutos, aliás intermináveis, para que, superando o terror, conseguisse reagir.

Agora aparentando calma, pediu à companheira que iluminasse outra vez os muros oblíquos da pirâmide.

Nietihw o fez entre soluços. Ele, ante a perplexidade da filha da raça azul, dedicou-se a contar as sucessivas fileiras de pedras que armavam a parede.

Concluída a contagem, dirigiu-se à parede contígua, repetindo a operação com um mutismo irritante.

Ao terminar, iluminou-se-lhe o rosto. Nietihw soube então que seu enigmático amigo descobrira alguma coisa. Mas ele, dominado pela incerteza, preferiu guardar silêncio e esperar.

Contou igualmente as fileiras de pedras do terceiro e do quarto muros; então, satisfeita a curiosidade, bateu palmas, exclamando com um fio de esperança:

— Nietihw, creio que acertei!.. Ela o mirou, ansiosa.

— Cada uma dessas paredes — explicou o "soror" — consta de vinte e três carreiras ou filas de blocos de pedra. E as quatro,

como você pode ver, rematam a cúspide de uma pirâmide... Não lhe diz nada tudo isso?

Nietihw refletiu:

— A cúspide de uma pirâmide? Vinte e três carreiras de pedra?...

Sinuhe não chegou a captar o trejeito de impotência na fisionomia da amiga. Absorto em suas meditações, voltara para um dos muros, tentando calcular a altura de vários daqueles silhares.

— Exato! — comentou consigo mesmo —. Onze décimos de pés! . . . Agora só resta uma última comprovação.

E na frente dos olhos atônitos de Nietihw desandou a caminhar — de Norte- a Sul, de Este a Oeste —

pela plataforma quadrada que constituía o piso da pirâmide.

— Não há dúvida. Cada lado deste quadrado soma um pouco mais de vinte e um passos: a famosa unidade linear do antigo Egito. Isto é, tendo-se em conta que cada um desses pés "egípcios" equivale a 0,5432 metros. . . sim, pouco mais ou menos a metade. .. Isso significa uns onze metros.

Nietihw, consumida pela impaciência e aterrorizada pela idéia daquele sepultamento em vida, explodiu:

— Não estou entendendo nada, Sinuhe! Que é que você pretende? Como é que vamos escapar desta armadilha?

— Não perca a calma... Se não me engano, nós nos encontramos na parte superior da Grande Pirâmide de Quéops...

A mulher, temendo que aquela série de acontecimentos tivesse transtornado a mente do companheiro, tomou-lhe as mãos entre as suas e, iluminando o rosto de Sinuhe com seus arco-íris, interrogou-o, sem poder dissimular sua preocupação:

— Você está bem?

Sinuhe compreendeu e, esboçando um sorriso, replicou:

— Todo o bem que esta loucura me pode permitir. Acompanhando as dúvidas lógicas de Nietihw, narrou-lhe detalhadamente tudo quando averiguara:

— Você sabe que, na atualidade. . . quer dizer, nesta "atualidade" a que pertencíamos antes de "saltar"

para este estranho "mundo", a famosa Grande Pirâmide do rei Quéops encontra-se ou encontrava-se trancada.

A filha da raça azul assentiu. Ela, tanto quanto Sinuhe, sabia que o cimo da pirâmide fora mutilado há séculos; provavelmente no século IX, na época do califa Al-Mamum, que foi quem ordenou o desmantelamento dos blocos de

pedras que revestiam a construção.

— Pois bem, segundo os egiptólogos, em princípio a Grande Pirâmide estaria composta de 226 carreiras de blocos. Nessa "atualidade" ou "tempo" ou "mundo" de que procedemos, a tumba de Quéops só tem 203

carreiras. Faltam, portanto, 23...

Sinuhe mostrou então os quatro muros que os encarceravam, declarando:

— Por acaso, este arremate piramidal tem as mesmas carreiras e dimensões que a cúspide arrebatada à Grande Pirâmide: vinte e um pés e pouco em sua base ou, se você preferir, onze metros e meio e um pouco mais de treze pés de altura.

— Não seria o caso de um erro ou de uma coincidência? Sinuhe tornou a sorrir. Como membro da Loja secreta da

Sabedoria, ele fora instruído na chamada "Mística dos Números", praticada sistematicamente pelos egípcios e, em especial, pelos construtores de pirâmides.

— Você não ignora que a mística do número (autêntica religião para os egípcios) exigia deles que toda quantidade, qualquer que fosse a sua natureza, devia refletir o

simbolismo da Justeza. Esta "Justa Medida", por seu turno, era o símbolo da virtude humana. E uma das mais significativas manifestações dessa Justeza era constituída pelos chamados triângulos retângulos sagrados. Os egípcios os utilizaram em todas as suas construções importantes; a Grande Pirâmide não foi uma exceção. Em meus estudos sobre essa Maravilha pude constatar como, a partir da carreira 203 (em que nos encontramos neste instante), unicamente a 226

equivale quantitativamente ao diâmetro potencial de uma circunferência de 709,9999 de comprimento, cuja fração infinitesimal faz com que sua leitura virtual seja de 710 inteiros, convertendo-se, com seu diâmetro de 226 inteiros na mais perfeita circunferência, símbolo, como lhe digo, dessa "Justa Medida" . . . e perfeito testemunho do conhecimento que tinham seus construtores da razão existente entre o diâmetro e sua circunferência.

"Por outro lado, uma dessas medidas que acabo de verificar (sete metros e pouco de altura) equivale à vigésima parte do volume da Pirâmide, de 270 pés ou 146,6 metros de altura...

Sinuhe percebeu que Nietihw mal podia seguir — e muito menos compreender — as explicações matemáticas que ele lhe estava transmitindo. E resumindo "sua" descoberta, concluiu:

— O que quero dizer-lhe é que só a Grande Pirâmide de Quéops reúne ou reunia as medidas concretas a que me estou referindo. Conseqüentemente, e não me pergunte como nem por quê, estamos prisioneiros no mais alto dela.

Nietihw não teve tempo para formular a próxima e mais importante pergunta: como escapar daquela angustiante clausura? As medições de Sinuhe tinham interrompido as sucessivas invocações das letras sagradas e isso, à vista do que acabava de brotar no cabalístico relevo, poderia precipitar os acontecimentos...

Oito das nove mãos humanas que arrematavam os raios luminosos expedidos pelo disco ou símbolo solar começavam a recobrar vida. Nietihw apercebeu-se e, apavorada, mostrava o relevo enquanto o iluminava com seus feixes coloridos. O casal, mudo e paralisado, ficou observando aqueles dedos de pedra que se contraíam e se articulavam, esforçando-se para se desprender do muro. Só a última mão — a que na palma trazia o "A" que completava a palavra "DALAMACHIA" — continuava mantendo o primitivo e pétreo aspecto.

De repente, a primeira das mãos fechou-se violentamente, esmagando a letra "D". A filha da raça azul focalizou seus arco-íris naquelas garras, comprovando, estarecida, que as afiladas falanges se tingiam de negro. No mesmo instante,

com sinistro estalido, a garra partiu-se à altura do punho, caindo no lajeado.

— As "golem"!

Nietihw e Sinuhe retrocederam para o centro da pirâmide, enquanto as outras mãos, convulsivas e serpeantes, cerravam-se, pulverizando cada uma das letras alojadas nas respectivas palmas. E, uma após outra, tal como a primeira, desprendiam-se do relevo, caindo sobre o piso e avançando, lenta e ameaçadoramente, na direção dos "iuranchianos".

— Sinuhe! Que faremos?

O primeiro impulso do homem foi lançar mão de sua flecha de gelo. Antes, porém, de utilizar-se da *Samej*, entoou a última das letras sagradas:

— Aleph!. ..o 1.

O eco do novo "mantra" reboou enlouquecido pelas paredes da cúspide daquela que Sinuhe supunha ser a Grande Pirâmide de Quéops. No mesmo instante apareceu um nono e derradeiro ponto escarlata, configurando um "6" definitivo no centro do disco do agora mutilado alto-relevo.

A partir de então, tudo se precipitou. As "golem", como se intuíssem que suas vítimas fossem escapar novamente,

arquearam os enegrecidos dedos, aparentemente dispostas a saltar, como felinos, sobre o casal.

Entretanto, como digo, os acontecimentos iriam atropelar-se uns aos outros...

Os nove pequenos círculos que emitiam a luz avermelhada abandonaram rapidamente sua forma em "6"

e, adotando posição horizontal, converteram-se em um "olho" amendoado.

— Olhe, Nietihw! — exclamou Sinuhe, convencido de que aquele tinha de ser o "olho" a que se referia a misteriosa inscrição.

Do centro do círculo de pedra o "olho" começou a pestanejar. A cada pestanejo, do "olho" de Ra foram expulsos milhares de flocos brancos e luminosos, iguais aos "ibos" que eles viram ascender da "areia" da clareira. Em segundos, tudo — incluindo paredes e pavimento da pirâmide — ficou coberto pelas torrentes dos corpúsculos emitidas. E antes que as garras, também banhadas pelos "ibos", chegassem a reagir, estes —

os "ibos" — cristalizaram-se, convertendo-se em incontáveis e minúsculos espelhos triangulares.

Somente os corpos de Sinuhe e de Nietihw ficaram livres da transformação.

As "golem" — atarantadas — suspenderam o ataque iminente. Aquela constelação de espelhos começara a refletir as nevadas e reluzentes figuras dos humanos em milhares de pontos opostos, incluindo as superfícies abruptas das garras. E as catorze cores que partiam dos olhos de Nietihw, refletidas agora no mosaico de espelhos compostos por cada uma das 1 185 pedras retangulares que formavam as quatro paredes, assim como no lajeado do pavimento e ainda nas igualmente espelhantes mãos, encheram o recinto com mais de cem mil faixas multicoloridas que se entrecruzavam e de novo se refletiam, tecendo uma diabólica teia de aranha.

Entretanto, passados os primeiros momentos de confusão, várias das "golem" saltaram para o centro da pirâmide. E suas curvas das unhas fizeram dos rostos de Sinuhe e de Nietihw seus alvos.

As garras, comprovando que seu ataque dera certo, avançaram com fúria contra o casal. Muitas "golem"

estrangularam o pescoço dos "iuranchianos", enquanto outras, sedentas de sangue, disparavam os dedos sobre os olhos deles, cravando-os ali como ganchos.

Ao ter Nietihw perfurados os seus globos oculares, os arco-

íris se extinguiram e, com eles, o labirinto multicolorido que inundava a pirâmide. Apenas os milhões de flocos brancos que cobriam as hieráticas figuras de Sinuhe e da filha da raça azul continuaram cintilando na escuridão. Quase simultaneamente os imóveis corpos do casal começaram a desmoronar.

Como se fossem de fato estátuas de areia, aquelas "esfinges" vieram abaixo, arrastando as "golem" em sua desintegração.

Coléricas, as garras foram emergindo do meio dos luminosos montes de "ibos" a que estavam reduzidos os corpos de Nietihw e do seu companheiro. Mas, quando as amputadas e espelhantes mãos conseguiram desembaraçar-se dos refulgentes grãos, outro incrível acontecimento as esperava: obcecadas pelo instinto assassino, as "golem" não prestaram atenção ao disco de pedra nem ao seu enigmático "olho" a pestanejar...

Este, apartando-se do muro, sobrevoou o lugar, detendo-se sobre as garras. Seu pestanejar fez-se então mais e mais rápido, e os milhões de "ibos" foram sendo absorvidos para o alto, penetrando em torvelinho pela pupila escarlate. E o "olho" de Ra multiplicou seu fulgor, até converter-se em uma esfera avermelhada e palpitante. As "golem" correram a encolher-se em um dos ângulos da pirâmide e, de repente, a

pequena nuvem esférica começou a gotejar, salpicando de vermelho o grande espelho que revestia o enlousado. Duas daquelas gotas aumentaram de tamanho e o resto, impelido por um poder oculto, distribuiu-se à sua volta, compondo um entrelaçado sanguinolento que foi inchando sobre o pavimento polido.

Aquilo que fora o "olho" de Ra acabou por dissolver-se e, quando a última gota escarlate se precipitou sobre a monstruosa forma que crescia sempre sobre o solo da pirâmide, rachou-se a totalidade dos espelhos.

Com um bramido, aquela figura decolou para o alto, iluminando a peça com dois enormes olhos circulares injetados de sangue: era *Samej*, a serpente!

Seu corpo truculento continuou emergindo de entre as lousas, enquanto a cabeça girava e balanceava no ar, em busca de "alguma coisa"... Finalmente, o ofídio descobriu as "golem". Arqueou o ventre e, abrindo as fauces, exalou espesso jorro de fumaça que envolveu as garras.

Cumprida a missão, o corpo de *Samej* retrocedeu, fundindo-se e desaparecendo pelo mesmo orifício de onde viera. Quando seus imensos olhos circulares desapareceram definitivamente sob as lousas, elas se fecharam sobre a serpente, e as trevas voltaram a reinar na pirâmide.

Entretanto, que teria acontecido com as "golem"? E, sobretudo, que teria sido de Sinuhe e da filha da raça azul?

Quando Sinuhe voltou a si, seus olhos estavam afetadas pelos intensos leques luminosos que emanavam de Nietihw. A filha da raça azul, ajoelhada, mantinha entre suas mãos a cabeça do amigo. — Oh, Deus meu!

— suspirou aliviada —. Até que enfim! O membro da Escola da Sabedoria afastou a vista do rosto da companheira, esforçando-se por se lembrar do que lhes sucedera. Mas, por mais que brigasse com a memória, mal lhe ocorreram ao cérebro algumas recordações, tão enevoadas quanto desconexas. Via, isso sim, aquela "chuva" de flocos muito brancos que acabaria por envolvê-los e mais os milhares de espelhos no interior da pirâmide. A partir daí, tudo se esfumava.

Interrogou Nietihw. Ela fez sinal negativo. Que lhes teria acontecido? Onde estavam?

Com movimentos inseguros, ajudado pela amiga, conseguiu pôr-se em pé. Os arco-íris projetados por Nietihw percorreram o ambiente e os dois compreenderam que se achavam em um quarto de forma cúbica, de uns dois metros quadrados, construído com sólidos blocos de granito. Em um dos lados abria-se um túnel, de boca estreita e

retangular. Aproximaram-se dele de cócoras, mas só distinguiram um longo e escuro corredor descendente, de apenas um metro de altura por oitenta centímetros de largura.

O casal, movido pelo mesmo temor, preferiu evitar, no momento, aventurar-se por aquele lugar tenebroso. Sinuhe bateu as paredes ásperas da acanhada sala onde haviam aparecido. Por mais que quebrasse a cabeça, não atinava como nem por que teriam chegado até ali. Nietihw foi iluminando ponto por ponto cada uma das áreas e ângulos que o companheiro solicitava e, finalmente, o "soror" da Grande Loja guardou silêncio, mergulhando em uma de suas costumeiras e herméticas reflexões. Para ele, aquela inexplicável mudança de cenário tinha de ser obra de *Ra*. Mas não era este o pensamento que o atormentava.

Se os seus cálculos não estavam errados, aquela câmara e o túnel que dela partia teriam necessariamente estreita relação com o interior da Grande Pirâmide de Quéops. E, embora tentasse dissimulá-lo, um estremecimento o sacudiu da cabeça aos pés.

— Que há com você? — interrogou Nietihw.

Sinuhe entretanto, ao menos naquele momento, não queria inquietar a amiga com suas lucubrações. Ele estudara a

estrutura interna da Grande Pirâmide e sabia da diabólica rede de corredores, câmaras e poços traçada por seus construtores, e a dificuldade que redundaria evadir-se dali. Outros muitos antes deles —

especialmente saqueadores de tesouros — o haviam tentado e a maioria, não achando a saída, havia enlouquecido e morrido no labirinto. Mas, provavelmente, estaria enganado.

..

— Nada, não há nada comigo. Talvez o frio.. .

Efetivamente, pela boca do túnel vinha uma ligeira corrente de ar fresco. E o investigador, mostrando aquela entrada, animou Nietihw a prosseguir na busca dos homens "Pi". Na realidade, não tinham alternativa.

Aquela câmara, com seus blocos de pedra imensos e desnudos, começava a parecer-lhes angustiada e asfixiante.

O casal se dispôs a penetrar naquele inquietante e tenebroso passadiço. Antes, a pedido de Sinuhe, fizeram um inventário do que ainda lhes restava. Inexplicavelmente o arco de gelo, a aljava e a solitária seta haviam desaparecido. Ao contrário, a "cadeia" com os sessenta primeiros dígitos do número "pi" continuava cingindo a cintura de Sinuhe.

Quanto a Nietihw, sua única bagagem era o pequeno frasco

de vidro com os "ibos".

Sinuhe, pressentindo graves e iminentes dificuldades, tornou a sentir falta do seu "amigo" desaparecido: o disco...

A sorte, uma vez mais, estava lançada. E, tomando a Nietihw pela mão, enveredaram os dois pelo silencioso e negro corredor...

O angusto do túnel os obrigou a caminhar curvados, o queixo colado aos joelhos. Sinuhe, roçando com o corpo a parede esquerda, situou-se um pouco à frente, enquanto Nietihw, agarrada à sua mão direita, procurava iluminar o corredor resvaladiço e a cada passo mais inclinado.

Entretanto, os fachos multicoloridos que lhe brotavam dos olhos não chegavam a localizar o fundo da passagem. E um temor crescente foi apoderando-se deles. Que os aguardava ao final do túnel?

Nos primeiros metros, somente o arrastar rítmico dos pés sobre o piso tosco e suas respirações, cada vez mais cansadas, romperam aquele silêncio espesso, tão impenetrável como os muros entre os quais deslizavam.

Sinuhe, diante da progressiva inclinação do passadiço — que naquele ponto devia oscilar pelos vinte e cinco graus — parou. Era melhor ter cuidado disse-o a Nietihw. Ela, buscando mais estabilidade, deixou livre a mão direita do

companheiro. E, amparando-se nas paredes laterais com as respectivas palmas, tratou de frear a inércia imposta pela ladeira.

De repente, alguma coisa chamou a atenção do investigador. Seus olhos tinham ficado plantados no teto da passagem. A filha da raça azul concentrou o olhar naquele ponto e as catorze cores iluminaram três séries de hieróglifos, toscamente pintados em vermelho.

Após breve observação, o "soror" constatou tratar-se de marcas, provavelmente feitas pelos canteiros que haviam trabalhado na construção e que, em escritura oval e tipicamente egípcia, reproduzia os nomes:

"Khufu-Knum Khufu-Knum".

— Meu Deus!

A exclamação de Sinuhe, carregada de maus presságios, só serviu para aumentar a inquietação da companheira. E ela, no afã de descobrir a razão do lamento, deixou para trás o amigo, caminhando precipitadamente para a zona sob as inscrições.

Sinuhe não teve tempo de detê-la. E antes que pudesse evitá-lo, os pés da filha da raça azul resvalaram e ela foi precipitar-se de bruços no fundo do túnel.

— Sinuhe... Socorro!

O grito propagou-se qual tiro de canhão pelo estreito corredor, gelando o sangue do amigo, que bem depressa a perdeu de vista.

Por alguns segundos, o eco lamentoso confundiu-se com o contínuo e cada vez mais apagado som do roçar do corpo na ladeira resvaladiça-. Em seguida, depois de intermináveis instantes, ele tornou a escutar um segundo grito. Desta vez, mais agudo e terrível. Subitamente, quebrou-se a voz. E o silêncio invadiu tudo.

Às cegas, o coração apertado, Sinuhe lançou-se passadiço abaixo. Mas, como aconteceu com Nietihw, após três ou quatro passos perdeu o equilíbrio e rolou pelo tobogã.

Finalmente, após inacabável série de golpes contra os muros, foi dar com seus doloridos ossos em um patamar, também de pedra. Aturdido, levantou-se a custo mas, ao descobrir o que se lhe levantava à frente, por pouco não caiu desmaiado.

Aquele túnel descendente o conduziu a uma segunda câmara bastante mais espaçosa que a primeira. Em uma de suas paredes — exatamente aquela à frente da saída do passadiço — o corpo de Nietihw, de costas para ele, Sinuhe, achava-se firmemente abraçado por um ser que, nos

primeiros momentos, o investigador, aterrado, pensou ser um esqueleto.

— Jesus Cristo!

Foi aproximando-se cautelosamente. Os arco-íris de sua companheira imóvel, focando a parede, emprestavam ao recinto uma medíocre claridade. Essa aparente contradição o confundiu mais ainda.

Nietihw, em pé, o corpo colado à parede, permanecia na mais absoluta imobilidade, firmemente segura por aqueles longuíssimos braços que lhe cingiam as costas. "Se está desmaiada" — refletiu — "como é possível que seus olhos continuem emanando luz?" A resposta chegaria quando Sinuhe, em atitude defensiva, colocou-se em frente ao costado direito da desventurada amiga.

— Deus do céu!

Os fachos multicoloridos lhe revelaram, então, a verdadeira natureza do ente que ele confundira com um esqueleto: a filha da raça azul achava-se agarrada por braços mumificados... que brotavam da pedra. Aquelas pergaminhosas extremidades superiores e mais um crânio — igualmente mumificado e que também emergia do muro, acima da cabeça de Nietihw — compunham a repulsiva criatura que mantinha em tenazes a sua companheira.

— Como é possível? — murmurou, ao mesmo tempo em que seu punho esmurrava a pedra —. Isto é puro granito!.. .

Sua primeira impressão, e lógica, foi que os restos daquela múmia teriam sido sepultados no interior do sólido e imenso muro. Mas, como?

Uma vez ciente da macabra natureza daqueles macérrimos braços, mal cobertos por sujos farrapos de pano, sua atenção toda se concentrou em Nietihw..Efetivamente, respirava. As palmas das mãos achavam-se pregadas à parede, como se tentasse rechaçar aquele abraço sinistro. A cabeça, inexplicavelmente reta e inclinada para trás, apontava para o crânio que sobressaía mais acima.

Os olhos, esgazeados, refletiam tal espanto, que Sinuhe temeu pela vida dela. Era na realidade aquele pânico insuperável — mais que o abraço de ferro — o que a mantinha paralisada.

Guiado pelo instinto, Sinuhe agarrou um dos braços, puxando-o com todas as forças. O cepo entretanto não cedeu um único milímetro. Foi tentar de outro ângulo. Inutilmente. Aquele punhado de tendões e músculos tinha a mesma consistência daquele granito a que se achava unido. Então o membro da Escola da Sabedoria, sufocado, deixou-se desmoronar junto à parede, sem saber onde achar a

solução. Se não conseguisse liberar Nietihw, nem ela nem ele teriam a menor oportunidade de sobreviver naquele tenebroso subterrâneo.

Reagindo contra a desesperação, desencostou-se da parede e começou. minucioso exame do recinto. Mas os frios e desnudos muros não lhe esclareceram grande coisa. Tratava-se — e isso parecia evidente — de uma das múltiplas câmaras ou antecâmaras existentes na Grande Pirâmide. A malfadada inscrição descoberta no teto do passadiço descendente, com o nome de "Khufu" — verdadeira identidade do rei Quéops —, o convencera de que se encontravam no interior dela. E, conhecendo como conhecia a tendência dos construtores para elaborar todo tipo de armadilha que um dia confundisse e frustrasse possíveis intrusos ou violadores de túmulos, chegou à conclusão de que sua companheira fora vítima da fatalidade e, claro, de um daqueles ardis. Pode ser que essas reflexões, e mais a dramática realidade da filha da raça azul, prisioneira daquele monstro parido de um bloco de granito, tivessem acabado por arruinar o ânimo de quem quer que fosse. Mas Sinuhe sabia também que a maior parte das arapucas da Grande Pirâmide dispunham de vários e secretos dispositivos capazes de anular seus efeitos mortais, sempre e quando fossem descobertos a tempo...

E esta — conjecturava Sinuhe — não tinha por que ser uma

exceção. Entretanto, onde se esconderia essa hipotética e misteriosa mola que permitiria a liberação de Nietihw?

Desalentado, ele voltou para junto da parede em que estava ainda a amiga. Tornou a alisar a pedra retangular de onde surgiam a cabeça e os braços da múmia, atento a qualquer resquício ou sinal. Em vão.

Aquela mola granítica, solidamente encaixada, não revelava nenhuma pista.

Deixou-se cair sentado no chão, literalmente arrasado. Encostou-se no bloco fatídico. À sua direita, o corpo de Nietihw, estático e na ponta dos pés. E foi esse detalhe, que até ali não lhe chamara a atenção, que o conduziria a outra descoberta decisiva. Quando tinha os olhos fixos nos pés da amiga, percebeu que a extremidade inferior da túnica oscilava brandamente. A mal perceptível oscilação do tecido fez com que reagisse.

— Como não me dei conta antes?

Maldizendo a má estrela, buscou a borda do muro que parecia enfundar aquela parte da túnica de Nietihw.

Colocou as mãos a quatro ou cinco centímetros da rocha e, com efeito, detectou uma finíssima corrente de ar.

Alvorçado, acompanhou com os dedos a trajetória da invisível fissura, comprovando que se estendia até um quarto do solo e a toda a largura do muro. Se não estivesse enganado, ali talvez encontrasse a chave.

Retrocedeu uns passos, postando-se na direção de Nietihw. Observou a parede e, depois de breve meditação, convenceu-se de que se encontrava diante de uma possível porta basculante, bem típica do engenho egípcio. "Sendo assim, talvez a rotação da lousa provoque a abertura dos braços... Mas como fazê-

lo?"

"O único dispositivo capaz de mover este granito só pode estar do outro lado da parede. . . A não ser que..."

Acabava de assomar-lhe ao cérebro uma idéia feliz. Em seus anos de estudo e preparatório no universo da Loja da Sabedoria, tivera a oportunidade de comprovar como algumas dessas portas secretas podiam abrir-se, graças a um mecanismo escondido em algumas das múmias que faziam as vezes de gênios-guardiães. Tal dispositivo tinha, além disso, um caráter de amuleto para a múmia que o encerrava.

Algumas dessas "molas-amuletos" em forma de placas linguais, tinham sido vistas por ele em múmias do Royal Scottich Museum de Edimburgo, do Gulbekian de Durham,

na Inglaterra, e do Rijksmuseum van Oudheden de Leiden.

Que podia perder experimentando?

Decidido, dirigiu-se até o crânio que emergia da rocha. Mas a cabeça estava a mais de dois metros do solo, e Sinuhe, com sua estatura mediana, viu-se na irritante contingência de roçar não mais que o pontiagudo queixo do cadáver. Só havia uma solução. Decidido, saltou sobre os braços que aprisionavam Nietihw, encarando assim a caveira.

A boca, tal como supusera, estava entreaberta, ostentando uma fileira amarela de dentes. Sobre o lábio inferior, à altura dos incisivos e caninos, descobriu uma pequena lâmina de forma retangular e arqueada que se perdia no interior.

Sinuhe agarrou a extremidade da lingüeta e, com o coração acelerado, puxou-a.

Os efeitos do puxão foram mais rápidos e bruscos do que podia imaginar o voluntarioso Sinuhe. A lâmina metálica — provavelmente de ouro — cedeu coisa de dez centímetros e, ato contínuo, movidos por um mecanismo oculto, os braços da múmia abriram-se de golpe. Sinuhe, que se havia instalado de cócoras sobre os resistentes antebraços, não teve nem tempo de saltar. Seu próprio impulso, ao puxar a mola-amuleto e a automática abertura dos braços, provocou-lhe uma nova queda que o estatelou no duro enlousado.

Do solo, assistiu a um não menos fulminante girar da parede de pedra. Esta teve um movimento de báscula sobre um artifício oculto no centro do retângulo granítico — presumivelmente ao longo do eixo menor — fazendo com que a parte inferior da parede se elevasse em direção ao corpo recentemente liberado de Nietihw. A rocha, impossível de ser parada, empurrou a filha da raça azul, deslocando-a e derrubando-a muito perto de Sinuhe. E ela quedou estendida no chão, imóvel, com seus fchos multi-coloridos a iluminar o teto da câmara.

E, antes que o nosso homem pudesse reagir, a porta secreta completou a volta determinada por aquele mecanismo secreto, fechando-se de novo.

Sinuhe, contente com a liberação da amiga, não prestou maior atenção ao fato de a folha de pedra ter voltado a encaixar-se, fechando-lhes novamente a passagem. Ajoelhado junto a Nietihw, tentou chamá-la a si. Depois de muito rode-la, viu-se obrigado a aplicar-lhe duas sonoras bofetadas. Finalmente, os olhos dela pestanejaram e se lhe foi extinguindo a extrema palidez do rosto.

— Nietihw!

Um tanto recuperada, ela se soergueu; passeou o olhar ao seu redor e, ao descobrir o companheiro, lançou-se aos seus

braços, vítima de um ataque de nervos.

— Fique tranqüila!... O pior já passou...

Sinuhe evitou qualquer referência à queda no túnel e ao posterior e trágico encontro com os braços da múmia.

Depois de secar-lhe as lágrimas, suplicou-lhe que dominasse o medo.

— Agora, o importante é sair deste maldito lugar. ..

Pela primeira vez, desde que voltou a si, a filha da raça azul dirigiu o olhar em direção à parede onde ficara presa; após uma breve pausa, perguntou:

— Onde estamos?

Sinuhe recordou-lhe os hieróglifos em pintura vermelha descobertos no teto do corredor inclinado, fazendo-lhe ver que, se seus cálculos procediam, encontravam-se em um dos tobogãs que cruzavam, talvez, o maciço central da Grande Pirâmide de Khufu ou Queops e que, de acordo com seus conhecimentos, poderia conduzi-los bem até à câmara do Rei ou da Rainha, ou à parte mais profunda da pirâmide: à tenebrosa câmara "subterrânea". Sinuhe, no entanto, não fez menção aos incontáveis perigos que, como no caso do abraço mortal da múmia, poderia reservar-lhes a passagem por aqueles corredores...

— E esta — finalizou o "soror", mostrando as paredes que os rodeavam — tem de ser uma das câmaras-

"armadilha" que, por sua vez, nos separaria do caminho que nos levaria até os homens "Pi" . . .

— Os homens "Pi"!... — exclamou muito cética —. Você crê, de verdade, que chegaremos até eles?...

— Tenho certeza — fingiu Sinuhe —. Não se esqueça de que ainda tenho a "cadeia" . . .

Entretanto, interromperam-se as palavras do investigador. Em meio à penumbra, "algo" começara a brilhar. . .

Voltaram-se para a lousa de granito que acabava de fazer o movimento basculante. No centro, começara a cintilar um pequeno objeto. . .

A mulher quis aproximar-se, mas o companheiro, desconfiado daquela aparição tão súbita, impediu-a e a reteve ao seu lado. Nietihw banhou então as paredes todas com seus arco-íris e os dois, maravilhados, observaram como, sobre a áspera superfície da pedra e, acima do refulgente objeto, ia aparecendo uma série de hieróglifos.

Ao incidir sobre a minúscula e fulgurante peça, os leques luminosos que partiam de Nietihw sofreram refração

instantânea, propagando-se em todas as direções. E aquele objeto manifestou-se ante os

"iuranchianos" em toda a sua beleza.

Nietihw, esquecida da prudente atitude do companheiro, deu um passo em direção ao muro, a fim de examinar de perto a jóia. Pois disso se tratava. Diante do casal, alojada em um nicho de uns dez centímetros quadrados, surgira uma gema prodigiosa, formada por doze perfeitas e transparentes faces. Do núcleo do diamante partia uma luz branca ofuscante que irradiava para cada um dos pentágonos regulares que delimitavam o valioso dodecaedro.

Sinuhe imitou a companheira, e pôde comprovar como a pedra preciosa flutuava fluida no oco praticado na rocha. E, após atenta observação, levantou a vista, tentando decifrar aquele novo ideograma.

Em voz alta, o membro da Loja foi traduzindo os caracteres: "Estrangeiro: estás diante da primeira porta. . ." Sinuhe hesitou. Alguns dos símbolos, apesar de sua recente e misteriosa aparição sobre a pedra, estavam danificados, como se tivessem sido traçados há centenas ou milênios de anos. Nietihw concentrou toda a sua luz sobre os hieróglifos e os dois descobriram, então, o motivo daquelas imperfeições: da mesma forma que se desenharam nas

pedras — como eles testemunharam — assim também haviam começado a auto-eliminar-se. Por conseguinte, não havia tempo a perder. E Sinuhe percorreu a legenda a toda velocidade:

— "... que conduz a Dalamachia. . . EBEN é meu nome." Nem bem haviam terminado aquela única e precipitada leitura, e as três fileiras hieroglíficas apagaram-se. E diante do casal ficou apenas o tesouro deslumbrante. . .

A filha da raça azul repetiu as palavras que o amigo acabara de pronunciar e, voltando-se para ele, quis saber do significado.

"Estrangeiro: estás diante da primeira porta que conduz a Dalamachia" — memorizou Sinuhe, em atitude reflexiva —. "EBEN é o meu nome."

— E daí? — insistiu a filha da raça azul.

Mas o investigador não fez mais que encolher os ombros.

— A não ser. . .

— Fale, pelo amor de Deus! — recriminou Nietihw.

— A não ser que esse nome ("Eben") tenha relação com a pedra preciosa que o Zohar ou Livro do Esplendor

menciona; é um dos mais antigos e intrincados textos cabalísticos dos judeus. O Zohar remete para os começos dos tempos uma gema de incalculável valor, à volta da qual a história humana foi somando suas sucessivas intuições do Infinito. Ao explicar a criação do mundo, o texto diz que o Criador, do seu majestoso trono, arrojou a.o abismo uma pedra preciosa. Uma das extremidades do maravilhoso prisma foi mergulhar na escuridão; o outro emergiu do caos. A Tradição dá a esse diamante o nome de "Eben Hashetiaj" e, dizem os cabalistas, sobre essa base estabeleceu-se o mundo. Essa pedra se teria perdido e todas as lendas afirmam que aquele que a possuir | dominará o mundo. . .

Por um momento, conforme ia ele desenvolvendo sua exposição, a filha da raça azul creu descobrir nos olhos do amigo uma chispa que a encheu de inquietude. É que Sinuhe, com a vista cravada no diamante, parecia mergulhado em reflexões insólitas. Finalmente, estendendo as mãos para a gema, sussurrou com voz desconhecida:

— Sim, aquele que a possuir dominará o mundo —. E, agarrando a pedra, retirou-a do nicho.

Nietihw, desconcertada, não soube o que dizer.

— E por que não podemos apoderar-nos dela? — obtemperou o investigador, indo de encontro às inquietudes

que vagavam no ânimo da companheira —. A final de contas, quem está arriscando a vida nesta tresloucada missão? . . .

A filha da raça azul não respondeu. Limitou-se a baixar os olhos, enquanto o amigo acariciava o fulgurante tesouro.

Foram momentos de grande tensão. Desarmada ante a surpreendente cobiça do companheiro, não soube reagir. Inesperadamente, porém, da mesma forma como se havia apoderado da gema, Sinuhe voltou a depositá-la no oco do muro. Nietihw buscou, ansiosa, o olhar do amigo e, quando se cruzaram, comprovou aliviada que se extinguiu aquele violento desejo de posse, tão rápido quanto havia chegado.

Nietihw não fez comentário algum. No entanto, ao contemplar o diamante, diáfano, devolvido ao seu escrínio, compreendeu que aquela oportuna reação de Sinuhe significava uma difícil vitória.

A aguda intuição da filha da raça azul era perfeita.

No momento em que a jóia foi devolvida ao nicho, a luz do diamante se foi tornando mortiça, até ficar reduzida a um remoto cintilar interno. E ante a surpresa dos nossos protagonistas, suas doze faces pentagonais abriram-se, transformando-se em outras tantas pétalas de cristal. No fundo daquela rosa flutuante continuava viva a centelha que fora o "coração" da gema.

Nietihw e Sinuhe entreolharam-se perplexos. E o membro da Ordem da Sabedoria, levado por aquele incurável afã de vasculhar tudo, colou o nariz à delicada e cristalina flor. Em poucos segundos, voltando-se para a amiga expectante, comentou sem dissimular o desconcerto:

— Não pode ser! . . . Veja, Nietihw!

E, com o índice, foi enumerando as arestas que somavam as doze pétalas pentagonais.

— Sessenta! . . . Somam sessenta: o valor numérico de *Samej!* A filha da raça azul não pôde reprimir um calafrio ao ouvir

o nome da serpente. Mas, dominando-se mostrou, por sua vez, o cinturão de números que Sinuhe portava, acrescentando uma observação que havia escapado ao metucioso companheiro:

— Ou o valor do número "pi" se considerarmos tão-só seus cinco primeiros dígitos: 3,1416...

Sinuhe, não muito de acordo com a observação, moveu a cabeça negativamente. A amiga, porém, convencida de que aquela era uma "pista" transparente na busca dos homens "Pi", colocou as duas mãos sob a ligeira e translúcida "rosa" e, com suma delicadeza, retirou-a do nicho. No mesmo

instante, ao contato com a pele, as doze pétalas abriram-se ao máximo e a minúscula e branca luz do seu interior foi aumentando de volume e intensidade, até inundar por completo a concha das mãos de Nietihw.

O que aconteceu em seguida foi tão rápido como um relâmpago: paredes, teto, pavimento da câmara estremeceram como se sacudidos por um violento sismo. Instintivamente, Nietihw protegeu a "rosa" junto ao peito, enquanto o companheiro caía, derrubado pelo forte abalo. A vibração cessou depressa. E o casal, sem alento, assistiu ao desmoronamento da laje de granito que abrigara o valioso diamante. Enquanto as demais paredes não pareciam ter sofrido dano algum, a porta secreta que Sinuhe fizera mover-se como balsa ficou reduzida a um grande monte de pó. Diante dos "iuranchianos" abriu-se um segundo e escuro corredor.

Enquanto Sinuhe ponderava sobre aquele tremor, negando-se a admitir-lhe a origem telúrica, sua companheira retirou a rosa do peito e, abrindo as mãos, contemplou maravilhada como da massa luminosa desprendiam-se, uma a uma, as doze pétalas pentagonais.

Incapazes de articular palavra, Nietihw e Sinuhe contemplavam a beleza daquelas perfeitas formas geométricas a revoar pelo espaço, indo fundir-se umas com

as outras, até compor uma formosa e gigantesca mariposa de cristal, com asas transparentes e articuladas. Boquiaberto, o casal via como o enorme inseto batia as asas, perdendo-se nas trevas do passadiço que acabara de abrir-se ante eles.

Um súbito grito da filha da raça azul fez com que de novo Sinuhe estremecesse.

Nietihw, com seus arco-íris iluminando suas próprias mãos, ficara paralisada. A massa brilhante que mantinha entre as palmas, da qual haviam escapado as doze pétalas de cristal, acabava de perder sua luminosidade. Em seu lugar apareceu um cérebro reduzido, do tamanho aproximado de um punho, mas igualmente transparente.

Atemorizada, ela não conseguira reter o grito. O companheiro precipitou-se em seu socorro e ficou a contemplar, também atônito, a pequena massa cerebral — lembrando a de um ser humano — que palpitava entre os dedos da filha da raça azul. Debaixo da casca, distinguia-se um núcleo avermelhado e brilhante como um rubi.

— Deus meu, Sinuhe! — exclamou desorientada —. Que é isso?

O companheiro, tão desconcertado quanto ela, não soube o que responder.

— Não sei que sentido terá tudo isso — disse o investigador, rompendo assim o silêncio —, mas a verdade é que devemos continuar.

E, apontando para o fundo do passadiço escuro, animou-a a reencetar a caminhada.

O novo túnel, descendente também, embora de menor inclinação, foi muito mais cômodo que o anterior.

O casal, sempre ajudado pelos raios multicoloridos, pôde penetrar nele sem necessidade de abaixar-se. As paredes laterais, agora caiadas de branco, chegavam a quase dois metros de altura. E Nietihw, com o pequeno cérebro entre as mãos, ficou reconfortada quando sentiu o braço amigo sobre seus ombros.

A mente do investigador escaldava ainda com a lembrança do suposto terremoto. Havia "algo" estranho, muito estranho naquele tremor. "Algo" que não conseguia decifrar e que, ao mesmo tempo, fustigava-lhe o coração.. .

Por que não teriam escutado o estrondo que normalmente acompanha tais movimentos sísmicos? Por que a comoção das paredes da câmara teria coincido com o desabrochar das doze pétalas de vidro, naquele instante em que Nietihw teve a iniciativa de tomar a "rosa" entre as mãos?

Por uma fração de tempo os nervos de Sinuhe se relaxaram um pouco, entretidos por aqueles pensamentos. No fundo, o que desejava era esquecer que estava enveredando por aquele corredor tenebroso, ao encontro do desconhecido. . . Por outro lado, a descoberta do novo passadiço o pusera inseguro quanto ao ponto a que se dirigiam. Lembrava-se de que a entrada da pirâmide de Quéops, situada na face norte, tinha um tobogã em declive de 53 pés. Chegados a esse ponto, o túnel deveria ter-se dividido em dois: um ramal que subia em direção ao centro da tumba — onde se achavam as câmaras do Rei e da Rainha — e o outro, que dava no subsolo: na tétrica "câmara subterrânea" . . . Deste passadiço, entretanto, nunca tivera notícia.

"Além do mais" — confabulou — "que garantias temos nós de que a nossa entrada na Grande Pirâmide se teria dado pela entrada principal?"

Como lhe acontecia habitualmente, desde que se vira envolvido naquela aventura, suas meditações foram bruscamente interrompidas. Nietihw focalizara o que parecia ser o fim do túnel. . . — Olha!

A voz da mulher — um sussurro, quase — propagou-se qual um dardo no meio das trevas. Em frente, tenuemente iluminada pelas catorze cores de Nietihw, levantava-se uma mole escura e reluzente, onde se espelhavam dois olhos.

Assustada, a filha da raça azul piscou. Mas a intermitência na semi-escuridão só contribuiu para realçar mais a vivacidade daquele olhar. Depois desses momentos de tensa espera, Sinuhe decidiu-se a avançar. E, lentamente, naquele silêncio que asfixiava, venceu a distância que o separava daquele novo mistério. Uns metros atrás, e a pedido do amigo, Nietihw aguardou expectante.

Ao aproximar-se, ele percebeu que a informe massa negra que lhes fechava a passagem era, na realidade, uma imponente escultura.

Examinou-a com calma, constatando que se encontravam diante de uma esfinge, esplendidamente talhada em um bloco de basalto negro. À diferença da famosa esfinge de Gizé, esta não ostentava aspecto totalmente "humano". A volumosa cabeça — que ocupava quase todo o espaço do túnel — exibia um curvado bico de falcão e, entre os lábios, destacava-se longa e afiada língua bifendida, característica das serpentes. Quanto aos olhos, rasgados como os de uma pantera, tinham sido magistralmente coloridos. Uma envoltura de bronze, fazendo as vezes de pálpebras, cobria o globo, feito por seu turno com um fragmento de quartzo branco raiado de rosa. No centro, representando as pupilas, Sinuhe observou vários pedaços de cristal de rocha. E sob eles, um cravo re-fulgente determinava cada um dos pontos visuais, provocando, à luz dos olhos de Nietihw, uma

irradiação plena de vida. . .

O corpo que sustentava a titânica cabeça — metade homem, metade animal — correspondia ao de um leão sedestre, com duas poderosas patas.

Sinuhe reclamou a presença da amiga e então os dois tributaram toda a atenção às três colunas de hieróglifos talhadas no

torso da majestosa esfinge.

— "Ô Ra" — traduzia o membro da Escola da Sabedoria —, "deste garras ao leão... Dotaste de vôo o pássaro... Puseste a peçonha na boca da cobra. . . Mas, que arma reservaste para o estrangeiro que chegou à tua segunda porta?"

Sinuhe repassou os símbolos.

— Garras ao leão? Vôo ao pássaro? Veneno para a serpente? . . . Que chave encerrará essa inscrição?

Nietihw desviara a vista para o pequeno e cristalino cérebro que guardava entre suas mãos. À medida que se ia aproximando da esfinge, o núcleo cor de granada se ia manifestando mais e mais brilhante, até o ponto de impregnar os hemisférios com sua tonalidade rubi. E agora, junto da escultura, a massa cerebral desencadeara uma série

de palpitações.

A filha da raça azul chamou a atenção do companheiro sobre o intrigante fenômeno.

— Há algo que parece claro — disse Sinuhe, voltando-se para os símbolos lavrados no peito do leão —.

Esse cérebro tem de guardar alguma relação com a esfinge. Mas qual?

— O segredo — retrucou Nietihw — deve esconder-se nessa última frase: "... que arma reservaste para o estrangeiro que chegou à tua segunda porta?"

— Segunda porta? Que segunda porta? Onde está?

Sua companheira não soube o que responder. E juntos, de pé ante a esfinge, caíram em longo silêncio.

Incapaz de resolver o enigma, o investigador logo abandonou suas reflexões, entregando-se à rigorosa inspeção, pormenorizada, de cada uma das partes da escultura. Deslizou os dedos pelas frias patas do leão, na esperança de descobrir, quem sabe, alguma nova mola secreta. Mas foram inúteis as pesquisas. Por último saltou para o alto da gigantesca cabeça.

Nietihw, sem que ela mesma pudesse precisar por quê, continuava obcecada pela última parte do hieróglifo. Sua intuição a levava, inclusive, mais além. "A chave" — repetia-se mentalmente — "tem de estar na palavra "arma" ..."

Inesperadamente, um comentário trivial de Sinuhe, que continuava encarapitado no alto da esfinge, veio clarear a incógnita:

— Aqui há só um pequeno poço — anunciou, apontando para uma pequena e escondida cavidade praticada na própria base da cabeça.

— Um poço? — inquiriu ela em um tom que a Sinuhe pareceu exagerado.

— Sim, mas não vejo que importância. . .

— Que dimensão tem? — perguntou um tanto brusca. Sinuhe começou a compreender que alguma idéia adejava na cabeça da amiga e, submisso, palpou o orifício, deduzindo que naquela cavidade mal entraria um punho cerrado. E assim o transmitiu a Nietihw.

— Um punho? — clamou a filha da raça azul com ar triunfante —. Será que você não entende?

Na fisionomia de Sinuhe, esmaltada pelos fâcos coloridos

dos olhos da amiga, esboçou-se uma expressão interrogativa.

— Lembre-se do crânio de pedra da Esfinge de Gizé. Não dispunha também de um poço... e no mesmo lugar?

O investigador assentiu.

— E agora diga-me: se as "armas" do leão, do pássaro e da cobra são suas garras, vôo e veneno, respectivamente, qual será a do homem?

Os dois voltaram seus olhares para o cérebro palpitante.

— Sim — sentenciou Nietihw, levantando as mãos em direção à frente da esfinge —, a razão!

O investigador desceu para junto da sagaz companheira e, sem perda de tempo, ajudou-a a chegar até o lugar que ele acabara de abandonar. Uma vez ali, Nietihw, com extremo cuidado, passou a depositar o cérebro fulgente no reduzido orifício. O acoplamento foi matemático. E a filha da raça azul, sorridente, contemplou entusiasmada como a enigmática massa acelerava suas pulsações. Mas, subitamente, assim como se a implantação daquele cérebro tivesse disparado algum mecanismo oculto, fecharam-se as pálpebras de cobre da esfinge. E uma nova vibração fez oscilar o passadiço...

— Nietihw!... Cuidado!

Sinuhe não pôde sequer estender a mão para ajudar a companheira. Os muros e o teto oscilaram violentamente — como que sacudidos por violenta e ciclópica onda cósmica — e a boca da esfinge, diante do espanto do investigador, abriu-se de par em par.

— Jesus Cristo!

Aturdido com a imensa bocarra, Sinuhe, em um movimento reflexo, não teve tempo senão para proteger o rosto com os braços. Da goela da esfinge — que teria permitido a passagem de vários homens ao mesmo tempo — brotaram línguas de fogo. . . branco! E aos borbotões, como um rio flamígero, precipitaram-se pelo túnel, envolvendo Sinuhe à sua passagem. Ele, arrastado pela singular torrente, bracejou com desespero, percebendo, com não pouca surpresa, que as chamas, longe de abrasá-lo, comportavam-se como uma corrente de água, chegando a molhar-lhe as roupas.

Meio asfixiado, lutou pela superfície. Ao emergir daquelas "águas de fogo", viu quanto fora arrastado por aquela impetuosa força até perto do final do passadiço, e que perdera de vista a sua Nietihw. E, saltando as cristas espumosas das chamas que inundavam o corredor, nadou com todo o elã em direção à boca da esfinge.

À luz que o silencioso e nacarado "caudal" irradiava — coroadado, como digo, por línguas sucessivas de um fogo frio e úmido — o investigador, enlouquecido, atinou com outro fato que o impeliu a bracejar mais desesperadamente ainda: o nível da "vaga de fogo" continuava subindo inexoravelmente, ameaçando inundar totalmente o túnel.

— Sinuhe!. . . Aqui!

De repente, das encabritadas chamas que se quebravam como ondas contra o corpo do nosso homem, destacou-se a voz de Nietihw. E Sinuhe, enchendo de ar os pulmões, submergiu na torrente, nadando em direção às fauces da escultura. Assim avançou mais rapidamente. Mas, a ponto de desfalecer, teve de buscar a superfície. Depois de uma vigorosa batida de pés no chão do corredor, nadou rijamente para o alto.

— Aqui!. .. Aqui!

Ao emergir daquele fantástico e agitado meio fluido, os olhos do jovem reconheceram a mão da amiga, estendida para ele, a pouco mais de meio metro. A filha da raça azul, empoleirada no alto do crânio de basalto, lutava para resgatar o companheiro.

Por um momento, Sinuhe temeu pela vida de Nietihw: as "águas" cobriam já os olhos da esfinge, e não tardariam a

sepultá-la. ...

— Vamos! — gritou ela, impaciente —. Agarre-se de uma vez!

Dominado pelo instinto de conservação, arremessou-se para aquela mão, a ela se aferrando com todas as forças. Durante segundos a mulher agüentou o peso, segurando-se firmemente, com a mão esquerda, à base da cabeça de pedra. Inesperadamente, porém, o fluxo da corrente mudou e o investigador foi puxado para as fauces submersas.

— Deus meu!.. . Nietihw!

Súbito remoinho se fez em torno de Sinuhe que, arrastado, acabou por largar a mão da amiga. E os leques luminosos que brotavam dos espantados olhos de Nietihw iluminaram o companheiro naquele exato e crítico momento em que o torvelinho o devorava e ele desaparecia dentro da ardente espuma branca.

— Sinuhe!... Não!

Nietihw não hesitou. E, com uma reação que nem ela mesma chegaria jamais a explicar-se, saltou atrás do companheiro, sendo também colhida por aquela armadilha infernal.

A forte corrente arrastou-a para as escancaradas fauces da

esfinge e, por algum tempo, seu corpo ficou à mercê daquele "rio" espesso e turbulento, chocando-se, sem cessar, contra as paredes daquilo que parecia uma continuação do corredor que lhes dera acesso à monumental escultura de basalto negro.

Com os pulmões a ponto de estourar, a filha da raça azul sentiu-se finalmente impelida para o fundo do túnel. Ali a maré branca mudou de cor e as línguas de fogo se diluíram, transformando-se em fumaça verdeja. Nietihw, entretanto, não teve tempo para compreender: a força da torrente terminara por vomitá-la fora do passadiço. E de repente, envolta naquela bruma esmeralda, viu-se estendida sobre um reluzente piso dourado. Aturdida, roupas ensopadas, descobriu, por entre as faixas daquele gás esverdeado, a figura de Sinuhe, de pé na sua frente.

O membro da Escola da Sabedoria investiu contra a companheira e, sem meias palavras tomou-a pelos braços arrastando-a, sem consideração, para o centro do recinto onde foram "desaguados".

Nietihw, sem entender o estranho comportamento, tentou safar-se. Mas ele, fisionomia grave, mostrou-lhe o ponto de onde acabara de tirá-la. -

A filha da raça azul voltou a cabeça e um grito escapou-lhe

da garganta. Sobre as lâminas de ouro que revestiam o aposento, zigzagueava pesadamente uma velha conhecida: *Samej*, a serpente. As fauces abertas, mostrando as ameaçadoras filas de dentes, exalava o já familiar jorro de fumo verdolengo. Aquele mesmo que Nietihw vira ao final do túnel por onde fora arrastada.

A mulher, lívida, buscou refúgio nos braços do amigo.

— Como é possível?... Então, os corredores e esse rio de fogo...?

Sinuhe confirmou os balbuciantes pensamentos da amiga:

— Não há outra explicação, Nietihw. Durante todo esse tempo permanecemos no interior de *Samej*. ..

O ofídio então, como a querer confirmar a dedução de Sinuhe, ergueu-se sobre os primeiros patamares do seu ventre e fez desaparecer seu "alento" esmeralda, lançando do mais profundo da traquéia uma golfada daquelas chamas brancas e úmidas que haviam inundado o segundo passadiço. E, entre as oscilantes línguas que brotaram de *Samej*, o casal viu aparecer, por último, a delicada figura da borboleta de cristal... No mesmo instante, as brancas e delgadas "chamas de água" desapareceram. E a serpente cerrou a goela, iniciando uma de suas temíveis aproximações para junto dos indefesos "iuranchianos" ...

Nietihw foi a última a dar-se conta da repentina perda dos seus arco-íris. Ao ser expelida, tal como Sinuhe o foi, das entranhas da grande serpente, seus olhos recobriram a normalidade.

Afortunadamente, o lugar em que se encontravam parecia iluminado por intensa e dourada claridade, que irradiava do profuso chapeado que recobria totalmente a peça, teto e pavimento incluídos. Em circunstâncias menos dramáticas, possivelmente teriam ficado extasiados e fascinados com aquele esbanjamento de ouro.

Mas ao centro da refulgente sala quadrangular e desnuda *Samej* desafiava...

Sinuhe ajudou a companheira a levantar-se e, com um rápido passar de olhos, procurou um possível refúgio. Desolado, percebeu que as paredes não proporcionariam nem abrigo nem possibilidade de evasão.

No centro de cada um dos quatro muros — remota esperança — acreditou distinguir portas formadas igualmente por lâminas douradas de mais de dois metros de altura. Para o cúmulo dos cúmulos, nem a filha da raça azul nem o amigo dispunham, na ocasião, de arma alguma. Só a "cadeia" de números continuava cingindo a cintura de Sinuhe. Entretanto, aossados como estavam pela

proximidade ameaçadora da serpente, nenhum deles se lembrou da existência do "cinturão" mágico.

O casal retrocedeu e, instintivamente, correu para uma daquelas hipotéticas portas. E *Samej*, com seus olhos circulares tingidos de rubro, contraiu os anéis centrais do corpo, lançando-se em demanda de nossos amigos.

— Sinuhe! — bradou a mulher, apavorada —. Não é possível!

Apesar do ritmo frenético com que lutavam para alcançar a porta, o muro de ouro se ia afastando, inteirinho, com a mesma velocidade com que corria o casal. Dali a poucos minutos tiveram de deter-se, os dois, esgotados e perplexos ante aquele inexplicável distanciamento da parede. Sinuhe, com o rosto molhado de suor, contemplou o muro, agora tão imóvel quanto eles e a pouco mais de dez metros de distância. Era inútil ponderar. Então, girando sobre os calcanhares se dispôs a enfrentar *Samej*. Antes, porém, em derradeira tentativa para salvar Nietihw, indicou-lhe outra das misteriosas portas — aquela situada, no momento, à esquerda do casal — ordenando-lhe que corresse para lá. Ela titubeou. Mas ele, com gesto autoritário obrigou-a a obedecê-lo. E a filha da raça azul empreendeu uma nova e desesperada carreira.

Entretanto, tal como já o suspeitava o investigador, também aquela segunda parede dourada distanciou-se, tornando inútil a fuga da amiga, aturdida.

Sinuhe reparou então que, das quatro paredes que compunham o recinto, só aquela que a amiga tentava alcançar deslocava-se a grande velocidade, convertendo o lugar em uma interminável sala retangular.

A serpente, surpreendida com aquela inesperada separação de suas vítimas, suspendeu por uns momentos o seu avanço. Parecia hesitar. Alçou a cabeça até quase tocar o teto e, após contemplar a trêmula figura do homem desdenhou-a, voltando o crânio couraçado para aquele frágil corpo que se afastava para parte alguma...

O colo de *Samej* oscilou. As fauces tornaram a abrir-se e a tríplice fileira de lâminas fêiscou durante uns segundos, espelhando o ouro dos muros. E o réptil rastejou atrás dos passos da filha da raça azul.

Desesperado, Sinuhe saltou sobre o lombo de *Samej* e, engatinhando pelas pétreas placas que o cobriam, tentou chegar até a cabeça. Galgou o amplo pescoço, mas, a uma das violentas oscilações da serpente, foi projetado ao solo. O ofídio revolveu-se então para o lado do desgraçado "iuranchiano" e, levantando a cauda, preparou-se para

esmagá-lo. Sinuhe, olhar fixo nos sanguinolentos olhos do monstro, creu ter chegado o seu fim..

Sorte ou azar para o membro da Loja secreta, suas aventuras não acabariam ali, debaixo do peso do corpo ciclópeo de *Samej*. ..

Quando já se considerava perdido, uma olvidada silhueta cruzou vertiginosamente por cima da balouçante cauda do réptil. Era a diáfana mariposa de diamante. Impetuosa como raio, ela precipitou-se sobre a extremidade de *Samej*, cravando-lhe uma das asas entre as placas. Ferida, a serpente estremeceu e violenta convulsão se lhe propagou pelo corpo todo. Quando a onda alcançou o ponto em que se achava incrustada a oportuna borboleta, esta saltou no espaço, atirada como se fora um trapo. Imediatamente, pela brecha aberta na cauda brotaram aquelas chamas brancas e úmidas entre as quais Sinuhe estivera imerso.

Aterrorizado, o investigador se atirou para um lado. Dessa vez, seus reflexos evitaram que o corpo de *Samej* o envolvesse. O animal, em meio aos estremecimentos, orientou a cabeça para a zona ferida, e nela arrojou espesso jorro de fumo verde. Mas o nosso homem, a quem o ataque da borboleta animara, aproveitou aqueles momentos de confusão e recolheu do solo a heróica amiga. As asas dela estavam ainda rígidas e afiadas como um machado.

Nesse ínterim, *Somej* conseguira fechar a ferida e, com as fauces meio escondidas por ininterruptas colunas de fumaça, rumou para o lado de Sinuhe e o encurralou com a cauda.

O réptil deitou o crânio para trás e, retraindo os anéis, postou-se para o ataque final.

Consciente do perigo, Sinuhe apanhou a borboleta por uma das asas e, erguendo-a acima de sua cabeça, arrojou-a contra o ofidio. Em décimos de segundo, o duplo machado, girando sobre si mesmo como uma hélice mortal, atravessou o espaço que o separava de *Samej*, enfiando-se no pescoço dela, sob a grande mandíbula.

O investigador, sem se demorar junto à serpente para ver o resultado do lance, foi correndo na direção de Nietihw.

A poucos metros, o exausto casal de humanos observava *Samej* ir perdendo o equilíbrio e, entre estertores, chocar sua cabeça, violentamente, contra as lâminas de ouro do pavimento. Uma das asas da borboleta penetrara profundamente no pescoço, abrindo uma nova e aparatosa ferida, por onde começara a fluir, aos borbotões, um riacho daquela "água de fogo".

Samej tentou cobrir a brecha com suas volutas de gás. Entretanto, os contínuos e exasperados movimentos da

cabeça só logravam aprofundar cada vez mais a asa de diamante, cravada justamente sob as fauces. Duas aterrorizantes batidas de corpo anunciaram o fim iminente do monstro. E *Samej*, agonizante, girou o crânio na direção do casal. Seus olhos, então, foram perdendo aquela cor escarlate, substituída por um azul intenso.

De repente, sem que Sinuhe conseguisse evitá-lo, a filha da raça azul, compadecida ante o trágico final do inimigo, precipitou-se sobre suas fauces entreabertas.

— Não! . . . Nietihw!

A impetuosa mulher desatendeu a advertência; de joelhos, desafiando os pontiagudos dentes, pôs-se a esvaziar o frasco dos "ibos" na boca de *Samej*.

Quando Sinuhe conseguiu resgatar o braço da amiga do interior do réptil, mais da metade dos grãos luminosos se havia perdido na garganta do monstro.

— Por quê?... Por que você fez isso?

Nietihw não respondeu. Mas Sinuhe, ao passo que a levava para longe do ofídio, soube ler-lhe no olhar um misto de piedade e reconhecimento por aquele misterioso ser que, à sua maneira contribuía — e não pouco — para o desenvolvimento da missão.

E, ante o crescente temor do rapaz, os efeitos da "areia" mágica não tardaram a manifestar-se.

Da goela da serpente brotou uma golfada de fumo esmeralda, mais densa e abundante que as anteriores.

Sinuhe, temendo um retorno à vida de *Samej*, inclinou-se para trás, protegendo Nietihw. Mas, ao contrário do que esperava, o corpo do réptil não experimentou movimento algum. As nevasdas línguas de fogo continuavam fluindo pela brecha, cada vez mais abundantes e velozes. Se aquela "torrente" leitosa e em permanente torvelinho era o sangue de *Samej*, não havia dúvida de que o animal se estava dessangrando aceleradamente.

Essa hipótese não o tranqüilizou. Se a "vaga de fogo" continuasse manando naquele ritmo, a sala estaria submersa em questão de minutos. E, em tal caso, que fazer? Por onde escapar?

A "água de fogo" já cobria os pés dos "iuranchianos", quando, inesperadamente, a extremidade superior da grande coluna de fumo verde sofreu convulsões. E um não acabar de pequenas volutas, girando e borbulhando sem cessar, deu forma a uma cabeça familiar. . .

Os dois, ao reconhecer aquela figura trêmula e fumegante, recuaram. Mas a maré branca que continuava subindo,

começou a entorpecer-lhes a marcha. Além do mais, para onde ir?

Nietihw e o companheiro, avançando penosamente, afastando com as mãos as densas chamas, optaram pela porta mais próxima. Desta vez, o muro não se distanciou. E os nossos protagonistas sem atrever-se a olhar para trás, toparam finalmente com as douradas pranchas que vestiam aquele lado da peça.

Mas voltaram-se e o espetáculo os deixou sem fala. As línguas de fogo cobriam quase completamente o corpo inerte de *Samej* e, pelas fauces meio neufragadas, brotava sempre aquela coluna de fumo esmeralda.

Porém o "alento" da serpente se transformara em uma segunda e espectral *Samej*. . .

Nietihw, sentindo-se responsável pelo inesperado e pouco desejado final, prorrompeu a chorar.

E a vibrante serpente de fumaça, desenhando no vazio um imenso arco, foi aproximando-se do aterrorizado par.

A filha da raça azul, com as espumantes cristas do rio de fogo a roçar-lhe já a cintura, escondeu o rosto entre as mãos, soluçando desconsoladamente. Mas, para surpresa deles, a vaporosa cabeça de *Samej* se deteve, a curta distância. E ali

se manteve, impassível, vigilante, os circulares e opacos olhos esverdeados cravados em Nietihw. Esta, admirada por não se dar o novo ataque que imaginava, foi descobrindo seus olhos macerados. Nesse instante, a boca de fumaça daquele fantasma abriu-se, desvelando, uma após outra, as doze pétalas de cristal que pouco antes haviam dado vida à providencial mariposa de diamante.

E, diáfanas, ficaram no ar, evoluindo lenta e pausadamente sobre si mesmas, como à espera de alguma decisão da atônita filha da raça azul.

Sinuhe, sem saber que fazer, estendeu as mãos, como que para receber as fulgurantes peças. Elas, porém, não baixaram. Finalmente Nietihw, compreendendo, imitou o amigo.

E, uma após outra, as pétalas pentagonais se foram pousando em suas palmas.

Quando o último cristal tomou contato com a pele de Nietihw, as peças se iluminaram e, alinhando-se, converteram-se em uma fúlgida chave.

Satisfeita, a segunda *Samej* deslizou ondulante sobre a superfície do rio de fogo e, para surpresa do casal, foi afundando na agitada massa de chamas brancas, até desaparecer.

Nietihw manuseou a chave com curiosidade: observou que os dentes eram formados por letras, igualmente transparentes e, como o resto do inesperado presente de *Samej*, de dureza diamantina. Incapaz de decifrá-las, apressou-se a depositar a chave nas mãos do amigo, não menos desconcertado. Sinuhe, no momento, não lhe prestou atenção. Seus olhos estavam presos ao ponto onde eles viram submergir a serpente de fumo. Subitamente, aquelas línguas de fogo úmido começaram a girar, provocando um remoinho que ameaçava propagar-se pela alva lagoa em que se convertera a câmara dourada. E, temendo que a força daquelas "águas" pudesse arrastá-los para o olho do torvelinho, segurou a companheira, colando-lhe as espáduas contra a porta do muro.

A filha da raça azul, obedecendo ao instinto, pediu a Sinuhe que utilizasse a chave.

— A chave? — exclamou sem compreender —. Como?

— Os dentes dela formam uma palavra!... Aí deve estar a revelação! — gritou-lhe a mulher, sentindo já como a corrente os puxava para o centro, mais e mais encrespado da superfície da "água de fogo".

E Sinuhe, batalhando por manter-se junto à parede, levantou a chave acima das águas flamejantes, descobrindo, com

efeito, que os dentes compunham a palavra hebraica "HESED".

Desgraçadamente, nem um deles dispunha de tempo para refletir sobre o novo enigma. O remoinho corrompia agora com ímpeto vertiginoso e Sinuhe, sem perda de tempo, prendeu a chave entre os dentes e tratou de soltar a "cadeia" de números que conservava ao redor da cintura. Ligou uma de suas extremidades ao olho da chave e, depois de gritar à amiga que se lhe aferrasse ao pescoço, levantou a chave, lançando-a ao ar. Mas o violento e espumoso torvelinho branco os agarrou. E Sinuhe, com a companheira firmemente soldada às suas costas, foi sugado para o centro da lagoa.

De repente, em meio ao enlouquecido e cada vez mais rápido rodopiar do remoinho, Sinuhe, que se agarrava ainda e desesperadamente à "cadeia" de sessenta números, sentiu um fortíssimo puxão. Mas seus braços, quase desconjuntados, resistiram ao embate. A chave, tal como esperava o membro da Escola da Sabedoria, fora incrustar-se em algum lugar da câmara.

Palmo a palmo, coberto por vezes pelas embravecidas línguas de fogo, encetou uma aproximação, lenta, para o desconhecido mas providencial ponto em que supunha ter-se cravado ou enganchado a não menos mágica chave...

Com as mãos ensangüentadas, Sinuhe, à beira do desfalecimento, conseguiu finalmente livrar-se do olho do torvelinho. E, depois de descansar uns minutos sobre a tensa superfície das "águas", prosseguiu em seu avanço, aferrado sempre à "cadeia" do número "pi".

Quando o extenuado casal já se achava a poucos metros da parede, o nível da lagoa baixou bruscamente.

E, sem que soubessem como, as alvas chamas começaram a desaparecer pelo olho do redemoinho, como se misteriosa mão tivesse aberto um buraco no chão da câmara.

Sinuhe e a companheira logo tiveram pé. Mas, esgotados, deixaram-se ficar estendidos, ainda seguros à

"cadeia".

Quando as últimas línguas escorreram e a sala voltou ao seu primitivo brilho dourado, Nietihw rasgou um pedaço da fralda da túnica e, amorosamente, enfaixou as mãos ao amigo.

— Ânimo! — sussurrou-lhe, esforçando-se por convencê-lo e convencer-se de que o pior já tinha passado —. Vamos sair daqui!

No entanto, no mais recôndito de sua alma, a filha da raça

azul sabia que as provas que lhes estavam infligindo não tinham chegado ao fim.

O jovem se levantou e, sacudindo as roupas, acompanhou o trajeto da "cadeia". A poucos passos percebeu que os negros e brilhantes números, magicamente engrenados entre si, conduziam a uma das portas. Concretamente, a uma fechadura colocada em altura média e na qual, com efeito, se havia introduzido a chave de diamante.

Silencioso, passou a soltar os números que ligara à chave, recolhendo ininterruptamente a "cadeia". Mas agora, em vez de cingi-la à cintura, colocou-a em torno do pescoço. E com indisfarçável curiosidade, pôs-se a inspecionar os painéis de ouro que adornavam ou protegiam o acesso misterioso.

Nietihw, a seu lado, lembrou-lhe a palavra que dava forma aos dentes e quis saber do significado dela. O

investigador, distraidamente, respondeu-lhe que "HESED" era um vocábulo hebreu que queria dizer

"clemência". Mas, ensimesmado em sua busca de alguma inscrição ou sinal que pudesse arrojear um raio de luz sobre o novo enigma, não se deu conta do imprudente distanciamento da companheira.

A mulher, confiando na sagacidade de Sinuhe, esqueceu por

momentos u problema da porta. Pois desde que vira desaparecer as brancas chamas sentia irrefreável curiosidade. Como e por onde haviam escorrido aquelas "águas de fogo"?

Quietinha, sem que o amigo o percebesse, caminhou para o centro da câmara dourada...

Mas, quando apenas alguns passos a separavam do escuro círculo que já adivinhava sobre o pavimento, súbito pressentimento esteve a ponto de fazer com que voltasse.

A curiosidade, não obstante, foi mais poderosa, e então ela continuou até a beirada de um buraco de pouco mais de um metro de diâmetro, perfeitamente delimitado pelas lâminas de ouro. Aproximando-se descobriu um poço mergulhado na mais negra escuridão.

— Nietihw, creio que tenho a solução!...

As palavras de Sinuhe, que acabava de volver a cabeça em busca da companheira, ficaram-lhe bloqueadas na garganta. Impotente, contemplou como a filha da raça azul era arrebatada por uma sombra.

De um salto, separou-se da porta, lançando-se atrás da amiga, Mas quando alcançou a abertura Nietihw já havia desaparecido.

Não chegou nem a olhar para o interior do poço. Antes que o fizesse, catapultada de lá do mais profundo, subiu uma prancha igualmente dourada que o fechou hermeticamente. Todos os seus esforços foram inúteis.

Esmurrou e pisoteou a lâmina. Invocou "Ra", o amigo perdido, suplicou e, finalmente, caindo de joelhos no pavimento, chorou amargamente.

Era a segunda vez que perdia Nietihw e, só a idéia de que pudesse ter sido capturada pelas "golem" ou pelos "medianos" rebeldes, fê-lo mergulhar em fundo abatimento. Que poderia fazer pela companheira?

Como, e de que lado procurá-la? Encontrava-se só e perdido no interior daquilo que supunha ser a Grande Pirâmide de Quéops e, ainda por cima, sem armas nem qualquer ajuda. ..

Em uma de suas bruscas mudanças de estado de ânimo, Sinuhe secou as lágrimas e, compasso decidido, coração queimante de raiva, lançou-se em direção à porta onde sobressaía a chave de diamante. Colérico, maldizendo a hora em que aceitara a missão, girou a chave com ambas as mãos. Um estalido escapou da fechadura e, no mesmo instante, os painéis de ouro da porta se gretaram. E pelas mil fendas escaparam minúsculas chamas azuis, que se propagaram velozmente, consumindo as douradas lâminas quarteadas.

O investigador, temendo que o fogo celeste pudesse alcançá-lo, deu um passo para trás. As línguas vorazes, de apenas uma polegada de comprimento, extinguíram-se, entretanto, tão rapidamente como haviam surgido.

Ao volatilizar-se o chapeado, a porta foi convertida em um imenso espelho retangular. Esta, pelo menos, foi a primeira impressão de Sinuhe. Ali, à sua frente, recortava-se sua própria imagem. Mas, ao observar a si mesmo com mais cuidado, ficou perplexo: o Sinuhe que aquele suposto espelho refletia, não exibia ao colo a "cadeia" de números. O resto, sim, era seu retrato vivo. "Como pode ser?", perguntou-se alarmado, ao mesmo tempo em que levava a mão direita ao colar, em um tímido e quase mecânico gesto para convencer a si mesmo de que estava sonhando ou de que sofria alguma alucinação. Mas a "cadeia", essa sim, continuava sobre seu peito.

Um calafrio foi o prelúdio de outro sucesso não menos fantástico. Atônito, viu como a imagem que permanecia à sua frente não repetia o movimento que acabara de efetuar. Pela lógica, se na verdade se achava diante de um espelho, o braço da imagem — "seu" braço — deveria ter-se erguido também em direção ao colar.

Aturdido, começou a gesticular. O "outro", entretanto, não se movia. E continuou a mirá-lo, impassível, com os braços

caídos ao longo do corpo, enquanto Sinuhe, com um sentimento crescente de ridículo, terminava por abaixar as mãos.

A cólera inicial dera lugar a um misto de admiração e temor. "Algo" especialmente singular estava a ponto de acontecer. E Sinuhe, intuindo-o, sentiu aquela velha e familiar cocegzinha nas entranhas, sempre prévia do início de alguma aventura.

Entretanto, não satisfeito, avançou até o espelho, tocando-lhe a superfície com as pontas dos dedos trêmulos. A sensação recebida foi inequívoca: "aquilo" era uma fria lâmina compacta, sabe-se lá de que metal polido, ou de cristal azougado...

Cada vez mais inquieto, retrocedeu de novo, e interrogou a imagem:

— Quem é você?

E o rosto do "outro" Sinuhe mudou sua expressão impenetrável em um sorriso acolhedor. E o verdadeiro Sinuhe — ou não se tratava do verdadeiro? — viu que os lábios da imagem se abriam e uma voz conhecida

— a sua — ressoava do fundo do espelho.

— Sou *Ka*, seu outro EU.

— Meu o quê...?

O sorriso acentuou-se mais e, em tom benevolente, repetiu o que o Sinuhe "deste lado" do espelho já havia escutado claramente.

— Seu outro EU, Sinuhe...

E antes que nosso perplexo amigo tivesse tempo para organizar as idéias, acrescentou:

— Você sabe que em cada mortal convivem duas personalidades. Uma (você, no caso), primitiva e agressiva. Feroz.

Enraizada no animal que todos os humanos evolucionários levam dentro. Outra (eu), nascida diretamente do Pai Universal e que constitui sua chispa pré-pessoal em cada ser. Eu, *Ka*, represento o Amor, a Beleza e a Sabedoria.

— E o que deseja de mim? — gaguejou o investigador.

— A clemência da sua companheira, a filha da raça azul, com *Samej* permitiu-lhes chegar até a terceira porta. A partir de agora, serei eu quem prosseguirá na grande busca. A este lado de "Duart" (o limiar de Dalamachia), a cólera, a ambição

e a mentira não têm acesso.

Irritado por aquelas suas próprias palavras e com o cérebro já no limite da resistência, o Sinuhe "deste lado" levantou os punhos em atitude ameaçadora. Mas, antes que chegasse a esmurrar o espelho, os braços de *Ka* saíram da polida superfície, arrebatando-lhe o colar de números. E Sinuhe, a ponto de sofrer um ataque histérico, viu quando seu "outro" EU introduzia a "cadeia" no interior do espelho e a depositava, por sua vez, no próprio colo. E, fazendo com a mão direita um gesto de saudação, sorriu de novo. Ato contínuo, o espelho e, com ele, toda a sala dourada foram envolvidos por densas trevas.

Ao vê-la, teve a sensação — quase a certeza — de que aquela tocha fora colocada ali especialmente para ele. Retirou-a do aro de metal que a mantinha obliquamente ao muro e, intrigado, passeou a chama amarelenta ao seu redor. Onde estava? Que teria acontecido? Suas recordações e vivências estavam intactas em sua memória: os túneis em plano inclinado, o pequeno cérebro de cristal, a esfinge, aquele "rio" de fogo úmido, a sala dourada e a dramática experiência com a serpente, a desapareção de Nietihw e, inclusive, a aparição do seu "outro EU" no espelho... Mas, a partir daquele escurecimento, o arquivo de sua memória se negava a funcionar. Por mais que se esforçasse, não foi capaz de rememorar como chegara até ali. Examinou o lugar,

verificando que se encontrava no alto de um lanço de escadas, toscamente cavadas na rocha. Às suas costas, fechava-lhe a passagem uma muralha rochosa também de mais de dois metros de altura por qualquer coisa mais de metro e meio de largura. Apalpou as paredes laterais e concluiu serem elas tão maciças quanto o muro que se levantava atrás dele. A partir do reduzido patamar em que se achava, começava o lanço de escadas e, em seguida, à frouxa e crepitante luz da acha, Sinuhe divisou um corredor escuro. Era óbvio que só naquela direção encontraria a única saída possível.

Será que a sala dourada ficava do outro lado da muralha? Supondo que sim, como teria ele atravessado semelhante bloco de pedra?

Convencido de que suas dúvidas não teriam resposta pelo caminho da lógica e do raciocínio, preferiu prescindir de tais inquisições. Agora, a única coisa importante era averiguar onde estava e, sobretudo, como dar com o paradeiro da amiga.

Desceu os dezesseis degraus e, vendo-se na boca do novo passadiço, estacou por uns momentos, assombrado com sua própria serenidade. Quando pensou na filha da raça azul não o fez, como era de esperar, cheio de angústia ou de cólera. E mais: seu pulso não parecia alterado diante do tenebroso

lugar nem ante os perigos que provavelmente o aguardariam. Não é que o fantasma do medo lhe tivesse desaparecido do coração, mas, inexplicavelmente, sua alma estava plena de paz. Era assim como se soubesse que parte daquela "batalha" estava ganha e que os arquivos secretos de IURANCHA estavam quase ao alcance de suas mãos... Mas a inquietante solidão daquele corredor não tardaria a devolvê-lo à realidade. O passadiço, bem amplo, apresentava uns muros — incluídos teto e pavimento — tão toscamente trabalhados como os que acabava de abandonar. Tratava-se de um túnel retangular, perfurado em um calcário consistente, cujas paredes, evidentemente, foram lavradas a golpes de picareta. Enquanto ia avançando por ali, a ausência dos blocos graníticos que delineavam os passadiços pelos quais haviam deslizado anteriormente o induziu a uma nova dúvida: estaria fora da Grande Pirâmide? Ou, ao contrário, teria penetrado na plataforma rochosa sobre a qual se sustentava a Primeira Maravilha do mundo? Sinuhe — o novo, talvez o autêntico Sinuhe —

precisaria de algum tempo para elucidar a nova incógnita...

Na expectativa de algum sinal ou inscrição foi avançando lentamente. Dentro em pouco, quando mal havia dado uma vintena de passos, a luz da tocha iluminou o final do túnel. Cautelosamente, adiantou o facho, descobrindo que o passadiço desembocava em uma sala também retangular, de

uns oito por quatro metros. Por alguns minutos, imóvel no limiar da câmara, quase não se atrevia a respirar. O amarelento bruxulear da tocha foi empurrando as trevas e, subitamente, sobre a parede à direita de Sinuhe, surgiram umas oscilantes sombras disformes. Apesar de sua crescida coragem, ele tornou a sentir medo e, com um calafrio esteve a ponto de deixar cair a maça de madeira que lhe servia de archote.

Retrocedeu um par de passos colando as costas aos últimos metros do muro direito do corredor. E a escuridão voltou a encher o recinto silencioso. Que seriam aquelas sombras que ele vira oscilar na parede?

Os calafrios se propagaram agora em cadeia e todos os pêlos do corpo se lhe eriçaram.

Com o rosto voltado para a semi-iluminada porta de acesso à câmara, esperou o pior. "Aquelas sombras"

— confabulou — "têm de pertencer a alguma coisa ou a alguém. No segundo caso, se se tratar de seres vivos, ao serem surpreendidos pela luz da tocha, talvez seja imediato o seu ataque..."

E, imerso em um silêncio de morte, esperou que assomassem ao umbral, a qualquer momento, as silhuetas de sabe Deus que monstruosas criaturas.. .

Os segundos transcorreram densos e intermináveis. Mas, para

estranheza de Sinuhe, nada nem ninguém apareceu no umbral da câmara. Então, arrastando as costas pelo muro, tornou a andar.

A boca do túnel se abria exatamente no centro da câmara e, por conseguinte, a parede em questão ficava a uns quatro metros do trêmulo Membro da Escola da Sabedoria. O facho iluminou a peça pela segunda vez e, com efeito, ele distinguiu as sombras temidas. Seus olhos se acostumaram rapidamente com a penumbra e distinguiram o agente das sombras. À sua frente levantavam-se duas figuras humanas, cobertas, em parte, por brilhantes superfícies douradas que, ao refletir a luz do archote, pareciam dotadas de um halo próprio.

Ao compreender do que se tratava, respirou aliviado e, pouco a pouco, pé ante pé, foi aproximando-se delas.

Encostadas à parede — em face uma da outra — quais sentinelas, erguiam-se duas estátuas negras, de tamanho natural, com saiotes, peitorais, braceletes pelos braços e antebraços e sandálias de ouro. Cada uma portava uma maça na mão direita, enquanto com a esquerda seguravam báculos — cada qual o seu —

também dourados. À cabeça, lenço tipicamente egípcio, perfeitamente ajustado até as sobrancelhas e chapado em ouro. À luz do archote aproximado, surgiram inconfundíveis as feições de Mut, o abutre guardião do antigo Egito. Sinuhe pressentiu que se encontrava na ante-sala de um túmulo. Mas de quem? Ele sabia que os arqueólogos não tinham encontrado múmia alguma no interior da pirâmide de Queops. Ao menos nas câmaras e passadiços descobertos até hoje...

Uma emoção intensa se foi apoderando de todo o seu ser. Que nova surpresa lhe reservava o destino?

Que se esconderia do outro lado daquele muro? Porque certamente aquelas sentinelas com cabeça de abutre tinham sido colocadas ali como gênios ou deuses protetores... Impunha-se um imediato e minucioso reconhecimento do pano de rocha situado entre as duas sentinelas de madeira; então o investigador, não podendo conter a ansiedade, levou a acha para junto da parede. Já no primeiro exame vislumbrou uma possível confirmação de suas suspeitas: aquela zona central do muro apresentava uma superfície diferente da do tosco calcário do resto da câmara.

— Parece gesso... — comentou em voz baixa.

E, erguendo a chama amarelenta descobriu que, com efeito,

tinha diante de si uma porta taipada, engessada e... selada!

Em crescente excitação, aproximou rosto e archote do pequeno selo oval, impresso com perfeição em argila, e distinguiu na parte superior o clássico cão deitado e, a seus pés, os nove cativos inimigos do Egito.

— Não é possível! — exclamou dentro de uma grande confusão.

Voltou a inspecionar o selo e, ciente do que tinha diante dos olhos, deixou-se cair ali, junto ao muro, escoltado pelas hieráticas figuras de Mut e suas sombras ameaçadoras.

Aquele, se a memória não o traía, era o selo da Necrópole Real, situada no chamado Vale dos Reis.

Como era possível, então, que se encontrasse no interior da Grande Pirâmide? Ou será que, como já vinha suspeitando, aquele não era o túmulo do faraó Queops?

Sentado em meio à penumbra, dedicou algum tempo a refletir. Logo desistiu. Naquele lugar — fosse ou não a Grande Pirâmide — ocorreram fatos demasiado estranhos e fantásticos para que tentasse agora julgar a presença daquele selo real com um mínimo de rigor científico.

"Suponho que o mais prático" — concluiu — "seja deixar-

me levar pelos acontecimentos..."

Para começar, o mais importante e primordial seria atravessar aquela porta taipada. Mas como consegui-lo? Não dispunha de ferramentas, muito menos as adequadas e, mesmo que as tivesse, a demolição do muro lhe tomaria tempo demais. Tinha de haver outro sistema...

Repassou cada uma das estátuas, cuidadosamente, com a remota esperança de localizar algum dispositivo secreto. Depois de múltiplas tentativas, infrutíferas, abandonou o propósito e passou a centralizar a atenção no recinto. Caminhou de baixo para cima. Palpou e inspecionou as paredes e o solo e, finalmente, à beira da rendição, voltou para a porta irritante. Embora lutasse por espantá-lo, um sentimento de angústia começava a invadi-lo. E se realmente estivesse enterrado vivo?

Iluminou a placa de gesso, percorrendo-a desde o lintel até o chão. Foi em uma segunda inspeção dessa porta que, de repente, na sua extremidade inferior esquerda, descobriu um novo selo, menor que o anterior.

Nervoso, colocou a tocha sobre o piso e, deitando-se em frente ao círculo de argila, pôs-se a decifrá-lo.

Com o coração nas mãos, foi traduzindo os pequenos e delicados hieróglifos:

"Aqui... em DUART, MUT vela o sono... do Senhor do Oeste, irmão e genro do..."

A leitura foi interrompida. Como se sopradas por uma corrente de ar, as chamas da tocha oscilaram.

Sinuhe, sobressaltado, voltou a cabeça em direção às trevas que pesavam sobre a câmara. Entretanto tudo parecia tranqüilo. Atribuindo aquelas oscilações a algum movimento nervoso, ele recomeçou a leitura do selo real.

". .. irmão e genro do último depositário do Grande Tesouro do Reino em Meio ao Mar... Sua primeira adaga aponta para Dalamachia..."

— Dalamachia! — exclamou, sem dissimular a surpresa e a alegria. Aquele nome endiabrado, agora convertido no objetivo básico na busca dos homens "Pi", estimulou-lhe os ânimos, e ele atacou a tradução com renovados brios.

"... A segunda, para o traidor: Horemheb."

Fechou os olhos e verificou se havia sido capaz de memorizar o hieróglifo.

"Aqui, em DUART, MUT vela o sono do Senhor do Oeste, irmão e genro do último depositário do Grande Tesouro do Reino

em Meio ao Mar. Sua primeira adaga aponta para Dalamachia. A segunda, para o traidor: Horemheb."

Reabriu os olhos e releu o criptograma.

— Exato! — se disse, felicitando-se pela excelente memória.

Apanhou novamente o archote e, sentando-se a um par de metros da porta selada, preparou-se para esmiuçar tudo quanto havia lido no camuflado sigilo da Necrópole Real. Mas seu coração abalou-se pela segunda vez: as chamas amareladas do facho que ele segurava com as duas mãos foram sacudidas por outra rajada. Desta vez, porém, o "sopro" chegou-lhe frio e claro até as faces.

Seu primeiro impulso foi pôr-se em pé. Aquelas oscilações da tocha não podiam ser acidentais. Na câmara, com exceção do acesso ao túnel, não havia aberturas e nem resquício de alguma. Não que ele o tivesse detectado. E, na suposição de que tudo se devia a uma corrente de ar nascida ou provocada a partir do corredor, por que as chamas se teriam dobrado justamente para o seu rosto, como que empurradas da parede taipada? O normal, tratando-se de uma corrente e estando a boca do passadiço à direita e atrás de Sinuhe, seria que ela tivesse impulsionado a chama em qualquer direção, menos na que acabava de tomar.

Tais deduções se atropelavam, enquanto seus olhos, fixos

na resinosa ponta da acha, observavam como as chamas, em segundos, recuperavam a verticalidade e, portanto, a normalidade. Seus pêlos, porém, continuavam eriçados. A sensação de que "alguém" lançara o poderoso sopro contra a tocha era inquestionável. E o medo o manteve ancorado ao rugoso solo da câmara. Que poderia fazer? Se "algo" ou

"alguém" se encontrava ali, invisível em meio à penumbra, não restava senão esperar. Mas esperar... o quê?

Sem atrever-se a mover um só músculo, lançou olhares para cada uma das estátuas. "Nem uma das duas"

— pensou, no seu afã de acalmar-se — "terá podido girar a cabeça de madeira e soprar..."

Era uma conclusão lógica. Se as figuras talhadas ficavam face a face, dificilmente poderiam ser as responsáveis pelo movimento da chama. Ou sim?

Depois, Sinuhe examinou os báculos e maças de ouro, mas não encontrou nada suspeito. As maças, formadas por cabos cilíndricos, rematados por esferas magistralmente lavradas, eram os únicos objetos —

dada sua posição, à altura do nascimento das coxas das estátuas — que coincidiam com o nível da tocha.

Mas repeliu a idéia de que tais maçãs fossem as causadoras das agitações da chama.

Os minutos se foram escoando em calma absoluta e, progressivamente, o espírito de Sinuhe recuperou também seu ritmo frio e habitual. Aquela trégua devolveu-lhe o interesse pela inscrição descoberta no ângulo inferior esquerdo do tabique que tinha à frente. Convencido de que os crípticos hieróglifos escondiam alguma informação decisiva para o bom desenlace de sua acidentada busca, enfronhou-se nas hipotéticas interpretações deles.

A primeira coisa que lhe chamou a atenção foi a palavra "Duart". O seu "outro EU", ao falar-lhe do espelho, fizera menção dela: "...Deste lado de "Duart" (o umbral de Dalamachia), a cólera, a ambição e a mentira" — recordava Sinuhe — "não têm acesso." Parecia claro, por conseguinte, que a expressão "aqui, em

"Duart" devia significar que aquela câmara em que se achava — ou talvez o que se ocultava do outro lado da porta taipada — era precisamente "o umbral da ansiada Dalamachia". "Por outra parte" — prosseguiu meditando — "a palavra "Duart", na linguagem do antigo Egito, exprimia 'o além'. Como poderiam conju-gar-se, então, os dois conceitos? Seria Dalamachia considerada 'o além'?"

O galimatias se tornou mais intrincado quando ele analisou as palavras seguintes. Talvez a menos complicada fosse "Mut". O membro da Escola da Sabedoria associou logo o termo com as estátuas que montavam guarda junto à porta selada. Aqueles rostos com forma de abutre correspondiam exatamente à figura de *Mut*, uma das aves carniceiras mais abundantes no Egito (a *gyps fulvus*) e que, desde a mais remota antigüidade, havia cumprido o papel de "guardião". Estava claro, por conseguinte, que aquelas esculturas em madeira preta, com olhos e bico de abutre, "velavam" ou guardavam o sono do Senhor do Oeste, "irmão e genro do último depositário do Grande Tesouro do Reino em Meio ao Mar".

Foi nessas frases onde, como digo, ele tropeçou com maiores dificuldades. A expressão "Senhor do Oeste" só podia fazer referência — sempre segundo as crenças do antigo Egito — a um rei que, ao morrer, recuperava assim sua qualidade de deus; quer dizer, de "Senhor do Oeste".

701

Os pensamentos de Sinuhe retrocederam às velhas teorias sobre o faraó Quéops. Porém, havia outro dado que evidentemente deitava por terra essa possibilidade. Tratava-se da palavra "Horemheb". Este famoso general vivera em tempos dos não menos famosos faraós Amenofis IV (o

singular rei "herege", também conhecido como Akhenaton), Tutankhamon e Ay. O "Senhor do Oeste" a que o hieróglifo fazia menção tinha de ser, fatalmente, um desses três reis. O qualificativo de "traidor", além do mais, vinha coincidir com a imensa maioria das hipóteses dos egiptólogos, que não hesitam em considerar Horemheb como um usurpador do trono do Egito. De acordo com o que estudara Sinuhe, o referido general, após a morte do rei e

"Pai Divino" Ay, último faraó da XVIII dinastia, havia assumido o poder absoluto do Egito, fundando a XIX dinastia.

Entretanto, a qual faraó poderia referir-se a inscrição? Que grande rei "dormia o sono da morte" do outro lado daquela parede?

Depois de não poucas voltas ao cérebro, o membro da Escola da Sabedoria chegou a uma conclusão provisória: dentre os três monarcas citados, apenas um podia ser "irmão e genro", ao mesmo tempo, daquele desconhecido "depositário do Grande Tesouro do Reino em Meio ao Mar". No momento, não quis vasculhar a natureza de tão intrigante tesouro... Fazia-se mister ir por partes. E Sinuhe, espanando seus estudos sobre Egiptologia, considerou que aquele "Senhor do Oeste" poderia ser Tutankhamon, filho, como

seu antecessor no trono — Akhenaton — de Amenofis III e, conseqüentemente, irmão do "herege". Além do mais Tutankhamon, o "rei adolescente", obedecendo os complexos costumes da época, contraíra matrimônio com a princesa Ankhsenamon, uma das seis filhas do seu irmão Akhenaton, casado, por sua vez, com a belíssima Nefertiti. Ay, por sua vez, estava descartado como protagonista de semelhante parentesco. Somente o faraó Tutankhamon, segundo esses cálculos, estava duplamente vinculado — como irmão e genro — ao fascinante

"rebelde" da teologia egípcia: Akhenaton.

Queria isso dizer que o rei enterrado do outro lado da parede era Tutankhamon?

Parte do enigma parecia esvaziado: o faraó Akhenaton tinha de ser o "depositário do Grande Tesouro".

Mas de que tesouro? E, sobretudo, que espécie de relação existiria entre esse Grande Tesouro e Tutankhamon?

As novas incógnitas acenderam mais ainda os ânimos já excitados do investigador. Era preciso encontrar um meio para atravessar aquela maldita porta taipada. ...

Quanto ao "Reino em Meio ao Mar", Sinuhe desistiu. Por mais que repassasse a história do velho Egito, não soube ou

não pôde vislumbrar a que poderia referir-se.

Do que não havia dúvida era que, do outro lado, em algum lugar, dois punhais ou duas adagas pertencentes ao rei morto apontavam, uma para Dalamachia, a outra, para Horemheb, o traidor. Isso tudo significaria que a misteriosa Dalamachia já estaria ao alcance de suas mãos? E, que pensar de Horemheb?

Esconderia aquela advertência novos perigos?

Releu a inscrição pela enésima vez, mas, desgraçadamente, aquela informação parecia referir-se apenas ao que, presumivelmente, poderia encontrar além do tabique que lhe vedava a passagem. Quanto à receita para atravessá-la, nada...

No fundo, sua situação era mais penosa do que antes de descobrir o segundo selo real: adivinhava que estava muito perto de "algo" fascinante e decisivo e, no entanto, não via como passar para o outro lado.

"Tenho de encontrá-lo!"

Aborrecido e irritado consigo mesmo, continuava obcecado pelo segundo selo real. Até que, em um daqueles tensos olhares interrogativos lançados ao tabique, reparou melhor no oval de argila — o primeiro selo — colocado no centro

geométrico da porta taipada.

A figura impressa na parte superior — o cão deitado, imagem do rei defunto após as mágicas transformações que devia sofrer antes do renascimento definitivo para a imortalidade — não lhe sugeriu nada. O que não aconteceu com os nove escravos gravados abaixo do cão. Achavam-se distribuídos em três fileiras de três, quatro e dois prisioneiros, respectivamente.

Mecanicamente, em uma sondagem mais, o membro da Ordem da Sabedoria converteu cada um daqueles números nas letras correspondentes do alfabeto hebraico, de acordo com o rigoroso método prescrito pela Cabala. E aí começou uma curiosa série de descobertas...

Dessa forma, o 3 equivalia à letra sagrada "Gimel", que é o símbolo da "garganta". O 4 queria significar

"Daletty", o "peito".

O último — o 2 — corresponde em hebreu à letra "Beth" ou "boca", como órgão da palavra humana.

— Curioso! — murmurou Sinuhe, perplexo —. Muito curioso! Do ponto de vista esotérico, aquelas três palavras — "boca", "garganta" e "peito" — estavam quase a gritar que talvez a emissão de algum som ou

"mantra" mágico — como já acontecera na cúspide da pirâmide — poderia franquear-lhe o caminho... Mas que palavra ou palavras comporiam essa chave?

O achado seguinte chegou naturalmente. Ao somar as três fileiras de cativos verificou que aparecia o não menos sagrado 9, Sinuhe, pondo-se em pé, sentiu o quanto estava perto da solução.

Seguindo o mesmo procedimento cabalístico, este número — o 9 — tinha seu equivalente na letra hebraica "Teth". "E qual é o seu significado oculto ou esotérico?", perguntou-se o investigador que, supostamente, conhecia a resposta:

— "Muralha ou parede oculta" — disse em voz alta, ao mesmo tempo em que, contente, batia no tabique com as palmas das mãos —, "erigida para abrigar um tesouro e zelar por um objeto querido... em meio a perigos." Jesus Cristo!, como não me dei conta disso muito antes?

Agora lhe vinha com mais clareza: alguma palavra de poder intenso e profundo, que brotasse do peito, garganta e boca de um ente humano, *era* o meio oculto para derrubar, abrir

ou anular aquele obstáculo.

Esforçando-se por dominar a ansiedade, buscou então o segundo selo. Essa "chave", se existir, tinha de estar escondida nos hieróglifos que acabara de decifrar. Mas onde? Em que palavra ou frase?

Tendo revisto cada vocábulo, convenceu-se de que nenhuma daquelas expressões guardava relação com a cifra buscada.

— E se experimentasse com o total das palavras? — animou a si mesmo Então, usando os dedos, encetou a conversão a números de cada uma das letras seguindo, para tanto, o método conhecido por "Gematria". Porém a soma final, ainda que "familiar" — 3 327 ou "6" — não lhe disse nada. . . no momento.

Em novo assalto à "mensagem", inclinou-se para soletrar cada sílaba, fazendo a soma delas. Aí, surgiu o inesperado...

— "A-qui, em DUART, MUT ve-la o so-no do Se-nhor do O-es-te, ir-mão e gen-ro do úl-ti-mo de-po-si-tá-rio do Grande Te-sou-ro do Rei-no em Meio ao Mar. Sua pri-me-i-ra a-da-ga a-pon-ta pa-ra Da-la-ma-chia. A se-gun-da, pa-ra o trai-dor: Ho-rem-heb." Setenta e duas sílabas? —

perguntou-se, incrédulo.

Contou de novo e viu que estava certo: 72!

Mentalmente, não se atrevendo a pronunciá-lo, ressuscitou na memória o "Nome Inefável e Temível" —

soma das 72 sílabas sagradas — que, segundo a mais arcana das tradições hebraicas, fora utilizado por Moisés para separar as águas do Mar Vermelho: "SHEM HAMEFORASH".

Esse nome, assim como o integrado pelo Tetragrama YOD-HE-VA V-HE, uma das designações da Divindade, e de que se derivou uma grosseira tradução fonética (Yaveh, ou Jeová), goza de misterioso e mítico poder, conhecido somente pelos completamente iniciados.

Agora estava claro para ele. Se quisesse acesso para o "outro lado" — sem dúvida uma câmara funerária

— teria de pronunciar o "nome" que as 72 sílabas sintetizavam — "SHEM HAMEFORASH" — ao qual só se poderia chegar com a interpretação cabalística e complementar dos dois sigilos reais.

"Toda uma complexa mas eficaz medida de segurança para preservar o 'tesouro' que, indubitavelmente, esconde-se detrás desse muro", deduziu Sinuhe, convencido de que se achava a um passo da Verdade que tanto anelaram, ele e a

companheira desaparecida.

E, depois de minuciosa revisão dos cálculos, postou-se em frente ao selo ovalado, decidido a pronunciar o "Nome Inefável e Temível" com todo o respeito e solenidade de que era capaz. . .

Inspirou profundamente, enchendo ao máximo os pulmões. Aquele "nome" — "SHEM

HAMEFORASH" — devia nascer-lhe no mais profundo do peito e, tal como lhe haviam ensinado os Kheri Hebs de sua Ordem secreta, brotar por garganta e boca, sublimado em forma de sucessivas "mantras" ou sons mágicos. Só assim faria efeito. Entretanto o "soror" não pôde articular uma sílaba sequer. O archote começara a oscilar-lhe na mão direita, contagiado pelo tremor do pulso.

Sinuhe desistiu. Compreendeu que primeiro teria de dominar os nervos; então sentou-se em frente ao tabique, depositou a tocha no solo, entre si e a porta engessada. Cruzou as pernas, adotando uma das clássicas posturas da ioga e fechou os olhos. Depois

de longa e ritmada série de inspirações, quando achou que seu ritmo cerebral havia descido abaixo dos catorze ciclos por segundo, emitindo assim as benéficas ondas "alfa", preparou-se para vocalizar o "Nome Inefável e Temível".

Antes porém, como medida preventiva ante os possíveis perigos que lhe poderiam sobrevir naquela aventura, "fabricou", mentalmente, uma bolha transparente e blindada que o rodeasse.

Dessa forma, com o espírito reconfortado e protegido no interior da sua própria criação mental, Sinuhe —

com voz grave — encheu a câmara silenciosa com potentes e rotundos "mantras" . . .

— SHEM. . . HAM. .. E. . FO. . . RASH!...

O eco das palavras bateu nas quatro paredes enchendo o lugar e o coração do investigador de presságios ameaçadores. Quando o eco se extinguiu ele, expectante, abriu os olhos, aguardando que o muro pudesse vir abaixo. Mas nada aconteceu... pelo menos naqueles primeiros momentos.

Consumido pela impaciência, chegou a pensar que sua entonação não tivesse sido correta ou, pior ainda, que aquele não era o "nome chave". Entretanto, não teve tempo para continuar com suas lucubrações.

Bruscamente, um terceiro e sibilante sopro incidiu sobre a acha, apagando as chamas.

Apesar de saber-se defendido pela "bolha mental", o sopro súbito e as densas trevas que se precipitaram no recinto o atemorizaram. Que fazer agora? Devia levantar-se e dirigir-se para a porta taipada? Mas como agir em meio àquela escuridão?

Obedecendo ao instinto preferiu esperar. Mas sua angustiada espera não foi longa. De repente, bem perto, de algum ponto que ele acreditou ser próximo ao tabique lacrado, vieram alguns ruídos. Forçou a vista mas as trevas eram espessas demais. Os ouvidos, em compensação, afiados pelo medo, continuaram registrando aquela série de sons, cada vez mais nítidos e próximos.

— Sim, parecem passos. ...

E um suor frio, incontido e perturbador banhou-lhe as mãos e o rosto.

Efetivamente, pareciam passos. Sinuhe virou a cabeça em todas as direções, mas "aquilo" — o que quer que fosse — não chegava nunca até ele. Trêmulo, aguçou ao máximo os ouvidos, e descobriu que, na realidade, os passos correspondiam não a um ente, mas a vários. Desconcertado, sentiu que davam voltas ao seu redor, a coisa de um ou dois metros. Justamente no local em

que se levantava a parede de sua "bolha". Seria possível

que aqueles seres — homens ou bestas —

estivessem rodeando a "esfera mental"?

E, com que intenção?

A resposta chegou fulminante: subitamente os passos cessaram e o investigador não pôde evitar que seus cabelos se eriçassem de terror. A julgar pelos sinistros arranhões e estalidos que vinham da parede de sua

"bolha", dentes, garras ou seja lá o que for, aquelas criaturas tentavam rasgar-lhe a "blindagem" mental.

Ficava óbvio, portanto, que pretendiam capturá-lo. . . ou matá-lo.

Em um último esforço fechou os olhos e, concentrando-se, "fabricou" no interior da primitiva esfera uma segunda "bolha". Desta vez, ainda reforçou a parede da nova "blindagem" com seus mais queridos e belos sonhos: seu amor pelo mar, seus filhos, Nietihw, sua recente paixão por Jesus de Nazaré e, sobretudo, com o sonho mais difícil: a busca da Verdade. . .

Súbito estalo obrigou-o a abrir os olhos. Aquelas criaturas tinham conseguido perfurar a primeira "bolha"

e, quando o fizeram, a "esfera mental" saltou pelos ares, iluminando a câmara com um resplendor azul, tão intenso quanto fugaz.

Sinuhe, espantado, ainda teve tempo para distinguir vários dos seres. Sua primeira impressão foi a de estar rodeado de macacos ou gorilas. Mas, imediatamente, quando as trevas voltaram a invadir o recinto, lembrou-se de haver visto umas grenhas compridas que caíam pelos ombros dos seus atacantes e que, por conseguinte, não poderiam corresponder a símio algum. Então, quem seriam? E outra idéia lhe veio à mente.

Não tivera tempo Seriam nove? "Nesse caso" — pensou — "poderia tratar-se dos nove cativos que ele vira no selo real?" E, embora o aspecto das misteriosas criaturas — cobertos apenas por uma tanga — fosse muito semelhante ao que ele observara nas nove figurinhas gravadas na argila, rechaçou, por absurda, tal possibilidade.

Em parte, o fato de desprezar aquela hipótese foi motivado, não apenas pelo ridículo da suposição, mas, muito especialmente por terem eles voltado à carga, atacando a nova e inesperada "blindagem" mental com fúria inenarrável.

Desarmado, Sinuhe assistiu então a uma chuva de dentadas e unhas, vindas de todos os ângulos e com tal violência e

selvageria, que tremeu até seu último átomo.

E, convencido de que seus "sonhos" não poderiam resistir àquele segundo e bestial embate, fechou os olhos disposto a assumir o que lhe parecia ser o fim..

Naqueles últimos segundos, cansado e derrotado, o membro da Escola da Sabedoria viu desfilar-lhe pela mente os principais momentos de tão insólita aventura. O peso de uma tristeza infinita baixou-lhe a cabeça.

Ao menos no que lhe tangia a missão fracassara. Já não seria possível chegar até aos arquivos secretos de IURANCHA e revelar ao mundo a Verdade sobre a rebelião de Lúcifer e suas conseqüências. . .

Nesses instantes críticos, enquanto as coléricas criaturas esmurravam — com violência cada vez maior

— a parede da sua última proteção, Sinuhe quisera ter chorado. Mas o coração, ressequido, não correspondeu.

De repente, quando tudo parecia irremediavelmente perdido, os barulhos pararam. E um silêncio absoluto voltou a descer na câmara escura. Que teria acontecido?

Sinuhe levantou o rosto, sentindo que sua segunda "bolha" continuava ali, intacta e hermética. Ato contínuo, percebeu

que as criaturas se afastavam precipitadamente, e o ruído de seus passos se foi perdendo até uma distância que, apesar das reduzidas dimensões da sala, ele não conseguiu avaliar. E, com o coração a ponto de estourar, pensou distinguir em meio às trevas um ponto luminoso e distante. A julgar pela posição do "soror", achava-se justamente na direção que ocupava — ou que devia ocupar — o muro selado...

Mas por que parecia tão distante? A resposta não tardaria.

A princípio lentamente, depois com aceleração crescente, aquele "ponto" de luz se foi aproximando do perplexo Sinuhe. E foi então, ao deslocar-se a velocidade maior, que ele percebeu que não se tratava de um único foco luminoso. Eram dois! E o investigador, de novo sobressaltado, descobriu que eram olhos de perfil felino, dos quais manavam feixes de luz âmbar.

Como que empurrado por alguma mola, se pôs em pé. Os olhos, ao chegarem junto à "bolha", estacaram.

Piscaram e, num instante, fundiram-se, convertendo-se no símbolo do infinito. E aquele signo (∞), sem perder a vivíssima e amarelada luminosidade, começou a elevar-se, seguindo a curvatura da "esfera mental".

Uma vez sobre a vertical de Sinuhe, a hélice enigmática girou sobre si mesma, transformando-se em um disco irradiante. E

dela partiram milhares de finíssimos raios também ambarinos que, ao contato com a

"esfera dos sonhos", derramaram-se por sua superfície, em forma de ouro líquido.

O que depois aconteceu resulta pouco menos que impossível de descrever: em meio a um banho de luz dourada, a "bolha" se desintegrou silente e, vagarosamente, diáfanas e majestosas, suas partículas —

convertidas agora em milhares, talvez milhões de "sonhos" diminutos — vieram pousar, uma a uma, sobre o corpo de Sinuhe. Maravilhado, conforme os via cobrirem-lhe pele, cabelos e roupas, foi identificando muitas das ilusões que tivera ao longo de sua vida. Ali, como rutilantes e minúsculas estrelas douradas, apareceram os mais entranhados e longínquos "sonhos" da meninice, da juventude e também os últimos e cada vez mais raros de sua maturidade.

Inexplicavelmente, nem uma só daquelas ilusões perdera a pureza da primitiva ingenuidade, nem o dourado brilho da beleza.

Levantou então os olhos para o símbolo do infinito mas, por muito que buscasse, a "hélice" desaparecera.

E ali ficou, embrulhado no mais surpreendente "traje" que jamais pudera imaginar: uma espécie de macacão de astronauta, flexível, leve como cada uma das ilusões que o compunham e brilhante, despedindo milhares de raios que tornavam perfeitamente visível o campo ao seu redor...

Sem poder crê-lo, palpou suas novas "roupas", sentindo que as estrelinhas que se entrelaçavam sobre o coração eram precisamente os seus "sonhos" e "ilusões" mais queridos: os que se haviam forjado na infância...

E com o espírito repleto de alegria, dirigiu o olhar para a porta taipada...

Alumiado pelo resplendor dourado que emitiam as milhares de milimétricas estrelas ou "ilusões"

engastadas entre si e que lhe cobriam o corpo dos pés à cabeça, deu um passo em direção ao muro sobre o qual havia lançado o "Nome Inefável e Temível". Mas quando sua própria luz alcançou as hieráticas e negras representações de Mut, deteve-se. O tabique volatilizara-se! Nada mais havia no lugar. O gesso e os tijolos de adobe que taipavam a porta eram agora uma tênue obscuridade, umbral de outro recinto, em cujas profundidades ele creu distinguir confusos e esfumados brilhos avermelhados.

"Essa tem de ser a câmara funerária", pensou inquieto. Que

novos perigos e enigmas o aguardavam do outro lado da porta que se lhe abria?

Antes de dar o passo decisivo, outro fato lhe chamou a atenção. A seus pés achavam-se os restos do primeiro selo real. E, junto ao oval de argila, várias cordas de esparto, revoltas e como que abandonadas às pressas. Estranhando abaixou-se e, tomando o selo entre as mãos, observou que as inscrições que decifrara

— o cão deitado e os nove cativos, símbolo dos grandes inimigos do Egito — tinham-se apagado. Acariciou a superfície do cartucho real e descobriu que as referidas gravações, contrariamente ao que havia suposto em um primeiro momento, não pareciam limadas ou apagadas. Simplesmente, como ocorrera com os escombros da porta taipada, haviam-se esfumado. . .

Aquilo e mais as cordas que achou, deixaram o investigador sumamente intrigado. E ao contar os enegrecidos cordéis, o pressentimento que já o rondara quando se encontrava encerrado na "bolha" mental, ressuscitou qual furacão: será que os prisioneiros que apareciam manietados com as mãos às costas recuperaram a vida? Que outra explicação poderiam ter então aquelas nove — justamente nove — cordas que havia encontrado junto ao selo real, agora "vazio"?

"Se esta fantástica idéia se confirma" — meditou, cravando o olhar na penumbra escarlate da câmara que o aguardava — "é quase certo que as bestas que destruíram a primeira "esfera" tenham fugido nessa direção..."

Um calafrio percorreu-lhe a espinha. A hipótese inquietante podia significar novo confronto com os cativos. . . supondo-se que tivessem fugido para aquela sala.

Por breves instantes hesitou. Que fazer com as cordas e o oval de barro? Deixá-los ali e enveredar definitivamente pela câmara que se abria para ele, ou os levaria consigo?

Uma vez mais deixou-se arrastar pela intuição e, separando delicadamente as "estrelas" que cobriam um de seus bolsos, guardou o selo real. No mesmo instante aquelas "ilusões" — como se tivessem vida própria

— recuperaram sua posição primitiva, tampando a cavidade deixada pela mão de Sinuhe. Quanto às nove cordas, preferiu amarrá-las em torno do punho esquerdo. Por último, depois de inspirar profundamente, atravessou o umbral com passos decididos...

Ao entrar naquela sala vazia, Sinuhe compreendeu por que os olhos felinos e luminosos que avistara do interior da sua "bolha" mental pareceram-lhe tão distantes. Nessa primeira observação, imóvel e emocionado depois de cruzar a porta,

calculou que se encontrava em uma câmara de uns cinco metros por sete, por outros três de altura, aproximadamente. O silêncio, se é possível, mais profundo, quase sagrado. E entendeu, igualmente, o porque da penumbra escarlate que entrevira do outro lado: os muros que se erguiam à direita e à esquerda — isto é, os menores — ostentavam uma série de curiosos "archotes", embutidos obliquamente e a coisa de metro e meio do solo. O excitado membro da Escola da Sabedoria não tardaria a descobrir que aquelas tochas, na realidade, não eram tochas... Mas não nos adiantemos aos acontecimentos.

Desde o primeiro instante, só teve olhos para um enorme vulto que se erguia no centro geométrico do que ele considerava uma câmara sepulcral. Uma tumba que, de acordo com as inscrições do segundo selo real, talvez guardasse os restos do faraó Tutankhamon, falecido por volta de janeiro de 1343 antes de Cristo.

Entretanto seu bom senso — apesar de tudo o que vivera até ali — continuava rebelando-se contra hipótese tão absurda. O mundo inteiro assistira em novembro de 1922 ao formidável achado no Vale dos Reis da entrada na tumba subterrânea do mencionado rei. H. Carter, o descobridor, após laboriosa escavação, abrira o sarcófago de Tutankhamon em 1923. E a múmia do faraó, examinada e reconhecida por um sem-fim de peritos... Como entender

então que ele pudesse encontrar-se naqueles momentos críticos na câmara funerária do irmão e genro de Amenofis IV?

"Sem dúvida" — meditou ao passo que se aproximava do vulto enigmático — "estou enganado. Esta não pode ser a sepultura de Tutankhamon. Além do mais, quando Howard Carter, lorde Carnavon e o resto dos arqueólogos penetraram finalmente na verdadeira câmara mortuária do faraó, primeiramente, antes de chegar ao sarcófago, tiveram de ir desmontando as quatro capelas sagradas que, encaixadas uma dentro da outra, cobriam-no e protegiam-no. E aqui, evidentemente, não vejo tais capelas..."

Mas essas deduções racionais se embaçaram sob outra realidade não menos evidente: os hieróglifos do selo em que se fazia clara menção ao "sono de Tutankhamon" .. .

Agindo com sua típica prudência, Sinuhe preferiu rodear aquela massa meio iluminada pelos estranhos

"archotes". Com passos lentos, pendente do menor ruído ou movimento suspeito, deu-lhe uma volta completa, sem chegar perto. Ajudado pelo resplendor dourado que seu próprio "traje" emitia, identificou o vulto com uma espécie de bloco — pétreo talvez — de uns três metros de comprimento por metro e meio de altura e largura. Na parte

de trás havia uns altos-relevos que Sinuhe, dada a prudente distância, não distinguiu com clareza.

Durante minutos deixou-se ficar em frente a ele, refletindo. Sentiu-se tentado a abordá-lo. Mas antes de aventurar-se quis certificar-se da natureza e características de quanto o cercava. E começou pelos singulares

"archotes". Desde que penetrara na câmara outro fato desconcertante lhe chamara a atenção: embora fosse verdade que alumiassem com um frouro brilho avermelhado, aquelas "tochas", porém, não ardiam. Pelo menos, não se consumiam como habitualmente acontece com uma acha. Sinuhe não visualizou chamas. E no entanto irradiavam aquela luz escarlate, suficiente para romper, embora precariamente, as trevas do lugar.

Com muita curiosidade, dirigiu-se aos archotes que se alinhavam na parede à esquerda da porta de entrada e, ao chegar até eles, não pôde reprimir sua admiração. Solidamente cravados e obliquamente ao muro, erguiam-se cinco remos ocos e transparentes, de metro e meio e — à primeira vista — idênticos. Mais ou menos até a metade, cada remo alargava-se em forma de pá. No interior destas últimas foi que observou

"algo" que lhe lembrou a água. Mas uma "água" em

ebulição, irradiando aquela luminosidade avermelhada.

O resto do remo, porém, parecia vazio.

Maravilhado, foi examinando um a um. A seguir caminhou para a parede oposta, verificando que ali eram quatro os archotes de cristal. No total, portanto, havia nove remos a semi-iluminar a câmara. E o membro da Loja secreta se recordou, perturbado, de que no túmulo de Tutankhamon também foram descobertos outros tantos remos mágicos, depositados no solo da cripta "para levar a barca do rei através das águas do Mundo Inferior", tal como rezava o Livro dos Mortos do antigo Egito. Entretanto, aqueles que Carter achou eram muito mais prosaicos que estes. Não passavam de toscas pás de madeira...

Uma torrente de perguntas assaltou o investigador: quem teria fabricado semelhantes "tochas" de cristal?

Que continham elas? Sua única missão seria alumiar — debilmente — o recinto?

Ao inspecionar aquela parede descobriu também no lugar que poderia ter sido ocupado por um décimo remo, um quadrado inexplicável pintado de branco e com pouco mais de um metro de lado. Ao tocá-lo as pequenas "estrelas" douradas que lhe revestiam os dedos cobriram-se de gesso.

— Assombroso!

Justificava-se a perplexidade do investigador. Aquela camada estava úmida como se tivessem acabado de aplicá-la... As demais partes dos muros, no entanto, embora igualmente recobertas com gesso e pintadas de amarelo, estavam secas. Aquele tom dourado que, em certa medida, suavizava a dureza do lugar, assim como as pinturas que Sinuhe foi descobrindo nas paredes mais compridas, confirmavam suas suspeitas iniciais: aquela tinha de ser uma câmara funerária. Em todos os túmulos de Tebas esse tipo de pintura amarela nas paredes simbolizava o pôr do deus-sol sob as montanhas do Oeste. Daí, precisamente, derivava-se a denominação aplicada a essa classe de câmaras. "A Casa de Ouro, onde o Uno descansa."

Os temas, além do mais, estavam desenvolvidos nas pinturas que adornavam as paredes de sete metros.

Tinham todos eles caráter funerário e religioso.

Dois dos murais, sobretudo, causaram impacto especial em Sinuhe. Estavam desenhados na parede oposta à da porta e à base de cores vivíssimas vermelhas, pretas, brancas e amarelas. Em um deles via-se a cena do traslado do cadáver do suposto "inquilino" da cripta. O rei era conduzido sobre andas ou caixões aos ombros dos cortesãos, todos eles

usando os típicos saíotes egípcios e, sobre as perucas e cabeças raspadas, as respectivas vendas brancas em sinal de luto. A múmia aparecia sobre uma padiola em forma de leão instalada no interior de uma capela montada, por sua vez, sobre uma barca e esta, por último, descansando nas referidas andas.

A segunda pintura, na opinião do investigador, reportava-se a outra cerimônia muito particular no antigo Egito: a chamada "abertura da boca" do defunto. Na realidade, os egiptólogos jamais chegaram a um acordo sobre o significado desse ritual. Na pintura se podia ver um personagem de grande relevância manipulando uma estranha "alavanca" com a qual, aparentemente, devia abrir a boca do morto. E entre os dois, colocados sobre uma mesa, vários objetos necessários nesse cerimonial: um dedo humano, o quarto traseiro de um boi, um leque com uma única pluma de avestruz e outro objeto desconhecido em forma de duplo penacho. Acima deles, via-se uma fila de cinco taças de ouro e prata.

E de repente, enquanto inspecionava aquele mural, Sinuhe viu-se assaltado por inequívoca e aguda sensação: "alguém" parecia observá-lo às suas costas. . .

Não era a primeira vez que experimentava aquela sensação tão clara. Um frio polar percorreu-lhe a espinha dorsal e o

medo do desconhecido, uma vez mais, deixou-o tenso.

Na tentativa de surpreender o hipotético observador, girou velozmente em direção ao centro da câmara.

Seus olhos esquadriharam a penumbra avermelhada e, submerso naquele silêncio que o abrumava, buscou o

"intruso". Ninguém. Ali, tão-somente o negro túmulo rompia, a duras penas, a solidão da cripta.

"E se se tivesse escondido atrás do bloco de pedra?"

Tal idéia veio desassossegá-lo ainda mais o quebrantado ânimo. Com o coração na mão, começou a rodear o que ele já imaginava ser um sarcófago.

Em guarda, punhos cerrados, mantendo-se sempre a uns três metros do monumento enigmático, foi caminhando ao seu redor. Mas aquela exploração redundaria também estéril. No momento era ele o único visitante da câmara sinistra. . . Uma vez mais, Sinuhe se enganava.

Nesses instantes, com o pulso mais refeito, observando os costados do catafalco, ficou fascinado pelos altos-relevos que adornavam as quatro quinas. Tratava-se das deusas Isis, Neftis, Neith e Selkit, dispostas de forma tal, que asas e braços estendidos rodeavam totalmente as paredes do

túmulo em simbólico abraço protetor.

Já não havia dúvida: aquele bloco de pedra tinha de esconder os restos, senão a múmia, de um faraó.

Possivelmente, como anunciava a inscrição do selo real, a do faraó Tutankhamon. Animado por esses pensamentos tão excitantes, o membro da Escola da Sabedoria tomou a decisão de tentar abrir o sarcófago.

Mas como consegui-lo? A enorme lousa que o cobria devia pesar mais de uma tonelada...

"Tem de haver um jeito...", refletiu, animando-se e dirigindo-se ao centro do gigantesco bloco. Mas, ao chegar a um metro do túmulo, "alguma coisa" inesperada cortou-lhe a passagem e o arrojou ao solo.

— Oh, Deus!...

Aturdido, viu-se arrojado ao solo rochoso com a mesma velocidade com que se havia levantado.

Examinou sua proteção de "sonhos" e, após verificar que não sofrerá dano algum, repetiu a aproximação, sem poder crer no que acabava de experimentar. Entretanto quando seu corpo chegou de novo a um passo do sarcófago uma espécie de furacão — silencioso e com ímpeto — surgiu pela

segunda vez de algum ponto do bloco, tornando-lhe impraticável o avanço e lançando-o novamente por terra.

Dessa vez, perplexo, não se levantou tão rapidamente. Era evidente que uma "muralha" invisível protegia a última morada daquele rei, E, tentando inteirar-se, deu uns passos ao redor do túmulo.

"Talvez experimentando pelo outro lado..." Mas a terceira tentativa foi tão catastrófica quanto as precedentes. E c atribulado "iuranchiano" rolou pelo solo. Apesar disso, não se rendeu. Pondo-se em pé tratou de abordá-lo pelas duas paredes restantes. A cada vez, entretanto, o vento reapareceu pontual e implacável, empurrando-o como a um boneco.

— Santo Deus! — lamentou-se desmoralizado —. É inabordável!

Seu cérebro e, pior ainda, sua vontade apagaram-se. Sozinho, sem armas, perturbado e sem saber como vencer a nova dificuldade, sentiu-se à beira da rendição. Porém naquele "Sinuhe" — o que surgira do espelho

— havia, sobretudo, uma tenacidade indestrutível. Passados os primeiros momentos de confusão, uma serena coragem o impulsionou pela enésima vez na direção do misterioso túmulo.

"O dispositivo para anular esse furacão, supondo-se que ele exista, deve estar em outro lugar... Mas onde?"

Engatinhando, aproximou-se da zona limítrofe do vendaval invisível. Esforçando-se por não ser novamente arremessado, foi rodeando o sarcófago na esperança de encontrar em suas paredes alguma possível solução para neutralizar a "muralha" protetora. No entanto, com exceção das quatro deusas aladas, os demais costados — finamente trabalhados em maciço bloco de quartzito amarelo — não ofereciam quaisquer inscrições ou sinais.

De cócoras diante do sarcófago deduziu finalmente que sua busca deveria orientar-se em outra direção.

Mas, quando se preparava para explorar a câmara pela segunda vez, uma agitada respiração rompeu o silêncio...

Em fração de segundos, os pensamentos de Sinuhe despencaram. Incapaz de mover-se afiou os ouvidos na esperança de que aquela respiração fosse só um engano ou talvez um perverso jogo do seu atormentado subconsciente. Mas não. Rítmica, intensa e clara tornou a soar às suas costas; e ele estremeceu.

Alguém estava muito perto. Podia quase sentir-lhe o alento compassado, o ruído rouco e gutural. E

lentamente foi voltando-se. Aquela sensação que experimentara enquanto examinava as pinturas funerárias — sensação inconfundível que delatava a presença de um observador — parecia a ponto de confirmar-se.

Em meio à penumbra escarlate, levemente iluminados também pelo resplendor dourado do seu "traje", apareceram ante Sinuhe aqueles olhos felinos de cor âmbar que já tivera ocasião de contemplar quando se achava no interior da "bolha".

O susto foi inevitável. Em movimento reflexo inclinou o corpo para trás, caindo em cheio no raio de ação do vento. O furacão, automaticamente, jogou-o para longe do túmulo e ele foi cair debaixo dos olhos do suposto inimigo.

Machucado, levantou a cabeça, verificando, horrorizado, que aquela criatura se achava a um palmo de seu rosto. Estendido e dominado pelo medo, só teve forças para contemplar umas delgadas patas pretas terminadas em pezinhos armados com cinco ameaçadoras e curvadas unhas de prata.

Seu primeiro pensamento, pouco tranquilizador, foi que estivesse aos pés de um animal.. . Um felino, talvez. . . Mas com garras de prata?

Pouco a pouco foi percorrendo o resto daquele corpo. Ao descobrir a cabeça, reconheceu um focinho longo e afilado e mais as orelhas, enormes, eretas e pontiagudas. E no centro do crânio escuro aqueles olhos de âmbar rasgados e penetrantes como espadas.

"Não, não se trata de um felino" — considerou atropeladamente —. "Parece um chacal".

Os olhos do animal, como se tivessem captado a angustiada dedução, cintilaram à luz dos milhares de estrelas que cobriam Sinuhe. E o investigador se deu conta de que aquelas pupilas tinham qualquer coisa de estranho. Pareciam artificiais e com incrustações de ouro, calcita e obsidiana. Também o corpo — mais parecido ao de um galgo que ao de um chacal — denotava qualquer coisa fora do normal. A pele, negra e lustrosa, parecia pintada...

Obedecendo a um impulso, confiado na aparente docilidade, estendeu a mão trêmula, até tocar numa das patas dianteiras. O chacal não se moveu, mas a respiração se tornou mais rápida e soturna, e Sinuhe, perplexo, acabou por confirmar o que já suspeitava: aquela criatura era de madeira!

Foi tal o seu desconcerto, que só conseguiu fechar os olhos e esperar que ao abri-los de novo aquela impossibilidade tivesse desaparecido. Mas, ao fazê-lo, ali estava o animal

petrificado.

Sinuhe compreendeu que se fosse esse seu propósito, o chacal já o teria atacado. Que pretendia então?

Por que estaria ali? Antes que tivesse a oportunidade de propor-se novas interrogações, o afilado focinho se abriu, deixando a descoberto duas fileiras de dentes ocos e transparentes que irradiavam uma luz escarlate idêntica à dos remos de cristal.

Na câmara então ecoou uma voz que lhe recordou a de um jovem.

— Eu sou Anúbis — falou o chacal —, primeira transformação do grande rei que dorme e descansa neste túmulo.

O investigador se pôs em pé e, boquiaberto, contemplou o surpreendente galgo-chacal. Não havia dúvida: aquelas palavras vieram de sua boca... Temeroso, rodeou o animal, verificando que, efetivamente, tratava-se de belo exemplar, de um metro de altura, cauda longa, reta, caída e peluda, em forma de cabo.

— Surpreendente! — exclamou, lembrando-se da efigie desse mesmo chacal sagrado que tivera oportunidade de ver esculpido no friso superior da parede norte do túmulo de

Baqt. Simultaneamente veio-lhe à memória o ancestral costume egípcio de venerar Anúbis como uma das deidades protetoras dos mortos.

Em quase todas as sepulturas do antigo Egito — inclusive a do faraó Tutankhamon — aparece montando guarda muito perto do defunto. Seu papel, como "abridor dos Caminhos" e "senhor do cofre e da mumificação", era relevante. Em realidade, assumia a primeira das mutações que o morto devia sofrer em seu caminho para "Duart": "o além".

Sinuhe, postando-se frente ao chagal, atreveu-se enfim a perguntar:

— Quem é o grande rei de quem falas?

Anúbis dirigiu seu olhar amarelado em direção ao túmulo, respondendo logo:

— Foi conhecido em vida como Tutankhamon, irmão e genro do último depositário do Grande Tesouro...

— O Grande Tesouro! — murmurou Sinuhe, lembrando-se da inscrição do segundo selo real. Sem esconder sua curiosidade, interrogou o chagal sobre a natureza e o paradeiro dele.

— O Grande Tesouro do Reino em Meio ao Mar encontra-se

em poder dos homens "Pi". Eu, primeira mutação de Tutankhamon, tive o grande privilégio de contemplá-lo e conhecê-lo... mas agora és tu que deves descobrir-lhe o paradeiro. Eu sou apenas o guardião da porta que pode levar-te até ele.

— Então é verdade que estou mais próximo que nunca. .. O chacal moveu a cabeça afirmativamente. E

acrescentou:

— Vossa missão está chegando ao fim. Os arquivos secretos de IURANCHA ser-te-ão abertos... sempre e quando saibas vencer Horemheb, o traidor.

O investigador esteve a ponto de perguntar-lhe sobre o general mencionado. Mas outra questão, mais premente, começara a inquietá-lo...

— Dize-me, Anúbis: esse Grande Tesouro tem alguma coisa que ver com os arquivos secretos que buscamos?

O chacal não respondeu. Sinuhe tampouco insistiu. Em realidade, o silêncio fora eloqüente. . .

E apontando para o grande sarcófago de pedra o membro da Escola da Sabedoria formulou outra pergunta:

— Sei que para cruzar essa porta (a que deve levar-me a Dalamachia e aos homens "Pi"), é preciso antes que seja aberto este túmulo. Podes ajudar-me?

E Anúbis, em resposta, deu meia-volta, mergulhando na penumbra sepulcral da câmara.

As palavras do chacal sagrado confirmaram as suspeitas de Sinuhe, abrindo-lhe o coração para a esperança. Se ali no túmulo repousavam os restos mortais de Tutankhamon, o hieróglifo gravado no segundo selo começava a fazer sentido. O membro da Loja secreta sabia que Howard Carter, ao explorar a múmia do

"Irmão e genro" de Amenofis IV (o grande Akhenaton), encontrara dois preciosos punhais entre as complexas vendas de Tutankhamon. Uma daquelas adagas era de ouro e a segunda de ferro. Isso, como digo, coincidia com a última parte do enigma: "... Sua primeira adaga aponta para Dalamachia. A segunda, para o traidor: Horemheb."

Pois bem, supondo-se que Anúbis o ajudasse a abrir o catafalco e que, de fato, ali repousasse a múmia do referido faraó, como poderia ele distinguir uma adaga da outra? Qual delas apontaria para o traidor? A de ferro, talvez?

Veio-lhe à mente também que naquela época — pelos anos 1300 antes de Cristo — o ferro era um metal praticamente

desconhecido no antigo Egito e que, por conseguinte, seu valor poderia ser muito superior ao do ouro. Teria tal circunstância alguma coisa que ver com o duplo dilema? Pela lógica, só a abertura *do* sarcófago real lançaria luz sobre aquelas questões tão obscuras e problemáticas...

Da mesma forma como o havia visto esfumar-se na penumbra em direção à parede em que ardiam os quatro remos mágicos, assim surgiu Anúbis dentre as sombras. Por mais que vasculhasse os recantos daquele lado da câmara, Sinuhe não conseguiu vislumbrar a silhueta do galgo-chacal e muito menos o ponto ou o meio de que se valera para desaparecer tão misteriosamente.

O caso é que ali estava ele de novo, com seu grácil e lustroso corpo molhado pela aura dourada que fluía dos milhares de "sonhos" e "ilusões" que cobriam Sinuhe. O chacal trazia alguma coisa entre os dentes e, levantando a cabeça em direção ao "iuranchiano", deu-lhe a entender que a devia pegar. O investigador entendeu na hora. Examinando a "coisa", concluiu que se tratava de um estojo de escriba, como aqueles que se utilizavam nos remotos tempos faraônicos: uma "paleta" ou estreita caixa retangular de uns trinta centímetros de comprimento, toda ela de marfim. Em um dos seus extremos apareciam seis pequenos orifícios, contendo outros tantos panos coloridos: branco,

amarelo, vermelho, verde, azul e preto. No centro a paleta tinha uma abertura retangular pela qual fora introduzida uma dúzia de finíssimos juncos castanhos do mar. Eram os calamos ou estilos, cujas pontas — talhadas — faziam as vezes *de* pincéis.

Sinuhe, maravilhado, leu a delicada inscrição que rodeava o orifício retangular por onde assomavam os juncos.

"A filha do rei, Meritaton, amada e nascida da Grande Esposa Real, Neferneferunefertiti."

Ligeiro tremor fez tremeluzirem seus milhares de estrelas douradas. Já não havia dúvida. Aquela paleta era, justamente, um dos múltiplos e valiosos objetos encontrados por Carter e seu grupo em 1922, quando desvendou outra das salas do túmulo de Tutankhamon, contígua à cripta e que, casualmente, foi batizada como a "do Tesouro" . . . Entre o enxoval ali depositado, os egiptólogos encontraram uma representação em madeira do deus Anúbis e, entre suas patas, aquela mesma paleta pertencente à princesa Meritaton, uma das seis filhas de Akhenaton e da belíssima Nefertiti.

Sinuhe olhou o chagal e suspeitou de que aquele equipamento de escriba poderia vir, precisamente, de algum lugar próximo — talvez dessa enigmática "sala do Tesouro",

depósito, por que não? dos arquivos secretos de IURANCHA —, de que Anúbis, a julgar per suas próprias palavras, parecia fiel guardião. Fosse assim, e tudo se encaixaria com precisão. A figura de tamanho natural do deus chacal, talhada em madeira e envernizada com resina preta e descoberta pelos arqueólogos em 1922 às portas da referida "sala do Tesouro", em um anexo da cripta de Tutankhamon, tinha de ser aquela prodigiosa figura de madeira que agora o contemplava com seus radiosos olhos de âmbar. Porém, os últimos e cada vez mais esgarçados farrapos de sua lógica encarregaram-se de lembrar-lhe de que "aquilo" era absolutamente impossível... Ele não podia estar no interior do túmulo de Tutankhamon. Aquele não era o Vale dos Reis...

— Eis a resposta à tua pergunta.

A voz do chacal retumbou na solidão da câmara funerária, arrancando Sinuhe à sua áspera luta interior.

— Minha pergunta? — balbuciou, sem entender bem a que se referia Anúbis.

— Lembra que solicitaste minha ajuda para abrir o sarcófago...

Sinuhe fixou o olhar na paleta de marfim. Sua memória, com efeito, voltara a funcionar. Entretanto não chegava a

entender os propósitos do interlocutor.

Anúbis, adiantando-se à pergunta iminente do humano, mostrou seus dentes de cristal e falou nos termos seguintes:

— Só há um meio para franquear este túmulo...

E o galgo-chacal caminhou devagar até o limite do quartzito amarelo. Um passo mais, e o furacão brotaria qual invisível fantasma. Mas o guardião do "Tesouro mais recôndito" limitou-se a farejar as proximidades do catafalco. Depois, tocando com o focinho a caixa que Sinuhe sustinha, acrescentou em tom solene:

— Aquele que for capaz de cerrar os olhos das quatro deusas protetoras, não só terá aberto o sarcófago do Senhor do Oeste, mas, sobretudo, restituir-lhe-á ao seu último estado, no além.

Sinuhe conhecia essas crenças religiosas do antigo Egito. Tinha deduzido que Anúbis era a primeira transformação do rei Tutankhamon. Entretanto, como proceder para consumir essa segunda e derradeira mutação? Como cerrar os olhos das deusas aladas que cingiam o túmulo? Era mister, antes, neutralizar a barreira que o protegia.

— Dize-me, Anúbis. Por que puseste em minhas mãos esta paleta?

— Só com as cores sagradas de Meritaton é possível esboçar meu verdadeiro nome: o que me foi dado por Tiya no momento em que nasci. .. Mas esse nome solar — concluiu o chagal — embora signifique minha ressurreição definitiva, não cabe a mim invocá-lo.

Anúbis fora explícito o suficiente para revelar-lhe boa parte do segredo. Entre os costumes egípcios havia um que se revestia de especialíssima transcendência. Todo recém-nascido devia receber um nome — o chamado "solar" — no próprio instante do nascimento. E era a invocação desse nome, uma vez morto o indivíduo, que abria ao defunto as portas de "Duat": o além. Daí que, para qualquer egípcio, a maior desgraça consistia na mudança de nome: castigo aplicado principalmente a ladrões e criminosos.

Sinuhe sabia que Tiya, esposa de Amenofis III e mãe de Tutankhamon lhe dera, no instante em que o trouxe ao mundo, o estranho nome de Tutankhaton. E uma chispa de esperança fez-lhe brilhar os olhos com especial fulgor.

Sem perda de tempo, extraiu um dos pequenos juncos e, colocando-se de cócoras em frente à primeira das deusas — Isis — introduziu o pincel no pequeno depósito circular que continha a tinta branca. A ponta umedeceu-se e o investigador, com pulso vacilante, começou a desenhar no ar os hieróglifos correspondentes à primeira sílaba de

Tutankhaton. Prodigiosamente, aqueles signos — de um branco resplandecente —

pairaram no ar, a um fio da "parede" de vento.

Nosso homem, perplexo, voltou-se para o chagal e acreditou visualizar em suas pupilas de ouro e obsidiana — feito luz — um sentimento humano.

Em silêncio, dirigiu-se à segunda quina e, molhando o pincel no mágico depósito amarelo, desenhou a segunda sílaba: "tan".

Na terceira — sempre sob o olhar vigilante de Anúbis —, traçou em vermelho a terceira sílaba — "Kha"

(1) — e, diante da quarta e última deusa alada, em símbolos verdes, a sílaba "ton".

(1) Esse grupo consonantal "Kh" tem um som aspirado gutural, diferente do "R" de "Ra". Lembra o "j" espanhol. *(Nota do tradutor.)*

Satisfeito e intrigado, deu um passo para trás, caminhando ao redor do túmulo. As quatro sílabas ("Tu"-

"tan"- "kha"- "ton"), oscilantes e iluminadas quais pedras preciosas, mantiveram-se ainda por curtos momentos no ar.

Subitamente, porém, rasgando a penumbra e o silêncio da câmara, de cada um dos remos de cristal partiu um sibilante raio escarlate. E os nove finíssimos feixes luminosos fizeram de três das quatro sílabas flutuantes o seu alvo...

Sinuhe, diante dos cantos traseiros onde flutuavam as sílabas "kha" e "ton", permaneceu imóvel, atento àqueles raios vermelhos. Observou de soslaio o chacal e, ao vê-lo estático, fez o mesmo. O desenlace veio rápido. As três séries de hieróglifos iluminados, correspondentes às sílabas "tu", "tan" e "ton", acabaram por fundir-se, convertendo-se na letra hebraica "T" ("Teth"). Imediatamente, o "escudo"-furacão se tornou visível, invadido por uma irradiação escarlate que emanava de cada uma das letras hebraicas, levitando ainda a metro e meio do solo. E o vento, tingido assim de vermelho, apareceu ante Sinuhe em toda a sua magnitude, cobrindo paredes e lousa tal qual um segundo sarcófago. O investigador compreendeu que, não fora Anúbis, e jamais teria tido acesso ao túmulo. Mas a cadeia de acontecimentos fantásticos apenas começava...

Enquanto observava o "T" situado à sua frente veio-lhe à memória uma de suas últimas peripécias, vivida quando buscava um meio para atravessar o tabique. A soma dos nove cativos no primeiro selo real o havia conduzido precisamente àquela mesma letra, o "Teth", cujo valor simbólico era o 9. E essa letra, do ponto de vista esotérico,

representava, como naquele caso, "uma muralha erigida para guardar um tesouro" ...

O fio de sua reflexão não chegou ao final. Adiantando-se a estes pensamentos, cada um dos três "T" se transformou em um "9" e, ato contínuo, fulminada, a "couraça" avermelhada desvaneceu-se. E com ela os três noves, os raios escarlates e os nove remos de cristal. A obscuridade, ao se desintegrarem os misteriosos

“archotes” embutidos nos muros, tornou-se quase total, aliviada apenas no centro da câmara pelo dourado brilho do “traje” de Sinuhe. Ele, sem saber a que se ater, buscou o chagal com o olhar. Anúbis, porém, continuava impávido, os olhos amarelos cravados na única sílaba sobrevivente: “kha”.

Embora fosse evidente que o furacão havia desaparecido, tornando possível o contato com o bloco de pedra, Sinuhe não se atreveu a mover-se. A presença da última sílaba, a flutuar em frente à cabeça da deusa Selkit, e a imobilidade estatuária do companheiro, o galgo-chagal, deram-lhe a entender que o processo de abertura do sarcófago não se havia concluído. Não se enganava. Enquanto contemplava os caracteres vermelhos de “kha”, o “kh” da sílaba trouxe-lhe à mente seu equivalente no alfabeto hebreu: “Jod”. E

inconscientemente rememorou seu secreto e cabalístico significado: a mão do homem. Movido por seu afã de desvendar aquele novo enigma e assomar-se quanto antes ao interior do túmulo, teve um súbito desejo: converter a sílaba "kha" de Tutankhaton em "Jod" ou "J" do hebreu e esta, por sua vez, em mão. Mão humana, capaz de ir cerrando os olhos das quatro deusas aladas...

Sua surpresa exorbitou quando, de improviso, aquele desejo se tornou realidade. O "kha" foi modificando seus traços até transformar-se em branca, fumegante e delicada mão; e fiel ao pedido mental do investigador, foi pousar-se sobre os olhos de Selkit, baixando-lhe as pálpebras. Logo em seguida dirigiu-se à deusa lavrada naquele mesmo costado do sarcófago, repetindo a operação com Isis. Repetiu-se tudo com Neftis e Neith. Aquele novo e súbito prodígio fez com que Sinuhe estremecesse. Então lembrou-se de que minutos antes associara igualmente o "T" das sílabas restantes do nome solar de Tutankhamon ao "9", e este

— ou a letra hebraica "Teth" — ao símbolo da "muralha". A imensa dúvida começou a fustigá-lo: será que seus desejos podiam tornar-se realidade? Como entender de outra forma aqueles espantosos sucessos... Mas se for verdade, se seus desejos podiam materializar-se, por que agora e naquele lugar? Uma resposta iluminou-lhe o cérebro como imediata e inequívoca cristalização daquele último "desejo": o "traje"!

Sim, essa tinha de ser a explicação... Enquanto estivesse coberto de "sonhos" e "ilusões" seus anelos podiam ser satisfeitos. Aquilo, por outro lado, explicaria seus "acertos" quando decifrou os selos reais... E quase automaticamente evocou um querido e saudoso nome: Nietihw. Sinuhe não podia saber, então, que aquele, justamente aquele, era o único desejo que não podia fazer-se realidade... Bem depressa compreendeu por quê.

Desiludido por seu aparente malogro, por não ter conseguido fazer da aparição da companheira uma realidade, concentrou-se outra vez no túmulo. Anúbis parecia definitivamente petrificado. Chegou a tocar-lhe a cabeça, comprovando que os olhos se estavam apagando. Rodeou o sarcófago, mas não encontrou rastro da mão que cerrara os olhos das deusas protetoras. Palpou também a grande lousa que cerrava o catafalco, verificando o que já havia intuído: aquela tampa de granito rosa devia pesar acima de mil quilos... Surgia, portanto, outro problema difícil. Como levantá-la?

Apesar da recente decepção, retrocedeu até colocar-se a um par de metros do bloco. Se na verdade o

"traje" que o cobria tinha a capacidade fantástica de tornar realidade os seus desejos, a lousa não tardaria em ceder... Foi inútil. Por mais força que pusesse naquele sentimento, a

tampa não se moveu. Desiludido, acabou por render-se. Dirigiu um olhar suplicante ao chacal, mas a vida de Anúbis, como suas próprias esperanças, esvaía-se.

— Será possível que agora, a. um passo do fim, esteja tudo perdido?

Docemente, imperceptivelmente, os felinos olhos mortiços de Anúbis se obscureceram. E no centro da câmara sepulcral tal frágil vaga-lume dourado, abatido e com medo, ficou Sinuhe, devorado pelas trevas e pela sua própria impotência...

Assim como ocorrera quando viu desaparecer no poço a figura da amiga querida, aqueles foram, também, momentos amargos. Ele intuía — sabia — que ali muito perto, talvez do outro lado daquela tumba, talvez no fundo daquele sarcófago, encontrava-se

O "Tesouro" que tanto haviam buscado: a Verdade sobre a rebelião de Lúcifer.. . a Verdade, em suma.

Mas o "novo Sinuhe" não estava definitivamente aniquilado.

Levou tempo, mas afinal compreendeu. Não bastava apenas desejar. Não era suficiente entregar-se e entregar a alma: para levantar a lápide tinha também de atuar, agir. Há muitos

anos já, desde que descobrira a irreversível senda do mundo interior, Sinuhe sabia que todos os desejos, sonhos e ilusões — por mais utópicos que fossem — podiam converter-se em realidade se, principalmente, soubesse imaginar como fazê-

lo.

Assim pois, desamarrando oito das nove cordas que conservava enroladas no pulso, foi depositando-as

— de duas em duas — sobre os quatro ângulos da tampa.

Em seguida, sem saber exatamente por quê, deixando-se levar pela intuição, dirigiu-se a cada uma das deusas, pondo-se a somar as plumas que lhes compunham as oito asas. Ao conhecer o resultado — 1 832

plumas de quartzito —, não pôde deixar de sorrir. Somando-se estas cifras ($1+8+3+2$) obtinha-se 14. Quer dizer — seguindo uma vez mais o método cabalístico — $1+4=5$. E por conversão ao alfabeto hebraico que representava esse "5"?: a letra "H" ou "Hai", velha conhecida de Sinuhe e de Nietihw, quando ela ainda levava sua coroa com o nome cósmico. "Hai", "casualmente", era — sempre do ponto de vista esotérico — o símbolo do ar. E qual a melhor fórmula que umas asas para representá-lo?

Maravilhado, lançou um último olhar às deusas aladas, perguntando-se como era possível que os artífices que as haviam lavrado sobre o mesmo bloco do féretro tivessem podido manejar e "esconder" aquele segredo cabalístico 1343 anos antes de Cristo, quando Moisés — possível "inventor da Cabala" — ainda não havia nascido... Tudo aquilo parecia tão confuso quanto fascinante.

Animado por essa descoberta, sentou-se frente ao túmulo e fechou os olhos. E imaginou e o fez com todo o coração e com toda a sua mente. Imaginou que as asas se desprendiam do sarcófago e, com elas, os corpos estilizados de Isis, Neftis, Neith e Selkit. Assim Sinuhe, em sua imaginação, desejou que aquelas asas de pedra batessem suave e majestosamente, fazendo com que ascendessem as deusas protetoras acima do sarcófago.

Uma vez no ar, as deusas apanharam as oito cordas que ao contato com suas mãos converteram-se em outros tantos bumerangues de negro e pesado ébano. O resto foi simples. Em sua imaginação, o membro da Escola da Sabedoria desejou e fez com que as oito curvadas armas fossem introduzidas pelas deusas na beirada rebaixada do catafalco, sobre a qual fora encaixada a lousa. Bastou um esforço pequeno para que os bumerangues — funcionando como alavancas — fizessem saltar a tampa de granito. Sem perda de tempo, enquanto as deusas se sustinham no ar, Sinuhe

"prensou" a tonelada e um quarto de pedra, reduzindo-a a um diminuto e reluzente coração de ouro. Apoderando-se dele, dirigiu a imaginação até o hierático corpo de Anúbis. E por desejo expresso de sua vontade, o chacal abriu as fauces, e o coração palpitante tomou posse do seu corpo de madeira. E os olhos felinos voltaram a iluminar-se...

Seus desejos — guiados pela imaginação — consumaram-se. O investigador abriu os olhos. Diante dele se desenrolava um espetáculo que jamais olvidará: do túmulo, agora descoberto, brotava, mui lentamente, uma espécie de névoa branca que já começara a derramar-se pelas laterais, avançando e propagando-se pelo solo da câmara. E sobre os ângulos do bloco de quartzito amarelo, agitando as asas, apareciam as quatro deusas com os bumerangues entre os dedos e os olhos cerrados.

Sinuhe quis interrogar Anúbis mas, por muito que vasculhasse na névoa que se esparzia inexorável em torno do catafalco, não viu nem sombra do chacal. O coração do "iuranchiano" voltou a ensombrecer-se. A que se devia aquela nova desapareição?

Um pressentimento o alertou. "Algo" desconhecido e grave parecia brotar daquela sepultura, entremeado com a estranha "bruma"...

Não encontrando o galgo-chacal, resolveu debruçar-se no túmulo. Deu um passo até o bloco mas, como se fosse uma advertência, um frio pungente subiu-lhe dos pés, obrigando-o a adiar a inspeção do sepulcro.

Atônito, observou a bruma leitosa que já lhe ocultava um terço das pernas, e deduziu que aquela sensação gelada provinha necessariamente do "fumo" que emergia do sarcófago. No afã de comprová-lo, abaixou-se e mergulhou as mãos na névoa.

— Jesus Cristo!

Sensação idêntica, cortante como mil alfanjes, obrigou-o a arrancá-las do alvo e enigmático "fumo". Ao contemplá-las descobriu, angustiado, que as pequeninas estrelas douradas — seus "sonhos" e "ilusões" —

que protegiam aquelas mãos haviam desaparecido. Outro tanto acontecia com as que lhe cobriam os pés e parte inferior das pernas...

— Oh, não!

Com efeito, aquela bruma, expandindo-se e ascendendo a pouco e pouco, possuía tal poder que começara a dissolver ou aniquilar seu "traje" protetor. Consciente do perigo iminente que o tingia, precipitou-se sobre a beira do

catafalco, disposto a desvelar-lhe o segredo...

Mas, ao aproximar-se, uma visão decepcionante se apresentou ante seus olhos.

O halo dourado que emanava do seu "macacão" de estrelas iluminou enorme vulto, completamente recoberto com finas vendas de brancura semelhante à da névoa. Sinuhe esticou a mão direita até tocá-lo. Sua imaginação sofrerá duro revés. Em lugar dos restos mumificados do faraó Tutankhamon, achou apenas um gigantesco "embrulho" — de aspecto humano, isso sim — enfaixado dos pés à cabeça.

— Oh!

Ao roçar os dedos, no que supunha fossem tiras de linho, eles afundaram ali. Como podia ser? As vendas, na realidade, eram pedaços daquele "fumo" que brotava pelos interstícios. Aquele corpo — ou o que quer que fosse — fora vendado... com névoa! E os dedos, ao se afundarem na "bandagem", experimentaram novamente aquela chicotada de gelo.

Não havia alternativa. A névoa, ascendendo sempre sobre o nível do solo, ocupava já a totalidade da superfície da cripta. Urgia decifrar aquele mistério e, sobretudo, buscar as adagas que o segundo selo real mencionava. Uma devia "apontar" para Dalamachia. A outra, para o traidor: Horemheb.

Trincando os dentes, lutando por superar as gélidas pontadas que haviam começado a amortecer-lhe pernas e mãos, foi desenrolando as tiras de névoa, rasgando-as e arrojando-as para fora do catafalco. Quando acabou de retirar a última, o "fumo" deixou de manar do interior do sepulcro. E um murmúrio de perplexidade escapou dos lábios do investigador. Em frente, ocupando todo o interior do sarcófago, surgira uma esfinge de ouro. Tratava-se, sem dúvida, da tampa de um féretro resplandecente, em forma humana. Aquele ataúde, de uns dois metros de comprimento, descansava sobre andas com figura de leão. Os traços da face da esfinge, soberbamente lavradas em lâmina de ouro, trouxeram-lhe imediatamente à memória o rosto do jovem rei Tutankhamon. "Então, apesar de tudo" — pensou, excitado — "eu estava certo..."

Os olhos foram confeccionados com aragonita e obsidiana, e as sobrancelhas e pestanas, finamente adornadas à base de incrustações de lápis-lazúli.

Aquela máscara intrigou Sinuhe. Enquanto o resto do ataúde fora recoberto de um ouro brilhante, em forma de plumas, o das mãos e do rosto era diferente, um pouco mais acinzentado, simulando assim a cor dos mortos. As mãos, cruzadas sobre o peito, sustinham os emblemas reais: o cajado e o chicote, com incrustações de faiança azul-escuro. Sobre a fronte da figura jacente do rei menino, Sinuhe

reconheceu imediatamente os dois emblemas e símbolos do Alto e Baixo Egito: a cobra e o abutre.

— Já não há dúvida! — exclamou, estourando de impaciência —. Aqui dentro deve jazer a múmia do Senhor do Oeste, irmão e genro do último depositário do Grande Tesouro do Reino em Meio ao Mar...

Sua alegria, porém, foi anuviada por aquela névoa, cada vez mais alta. O frio alcançava-lhe já os joelhos...

Antes de começar a abertura do féretro, lançou um olhar nervoso à sua volta. Anúbis ainda desaparecido e a névoa, embora já não brotasse do túmulo, continuava enchendo a câmara.

Aqui e ali, justamente nos lugares em que, recordava-se, jogara as tiras de "fumo", apontavam pequenos remoinhos. As deusas, com as pálpebras descidas, estáticas com seus bumerangues nas mãos de pedra, continuavam com seu interminável e silencioso bater de asas. Sinuhe observou também suas amareladas, quase transparentes figuras, constatando que, apesar de se acharem a pouco mais de um metro acima do sarcófago, aquele movimento alado não provocava a menor corrente de ar.

— Quanto tempo permanecerão assim? — perguntou-se, inquieto.

Mas, como eu dizia, o frio encerrado na névoa mordia-lhe já os joelhos. Não havia tempo a perder.

Inclinou-se sobre o ataúde de ouro e, examinando-lhe os lados, descobriu quatro asas de prata — duas de cada lado — dispostas, sem dúvida, para facilitar a remoção da tampa. Tremendo de frio e ansiedade, agarrou as asas mais próximas e puxou com força. Ao contrário do que supusera, a tampa do ataúde era sumamente leve. E, à luz do seu minguido "traje", debruçou-se, impaciente e trêmulo, sobre o conteúdo do féretro. Segunda decepção caiu sobre ele. No interior só havia um outro fardo, desta vez envolto em um tecido grosso de gaze, sumamente escurecido e estragado. Sobre o pano repousavam guirlandas de flores, arranjadas com folhas de oliveira e de salgueiro, pétalas de loto-azul e de centáurea.

— Incrível!

As coroas de flores conservavam um viço absoluto. Assim como se acabassem de ser trançadas...

— Como é possível? — perguntou-se enquanto acariciava as pétalas de loto —. Tutankhamon morreu há mais de 3 300 anos!

Com profundo respeito e veneração, Sinuhe foi retirando as grinaldas deixando-as cair sobre a névoa. Ao invés de

afundar, começaram a flutuar sobre a superfície do "fumo", balançando-se suavemente. Mas o investigador, sem dar maior importância ao novo e estranho fato, afinou-se em despojar o fardo de sua gaze.

Ao rasgá-la, surgiram algumas incrustações de vidro multicolorido, com ricos engastes de ouro. Suas mãos se detiveram por alguns segundos. Sinuhe, de repente, lembrou-se da histórica descoberta de H. Carter no Vale dos Reis. Também naquela ocasião, os egiptólogos — ao abrir o sarcófago real — haviam encontrado um primeiro ataúde. E no seu interior um segundo féretro; e um terceiro, matematicamente ajustado e arrumado no anterior. Era isso o que o aguardava, ao "iuranchiano"? Se for assim, onde estarão as adagas?

Incapaz de controlar curiosidade e impaciência, precipitou-se sobre a tela arruinada rompendo-a em longas tiras, que foram sendo amontoadas desordenadamente em todo o perímetro do ataúde. Porque, efetivamente, foi isso o que apareceu ante os olhos atônitos do nosso homem: um segundo sarcófago, de dois metros de comprimento, de forma e desenho semelhantes ao primeiro. Todo ele se achava suntuosamente recoberto com grossas lâminas de ouro, com incrustações de vidro opaco, talhado e gravado, imitando jaspe vermelho, lápis-lazúli e turquesa, respectivamente.

Todo ele, incluída a máscara funerária, lembrava a tampa que acabava de apoiar no túmulo. Tudo, menos um detalhe: as mãos. Cruzadas também sobre o peito, não seguravam os emblemas reais — o cajado e o flagelo — mas... uma adaga!

— Até que enfim! — gritou Sinuhe, que já sentia o gelo da névoa à altura de suas coxas.

Protegida por aquelas mãos de ouro, efetivamente, a empunhadura dirigida para a cabeça, havia surgido, finalmente, aquilo por que tanto ansiava. Ao contemplar a bainha, finamente lavrada em ouro, assim como o já citado punho — delicadamente trabalhado em ouro granulado e a intervalos adornada com pedaços de cristal de rocha colorido — Sinuhe viu-se assaltado por tremenda dúvida: achava-se ante a primeira ou a segunda adaga? A criptografia decifrada na porta tabicada só fazia alusão a uma "primeira adaga", que devia apontar para Dalamachia, e uma "segunda", que apontava, de acordo com a interpretação do investigador, para o traidor: Horemheb.

Que fazer? Como saber se aquele formoso punhal era o primeiro ou o segundo?

Com as pernas doloridas por aquela névoa infernal, Sinuhe enfrentou por alguns segundos o enervante dilema.

Antes de começar a retirar a adaga estudou sua posição.

Observou a empunhadura, concluindo que estava orientada justamente para uma das pinturas funerárias que tanto lhe haviam chamado a atenção: aquela que representava um alto dignitário com uma espécie de "alavanca" preta entre as mãos e a ponta de efetuar a chamada "abertura da boca" do defunto rei, pintado, por sua vez, em forma de múmia e diante desse dignitário. A ponta do punhal vinha a coincidir com a porta pela qual tivera acesso à câmara. E um enxame de dúvidas acossou-lhe a mente.

Supondo-se que aquela adaga "apontasse para Dalamachia", para que lado devia ele encaminhar-se? Para a parede pintada ou em direção à porta que havia atravessado? Se, ao contrário, se tratasse da "segunda adaga", qual dos extremos apontava para o "traidor"?

Confuso, abandonou o túmulo e abrindo passagem pela branca névoa gelada foi postar-se ante o mural funerário. Os raios dourados que ainda emitiam seu ventre, torso, braços e cabeça permitiram-lhe repassá-la com certa comodidade. Chegou mesmo a tocar a figura do nobre egípcio averiguando que efetivamente tratava-se apenas de gesso colorido. Aquele personagem desconhecido, toucado com uma coifa verde, vestia saiote branco e cobria os ombros com uma bonita pele de leopardo.

Resignado, deu meia-volta e retornou ao catafalco. Uma vez

mais naquela louca aventura estava ele forçando os acontecimentos. E esse, obviamente, não era o procedimento mais prático...

Entretanto, enquanto arrastava as pernas quase insensíveis, as palavras de Anúbis em relação a Horemheb fizeram com que se virasse para o mural.

"... Os arquivos secretos de IURANCHA te serão abertos. .. sempre e quando saibas vencer o traidor."

— O traidor?... Traidor de quem/ De Tutankhamon?

De repente, em meio ao silêncio espesso, seus pensamentos voltaram-se contra ele, advertindo-o: "Por que, ao evocar a sentença do chacal, havia dirigido o olhar precisamente para aquele personagem?"

Embora ao longo da missão se tivesse visto envolvido em circunstâncias tão críticas quanto aquela, ao verificar como a neve lhe dissolvia já as estrelas do ventre, não pôde evitar um sentimento de alarma. Se era verdade que se achava tão próximo aos homens "Pi" ou aos arquivos secretos ou a Dalamachia, seus inimigos — forças talvez integradas pelos "medianos" rebeldes — não lhe concederiam trégua nem quartel. Era preciso estar mais desperto que nunca mas, paradoxalmente, Sinuhe notava que se lhe escapavam as forças por momentos... Jamais se sentira tão abatido.

Saltando os pequenos remoinhos, cada vez mais vigorosos, que abriam as névoas nas proximidades do bloco de quartzito, colocou-se em frente à figura jacente do jovem rei. E sem pensar, tomou da empunhadura da adaga, puxando-a. A bainha dourada solidamente segura pelas mãos da esfinge não se moveu. Mas a folha do punhal, em compensação, deslizou fácil e documente. Como o punho direito cerrado sobre a guarnição, Sinuhe, devorado por aquele gelo invisível e por sua própria incerteza, foi aproximando a adaga até a altura dos olhos. O cintilar de suas estrelas douradas fez então brilhar a afiada e pontiaguda folha... de ferro!

Foi tudo simultâneo: no cérebro do investigador disparou um sinal de perigo, os olhos das deusas aladas se abriram e os oito bumeranges estremeceram, ao mesmo tempo em que intensa chama azul partida do punhal, cegando Sinuhe.

Sem largar a adaga inclinou-se para trás tampando o rosto com a mão esquerda. Quando, enfim, aquela explosão luminosa que, em silêncio, brotara da folha de ferro se foi dissipando em suas retinas doloridas, o

"iuranchiano" descobriu, assombrado, que as quatro deusas protetoras já não flutuavam sobre o catafalco.

Voltou-se automaticamente e, tal como vinha suspeitando há algum tempo, viu, horrorizado, que a figura do

"alto dignitário" desaparecera da pintura funerária. Em seu lugar, de perfil também, aparecia uma das deusas adornada e provida de oito asas e de outros tantos braços, mas sem os bumerangues...

Com o coração aos pulos, fez um primeiro gesto para aproximar-se da parede. Mas um ceceio próximo o paralisou. Era o primeiro som que escutava na penumbra da cripta desde que Anúbis e sua respiração agitada desapareceram. E chegava nítido às suas costas.

No primeiro momento pensou reconhecer aquele som. Abalado, porém, rechaçou a idéia aterrorizante...

Com sumo cuidado, foi voltando-se. E lentamente, com a adaga no alto, aproximou-se do interior do túmulo.

O gelo que lhe atravessava o corpo propagou-se em vagas sucessivas até desembocar no coração. Mas aquele frio que lhe comprimia o peito agora não vinha da névoa, mas do pavor fulminante que lhe provocara a visão do segundo ataúde. Sobre o ouro e o vidro multicolor da figura jacente, retorciam-se oito sibilantes cobras.

Paralisado, com o braço no alto, Sinuhe lembrou-se dos bumerangues.

— Deus meu! — disse a si mesmo, sentindo como o gelo lhe

encharcava a garganta —. Primeiro, foram cordas. Depois, bumerangues de ébano, e agora... agora converteram-se em serpentes.

As cobras logo detectaram os eflúvios — sem dúvida carregados de terror — que escapavam daquele humano incapaz de reagir ante a presença dos répteis venenosos. E, uma após outra, se foram levantando sobre o ventre, dirigindo para Sinuhe os negros e penetrantes^ olhos. Quatro dos ofídios ostentavam três pequenas escamas sobre a cabeça. E o investigador compreendeu com espanto que se tratava da áspide ou

"víbora de Cleópatra", sumamente perigosa. Quanto às demais, excitadas pela proximidade do ser humano, haviam-se apressado a achatar e alargar seus colos, exibindo-se em toda a sua macabra magnificência. Estas últimas — de pescoço preto — tinham ainda a faculdade de lançar o veneno aos olhos do adversário. Sinuhe o sabia e, meio hipnotizado pelo ceceio e pela lenta oscilação das cabeças dos répteis, creu chegado o fim.

Seu último pensamento foi para Nietihw. Que teria sido dela? Estaria viva?

A névoa já lhe chegava ao nível da cintura e, presa do magnetismo das pupilas verticais dos ofídios, parecia

resignado a morrer. Uma das áspides ergueu-se acima das companheiras e, abrindo as fauces, mostrou as presas venenosas. O ataque parecia iminente...

Mas, no último segundo, umas fauces maiores do que as das cobras agarram-lhe as roupas e, empurrando-o pela cintura, derrubam-no de costas, mergulhando-o no "fumo" leitoso. Enquanto caía, arrastado por aqueles dentes desconhecidos, teve tempo de ver como os répteis, enganados no último instante, deslizavam velozes sobre a beirada do sepulcro, submergindo, como ele, na névoa espessa, sem dúvida empenhados em persegui-lo.

Ao tocar o solo rochoso da cripta, as fauces o liberaram e Sinuhe, bracejando e sem ar, revolveu-se sobre si mesmo em busca do tão oportuno salvador. Mas ali, no meio da névoa, a branquidão era tal que o cegava.

E não pôde distinguir forma ou figura alguma. A falta total de oxigênio no interior do "fumo" somada à considerável densidade do meio que o obrigava a mover-se com lentidão e o cansava, forçaram-no a sair imediatamente. Ao emergir, descobriu desolado que seu "traje" de "sonhos" e "ilusões" dissolvera-se por completo. Agora, a única claridade da câmara vinha da névoa que continuava invadindo o lugar, lenta mas inexoravelmente.

Desta vez, conseguiu evitar o primeiro ataque das cobras. Não obstante, a imagem dos ofídios a corcovear na espessa claridade fez com que temesse nova acometida, provavelmente nas pernas ou no ventre.

Aterrorizado, vasculhou com os olhos os quatro pontos cardeais, tentando descobrir os corpos das serpentes.

Subitamente, entre as coxas, acreditou sentir o roçar de alguma coisa mais sólida que "fumo". À beira do histerismo, patinhou na névoa empreendendo enlouquecida e desesperada fuga em busca de algum ponto mais distanciado do túmulo.

Mal conseguira avançar um par de metros em direção ao muro que sustentara os quatro remos de cristal e em cujo extremo se adivinhava aquele também enigmático quadrado de gesso branco, e sua caminhada foi truncada. Acima da superfície da névoa — no centro de quatro dos redemoinhos que se agitavam à sua frente

— viam-se vários crânios. Sinuhe, em meio aos farrapos de luz, só distinguiu, de início, a parte superior de umas cabeças escuras com uns olhos vidrados e ameaçadoras pupilas verticais.

"As cobras", deduziu apavorado.

Mas havia qualquer coisa de estranho naquelas cabeças, apenas assomadas à flor da névoa.

Pressentindo novo ataque, retrocedeu. No mesmo instante, à direita e à esquerda, emergindo por outros tantos redemoinhos, descobriu mais quatro vultos, dois de cada lado, idênticos aos que tinha diante de si. Em todos relampagueavam as mesmas pupilas verticais, frias e mortais como a névoa que o consumia.

Sem escolha, continuou caminhando de costas até que a parede do catafalco impediu-lhe a fuga. Sem querer, voltara ao ponto de origem. Em seguida, os oito crânios — como se soubessem que sua vítima estava encurralada — emergiram sem pressa do meio da névoa, mostrando-se a Sinuhe em todo o seu horror.

Diante do nosso homem foram aparecendo oito corpos de mais de dois metros de altura cada um. Embora as pupilas fossem similares à das áspides e "víboras de Cleópatra", tratava-se, na realidade, de robustos seres peludos de aspecto humano, vestidos de tanga. As mãos, armadas com longas unhas e as cabeças, cobertas de grenhas escuras e impenetráveis. Sinuhe os reconheceu. Eram oito dos nove cativos que haviam escapado misteriosamente do primeiro selo da Necrópole Real! Aqueles inimigos do Egito já tinham tentado acabar-lhe com a vida quando ele se encontrava

encerrado na "bolha" mental. Inexplicavelmente, porém, haviam-se afastado da antecâmara, deixando abandonadas as cordas e o selo de argila. O sigilo e a nona corda continuavam em poder do investigador...

Impotente, viu como os cativos levantavam as garras prontos para um ataque que, agora, não seria repellido por "esfera" mental alguma...

Triunfantes, os rostos de azeviche dos cativos esboçaram sorrisos diabólicos, proclamando assim o que parecia ser um final fulminante. E foi nesses instantes críticos, quando as curvadas unhas — longas como cauda de escorpião — erguiam-se acima da cabeça do prisioneiro, ao ponto de cravar-se em sua presa, que Sinuhe — com a névoa à altura das costelas — intuiu onde poderia estar sua salvação...

— O Nome Inefável!...

Ao observar de perto a pele dos cativos — elástica e áspera como a argila de que haviam escapado —, recordou-se das palavras sagradas. O ato de pronunciá-las lhe havia franqueado a passagem à câmara sepulcral, embora, é bem possível, houvesse trazido consigo também o mágico "esvaziado" do selo real...

Tinha de arriscar-se. Talvez uma nova invocação do "Nome" obrasse o milagre e aqueles seres de barro...

Sinuhe — algo estranho nele — pensou e atuou simultaneamente. Extraiu do bolso o oval de argila e, levantando-o com a mão esquerda, gritou:

— SHEM HAMEFORASH!

O eco bateu nos muros. Os sorrisos petrificaram-se e com eles os corpos dos oito cativos. E a névoa, vertiginosamente, qual branca trepadeira, ascendeu pelas musculosas extremidades dos prisioneiros, cobrindo-os totalmente. Em segundos, as oito criaturas de argila se converteram em outras tantas estátuas de

"fumo". Mas a nova mutação duraria pouco. A neve cairia com a mesma velocidade com que se levantara.

Os remoinhos desapareceram e também os oito cativos; Sinuhe, aliviado, recostou-se exausto contra a parede do sepulcro.

Seu desafoço, entretanto, foi breve. Ao examinar o selo ovalado que ele conservava entre os dedos pouco faltou para que, presa de novo sobressalto, se lhe escapasse da mão. A quase totalidade da superfície — com exceção do segmento superior — havia recuperado o aspecto original: oito figurinhas apareciam toscamente representadas em outros tantos altos-relevos de barro. Eram os cativos ajoelhados e com as mãos novamente amarradas às costas.

Mas faltava uma e, claro, a figura superior: a do galgo-chacal...

Com a névoa pelo peito, perguntou-se onde estaria Anúbis e por que teria sido atacado pelos oito dos nove cativos. E mais, quem o teria salvo das cobras? Tratar-se-ia do chacal de madeira a quem devolvera a vida? E se fosse isso, por que não tinha conseguido vê-lo? Onde se esconderia? Será que aquela névoa não o afetava? Ele, em compensação, sentia-se cada vez mais fraco... É certo que a densa e nevada fumaça contribuíra — e não pouco — para a aniquilação das bestas que o rodeavam, mas, se não atuasse com rapidez — se não encontrasse Horemheb —, aquela mesma bruma que já lhe cobria e machucava o peito podia converter-se em seu túmulo.

Que fazer para defrontar-se com o "traidor"? Sinuhe dirigiu o olhar para a deusa alada que tomara o lugar do enigmático dignitário na pintura funerária, propondo-se esta e outras incógnitas com uma inquietação mais e mais angustiada.

Os fatos, uma vez mais, precipitaram-se: de súbito, umas mãos longas e úmidas caíram-lhe ao pescoço, com a intenção de estrangulá-lo. Sobressaltado, tentou sair do catafalco. Mas aqueles dedos — como cepos — afogavam-no. O selo de argila lhe caiu da mão perdendo-

se na névoa e o investigador, num esforço contínuo, cravou os dedos — agora livres — naquelas garras, mais que mãos, que se lhe fechavam em volta do pescoço. Empânico, olhos arregalados, o "iuranchiano" acreditou identificar a criatura que o atenzava como o último e nono cativo.

Sua perplexidade e desespero alcançariam, entretanto, o paroxismo quando, ao colocar a mão esquerda sobre as garras, elas, feitas de um barro úmido, destroçaram-se quase completamente. Entre estertores, examinou a palma da mão, verificando que não

se enganara: ali, entre os dedos, tinham ficado porções de um adobe fresco e avermelhado.

Em reação fulminante, descarregou a adaga de ferro sobre a mão que lhe arroxava a região direita do colo, conseguindo o mesmo efeito. O punhal penetrou na garra; ao ser retirada, porém, em lugar de sangue, a brilhante lâmina só trouxe... barro!

Apesar do evidente estrago sofrido pelas mãos, nenhuma das duas cedeu um átimo sequer em seu objetivo. E Sinuhe, meio desmaiado, começou a sentir sinais de asfixia. Turvou-se-lhe a visão, e o coração, bombeando no limite de suas possibilidades, começou a fraquejar.

Num derradeiro esforço, guiado unicamente pelo instinto de

conservação, o membro da Loja reuniu suas poucas forças e puxou as garras e o ser para baixo, buscando a hipotética ajuda da névoa. Evidentemente, a fantástica criatura não previra a súbita reação e se viu, com efeito, arrastada para o interior da bruma. As mãos e os antebraços, submersos assim no "fumo" de gelo, sofreram a mesma sorte dos oito cativos.

Simplesmente se dissolveram.

Sinuhe, livre da tenaz assassina, tentou a superfície. Mas, ao emergir frente ao catafalco, aquele inseparável "companheiro de viagem" — o espanto — voltou a soprar-lhe sobre o coração gelado.

Diante dele, em pé no interior do túmulo, achava-se o "alto personagem", tão misteriosamente desaparecido do mural funerário. E Sinuhe, com a névoa a roçar-lhe já as clavículas, compreendeu.

— Horemheb!... O traidor!

Confirmando suas suspeitas, o corpulento egípcio fez uma leve inclinação de cabeça, enquanto estendia os braços para Sinuhe. Mãos e antebraços, efetivamente, foram amputados pela névoa. Nas extremidades distinguiam-se uns cotos úmidos e avermelhados como o resto da pele do velho general.

Mas, no momento seguinte, o barro que formava o corpo de Horemheb cobrou vida e os cotos se auto-regeneraram e as mutiladas extremidades renasceram. O êxito parcial do "iuranchiano" acabou sendo infrutífero...

Horemheb, cravando seus enormes e amendoados olhos negros em sua vítima indefesa, falou:

— Escuta, estrangeiro!... Em vida do herege rei Akhenaton e do seu irmão Tutankhamon, fui enviado por Amon, meu senhor,

para recuperar o Grande Tesouro do Reino em Meio ao Mar e destruir o culto a Aton, vã tentativa dos fiéis a Micael para restituir sua autoridade perdida em IURANCHA. Desde então, sou o custódio desse Tesouro e nada nem ninguém poderá entrar na Sala de Thot...

Sinuhe só compreendeu em parte. Ele estudara que aquele temido general — que de fato conheceu o faraó herege e seu irmão — usurpara o trono do Egito após a morte de Ay, o chamado "Pai Divino" e sucessor de Tutankhamon. Sabia também que, seguindo os conselhos das castas sacerdotais, devolvera o culto e a glória a um de seus deuses: Amon, arrasando qualquer vestígio daquela outra divindade — Aton —

"suprema revelação" do rei herege, Akhenaton. Mas que

significava tudo aquilo sobre o Grande Tesouro e os fiéis a Micael? Que era a Sala de Thot? A confusão do investigador, à medida que escutava as palavras de Horemheb, foi crescendo...

— Podes unir-te a Amon, meu senhor — concluiu o general — ou morrer... Escolhe!

Grave silêncio, dramático como aquelas frases, planou pela cripta como o prelúdio de iminente e não menos dramático desenlace...

O cérebro de Sinuhe, aossado por aquele outro perigo — a névoa ondulante — não respondeu. Pouco importava agora a busca dos arquivos secretos de IURANCHA. O "fumo", em ascensão contínua, não tardaria a alcançar e sepultar-lhe a cabeça. Como pensar na missão quando sua vida tinha contados os minutos?

Na ponta dos pés, esquivando-se dos gelados farrapos de névoa, foi aproximando-se do túmulo, já totalmente coberto pela bruma. Era inexplicável que as robustas pernas de Horemheb não se tivessem dissolvido. Pelo menos da perspectiva do investigador, os pés do general achavam-se no interior do catafalco e este, como digo, fazia tempo desaparecera sob o nível daquele inesgotável horror leitoso. Entretanto, hierático e solene, o corpo de barro do traidor

continuava sobressaindo acima da névoa.

Sinuhe não tardaria a entendê-lo. Ao topar com a lateral de quartzito, verificou que a totalidade do vazio do sepulcro retangular permanecia livre. A névoa ascendia e o enchia todo à exceção daquele reduto sagrado.

Quanto aos pés de Horemheb, embrulhados em alvas sandálias, pareciam firmemente seguros sobre o tórax de ouro da esfinge jacente. Atordoado, levantou o rosto para o do general. Iluminada pela brancura que ameaçava inundar a câmara toda, aquela face avermelhada esboçou um sorriso irônico. O monstro de adobe, levando a mão esquerda à pele de leopardo que lhe cobria o ombro, repetiu o ultimatum:

— Escolhe, estrangeiro!...

Para Sinuhe, tristemente, a escolha só podia ser uma. Cansado, o corpo todo ferido pelo gelo, sem esperança de tornar a ver Nietihw, sem armas, sem a ajuda do já remoto "amigo" *Ra*, que sentido teria resistir? Quão longínquos pareciam, naqueles instantes, seu entusiasmo e seu afã de desvelar a Verdade sobre Lúcifer!...

Com voz quebrantada, só conseguiu retorquir:

— Está bem!... Não quero morrer!... Mas dize-me ao menos quem é teu senhor e qual a sorte que me aguarda.

Horemheb, satisfeito, continuou acariciando a pele de leopardo.

— Alegra-me tua sensatez, estrangeiro. Vossa missão estava fadada ao fracasso. Mas, ao eleger Amon, teu esforço não terá sido estéril... Ele, precisamente, te mostrará a Verdade por que tanto anseias.. .

— Amon? — interrompeu-o Sinuhe. — Quem é?

— Em teu mundo, em IURANCHA, fruto de vossa ignorância, é conhecido como Lúcifer... meu senhor.

Destino trágico e paradoxal. Se Horemheb não mentia, a força do Maligno — contra a qual, sem dúvida, haviam batalhado até o momento — era a que, agora, ofertava-lhe a vida e a Verdade. ..

Aferrado à submersa beirada do catafalco, não teve forças para continuar interrogando o general. Seu único desejo era sair daquele lugar espantoso e sobreviver; e Horemheb, compreendendo o lamentável estado do "iuranchiano", falou-lhe de novo:

— Porém, antes de conduzir-te à Torre de Amon, é preciso que renunciés ao símbolo que ainda te une a Dalamachia.

O investigador olhou-o sem compreender.

— Deves entregar-me o colar, a "cadeia" de números, símbolo dos estúpidos e ilusos homens "Pi" ... até os quais jamais chegarás.

Sinuhe obedeceu. Documente, retirou-a do colo e ofereceu-a a Horemheb.

Sem abandonar o sorriso triunfante, o general inclinou o torso, ao mesmo tempo em que anunciava em tom cerimonial:

— Como general vitorioso e último rei da dinastia XVIII ordeno que tua submissão a Amon, e a mim mesmo, deve consumir-se com um ato de entrega total: cinge meu colo com a tua "coroa" ...

Horemheb flexionou a perna direita, apoiando o joelho sobre as plumas de ouro do segundo ataúde. Com reverência, inclinou a cabeça até o alcance das mãos de Sinuhe. Este, tiritando, em silêncio, ergueu-se nas pontas dos pés, deslizou a "cadeia" ao redor da coifa verde, depositando-a no colo do traidor.

E uma tristeza infinita apoderou-se daquele homem vencido...

Foi como um relâmpago. Como uma descarga interior. Como uma luz ou talvez como um grito distante.

Ao soltar a "coroa" de números na nuca de Horemheb, o nome de Nietihw fez vibrar até a última célula de Sinuhe: arrebatado, crispam-se-lhe os dedos sobre o colo do general. O investigador deixou-se cair de costas sobre o mar de brumas, arrastando consigo o traidor.

Entre brancas turbulências, foram ambos submergidos no "fumo". Em segundos, o barro vermelho se consumiu e Horemheb, aniquilado pela névoa, desapareceu.

Sem poder entender sua reação fulminante, o membro da Escola da Sabedoria buscou a superfície desesperadamente. O nível do "fumo" chegava-lhe agora aos olhos; saltando sobre o solo rochoso, encheu de ar os pulmões e lançou-se em busca do túmulo. Se conseguisse galgá-lo e refugiar-se em seu interior, talvez adiasse seu fim...

Ao agarrar-se à borda do bloco de pedra, tentou saltá-lo. Mas aquele metro e meio era já demasiado para as suas forças esgotadas. Rendido, quase asfixiado, sentiu a massa gasosa a cobri-lo definitivamente.

Pronto para morrer, foi deslizando-se pela parede do catai alço, até cair de joelhos junto dele. Ali, prisioneiro da branquidão cegante — paradoxalmente salvadora e mortal — esperou a sua hora.

Entretanto, quando mal tocara o fundo da cripta, aquelas

mesmas fauces que o salvaram do ataque das cobras trancaram-se em suas roupas e o impeliram para o alto, depositando-o bruscamente no interior do sepulcro.

Ao contato com a madeira chapeada do segundo ataúde, Sinuhe, com a pele azulada por um congelamento incipiente, entreabriu os olhos. Os pulmões inalaram ansiosamente e, pouco a pouco, compreendendo que fora resgatado do gás gelado, tratou de levantar-se. Mas era extrema a sua debilidade, por isso mal conseguiu sentar-se sobre a figura jacente. O "fumo", colado às quatro paredes exteriores do túmulo, continuava ganhando altura, respeitando porém o espaço situado acima do grande bloco retangular.

Ficava, assim, sobre o reduzido habitáculo que ocupavam agora o féretro e Sinuhe, um misterioso e providencial vazio ou "chaminé", fortemente iluminado pela irradiação daquelas vibrantes "paredes" de névoa.

Na mente do "iuranchiano" martelava uma única idéia: "A segunda adaga!... A segunda adaga!..."

Urgia encontrá-la. Mas, como abrir a tampa daquele ataúde? O punhal de ferro, tal como acontecera com sua "cadeia" de números, desaparecera na profundidade da bruma...

Tateou as asas de prata colocadas dos dois lados e puxou-as. Inútil. Seu próprio corpo, pesando sobre o féretro,

dificultava a operação. Havia também a esfinge que, preenchendo a totalidade do nicho, não deixava espaço suficiente entre a pedra e o ataúde.

Bateu no peito dourado do jovem rei, tornando a maldizer sua má sorte. Mas logo compreendeu que tal atitude não o levaria a parte alguma, quando muito, só a desperdiçar as poucas energias que ainda lhe restavam. Tinha de pensar. E rápido. A névoa continuara a encher a câmara. Talvez faltasse um metro — ou menos — para que tocasse o teto. Que aconteceria então?

Esfregou o rosto com as mãos espalmadas lutando por recuperar um pouco da circulação sanguínea. Foi então que atinou com a nona corda dos cativos amarrada ainda à sua munheca.

Com grande dificuldade, ajudando-se com os dentes, conseguiu desenrolá-la.

— Sim, ainda é possível... — disse com seus botões, buscando ansiosamente uma das asas.

Deu um nó na corda e voltando-se para a alça oposta repetiu a operação. Uma vez amarrada às duas asas, segurou a corda entre os dentes e com as mãos procurou apoio nas beiradas superiores do sepulcro.

"É preciso consegui-lo!... É preciso!..."

Sinuhe lutou para levantar-se. Tinha de colocar os pés sobre a borda superior do túmulo. Só assim, puxando a corda com os dentes, poderia içar a tampa... talvez.

Mas as pernas, tumefatas, não responderam. Gemendo de raiva, deixou-se cair de joelhos sobre a esfinge.

Ofegante, esmurrou as pernas, rogando, exigindo e suplicando que recuperassem as forças. Tentou pela segunda vez. Agarrou com os dedos a beirada do sepulcro e alçou o próprio corpo ao mesmo tempo em que apertava a corda entre os dentes. Mas suas extremidades, convertidas em placas de gelo, não se moveram um só milímetro. Como um fardo, caiu de novo sobre a tampa resplandecente. E dessa vez os gemidos desembocaram em amargo e copioso pranto. Seu último desejo — abrir aquele segundo ataúde e apoderar-se da adaga de ouro — começara a esfumar-se.

Mergulhado no desconsolo, Sinuhe, a princípio, não se deu conta. Suas lágrimas, ao resvalar-lhe pelas faces, arrastavam as últimas estrelas douradas que tinham formado o seu "traje" de "sonhos". A névoa não destruíra todas as "ilusões". Restavam ainda as que lhe protegiam o interior dos olhos, agora dissolvidas pelo pranto amargo.

E como um presente — ou talvez um milagre —, aquelas

dezenas de minúsculas "estrelas" se foram caindo sobre a esfinge, fundindo à sua passagem o ouro da tampa.

Sinuhe encontrou-se assim, de repente, estendido sobre o terceiro féretro.

Com o coração confuso e agradecido pôs-se de joelhos contemplando, atônito, aquele último ataúde. Era também feito de ouro e se achava igualmente envolto em fino tecido avermelhado.

Deu nervosas palmadas no linho que num instante se rasgou. Ao retirar a proteção surgiu a máscara, em ouro polido, de um rei quase menino, com formosos e esvaziados olhos rasgados. Sobre colo e peito havia um complicado colar de contas e de flores, cosido a uma armação de papiro.

Mas todo o seu interesse concentrou-se nas mãos. Rompeu o linho que cobria o resto do tórax e ao desvendá-las uma envolvente alegria o compensou de tantas desventuras...

As mãos, cruzadas sobre o peito, lavradas também em ouro brunido e puríssimo, sustinham uma adaga.

A segunda! A que devia "apontar Dalamachia"!

Como no segundo féretro, a adaga tinha a embocadura ricamente decorada com um granulado de brilhante ouro

amarelo e apontava para o queixo da máscara real. A bainha era rodeada de tiras de pedras semipreciosas e vidros em *cloisonné*, desembocando na empunhadura como uma valiosa cadeia em volutas, bordada por uma corda de arame de ouro.

A adaga de ouro — como o punhal de ferro — também apontava a porta da cripta.

Sinuhe compreendeu que enfrentava o dilema anterior. Para onde dirigir-se? Mas em seguida, movendo negativamente a cabeça e contemplando as "paredes" fumegantes que já estavam para roçar o teto da câmara, desistiu de qualquer tentativa para elucidar a nova incógnita. Era óbvio que não poderia sair do sepulcro. . .

Delicadamente, inclinando-se sobre as mãos no ataúde que, sem dúvida continha os restos mumificados de Tutankhamon, foi retirando a adaga de dentro da bainha.

Aos seus olhos, cintilando como mil sóis, apareceu uma lâmina de ouro de especial dureza e de formas simples e belas. A superfície era lisa, com exceção de umas ranhuras profundas que desciam pelo centro, convergindo em um ponto. E nesse ponto descobriu uma inscrição. Uma legenda que o deixou perplexo:

"Já és um homem 'Pi'."

Não houve tempo para uma segunda leitura do hieróglifo. A névoa, ao tocar o teto da cripta, irrompeu como um tornado no oco produzido sobre o túmulo, envolvendo o aterrorizado "iuranchiano". E em uníssono, familiares e felinos olhos cor de âmbar irromperam no branco caos. E as fauces de Anúbis se cerraram sobre a mão esquerda de Sinuhe, arrastando-o no meio da névoa.

Sua última lembrança, antes de perder a consciência, foi uma perturbadora sucessão de sensações: o galgo-chacal a voar ou flutuar à sua esquerda — a puxá-lo como se ele fosse uma pluma —; aquele frio dilacerante e, finalmente, a implacável aproximação ao quadrado de gesso branco que ele tivera a oportunidade de ver e sentir junto aos quatro remos-archotes de cristal...

Depois, ao dar-se o choque com o "quadrado", escuridão. Somente escuridão...

Várias figuras o rodeavam quando, finalmente, abriu os olhos. Sinuhe, mente em branco, não soube o que fazer nem o que dizer. Não sabia se estava morto ou se acabara de despertar de um pesadelo. Aqueles homens, ataviados com longas e alvas túnicas de Unho, formavam em torno dele um círculo tão fechado que lhe tornava impossível precisar onde estava. Um, especialmente, inclinado um pouco sobre ele, impressionou-o. À diferença dos outros seis indivíduos, ele

sobressaía pela enorme estatura — uns dois metros e meio, talvez — e pela cor da pele: era negro!

Estendido de costas no chão vermelho impecavelmente polido e brilhante, foi apalpando as roupas, ante a implacável e silenciosa presença dos observadores. Suas calças, assim como a camisa, estavam secas. Essa sensação trouxe-lhe à memória o gelo da neve que acabara por sepultá-lo na câmara sepulcral de Tutankhamon. No mesmo instante, encadeada às demais vivências: os olhos ambarinos e as fauces de Anúbis e o quadrado de gesso...

Incompreensivelmente, aquele esgotamento de morte se dissipara. Agora se sentia bem. Os sintomas de congelamento e aqueles seus primeiros e tímidos movimentos pareciam normais. No entanto, abrumado pelo círculo, não fez menção alguma de levantar-se. Não sabia quem eram aqueles seres, tampouco suas inten-

ções. E, temeroso, foi passeando o olhar por suas fisionomias e aparatos.

Em sua fugaz inspeção, Sinuhe deduziu equivocadamente — talvez devido à luz avermelhada que banhava o lugar — que aqueles homens, com exceção do negro e de outro de rosto branco, eram vermelhos.

O contraste o perturbou ainda mais. Alguns traços lhe

recordaramos dos chineses e dos esquimós. O negro apresentava os traços típicos da raça: lábios grossos e salientes, nariz achatado e cabelo anelado. Quanto ao branco, a cabeça — totalmente raspada — poderia ter sido a de qualquer sacerdote do antigo Egito: pele ligeiramente tostada e reluzente, talvez efeito de algum óleo gorduroso, olhos negros e penetrantes, pômulos altos e afinados. As orelhas, pequenas e bem construídas, tinham lóbulos com orifícios circulares.

O que realmente veio inquietá-lo, pondo-o em guarda, foi a descoberta — no peito de cada uma das sete personagens — de um mesmo emblema. Uma figura que lhe era familiar: tratava-se daquele ser de cabeça quadrada e grandes olhos circulares, situado sob o signo da letra "pi". O mesmo que aparecia no alto-relevo do seu anel de ouro desaparecido e que ele tivera oportunidade de contemplar nas concavidades da não menos enigmática caveira negra, na praia...

Quem seriam aqueles homens? Por que exibiam aquele escudo? Que representaria?

Como se lhe tivesse captado os pensamentos, um dos atentos observadores — o de cabeça raspada —

ajoelhou-se junto a Sinuhe. Este, receoso, ergueu-se ligeiramente, apoiando os cotovelos no solo. Mas o rosto

lustroso do que acabava de ajoelhar-se transformou-se subitamente. Amplo e sincero sorriso iluminou-lhe o rosto, e levando o dedo indicador direito ao emblema circular falou-lhe em tom cálido e amistoso:

— Não temas, Sinuhe. Este é o signo dos homens "Pi" .. .

Boquiaberto, fixou o interlocutor desviando os olhos, depois, para cada um dos presentes. E todos, ao mesmo tempo, apoiaram as palavras do companheiro com movimentos afirmativos de cabeça.

— Os homens "Pi"? — conseguiu exclamar. — Mas, então...

O único que havia falado até o momento manteve o sorriso e, estendendo-lhe as mãos, levantou-se, sugerindo ao investigador, com isso, que o imitasse. Sinuhe aceitou com reserva. Mas o homem, acentuando o sorriso, tentou ganhar-lhe a confiança. Depois de tantas amarguras, surpresas e perigos, o "iuranchiano"

tinha de estar desconfiado. O receio acentuou-se quando, ao pôr-se em pé, descobriu a verdadeira cor dos que o rodeavam. ..

Assustado, retirou as mãos. O homem de pele branca que o ajudara, compreendendo a confusão de Sinuhe, guardou silêncio. E os sete misteriosos personagens, com os braços

caídos ao longo das túnicas, esperaram que o recém-chegado saciasse sua curiosidade.

Como se fosse um menino, foi postando-se diante de cada um dos homens que o rodeavam, estudando-os e verificando se não estaria vivendo um sonho. Apesar da luz avermelhada que enchia o ambiente, Sinuhe podia ver que um daqueles seres era verdadeiramente vermelho. Com o cabelo negro e liso e o nariz de águia, juntamente com o tom da pele, lembrou-lhe os índios americanos. O segundo e o terceiro, esses, eram sumamente estranhos. Rostos e mãos — únicas partes visíveis de seus corpos — eram laranja e verde, respectivamente.

"Homens de cor laranja e verde?", perguntou-se, sem poder dar crédito ao que, evidentemente, tinha ante os olhos.

Ambos eram de talhe similar ao seu e os olhos, como os de seus companheiros, acompanhavam os movimentos do investigador com uma calma divertida. Suas feições eram para ele irreconhecíveis. Não se enquadravam em nenhum dos fenótipos raciais de que se recordava. Só o profundo e negro olhar do verde e o brilho azeitonado da pele trouxeram-lhe à memória os formosos olhos dos hindus, e certa semelhança com a tez de alguns povos da Polinésia. Já a cor do homem laranja pareceu-lhe tão alheia quanto fascinante. Perfil extremamente fino e delicado, quase como

o de uma donzela. Era o único, exceção do calvo, que tinha cabelo albino.

Depois, com a mesma curiosidade, deu um passo até o quarto "humano" — embora o qualificativo não parecesse excessivamente claro na mente confusa de Sinuhe — ratificando sua primeira impressão: a que havia recebido quando se encontrava deitado. Aquele criatura, um pouco mais baixa que as outras e de pele amarela, oferecia as características das raças asiáticas orientais. Ostentava um espesso bigode azeviche, olhos rasgados e pômulos nipônicos. Na realidade, poderia ser tomado por mongol ou chinês talvez.

Sinuhe se deteve muito pouco diante da gigantesca envergadura do negro. Entre assustado e tímido, levantou fugazmente os olhos até ao alto daqueles dois metros e meio, porém, embora o olhar do gigante estivesse dominado pela piedade, passou depressa para o sexto observador. Este, de pele azulada, era o mais baixo de todos. Talvez não fosse além de um metro e sessenta centímetros. Sob a túnica adivinhava-se uma constituição tão musculosa quanto as do amarelo, e o negro e o vermelho. A cabeça, de forma ligeiramente ovalada e enterrada, sobressaía sobre o pescoço grosso e forte como o de um touro. Associou seus traços com os dos esquimós.

Concluído o exame, voltou-se para o único branco — o que parecia o chefe ou porta-voz daquele estranho conclave — e, mostrando o lugar com um vago gesto de mãos, perguntou-lhe:

— Onde estou?

— Esta era a câmara couraçada de IURANCHA...

E abrindo passagem entre os companheiros mostrou-lhe o recinto. Ao abrir-se o círculo, Sinuhe descobriu que fora parar em um estranho habitáculo em forma de prisma hexagonal de altíssimos muros. As seis paredes que formavam o hexágono, assim como o solo e talvez o teto — este, difícil de precisar em virtude da distância — tinham sido construídos com uma liga desconhecida, parecida com ouro,, embora de tonalidade acobreada. A "câmara couraçada" — como a havia denominado o branco — apesar de sua desnudez brilhante, tinha um efeito acolhedor.

Sinuhe deu um breve passeio, aproximando-se de um dos muros. Tocou-o com curiosidade e, ao sentir sua textura e dureza, viu-se assaltado por uma idéia extraordinária. Mas logo a abandonou. Era fantástica demais. . . Se, naquele momento tivesse coincidido olhar para o homem de rosto brilhante, teria notado nele a confirmação do pensamento. Mas o membro da Escola da Sabedoria, cujo temor inicial ia

dando lugar a lenta mas firme confiança e a uma excitante curiosidade, achava-se fascinado por outra descoberta. No centro geométrico do hexágono levantava-se uma pequena coluna de mármore branco, de apenas trinta centímetros de diâmetro e metro e meio de altura. Estava coroada por uma lâmina do mesmo metal que revestia o resto da câmara.

Voltando-se para o grupo de homens que continuava próximo a um dos muros, apontou para a coluna, interrogando-os com o olhar.

O branco, seguido bem de perto pelos seis homens de cor, deu então alguns passos em direção ao investigador. Chegando junto dele, suas mãos foram pousar sobre a acobreada e brilhante plataforma circular que arrematava a coluna. E uma sombra de tristeza obscureceu-lhe o olhar. Nesse instante, ao reparar nas suas ossudas e longas mãos, Sinuhe, hipnotizado, foi incapaz de apartar os olhos de um dos dedos do enigmático personagem..

O homem branco, compreendendo a surpresa de Sinuhe, estendeu-lhe então a mão direita, convidando-o a examinar em seu dedo anular o selo que tanto o impressionava. O "iuranchiano". sem dissimular a emoção, tomou a mão entre as suas, verificando que, efetivamente, tratava-se do símbolo ou emblema de sua Ordem: uma serpente vermelha, enroscada entre dois olhos.. .

Não foi preciso que formulasse pergunta alguma. O portador do anel de marfim adiantou-se aos seus pensamentos, dizendo-lhe:

— Querido irmão Sinuhe: sabemos que são muitas as dúvidas que te assaltam o coração. Mas antes de explicar-te por que trago o selo da Escola da Sabedoria (nossa Ordem) e de falar-te sobre esta coluna, permite-me que, em benefício de uma melhor compreensão, deixe ambos os assuntos para o final. . .

As cálidas palavras do interlocutor e o incrível achado do escudo da Loja secreta naquele remoto lugar, infundiram em Sinuhe força e paz insuspeitadas. Então, abrindo a alma, dispôs-se a escutar aquilo que pressentia ser uma importante informação naquele quebra-cabeça enlouquecedor.

— Faz agora muito e muito tempo — prosseguiu seu irmão de Ordem, voltando a colocar as mãos sobre a lâmina avermelhada da coluna —, -mais ou menos 200 000 anos de IURANCHA, homens leais a Micael, nosso Soberano, viram-se obrigados a fugir de Dalamachia, a cidade fundada por Caligastia, o então príncipe planetário de nosso mundo. Naqueles tempos, como sabes, registrou-se no sistema de Satânia (regido por Lúcifer) uma rebelião que arrastou 37 planetas, entre eles o nosso. E as forças expedicionárias

chegadas a IURANCHA 300 000 anos antes, com Caligastia e seu Estado-Maior, dividiram-se. A maior parte secundou os propósitos de Lúcifer e de Satan, seu lugar-tenente, e a Terra foi posta em "quarentena", sofrendo uma histórica paralisação em seu desenvolvimento natural. Nem todos porém, como te digo, obedeceram a Caligastia, representante de Lúcifer em IURANCHA. Houve seres celestes e membros materializados do Estado-Maior do citado príncipe, assim como 9 800 dos 50 000 "medianos", que formavam esse corpo especial de criaturas "mediadoras", criadas para o bem, que repeliram a rebelião. Mas tiveram de dispersar-se. Uma das expedições que fugiu de Dalamachia, a "cidade modelo" refugiou-se no que seria chamado o Grande Reino em Meio ao Mar. ..

Sinuhe, fascinado, recordou-se então do enigma que encontrara sobre o tabique da cripta.

— Esse Grande Reino — prosseguiu o homem branco — não foi conhecido pelos atuais habitantes de IURANCHA. Mas foi pelos antigos. E houve um famoso escritor e filósofo grego que, quinhentos anos antes da sétima e última encarnação de Micael como Jesus de Nazaré, teve referências dele através de eminente legislador, Sólon, que, por sua vez, recebeu as notícias sobre a existência de tal império através dos sacerdotes egípcios da cidade de Sais...

— Atlântida!

Sem poder conter-se, o investigador pronunciou o mítico nome da ilha-continente, misteriosamente submersa no oceano Atlântico "no transcurso de um dia e uma noite, há uns 11 500 anos", segundo os *Diálogos de Critias e Timeu*, de Platão.

Assentindo com a cabeça, seu informador sorriu satisfeito.

— Atlântida ou Atlantis, sim — afirmou, adivinhando as dúvidas que atormentavam o perplexo "soror"

— O Grande Reino em Meio ao Mar! Uma segunda Dalamachia que durante milênios resistiu aos contínuos assédios das forças leais ao Maligno. . . Aquela valente expedição retirara da "cidade modelo" um grande tesouro: os arquivos secretos de IURANCHA. E pelo espaço de quase 200 000 anos pôde custodiá-lo e preservá-lo contra a ambição de Caligastia e dos seus sequazes. . .

Ao chegar a este ponto da narração, a voz daquele homem se quebrou. Mas, apesar da evidente tristeza, continuou:

— Quando o planeta foi submetido à "quarentena" pelas altas hierarquias do universo local e da Ilha Estacionaria do Paraíso, à espera da captura e posterior julgamento do rebelde, todas as comunicações de IURANCHA foram

cortadas. E desde então, tu o sabes, a humanidade se acha incomunicável, submersa no caos e à mercê dos rebeldes. E aqueles bravos, fiéis a Micael, foram finalmente sitiados. De comum acordo, traçaram heróico plano, visando pôr a salvo o Grande Tesouro. E numa odisséia que talvez algum dia te seja revelada, seis expedições partiram simultaneamente do Reino em Meio ao Mar. Das seis, apenas uma transportava os arquivos secretos do planeta. Caligastia e suas forças conseguiram interceptar quatro dessas missões, mas, providencialmente, a que protegia o Grande Tesouro logrou seu objetivo, e desembarcou no que hoje é o Egito.

— E a outra? — interrompeu-o Sinuhe.

— Atingiram também a meta prevista. Chegaram ao que hoje conheceis como América, e se ocultaram e se mesclaram entre os

povos daquele continente. Os rebeldes, porém, suspeitando de que os leais a Micael pudessem tentar tirar de Atlantis os arquivos secretos, investiram contra o Reino com um último e feroz ataque. E as preces daqueles homens heróicos foram afinal escutadas. E de Jesusem, a capital do sistema de Satânia, foi enviada a IURANCHA (a pedido dos próprios atlântidas) uma das esferas artificiais que rodeiam habitualmente o planeta-capital. Era a última fase do plano prodigioso e generoso traçado pelos leais a Micael. Eles

sabiam que, exatamente nesse tempo (11 345 anos antes de Cristo), a órbita periódica de 6 666 anos de "Ra" (a esfera artificial) coincidia sobre o nosso sistema solar. E optaram por sua autodestruição, na tentativa de fazer crer aos rebeldes que os arquivos secretos se teriam submergido com a Atlântida no fundo do oceano.; O narrador fez uma pausa, visivelmente emocionado com a trágica recordação. E fixando os olhos em Sinuhe continuou:

— Esta humanidade cega nada sabe do sacrificio daqueles leais. Tal como relata Platão, o Grande Reino, com todos os habitantes e milhares de rebeldes, afundou no transcurso de um dia e uma noite, presa de violentos sismos e maremotos, provocados pela "ronda da roda de "Ra".

Caligastia, durante algum tempo, permaneceu no engano, convencido de que o Grande Tesouro se perdera para sempre.

— "Ra"! — murmurou Sinuhe, começando a compreender a natureza daquele astro "intruso", captado pelos radioastrônomos de Arecibo e de que já lhe falara seu Kheri Heb...

Muito embora as perguntas lhe borbulhassem no coração, esperou. Seu misterioso irmão de Ordem não havia concluído...

— Quando, 11 000 anos antes de Cristo — prosseguiu o homem branco — aquela audaciosa expedição que transportava os arquivos secretos conseguiu encalhar seu barco (o *Dalamachia*) em uma das praias do Egito, os atlântidas sobreviventes deram andamento a um minucioso e secreto plano, destinado, fundamentalmente, a esconder o Grande Tesouro. E partindo do próprio casco do barco construíram uma pirâmide subterrânea.

Iluminaram-se os olhos de Sinuhe.

— Pirâmide gigantesca que já conheces — observou o narrador — e que, milhares de anos depois, teria sua réplica na chamada Grande Pirâmide de Quéops.

O investigador não se conteve e o corrigiu:

— Uma réplica, dizes? A de Quéops, a que todos conhecem, não tem algumas das câmaras que percorri.. .

O homem branco sorriu, benevolente.

— Digamos que os egiptólogos não tenham tido acesso a elas...

— Queres dizer...?

— Sim, que ambas as construções são gêmeas. Mas muito

tempo há que transcorrer ainda até que os homens do teu mundo tenham acesso a esse segredo.

— Nem consigo entendê-lo... — murmurou Sinuhe, suplicando que o tirassem da nova e irritante confusão.

— Deves conter tua impaciência e deixar-me prosseguir. Só assim poderás compreender — o companheiro de Loja de Sinuhe guardou silêncio e, depois de pequena pausa, acrescentou: — e, talvez, se o crês oportuno, reencetar tua missão.

O investigador intuiu algo de especial naquelas últimas palavras. Será que a missão de busca dos arquivos secretos poderia terminar ali, na chamada "câmara couraçada" de IURANCHA?

— Muito tempo depois que a pirâmide subterrânea estava terminada e o Grande Tesouro depositado em seu interior (precisamente onde agora nos encontramos), aqueles leais a Micael tomaram a decisão de fundar um novo povo. Sabiam que a forma mais segura e eficaz de salvaguardar os arquivos era, justamente, separar-se deles e fazer crer aos rebeldes (na suposição de que fossem descobertos) que o Tesouro continuava com eles.

— Um momento! — interferiu novamente o "soror". — Os arquivos secretos estão aqui?

Seu confidente não respondeu. Apareceu-lhe nos olhos aquele pesar que Sinuhe já tinha observado pouco antes. Finalmente, com voz trêmula, desvendou uma parte do que tanto interessava ao

investigador:

— Desgraçadamente, não... Foram saqueados.

— Como? Quando?

O homem branco levantou as mãos e suplicou-lhe paciência.

— O plano dos atlantes era bom. E deu os resultados desejados durante 10 000 anos. Uns 4 000

antes de vossa Era, aquela reduzida e valorosa população mesclou-se, por fim, com as tribos dos antigos povoadores do que, a partir desses tempos, seria conhecido como Egito. Aqueles humanos primitivos, dirigidos pelos atlantes, passaram assim, quase subitamente do Neolítico a um invejável estágio evolutivo. Bem depressa os conhecimentos daquela expedição fizeram florescer as artes e as letras, proporcionando maravilhoso impulso ao comércio, às construções, à agricultura, às matemáticas, à astronomia e ao culto à Divindade única. Foram eles que revitalizaram o sangue e o espírito daquele povo, transformando-o, com o passar dos séculos, no que depois

seria a admiração de IURANCHA.

Sinuhe se lembrou das crenças universais e ancestrais que acusaram sempre certa "influência"

estrangeira como possível explicação* e causa do misterioso e repentino desabrochar do antigo Egito. O escritor e historiador do século I, Deodoro da Sicília, já o insinuava quando escrevia: "Os egípcios eram estranhos quer em tempos remotos, assentaram-se às margens do Nilo, levando consigo a civilização do seu país de origem, a arte de escrever e uma linguagem refinada. Chegaram procedentes da direção do sol poente, e eram os homens mais antigos."

No século XX, o professor W. N. Emery, como outros muitos especialistas, anotava em seu livro *Egito Arcaico* que, no quarto milênio antes de Cristo, o Egito passou bruscamente da Idade da Pedra a reinos bem organizados onde, ao mesmo tempo em que aparecia a arte de escrever, a arquitetura monumental, as artes e os ofícios se desenvolveram de maneira incrível, com todos os sinais de uma civilização bem organizada e até mesmo requintada.

Mas que pôde ter acontecido? Por que o povo fundado pelos leais a Micael terminou por extinguir-se e, sobretudo, quem terá sido o responsável pelo roubo dos arquivos secretos?

— Aquele admirável impulso e transformação, no entanto — continuou o homem branco — não passou despercebido para as hostes de Caligastia. Embora os atlantes tivessem cruzado seu sangue com o dos autóctones, apagando assim as pegadas do próprio passado e de sua verdadeira identidade, as forças do Maligno (intrigadas e temerosas) não tardaram a infiltrar-se. Os descendentes da expedição primigênia (zelosos depositários da

existência do Grande Tesouro) adotaram pois uma série de medidas preventivas. Uma delas foi precisamente a construção de pirâmides magníficas e monumentais. Uma, em especial, que levaria o nome do seu construtor, Quéops, foi levantada seguindo os mesmos padrões e medidas da Grande Pirâmide subterrânea...

— Por quê?

— Se os rebeldes continuassem misturando-se com o povo egípcio e chegassem a suspeitar ou desvelar a verdadeira origem de seus fundadores, a segurança dos arquivos secretos poderia ser comprometida. Daí que, por prevenção, decidiram levantar à margem esquerda do Nilo, a muitos quilômetros da verdadeira localização da pirâmide subterrânea, outra construção gêmea, com seu complexo enredado de câmaras e galerias (umas falsas, genuínas outras) que, se fosse o caso, serviria para confundir

definitivamente os seguidores de Lúcifer.

"Não eram infundados os temores dos descendentes dos atlantes. As forças do mal foram ganhando terreno e influência, conseguindo, a pouco e pouco, que o nobre povo egípcio olvidasse sua fé em um só Deus, caindo em um emaranhado de costumes idolatras e supersticiosos. E Amon, símbolo de Lúcifer, não tardou em ocupar posto de honra entre todas as divindades. Os rebeldes apoderaram-se do controle das castas sacerdotais, chegando até mesmo ao trono. Apesar disso, no mais profundo do espírito egípcio, ficou viva a memória daqueles "deuses" chegados um dia do Oeste. Tal sentimento, unido à sua indestrutível crença em um "além mundo" e seus profundos conhecimentos científicos e artísticos foram o legado de uma raça (a dos atlantes) que praticamente veio a desaparecer. ..

— Extinguiram-se? — perguntou meio incrédulo.

— Quase por completo...

— Mas e o Grande Tesouro?

— No ano 1 366 antes de Cristo-Micael, em tempos da XVIII dinastia, os poucos conhecedores da existência da pirâmide subterrânea decidiram-se a fundar uma Ordem secreta, que custodiasse o Grande Tesouro. Essa Ordem, caro Sinuhe, passou a chamar-se "Escola da Sabedoria" ...

Ele, que havia estudado a origem remota da Loja de que era irmão, ignorava a íntima motivação por que fora criada. Daí sua surpresa, ao ouvir as palavras do portador daquele selo, não ter limite.

— Nossa Ordem? — balbuciou.

— A Escola da Sabedoria! — exclamou o branco com orgulho —. A mais antiga de IURANCHA, segundo reza vosso papiro número 10 474...

Sinuhe, cada vez mais perplexo, não teve forças para fazer perguntas.

— Pouco tempo após o nascimento da Grande Loja, a Providência fez com que o sucessor do rei Amenofis III, seu filho Akhenaton ou Amenofis IV, passasse a fazer parte do primeiro Templo da Irmandade. E guiado pela própria retidão e sensibilidade lutou pela implantação de uma única Divindade, que ele designou pelo nome de Aton. Durante seu curto reinado, a Escola da Sabedoria assentou-se definitivamente, admitindo novos irmãos. Mas, apesar de escrupulosa seleção, a Loja cometeu grave e irreparável erro: um dos rebeldes (o general Horemheb, de grande prestígio em toda a nação), depois de numerosas e insistentes petições, foi admitido no Conselho dos Kheri Hebs. E dessa forma, as forças do mal acabaram por averiguar onde se

encontrava o Grande Tesouro...

"Horemheb, astuto qual serpente, soube galgar o trono do Egito quando da morte de Ay, o "Pai Divino", membro, como seus antecessores (os faraós Akhenaton e seu irmão e genro, Tutankhamon) da Grande Loja.

Apesar dos esforços da Escola da Sabedoria por impedi-lo, o traidor e seus sequazes, todos eles a serviço de Lúcifer, penetraram na pirâmide subterrânea e arrebataram os arquivos...

Sinuhe desaprovou com a cabeça, comentando:

— Há alguns aspectos que não consigo entender.

Dessa vez foi o homem branco quem interrogou o "soror" com o olhar.

— Em primeiro lugar — expôs o investigador — se a pirâmide subterrânea foi construída milhares de anos antes do reinado de Tutankhamon, morto em 1 343 antes de Cristo, como é possível que aqueles primitivos atlantes desenhassem e construíssem uma réplica quase exata do túmulo dele, no interior da pirâmide subterrânea?

— Muito simples — replicou o interlocutor com sorriso amargo —. Essa câmara sepulcral a que te referes, e de que

praticamente acabas de sair, é obra posterior.

— Continuo sem entender...

— A réplica da tumba descoberta em 1922 de tua Era por Howard Carter no Vale dos Reis foi executada por Horemheb, com o único fito de confundir possíveis e futuros intrusos... como tu. As forças do Maligno, como haveis tido ocasião de sofrer, dominam e controlam a pirâmide. Nada nem ninguém pode entrar ou sair dela sem que os rebeldes o saibam e consintam.

— Isso não é possível — explodiu Sinuhe — Nietihw e eu fomos ajudados e, inclusive, salvos, em vários e graves momentos. Além do mais, como explicar vossa presença e a minha nesta "câmara couraçada"?

— Tanto tu, Sinuhe, como nós, os homens "Pi" — sentenciou o branco com tristeza —, somos apenas prisioneiros.

Aquela revelação categórica mudava as coisas.

— Prisioneiros?... De quem?

— De Lúcifer ou de seus representantes em IURANCHA... naturalmente.

— Então — lamentou o investigador — todas essas provas a que temos sido submetidos.. .

O companheiro de Loja moveu a cabeça em sinal de desaprovação.

— Farsa pura. Puros sonhos e fantasias para provar-vos, conhecer-vos e, definitivamente, para colocar-vos (a ti e a filha da raça azul) no ponto desejado por eles. No mais inexpugnável. Naquele em que permaneceréis (como nós) enterrados pelo resto da vida. . .

As palavras daquele homem foram ditas em tom tão convincente que Sinuhe, mergulhado nas mais densas dúvidas desde que se envolvera naquela missão, deixou-se cair no chão da câmara. Por muito tempo ficou sentado, cabeça baixa, tentando ordenar sentimentos e idéias.

Apesar de tudo, havia "alguma coisa" viva ainda — que lhe adejava no coração. Eram as palavras de Agurno, aquele ser gigantesco materializado no bosquezinho de Sotillo...

"Saibam que não será fácil" — tinha-lhes anunciado —. "Guardem-se de Belzebu. Estejam prevenidos porque' não haverá tréguas para vós. Embora ninguém os possa substituir, outros 'medianos' leais estarão prontos a socorrê-los. Procurem Solônia, o serafim que guardou o Éden. Sua espada lhes será necessária. O

olho de *Ra* velará pelos dois..."

"Que sentido teriam agora essas palavras?" — meditou Sinuhe. — "Onde estavam esses 'medianos leais'

que deveriam estar prontos para socorrê-los? Por que o olho de *Ra* fora tragado por aquele misterioso corvo branco?"

Entretanto, embora sua confusão fosse crescendo, Sinuhe negava-se a aceitar que tudo tivesse sido farsa ou miragem manipuladas pelos rebeldes. É verdade que antes de penetrar no velho barco — o *Dalamachia*

—, tanto Nietihw como ele haviam perdido a coroa com o nome cósmico e seu "amigo", o disco, respectivamente. Mas que sentido teria que Vana — o "mediano" rebelde a quem devolveram a vida — os tivesse ajudado? "Se as forças do mal estavam conjuradas para perdê-los" — deduziu, pondo à prova sua própria lógica — "aquela criatura não lhes teria indicado a direção de *Dalamachia*... Ou sim?"

Consumiu tempo mas, finalmente, convenceu-se, pela enésima vez, de que não podia confiar nas aparências. E se aquela suposta câmara blindada e os homens de cor fossem também um estratagema ou uma farsa? Já não podia ter certeza de nada, a não ser, claro, na sua intuição. E lutando consigo mesmo, tomou a firme decisão — acontecesse o que acontecesse — de não ser render. Sua missão era chegar até

os arquivos secretos de IURANCHA e tinha de batalhar até consumir o último alento.. .

Mais animado, levantou o rosto e, pondo-se em pé, dirigiu-se novamente ao grupo que, silencioso, aguardava a sua reação. Ele porém, prudentemente, não abriu o coração aos homens "Pi". Em sua mente ficavam ainda muitas lacunas e, se em realidade se encontrava enterrado vivo, tinha todo o tempo do mundo

— embora os conceitos "tempo" e "mundo" não lhe aparecessem muito claros — para solucioná-las. Talvez por esse caminho se lhe fizesse a luz no espírito atormentado.. .

— Prisioneiros. Dizes que somos prisioneiros — manifestou-se, fixando o olhar nos olhos do porta-voz do grupo —. Mas e vós? Desde quando estais aqui? Acabais de afirmar que nada nem ninguém pode ingressar na pirâmide subterrânea sem o consentimento deles...

— É isso — replicou o branco —. Tuas perguntas são lógicas. Quem primeiro desafiou Horemheb fui eu, Amen-Em-Apt. Eis o

meu nome. Figuro nos sagrados papiros da Escola da Sabedoria com o cognome de *O Verdadeiro Silencioso*.

Aquela revelação quase arruinou os propósitos do

investigador. Amen-Em-Apt, como constava no já mencionado papiro 10 474 da Loja, era considerado o propulsor, o primeiro Kheri Heb ou Grão-Mestre da Escola da Sabedoria. Sua existência remontava a quase catorze séculos antes de Cristo. E Sinuhe, boca aberta, contemplou de cima a baixo o sacerdote egípcio, sem poder conceber que estivesse diante de um ser humano que viveu na dinastia XVIII e, portanto, cerca de 3 350 anos atrás!

— Sei o que estás pensando, Sinuhe — surpreendeu-o Amen com um sorriso... Em primeiro lugar, devo esclarecer-te que não fui o primeiro Kheri Heb. Em todo caso, um mais do Primeiro Grão-Conselho... E, em segundo, que todo aquele que, como nós, desafia o poder das forças do Maligno e é capaz de chegar até aqui, é condenado ao pior dos suplícios: viver eternamente...

"Mas dizia-te que fui o primeiro a desafiar Horemheb. Contar-te-ei por quê. Quando os rebeldes, graças à traição do general, conquistaram o domínio da pirâmide subterrânea, na tentativa de salvar o Grande Tesouro, aventurei-me por ela. Tive de padecer sofrimentos idênticos aos que experimentaste. Finalmente, quando a segunda adaga estava em minhas mãos, fui projetado da névoa de gelo até a "câmara couraçada", e minha desilusão foi completa: o Tesouro havia desaparecido. Desde aquele momento, como te dizia, vivo nesta prisão... Depois, tal como tu, outros

homens "Pi" também o tentaram... com o mesmo resultado.

Amen acompanhou essas palavras com um gesto, apresentando os homens que o escutavam.

— Por que vos chamais homens "Pi"?

— Somos, como tu e Nietihw, buscadores da Verdade. "Pi" é um símbolo: o número transcendental, racional e infinito que tende à Perfeição. Como "pi", toda alma evolucionária que anseia pela Verdade vai modificando a "quadratura" de suas imperfeições até talvez, algum dia, trocar sua tosca personalidade pela brilhante infinitude do "círculo". Mas tal momento se acha ainda muito distante...

E o Kheri Heb, mostrando a figura de cabeça quadrada em seu emblema, acrescentou:

— Por isso, com toda humildade, conscientes do nosso longo caminho para a Perfeição, nós, os homens "Pi", incluímos em nosso escudo o homem de cabeça quadrada: a primeira etapa para esse irrenunciável encontro com a Verdade.

Sem querer, Sinuhe se perguntou de que valiam agora aquelas boas intenções. Que sentido tinham os homens "Pi"?

Amen, lendo seu coração, respondeu-lhe assim:

— Precisamente os fracassos (ou aparentes fracassos), querido irmão, constituem o meio mais eficaz para que algum dia se possua a Verdade. E posso adiantar-te que nossa falida tentativa de recuperar o Grande Tesouro não foi em vão...

Sinuhe captou uma chispa de esperança nos olhos do Grão-Mestre. A que se referiria Amen-Em-Apt?

— Também os rebeldes cometem erros, Sinuhe...

O Kheri Heb abandonou a coluna de mármore e caminhou para um dos altos muros do hexágono. Uma vez ali, girou sobre os calcanhares e, apontando para a reluzente parede que estava às suas costas, exclamou:

— Solônia te espera... Dá-nos tempo para abrir o ano...

Sinuhe compreendeu. Se a "câmara blindada" se achava realmente sob o controle permanente dos rebeldes, o mais provável seria que, naqueles momentos, estivessem sendo observados. Amen lhe havia falado em código. E embora houvesse entendido apenas a primeira frase, aceitou o jogo. Os homens "Pi", sem dúvida, sabiam alguma coisa. Podia ser que ao longo da milenar residência na câmara, eles tivessem descoberto algum meio para sair da pirâmide.

O sacerdote se reintegrou ao grupo e prosseguiu em suas explicações:

— Horemheb e todos os que habitam a Torre de Amon (desde Belzebu até o último dos seus 40 000

"medianos" rebeldes) sabem que o Grande Tesouro está a salvo, a menos que alguém consiga penetrar em seus domínios. E ainda assim, tal missão seria quase impossível. Mas, para ter acesso à Torre infernal, é preciso primeiro chegar até Solônia, o serafim que guardou as portas do Éden e que brande a espada

"iluminadora". Nós somos os únicos que conhecemos o meio para encontrá-lo e os seguidores de Lúcifer sabem disso. Portanto, nada melhor para eles do que manter-nos com vida e perfeitamente vigiados nesta

"câmara couraçada". Se alguém, alguma vez, pudesse ter nas mãos a espada de Solônia, os rebeldes teriam descoberto o segredo, tornando mais difícil ainda a recuperação dos arquivos. Eles, como sabes, estão conscientes da transcendência que teria para o mundo o conhecimento do que verdadeiramente aconteceu no passado. Se a humanidade conquistasse essa parte da Verdade, as mentes de muitos nobres "iuranchianos" se abririam e talvez o caos e a confusão atuais fossem aliviados pela luz e pela

esperança.

Amen pronunciou então uma palavra que trouxe velhas lembranças ao investigador.

— Os rebeldes têm também notícias de um Corpo de Reserva, chamado "da Finalidade", que congrega uma série de "finalistas" em IURANCHA e entre cujas missões figura a busca do Grande Tesouro...

— Os reservistas! — exclamou, recordando-se da misteriosa mensagem de *Ra*, no ático do velho casarão.

— "Sou seu enlace mediano como reservista."

O sacerdote assentiu com gesto grave.

— Dize-me Amen: em que consiste esse Corpo de Reserva da Finalidade?

— Já que Belzebu e seus "medianos" o sabem, entendo que te posso falar disso. Esse "Corpo" é formado (nas diferentes épocas de IURANCHA) por um reduzido núcleo de humanos evolucionários, autóctones do planeta, homens e mulheres, escolhidos pelos diretores espirituais do Reino para colaborar no ministério da misericórdia e sabedoria junto aos filhos do tempo, seus irmãos. Quando seres humanos são eleitos

"reservistas" ou indivíduos "destacados" nos planos dos administradores celestes, o chefe dos serafins planetários confirma sua agregação temporal ao corpo seráfico, designando para eles guardiães pessoais do Destino. Em geral são escolhidos pelas seguintes razões:

"Pela aptidão especial para serem secretamente treinados em missões de urgência.

"Pela consagração sincera a causas sociais, econômicas, políticas, espirituais ou de qualquer outra índole e às quais se tenham entregado sem visar a recompensas ou reconhecimento humano.

"Por último, por estar de posse de um Harmonizador Mental dotado de extraordinária variedade de talentos e que, provavelmente, tenha já adquirido grande experiência em outros mundos, na luta pela Justiça e pela Perfeição.

"Cada mundo habitado utiliza uma média de 70 Corpos de Reserva. Em IURANCHA, nosso planeta, há 12 grupos de "reservistas". Um para cada bloco de "supervisão seráfica". Na atualidade, tua Era, a totalidade de membros desse Corpo de Reserva soma 962. O grupo mais reduzido consta de 41 e o mais nutrido, de 172. Com exceção de uma vintena de humanos, os demais "reservistas" não têm consciência de terem sido preparados para as emergências planetárias.

Perguntar-te-ás como são (como fostes) treinados. A maior parte, por uma ação meticulosa, lenta e conjugada mentalmente aos seus respectivos Harmonizadores e anjos da guarda. Frequentemente, outras muitas» personalidades celestes participam também dessa preparação espiritual inconsciente, sem esquecer, claro, os "medianos" leis que prestam serviços esplêndidos à causa.

— Então *Ra*, o disco, não era outra coisa senão um desses "medianos" leis...

Amen concordou com a cabeça.

— Essas criaturas — prosseguiu o Kheri Heb, esclarecendo assim outra das velhas dúvidas de Sinuhe —

nasceram há já muito tempo e quase acidentalmente. Foram a prodigiosa conseqüência de um experimento mental, levado a cabo entre dois altos membros do Estado-Maior de Caligastia: um varão e uma mulher. Essa

"união" espiritual deu um fruto singular: a aparição sobre IURANCHA (não o confundas com um nascimento) de um ser intermédio entre a natureza física e densa, como a nossa, e a espiritual. São invisíveis aos olhos dos "iuranchianos", mas podem materializar-se em diferentes formas e ocasiões. Há 500 000 anos, quando Caligastia era ainda um príncipe planetário leal a Micael, os 100 membros que formavam seu

Estado-Maior "procriaram" assim um total de 50 000 "medianos", que prestaram valiosos serviços ao maravilhoso plano de elevação física e mental da humanidade. Mas, ao acontecer a grande revolta, apenas 9 800

desses 40 000 permaneceram fiéis a Micael. Todos os demais (Vana, por exemplo) foram engrossar as fileiras dos rebeldes, e seu quartel-general é a Torre de Amon, de onde se estendem pelo planeta, semeando a confusão e a iniquidade. Durante séculos e séculos, inclusive agora, no teu século XX, muitos humanos os confundiram com "diabos" ou "demônios". E talvez tenham razão...

— E Belzebu? — perguntou um Sinuhe, fascinado.

— Continua sendo o chefe dos "medianos" desleais. Na atualidade é o custódio do Grande Tesouro.. .

— Alguma coisa eu não vejo claramente. Se esses "medianos" são de uma natureza intermediária, isso significa que são imortais?

— Foram-no, querido Sinuhe. Foram-no...

— Que queres dizer?

— Nós, apesar de levarmos o título de homens "Pi", não

conhecemos toda a Verdade sobre o passado de IURANCHA; essa Verdade, como outras de valor incalculável, está depositada no Grande Tesouro. Só posso adiantar-te que a perda da imortalidade por parte de Belzebu e seus sequazes teve muito que ver com sua própria rebelião..., e com a Árvore da Vida. Mas não atormentes nossos corações com novas perguntas sobre aqueles sucessos. Se algum dia alcançares os arquivos secretos, tuas dúvidas serão satisfeitas...

— Mas lembro-me de que Vana, o "mediano" rebelde — continuou Sinuhe, fazendo ouvidos moucos à súplica de Amen — foi devolvido à vida com a ajuda dos "ibos".

O Kheri'Heb considerou em sua verdadeira medida o zelo do jovem e impetuoso "iuranchiano". Mas, ao contrário do que esperava Sinuhe, eludiu o tema com a seguinte insinuação:

— E por que achas que os rebeldes capturaram Nietihw? . . .

O investigador se deu conta de que, efetivamente, quando a filha da raça azul desapareceu no poço da câmara dourada, conservava o pequeno frasco com os mágicos "ibos" ou grânulos de "tempo", com os quais devolvera a vida a *Samej*, a serpente, e a Vana.

— Então, Nietihw...

— Sim, foi levada para a Torre de Amon. E sua preciosa carga de "ibos", requisitada por Belzebu. Essa

"areia do tempo", que contribuiu decisivamente para o vosso "salto" a esta outra realidade, pode permitir agora aos rebeldes uma prolongação de sua longa, embora mortal existência. . .

Árvore da Vida, "medianos", Nietihw, Torre de Amon, Grande Tesouro. . . Tudo aquilo dançava na torturada alma de Sinuhe. Agora, mais que nunca, tinha de consumir a missão; e com êxito. Mas como?

Amen-Em-Apt pousou a mão direita sobre o ombro esquerdo de Sinuhe. Contemplou-o intensamente e, fazendo-se eco de seus próprios pensamentos, murmurou:

— Vejo que teu coração, longe de desfalecer, inflama-se e que desejas, mais que nunca, a recuperação do Grande Tesouro. . .

O investigador assentiu. Cerrava os punhos de raiva.

— És um "reservista" digno, Sinuhe. A verdadeira tempera se mede sempre ante a adversidade. Todos os que aqui estamos, prisioneiros da Mentira, fomos enviados pelos correspondentes Corpos da Reserva. Somos portanto "reservistas" como tu. Permite-me que tos apresente. Eles

são parte da História de IURANCHA.

Quando souberes quem representam, tenho certeza de que amarás um pouco mais a todos os humanos da Terra, e, contigo, se voltares ao teu mundo, aqueles que, por sua mediação, souberem e fizerem seu o testemunho que te vão oferecer. Mesmo que fosse somente para isso, caro Sinuhe, valeu a pena que tenhas chegado até aqui...

Observou-os, perplexo. Que espécie de informação tinham reservada para ele? A quem representariam?

De novo foi Amen, o sacerdote, quem tomou a palavra, iniciando um incrível relato. Uma história que marcaria as idéias do investigador sobre as raças humanas da Terra...

— A humanidade de IURANCHA, tal como te ensinou a Escola da Sabedoria, é velha. Desde a aparição daqueles gêmeos (Àdon e Fonta), 10 000 séculos se passaram. A primeira metade de sua História corresponde à época que precedeu a chegada do primeiro príncipe planetário. A segunda começou com a tomada de poder de Caligastia, faz agora, como sabes, 500 000 anos terrestres. Os arqueólogos e antropólogos dos teus tempos chamam aos últimos milênios dessa segunda metade a Idade da Pedra...

A verdade é que Sinuhe não sabia aonde queria chegar o Grão-Mestre. Tudo aquilo ela já conhecia mais ou menos.

— Pois bem — prosseguiu Amen —, há um milhão de anos, aqueles homens foram submetidos a uma dura prova. Por puro instinto, fizeram por evitar cruzamento com as tribos de símios. Mas as terras altas do Tibet, com seus nove mil metros, impedia-lhes emigrar rumo ao este. Por outro lado, os andonitas (os descendentes de Andon) tampouco puderam encaminhar-se para o sul ou para o oeste. Naqueles tempos, o mar Mediterrâneo era muito mais extenso, chegando até o oceano Indico. Quando lutaram para abrir caminho até o Norte, os gelos lhes fecharam a passagem. Esse "enclausuramento" foi registrado como uma das emoções "religiosas" mais antigas do homem: montanhas inacessíveis, à direita, água à esquerda, gelo ao norte e ao sul, seus "primos" os primatas, aos quais repudiavam. Desse "sentimento" surgiu profundo sentido de impotência que, com o tempo, daria lugar a tímidas e incipientes manifestações "religiosas".

"À diferença dos símios, aqueles andonitas evitaram freqüentemente os bosques, Ê fácil constatar que a evolução progrediu em ritmo menos lento em terrenos abertos e quando, sobretudo, tiveram os humanos de enfrentar o frio e a fome. E em sua peregrinação iniciada para o Norte, os andonitas (freados pela terceira glaciação: a que vossos geólogos qualificam como a "primeira") estimularam grandemente sua atividade, fruto das privações e castigos de climas tão rigorosos.

"Aquele dado, o da primeira glaciação, é interessante" — pensou Sinuhe —. "De acordo com a Geologia moderna, esse período pode ter-se iniciado há um milhão de anos, com duração aproximada de cem mil anos.

As afirmações de Amen não estão, por conseguinte, e no momento, em desacordo com a ciência do século XX..."

E o Kheri Heb, como se lhe tivesse lido os pensamentos, sublinhou:

— As duas glaciações precedentes (que vossos estudiosos não levam em conta) mal se estenderam pela Europa setentrional. Durante essa terceira, ou "primeira" época de gelo, como prefiras, a Inglaterra se comunicava com a França. Eram unidas por terra, assim como a África e a Europa, pela ponte terrestre da Sicília. Esses "canais", assim como aquele que vinculava Java pelo Leste, tiveram grande importância nas migrações andonitas. O chamado "homem de Java", considerado por vossos antropólogos como um pitecantropo, foi um daqueles andonitas que alcançaram o Leste e que depois prosseguiram seu caminho para a Tasmânia.

"Ao contrário destes últimos, os andonitas que emigraram para o Oeste viram-se menos contaminados pelos cruzamentos com as raças simiescas. Com o tempo, fortes

contingentes dos andonitas que se haviam espalhado a leste, degenerando-se em seus contínuos cruzamentos com os primatas, retornaram para o Norte, unindo-se assim aos homens mais puros, colocando a primitiva raça humana à beira da extinção como tal espécie. Foram tempos muito difíceis para os que ainda conservavam o culto ao "Gerador do Alento". ..

"Por volta de 900 000 antes de Micael, a sabedoria que Onagar soubera infundir nos andonitas chegou ao seu mais baixo nível. O culto, a incipiente cultura e até mesmo o trabalho com o sílex estiveram a ponto de desaparecer.

"Naquele tempo, tribos de bastardos procedentes do sul da França, perigosamente entrecruzados com criaturas simiescas dos bosques, chegaram à Inglaterra. Eram arremedos humanos: faltava-lhes o sentimento religioso e mal dominavam o sílex e o fogo. Pouco depois seguiu-lhes um povo prolífico e um pouco superior (a denominada "raça de Heidelberg"), cujos descendentes se estenderam por todo o continente: desde os gelos nórdicos até os Alpes e o Mediterrâneo.

"Em todo esse período de decadência, os chamados povos de Foxhall na Inglaterra e as tribos de Badonan, ao noroeste da Índia, souberam conservar alguns dos costumes de Andon, assim como restos da cultura de Onagar. Aqueles

homens de Foxhall, os mais ocidentais de então, lograram transmitir seus conhecimentos sobre o sílex a seus sucessores, os remotos antepassados dos esquimós.

Aquela, se não se enganava, era a primeira vez que Sinuhe ouvia falar de Badonan. Intrigado, solicitou mais informação.

— Sim, memoriza bem esse nome (Badonan, tataraneto de Andon), pois de sua estirpe procedem estes irmãos que te contemplam. ..

— Os homens de cor?

— Exato. Mas antes — pediu o Kheri Heb — permite-me que conclua esta parte da História de IURANCHA.

— Além dos povos de Foxhall, a Oeste, o grupo de Badonan converteu-se em foco vital para a evolução do homem. Já verás por quê. ..

"Esse núcleo humano vivia nos contrafortes das terras altas do noroeste da Índia. Foram os únicos herdeiros dos famosos gêmeos que jamais praticaram sacrifícios humanos. Os badonitas ocupavam vasta área rodeada de bosques e cortada por numerosos rios. A caça era abundante; prosperaram, construíram toscas casas

de pedra ou habitaram grutas ou galerias subterrâneas. Há

explicação para a escolha desses habitats altos.

Enquanto as tribos do Norte temiam o gelo, aquelas que viviam perto de seus países de origem viram-se também aterrorizadas, mas por inundações contínuas. Muitas dessas tribos viram desaparecer e emergir a península da Mesopotâmia, e esse medo ancestral do mar e das cheias acabou por empurrá-las para o refúgio das terras elevadas. Hoje, nos atuais montes de Siwalik, ao norte da Índia, encontra-se a maior parte dos restos fósseis que cobriram a transição entre o homem e os grupos pré-humanos.

"Mas, pelo ano 850 000 antes de Micael, as tribos de Badonan iniciaram uma série de guerras com seus vizinhos, os bastardos cruzados com símios. E em menos de mil anos os destruíram ou expulsaram para os bosques do sul; com isso fortaleceram e melhoraram o ramo andônico. Aqueles descendentes da Badonan ocupariam lugar de destaque na evolução: deles nasceria a raça de Neanderthal.

— Neanderthal? — Sinuhe perguntou, incrédulo. — O homem de Neanderthal?

Amen disse sim com breve e significativo sorriso.

O investigador sabia que os ossos desse homem primitivo, achados originariamente no vale de Neanderthal, junto à localidade de Mettmann, não longe da cidade de Düsseldorf

no ano de 1856, constituíam fonte de polêmicas constantes entre arqueólogos. Muito especialmente na hora de fixar-lhe a verdadeira origem. Por isso, as revelações do Kheri Heb, concretizando a "pátria" da raça de Neanderthal nas terras altas do noroeste da Índia, deixaram-no atônito.

— Aqueles povos (que depois seriam batizados pela tua civilização como homens de Neanderthal) eram excelentes caçadores e melhores viajeros. Desde seu encrave inicial na Índia, partiram para o Leste, penetrando na China e para o Oeste e para o Sul, dominando a África e a América do Norte, respectivamente. Sua influência foi indiscutível por meio milhão de anos mais ou menos.

"No ano 800 000 antes de Micael, a caça era muito abundante. Cervídeos, elefantes e hipopótamos deslocavam-se pela Europa. O gado era numeroso, assim como os cavalos e os lobos. E os homens de Neanderthal souberam fazer uso da carne abundante.

As tribos assentadas na França foram as primeiras a estabelecer a prioridade de eleição da esposa para aqueles membros do clã que demonstrassem maior habilidade na caça.

"A rena foi particularmente útil aos homens de Neanderthal. Utilizavam-nas como fonte de alimento, suas peles para

cobrir-se e as partes duras para fabricar ferramentas. Não eram humanos muito inteligentes, porém trouxeram progressos aos trabalhos de sílex, chegando a alcançar quase o mesmo nível dos da época de Andon. Com eles surgiram os machados e as enxadas de sílex atado a cabos de madeira.

"E, em 750 000 antes de Micael, por causa da quarta glaciação, aqueles povos viram-se obrigados a deslocar-se para o Sul. Cinquenta mil anos mais tarde, quando o pior período de gelo já conhecido na Europa iniciava seu retrocesso, as tribos puderam, finalmente, retornar aos países de origem. O clima era fresco e úmido; os bosques voltaram a cobrir aquelas terras. Graças à ponte terrestre da Sicília, numerosos animais africanos ganharam a Europa, que viu multiplicarem-se leões, rinocerontes, hienas e elefantes.

"Pela metade desse novo período interglaciário (por volta de 650 000 antes de Micael), o clima se tornou tão cálido que o gelo e a neve dos Alpes desapareceram. Mas, pelos anos 550.000 a. M., os gelos avançaram novamente e os humanos foram empurrados para o Sul. Dessa vez, entretanto, as tribos dispunham de ampla faixa de terra que ia em direção ao nordeste, na Ásia, estendendo-se entre a capa glacial e o mar Negro, que formava, então, um grande anexo do Mediterrâneo.

"Nas épocas seguintes às invasões glaciárias, a cultura humana pouco ou nada prosperou: as hierarquias celestes temeram pela vida inteligente em IURANCHA. Naquele último quarto de milhão de anos, os povos primitivos limitaram-se a pescar e a caçar, retrocedendo, até mesmo, em relação a seus antepassados, os andonitas.

"Durante essas idades tenebrosas, a humanidade chegou ao nível mais baixo de sua História. O culto do homem de Neanderthal não ia além de uma vergonhosa superstição, um medo animalesco das nuvens, da bruma, das névoas. Progressivamente se foi desenvolvendo uma religião nascida do pânico diante das forças da Natureza, com o fito de granjear para si sua clemência à base de sacrifícios humanos. Uma das características mais tristes e degradantes do homem de Neanderthal nasceu, precisamente, do seu horror à escuridão. Não podiam compreender por que o Sol os deixava a cada dia para mergulhá-los nas trevas. Tão-somente a presença da Lua aliviava a pavorosa situação. Por isso, quando a Lua não aparecia no céu, as tribos começaram a oferecer-lhe sacrifícios humanos para suplicar que voltasse a iluminar-lhes a noite. "E

chegamos, enfim, ao ano 500 000 antes de Micael. Data verdadeiramente histórica para a humanidade de IURANCHA. ..

Sinuhe creu que seu informante, ao mencionar-lhe aquele momento crucial na História da Terra, iria referir-se à usurpação de Caligastia e, talvez, a um dos assuntos que o havia levado até ali: as causas da rebelião de Lúcifer. Amen, o "Verdadeiro Silencioso", e os homens de cor pareciam conhecer toda a verdade sobre IURANCHA. Mas não foi assim.

— Há alguns momentos — reencetou o branco sua exposição — um nome te chamava a atenção: Badonan, Tua intuição não te enganava. Esse tataraneto de Andon e Fonta, além de propiciar o nascimento da raça de Neanderthal, foi o "tronco" mater de que brotariam as seis raças de cor que tens diante de ti.

Escuta como se deu aquele singular acontecimento, de que a ciência de tua época sofre total ignorância.. .

"Naqueles tempos (faz agora meio milhão de anos) as tribos badonitas das terras altas do noroeste da atual Índia viram-se envolvidas em uma luta racial que se prolongou durante mais de cem anos. Após a contenda sangrenta, os sobreviventes (uma centena de famílias, apenas) se tornaram os mais inteligentes sucessores dos gêmeos. E deu-se um misterioso acontecimento. Acontecimento que seria a origem de todas, melhor dito, de quase todas as raças humanas. ..

"Um casal que vivia na região nordeste dessas terras altas deu à luz uma prole tão estranha como evolvida: dezenove filhos de cores diferentes. Era a família Sangik. Um nome que foi um marco para a História...

"Os dezenove filhos, digo-te, não só eram mais vivos que seus contemporâneos mas, principalmente, chamaram imediatamente a atenção pela cor da pele. Cinco eram vermelhos; dois, alaranjados; quatro, azuis; dois, verdes; quatro, amarelos, e o resto (outros dois), índigos.

Curiosamente, essas cores se acentuavam à luz solar. Essa peculiar característica dos Sangik se foi confirmando com os anos, quando os dezenove filhos se misturaram com outros membros de sua tribo, procriando filhos da mesma cor dos seus respectivos progenitores. A família Sangik pusera em IURANCHA a semente das raças de cor.

Sinuhe examinou os silenciosos companheiros de prisão e começou a intuir o alvo do relato de Amen-Em-Apt. A Antropologia moderna — a do seu mundo — levava e leva decênios a discutir e polemizar sobre a origem do homem e das principais raças, tendo-se formado, inclusive, duas grandes escolas: a policentrista e a monocentrista. A primeira — lembrou Sinuhe — fundada por F. Weidenreich, supõe que o homem atual apareceu, por evolução, em vários centros ou regiões do planeta, relativamente independentes e com ritmos diferentes. Essa teoria — defendida por

antropólogos tão esclarecidos como Debetz, V. Alexeiev, Coon e L.

Brace, entre outros — acentua que essa diversidade de gênese deu lugar à formação das raças básicas da Terra: européia, negróide, australóide, mongolóide etc. . . Baseiam suas conclusões no fato de os representantes das raças de hoje continuarem guardando alguns traços parecidos com os dos fósseis típicos localizados em territórios em que tais raças viveram algum dia.

Os seguidores da escola monocentrista, por seu lado, tais como Vallois, G. Olivier, Howells, K. Oakley, Bunak e Roguinsky, para citar alguns, consideram que o homem consumou sua evolução em um só centro ou região. Roguinsky, por exemplo, crê que o *Homo Sapiens* surgiu em uma zona bastante ampla, que abarca a Ásia ocidental, parte da Ásia central e meridional e o nordeste da África. Nessas zonas — afirma —

cruzaram-se vários grupos de "paleoantropos", enriquecendo a estrutura genética de suas povoações e desencadeando assim a evolução do homem atual.

Se aquelas explicações do Kheri Heb estavam corretas, a escola monocentrista tinha razão: as principais raças humanas teriam nascido em um só ponto do planeta — ao

nordeste da Índia —, tal como assegura Roguinsky quando indica, acertadamente, a Ásia meridional.

— E por que dizes que aquele (o nascimento dos dezenove filhos de cor) foi um acontecimento singular?

— Em um planeta ordinário — respondeu Amen — as seis raças básicas evolucionárias de cor apresentam-se uma após outra. Já aqui, em IURANCHA (um mundo "decimal", não o esqueças), aconteceu de uma só vez e no seio de uma só família. Em outros planetas, além disso, a presença dessas raças é um fato que acontece pouco depois da aparição dos primeiros seres humanos propriamente ditos. Em IURANCHA, se não fosse um mundo experimental, deveria ter acontecido pouco depois da expansão dos andonitas. Mas aqui, tal qual revelam os arquivos secretos, tudo se complicou. ..

Sinuhe captou a insinuação e, sem conter-se, soltou-lhe à queima-roupa: __ Conheces o conteúdo desse Grande Tesouro.. .

Amen manteve-se sério. E, uma vez mais, arruinou as esperanças do seu irmão de Loja.

__ Mesmo que assim fosse, és tu, e sobretudo a filha da raça azul, que deveis descobri-lo por vós mesmos. É vossa a missão. . .

E o sacerdote, esgrimindo um sorriso que deixou perplexo o "iuranchiano", acresceu:

— Além do mais, tudo isso, e nós mesmos, podemos ser uma ilusão a mais, criada pelo Maligno para confundir-te... e perder-te.

A afirmação, embora aparentemente cruel, foi de valor inestimável para o confiante Sinuhe. Mas. . .

sigamos o curso dos acontecimentos. . .

— Se IURANCHA, como te dizia — continuou o Kheri Heb, como se não se houvesse passado nada —, tivesse sido um planeta normal, a primeira raça de cor que teria prosperado e dominado o mundo, muito antes que as outras, teria sido a vermelha: a mais inteligente, arrojada e evoluída de quantas existem no universo..

— A vermelha? — repetiu o investigador, incrédulo... A que nós identificamos com a dos índios "peles-vermelhas"?

Amen dirigiu-se ao homem vermelho e, tomando-o pelo braço, conduziu-o frente a Sinuhe.

— Este é Onamonalonton. Um caudilho e chefe espiritual daquela primitiva raça vermelha de IURANCHA. Ele, melhor do que eu, te falará do seu povo e assim compreenderás o

grande erro que comete a humanidade ao menosprezar seus atuais descendentes. ..

O homem vermelho saudou Sinuhe com uma leve inclinação de cabeça. E, cruzando os musculosos braços sobre o peito — à maneira indígena — falou assim:

— Meu povo (a raça vermelha) foi notável exemplo para a humanidade. Sob muitos aspectos foi superior a nossos antepassados comuns, os gêmeos Andon e Fonta. Muito cedo se destacaram pela inteligência e atividade, formando o primeiro Governo conhecido do planeta. Eram monogâmicos e souberam preservar-se dos perigosos cruzamentos com outras tribos inferiores ou simiescas. Mas, com o passar do tempo, tiveram graves dificuldades com seus "irmãos", os homens amarelos da Ásia. Inventaram o arco e as flechas e foram reconhecidos como bravos lutadores.

Desgraçadamente, aqueles meus antepassados, consumidos por contínuas lutas fratricidas, enfraqueceram-se e foram expulsos da Ásia pelas tribos amarelas.

"Faz agora 85 000 anos, os sobreviventes vermelhos cruzaram o istmo de Bering, penetrando na América do Norte. Depois, quando essa "ponte" terrestre desapareceu, ficaram isolados dos irmãos e descendentes que povoavam outras regiões da Sibéria, China, Ásia central, Índia e Europa. Mas estes últimos grupos, em virtude de

acasalamentos sucessivos, foram perdendo cor e identidade primitivas.

"O resto do meu povo (aquele que emigrou para a América) levou consigo muitos dos ensinamentos e costumes de sua origem primeva. Seus antepassados imediatos haviam tido oportunidade de conhecer e aprender as últimas atividades e ensinanças do Quartel-General Mundial do príncipe planetário (Caligastia), embora, como aos demais humanos evolucionários de então, a rebelião os submergisse em profundo caos.

Ao ouvir o nome de Caligastia, Sinuhe esteve a ponto de interromper Onamonalonton. Ele sabia que a chegada, a IURANCHA do referido príncipe praticamente coincidira com o providencial sucesso ocorrido na família Sangik. Mas se conteve.

— Lentamente, aqueles primeiros povoadores da América foram olvidando os ensinamentos. O nível espiritual e cultural baixou ao mínimo. Bem depressa, como acontecera com seus primigênios, os povos vermelhos se enredaram em lutas, chegando à beira do extermínio.

"Até que, faz agora 65 000 anos, a bondade do Pai Celestial me pôs em meio àquelas gentes dizimadas e degradadas. E pelo espaço de 96 anos esforcei-me por devolver ao meu

povo o sentimento do culto ao

"Grande Espírito". Durante longo tempo da minha vida, o novo centro revitalizador dos homens vermelhos (meu quartel-general) esteve entre as sequóias gigantes da atual Califórnia.

O investigador interrompeu, surpreso:

— Então, os índios "Pés Pretos" ... Onamonalonton sorriu.

— Sim, esse povo é hoje um dos ramos diretamente vinculados ao meu tempo de ensinanças.

Entretanto, a voz do cacique sofreu súbito declínio.

— Desgraçadamente, com o passar dos séculos, os homens vermelhos foram ignorando e modificando instruções e orientações, e as guerras aniquilaram os elementos mais valiosos. Desde então, nenhum outro educador logrou devolver-lhes a luz. Tivessem seguido meus ensinamentos, e a raça vermelha teria podido expandir-se em paz pelo continente, proporcionando uma civilização brilhante. Essa trágica realidade agravou-se pelo insulamento total dos primeiros homens americanos. Somente com a chegada dos brancos quebrou-se essa situação. Tarde demais, porém. O orgulho do meu povo e a iniquidade dos segundos terminaram por submergir o homem vermelho na destruição e

no obscurantismo quase absolutos.

Amen tinha razão. A partir desse instante — ao conhecer a que supunha ser a verdadeira história das raças humanas de cor —, Sinuhe compreendeu que o passado ds IURANCHA era muito mais intenso e rico do que aquilo que sempre imaginara. Um passado que, se desvendado, só poderia unir a todos os mortais deste mundo confuso, demonstrando, por exemplo, que a pretensa supremacia de algumas dessas raças não passa de quimera, fruto da ignorância.

Quem imaginaria que todos os homens de cor procedem no fundo de uma mesma família e que, em conseqüência, são "irmãos" no mais literal dos sentidos! . . .

Entusiasmado, Sinuhe se dispôs a escutar o segundo discurso: o que fazia alusão aos enigmáticos homens cor de laranja.. .

— Homens alaranjados na Terra?

Custava-lhe muito adaptar-se à idéia. Mas, por outro lado, Por que rechaçá-la? Que sabemos na realidade do passado remoto

do nosso mundo? A história de IURANCHA está repleta de "achados" e "afirmações" que foram considerados "científicos" nas diferentes épocas em que surgiram ou se

promulgaram e que hoje só provocam rubor nessa mesma "casta" científica. .. Exemplos? No século XVII o doutor James Ussher, arcebispo de Armagh (Irlanda), pensador de prestígio reconhecido, chegou a determinar o dia exato da criação do mundo: 22 de outubro do ano 4 004 antes de Cristo, às oito da tarde... Essa conclusão "científica", baseada em laboriosos cálculos em torno da duração das vidas dos personagens bíblicos, foi aceita e até corrigida e matizada por outro reconhecido cientista do mesmo século: nada menos que o vice-chanceler da Universidade de Cambridge, John Lighfoot, pedagogo eminente. O bom Lighfoot, depois de sisudos e "científicos" estudos, precisou o momento exato da criação de Adão; 23 de outubro do mesmo ano — 4 004 a.C.

—, às nove da manhã! pelo meridiano de Greenwich, claro.

Mais exemplos? Na primeira metade do século passado, Lorde Kelvin atreveu-se a saltar a barreira do milhão de anos — antigüidade "estabelecida" pela ciência para o planeta — anunciando, apesar de seus princípios religiosos, que a Terra devia ter, pelo menos, uma idade de vinte e quatro milhões de anos. Kelvin foi o primeiro cientista a se atrever a tanto.. . Hoje sabemos, pelo relógio de urânio, que IURANCHA é

"algo" mais velha: só 5 000 milhões de anos mais.. .

Louis S. B. Leakey, diretor do National Museum Centre for Prehistory and Palaeontology de Nairobi (Quênia), um dos grandes revolucionários da Paleontologia, recordava ao mundo em Paris, em 1969, "que há mais de um século, Darwin já se atrevia a predizer que o berço da humanidade seria descoberto na África Mas foram poucos os que acreditaram nele. . ."

Em tempos mais próximos que os de Darwin, em 1900, o doutor Deyffarth, teólogo de Leipzig, escrevia um livro em que dizia textualmente:

"... Ficou incontestavelmente demonstrado que no dia 7 de setembro do ano 3446 antes de Nosso Senhor Jesus Cristo terminou o dilúvio e se inventaram os alfabetos das raças do mundo."

Por que prosseguir na enumeração de exemplos sobre "verdades científicas", obviamente superadas?

Amen-Em-Apt apresentou então o segundo homem de cor: o de pele alaranjada.

— Este é Porshunta, líder também do povo laranja...

O homem de cabelos albinos repetiu a breve reverência e com palavras enxutas expôs-lhe a não menos trágica história de sua gente:

— Meu povo também soube abeberar-se nas escolas de Dalamachia, sede do príncipe planetário. Durante muito tempo destacou suas delegações para a "cidade modelo", instruindo-se com a cultura e o progresso chegados de Jerusem e Edência, as capitais do sistema e da constelação, respectivamente.

"Quando o Mediterrâneo se retirou para o Oeste, minha raça foi a primeira a aventurar-se em uma peregrinação para o Sul, entrando na África: Ali destacou-se sobretudo na arte das construções. E, embora com os milênios (e também a partir da rebelião do Maligno) fosse naufragando na escuridão espiritual, a bondade do Pai Celestial me conduziu até eles, faz agora 300 000 anos. Minha sede, em Armageddon, foi outra oportunidade, e a vida espiritual e cultural renasceu com força. Mas a chegada de outra raça irmã (a verde) marcaria o princípio do fim de meu povo infortunado. As batalhas foram constantes e o último choque, no vale do Nilo, conferiu o triunfo aos homens verdes. Meu povo, dizimado, dispersou-se, sendo absorvido pelos vencedores e, finalmente, pela raça índiga. E há uns 100 000 anos o homem alaranjado desapareceu por completo.

Ao guardar silêncio, um terceiro homem — o de cor verde — tomou entre as suas as mãos de Porshunta, exclamando com melancolia:

— Eu, Fantad, chefe da raça que não soube guardar em seu coração o sagrado dever da fraternidade, quero expor-te agora como meu povo (com justiça) recebeu o mesmo pagamento que reclamara dos homens cor de laranja. . .

E o "reservista" de olhos negros e profundos como a noite, falou assim:

— A História de IURANCHA sabe que a raça verde foi um dos grupos humanos menos capacitados, debilitados sempre por suas contínuas emigrações. Quando minha vida se extinguiu (faz 350 000 anos já) a dispersão do meu povo foi total e, com isso, sua decadência moral e cultural. A raça verde se dividiu então em três grupos. Os do Norte, que acabaram como escravos dos amarelos e dos azuis. Os do Oriente, que se uniram a outras tribos da Índia. Restam ainda alguns descendentes, na atualidade, entre os chamados hindus.

E os que se dirigiram para o Sul, penetrando na África. Estes, como sabes, massacraram os homens laranja.

Os chefes destes últimos colonizadores verdes, da remota ordem dos gigantes, chegaram a medir até 2,40 e 2,70 metros. Seriam mitificados depois através de muitas lendas e tradições.

"Mas estes sobreviventes vitoriosos seriam igualmente

subjugados pelos povos índigos, os últimos a emigrar desde o centro primigênio "Sangik", na Índia, e que os absorveram.

— Como podes comprovar, Sinuhe — interveio o homem amarelo —, a história das raças humanas tem sido sempre, desde suas origens, contínuo e trágico batalhar entre irmãos. A do meu povo, embora o final não tenha sido tão desgraçado, está igualmente repleta de sangue, obscurantismo e desventura.

O homem de aspecto mongol guardou silêncio, aguardando que Amen o apresentasse.

— Singlanton, guia da raça amarela — anunciou o Kheri Heb —, falar-te-á de seu povo, o mais pacífico de IURANCHA.

— Com efeito — prosseguiu Singlanton — se meu povo conseguiu sobreviver, terá sido, especialmente, porque há 100 000 anos (data em que a bondade do Pai Celestial me concedeu a vida neste mundo evolucionário), até os tempos atuais da China moderna, as tribos amarelas, em geral, têm sido dóceis e pacíficas de espírito. Nossos remotos e primitivos antepassados foram os primeiros a abandonar a caça, estabelecendo-se em comunidades que souberam estimular a vida familiar e a agricultura. Em inteligência eram inferiores a nossos irmãos, os homens vermelhos, mas, social e coletivamente, conseguiram superar a todos os

povos "Sangik", vindo a ser os fundadores do que poderíamos chamar "civilização radial". Esse sentido do fraterno, que não os abandonou nunca, permitiu-lhes viver em comunidade, tornando realidade seu total e definitivo domínio da Ásia.

"Jamais se distanciaram dos centros de influência espiritual do mundo, embora a apostasia do príncipe planetário os houvesse submetido (talvez mais que a qualquer outro povo) a um insula-mento e a uma postura impenetrável, que chegaram até os dias do teu século XX...

Uma vez ou outra, no transcorrer das exposições dos homens de cor, a rebelião de Lúcifer aparecia como a "grande desgraça" de IURANCHA. E Sinuhe confirmou suas suspeitas: aquela insurreição remota e quase ignorada marcou trágica e decisivamente todas as raças do mundo. Mas por quê? Que teria ocorrido, na realidade, para que os povos da Terra se vissem assim condenados às trevas?

A resposta — ele o sabia — estava no Grande Tesouro...

Sinuhe aguardou a apresentação seguinte: a dos homens azuis. Aquela raça, de traços esquimós, havia-lhe causado emoção especial. Talvez, involuntariamente, a associara com sua querida companheira. Ela, afinal de contas, era a última, ou uma das últimas descendentes da chamada "raça azul".

Tratar-se-ia da mesma? Ou, pelo contrário, como já lhe haviam assegurado, os ancestrais de Nietihw nada teriam que ver com esses "azuis"?

Orlandof, o homem azul, depois de cumprimentar Sinuhe, também com leve inclinação de cabeça, acedeu de boa vontade ao pedido de Amen e expôs a odisséia de seu povo com as seguintes e singelas frases:

— Os azuis, minha raça, foram homens inquietos. Inventaram o dardo e muitos dos rudimentos das artes atuais. Tinham a força cerebral de seu irmão, o homem vermelho, e os sentimentos do amarelo. Durante milhares de anos beberam também das fontes de Dalamachia. Quinhentos anos antes da queda de Caligastia (faz agora 200 000 anos), a bondade do Pai Universal me colocou à frente do meu povo que conheceu, então, seu máximo ressurgimento espiritual. Mas, tal como te anunciaram meus irmãos "Sangik", a tempestade que se seguiu à rebelião de Lúcifer mergulhou os homens azuis em idêntica confusão; e eles retrocederam em sua evolução. E mil guerras intestinas explodiram.

"Os achados arqueológicos efetuados na Europa e que, segundo vossa classificação, correspondem à Idade da Pedra, pertencem em grande parte a esqueletos, ferramentas e objetos decorativos daqueles primitivos homens azuis. E

hoje, essa que chamais "raça branca" é a descendente do meu povo.

Sinuhe, perplexo, rogou a Orlandof que repetisse aquilo.

— Com efeito, a raça branca de IURANCHA é consequência direta dos povos azuis, ligeiramente modificados pelos cruzamentos com as raças amarela e vermelha. O resultado ficaria definitivamente alterado com a derradeira e mais importante contribuição: a segunda "raça azul ou violeta", à que pertence Nietihw...

O investigador, incansável, tratou de obter mais informações sobre essa segunda raça. Como surgiu na Terra? De onde procedia? Por que foi tão importante para o que hoje é a raça branca?

Orlandof se negou. E Amen tornou a lembrar-lhe que "essa parte da Verdade" ele só poderia encontrá-la nos arquivos secretos. ...

E, ignorando as súplicas de Sinuhe, tomou pelo braço o gigantesco homem negro, dizendo:

— E este, por último, é o grande chefe Orvonon, supremo educador da raça dos homens ídigos. Escuta-o.

O enorme negro, ao sorrir, deixou a descoberto branca e

ordenada fileira de dentes. Apesar do talhe, havia nele, como nos companheiros, uma doçura inata.

— Como terás imaginado — falou com voz profunda — meu povo, ao deixar as terras altas do noroeste da Índia, ocupou o continente africano. E nunca saiu dele, com exceção daqueles que foram escravizados.

Devo reconhecer também que, ao contrário dos vermelhos, meus irmãos foram sempre os mais atrasados do ponto de vista cultural. Minha raça, isolada como a vermelha, não pôde beneficiar-se da ascensão a todos os níveis que representou a "contribuição" da segunda raça "azul" . . .

De novo aquela misteriosa "contribuição". E Sinuhe sentiu o quanto se consumia de curiosidade...

— Depois de meus dias em IURANCHA, a fé dos homens negros no "Deus dos Deuses", que me esforcei por restaurar, se foi apagando aos poucos, embora eles não perdessem de todo o íntimo sentido de adoração ao oculto e desconhecido.

— Estes que tens diante de ti, resumiu Amen-Em-Apt, descendente dos homens azuis —, foram os seis grandes guias (talvez hoje, em teu tempo, pudesses chamá-los profetas) das raças de cor originárias do planeta. Mas, ao longo da História de IURANCHA, outros muitos educadores

foram postos entre os homens para iluminar-lhes o caminho, especialmente no período de obscurantismo que mediou entre a rebelião de Caligastia e a chegada dos segundos "azuis" ou "violetas" . . .

— Por que falais de "azuis" ou "violetas"?

— Se a Suprema Inteligência te iluminar e conseguires chegar aos arquivos secretos te darás conta de que a diferenciação não tem a menor importância.

Amen, uma vez mais, respondia com evasivas.

— O certo é — argumentou Sinuhe, mudando de tática — que o "plano" celeste, ao menos com o nosso planeta, não parece ter dado bons resultados. A presença das raças de cor só serviu para multiplicar a violência e o ódio.

— Tens razão. . . até certo ponto. O "plano" da Divindade é bom. Erros posteriores são consequência da ignorância dos mortais ou, como no caso de IURANCHA, da terrível involução provocada pela rebelião. . .

Mas as raças, em si mesmas, não são negativas. Ao contrário. Dar-te-ei algumas razões: a variedade, por exemplo, é indispensável para permitir amplo funcionamento da seleção natural. Com o cruzamento de vários povos, quando são portadores de fatores hereditários superiores,

conseguem-se raças melhores e mais fortes. Aqui na Terra, entretanto, como já insinuamos, falhou o último "passo": a revitalização dessas raças pela contribuição dos segundos "azuis", também chamados "ascensores biológicos".

— "Ascensores biológicos"? — pressionou Sinuhe.

O Kheri Heb, com um sorriso de cumplicidade, continuou enumerando razões que, em sua opinião, justificam a existência das raças de cor:

— A diversificação das raças, além disso, favorece competitividade sã. E não te esqueças de que os diferentes estatutos dessas raças e dos grupos que as integram são essenciais para o cultivo da tolerância e do altruísmo humanos. Por último, a homogeneidade das raças em um mundo em evolução não é desejável enquanto esse planeta não tenha alcançado níveis relativamente altos de desenvolvimento espiritual.

— Queres dizer que, algum dia, em IURANCHA, haverá uma só raça humana?

— É possível, caro Sinuhe, sempre e quando o planeta saiba descobrir qual foi sua origem e qual seu destino maravilhoso. E tanto tu, como nós e todos os que nos sucedam na busca da Verdade, desempenhamos um modesto mas, ao mesmo tempo, insubstituível papel. E o

vosso, aqui e agora, não é outro senão o de chegar ao Grande Tesouro. . . e difundir quanto ele contém.

— Sim — lamentou-se o investigador —, mas, como? Amen, colocando de novo as mãos sobre a prancha cobreada da coluna de mármore branco, pôs em andamento um velho e calculado plano de fuga...

— Quando a força do Maligno te arrastou até nós — explicou-lhe o sacerdote —, uma de tuas primeiras perguntas (lembras-te?) foi sobre esta coluna.

Sinuhe se lembrava, naturalmente.

— Pois bem, desde que as atlantes construíram esta grande pirâmide subterrânea, cujo nome, como sabes (Dalamachia), evoca a "cidade-modelo" da qual eles foram obrigados a fugir depois da rebelião de Lúcifer, esta que chamamos "Câmara couraçada" de IURANCHA — e Amen fez um gesto com as mãos, abarcando o hexágono onde se achavam — foi sempre o depósito dos arquivos secretos do planeta. O Grande Tesouro, se o preferes!

— Aqui? Como...?

— É lógico que Nietihw e tu tendeis imaginado esses arquivos à maneira dos que habitualmente se utilizam em teu mundo. Fosse assim e, como compreenderás, não teria sido

suficiente esta pirâmide, nem mais outras cem como Dalamachia... A História da Terra, amigo, é mais antiga e complexa do que pretendem os sábios de vossa Era. Seus arquivos, por conseguinte, tinham de ser... "diferentes".

O investigador compreendeu que estava na iminência de conhecer uma nova maravilha.

— Quando Caligastia e seu Estado-Maior tomaram posse de IURANCHA, há 500 000 anos, um corpo especial de serafins transportou de Edência, a capital de nossa constelação, a Árvore da Vida e a "pluma de Thot". Da primeira, não tenho permissão para falar-te. Mas da segunda sim, já que é a chave da tua missão.

A "pluma de Thot" vem a ser, na realidade, o Grande Tesouro. Entre outros sistemas, a administração dos universos utiliza essas "plumas" como arquivos secretos de cada mundo evolucionário.

— Uma "pluma"? — perguntou impaciente. — Não te compreendo.

— O importante não é que o entendas, mas que o creias e saibas como manejá-las, se é que a força e a luz da Sabedoria te permitirão chegar até ela. ..

— Tu dirás — retrucou, disposto a aceitar o que quer que

fosse.

— Desde o momento em que os Mui Altos Pais da constelação decidem consagrar uma dessas "plumas"

ao serviço de um planeta em evolução, esses mesmos seres celestes responsáveis pelo traslado delas permanecem já em íntimo e contínuo contato com o Grande Tesouro, subministrando à "pluma" toda a informação concernente ao mundo em questão. Esses serafins, conhecidos como os "arquivistas celestes", dependentes da Ordem dos "mantenedores do arquivo do Paraíso", embora o pretendam, não podem influir nem controlar o destino da "pluma" que têm sob sua responsabilidade. Somente no fim dos tempos de cada mundo devem restituí-la à capital da constelação. E durante o período de vida concedido a cada esfera evolucionária, o trabalho dos "arquivistas" se circunscreve à subministração informativa: a mais veraz, objetiva e pormenorizada que ser humano algum pode supor e que abarca todos os sucessos protagonizados pelas criaturas viventes do astro. Mas essa "pluma" (indestrutível e de cuja beleza não te falarei) goza de singular particularidade. Ao mesmo tempo em que recebe e classifica cronologicamente cada informação trazida pelos "arquivistas celestes", está preparada ("programada", diriam em teu mundo) para responder a quantas perguntas lhe sejam formuladas pelos que ostentam o "sinal de Micael".

Amen fez uma pausa para esperar a imediata e lógica pergunta do "soror".

— E eu, supondo-se que eu possa chegar até a "pluma de Thot", que devo fazer?

— Não é nossa intenção ocultar-te a verdade. A "pluma" de IURANCHA, o Grande Tesouro, como já te foi dito, caiu em poder dos rebeldes. Horemheb, o traidor, logrou apoderar-se dela e levá-la desta câmara.

O Kheri Heb apontou para a placa avermelhada sobre a coluna, acrescentando:

— Durante milênios, este foi seu sagrado altar.. . Agora está fortemente custodiada na Torre de Amon, quartel-general de Bel-zebu e seus 40 000 "medianos". O ingresso nessa torre é praticamente impossível para os humanos. Além do mais, mesmo que o êxito te acompanhasse, os servidores de Lúcifer a guardaram em outra "câmara blindada", igualzinha a esta, na qual é materialmente inviável entrar ou sair, sem a ajuda dos próprios rebeldes. Como também sabes, a força do mal é a primeira interessada em que a sabedoria da

"pluma" não transcenda aos mortais de IURANCHA. Isso significaria conhecer parte da Verdade sobre o que sucedeu em nosso mundo, e a inegável influência dessa força sobre a humanidade poderia ver-se afetada.

— Um momento — terçou Sinuhe —. Vamos por partes. Se compreendi bem, somente os que ostentam o "sinal de Micael podem interrogar a "pluma" . . .

Amen concordou.

— Nesse caso, nem Belzebu nem seus sequazes puderam. . .

— 'Não precisam — interveio Amen, aclarando as dúvidas do investigador —. Eles fazem parte dessa Verdade. Em boa medida a protagonizaram, embora eu imagine que sentirão curiosidade por saber que terá sido do seu grande caudilho, Lúcifer. . .

— Não o sabem?

— Suponhamos que não. Quando eclodiu a rebelião, IURANCHA e os demais planetas leais ao Maligno foram postos em "quarentena" e, conseqüentemente, isolados do exterior.

— Bem interessante. . . — murmurou Sinuhe, acalentando na mente o que parecia ser uma remota possibilidade.

— Não cries ilusões — argumentou o sacerdote —. Se chegasses a penetrar na torre, como escapadas? E

o que é mais difícil ainda: como resgatadas a "pluma"?

Nosso homem não houve responder. As dificuldades sempre o estimularam, embora, neste caso, reconhecesse que eram quase intransponíveis...

— Alguma coisa há de ocorrer-me — retrucou, sem meditar sobre o problema.

— Está bem. Era precisamente o que desejávamos ouvir. E agora, por favor, escuta atentamente. . .

Cinco dos sete homens — como se houvessem estado à espera durante milênios por aquele momento —

caminharam devagar até a parede diante da qual Amen-Em-Apt pronunciara aquelas enigmáticas palavras:

"Solônia te aguarda. . . Dá-nos tempo para abrir o ano".

Os cinco chefes, com exceção do negro, tomaram posição, situando-se de frente — e a coisa de meio metro — da reluzente parede. E assim permaneceram, hieráticos e em silêncio.

Alguma coisa eles planejavam e Sinuhe se preparou para o que supunha ser sua saída da "câmara couraçada". Então Amen, tomando-o pelo braço, colocou-o entre a coluna e o muro frente ao qual montavam guarda os homens de cor. Orvonon, o negro, com as imensas mãos sobre a prancha

cobreada da coluna, parecia aguardar ordens.

— Escuta com atenção — expôs-lhe o sacerdote, em cujos olhos voltara a brilhar a esperança —. A partir deste momento, tudo dependerá de tua capacidade de compreensão e dos teus reflexos. . . Lembras-te de que te falei de uma falha cometida pelos rebeldes?

Assentiu em silêncio.

— Bom. E te recordas que Dalamachia, a pirâmide subterrânea onde nos encontramos, está sob o controle dos rebeldes?

O investigador repetiu o movimento afirmativo de cabeça.

— Pois não te olvides que, por essa razão, o que vais ouvir dos meus lábios não poderá ser repetido.

Apesar de ter feito parte do primeiro Grão-Conselho da Escola da Sabedoria (e graças à sua precipitação por abordar Dalamachia e roubar o Grande Tesouro), Horemheb não chegou a conhecer a única saída secreta desta "câmara" . . . Este, e manter-nos com vida, foram seus erros.

— Um instante — interveio Sinuhe, receoso — Se conhecíeis esse segredo, por que não o haveis aproveitado?

— Seria muito longo explicar.. . Apenas te direi que os atlantes, ao concluir a construção de Dalamachia, em previsão do que, desafortunadamente, ocorreu, construíram um mecanismo de abertura da Sala de Thot, ou do Grande Tesouro, sumamente "complexo" . . .

O Kheri Heb deu ênfase especial àquela última palavra.

— "Complexo" — acentuou — porque, para ativá-lo, exige a presença, na câmara couraçada, de um descendente de cada uma das raças "Sangik", únicas e verdadeiras herdeiras do grande patrimônio que significam os arquivos secretos de IURANCHA. E esses representantes, além disso, como tu mesmo tiveste ocasião de experimentar em tua busca através da pirâmide, só poderiam ser autênticos e sinceros homens

"Pi" ou leais buscadores da Verdade. . .

— continuo sem entender por que já não haveis escapado desta câmara.

— Querido Sinuhe, a sutileza dos construtores de Dalamachia era admirável. Uma vez reunidos (depois de milênios), estes seis homens de cor, os "Sangik" tiveram de vencer a difícil prova da desesperança. E uma vez alcançada essa dura meta, ao desvelar, após paciente estudo, o mecanismo propriamente dito de abertura, descobriram igualmente que essa "janela" para o exterior só pode ser

aberta com o concurso simultâneo de todos eles. Isso requer, portanto, a presença de um sétimo homem: o único que pode tentar a fuga...

— E tu, Amen?... Durante muito tempo tens sido esse sétimo afortunado. Por que não o tentaste?

O sacerdote sorriu com amargura.

— Tu te esqueces do essencial. Esse sofisticado sistema de segurança dos atlantes foi pensado para, em último caso, pôr a salvo o Grande Tesouro. Se a entrada nesta pirâmide subterrânea (tu o sabes) é árdua, a saída é mais ainda. O valor do Grande Tesouro assim o exigia. Mas a traição de Horemheb e a fulminante subtração da "pluma de Thot" tornaram inútil minha presença na "câmara couraçada". Se a "pluma" tivesse ficado aqui, com efeito, eu teria sido o sétimo homem, responsável por seu traslado para outro lugar...

Sinuhe insistiu:

— Apesar disso, por que não ocupas o meu posto? És, sem dúvida, um homem sábio e saberás, melhor que eu, chegar até a Torre de Amon.

— Não, Sinuhe, não posso.. .

— Por quê?

Amen, comprimindo o dedo índice no lado esquerdo das costas do investigador, explicou:

— Porque agora as coisas são diferentes. O julgamento de Lúcifer (como sabes) está próximo. Já não importa tanto resgatar o Grande Tesouro quanto conhecer a Verdade. Mas essa missão (também vô-lo disseram) é só o primeiro passo para assistir ao grande julgamento. E a esse tribunal só pode ter acesso a filha da raça azul. Eu, ou qualquer um desses chefes, poderíamos contar-te simplesmente essa Verdade, mas não é o estabelecido por "Ra". . . Sois vós, com vosso esforço, que deveis fazer-vos dignos representantes dessa honra. Lembra-te que, nesse caso, talvez mais que em nenhum outro, o caminho para a Verdade faz parte da própria Verdade. Alegra-me dizer que minhas palavras se vêm confirmadas, ainda, por este sinal. . .

O Kheri Heb pressionou as costelas de Sinuhe.

— O sinal de Micael!

O investigador recordou as marcas — os três círculos concêntricos — que tão misteriosamente foram gravados em suas costas durante a segunda exploração no ático da Câmara Municipal de Sotillo.

— Exato. Como vês, foi tudo meticulosamente preparado por aqueles que servem a Micael...

Sinuhe não podia crê-lo.

— Então, "eles" sabiam e sabem...

O sacerdote retirou seu indicador das costas do atônito "iuranchiano".

— Santo Deus! — exclamou o investigador. — De acordo com o que dizes, tu também sabias...

Amen sorriu maliciosamente.

— Já te disse que te esperávamos, melhor dito, vos esperávamos. .. Deves agora aproveitar nossa longa e paciente espera. Escuta. E que a Suprema Força te guie, Sinuhe.

— Permita-me que insista. Já que os rebeldes, conhecedores do nosso segredo, não tardarão em cair sobre esta câmara blindada, presta muita atenção a quanto vou comunicar-te. Não poderei falar senão uma vez...

Sinuhe apertou os maxilares.

— Siga! — animou-o por sua vez.

Na mente do investigador, outras dúvidas tinham ficado pendentes. Por exemplo: como e por onde poderiam entrar os rebeldes naquele recinto? Talvez pelo mesmo quadrado de gesso branco existente do outro lado da câmara? Além disso, se tinham o controle da pirâmide, por que não atuavam imediatamente, frustrando assim o que podia converter-se em uma circunstância adversa para eles? Talvez o sacerdote tivesse razão e optassem primeiro por conhecer este último segredo, tão zelosamente guardado. Ou haveria outras razões?

Mas, afinal de contas, aqueles pensamentos em tropel eram apenas minúcias; questões secundárias, se comparadas com a máxima questão em jogo em semelhantes momentos: a fuga da "câmara couraçada" e —

quem sabe? — se da pirâmide subterrânea de "Dalamachia" ..

Amen-Em-Apt situou então Sinuhe frente ao muro, entre a coluna e as costas dos cinco chefes. Por último, antes de retirar-se, abraçou o jovem, sussurrando-lhe ao ouvido:

— Se não compreendes o que vais ouvir. . . por Deus! salta de qualquer modo!

Não houve tempo para mais nada. Sinuhe mal pôde corresponder ao abraço. Seu irmão de Loja, após pedir-lhe

que se não movesse enquanto não recebesse a ordem, desapareceu de sua vista, indo postar-se à direita do homem negro. Trocou com ele um olhar e Orverdon, prestando atenção ao Kheri Heb, assentiu com a cabeça, dando-lhe a entender que estava tudo pronto.

E Amen, lentamente, dando tempo para que o "iuranchiano" estivesse preparado para interpretar suas solenes palavras, rompeu o silêncio do recinto:

— Ourocalcum!. . . sagrada proteção das muralhas do antigo Reino em Meio ao Mar e hoje da "câmara couraçada" de IURANCHA.. .

Com os nervos tensos, Sinuhe reconheceu aquela palavra — "ourocalcum" — como a mágica e soberba liga de ouro e outros metais misteriosos, empregados pelos atlantes no revestimento da terceira muralha — a externa — que guardava a cidadela de Poseidon, o primeiro rei de Atlântida. Essa muralha, assim como os muros do hexágono, resplandecia, segundo a lenda, com esplêndida luminosidade vermelha.

— Abre-nos teu segredo — prosseguiu Amen-Em-Apt —. Sob tua luz uma só fileira é igual a "5" e igual a um ano.. .

O investigador sentiu como se materializava a angústia em um golpe de sangue que lhe ascendeu das entranhas. Que

teria querido dizer o Kheri Heb? Uma fileira igual a "5"? . . .
Sinuhe puxou pela cabeça. Sabia que Dalamachia e a Grande Pirâmide de Quéops, sua réplica, foram construídas à base de grandes fileiras de pedras. Mas qual delas era "igual a '5' e igual a um ano"?

Em frações de segundos, sua mente desenterrou seus velhos conhecimentos de Egiptologia. Mas, dominado pelos nervos, não chegou a conclusão alguma. E a voz do sacerdote ressoou de novo no hexágono: __ ... E igual à liberdade...

Liberdade? Aquilo só se poderia interpretar de uma maneira: como a saída de Dalamachia... E, subitamente, fez-se a luz em seu cérebro atormentado.

"Deus meu!... claro! agora o compreendo."

Durante sua instrução como "soror" da Grande Loja, tivera a oportunidade de conhecer esta circunstância singular: o eixo principal de uma das fiadas da Grande Pirâmide de Quéops — e de Dalamachia, naturalmente — coincide com a cota do vértice do triângulo isóscele do frontão da entrada à pirâmide, na face norte.

Essa fiada — a número 23 —, é igual, com efeito, a "5". Basta somar os dois números. Além disso, é também "igual a um ano". Das 226 fiadas de blocos que constituíam

inicialmente a suposta tumba do rei Quéops, só uma — a 23! — equivale, pela longitude, ao chamado ano anomalístico de 365,2 dias.

(Entendendo-se por "ano anomalístico" o tempo que transcorre entre duas passagens consecutivas da Terra pelo afélio e o periélio de sua órbita.)

Sinuhe rememorou seus vertiginosos cálculos, intuindo as intenções do sacerdote.

"Sob a luz do ourocalcum, uma só fileira — a 23 — é igual a '5'... e igual a um ano (essa fileira de pedra soma 365,2 pés egípcios, sendo essa longitude igual a um ano)... e igual a liberdade: a fiada em questão coincide com a parte superior da porta secreta de acesso à Grande Pirâmide ^ela face norte. Se era assim" —

deduziu Sinuhe — "em algum lugar daquela 'câmara couraçada' tinha de esconder-se a providencial fiada 23

e, provavelmente, um dispositivo oculto que permitisse franqueá-la e alcançar a saída..."

Nesses críticos momentos deu-se conta de outro sério problema. Se não lhe falhava a memória, a rocha triangular que trancava a pirâmide pesava quarenta toneladas.

Como iria deslocá-la?

— ... Abram os "anos" com o arco-íris dos "Sangik"! Aquela parte do conjuro cabalístico de Amen-Em-Apt ficou incompreensível para Sinuhe. Mas, na suposição de que "algo" decisivo estava por acontecer, apertou os punhos, prestes a saltar — fora a recomendação do amigo — pela primeira cavidade ou conduto que se abrisse debaixo da refulgente lâmina de ourocalcum. No entanto, nada disso aconteceu. Ao finalizar aquela última e enigmática frase, o Kheri Heb fez um sinal a Orvonon. E este, fechando os olhos, colocou as imensas mãos sobre a prancha circular que coroava a coluna. E, lenta e majestosamente, como que possuídas de força sobrenatural, começaram a elevar-se, arrastando atrás o branco pedestal de mármore.

Embora alheio ao que se passava às suas costas, Sinuhe pôde assistir a outro sucesso prodigioso protagonizado pelos cinco homens "Sangik" e praticamente simultâneo com a ascensão da coluna. Em silêncio profundo, os chefes obedeceram a Amen. E de suas frentes brotaram feixes luminosos, de igual coloração à da pele de cada um deles. Assim, da esquerda para a direita, formou-se um belíssimo leque com as cores do arco-íris: vermelho, laranja, amarelo, verde e azul.

Maravilhado diante daquela nova demonstração de poder

mental, Sinuhe recordou os fachos de catorze cores da companheira querida. E aquele pensamento — a recordação de Nietihw, prisioneira dos rebeldes —

veio fortalecê-lo.

Durante alguns segundos, os cinco focos passearam pelo muro, entrecruzando-se e como que a buscar

"alguma coisa".

A coluna, entretanto, ao atingir os dois metros de altura deteve a subida. Orvonon abriu os olhos e, depositando as mãos sobre a lâmina circular, fixou a atenção no "arco-íris" que seus irmãos continuavam projetando.

De repente, um dos cones luminosos ficou imóvel a pouco mais de metro e meio do solo. Era o azul. E

do pequeno Círculo celeste projetado sobre o ourocalcum avermelhado surgiu uma tímida, quase imperceptível centelha de luz negra. Como que movidos por mola, os outros fachos se deslocaram para aquele ponto, fundindo-se e concentrando-se sobre o ansiado lugar. E a luz preta — a mesma que o investigador contemplara no quarto da maquinaria do velho relógio; e por cima da oscilante "campana de luz" da praia — foi tomando corpo, propagando-se pela superfície do muro.

Ante o olhar atônito de Sinuhe, aquela "luz" se foi derramando sobre o ourocalcum, adotando a forma de uma estrela de cinco pontas. Quando alcançou a longitude aproximada de um metro, a "luz" parou de avançar. E os braços horizontais começaram a prolongar-se como um rastilho de pólvora, dividindo em duas a parede do hexágono.

Às suas costas, soou então a voz grave de Amen:

— A fileira, Sinuhe!... Prepara-te para pular! ..

O investigador, confuso, não soube o que fazer. Onde estava o passadiço? Para onde devia saltar?

Sua incerteza não duraria muito.

Quando os negros braços horizontais da estrela se detiveram nas respectivas confluências das outras paredes do hexágono, os cinco homens "Sangik" fizeram desaparecer seus feixes luminosos, e retrocederam até se colocarem atrás de Amen e Orvonon. E no muro começou a palpitar aquela enorme estrela negra. . .

Se o "iuranchiano" tivesse virado o pescoço teria testemunhado como, ao produzir-se a ruptura da lâmina de ourocalcum — assinalando assim a fiada 23 de "Dalamachia" —, o pedestal da pluma de "Thot", instantaneamente,

desaparecera deixando aberto no solo da "câmara" escuro e estreito túnel. Só a chapa circular que rematava a coluna ficara colada às palmas do chefe negro. E este, a um novo sinal do Kheri Heb, sem perda de um segundo, arrojou-se, esmagando a lâmina de ourocalcum sobre o centro geométrico da estrela. Ao contato com o metal mágico, a ponta superior da estrela, assim como as duas inferiores, dobra-ram-se, imprimindo ao conjunto enlouquecida rotação, no sentido horário. Imediatamente a estrela desapareceu, transformada em tenebroso torvelinho.

— Agora!... Sinuhe! pula!...

Apesar de seus firmes propósitos, o investigador hesitou. Saltar para aquele remoinho escuro que já estremecia o muro e a totalidade da "câmara couraçada" de Dalamachia? Um suor frio foi sua única reação.

Sinuhe sentiu medo. Terror incontido, que parecia soldar-lhe os pés ao solo do hexágono.

— Sinuhe, por Nietihw!... Salta!

O segundo grito de Amen — dilacerante — fez com que se voltasse. Com espanto, descobriu umas velhas e esquecidas criaturas. Pelo buraco, agora existente no solo da câmara, emergiam, inconfundíveis, as

"golem" ... E as negras mãos amputadas aprisionaram as túnicas dos "Sangik" e a do Kheri Heb. Mas, em vez de lutar e resistir, os sete homens "Pi", ignorando a presença das diabólicas enviadas dos rebeldes, tinham cravados os seus olhos nos de Sinuhe. O investigador não teria podido descrever jamais aqueles olhares suplicantes, esperançosos e imperativos ao mesmo tempo...

Novas vagas de "golem", atropelando-se umas às outras, foram vomitadas do vazio sinistro. E, trotando sobre os dedos, dirigiram-se para Sinuhe. Mas o "iuranchiano" atirado pelos olhares-catapultas daqueles homens que não hesitavam em sacrificar-se por ele, saltara já para a turbulência que sem cessar girava em círculos na parede.

Ao penetrar no que, à primeira vista, parecia um tobogã ascendente, escuro como um bueiro, forte calor o envolveu e ele foi açoitado por fortíssima corrente em espiral que o sugou, projetando-o como um dardo em direção oposta à "câmara couraçada" de Dalamachia.

Foram segundos. Ou não? Na realidade, pouco importava. Qual o sentido de falar em "tempo", naquele mundo?

O caso é que, atropeladamente e procurando proteger-se das constantes cabeçadas contra os limites pétreos do passadiço cilíndrico, prosseguiu naquela alucinante subida...

até sabe Deus onde.

De repente terminaram as trevas. Foi brusca a mudança. Aquela espécie de "encanamento" acabou, e Sinuhe se viu projetado com aquela mesma força, mas em meio a uma atmosfera vermelha!

A turbulência cessara. Mas ele descobriu que um não acabar de negras mãos tinha-se-lhe agarrado aos ombros, braços e tórax...

— As "golem"!

O achado o abalou. Mas compreendeu logo que não podia tratar-se das macabras extremidades que estiveram a ponto de capturá-lo na pirâmide. Aquelas mãos... não estavam amputadas. À altura dos corpos vinham fundidas a outros tantos raios, igualmente pretos e brilhantes como a obsidiana. E aqueles raios... sim

— observou o investigador quando olhou para o alto —, perdiam-se no espaço. Ele estava sendo transportado pelos ares... por uns raios terminados em mãos humanas!

Pelos ares?

Aquele pensamento, unido ao que divisava em terra — o velho barco encalhado, a costa e as águas do oceano, tudo

isso tingido de vermelho —, levaram-no a compreender que os homens

"Pi" tinham logrado o seu propósito: Dalamachia, a pirâmide milenar subterrânea era apenas uma lembrança. . . Algo ou alguém o havia puxado, burlando assim os rebeldes.

Seu vôo agora era suave. Harmonioso, quase. Os braços estendidos para frente, seguro e arrastado pelas mãos-raios negros, experimentou inolvidável sensação de paz. Paz que foi aumentando, na medida em que ascendia. . .

À sua passagem, aquela "atmosfera" escarlate roçava-lhe docemente a pele e lhe embaralhava os cabelos.

Pouco a pouco, sem pressa, como se o tempo não contasse, a linha da praia foi desaparecendo. Foi então, seguindo a direção dos raios que pareciam dobrar-se sobre si mesmos, que divisou no alto uma silhueta escura.

— Oh, Deus!. . . O sol negro!

Já não havia dúvida. Aqueles raios tinham brotado do misterioso disco e a ele voltavam.

Aquele medo incipiente virou confusão quando, de repente, abandonou o "ar escarlate", entrando em uma obscuridade sideral, rasgada apenas pelo longínquo tiritar de milhões de

estrelas. Seria aquele o firmamento que vislumbrara da terra, em companhia de Nietihw?

Seus temores o invadiram novamente. Ao deixar para trás o "céu" cor de sangue, a velocidade daquelas mãos aumentou, projetando-o como a um meteoro em direção à cada vez mais crescida figura do sol. A respiração quase desapareceu e o rosto, submetido àquela formidável aceleração, contorceu-se. Seus ouvidos e crânio todo começaram a zumbir e, espantado, viu como a silhueta do sol "negro" se lhe apresentava imensa, quilométrica. Gigantescas línguas de luz e fogo negros eram projetados no espaço. . .

Logo em seguida a atmosfera se tornou vermelha, passando imediatamente a negra. Depois, a ponto de chocar-se contra aquela massa, a consciência o abandonou. . .

— Sou Solônia, o que foi guardião do Éden. . . Levanta-te, filho de IURANCHA!

Que terá acontecido? A sensação de Sinuhe, ao despertar, foi de irrealdade e bruma. Como se as mãos o tivessem depositado suave e firmemente aos pés daquela incrível criatura. . .

Mas e o fogo negro? Por que não morrera abrasado? Onde se encontrava? Que teria sido dos raios e mãos que o haviam transportado?

Quando o membro da Escola da Sabedoria escutou a voz e conseguiu levantar o rosto, descobriu que se achava de joelhos diante de um ser de estatura e beleza desconcertantes. Seu corpo, empé, aparecia envolto em uma cota de malha de um negro reluzente. Mas aquela prodigiosa vestimenta defensiva, em lugar de ser tecida com aço, era trabalhada com letras diminutas. E estas, por sua vez, formavam outros tantos milhares de nomes. Um nome que o sobressaltou: "Micael". E daquela maravilhosa trama protetora emanava ininterrupto resplendor negro...

Longos cabelos escuros, também rodeados de um halo de luz negra, caíam-lhe pelos ombros musculosos.

O rosto, como que lavrado a cinzel, era duro e sereno como o do mais bravo guerreiro jamais visto.

Somente seus olhos rasgados lhe pareceram familiares...

Sinuhe obedeceu e, ao pôr-se de pé, constatou atônito que seus olhos ficavam à altura da cintura de Solônia. Aquele gigante — um serafim, sem dúvida — sustinha entre as mãos a empunhadura de uma espada... sem lâmina!

Timidamente, movido por sua curiosidade insaciável, olhou ao redor. Onde estava?

Inútil. Ao desviar o olhar do guardião do Éden, nublou-se-

lhe a vista e ele não distinguiu senão escuridão. Baixou os olhos para o lugar em que sem dúvida se sustinha, mas aconteceu o mesmo: só "viu"

trevas...

Perplexo, virou de novo o rosto para a única coisa visível no interior daquele sol "negro". Ou tampouco se encontrava no misterioso astro?

E Solônia, mostrando o próprio peito com a mão esquerda disse:

— Não temas, Sinuhe, filho de IURANCHA!

Num instante, sobre a couraça, iluminaram-se três círculos celestes e concêntricos.

— Reconheces esta bandeira? — perguntou-lhe.

Sinuhe não se atreveu a falar. Nem sequer sabia se podia. Limitou-se a mover a cabeça em breve e quase imperceptível sinal de afirmação.

— É o emblema do Soberano de Nebadon, nosso Senhor — retumbou como trovão a voz de Solônia —.

Tal como vos anunciou Agurno, o Mensageiro Solitário, para cumprir vossa missão deveras utilizar minha espada.

Recebe-a, pois...

O serafim estendeu a mão direita para o nosso homem, convidando-o a tomar a empunhadura solitária.

Sinuhe, apesar das dúvidas que o acossavam, recebeu a espada do guardião. Tratava-se de uma enorme guarnição de quase meio metro de comprimento, um cabo de uns dez centímetros de diâmetro que, a ele pelo menos, obrigava-o a empunhá-lo com ambas as mãos. Apesar das dimensões, era extremamente leve.

"Talvez se deva" — pensou :— "a esses incríveis anéis..."

Efetivamente, tanto a empunhadura propriamente dita, quanto o braço horizontal, tinham sido forjados à base de aros paralelos. Cada círculo continha outros dois em seu interior, concêntricos, imitando assim o tríplice circuito de Micael. E todos eles, como ocorrera com as letras do nome cósmico de Nietihw e com a

"cadeia" do número "pi", magicamente coesos graças a uma força invisível.

Enquanto permaneceram entre a cota de malhas que cobria as mãos de Solônia, aqueles anéis da empunhadura conservavam a cor igualmente negra e reluzente. Agora, porém, ao passar para as mãos de Sinuhe, tornaram-se

transparentes.

O investigador, sem saber o que fazer com semelhante arma, levantou o rosto para o serafim, interrogando-o com o olhar.

— A espada "iluminadora" — esclareceu Solônia — permitir-te-á descobrir a entrada secreta da Torre de Amon. Mas escuta minha advertência, filho de IURANCHA... Aquele que a empregar para a violência, que só espere violência.

"Uma espada 'iluminadora'?" — perguntou-se o "iuranchiano" — "Como devo utilizá-la? E que é isso de violência?..."

Solônia, apesar de lhe haver lido os pensamentos, não respondeu. Por último, levantando a mão direita como o fizera Agurno ao despedir-se em meio à névoa do bosque, exclamou:

— Que a paz de Micael esteja contigo, Sinuhe!...

6. A TORRE DE AMON

As trevas que o rodeavam caíram também sobre o serafim. E a figura foi engolida, desaparecendo da presença de Sinuhe. Só o emblema que lhe adornava o peito ficou a flutuar na penumbra, resplandecente. Nosso homem, com a empunhadura da espada "iluminadora" entre as mãos, quedou-se frente ao tríplice círculo celeste, incapaz de pensar ou de dar um passo sequer.

Aliás, para onde?

Mas a sabedoria daqueles seres era ilimitada. Como se tudo tivesse sido minuciosamente previsto, o tríplice e sagrado círculo de Micael partiu-se em dois. E o investigador, boquiaberto, presenciou outra fantástica transformação...

Um após outro, os seis segmentos resultantes dessa inesperada divisão vertical do emblema foram separando-se do resto, configurando a lâmina de sua espada. Uma lâmina tão deslumbrante quanto singular. O primeiro dos segmentos tomou contato com a base da empunhadura, convertendo-se em um enorme "E". O segundo colocou-se à continuação, em forma de "H". E os demais cruzaram também o escuro e foram formar o resto do estranho "açó" azul, com as letras "U",

"N", "I" e "S", respectivamente.

Assim, os seis segmentos haviam dado corpo à espada com uma "lâmina" de quase dois metros, formada inteira e exclusivamente pela palavra "SINUHE".

O "soror", atônito, brandiu a arma, verificando que, tal como os anéis, as letras se mantinham firmes e misteriosamente coesas entre si, derramando sutis fulgores azuis a cada vibração ou movimento.

— Agora — monologou com certa satisfação — só resta encontrar o caminho para essa maldita torre...

Mas o entusiasmo que o havia assaltado com a mágica aparição do seu nome duraria pouco... Sinuhe —

talvez para sorte sua — parecia ter-se esquecido das advertências dos homens "Pi" sobre as dificuldades que adviriam ao aproximar-se da torre dos rebeldes.

Desejoso de entrar em ação, empunhando a espada com ousadia, girou sobre os calcanhares, em busca do ansiado caminho para a fortaleza de Amon. Deu um passo em meio às trevas e, como uma explosão, tudo ao seu redor se fez vermelho-sangue. Sem compreender o que acabava de acontecer, deteve-se, inspecionando aquela paisagem surgida repentinamente.

Alguma coisa rangeu sob seus pés. Ao baixar o olhar, o

horror se misturou com a surpresa: estava pisando caveiras! Crânios humanos! Obedecendo ao instinto, retrocedeu. Mas, ao fazê-lo, como se tivesse atravessado uma porta invisível, penetrou naquela escuridão que abandonara segundos antes.

Num piscar de olhos esfumou-se-lhe a audácia. Bloqueado pelo medo e pelas trevas, não soube o que fazer. Que estava acontecendo? Por que ao adiantar-se cessava a escuridão e ele entrava naquele tétrico mundo avermelhado, coalhado de ossos? Apesar do medo, teve de admitir que a única forma de livrar-se daquelas perplexidades seria entrar de novo na claridade escarlate. E tomando todas as precauções, a espada

"iluminadora" a tremer-lhe entre as mãos, adiantou a perna direita. Depois a esquerda e, instantaneamente, apareceu sobre as caveiras, tingidas, como o resto de quanto tinha à vista, por aquela tênue "atmosfera"

sanguinolenta.

"Aquele" — deduziu, inquieto — "tinha de ser o caminho para a Torre de Amon... Que outra paisagem poderia simbolizar melhor as diabólicas forças do mal?"

Removeu com os pés algumas das milhares de caveiras que atapetavam a pequena planície em que ele havia aparecido,

observando que todas elas pertenciam a humanos adultos. Por último, antes de aventurar-se em direção à colina que se erguia a curta distância, introduziu um dos ganchos do "S" de sua espada pela órbita descarnada de um dos crânios, levantando-o com sumo cuidado.

Então, com a caveira a bailar na ponta da "folha", deu-se conta de outro detalhe que lhe veio confirmar as suspeitas: na frente daquela e de todas as outras, fora gravado um número mítico: o "666".

— O sinal da Besta!

Invadiu-o um calafrio que se propagou à espada, fazendo tombar o crânio que caiu sobre seus irmãos, a crepitar sinistramente. Sinuhe não podia conceber que, a essa altura da missão, estivesse sendo vítima de sua fantasia. Para o caso de assim ser, abaixou-se, examinando uma das caveiras. Parecia extremamente ressecada... Quanto ao número na frente, não havia dúvida de que fora gravado ou esculpido no próprio osso.

Só a essa idéia já voltou a estremecer. A que desgraçados haviam pertencido aqueles milhares, talvez milhões de caveiras? E, sobretudo, quem e por que as teriam marcado como se se tratasse de gado?

Aquela sequidão dos ossos, própria de longa exposição às

intempéries, lembrou-lhe o sol. Ao levantar a vista, voltou a saltar-lhe o coração no peito. Acima da "atmosfera" escarlate divisava-se, ao longe, aquele mesmo sol "negro" até onde ele voara. "Como é possível? Faz nada mais que uns minutos..."

Inconscientemente, ao levantar-se e dirigir o olhar para o alto, Sinuhe deu meia volta. E depois de descobrir a negra silhueta do disco, baixou os olhos, dando então com outro fato desconcertante: o horizonte daquela planura em que se achava perdia-se ao longe. Às suas costas ficava a colina, sim, mas, que teria ocorrido com as trevas "invisíveis"? Estaria ali aquele pedaço da planície quando ele abandonou a escuridão?

Dava para enlouquecer!

Tentando buscar uma explicação, deu um passo à frente, esperando assim penetrar no lugar de onde viera. Mas nada sucedeu.

— Terei errado a direção? — perguntou-se, dando meia volta e repetindo o passo para frente.

O resultado foi o mesmo. Outro passo; sucedeu em uma terceira, quarta e quinta tentativas. Chegou a brandir a espada, imaginando que a lâmina, ao introduzir-se nas "trevas", desapareceria total ou parcialmente.

Finalmente, rendido por tantos e absurdos movimentos, deu de ombros, desistindo de seus propósitos.

— No fundo, que importa? — argumentou, secando o suor da testa. — Este tem de ser o território rebelde e, afinal, meu único destino possível é a torre.

Depois de atenta observação dos arredores — tudo convertido no mais extenso cemitério que jamais vira

— o "iuranchiano" decidiu-se pelo promontório mais alto daquelas paragens: a pequena colina que surgira à sua frente quando deixou a "obscuridade".

— Talvez dessa altura eu me possa orientar melhor...

E, recuperando os ânimos desmantelados, encaminhou-se para o ponto visado.

O pressentimento de que Nietihw pudesse estar ali perto o estimulou, ajudando-o a vencer o difícil caminhar pelo perfil inóspito do "terreno". A cada passo, macabramente, seus pés atolavam nas caveiras, quebrando-as ou às vezes apenas resvalando-as.

A subida pela ladeira, semeada de crânios, foi especialmente penosa. Era preciso enterrar primeiro um pé para depois, com a ajuda da espada, ir ganhando palmo a palmo.

Sufocado e suarento, depois de bom número de pausas obrigatórias, levantou a vista e constatou, com satisfação, que apenas alguns metros o separavam do cume.

Com pressa de alcançá-lo, apertou o passo. Mas, ao relaxar as precauções, as ossadas cederam sob seus pés, originando um deslizamento. E o "iuranchiano", impotente, caiu de bruços, sendo arrastado colina abaixo, entre uma avalanche de caveiras e um estridente castanholar de ossos.

Quando, furioso, machucado e meio sepultado entre crânios, pôde pôr-se em pé, viu que a espada

"iluminadora" saltara de suas mãos. Frenético por sua estupidez, voltou à falda da colina, angustiado ante a possibilidade de ter perdido seu único meio de desvelar a entrada da Torre de Amon. Naquele momento, a sorte parecia estar ao seu lado. A poucos metros, meio enterrada, descobriu a cintilante folha celeste. De joelhos sobre os ossos, uma vez resgatada a espada, dirigiu o olhar para o sol "negro", agradecendo a Solônia sua benevolência. Naquele instante, a "campana" luminosa que cobria aquele fantástico mundo trocou sua tonalidade escarlate por outra, laranja. E o sol "negro" prosseguia em seu caminho rumo ao zênite.

Sinuhe não se havia acostumado ainda àquelas súbitas mutações de cor da atmosfera, não chegando a compreender

a razão de semelhantes variações. Já na praia intuía que a sucessão de cores devia guardar alguma relação com as diferentes posições do astro "negro". Mas sua inteligência não chegava além..

Imerso em tais reflexões, os cinco sentidos postos naquela segunda subida, assomou finalmente ao cume.

Ao fazê-lo, "algo" inesperado e amedrontador apareceu-lhe ante os olhos.

Como primeira medida, atirou-se por terra. Do alto da colina, o rosto colado a uma daquelas sardônicas caveiras, dedicou-se — emocionado — a explorar a incrível construção que acabava de surgir no seu horizonte. No fundo de um precipício, continuação do declive que se abria ante o "soror", levantava-se uma torre circular mastodôntica — talvez uma centena de metros de altura — edificada à base de gigantescas mastabas ou plataformas circulares de dimensões decrescentes. À primeira vista, Sinuhe lembrou-se da primitiva pirâmide escalonada do faraó Djoser, em Saqqarah, mas, como digo, configurada circularmente.

A "atmosfera" alaranjada que o envolvia impediu-lhe de precisar detalhes.

Contou os enormes bancos ou terraços que a formavam. Seis! "Outra vez o seis?" pensou inquieto.

Aquele desassossego não tinha sua origem na descoberta da cifra. A verdadeira razão, tinha de buscá-la mesmo na presença da torre. Sem dúvida devia ser a fortaleza de Belzebu e dos rebeldes. Tinha chegado ao que talvez fosse o último ato daquela enlouquecedora aventura...

A pergunta-chave não tardaria a vir: como, por onde, de que forma poderia meter-se dentro de semelhante fortim?

A distância que o separava do objetivo era tão considerável — uns dois quilômetros se acompanhasse a fralda da colina — que não pôde distinguir portas, janelas ou outro tipo de abertura. Tampouco conseguiu concluir qual fora o material usado na edificação.

"Talvez se trate de blocos", pensou, associando os imponentes muros aos da lembrada pirâmide de degraus, ideada pelo ministro do faraó Djoser — Imhotep —, o "inventor" da pedra de silharia.

Evidentemente que o único meio de tirar as dúvidas era tentar uma aproximação.

Do outro lado da torre, frente a frente com o cume onde se escondia Sinuhe, subia um promontório similar e igualmente coalhado de restos humanos. Durante bom espaço de tempo, dedicou-se a reconhecer aquela parte do desfiladeiro, assim como a vala em que se assentava a fortaleza. Mas não

sentiu movimento algum. Tudo parecia tranqüilo...

Finalmente, tomou a decisão de descer pela ladeira movediça. Apesar do silêncio reinante, sentiu o coração apertado. Se os rebeldes ocupavam a torre, era provável que tivessem detectado sua presença. Nesse caso, que esperavam eles para atacar?

— Atacar?

O investigador estacou. Seus pés ficaram enterrados entre as caveiras; levantou a espada e contemplou mais uma vez aquelas letras que formavam a lâmina. E as palavras de Solônia, o serafim, acudiram nitidamente à sua memória: "... Aquele que empregar a espada 'iluminadora' para a violência... que só espere violência".

Isso significaria que não deveria utilizá-la em caso de luta ou ataque?

Alguns crânios rolaram ladeira abaixo perdendo-se entre tombos, quando Sinuhe recomeçou seu perigoso avanço. Outros, ao estilhaçar-se, romperam a quietude do barranco com ecos inoportunos e ameaçadores.

A cada deslizamento, o "iuranchiano" cravava sua espada entre os ossos, procurando não fazer o menor movimento, tentando conservar, assim, o equilíbrio precário. Quando o

rio de crânios diminuía o impulso, passada a passada ele prosseguia em sua aproximação. Dada a altura e o desnível em que ele se movia, uma queda ou escorregão teria sido sumamente perigoso, senão mortal.

De trecho em trecho, enquanto recuperava o alento, interrompia a marcha, perscrutando a fortaleza e suas vizinhanças. Por um momento, inquietante sensação o invadiu. "A torre estaria abandonada?"

Essa idéia, longe de tranquilizá-lo, agravou-lhe o mal-estar. Que poderia acontecer, se aquele não fosse o quartel-general de Belzebu? E, se fosse, que adiantaria se o encontrasse vazio?

Com o sol "negro" ao ponto de alcançar o zênite, venceu afinal os metros que o separavam da vala.

Esgotado pelo esforço e pela tensão, deixou-se cair sobre as caveiras que abarrotavam, ali também, o fundo do barranco. Os pés, doloridos pelas dezenas de fragmentos ósseos que lhe foram aderindo às botas, negavam-se a ir adiante. Ao descalçar-se, descobriu preocupado umas plantas ensangüentadas e tumefatas.

Depois de minuciosa limpeza, e diante do feio aspecto daquelas múltiplas feridas, optou pelo único remédio mais à mão. Desfez-se da camisa, rasgou-a e aplicou-se a vendar os

pés. Ao contemplar tão tosca

"obra de arte", sorriu, enternecendo-se e lembrando-se da ternura de Nietihw ao vendar-lhe as mão na "câ-

mara dourada" de Dalamachia.

— Nietihw!... Que terá sido dela?

Levantou os olhos para a torre que o aguardava a pouco mais de quinhentos metros e aquele perfil encheu-o de negros presságios.

A vala oferecia o mesmo aspecto desértico. Tudo silencioso e envolto na luz laranja, e tão morto quanto os milhões de órbitas vazias que o observavam do solo.

Mas a sorte, uma vez mais, estava lançada. E Sinuhe, após tentativas, não poucas, conseguiu calçar as botas e retomar a marcha... diretamente em direção à base da fortaleza.

Aqueles últimos metros foram especialmente difíceis. Os pés, ao contato com as caveiras quebradiças, ressentiram-se de novo. Algumas das feridas tornaram a sangrar, provocando-lhe uma dor dilacerante. A duras penas, servindo-se da espada, arrastando as pernas, lutou por alcançar as proximidades do fortim.

— Nietihw! Devo chegar! É preciso chegar!

Aquele nome encheu-lhe o ânimo debilitado e o cérebro negou-se a aceitar outro estímulo que não fosse o de avançar... Avançar!

Ofegante, suor frio a banhar-lhe o corpo, Sinuhe, finalmente, plantou sua espada ao pé da Torre de Amon. Sem forças para levantar a vista para a monstruosa construção, ajoelhou-se, apoiando a frente na lâmina celeste da arma.

— Não posso! Deus meu, não é possível!

O "iuranchiano" chegara ao limite de sua resistência. Aquela dramática circunstância — justamente agora, quando precisava de todo o ímpeto e sangue-frio — surgiu na pior das desolações.

— Não posso!... — repetiu, macerando o rosto e sentindo a agitada palpitação do peito e o gotejar do suor sobre as caveiras alaranjadas.

O instinto, entretanto, impeliu-o a levantar os braços e, aferrando-se ao travessão horizontal da empunhadura, fez por içar-se.

Nesse gesto desesperado, ainda com a cabeça inclinada para o chão macabro, seus olhos deram com os três círculos

concêntricos que tão misteriosamente lhe haviam aparecido no costado esquerdo, lá "no seu mundo"...

Dessa vez, o sinal de Micael não lhe sugeriu nada.

— A não ser que...

Um raio de esperança acabava de iluminá-lo.

— Sim — se disse, desejando que aquela providencial revelação se materializasse — "eles" poderiam..

Reunindo suas últimas forças, levantou-se. Desenterrou a espada e, voltando o rosto para o sol "negro", implorou o socorro de Solônia. Ato contínuo, tomando da arma pela extremidade, foi aproximando o "S" ao tríplice circuito sagrado de Micael.

Na realidade, ignorava o que poderia acontecer no instante em que a "ponta" da espada "iluminadora"

entrasse em contato com suas costas. Sem poder dominar o tremor das mãos, cravou de um golpe a última letra do seu nome sobre a marca do Soberano de Nebadon.

O "S" da singular folha nem sequer machucou-lhe o corpo. Mas ao incidir sobre o círculo tríplice se despreendeu das outras letras. E o membro da Grande Loja, atemorizado,

soltou a espada, que retiniu contra as ossadas.

De repente, o enorme "S" saiu disparado, quedando imóvel e diáfano na frente do investigador. Mas sua surpresa chegou ao máximo quando os extremos do "S" se cerraram, convertendo-se em um símbolo bem conhecido do "iuranchiano": o círculo do Yang e o do Yin. O primeiro, como uma meia-lua, ocupando a parte superior e representando — segundo os fundamentos da filosofia chinesa do *I Ching* — o princípio ativo e positivo do universo circulante. O segundo — o Yin —, na metade inferior, complemento do Yang e símbolo das trevas e de todo o passivo e negativo.. . Este último, justamente, palpitava sem cessar, emitindo vivíssimo resplendor avermelhado. O Yang, em compensação, tingido de negro, quase não se fazia visível,

"dominado" pela força do mal.

Sinuhe compreendeu. Se conseguisse inverter o círculo mágico, talvez melhorasse a sua situação.

Ansiosamente estendeu as mãos para o disco. Mas ao agarrá-lo pela meia-lua inferior, dedos, mãos e braços ficaram imediatamente cobertos por miríades de feridas semelhantes às dos pés. E uma dor insuportável atravessou-lhe o corpo qual relâmpago, fazendo com que cambaleasse. Espantado,

retirou os braços, descobrindo outro sem fim de dolorosas lacerações ao longo e ao largo da face e do peito. O corpo se ia cobrindo de chagas, convertendo a pele em feixe sanguinolento...

Tentou gritar, mas a dor já lhe anuviava o cérebro. E com os olhos vidrados, entre estertores, num gesto suicida atirou-se contra o signo do bem e do mal...

Ao voltar a si, sentiu sobre o peito a fria superfície das caveiras. Alguma coisa havia mudado. Já não estavam tingidas de laranja. Agora refletiam uma luz mais clara... Amarela!

— Deus dos céus! — exclamou ao ver-se estendido sobre o campo de ossos. — Que se passou?... Onde estou?

Logo compreendeu que se achava exatamente no mesmo lugar. Sua espada "iluminadora" jazia sobre os crânios e sobre seu corpo...

— Jesus!

Chagas e fios de sangue haviam desaparecido. Palpou o torso nu, constatando que as feridas já não existiam, nem tampouco as dos braços e mãos. Até mesmo o suor se havia secado.

— Como é possível? — se repetiu mecanicamente, ao mesmo tempo que se descalçava.

Seus pés, como o resto do corpo, ofereciam um aspecto perfeito. As forças lhe haviam voltado ao organismo e sua alma parecia refeita e descansada.

— O círculo de Yin! — recordou.

Sua memória abriu-se de par em par, permitindo-lhe ver como, no último momento, quando já se cria perdido, ao lançar-se sobre o disco uma de suas mãos logrou aferrar-se à meia-lua superior, que girou, arrastada na queda do investigador.

Graças a essa mudança de posição, o símbolo do mal — o Yin — perdeu sua indubitável influência, que passou a Yang. E a sorte de Sinuhe variou também, já que ficou sob a ação da "luz".

Aquela reconstrução do incidente se ratificou quando, ao pôr-se em pé, observou em meio à nova

"atmosfera" amarelada — flutuando a um metro das caveiras — o solene símbolo chinês. A meia-lua avermelhada — situada agora na parte superior — perdera o seu brilho. A inferior, ao contrário — o Yang —

palpitava, lançando contínuos fluxos de luz... negra! E Sinuhe, agradecido, levou a mão esquerda sobre o tríplice círculo de Micael, elevando os olhos para o sol "negro", que começara a deixar para trás o zênite.

Mentalmente reconheceu o poder e a magnanimidade de Solônia.

E recolhendo sua espada, cuja folha continuava denunciando a falta do "S", preparou-se para o que imaginava e desejava como sendo o assalto final à guarida de Belzebu.

Uma vez mais, apesar do seu repentino bem-estar e da coragem, equivocava-se.

Até aquele momento não tinha percebido a configuração externa da torre. Ao assenhorear-se da espada, seus olhos se fixaram no muro inferior. O rosto de Sinuhe crispou-se e seu espírito voltou a anuviar-se.

"Na realidade" — pensou — "que outra coisa podia eu esperar?"

Concentrou o olhar nas plataformas superiores mas o resultado da inspeção foi o mesmo. Cada palmo da obra exterior da fortaleza achava-se recoberto ou "adornado" por uma caveira humana. Centenas de milhares

— talvez milhões — de crânios como os que asfaltavam o desfiladeiro e a vala tinham sido cuidadosamente adossados a cada um dos seis terraços ou plataformas que configuravam o fortim. E todos eles, assombrosamente, olhando para fora.

Tampouco dali, ao pé da altiva torre, vislumbravam-se portas, janelas ou qualquer outra abertura. O

conjunto formava um todo compacto e hermético.

Tocou algumas das ossadas, chegando a introduzir os dedos através das órbitas e das fossas nasais, puxando as cabeças. Nem uma delas cedeu. O macabro artífice de tão paciente obra soubera ligá-las aos hipotéticos muros interiores com tanta destreza quanto solidez. À diferença da imensa maioria dos restos espalhados sobre o terreno, aqueles crânios, sim, conservavam seus respectivos maxilares inferiores e, inclusive, para maior perplexidade, os ligamentos e apófises estilóides que seguram essa mandíbula inferior.

Ainda mais: em cada osso frontal, a pequena distância da fossa nasal, salientava-se a inquietante "marca" da Besta: o "666".

Cautelosamente, foi rodeando o ciclópico terraço ou mastaba que constituía a base da torre, estimando seu

diâmetro em uns duzentos metros, com uma altura de vinte, aproximadamente. Isso significava, a julgar pela semelhança da altura com as cinco plataformas restantes, que a fortaleza simplesmente superava os cem metros de altura.

— Assombroso! — exclamou, considerando que a pirâmide escalonada de Djoser, no Egito, culmina nos sessenta metros.

Aquela primeira exploração terminaria em fracasso. Ao regressar ao ponto de partida, Sinuhe não tinha verificado a existência de acesso algum. Ao menos que ele tenha podido constatar.

Por outro lado, o lugar continuava suspeitamente deserto. "Não é normal" — repetia-se a si mesmo —,

"pois se aquela é, na verdade, a Torre de Amon, os Medianos' rebeldes, as 'golem' ou quem sabe que criaturas diabólicas, por que não deram sinais de vida? Ou seria possível que a fortaleza" — como já considerara antes — "estivesse vazia?"

Em uma segunda volta, um pouco mais confiante graças à aparente solidão que o acompanhava, e baseando-se nas palavras de Solônia, prestou mais atenção aos descarnados e amarelentos rostos que pareciam segui-lo a cada passo com seus enormes buracos vazios.

"... A espada "iluminadora" — anunciara-lhe o serafim — permitir-te-á descobrir a entrada secreta da torre..."

Pela enésima vez reparou na estranha lâmina azul, sem intuir a utilidade das letras que compunham.

— "E - H - U - N - I." E que demônios faço eu contigo? — murmurou, dirigindo-se à arma que tinha entre as mãos. — Se ao menos fosse capaz de descobrir alguma chave, algum indício...

Continuou caminhando ao pé do muro concentrando vista e inteligência naquele anárquico "mosaico" de cabeças ridentes. Os crânios estavam tão irregularmente distribuídos que se tornava muito difícil — para não dizer impossível — detectar o menor sinal de alinhamento ou, talvez, um esboço, uma figura... algo que, definitivamente, o pusesse de sobreaviso.

Finalizando de circunvalar o terraço pela segunda vez, experimentou inclusive com a espada: ao mesmo tempo que iniciava a terceira volta à torre, foi aproximando a ponta da arma às caveiras. Mas nada aconteceu.

Com irreprimível desilusão, levou a termo um quarto e um quinto giro. Mas o muro resistia sempre.

Onde se poderia encontrar aquele maldito segredo?

Desconfiando que o misterioso acesso talvez estivesse em alguns dos terraços superiores, empreendeu uma última caminhada — a sexta — em torno da fortaleza.

— Se fracasso, não haverá outro remédio senão escalar.. . E, tal como supunha, aquela sexta volta também não deu fruto. Porém, foi só chegar ao lugar da partida — aquele em que se mantinha levitando, estático, o símbolo do "Yang-Yin" —. "algo" lhe chamou a atenção.

Foi muito fugaz. Quase imperceptível e captado com o rabo do olho. Sinuhe ficou imóvel. E, antes de virar o rosto para a esquerda, a fim de certificar-se do que havia visto, fechou os olhos, reconstruindo na mente a imagem que acreditava ter percebido. E aqueles crânios se desenhavam nítidos em seu cérebro.

— Não é possível! — argumentou contra si mesmo.

Ao levantar as pálpebras, aquela imagem continuava ali, clara e desconcertante.

Entre a "voragem" de ossadas, cinco apareciam com suas respectivas mandíbulas inferiores... caídas!

— Como é possível que não me tenha dado conta até agora?! — refletiu, aproximando-se com enorme curiosidade.

Havia ainda outro detalhe inexplicável. As cinco caveiras não só tinham as bocas abertas, mas se achavam alinhadas horizontalmente!

O investigador podia jurar que aquelas cabeças não formavam fileira quando passou diante delas nas cinco vezes anteriores. Dando de ombros, porém, preferiu esquecer tão estranha circunstância. A final de contas, a incoerência sempre fora proverbial nele.

Examinou cuidadosamente as bocas abertas e, ao introduzir nelas os seus dedos, com surpresa não conseguiu sentir muro algum. Alarmado, espiou o interior das caveiras, mas o escuro era total. Ao acercar o rosto às filas de dentes, uma sutil corrente de ar veio confirmar-lhe as suspeitas: ou muito se enganava ou aquele tinha de ser o ponto de entrada da Torre de Amon.

Lutando contra a própria impaciência, retrocedeu um par de metros, contemplando aquela inesperada

"pista". Mas o problema não estava resolvido.

"Obviamente" — deduziu — "o alinhamento desses crânios e a abertura dos seus maxilares devem corresponder a alguma coisa. Mas a quê? . . . Por quê?"

Sinuhe cerrou os olhos, reconstruindo mentalmente —

passo a passo — suas circunvoluções ao redor da fortaleza, e ao recordar que aquela era a sexta volta pela plataforma, um calafrio sacudiu-o da cabeça aos pés.

Disposto a verificar a idéia que lhe acabava de brilhar no cérebro, empreendeu sua sétima marcha à base do fortim. Dessa vez, consumido pela incerteza, empreendeu frenética corrida. Pouco depois, detinha-se ofegante na frente das cinco caveiras.

Deus!...

Ao rematar a volta, outras cinco caveiras se haviam alinhado imediatamente por debaixo das primeiras e com os maxilares igualmente abertos.

Sem alento, emocionado, o "soror" repetiu sua exploração, confirmando a presença de uma cada vez mais intensa corrente de ar fresco que brotava por aquelas dez pequenas entradas.

Sua intuição tinha sido um êxito. .. no momento. De novo, o número "seis" se convertera em protagonista de suas aventuras. Ao consumir as carreiras seguintes, outras tantas fileiras de crânios foram aparecendo mágica e prodigiosamente sob as primeiras. Ao empreender o circuito número onze, eram já cinco as fiadas aparecidas no muro. A última, a mais baixa, a coisa de um metro do chão.

Nessa undécima volta, extenuado pelo esforço, Sinuhe não teve senão de resignar-se a fazê-la devagar.

Mas movido por seu instinto aguçado foi aumentando suas passadas.

Ao retornar em frente do "quadrado" formado pelos vinte e cinco crânios — todos eles com as mandíbulas abertas —, foi colhido de surpresa por um novo e duplo achado: primeiro — e mais importante

— no muro não se havia registrado alinhamento algum. Segundo, se não estava enganado, seus passos haviam somado outra curiosa cifra: 666!

Perplexo e incrédulo, repetiu a operação.

Ao concluir a volta número doze, os resultados foram idênticos: "666" metros de circunferência e nem uma só alteração entre as caveiras.

A fantástica coincidência fez com que se lhe transbordasse a excitação. Ali naquele misterioso alinhamento de ossadas humanas — todas elas com o "666" gravado nas frentes — tinha de estar a chave para penetrar no quartel-general de Belzebu.

Qual seria o passo seguinte?

Sentado diante do enigmático "quadrado", Sinuhe deixou que voasse o tempo.

Até aquele momento, a espada "iluminadora" não parecia ter desempenhado papel algum na solução daquele novo enigma. Quanto ao disco chinês — refletiu, dirigindo um olhar furtivo ao símbolo —, tampouco lhe sugeria nada de especial.. .

Onde poderia estar a solução? Por que, desde sua sexta volta ao redor da torre, teriam aparecido aquelas cinco fileiras de crânios, concluindo o alinhamento com a volta número dez?

Depois de mil lucubrações, hipóteses e contra-hipóteses, o membro da Escola da Sabedoria recorreu, quase mecanicamente, ao método cabalístico. Somou os sucessivos "666" de cada fileira, notando que cada uma das adições lançava o mesmo resultado: o sagrado "9". Aquilo o intrigou. E procedeu então à soma total dos vinte e cinco "666". A cifra final — 16 650 — o devolvia, uma vez somados esses dígitos, ao "9"!

Seus alarmes mentais soaram ao mesmo tempo. Por conversão de números a letras, aquele "9" passava a ser o "Teth" ou "T" do alfabeto hebreu. E, tal como acontecera em enigmas anteriores, o "iuranchiano"

descobriu que justamente aquele "Teth" era o símbolo esotérico da "oculta muralha para guardar um tesouro".

Levantou-se, nervoso.

— Um tesouro?... O Grande Tesouro!

As caveiras só podiam representar isso: uma "muralha" que escondia algo de muito valor.

— Os arquivos secretos de IURANCHA! — explodiu. Aquele entusiasmo porém depressa desapareceu.

Embora parte do criptograma parecesse esclarecido, faltava ainda o mais importante: como abrir ou demolir semelhante "muralha"?

"... A espada 'iluminadora' te permitirá descobrir a entrada secreta..."

Aquelas palavras de Solônia continuavam palpitando incessantemente no subconsciente do jovem.

Entretanto, embora muitas vezes refluíssem à sua mente, empenhado como estava em encontrar por si só a chave do enigma, precisou de algum tempo para compreender que a solução, talvez, se achasse entre suas mãos.

— A espada!...

Agora sim chegara a hora de comprovar-lhe a eficácia. Assim Sinuhe, segurando-a com decisão, dirigiu a

"folha celeste" sobre o "quadrado". Trêmulo, passou-a primeiramente sobre as vinte e cinco caveiras, sem atrever-se a roçá-las. Mas nada aconteceu.

À continuação, tocou com a ponta — formada pela letra "I" — o primeiro crânio da fileira superior. O

alojado em sua extrema esquerda.

Então sucedeu o imprevisto. O fulgor da lâmina intensificou sua luminosidade e aquele halo azul se propagou pelos braços do "iuranchiano", envolvendo-lhe o corpo em uma aura celeste.

Simultaneamente, o "I" se transformou em um dedo índice que apagou o "666" da caveira e, com movimentos preciosos, o dedo humano desenhou um "S" no lugar do número.

Eletrizado por aquele fluxo celeste que o inundava, notou como o mágico dedo, e com ele o resto da espada, dirigia-se então à caveira contígua: a situada em segundo lugar naquela fileira superior.

Com a mesma firmeza, sem titubear, sem que Sinuhe inter-

viesse, eliminou o número da Besta, substituindo-o por outra letra: o "A".

O mesmo sucedeu com as ossadas restantes daquela fileira. Ao terminar, sobre as frentes desses crânios apareciam — uma em cada um — letras hebraicas formando uma palavra enigmática: "SATOR".

Sem compreender, o membro da Loja deixou que agisse a espada "iluminadora".

Uma vez que deu por terminada a fileira superior, o dedo índice buscou a primeira caveira da segunda fila. Apagou igualmente o "666", gravando no lugar um "A". E assim, crânio por crânio, foi dando forma a outra misteriosa palavra: "AREPO".

Ao concluir-se a terceira e mágica gravação, Sinuhe pôde ler: "TENET". Na quarta fiada, o dedo substituiu os "666" por outras

tantas letras do alfabeto hebraico, aparecendo um novo galimatias horizontal: "OPERA".

Por último, a "ponta" da espada percorreu as cinco caveiras da quinta fileira, deixando impressas outras tantas letras que deram lugar ao vocábulo seguinte: "ROTAS".

Instantaneamente o dedo azul desapareceu. E o halo que envolvia o "iuranchiano" retirou-se-lhe do corpo

— desta vez em sentido inverso — até ficar concentrado ao longo da "folha" da espada.

Nesse momento Sinuhe recuperou sua vontade e a capacidade de movimento. E, maravilhado, examinou primeiro a arma que continuava sustentando entre as mãos. A letra "I", como sucedera com o "S", se havia esfumado. Agora era a letra seguinte — o "N" — a que ocupava a ponta da folha. Incrédulo, tocou-a, verificando que não havia modificado sua tempera original.

Partindo da empunhadura, a espada "iluminadora" havia ficado reduzida às letras "*E-H-U-N*".

Quanto ao "quadrado", que significariam aquelas palavras?

Baixou a espada e caminhou até ao muro. A substituição do número da Besta por aquelas vinte e cinco letras, apesar da indubitável mediação da arma entregue pelo leal a Micael, o pusera em guarda. Os rebeldes não davam ainda sinais de vida, o que o intranqüilizava tanto quanto a resolução daquele interminável galimatias. Não estaria sendo vítima de algum novo ardil dos "medianos" de Belzebu?

A tentação era irresistível. Assim pois, apoiando o joelho

direito sobre as ossadas, os músculos tensos como cordas, aproximou as pontas dos dedos aos crânios. Roçou uma das letras mas, ao contrário do que supunha, nada ocorreu. Ao fazê-lo pela segunda vez, comprovou que o signo hebraico fora feito sobre o osso à maneira de um baixo-relevo. Ao apalpar o resto, observou que elas todas pareciam cinzeladas sobre as frentes.

— Impressionante!

Mais extraordinário ainda resultou a leitura do palíndromo, Porque naquele "quadrado", uma das palavras — ROTAS — podia ler-se da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, de cima para baixo e de baixo para cima.. . E articuladas sobre essas letras exteriores, o observador podia ler igualmente, em qualquer direção, as outras quatro não menos intrigantes palavras...

Desconcertado, intuindo que o final do enigma não devia estar muito longe, esqueceu por completo onde se encontrava e mergulhou no criptograma.

As palavras SATOR, AREPO, TENET, OPERA e ROTAS eram legíveis, segundo esse palíndromo, em todas as direções. Também notou que a letra central — o "N" — era a única que não se repetia.

Que queria dizer o curioso "quadrado"? Que lhe estaria

indicando?

Sinuhe começou por "traduzir" os textos, palavra por palavra. Mas as interpretações, seguindo o método cabalístico, resultavam absurdas ou divertidas.. .

"O semeador (SATOR)" — rezava uma delas — "reúne aqui o fruto do seu trabalho".

"O lavrador" — dizia outra — "tem suas obras na mão" ou "o semeador AREPO dirige as rodas cuidadosamente.. ."

Aquele, sem dúvida, não era o caminho adequado. E o membro da Escola da Sabedoria, lutando para não esfrangalhar os nervos, escolheu outro procedimento.

As duas linhas centrais — as que davam lugar às palavras TENET — formavam uma cruz grega.

Curiosamente, se unia as "A" com as "O", a primeira cruz se transformava então em uma de tipo *potenzada* (isto é, em forma de T). Mas o prodigioso "quadrado" ia além. Bastava unir à continuação os "A" e os "O"

com o "N" central para desenhar uma cruz de Malta. Por último, ao tomar esse "N" como centro de um círculo de raio "NA" ou "NO", a figura resultante era a cruz dos Templários... "Estaria ali a chave para abrir a muralha?" Mas

Sinuhe acabou por descartar essa possibilidade, enfiando-se então em um capítulo mais complexo e surpreendente: a conversão, a números, daquelas vinte e cinco letras.

Depois de laboriosa investigação, o mágico "quadrado" de palavras revelou-se como um não menos mágico "quadrado" de números, todos eles herméticos e "altamente significativos"... As linhas da "cruz"

formada pelas palavras TENET, por exemplo, somavam a mesma quantidade: 65. E outro tanto acontecia com as linhas diagonais. Os números correspondentes às casas exteriores "S" e "R" de ROTAS também davam uma mesma soma: 26.

Por outro lado, se tomasse as letras de duas em duas, a soma era igualmente "26", correspondendo, ainda, a pares de letras idênticas no "quadrado": "EE", "AA", etc.

Para o cúmulo, a letra central "N" equivalia exatamente à metade de 26.

E o "soror", à beira da loucura, descobriu que a chave cabalística daquele "quadrado" endiabrado tinha de residir naqueles três números: o 13, o 26 e o 65.

De mãos dadas com o mesmo método cabalístico — a Guematria —y converteu as três cifras em palavras. A

"tradução" o deixou sem fala: "65" era a soma de ADONAI (Alef-Dalet-Nun-Yod: $1+4 + 50 +$

$10 = 65$). E que significava ADONAI? Deus! O "26", por sua vez, era a soma guemátrica do Tetagrama: Yod-He-Vay-He ($10 + 5 + 6 + 5 = 26$). Isto é, Yaveh!

Somando os valores desses números sagrados — ADONAI e YHVH (Yaveh) — o "iuranchiano"

tropeçou com outra surpresa: "65" e "26", eram igual a 91; quer dizer, $9 + 1 = 10 = 1$. A unidade!

Do ponto de vista místico, teológico, esotérico e até cabalístico, a Unidade é sempre Deus ou Yaveh.

Aquele revesado tramado numérico achava-se além do mais perfeitamente unido ao "13". Em hebraico

"uno" ou a "unidade" se diz EHAD, cuja soma guemátrica é precisamente 13: E "13", finalmente, era o

"centro" (N) do "quadrado"...

Ao manejar aqueles três conceitos — Yaveh, Adonai e "uno" ou a "unidade" —, acudiu-lhe à memória uma ancestral e sagrada oração judaica, recolhida no *Deuteronômio* 6,4:

"Yaveh, nosso Deus, Adonai é uno."

Quando já se dispunha a entoar essa oração, convencido de que havia dado com a chave para abrir passagem para o interior da Torre de Amon, outro descobrimento desviou-lhe as intenções.

A palavra ROTAS, que em hebraico se escreve "Resh-Vav-Tau-Samej", encerrava uma dupla e diabólica advertência: *Samej*, a serpente e o número da Besta. (Aqueles letras, numericamente, equivalem a $200 + 6 +$

$400 + 60 = 666$).

Emocionado, compreendeu que aquele "quadrado" mágico, formado pelas ossadas da mastaba, simbolizava o Bem e o Mal, ao mesmo tempo.

Que devia fazer? Pronunciar a frase sagrada ou invocar o número do Maligno?

Antes de tomar uma decisão, Sinuhe tentou analisar sua situação. Se entoasse a prece sagrada, o mais provável é que visse franqueado seu o acesso à torre. Nesse caso, que novas aventuras o aguardariam?

Podia encontrar a companheira? Se, pelo contrário, se decidisse pelo número da Besta, que seria dele?

Lançou um olhar ao símbolo chinês, perguntando-se, até mesmo, se os homens "Pi" não estariam novamente com a razão: não teria caído em outro sonho? Não seria tudo aquilo uma armadilha dos rebeldes?

— Mas e Solônia? — rebateu-se a si mesmo. — O guardião do Éden não pode ser uma maquinação do Maligno...

Provavelmente foi esta última reflexão que o conduziu à que, sem sabê-lo, seria a sua derradeira escolha naquela primeira fase da missão.

E, antes que seu atormentado espírito pudesse voltar atrás, pôs-se de pé. Segurou a espada, apontando com ela o centro do "quadrado" e, procurando ocupar mente e coração com uma só idéia — Nietihw —

gritou com todas as forças:

— Yaveh... nosso Deus!.. .

Como se se tratasse de projéteis invisíveis, aqueles primeiros sons nem bem escaparam dos lábios de Sinuhe e começaram a pulverizar as caveiras. A primeira a estalar, desintegrando-se, foi a situada no ângulo superior esquerdo do "quadrado". E, a seguir, vertiginosamente e acompanhando uma ordem rígida, desapareceram todas as que compunham as três fileiras superiores.

O prodígio o colheu tão de surpresa que, estupefato ante a cadeia de silenciosas explosões, interrompeu a prece. Vendo, porém, que o processo de abertura do muro se detinha, apressou-se a concluí-la.

— ... Adonai é uno!

De maneira fulminante, as duas últimas fileiras — as que compunham as palavras "OPERA" e "ROTAS"

— saltaram igualmente pelos ares.

No lugar das vinte e cinco caveiras abria-se agora um escuro buraco quadrado de um metro de comprimento.

O investigador, absorto na contemplação da abertura, não reparou em outro curioso e significativo fato: aquela oração bíblica somava também vinte e seis letras...

Em uma primeira reação, o "iuranchiano" aproximou-se da boca do que supunha ser um passadiço. Mas, ao assomarse, foi-lhe impossível distinguir alguma coisa. Tudo se achava sumido em espessa treva e dominado por ela. Curiosamente, a luminosidade amarelada que rodeava Sinuhe interrompia-se bruscamente no umbral do suposto acesso à fortaleza.

Introduzindo cabeça e tórax pela abertura estendeu os

braços, mas não conseguiu sentir paredes, degraus ou chão — nada. "Aquilo" é o que havia de mais parecido ao vácuo. . . Só a corrente de ar se havia feito mais intensa e fria.

Ao retirar-se do interior da mastaba, permaneceu pensativo, sem perder de vista o negro acesso. Uma vez mais, só havia um meio de sair das dúvidas: aventurar-se torre adentro. Devia armazenar coragem e atravessar aquele "quadrado".

E uma cócega familiar nas entranhas anunciou-lhe novos e iminentes perigos...

Sinuhe não tardaria em fazer frente ao primeiro contratempo.

Depois de prender a espada ao cinto, inspirou profundamente e, aferrando-se aos crânios laterais que delimitavam o escuro quadrado, preparou-se para saltar ao interior da base da grande torre. Via realidade nada sabia sobre o que encontraria lá embaixo ou do outro lado. Nem sequer se seus pés encontrariam qualquer sustentação. . . Mas era preciso fazê-lo.

Levantou a perna direita, introduzindo-a nas trevas e, quando se achava a cavalo sobre o muro, já para passar a outra perna, um ranger de ossos obrigou-o a voltar-se.

Ficou paralisado. Às suas costas, vindos talvez do outro lado do terraço, havia irrompido um grande grupo daquelas

criaturas anãs e monstruosas.

— Deus meu!... Os "medianos"!

Em instantes, outra sucessão de estalidos, dessa vez proveniente do lado oposto, veio juntar-se àquele pequeno exército de rebeldes que avançava para ele. Imediatamente, surgiu ante Sinuhe uma segunda tropa de seres de enormes cabeças e braços desproporcionados.

De um salto, abandonou a abertura e, separando-se do muro, resgatou a espada do cinto, brandindo-a em atitude defensiva. Quando ele empunhou a arma, os "medianos" estacaram. Sinuhe, girando sem cessar sobre si mesmo, tratou de não perder de vista as criaturas. Mas, depois daquele primeiro e aparente momento de hesitação, recomeçaram seu lento mas decidido caminhar contra o "iuranchiano". À sua passagem, as caveiras recomeçaram a estilhaçar-se, rompendo o silêncio com assustadora trepidação.

Quando se achava a pouco mais de dez metros do "soror", com a garganta seca pelo medo, observou como aquela multidão espichava os braços para ele, disposta, sem dúvida, a capturá-lo. E então rememorou uma imagem perdida: a do pesadelo sofrido na Casa Azul, pouco antes de ver-se envolvido em tão penosa aventura...

Fora de si, com a folha da espada vibrando, dirigiu-se então ao grupo que irrompera primeiro. Não estava disposto a deixar-se agarrar, mas, se necessário, estava disposto inclusive a morrer lutando...

Ao vê-lo carregar contra eles, os "medianos" novamente interromperam sua marcha. Mas uma das criaturas que avançava à cabeça destacou-se uns passos, cravando o olhar de seus olhos negros no excitado humano. O olhar penetrante e a inegável audácia do rebelde, que parecia aguardar impassível o golpe fatal da espada "iluminadora", causaram em Sinuhe um efeito inexplicável. Ele se deteve diante do pequeno ser e, desconcertado, manteve a arma acima de sua cabeça, atento ao menor movimento suspeito. Então o "mediano", abrindo o reduzido orifício que fazia as vezes de boca, exclamou:

— Nada podes fazer, estrangeiro.. . Entrega-te à força de Belzebu, nosso chefe.

E, estirando seus braços tal qual caniços, convidou-o a que entregasse a espada.

Tal como Sinuhe imaginara, aquelas dúzias de monstros de cabeça em forma de pera invertida, de pele escura e curtida, e com o círculo negro e vermelho no peito, símbolo de Lúcifer, eram os servidores de Belzebu. Isso significava que a torre

estava habitada e que Nietihw devia encontrar-se prisioneira em alguma daquelas seis plataformas.

A confirmação de suas suspeitas e a lembrança da amiga acenderam de novo a ira do investigador que, como resposta, descarregou violento golpe de espada no crânio do "mediano". E as letras que formavam a folha afundaram-se na cabeça da criatura, partindo-a em dois. O rebelde caiu fulminado enquanto Sinuhe, descrevendo grandes círculos com a arma, atirou-se sobre o compacto grupo, disposto a pelejar até o último alento.

As criaturas retrocederam e algumas, provavelmente tão assustadas quanto o "soror", tropeçaram entre si, rolando sobre as ossadas.

Animado pela desordenada fuga dos rebeldes, atacou novamente, destroçando, de um golpe, dois dos

"medianos" mais próximos. Mas, no momento em que se dispunha a carregar sobre os demais, o segundo contingente, que continuara avançando às suas costas, agarrou-lhe as pernas, cintura e ombros, derrubando-o de costas sobre as caveiras.

Do chão, o "iuranchiano" continuou esgrimindo com a espada "iluminadora", ferindo vários dos

"medianos" que se lhe tinham arrojado — a dezenas — em cima do corpo. Apesar dos pontapés e golpes, das convulsões e até cabeçadas, a superioridade numérica dos adversários acabou por imobilizá-lo. E a espada saltou, finalmente, de suas mãos.

Sinuhe continuou lutando por safar-se daquela montanha de seres repulsivos. Mas, firmemente subjogado por dezenas de mãos, seus movimentos foram perdendo força e eficácia e, esgotado, teve de submeter-se.

Aí ocorreu o inesperado. Inexplicavelmente, os "medianos" o soltaram, fazendo um círculo ao seu redor; e caído no chão o atônito Sinuhe descobriu, flutuando acima dele, a sua espada "iluminadora". Por um momento, a oportuna aparição infundiu-lhe novos ânimos. E, crendo que os rebeldes se retiravam por temor, levantou-se veloz em busca da arma que lhe entregara Solônia. Estendeu os braços para ela e, quando estava para pegar a empunha-dura, a folha celeste — dirigida por força invisível — fez um brusco movimento, distanciando-se. Os rebeldes então abriram o cerco e Sinuhe, empenhado em recuperá-la, precipitou-se atrás dela. A espada, depois de um curto vôo, fora cravar-se em um dos "medianos" mortos pelo "iuranchiano".

Obcecado pelo desejo de apossar-se da arma que poderia permitir-lhe reencetar a luta, tentou pela segunda vez

empunhá-la. Mas, antes que suas mãos alcançassem a guarnição, a espada saltou do cadáver e sua folha apontou diretamente para o rosto de Sinuhe. Perplexo, parou. A ponta estava manchada por uma espécie de sangue preto e pastoso, e antes que o "soror" pudesse compreender o que estava acontecendo, ela disparou contra ele o "N" que se lhe cravou nos olhos.

Com gritos de dor, levou as mãos à folha, lutando por arrancá-la. Entretanto, só conseguiu ferir-se novamente com o fio das letras. Cambaleando, sentiu que as forças lhe escapavam do corpo. Então, uma frase grave e longínqua ecoou-lhe na memória, no mesmo instante em que ele desmoronava:

"... Mas escuta minha advertência, filho de IURANCHA... Aquele que a empregar para o violência, que só espere violência."

Uma dor aguda nos olhos — a mesma que o havia derrubado aos pés da Torre de Amon — fez com que voltasse a si.

E o coração de Sinuhe inundou-se de angústia.

— Está tudo escuro!

Aquelas primeiras palavras foram acompanhadas de

imperceptíveis soluções; e o desditado investigador sentiu que não estava só.

Levou as mãos ao rosto e seus dedos tropeçaram com "algo" rígido e frio. "Algo" que permanecia cravado em seus olhos. Explorou-o e lhe acudiram à mente, ligeiras, as imagens do "N" que formara parte da folha da espada "iluminadora" e o final de sua luta contra os "medianos" rebeldes.

— Deus meu! — sussurrou ao compreender que a letra continuava incrustada em ambos os olhos.

Aquela era a causa da sua cegueira.

Onde estava? Que havia acontecido?

A dor cedeu lentamente e o membro da Escola da Sabedoria soergueu o corpo e tateou o solo onde estava ao recobrar a consciência. Embora sua visão se achasse totalmente perdida, logo reconheceu as arestas e os inconfundíveis perfis das caveiras entre as quais caminhara em sua aproximação à fortaleza. Aqueles crânios, porém, pareciam firmemente soldados entre si. De joelhos, continuou examinando o pavimento, concluindo que todos e cada um dos restos tinham sido dispostos com suas descarnadas caras "para cima". Aquilo alarmou-o mais ainda. Sem dúvida, não se tratava dos arredores do fortim, onde as ossadas

tinham sido abandonadas aleatoriamente.

Naquela mesma posição, de joelhos, esticou a mão direita para o negro vazio que o rodeava em busca de qualquer coisa que lhe permitisse identificar o lugar. Seus dedos tropeçaram. As pontas tatearam nervosamente e em Sinuhe se fez uma luz: eram cabelos! Prosseguiu apalpando com veemência, comprovando que, com efeito, tratava-se de cabelos longos e sedosos. Tremendo de emoção, aproximou a outra mão daquela cabeça. Os dedos percorreram então as feições, detendo-se, emocionados, nos olhos.

— Deus meu!

Estavam úmidos; arrasados pelas lágrimas! Já sem conter-se? exclamou com voz quebrada:

— Nietihw!

Mãos suaves e delicadas saíram ao encontro das suas, segurando-as com força. E aqueles soluços que haviam acompanhado o despertar do "iuranchiano", fizeram-se mais intensos e entrecortados. A mulher, de joelhos em frente de Sinuhe, lançou-se-lhe nos braços.

— Nietihw!... Nietihw!

O jovem só acertava repetir o nome da companheira. E ela,

incapaz de responder, dominada ao mesmo tempo pela alegria do reencontro e a profunda desolação que lhe inspirava o estado do amigo, limitou-se a afundar o rosto no ombro do membro da Loja, deixando-se arrastar por aquela torrente de sentimentos confusos,

Sinuhe, acariciando-lhe os cabelos, deixou que se desabafasse.

Quando a mulher se tranqüilizou, o "soror", depois de secar-lhe as faces, pediu-lhe comesse pelo começo: como fora capturada? Onde estavam?

As explicações de Nietihw foram breves. Quando se viu arrebatada na câmara dourada, a presença de umas criaturas monstruosas, semelhantes a Vana, o "mediano" rebelde que lhes indicara a direção de Dalamachia, provocou nela um desmaio fulminante. Ao voltar a si, estava naquele lugar.

— Desde então — concluiu Nietihw — só tenho vivido para este momento.

— Onde estamos? Que espécie de cárcere é este?

— Você diz bem, Sinuhe — respondeu a filha da raça azul com amargura —, segundo a criatura que nos acompanha nesta cela macabra, nós três nos achamos sob o domínio de Belzebu, numa fortaleza que chamam a Torre de Amon...

— Então — murmurou o "iuranchiano", compreendendo que fora conduzido ao interior do forte —, todos os nossos esforços para recuperar os arquivos secretos...

A mulher guardou silêncio. Foi uma resposta significativa. Tudo, com efeito, parecia perdido...

Sinuhe, dando-se conta das últimas frases da amiga, perguntou ainda:

— Há alguém nos acompanhando?

Nietihw tomou então o braço do ser que permanecia em pé junto deles e, aproximando-o do companheiro, pôs em contato a mão da criatura com a de Sinuhe. Ao apalpá-la, o "soror" estremeceu.

Continuou percorrendo a áspera pele do longuíssimo e macérrimo braço, até conseguir tocar a cabeça. Ao comprovar-lhe forma e dimensão, retirou os dedos, assustado:

— Um "mediano"!

— Sim — confirmou ela em tom tranquilizador —, um velho amigo nosso... Trata-se de Vana.

— Vana?... Mas por quê?

Desta vez foi a pequena criatura quem falou:

— Pouco a pouco irás compreendendo que Belzebu não perdoa. E eu, segundo nossas leis, cometi um erro ao indicar-vos o Ano caminho para os homens "Pi". Além disso, tua flecha de gelo me marcou para sempre...

— Não te compreendo — interveio Sinuhe.

Nietihw ajudou-o a pôr-se de pé e, dirigindo-lhe as mãos, depositou-as sobre o peito de Vana. Ao tocá-lo, experimentou clara sensação de calor. Seus dedos deslizaram sobre o tórax do "mediano", enquanto recordava como as fauces de gelo de *Samej*, a serpente, haviam deixado sobre o escudo circular de Lúcifer um total de 72 fendas por onde brotaram misteriosos raios escarlates.

— Não é possível! — exclamou, ao constatar que as fissuras se haviam fechado, substituindo o emblema do Maligno pelo tríplice círculo de Micael.

— É isso, Sinuhe — replicou o "mediano" —. Agora, com a bandeira do Soberano de Nebadon sobre meu peito e minha vontade, converti-me em um proscrito... para Belzebu e a sua gente. Assim como vós, só espero minha morte definitiva...

— Como nós? Que queres dizer?

A um sinal de Nietihw, Vana guardou silêncio. E ela, esforçando-se por desviar a atenção de companheiro da dramática revelação do "mediano", suplicou-lhe que fosse ele, agora, quem relatasse tudo o que acontecera desde a separação.

Compreendendo que algo de grave havia, obedeceu, passando a informá-la sobre seu estranho encontro com o seu duplo no espelho, sobre os sucessos na câmara funerária e na cripta dos três féretros, assim como sua aventura na câmara blindada de Dalamachia, seu vôo posteriormente para o sol "negro" e a aproximação da torre, com o fatídico combate final.

Ao terminar o relato, Sinuhe, levando as mãos ao "N" que lhe provocara a cegueira, concluiu, visivelmente combalido:

— A final, tudo perdido. Nós fracassamos.

Nietihw, com um fio de esperança na voz, retrucou ao fim de um breve silêncio:

— Pode ser que não, Sinuhe.. . pode ser que não...

Alertado por aquela insinuação, o "iuranchiano" procurou o rosto da amiga.

— Em que está pensando?

— Se não entendi mal — explicou, dirigindo-se aos dois —, os homens "Pi" lhe revelaram que o Grande Tesouro (a "pena" de Thot") só pode ser interrogada por alguém que ostente o sinal de Micael...

— Certo! — confirmou Sinuhe.

— E tal como assegurou Amen-Em-Apt, não é menos certo que os rebeldes, ao menos até hoje, continuam ignorando o destino do mestre e caudilho: Lúcifer. Estou enganada?

A pergunta foi dirigida a Vana, que fez um sinal com a cabeça.

— Sendo assim, e já que só você, Sinuhe, conserva a marca de Micael, por que não aproveitarmos a vantagem?

— Aproveitarmos? Como? — interpelou o membro da Loja, sem compreender bem as intenções da companheira.

— Muito simples. Pactuemos com Belzebu. Se nos permite chegar aos arquivos secretos, tanto ele como nós poderemos conhecer a parte de Verdade que nos interessa...

Sinuhe recordou como aquela possibilidade já havia pairado em seu coração na "câmara couraçada" ... E

agora, a filha da raça azul, longe de render-se, encarregava-

se de ressuscitá-la, avivando-lhe assim a remota esperança.

O "mediano", entretanto, com mais consciência da situação deles, lembrou ao casal que, para pôr em execução uma idéia tão difícil, teriam primeiro de sair da cela...

— Vana tem razão — aparteou Sinuhe. E, pegando o braço da amiga, pediu-lhe que o guiasse e detalhasse as características do lugar.

— Não há muito que explicar. Fomos encerrados em um cubículo reduzido cujos muros, teto e solo estão formados ou cobertos por centenas de ossadas como as que você pôde sentir. Por suas órbitas, fossas nasais e bocas — acresceu com estremecimento — brota uma contínua luz preta e vermelha...

— Preta e vermelha? — interrompeu-a o "soror".

— Sim. De cada uma das aberturas desses macabros crânios sai um "cilindro" de luz: o centro é cor de granada e o resto, assim como um invólucro, é preto.

— O signo e emblema de Lúcifer — exclamou Sinuhe, pensativo. A seguir, interrompendo suas reflexões, perguntou de novo: — Em que ponto da torre nos encontramos, exatamente?

— Segundo Vana, na primeira mastaba ou plataforma. Na base da fortaleza.

Nietihw, adiantando-se à pergunta seguinte, esclareceu:

— A sede e o trono de Belzebu estão na quinta ou penúltima plataforma...

— E o Grande Tesouro?

Nietihw cruzou um olhar com Vana. O "mediano", sem perder sua habitual frieza, respondeu assim:

— Esquece qualquer pensamento de fuga, Sinuhe. Isto não é Dalamachia. Estamos nas mãos de Belzebu e só ele pode aceitar ou recusar o acordo sugerido por Nietihw...

— Está bem — replicou o "soror", que não era fácil de dobrar —, mas onde está escondido o Grande Tesouro?

Nietihw e Vana não chegaram a responder.

— Onde? — insistiu o "iuranchiano".

A filha da raça azul, tomando-lhe a mão lhe suplicou silêncio. Um silvo estridente, vindo de um dos muros, fez com que Sinuhe se virasse.

— Que é isso?

Nietihw, aproximando-se mais do inquieto companheiro, sussurrou-lhe ao ouvido:

— Não sabemos... Os feixes de luz que escapavam de uma das paredes desapareceram... Parece como se...

A filha da raça azul não pôde continuar. O silvo se tornou mais agudo, enchendo a cela e perfurando os ouvidos do casal, como invisíveis adagas. E ambos, presa da dor, levaram as mãos aos ouvidos, na vã tentativa de alívio.

O silvo, ao ganhar intensidade, foi transformando-se em ganido. E bruscamente, quando criam que seus cérebros já iam estourar, cessou. Cada uma das ossadas que formava aquele muro se tingiu de vermelho, como se um fogo implacável vindo do interior as devorasse. O casal e também Vana sentiram que uma onda de calor se desprendia da parede, enchendo a cela. Subitamente as caveiras, uma a uma, foram caindo, convertidas em brasas.

Quando o último crânio rolou no pavimento, Nietihw distinguiu no lugar em que ele havia ocupado na parede uma silhueta circular e de um vermelho brilhante.

— Que é isso? — perguntou, temerosa.

Vana, dando um passo em direção à estranha figura, respondeu:

— O símbolo do universo. Belzebu assenhoreou-se dele. Agora — acrescentou, apontando a metade superior do disco — domina o Yin...

— O Yin? — terçou Sinuhe, adivinhando de que se tratava. Vana assentiu. E os "iuranchianos"

compreenderam que os rebeldes se haviam apoderado do disco chinês que mudara a sorte de Sinuhe, quando ele se viu tomado pelas feridas.

Não houve tempo para mais nada. Por detrás do Yin-Yang surgiram vários rebeldes que, aos empurrões, os tiraram do habitáculo.

Sinuhe, desamparado, gritou o nome da companheira buscando-a com os braços estendidos para o vazio.

— Sinuhe!

A resposta da filha da raça azul e sua luta por desembaraçar-se das criaturas que a conduziam a poucos metros na frente, foram inúteis. Dois dos "medianos" subjugaram então o "iuranchiano", forçando-o a caminhar. Atrás Vana, com os braços igualmente controlados pelos rebeldes, cerrava a comitiva.

O "soror" compreendeu que começavam a subir uma espécie

de rampa, toda ela pavimentada com ossadas dispostas como as da cela: as caras viradas para cima.

As sentinelas forçaram a marcha, arrastando os prisioneiros por um corredor interminável que percorria a torre em forma de espiral. À frente, diáfano e silencioso, avançava o símbolo do Yin-Yang.

Se o membro da Escola da Sabedoria tivesse ainda a sua visão, teria observado que, à sua passagem, nos muros do estreito passadiço — todo ele recoberto de crânios — se iam abrindo pequenas portas de apenas um metro e meio de altura. No umbral se recortavam, fugazes e curiosas, as silhuetas de outros "medianos".

Finalmente, depois de penosa caminhada, Sinuhe sentiu-se violentamente empurrado para a frente, precipitando-se em um solo de arestas cortantes. Imediatamente, quando tratava de levantar-se daquele pavimento de caveiras, as solícitas mãos de Nietihw acudiram a ajudá-lo.

— Sou eu! Coragem!

— Onde estamos?

A filha da raça azul, baixando o tom de voz, explicou-lhe que tinham sido levados para uma enorme sala circular e abobadada, decorada, também, com milhares daqueles restos

humanos. E que, de todas as órbitas, fossas nasais e mandíbulas partiam milhares de feixes cilíndricos luminosos — pretos e vermelhos — que davam ao recinto uma claridade sinistra. Em frente, sentados em onze tronos que se alinhavam em semicírculo e que eram também decorados com dezenas de ossadas, observavam-nos outros tantos seres.

E Nietihw, abalada, aferrou-se ao braço do companheiro.

Sinuhe, diante dos tremores e do súbito silêncio da filha da raça azul, pressentia que alguma coisa grave acontecia,

— Que está acontecendo? Quem são esses seres? — cochichou, inclinando o rosto até o de Nietihw.

Ela, porém, não respondeu. A criatura situada no assento central se levantou; instantaneamente, em indubitável gesto de deferência, os demais "medianos" fizeram o mesmo, permanecendo junto a seus assentos.

Aquele ser, um "mediano", com efeito, tinha o aspecto semelhante ao de Vana e ao dos outros rebeldes.

A única diferença residia numa longa capa vermelha que, quando ele caminhava, flutuava mansamente, sem tocar o solo. Aquela peça, continuamente agitada por um vento inexistente, arrancava dos ombros enxutos, como se fizesse parte da pele escura e enrugada do indivíduo. Abaixo da

cabeçorra, um pouco mais volumosa talvez que as dos irmãos de tronos, pendia uma grossa cadeia de ouro, e dela, justamente sobre o emblema de Lúcifer, uma chave não menos considerável, em relação ao pequeno talhe do portador.

Para Vana, que assistia indiferente à aproximação do "mediano", o singular comportamento dos raios luminosos à passagem daquele que parecia o chefe, não constituiu motivo de estranheza ou alarma, mas sim para Nietihw, que se foi refugiar atrás de Sinuhe. Conforme ia ele caminhando, os cilindros luminosos que os buracos das caveiras irradiavam extinguíam-se, formando um corredor estreito. E aquele corredor o levou justamente junto ao membro da Grande Loja.

Os guardiães, até ali postados às costas dos prisioneiros, fizeram menção em interpor-se entre Sinuhe e o

"chefe". Mas, a imperativo gesto de uma de suas diminutas mãos, os rebeldes recuperaram a primitiva posição.

Ao chegar a um passo do "soror", o "mediano", depois de examinar com suma atenção o "N" ainda cravado nos olhos, moveu a cabeça repetidas vezes em sinal de desaprovação. E o escondido orifício circular que fazia as vezes de boca se abriu, dando passagem a uma voz que Sinuhe associou com

a de um ancião.

— Perguntavas quem somos? Pois permita-me que seja eu o primeiro a apresentar-se.. . Meu verdadeiro nome é "A-B-C, o primeiro", decano dos "medianos" secundários em IURANCHA...

— "A-B-C, o primeiro"? — repetiu Sinuhe com muita estranheza.

E o "chefe", adotando um tom benevolente, aclarou-lhe as dúvidas.

— Compreendo tua surpresa, estrangeiro. Há muito tempo sou conhecido pelo cognome de Belzebu...

O "mediano" captou a aguilhoada de terror que sacudiu Nietihw e, dirigindo-se a ela, considerou:

— Teu temor me é familiar... e justificável, estimada amiga, Mas não te deixes dominar por meu aspecto nem pelo que supões que represento.

O "iuranchiano", indignado pelo que considerou ser um sarcasmo, enfrentou o "mediano".

— Amiga? Como pode falar assim um servidor do Maligno? .. Desde quando somos amigos teus?

Belzebu pareceu gostar daquele sincero e audacioso gesto do estrangeiro, e, para surpresa de Sinuhe, foi colocar a mão sobre os três círculos que o costado esquerdo do jovem exibia.

— Embora não o compreendas — replicou o "mediano" —, vós e nós temos alguma coisa em comum: todos temos buscado e/continuamos buscando a Verdade. Quanto a essa definição tua (a de Maligno), resulta lógica, já que ignoras muitas coisas...

Nietihw, certamente surpreendida com as maneiras e o tom sereno de "A-B-C, o primeiro", acabou por dominar-se. E, aparecendo por detrás do amigo, perguntou num fio de voz:

— Que queres de nós?

Belzebu foi taxativo e direto, mas Sinuhe que carecia da fina intuição feminina, não captou, de momento, as intenções do chefe dos "medianos" rebeldes.

— No fundo — respondeu a criatura, retirando a mão do emblema de Micael —, o mesmo que vós pretendes de mim...

E, antes que a filha da raça azul entendesse de novo, deu meia volta, regressando ao seu trono. Enquanto se ia retirando, os grossos raios pretos e vermelhos brotavam de

novo pelos buracos dos crânios, entrecruzando-se com os que manavam dos muros e abóbada.

Ao tomar assento Belzebu, os dez "medianos" o imitaram. E um expectante silêncio se fez na sala, rasgado apenas pelo leve tilintar da chave de ouro, lenta e ritmicamente golpeada pelo chefe contra os elos da corrente. Aquele jogo se prolongou por uns minutos. Finalmente, o "mediano" se dirigiu aos prisioneiros novamente, expondo-lhes com visível cansaço:

— Desde há dois mil anos, fruto dessa ignorância que domina IURANCHA, temos sido aborrecidos, condenados e agora, em vosso século XX, até mesmo ignorados. A humanidade não sabe que houve um tempo em que colaboramos para o engrandecimento e para a evolução dos mortais. Mas desde a

"quarentena" vosso mundo (nosso mundo) tem sido enganado. A verdade que justificou aquele levantamento contra a ordem estabelecida tem sido deformada e manipulada. Nos últimos séculos de IURANCHA, como sabeis, os estúpidos ministros das igrejas e religiões nos têm batizado e qualificado com definições tão grotescas e pueris como "diabos", "demônios" e "forças do Mal". — Belzebu levantou a voz e, apontando para os prisioneiros, recalcou: — Vós mesmos, buscadores definitivos da Verdade, vós nos

considerais inimigos. .. — Não há razões de sobra para isso? — replicou Sinuhe. — Não haveis dominado o mundo e suas populações durante milênios? Podes negar a nefasta influência do Maligno, cobrindo de ódio, guerras, desolação e morte milhões de seres humanos? Hoje, é claro — animou-se o "iuranchiano" diante do silêncio do "mediano" — adivinha-se vossa escura e tenebrosa mão por detrás da ambição dos políticos, do refinamento e sadismo de verdugos cobertos de condecorações, do falso misticismo e da sede ilimitada de poder das próprias igrejas, da intransigência dos teólogos, da inumana corrida belicista. .. Enfim, para que prosseguir? — concluiu o investigador, convencido da inutilidade dos seus argumentos. — É evidente que haveis logrado a posse de numerosas consciências. ..

— A falta de informação — retorquiu Belzebu no mesmo instante — vos levou, como a tantos, a falsas interpretações. É certo que durante algum tempo e por razões muito diferentes das que imaginais nós, os leais a Lúcifer, trabalhamos em IURANCHA contra uma verdade (a vossa) e que foi, exatamente, a causa e a razão do grande levantamento. Há dois mil anos, porém, desde a chegada do Espírito (a que vós chamais Pentecostes), nem um sequer dos meus "medianos" pôde influir nas consciências dos "iuranchianos" e, muito menos, tomar posse delas. Isso terminou...

Sinuhe vacilou e Belzebu, saindo-lhe ao encontro dos pensamentos, declarou:

— Sei o que pensais... Mas podeis estar seguros de que o caos atual entre os homens, sua degradação progressiva e, em especial, o enfraquecimento e anulação de suas consciências não obedecem a intervenção alguma dos que mantêm a lealdade ao que tu chamas Maligno. Em todo caso, essa inegável e crítica situação se origina no insulamento a que se tem visto submetido o planeta pelas mui altas hierarquias celestes que dizem servir à Verdade...

Naquelas últimas palavras, o "mediano" deixou transparecer profundo desprezo.

— Razões muito diferentes das que imaginamos? — perguntou Nietihw, que acompanhava com atenção o caloroso debate. — A que razões te referes? A Verdade não é una?

Belzebu, como se estivesse aguardando a questão proposta pela filha da raça azul, fez um sinal ao

"mediano" situado à sua direita.

— Golab — anunciou — responder-te-á por mim.

E o "mediano", pondo-se em pé, passou a relatar o seguinte

apólogo:

— Contam que outro buscador da Verdade saiu, em certa ocasião, pelos caminhos de IURANCHA. E ali, no grande cruzamento do mundo, interrogou seus irmãos.

"— Dizei-me: qual é a Verdade?"

"— Busca na Filosofia — responderam os filósofos.

"— Não — argumentaram os políticos. — A Verdade está no serviço.

"— Entra nas catedrais — lhe asseguraram os sacerdotes.

"— Sem dúvida, a Verdade é a Sabedoria — terçaram os sábios.

"— Renuncia a tudo — esgrimiram os ascetas.

"— Contempla e exalta as maravilhas do Senhor — anunciaram-lhe os místicos.

"— Acata e cumpre as leis — indicaram os governantes.

"— Conhece-te a ti mesmo — cantaram os guardiães do esoterismo.

"— A Verdade está nos números sagrados — deduziram os

cabalistas.

"— Vive os prazeres — aconselharam os epicureus.

"— Une-te a nós — gritaram-lhe os revolucionários.

"— Vive e deixa viver — clamaram os existencialistas.

"— A Verdade é um mito — responderam os cétricos.

"— O passado: eis a única Verdade — lamentaram os nostálgicos.

"Confuso, aquele humano se deixou cair na poeira do caminho, enquanto aquela multidão se distanciava, cantando e reivindicando 'a sua' verdade. Nisso, aconteceu de passar junto ao 'iuranchiano' um ancião venerável, que portava um refulgente diamante.

"— Quem és? — perguntou o derrotado buscador da Verdade.

"E o ancião, mostrando-lhe o diamante, respondeu:

"— Sou o guardião da Verdade.

— A Verdade? Ela existe?

"O ancião sorriu e aproximando a gema ao rosto do humano,

replicou:

"— A Verdade, como este tesouro, tem mil faces. A cada qual cabe averiguar qual delas lhe toca".

Golab guardou silêncio e, a um sinal de Belzebu, voltou a sentar-se.

— A vós — prosseguiu o chefe dos "medianos" — desde a infância, vos mostraram uma das mil faces da Verdade. Mas que sabeis do resto? Conheceis, por acaso, o *Manifesto da Liberdade*, o mais justo e corajoso pronunciamento que jamais se terá feito no nosso universo local, e que constituiu a filosofia da nossa rebelião?

Aquela revelação inesperada os deixou perplexos.

— Logo é certo que houve outras razões que justificaram e provocaram a revolta de Lúcifer. . . —

comentou o membro da Escola da Sabedoria, em tom inseguro.

O "mediano", como que impellido por uma mola, se pôs em pé. Seus dez acólitos fizeram o mesmo.

Dirigindo-se precipitadamente em direção aos prisioneiros, explodiu ao chegar diante deles:

— Em nome dessa Verdade por que tanto ansiais; pensai! Será que a estúpida explicação de algumas igrejas sobre a rebelião pode satisfazer uma mente lógica e sensata? Será que considerais ao soberano sistêmico de Satânia e aos milhões de seres que a ele se uniram, tão solenemente estúpidos ao ponto de se levantarem contra a ordem estabelecida, simplesmente "porque queriam ser como Deus"?

Belzebu deu meia volta, regressando ao seu trono.

Na mente de Sinuhe três desconcertantes palavras tinham ficado gravadas: "*Manifesto da Liberdade*".

Que seria aquilo? Por que tal pronunciamento — segundo o chefe dos "medianos" rebeldes — chegara a animar legiões de seres de indubitável inteligência e sabedoria à mais nefasta rebelião de Nebadon? Que outras "verdades" seriam silenciadas ou ignoradas pelas igrejas do mundo em torno dessa revolta?

— Podeis ter certeza — acrescentou Belzebu, já recuperada sua calma habitual — que nós, os leais a Lúcifer, somos os primeiros interessados em que a humanidade conheça essa parte da Verdade...

— Referes-te à rebelião? — perguntou Sinuhe, impaciente.

— Sim, é claro.

— Tu mesmo te contradizes, Belzebu — acusou o "iuranchiano", convencido de que aqueles desejos do rebelde eram uma nova amostra de suas intrigas e falsidades —. Se realmente pretendeis que a Verdade seja conhecida, por que roubastes o Grande Tesouro?

O "mediano" demonstrou impaciência.

— Sei que não vos posso convencer — exclamou enquanto girava a chave nervosamente entre seus dedos — a menos que a "pluma de Thot" fale por mim.. Nós não roubamos o Grande Tesouro.

Simplesmente o restituímos a seus legítimos depositários. Foram os fugidos da "cidade-modelo" de Dalamachia (os atlantes) que, furtiva e ilegalmente, apoderaram-se dos arquivos...

Sinuhe sentiu que a amiga lhe pressionava o braço como sinal de cumplicidade, e o "iuranchiano"

compreendeu: aquela versão chocava frontalmente com a dos homens "Pi". Mas ambos — muito embora confusos — continuavam acreditando na de Amen-Em-Apt.

— Se é como dizes — reclamou a filha da raça azul, com a

intenção de encurralá-lo — por que teus leais lutaram para nos impedir o acesso à Torre de Amon?

— Digamos que por duas grandes razões.

Belzebu estendeu suas mãos para Golab, reclamando qualquer coisa. No mesmo instante, o que parecia seu lugar-tenente entregava-lhe um pequeno frasco de cristal.

— Os "ibos" — murmurou Nietihw ao reconhecê-lo.

O chefe dos "medianos", mostrando-lhes a areia mágica que a mulher levava no momento da captura, prosseguiu:

— Em primeiro lugar, nunca lutamos contra ti, filha da raça azul. Em todo caso, lutamos por atrair-te...

"Desde que IURANCHA se viu submetida à injusta "quarentena", os frutos da Árvore da Vida não surtem efeito em nossos circuitos vitais. E, embora longevas, as vidas de meus "medianos" acabam por consumir-se. Por isso teu precioso, embora pequeno, carregamento de "tempo", foi uma constante tentação...

Espero que nos saibas compreender.

A Árvore da Vida! A menção de Belzebu a tão fascinante enigma quase desviou a atenção de Sinuhe.

Que saberia sobre isso o chefe dos rebeldes?

— A segunda razão, a mais importante, já a conheceis. Aqueles que os enviaram poderiam ter-vos mostrado a Verdade diretamente. Mas, justa ou injustamente, preferiram que a encontrásseis por vós mesmos. Agora, a um passo do Grande Tesouro, eles e nós sabemos que não fraquejastes. Embora, de outra perspectiva, os leais a Lúcifer também vos provamos...

Nietihw e Sinuhe não saíam do assombro. E foi o "soror" quem expressou em voz alta seus pensamentos:

— Não posso crer que tenhamos servido a duas forças ao mesmo tempo. . . Não é possível que ambos estivessem de acordo.

— Dir-te-ei uma coisa, Sinuhe: talvez fosse a tua ingenuidade o que mais comoveu a "ambas as partes"...

como as chamas. Tu crês, de verdade, que terias podido chegar até aqui sem, digamos. . . a nossa

"colaboração"?

Belzebu fez outra pausa estratégica, deixando que o jovem se emocionasse àquela interrogação:

— O dia em que tendes acesso a essa parte da Verdade — arrematou com uma velha e suspeita citação bíblica — "vossos olhos se abrirão..." Então, só então, compreenderéis que o Bem e o Mal são irreais. Que as promessas de salvação que pregam vossas igrejas não são mais que astutas chantagens para lograr a submissão dos humanos; quer dizer, o poder...

O "mediano" mirou-a com aqueles olhos negros e brilhantes como a noite e a filha da raça azul creu distinguir neles uma sombra de piedade.

— As igrejas!... Querida amiga! Escuta os meus leais. Eles, como eu, conhecem o passado, o presente e o futuro do coração de IURANCHA....

Outro dos "medianos", o que tomava assento à esquerda de Belzebu, atendendo ao pedido do chefe se pôs em pé e falou assim aos prisioneiros:

— Meu nome é Harab. Tenho dedicado meu tempo a conhecer o passado, o presente e também o futuro do que vós chamais "igrejas". E eis o que vi e vejo...

"Em um princípio povoou IURANCHA uma humanidade primitiva. Adorava o raio e se prostrava temerosa ante o Sol e a Lua. Uns homens mal pintados, carregados de máscaras e penas, dançavam à volta do fogo invocando o deus da

chuva, solicitando indulgência do deus dos ventos e a proteção do deus dos mortos. Aqueles feiticeiros foram temidos e servidos pelos humanos, seus escravos. Foi a religião do medo.

"Busquei depois no presente. A humanidade (vós) já não teme as forças da Natureza. O progresso deu lugar a uma nova forma de religião: a mente. Um sem-fim de igrejas pugna pela posse exclusiva da Verdade.

Todas dispõem de sua própria Teologia e baseiam sua existência no princípio dogmático e indiscutível da autoridade.

"Milhões de seres humanos aceitam sem discutir a proteção dessas religiões que pedem, em troca, cega e total submissão. Perfeitamente estabelecidas e cristalizadas, tais igrejas são o refúgio mais cômodo para aquelas mentes que se vêem assaltadas pelas dúvidas e pela incerteza. O preço a pagar é o da docilidade e consentimento intelectual a determinados princípios, ritos e dogmas que, apesar da infantilidade e fossilização, são tidos e considerados como revelações divinas, manifestações sagradas e caminho da perfeição.

"À frente dessas igrejas (vós o sabeis) há centenas de milhares de novos feiticeiros empenhados, sobretudo, na

vigilância e preservação desse princípio de autoridade. Certamente, não dançam ao redor do fogo nem fustigam seus fiéis com a chibata, embora houvesse um tempo em que queimavam, torturavam e encarceravam em nome de Deus. Hoje, essa tirania é mais cruel e aniquiladora: utilizam a obscura magia de palavras como "fé" e "salvação" para fazer desmoronar qualquer tentativa de liberdade e de busca espiritual.

É a religião do dogma...

Sinuhe teve de reconhecer que Harab falara a verdade, e esperou impaciente seu vaticínio para a religião do futuro.

— Dirigi depois meu olhar para a frente. E meu coração se sentiu aliviado: não vi igrejas nem religiões.

A humanidade, em seu avanço incessante compreendera que a penetração e o sempre parcial conhecimento das realidades eternas nascem unicamente do espírito e de mãos dadas com a experiência pessoal.

"As cerimônias, superstições, os feiticeiros e as rígidas estruturas eclesiásticas haviam desaparecido, deixando passagem para a apaixonante aventura da busca pessoal. Os homens tímidos, vacilantes e medrosos de antanho eram audaciosos e incansáveis "viajeiros" ao mundo interior, em constante e vivificante evolução.

Do letargo das tradições passar-se-á para a mais prometedora das experiências: o encontro da Verdade por meio do homem e no homem mesmo. Será a religião do Espírito...

Tanto Nietihw como Sinuhe compartilhavam das palavras de Harab, metade realidade, metade quimera.

Mas suas reflexões foram interrompidas por Belzebu.

— As igrejas!... Por acaso chegastes até aqui graças a elas? O chefe dos rebeldes levantou-se, caminhando pela terceira vez para Vana e os "iuranchianos". E chegando junto deles os preveniu:

— Ouvi minhas palavras, estrangeiros! São essas igrejas as que vos combatem... Mas o pior está por chegar. Quando souberdes da Verdade que o Grande Tesouro guarda e a derdes a conhecer entre vossos irmãos de IURANCHA, serão essas igrejas as que cairão sobre vós com as armas do desprestígio, do ridículo e das maquinações subterrâneas. Lembrai-vos disso!

Nietihw voltou a uma de suas primeiras perguntas: — Que queres de nós?

— Já vô-lo disse — tornou Belzebu —. O mesmo que vós de

mim.

— Fala claro! — terçou Sinuhe.

Mas a filha da raça azul, intuindo as "razões" do chefe dos rebeldes, rogou ao amigo que não interferisse.

E, contundente e direta, perguntou ao "mediano":

— Tu tampouco conheces toda a Verdade... Engano-me? Belzebu pareceu hesitar. Na realidade era muito difícil, para não dizer impossível, adivinhar ou sequer intuir que classe de sentimentos palpitava naquele ser.

A inexpressividade do rosto, incapacitado para sorrir, para exprimir a dor ou para refletir de qualquer outro estado de ânimo, deixava Nietihw em clara desvantagem.

Finalmente ele aceitou o desafio:

— Digamos que nós também nos vemos afetados pelo insulamento da IURANCHA.

— Que queres tu dizer? — insistiu a mulher.

— Que, para os meus leais e para mim, seria de utilidade averiguar em que situação exata se encontram a rebelião e aqueles que conosco a defenderam. . .

Tinham razão os humanos e Vana. Pela primeira vez desde que compareceram diante do dono e senhor da Torre de Amon, a hipótese discutida na cela parecia certamente viável. A "quarentena" frustrara toda tentativa de comunicação com o exterior e, logicamente, como o resto da humanidade; os rebeldes estacionados em IURANCHA haviam sofrido também o isolamento cósmico. Por não conhecer, entretanto, a natureza de tal levante, nem Sinuhe nem Nietihw podiam precisar em que momento começava a falta de informação dos adversários. Apesar disso, resolveram aproveitar o que, à primeira vista, apresentava-se como uma vantagem. . .

Sinuhe estava ainda consciente de que ali o único humano marcado com o sinal de Micael era ele.

Portanto podia, ou não, satisfazer a vontade de Belzebu. Tal como o haviam advertido os homens "Pi", ele, somente ele, achava-se autorizado a interrogar a "pluma de Thot". E, astutamente, como digo, resolveu utilizar em benefício próprio e de Nietihw aquela dupla circunstância. Precisava, porém, obrar com extrema cautela. Assim pois, o membro da Escola da Sabedoria preferiu não precipitar os acontecimentos.

— Proponho-vos um trato — expôs Belzebu, entrando assim no terreno desejado pelo casal —. Estamos dispostos a

franquear-vos a passagem para o Grande Tesouro, sempre e quando tu, Sinuhe, satisfaças nossa petição de interrogar a "pluma" ...

— Interrogar? — interveio o jovem simulando não ter compreendido —. Sobre quê?

— Isso te será comunicado em seu devido tempo.

E Belzebu, guardando silêncio, esperou uma decisão.

— Há algo mais — argumentou Sinuhe, rompendo a situação tensa —. Dizes que sois os primeiros interessados em que essa parte da Verdade sobre a rebeldia de Lúcifer seja difundida entre os humanos de IURANCHA...

— Assim é, confirmou o "mediano".

— Mas quem nos garante que uma vez satisfeita a tua curiosidade nos deixará partir?

A voz anciã do chefe dos rebeldes ressoou de novo na sala das caveiras:

— Tendes minha promessa.

Nietihw voltou a pressionar o braço do amigo, mostrando que estava de acordo. Mas o investigador não se mostrou conformado.

— Sinto muito — sentenciou enquanto apontava o dedo índice para o pavimento —. Não é suficiente.

Estes restos humanos falam contra ti...

Belzebu inclinou a cabeça, seguindo a direção do dedo de Sinuhe. E, ao compreender a alusão aos milhões de ossadas marcadas com o "666", apressou-se a replicar:

— Uma vez mais te equívocas. "Isto" — disse, apontando os muros e a abóbada — só faz parte da História. Como já te anunciei, desde a chegada a IURANCHA do Espírito de Verdade, nosso domínio sobre os humanos desapareceu. Embora muitas Igrejas continuem crendo e apregoando que o poder de Lúcifer pode dominar as mentes e vontades dos habitantes da Terra, isso acabou há dois mil anos...

"Desgraçadamente, vossos ministros e dirigentes religiosos confundem a loucura, a debilidade mental ou a maldade próprias de muitos "iuranchianos" com a possessão diabólica ou a influência do Maligno, como tu a chamas. E eu te repito que, desde Pentecostes, nem um só de meus leais tem acesso a mente humana alguma. Nem sequer às mais precárias ou degeneradas... Deve-rieis ter intuído que o destino dos humanos de IURANCHA não nos importa... Desde que explodiu a rebelião no sistema de Satânia, nossos objetivos foram outros... Que podeis importar-nos, vós,

débeis mortais, quando está em jogo a nossa segunda morte? O casal sentiu que Belzebu era sincero. Mas que teria ele querido dizer com aquilo da "segunda morte"?

— Ignorais tudo sobre aqueles tempos críticos — prosseguiu o chefe dos rebeldes —, sobre as verdadeiras intenções de Lúcifer e sobre as diferentes classes de seres celestes e sobre-humanos que elegemos seu *Manifesto da Liberdade*. Com que direito e conhecimento podes portanto duvidar de mim?

Sinuhe foi implacável.

— Em meu costado podes ver o sinal e bandeira de Micael, Soberano de Nebadon. Isso, ao menos no momento, converte-nos em adversários. Continuo exigindo, por conseguinte, uma garantia. ..

Belzebu caiu em outro prolongado silêncio, e tanto Nietihw quanto Sinuhe chegaram a pensar que estava tudo perdido.

— Está bem — retomou enfim o "mediano" —. Terás essa garantia...

E voltando-se para os seus leais, exclamou com voz forte:

— Samael, Gamaliel, Gamchicot, Harab!... Trazei-a!

Os quatro "medianos" obedeceram. Passaram ela frente dos prisioneiros, desaparecendo da câmara pelo grande pórtico que se abria às costas de Vana e dos "iuranchianos". Ao contrário do que acontecera com Belzebu, os milhares de feixes cilíndricos que disparavam em todas as direções não se extinguiram à passagem das criaturas. Elas, simplesmente, transpassavam-nos como se se tratasse de meros raios luminosos.

Embora não fosse longa a espera, aqueles minutos resultaram excitantes para o casal. Voou-lhes pela mente um sem-fim de incógnitas. Que pretendia Belzebu? Haveria alguma prisioneira mais na fortaleza? A que se teria referido com aquela ordem misteriosa?

Quando os quatro rebeldes retornaram à câmara das caveiras, Sinuhe percebeu que a companheira vibrava de emoção. Mas a surpresa Nietihw, emudecida, não atendeu às sucessivas perguntas do

"iuranchiano", que desejava saber o que estava acontecendo.

E os leais, solenemente, entregaram a Belzebu o que tinham ido buscar.

O "mediano" chefe dirigiu-se então a Sinuhe, pedindo-lhe que lhe estendesse suas mãos.

E Sinuhe, expectante, obedeceu. Ato contínuo, a criatura depositou-lhe sobre as palmas "algo" que o

"soror" reconheceu imediatamente.

— Nietihw!. . . Tua coroa!

Efetivamente, sobre suas mãos faiscavam as sete letras douradas que formavam o nome cósmico da filha da raça azul. O diadema, roubado na praia pelas "golem" achava-se intacto.

— É suficiente? — perguntou-lhe Belzebu.

Desconcertados, nenhum dos humanos soube o que responder. Nietihw, fascinada ante a visão da quase olvidada coroa; Sinuhe, com o diadema a tremer-lhe entre os dedos e a refletir sobre o possível alcance daquele gesto. Era bem provável que, se a companheira voltasse a ostentar na frente a poderosa arma, a situação dos dois mudasse radicalmente. Mas a desconfiança lhe palpitava ainda no coração.

E o senhor da Torre de Amon, adiantando-se a tais suspeitas, acrescentou, dirigindo-se a Sinuhe:

— Faze o que estás pensando. Coroa de novo tua companheira e devolve-lhe sua autêntica personalidade.

A partir desse momento, tanto ela como tu sereis livres para abandonar o meu mundo.

O "iuranchiano" rogou então a Nietihw que se postasse à sua frente. E, sem nem mesmo dissimular a emoção, levantou o diadema e buscou a cabeça da filha da raça azul.

Quando o nome cósmico ficou solidamente encaixado, Nietihw sofreu a mesma transformação que experimentara no bosque, entre a névoa avermelhada: de seu corpo surgiram milhares de curtos raios brancos e, lançando um grito dilacerante, caiu desmaiada.

E tal como ocorrera em Sotillo, um dos "medianos" que assistia à cena, precipitou-se para ela, evitando que desmoronasse sobre as ossadas. Era Vana.

Sinuhe, alarmado pelo grito da amiga, lançou-se igualmente para ela, comprovando, estupefato, que o seu corpo, aparentemente sem vida, era sustentado pelo proscrito.

— Nietihw!...

Convencido da morte da filha da raça azul, sentiu que uma onda de raiva lhe subia das entranhas. Com a face transtornada buscou Belzebu, disposto a fazê-lo pagar pela traição.

Bracejou no vazio, derrubou alguns dos guardiães e, quando acertou o ponto onde permanecia o chefe dos rebeldes, seu rosto foi chocar-se em alguma coisa firme e dura como aço. Aturdido com o golpe, tateou à volta, descobrindo que se achava enjaulado. Suas mãos foram-se aferrando a uma vintena de grossas barras que se levantavam do solo.

No mesmo instante em que o impulsivo "soror" se dirigia para o impávido Belzebu, vários dos fachos pretos e vermelhos que brotavam dos buracos das caveiras cortaram-lhe o passo, convertidos em sólidas barras.

O membro da Grande Loja as golpeou uma e outra vez e comprovou que formavam um círculo fechado à sua volta.

"Isso" — pensou Sinuhe — "vem confirmar minhas suspeitas: aquele maldito rebelde pôs fim à minha companheira... e às minhas esperanças de cumprir a missão."

Preso de profunda agitação, com as mãos crispadas nas vergas, amaldiçoou Belzebu.

Suas imprecizações, entretanto, foram subitamente interrompidas. Alguém, com muita delicadeza, depositara-lhe uns dedos sobre os lábios. Atônito, pensou reconhecer aquela mão cálida... Alongou os braços entre as barras e seus dedos foram tocar os cabelos e o rosto de Nietihw.

— Sim — exclamou a mulher tentando tranquilizar o amigo transtornado —, sou eu. .. Sem dúvida, você se esqueceu de que me aconteceu isso mesmo na primeira vez em que recebi meu nome cósmico. . .

Com efeito, recordou o desmaio na névoa, prelúdio do não menos misterioso traslado ao "inundo" em que agora se moviam.

— Então — balbuciou o "iuranchiano" — seu corpo...

— Sim, tornou-se transparente, tal qual ocorreu enquanto conservei a coroa.

E Nietihw fez um sinal a Belzebu pedindo-lhe que o liberasse, ao mesmo tempo em que, tomando a mão do amigo, anunciava-lhe:

— Nada tema, Sinuhe. . . E prepare-se para a última maravilha dessa primeira parte da nossa missão.

Que teria querido dizer com aquelas palavras? A "última maravilha"? Estaria chegando ao fim a busca dos arquivos secretos de IURANCHA?

Custava-lhe crer. Ademais, mesmo que assim fosse, impunha-se a ele outro obstáculo que lhe parecia insolúvel. Se conseguisse interrogar a "pluma de Thot" sobre as

verdades da rebelião de Lúcifer e suas conseqüências na Terra, como receber as respostas estando cego?

Quando as grades que o enjaulavam recobriram sua natureza primitiva, convertendo-se em luz, Sinuhe percebeu certa agitação na sala. Escutou passos precipitados que cortavam sua frente, distanciando-se e, por último, sentiu uma mão — a de Nietihw — que o puxava.

A mulher não tornou a falar-lhe e ele, por sua vez, com a incômoda lembrança de sua violenta ação contra Belzebu, refugiou-se igualmente em mutismo total.

Logo percebeu que acabavam de abandonar a câmara das caveiras e que se dirigiam, através da rampa em espiral, para o mais alto da torre. A comitiva, então, ia precedida pelo chefe dos "medianos".

A caminhada da quinta até a sexta e última mastaba do fortim foi breve. Ao alcançar o final da íngreme rampa, Belzebu se deteve junto a um muro ligeiramente convexo, onde morria o estreito corredor e que, tendo-se em conta a configuração da Torre de Amon, devia corresponder à base de plataforma ou ao terraço circular que coroava a fortaleza.

Ali naquela parede — construída também com dezenas de caveiras anarquicamente distribuídas — não havia porta alguma. Tampouco o passadiço que os levara até ao alto do

quartel-general dos rebeldes oferecia acesso ou abertura por onde penetrar na misteriosa e derradeira mastaba.

A um sinal do "mediano"-chefe, os guardiães retrocederam, situando-se atrás do casal. Vana e dois dos dez "medianos" que pareciam formar o Estado-Maior, tomaram posição entre seu chefe e os "iuranchianos".

O resto se uniu ao grupo de sentinelas fechando, assim, a passagem pela rampa.

Golab, Vana e Samael, de costas para Nietihw, não foram obstáculos para que ela, atenta a tudo o que acontecia e consideravelmente mais alta que todos eles, notara que Belzebu se desfazia da cadeia de ouro que lhe pendia do peito, manipulando a chave.

A filha da raça azul não pôde precisar a manobra exata do "mediano", mas, observando-lhe o movimento dos dedos, podia jurar que girava uma série de rodinhas dentadas situadas no extremo da chave.

Ao concluir, dirigiu a chave até um crânio colocado à altura de sua cabeça, introduzindo as rodas que faziam as vezes de dentes pelo oco das fossas nasais. Nietihw descobriu, então, que aquela caveira era a única entre todas as do muro que não ostentava o número da Besta na testa...

Belzebu, como se estivesse diante de uma fechadura comum e vulgar, fez com que a chave girasse no sentido horário, até completar meia volta.

O silêncio se fez profundo e o "mediano", sem perda de tempo, retirou a chave da insólita "fechadura", fazendo passar a corrente pela cabeça monstruosa. Nesse instante, como uma exalação procedente do fundo do corredor, o símbolo escarlate do Yang-Yin cruzou por cima dos presentes até deter-se a poucos centímetros da caveira.

Sinuhe e os demais escutaram então um ruído semelhante ao que produziria um caótico entrecocar de crânios humanos.

Ligeira pressão dos dedos de Nietihw no braço do amigo fê-lo compreender que "algo" se passava.

Pouco depois aquele seco e estridente chocar de caveiras foi cedendo, até desaparecer.

— Sinuhe!... Deus meu!

A exclamação da filha da raça azul contribuiu para elevar a tensão emocional do "iuranchiano". Que estaria acontecendo?

Enquanto se prolongou o macabro entrecocar de ossos, no muro se foi abrindo uma série de cavidades.

Mas aqueles buracos tinham qualquer coisa de especial. Cada um correspondia a uma silhueta, ou melhor, a duas, de formas e dimensões humanas e, as outras quatro, muito menores.

Nietihw identificou e associou aquelas seis "perfurações" no muro das caveiras com outras tantas figuras, semelhantes às de quatro "medianos" e dois "humanos" — "quase" iguais a Sinuhe e a ela mesma. Os seis perfis se alinhavam ao longo da parede, recortando-se bem ao pé do muro.

Desde o instante em que as seis "brechas" ficaram abertas, por elas surgiu uma cálida luz avermelhada que Sinuhe, se tivesse podido ver, teria reconhecido na hora.

E digo que duas daquelas "silhuetas" eram "quase" idênticas às de Nietihw e de Sinuhe porque seus contornos coincidiam com o volume deles, com exceção do volume das cabeças. Estas eram enormes e desproporcionadas, à semelhança das quatro restantes.

Belzebu contemplou satisfeito como o disco se introduzia por uma das aberturas e, dando meia-volta, convidou seus três irmãos a imitarem o símbolo do universo.

Sem hesitar, os "medianos" avançaram até três das quatro silhuetas abertas entre as ossadas e que, como dizia, ajustavam-se matematicamente aos seus respectivos perfis.

E ante o assombro da filha da raça azul cruzaram o muro. . .

O chefe da Torre de Amon, percebendo a surpresa nos olhos da mulher, mostrou-lhe a chave e, apontando as rodinhas dentadas, esclareceu:

— Não te alarmes. Só eu disponho da chave para permitir o acesso ao interior da Sala de Thot. Para franquear o muro sagrado é imprescindível, primeiro, proporcionar à chave os nomes daqueles que deverão fazê-lo. E instantaneamente, como terás observado, registra-se o deslocamento. Cada uma dessas silhuetas —

concluiu Belzebu — tem as medidas exatas da aura do indivíduo eleito. . . Tal qual acontece com vossas impressões digitais, não há duas auras iguais.

Conseqüentemente, a entrada na Câmara do Grande Tesouro fica reduzida e restrita àqueles que eu designo. . .

Nietihw, assim como Sinuhe, sabia que a misteriosa e invisível irradiação energética que emanam todos os corpos vivos adquire nos seres humanos características muito especiais, segundo o grau de bondade e, até, de saúde de cada pessoa. E esse halo, de acordo com tais parâmetros, chega a alcançar grandes proporções em torno da cabeça. Entendia-se agora por que as duas silhuetas mais altas apresentavam contornos enormes à altura do cérebro. . .

O chefe dos rebeldes, tomando Sinuhe pelos braços, conduziu-o até a abertura que, aparentemente, correspondia à sua aura. O investigador, ao sentir aquelas ásperas mãos, reagiu. Nietihw porém o tranqüilizou, pedindo-lhe que obedecesse.

Uma vez junto da silhueta, Belzebu o impeliu suavemente, obrigando-o a caminhar, e Sinuhe, como sucedera com Golab. Vana e Samael, desapareceu do outro lado do muro.

A filha da raça azul, a pedido do "mediano", seguiu os passos do companheiro, cruzando a parede pelo buraco aberto entre as caveiras e que correspondia ao perfil de sua aura. Por último, fez o mesmo o chefe dos rebeldes. E instantaneamente o silêncio do corredor daquela última mastaba da Torre de Amon viu-se novamente alterado pelo entrecocar de crânios. E as seis mágicas aberturas se fecharam . .

— Sinuhe, a "pluma de Thot"!

Nietihw, maravilhada ante o que lhe acabava de surgir aos olhos, não prestou atenção ao fulminante fechar das silhuetas. No mesmo instante em que ingressou na chamada Sala do Grande Tesouro, reconheceu o lugar, graças à descrição que o amigo fizera da "câmara couraçada" de Dalamachia, o primitivo e legítimo recinto que guardara os

arquivos secretos de IURANCHA até a irrupção de Horemheb.

Uma luz avermelhada brotava de cada uma das seis altas e polidas paredes que formavam aquele hexágono. Tratava-se de uma réplica perfeita da sala a que fora conduzido Sinuhe e onde, como se recordará, aguardavam-no os homens "Sangik". Havia, entretanto, duas grandes diferenças. A primeira —

aparentemente a menos importante — achava-se no teto do hexágono. Este, também a grande altura sobre o refulgente pavimento de ourocalcum, apresentava uma espécie de cúpula transparente por onde entrava parte daquela luminosidade amarelada que havia cercado o "iuranchiano" enquanto lutava por penetrar na fortaleza. A segunda, que tinha provocado a admiração da filha da raça azul, consistia em uma coluna de mármore branco que se levantava no centro geométrico do hexágono.

— A "pluma"! . . . — repetiu, aproximando-se do incrível objeto que flutuava, majestoso, a poucos centímetros acima da prancha dourada que rematava o pedestal.

Sinuhe, consciente de que, finalmente, haviam chegado aos ansiados arquivos secretos, havia caído em prostração profunda. Não era aquela a situação que imaginara para o

momento decisivo. Privado da visão, não podia sequer imaginar como era e em que consistia o Grande Tesouro. E, apesar da grande alegria que irradiava das exclamações de Nietihw, seus ânimos fraquejaram.

A filha da raça azul não tardou em captar a imensa desolação que afogava seu irmão. E, esquecendo-se da coluna, acudiu até o muro junto ao qual se achava o "iuranchiano". Segurando-lhe a mão, guiou-o até o centro do hexágono. Ali, à volta do pedestal, haviam-se congregado os quatro "medianos", absortos ante a "pluma de Thot"...

— Sinuhe — procurou animá-lo a mulher —, estarei vendo por você. . . Tenha paciência.

A seguir, dominada pela emoção, Nietihw passou a descrever-lhe o Grande Tesouro.

Diante deles estava, efetivamente, a "pluma" de que já lhe falara Amen, o Kheri Heb. Mas o nome de

"pluma" não guardava relação aparente alguma com seu aspecto exterior. Sobre a coluna aparecia uma esfera de meio metro de diâmetro, de transparência sem igual, imóvel e flutuando a uns dois dedos da superfície do pedestal. Em seu interior, com uma inclinação de vinte ou vinte e cinco

graus sobre o eixo da esfera, flutuava também delicada vareta, igualmente transparente como o cristal. E, ao redor dessa vareta, uma visão plena de harmonia e beleza: centenas de diminutas esferas azuis — de apenas meio centímetro de diâmetro cada uma

— girando por pares em órbitas paralelas entre si. O movimento das esferazinhas, da esquerda para a direita, registrava-se a velocidade sumamente lenta.

No pólo superior da fascinante esfera, Nietihw pôde ler:

"IURANCHA: 606 DE SATÂNIA".

Sem poder resistir à curiosidade, interrogou o chefe dos "medianos" sobre aquela inscrição.

— Assim figura nosso planeta nos arquivos do universo — respondeu Belzebu.

— Que é isso? — inquiriu a filha da raça azul, sem dar trégua ao interlocutor.

— Essas pequenas esferas somam 303 cadeias duplas de cristais de titânio. Nelas, embora possa parecer-te mentira, está contida toda a História de IURANCHA, desde a sua origem mais remota. Não tem sentido que vos confunda com o mecanismo de seu prodigioso funcionamento. Sabei

unicamente que o armazenamento desses trilhões de dados fundamenta-se na alteração (à vontade) do estado quântico da nuvem eletrônica de cada um dos átomos do titânio. Essa excitação converte os quadrilhões de átomos que reúne cada esfera em portadores, acumuladores e classificadores de um número quase infinito de mensagens...

E Belzebu, apontando para a cúpula, acrescentou:

— Mensagens ou informações trazidas pelos responsáveis pelo Grande Tesouro (os chamados "serafins arquivistas"), na "linguagem" universal dos números. Se cada um desses átomos é susceptível de alcançar doze ou mais estados quânticos, isso significa que, em cada nível, pode codificar-se um algarismo, de zero a doze, por exemplo. Mas, como vos digo, cada uma dessas esferas azuis consta de quadrilhões de átomos. Imaginai, portanto, a informação codificada que podem acumular. .

Nietihw, encantada com a constante e pausada rotação das 606 esferas, fez menção de tocar as paredes da bolha cristalina. Mas, indecisa, conteve-se; olhando para o chefe dos rebeldes, aguardou consentimento ou desaprovação. Belzebu, com um movimento afirmativo da cabeça, deu-lhe a entender que podia fazê-lo. A filha da raça azul, então, abarcou a esfera com as palmas das mãos, recebendo cálida sensação de calor.

— Não temas — interveio o "mediano" —. É indestrutível.

— E, dirigindo-se a Sinuhe, acrescentou em tom solene: — Bem, o grande momento chegou. Aqui está a Verdade pela qual tanto tens lutado,.. Só tu podes interrogar a "pluma de Thot". Que desejas conhecer?

Era curioso. Pela mente de Sinuhe galopavam, em tropel, um sem-fim de dúvidas. Mas o coração, bloqueado pela responsabilidade, estancou.

A missão encomendada ao par — ao menos aquela primeira fase — era clara e definida: averiguar os verdadeiros motivos que impeliram Lúcifer a rebelar-se; descobrir o processo da insurreição e as conseqüências para IURANCHA, nosso planeta. No entanto, hesitou. Por onde começar? Depois de prolongada meditação, optou por aclarar primeiro um detalhe que não se encaixava naquele quebra-cabeça.

— Dize-me, Belzebu, como posso ter acesso à Verdade se, presumivelmente, essa rebelião se forjou fora da Terra?

O "mediano" compreendeu, e mostrando novamente a cúpula transparente que se abria sobre eles.

tranqüilizou-o:

— Embora IURANCHA tenha perdido qualquer contato com o exterior, os "arquivistas celestes"

continuam diretamente ligados a Jerusem, a capital do sistema. São os únicos que, em virtude do seu trabalho, não se viram submetidos à "quarentena". Não temas: a Verdade aqui acumulada está, inclusive, acima da lealdade deles a Micael.. É por isso que vós e eu estamos aqui, dispostos a conhecer a Verdade nua.

— Não posso compreender — interrompeu de repente a filha da raça azul, apontando para as minúsculas esferas azuis —

como pode toda a História de IURANCHA e de seus milhares de milhões de habitantes estar concentrada aí...

— No fundo, é muito simples — terçou o "mediano" —. A imensa informação transmitida e armazenada em tão pequeno espaço se resolve porque os elétrons desses átomos não são regidos pelas leis do acaso, como habitualmente ocorre com o mundo microfísico. Essas posições são regidas e inspiradas pelo Espírito do Soberano de Nebadon, através dos seus "intermediários", os "arquivistas". Os cientistas do vosso tempo não o descobriram ainda, mas o mesmo sucede com a "ponte" ou "fator de união" da alma humana com o corpo, alojada no encéfalo. Esse nexos ou enlace, formado por uma reduzida "colônia" de átomos de criptônio,

tampouco se acha submetido ao indeterminismo ou acaso...

Belzebu deu como superado o interessante assunto da alma, e repetiu sua pergunta anterior:

— A "pluma de Thot" aguarda. Que desejas saber? Nietihw saiu novamente ao encontro da crescente angústia do amigo, animando-o:

— Lembre-se. Estou ao seu lado. .. Você só tem de perguntar.

E finalmente, seguindo as instruções do senhor da Torre de Amon, Sinuhe aproximou suas mãos à esfera flutuante. Ao tocá-la, as paredes de ourocalcum do hexágono perderam sua luminosidade avermelhada e o recinto ficou submerso na penumbra. Ao alto, do outro lado da cúpula, a "atmosfera" amarelo-esverdeada desapareceu e foi substituída por outra esmeralda. E o interior da bolha mágica foi inundado por um resplendor azul, que partia de cada um dos incansáveis 606 cristais esféricos de titânio.

O grande momento, efetivamente, chegara. . .

7. LÚCIFER

Sinuhe, balbuciante, abriu os lábios buscando uma primeira pergunta. Mas qual? repetia-se obsecado.

Através da Escola da Sabedoria e dos homens "Pi" pudera reconstruir a História do seu mundo até uma época próxima aos 500 000 anos antes de Cristo ou Micael. Exatamente até o instante — segundo todos os indícios

— da chegada a IURANCHA do primeiro príncipe planetário,

Caligastia.

A radiação celeste que escapava das pequenas esferas giratórias atravessava a parede da bolha, banhando os corpos de Sinuhe e dos cinco companheiros expectantes.

— Caligastia — decidiu-se por fim o "iuranchiano" — essa será a minha questão. . .

Com voz trêmula, sentindo em todo o corpo a acolhedora sensação de calor que emanava da esfera, exclamou:

— Quando, como e por que se deu a chegada a IURANCHA do príncipe planetário Caligastia?

Sinuhe não pôde vê-lo, mas viram-no os que rodeavam a "pluma de Thot". Ao concluir sua pergunta, do centro do tríplice círculo localizado no costado esquerdo do "soror" partiu um finíssimo fio luminoso de um branco nevado que foi incidir, com absoluta precisão, sobre uma das

esferazinhas que girava, aproximadamente, pelo meio da vareta flutuante que servia de eixo para todo o sistema. Em décimos de segundos, a esfera e seu par ficaram estáticos, enquanto os restantes 604 cristais de titânio continuavam rodando em torno da varinha transparente.

E ante a expectativa geral uma voz metálica, clara e pausada, soou nos cérebros presentes:

— Filho de IURANCHA... Sinuhe e Nietihw estremeceram.

— Tuas perguntas exigem resposta múltipla. Antes de proceder à abertura de tais circuitos históricos, convém que saibas o seguinte:

"Nenhuma de tuas consultas pode esperar a emissão, por parte destes arquivos, de juízos ou opiniões em torno dos sucessos registrados em IURANCHA ou fora dela. Não é nossa missão.

"Por último, a informação emitida se verá necessariamente dizimada, como consequência da necessária supressão da segunda e simultânea linguagem utilizada em nossos registros...

A explicação para a obscura advertência chegaria imediatamente.

— ... Cada um dos acontecimentos, tanto a nível coletivo como individual, que se produz em teu mundo

— esclareceu a voz — é arquivado seguindo uma "linguagem" dupla e simultânea: a própria do universo local de Neadon e a igualmente universal dos símbolos matemáticos. Essa simultaneidade de dados (através de imagens e números), enriquece e garante sua objetividade. Como ocorre com os demais mortais de IURANCHA, teu cérebro, Sinuhe, ainda não alcançou essa estimável e desejável capacidade de raciocinar e dialogar com esse sistema duplo e simultâneo. Em conseqüência, nossas respostas não gozarão da dupla transmissão de idéias. Estás avisado.

Sinuhe não entendeu muito bem o esclarecimento. Mas, animado pela fluidez daquela voz indeterminada e impessoal — de homem ou de mulher? —, aceitou sem reserva. Seu espírito voltara a vibrar. E ardia em desejos de conhecer a verdadeira História daquele obscuro passado da Terra. Que teria acontecido com Caligastia? Por que seu reinado se vira marcado pelo fracasso? Que relação guardaria com a não menos obscura rebelião de Lúcifer?

— Estou disposto — anunciou o "iuranchiano". E repetiu sua pergunta inicial: — Quando, como e por que se deu, a IURANCHA, a chegada do príncipe planetário Caligastia?

— O conceito de príncipe planetário — respondeu em seguida a "pluma de Thot" — seja em IURANCHA ou em qualquer outro mundo evolucionário, corresponde a seres celestes pertencentes à Ordem dos Lanonandeks. Depois de terem sido confirmados pelos Melchizedeks como "Filhos Lanonandeks secundários", esses filhos do universo local foram incorporados às grandes reservas da sua Ordem em Edência, capital da constelação de Norladiadek, à que pertence IURANCHA. Dali foram destinados pelos respectivos soberanos dos sistemas para diferentes missões e, por último, comissionados como príncipes planetários para governar os mundos habitados em evolução.

"Quando é preciso designar um chefe para determinado planeta, a decisão do Soberano sistêmico correspondente surge a pedido dos Portadores de Vida.

"Toda chegada de um Filho Lanonandek a um mundo médio como IURANCHA se produz no momento em que é detectada em suas populações autóctones a vontade e a capacidade de eleger o caminho da vida eterna.

"Em teu planeta, porém, a aparição do primeiro príncipe ou Filho Lanonandek secundário se registrou quase meio milhão de anos depois do florescimento dessa vontade entre os primitivos povoadores.

"Tal acontecimento figura nos arquivos de IURANCHA como ocorrido faz agora 500 000 anos, coincidindo com outro sucesso singular: o nascimento das seis raças "Sangik" de cor. Naquela época, o planeta se achava povoado por quase quinhentos milhões de humanos, regularmente repartidos pelos continentes da Ásia, Europa e África.

"Caligastia, o primeiro príncipe de IURANCHA, estabeleceu o seu quartel-general no que hoje conheceis como Mesopotâmia. Quer dizer, no centro do mundo habitado naqueles tempos.

"Caligastia, como ficou refletido, era um Filho Lanonandek secundário. Ostentava o número 9 344 dos de sua Ordem, tendo desenvolvido múltiplas missões antes de sua incorporação em IURANCHA; inclusive antes da tomada de

posse de Lúcifer como soberano do sistema de Satânia, fora agregado ao Comitê Consultivo dos Portadores de Vida em Jerusem. A seguir ocupou uma situação de categoria elevada no grupo de conselheiros de Lúcifer, levando a cabo mais de cinco missões de honra e de confiança.

"Quando o príncipe Caligastia foi enviado para IURANCHA, acompanhava-o, como é norma, o corço habitual de adjuntos-administrativos e de assistentes. À cabeça, encontrava-se Daligastia, associado ao príncipe...

Sinuhe, com uma infinidade de perguntas a revolver-lhe no cérebro, atreveu-se a interromper o relato.

— Daligastia? Quem era?

— Um Filho Lanonandek secundário — respondeu a voz —. Seu número de Ordem era muito mais elevado: 319 407...

O "iuranchiano", ao constatar que a voz admitia e respondia perguntas, decidiu continuar expondo quantas dúvidas o assaltassem. E interveio de novo:

— Que representa esse número?

— O de sua criação.

A voz, tendo percebido que não havia mais perguntas,

reencetou sua exposição.

— Daligastia possuía a categoria de assistente no momento de ser agregado como associado de Caligastia.

"O Estado-Maior do príncipe enviado a IURANCHA incluía elevado número de colaboradores angélicos e outra considerável massa de seres celestes, encarregados de promover e fazer progredir os interesses e o bem-estar das raças humanas.

"Para os primitivos povoadores de teu mundo, aquela maciça embaixada de seres celestes constituiu o maior acontecimento da História. O núcleo mais próximo ao príncipe (os cem membros do seu Estado-Maior), que seria conhecido como "os cem de Caligastia", provocou entre os humanos impacto especial.

Esses ajudantes voluntários são cidadãos da capital de um sistema; neste caso, Jerusem. Nenhum conseguiu ainda sua fusão com os respectivos Harmonizadores de Pensamento. Enquanto regressam temporalmente a um estado material inferior (como foi o caso de IURANCHA), seus Harmonizadores mantêm e mantiveram seus estatutos residenciais no mundo-sede do sistema.

"Para desempenhar sua missão em IURANCHA, aquele Estado-Maior foi revestido pelos Portadores de Vida de

corpos físicos, visíveis aos olhos humanos enquanto durou seu estágio planetário. Essas formas pessoais estiveram e estão sempre isentas de enfermidades comuns, embora, como corpos moronciais primitivos, achem-se expostos a certos acidentes de natureza mecânica.

"Esses "cem de Caligastia", desmaterializados para o transporte e rematerializados em IURANCHA, foram escolhidos pelo príncipe entre mais de 780 000 cidadãos ascendentes de Jerusem. Cada um desses cem membros de seu Estado-Maior procedia de um planeta diferente. Nem um, é claro, oriundo de IURANCHA.

Foram conduzidos diretamente de Jerusem ao teu planeta por transporte seráfico. E aqui se lhes proporcionou a forma humana idônea, de acordo com sua dupla missão planetária, isto é, um corpo físico formado de carne e sangue, mas, ao mesmo tempo sintonizado com os circuitos de vida do sistema. Essas operações, assim como a criação física dos corpos para os membros do Estado-Maior (cinquenta homens e cinquenta mulheres) deram origem a numerosas lendas que, muito mais tarde, fundiram-se e confundiram-se com outras tradições, nascidas de um acontecimento posterior e não menos crucial: a instalação planetária de Adão e Eva.

"Toda essa operação de repersonalização, desde a chegada

dos transportes seráficos que conduziam os cem voluntários de Jerusem, até o momento em que tomaram consciência como seres ternários do reino, durou dez dias.. .

Nietihw e Sinuhe já tinham ouvido falar desses cidadãos "ascendentes". Mas o "iuranchiano" quis ter certeza. E perguntou a respeito.

— Por cidadãos — esclareceu a voz — quer-se significar todos os humanos evolucionários que, depois de sua morte física, são ressuscitados nos mundos de Morôncia. Seu caminho é uma contínua ascensão para a Ilha Estacionaria e Eterna do Paraíso.

— Fala-nos também do quartel-general de Caligastia e de sua missão.

— A sede do príncipe planetário de IURANCHA — respondeu a "pluma de Thot" — foi prevista e construída em uma região do então golfo Pérsico e que vem a corresponder à Mesopotâmia atual. Embora diferente dos de hoje, o clima e a paisagem dessa região foram estimados muito convenientes para os planos do Estado-Maior e de seus assistentes. Esse grupo eleito (chamá-los-emos os "cem de Caligastia") é o responsável pela organização das escolas planetárias de educação e cultura, onde as elites das raças evolucionárias recebem formação, e que são depois

enviadas ao mundo todo para expandir tais ensinamentos.

"A grande parte do trabalho físico é realizado pelo Estado-Maior corporal. As cidades-sede, que em IURANCHA recebeu o nome de Dalamachia, são diferentes da atual concepção humana de cidades...

— Dalamachia! . . . — exclamou Sinuhe.

— Sim. E essa mesma emoção que te causou a ti — replicou a voz, adivinhando-lhe os sentimentos —

registrou-se também entre os primitivos humanos do planeta, quando aqueles cem estrangeiros tomaram posse de IURANCHA. Foram necessários mais de mil anos para que a notícia da chegada de Caligastia e seu séquito se estendesse até aos confins do globo. Grande parte de

vossa mitologia posterior se origina nas lendas alteradas daqueles tempos primitivos em que os membros do Estado-Maior do príncipe foram repersonalizados como "super-homens". E foi exatamente a tendência dos autóctones da Terra a considerá-los deuses, o que consistiu o maior obstáculo para a benéfica influência desses mestres extraterrenos.

— Podia-se considerá-los autenticamente humanos?

— Sem dúvida alguma. Do ponto de vista físico, haviam incorporado às suas formas corporais o plasma vivente de uma raça autóctone de IURANCHA: a "andônica".

"Os cem membros do Estado-Maior foram divididos em dois grupos (homens e mulheres) e repartidos segundo seu estatuto mortal anterior. Cada pessoa do grupo era capaz de participar do nascimento de uma nova ordem de seres físicos. Mas, de acordo com uma norma sagrada em todos os universos, haviam sido cuidadosamente advertidos para que não recorressem à paternidade, salvo em limitadas ocasiões. Qualquer príncipe planetário é submetido a essa regra e só estão autorizados a procriar seus sucessores pouco antes de retirar-se do serviço planetário especial. Essa procriação tem lugar, ordinariamente, no momento da chegada dos Adões e Evas... ou pouco depois. Eis porque o Conselho dos Cem jamais soube que tipo de criaturas teria podido surgir de sua união sexual. Antes que pudessem chegar a essa etapa, a rebelião de Lúcifer arruinou o plano evolutivo de IURANCHA.

"E, de acordo com as suas instruções, os "cem de Caligastia" não se comprometeram com a reprodução sexual. Era outra a sua missão. Mas estudaram minuciosamente sua constituição pessoal e exploraram todas as fases imagináveis de conexão psíquica entre si. E foi no decurso do ano 33 de sua chegada a IURANCHA e de sua instalação

em Dalamachia que os números dois e sete desse Estado-Maior descobriram, quase por acaso, um fenômeno singular que derivava de sua união moroncial ou psíquica: uma procriação não sexual e imaterial. O resultado foi a primeira das criaturas "medianes"...

— Os "medianos"! — exclamou Sinuhe. Aquele, precisamente, era outro dos objetivos da missão: descobrir a origem e a natureza de tais seres. Mas, dessa vez, deixou que a informação seguisse o seu curso.

Haveria tempo para entrar em detalhes sobre o assunto.

— O novo ser, resultado dessa aventura psíquica, era perfeitamente visível para qualquer dos cem e para seus associados celestes, mas para os humanos, invisível. A partir daquele acontecimento, com a autorização de Caligastia, todos os membros do Estado-Maior dedicaram-se à procriação de seres similares. E foi assim que os "cem" tornaram possível um Corpo de 50 000 "medianos" primários. Essas criaturas de tipo

"mediano" (parte de natureza física e parte moroncial ou espiritual) prestaram e prestam serviços notáveis às hierarquias celestes. Em tempos do príncipe planetário, foram os encarregados de múltiplos serviços de conexão com as tribos autóctones de IURANCHA. Eram invisíveis

aos "iuranchianos", mas a existência desses semi-espíritos foi explicada aos primeiros alunos das escolas de Dalamachia. E deles (dos

"medianos") derivar-se-ia também uma série de lendas vinculadas, inclusive hoje em dia, ao mundo dos espíritos.

"Os cem membros de Caligastia eram imortais. Isso era possível graças a uns "complementos antídotos"

que circulavam em suas formas materiais. Se a rebelião não tivesse feito que perdessem o contato com os circuitos vitais, teriam continuado vivendo indefinidamente até a chegada a IURANCHA de um Filho de Deus ou até sua rendição no planeta.

"Esses "complementos antídotos" procediam dos frutos de uma árvore que foi chamada "da Vida". Na realidade, tratava-se de um arbusto enviado de Edência, capital da constelação, pelos Mui Altos no próprio momento da chegada de Caligastia. Essa árvore foi semeada no pátio central do templo do Pai Invisível, quando o príncipe fundou a cidade-modelo de Dalamachia. A ingestão dos seus frutos permitia aos membros do Estado-Maior viver de uma forma indefinida...

— Tu te referes à imagem bíblica da Árvore da Vida? Não foi apenas um símbolo?

— O que em IURANCHA chamais Sagrada Escritura ou Bíblia — respondeu a "pluma" — é, em muitos de seus textos (especialmente nos mais antigos) uma amálgama de confusas realidades, ocorridas em diferentes momentos históricos e distantes entre si. Quanto à "Árvore", não se trata de metáfora ou símbolo, mas de um fato físico e real, de posteriores confrontos sangrentos.

— Por quê? — insistiu Sinuhe.

— Devemos respeitar a ordem cronológica daqueles fatos — anunciou-lhe a voz —. Só assim poderás compreendê-lo.

"Eu te dizia que esse arbusto, originário de Edêcia, reunia uma série de qualidades energéticas que prolongavam a vida do Estado-Maior do príncipe, tornando-os praticamente imortais. O mesmo não ocorria, entretanto, com os humanos autóctones da Terra. Com eles, os frutos da "Árvore da Vida" não surtiam efeito algum. Somente os "cem de Caligastia" (como "sandonitas" modificados) podiam beneficiar-se de sua influência, sempre e quando comessem dele. Em torno dessa planta extraordinária forjou-se, igualmente, um sem-fim de mitos e lendas que circularam pelo mundo até recentemente.

Sinuhe, com efeito, recordou algumas tradições "olímpicas" e americanas, assim como a do famoso Gilgamesh, (1) em

busca do mítico vegetal que proporcionava a vida eterna.

(l) O mais conhecido herói da Mesopotâmia. Numerosos contos na antiga língua acadiana descrevem a odisséia desse rei que se recusava a morrer. O relato foi encontrado (12 tábuas) em Nínive, na Biblioteca do rei assírio Assurbanipal. Gilgamesh provavelmente viveu na primeira metade do terceiro milênio a.C. (*Nota do Tradutor.*)

— A terceira de tuas perguntas, Sinuhe, referia-se ao "porquê" da chegada desse príncipe a IURANCHA.

"Como já se te adiantou, nos planos cósmicos cada mundo evolucionário é regido e governado por um príncipe planetário que tem a seu cargo a administração, organização e educação das raças autóctones. O

Estado-Maior de Caligastia. seguindo essas normas universais, dividiu-se em dez Conselhos Autônomos integrados por dez membros cada um. Essas assembléias de conexão com os humanos eram presididas por Caligastia.

"Bem depressa, ao fundar a cidade-modelo de Dalamachia, as chamadas "Escolas do Príncipe" iniciaram suas atividades orientadas a instruir os primitivos mortais em todos os aspectos do progresso material e espiritual: técnicas para melhorar a alimentação, o bem-estar citadino, para a domesticação e aproveitamento dos animais, extensão do

conhecimento, para a implantação da indústria e comércio, difusão da religião revelada, para o assentamento das normas de saúde e higiene, prolongando com isso a vida, implantação das artes e das ciências e para o aperfeiçoamento das relações entre povos e raças. O trabalho nessas escolas se repartia da seguinte forma:

"Atividades físicas: compreendiam os labores no campo e a aprendizagem da construção e embelezamento das casas.

"Atividades sociais: aprendizagem de jogos e de todo tipo de relações humanas.

"Aplicação educativa: destinada fundamentalmente ao aperfeiçoamento do núcleo familiar.

"Instrução profissional: abarcava ensinamentos sobre o casamento e o lar, artes e ofícios e formação de futuros professores.

"Cultura espiritual: afirmação da Verdade Cósmica e preparação de meninos indígenas que, posteriormente, seriam enviados aos seus respectivos povos como guias.

"Em geral, partindo desses centros ou focos de cultura, em todos os planetas do sistema e do universo local não tarda em produzir-se progressiva influência edificante, que vai transformando o primitivismo das raças autóctones. Para

isso sempre ajuda a ação simultânea dos humanos, previamente adestrados nas cidades-modelo e que, ao regressar aos seus países, criam novos e potentes centros de estudo e cultura.

"Quando os "cem de Caligastia" iniciaram sua missão em IURANCHA, propagando o novo Evangelho da iniciativa individual, incidindo nos grupos sociais existentes naquelas épocas, souberam respeitar, escrupulosamente, a regra de ouro dos universos em relação aos mundos evolucionários. O grau de cultura de um planeta se mede em função da herança social dos seus povoadores. Mas a rapidez de sua expansão cultural fica inteiramente determinada pela aptidão que possuam seus habitantes para assimilar idéias novas e avançadas. O Estado-Maior do príncipe, procedente, como já disse, do Mundo das Casas ou de Morôncia de Satânia, conhecia muito bem as artes e a cultura de Jerusem. Tais conhecimentos, porém, não têm valor em um planeta bárbaro e habitado por humanos primitivos. E, de acordo com essa regra de ouro dos universos, optaram por desenvolver seu trabalho com suavidade e lentidão, elegendo a sábia norma do progresso pela evolução e não pela revolução.

"Os cinqüenta pares que formavam o Estado-Maior do príncipe não tiveram filhos. Entretanto, pouco depois de sua instalação em IURANCHA, nas cinqüenta casas-modelo de Dalamachia adotaram-se não menos de quinhentas crianças

indígenas, procedentes das mais destacadas famílias andônicas e Sangik. E ali se beneficiaram da educação e cultura daqueles superpais.

"Cumpridos três anos de permanência nas Escolas do Príncipe, esses jovens estavam aptos para o casamento, e eram enviados como emissários culturais, profissionais ou religiosos para as suas tribos de origem.

"Nos arredores de Dalamachia, o campo foi colonizado em um raio de 160 quilômetros. Ali, centenas de antigos alunos dessas escolas esforçaram-se por transmitir seus ensinamentos aos seus irmãos, os humanos.

A agricultura, sobretudo, foi um dos grandes objetivos...

A mente de Sinuhe, influenciada desde a infância por histórias como a de Adão e Eva, ia-se perguntando onde e em que momento se encaixavam os "primeiros pais" bíblicos em tudo aquilo. Ao escutar as declarações sobre campo e agricultura, perguntou à voz que sentido guardava aquela outra frase bíblica de

"ganharás o pão com o suor de teu rosto".

— Nunca houve tal castigo. As técnicas da agricultura — esclareceu a "pluma de Thot" — são sempre inerentes ao estabelecimento de qualquer civilização progressiva. O

trabalho da terra não foi, nem nunca será, uma maldição. Ao contrário...

"Dalamachia não precisou de muito tempo para converter-se em uma cidade florescente. Pouco depois de sua fundação contava já com mais de 6 000 habitantes. É difícil para os "iuranchianos" que vivem hoje sobre o planeta compreender o formidável progresso que representou Dalamachia naqueles tempos remotos. Mas aquele foco de cultura planetária, que se estendeu por toda IURANCHA pelo espaço de 300 000 anos, foi subitamente cortado e perdido quando da rebeldia de Lúcifer...

Sinuhe, depois das revelações extraídas dos arquivos secretos de IURANCHA, não quis esperar, e formulou sua próxima e transcendental pergunta:

— Em que consistiu a rebelião?

Até o momento, nem Belzebu nem os demais "medianos" que assistiam ao relatório tinham feito qualquer gesto ou comentário. Tanto Nietihw quanto o companheiro interpretaram-no positivamente.

As duas pequenas esferas azuis continuavam imóveis em sua órbita enquanto o resto prosseguia em seu lento e incessante rotar.

— Lúcifer — começou a voz — foi e é muito pouco conhecido em IURANCHA. Entre outras razões porque desde o princípio delegou poderes ao seu primeiro lugar-tenente: Satã.

"Lúcifer era (e é) um dos mais brilhantes filhos da Ordem dos Lanonandeks primários do universo local de Nebadon. Tinha excepcional experiência nos assuntos da administração cósmica, destacando-se como alto conselheiro de seu grupo. Sua sabedoria, sagacidade e eficácia foram sempre reconhecidas. Levava o número 37 dos da sua Ordem, e dele se tinha dito: "És perfeito em todos os sentidos desde o momento em que foste criado até o momento em que a iniquidade se aninhou em ti." Muitas vezes ocupara uma cadeira no Conselho dos Mui Altos de Edência. Lúcifer reinava sobre a "santa montanha de Deus", o monte administrativo de Jerusem, já que era o administrador-em-chefe de um grande sistema formado por 607 planetas habitados, entre os quais IURANCHA figura como o 606.

"Antes de explodir a rebelião propriamente dita, Lúcifer e Satã haviam reinado pelo espaço de mais de 500 000 anos terrestres sobre o sistema que tinham a seu cargo: Satânia. Satã, por sua vez, fazia parte desse mesmo grupo ou Ordem dos Lanonandeks primários, embora nunca chegasse a exercer as funções de soberano sistêmico.

"É preciso que se anote que tanto Lúcifer como Caligastia, o príncipe de IURANCHA, muito antes da consumação da revolta tinham sido advertidos pelos seus superiores celestes sobre suas respectivas tendências para a crítica e a um perigoso envaidecimento pessoal.

"Mas a História de vosso mundo transcorreu brilhante e esperançosa até que (faz agora uns 200 000

anos) IURANCHA recebeu uma das rotineiras visitas de inspeção de Satã. Esse foi o histórico momento em que a Terra, e mais exatamente Caligastia, conheceu os planos de Lúcifer...

— Talvez fosse necessário — argumentou o membro da Escola da Sabedoria — conhecer primeiro em que consistiam esses planos...

— Com efeito — proclamou a voz —. Para entender o verdadeiro alcance da rebelião, torna-se imprescindível que primeiro se exponha o chamado *Manifesto da Liberdade* proclamado por Lúcifer.

"Não existiam condições especiais no sistema de Satânia que pudessem favorecer ou justificar essa revolta. A idéia da sublevação nasceu no espírito de Lúcifer. Ninguém a instigou ou aconselhou. A vontade de opor-se aos planos de Micael foi uma iniciativa individual, lenta e firmemente

amadurecida durante mais de cem anos do tempo comum.

"Antes de decidir-se a expor seus pensamentos, Lúcifer jamais se manifestara contrário ao sistema administrativo do universo. Sua lealdade para com os chefes supremos era sincera e suas relações com o Filho Criador (Micael), profundas e cordiais. Ao longo desses cem anos, a União dos Dias de Salvington, capital do universo local de Nebadon, vinha informando às hierarquias celestes residentes em Uversa "que nem tudo estava em paz na mente de Lúcifer".

"E pouco a pouco, o soberano do sistema de Satânia começou a criticar o plano administrativo de Nebadon. Sua primeira insinuação aberta de desobediência se deu poucos dias antes da proclamação do seu *Manifesto da Liberdade*, por motivo da visita de Gabriel, chefe executivo de Micael e supervisor de todos os soberanos sistêmicos de Nebadon a Jerusem. Gabriel ficou impressionado e, convencido da iminente eclosão de uma revolta, trasladou-se para Edência, sede da constelação, onde parlamentou com os Pais de Norladiadek, adotando já as primeiras medidas preventivas, em caso de sublevação.

"E, há 200 000 anos, durante o conclave anual de Satânia, em presença das multidões reunidas em Jerusem, Satã (ganho para a causa de Lúcifer) deu a conhecer a chamada

Declaração Luciferiana de Liberdade ou *Manifesto da Liberdade*, que compreendia os seguintes pontos:

"Primeiro: a realidade do Pai Universal.

"Lúcifer aventava que o Pai Universal não existia e que a gravidade física e a energia espacial eram inerentes ao universo. O Pai (dizia o *Manifesto*) era um mito inventado pelos Filhos do Paraíso para permitir-lhes manter seu próprio poder sobre todos os universos. Negava também que a personalidade fosse um dom do Pai Universal e insinuava que existia um complô entre os Filhos do Paraíso para introduzir uma gigantesca fraude em toda a criação. Essa afirmação se baseava no fato (segundo Lúcifer) de não existir uma idéia clara da natureza e personalidade reais do Pai. A acusação foi categórica.

"Segundo: o governo universal de Micael, o Filho Criador.

"Lúcifer sustentava em seu *Manifesto da Liberdade* que os sistemas locais de planetas deveriam ser autônomos, e protestava contra o direito que se arrogava Micael de assumir a soberania de Nebadon em nome do hipotético Pai Universal Paradisiáco. Considerou que todo esse plano de culto era só um estratagema para servir à ambição dos Filhos do Paraíso. Entretanto, admitiu também Micael (vosso Jesus de Nazaré) como seu Pai-Criador, mas não como seu Deus e

legítimo chefe. Atacou violentamente os direitos dos Anciãos dos Dias, qualificando-os de "potentados estrangeiros" e acusando-os de intrometer-se nos assuntos próprios os sistemas locais e universais. Chamou-os de "tiranos e usurpadores", instigou seus partidários a considerar que os Anciãos dos Dias nada poderiam fazer para interferir no processo lógico de autonomia dos respectivos sistemas planetários, desde que os humanos e os anjos tivessem a coragem de reafirmar e reclamar seus direitos. Também pretendeu impedir que atuassem os agentes executivos dos Anciãos dos Dias naqueles sistemas locais em que os mortais pudessem reivindicar sua independência.

Quanto à imortalidade, sustentava ser inerente às personalidades do sistema e ser a ressurreição igualmente natural e automática. Nem um só mortal (garantiu) se verá privado da vida eterna por mero capricho dos Anciãos dos Dias.

"Terceiro: o ataque ao plano universal de educação dos mortais ascendentes.

"Lúcifer sustentava neste último item do seu *Manifesto da Liberdade* que o tempo gasto na instrução dos mortais ou humanos evolucionários nos princípios da administração universal era excessivo, com desproporcionado consumo de

energia. Qualificou esses princípios como imorais e nefastos, e protestou igualmente contra o programa que obrigava a preparar os mortais do espaço por um tempo muito prolongado, para um destino tão desconhecido quanto fictício. Apontando os "finalistas" residentes em Jerusem anunciou que, aqueles, não tinham encontrado outro destino mais glorioso que o de serem devolvidos a humildes planetas semelhantes aos de sua origem. Sugeriu que tinham sido corrompidos por um excesso de disciplina e por um treinamento prolongado, acusando-os de traição aos seus irmãos, os humanos, por se prestarem a cooperar naquele plano que vinha mantendo o mito dos "ascendentes" rumo a um Pai inexistente.

"Por último, desafiou e condenou todo o plano de ascensão dos mortais para a Ilha Eterna do Paraíso.

— Um momento.. .

A voz de Sinuhe fez silenciar o surpreendente relato. Naquele instante, o casal partilhou os mesmos pensamentos e sentimentos.

Aquele *Manifesto da Liberdade* não guardava conexão com as explicações pueris oferecidas ao longo dos séculos pelas diferentes religiões e, muito especialmente, pela católica. Tendo em consideração o que acabavam de ouvir, o

argumento esgrimido pelas igrejas — "Lúcifer se rebelou porque quis ser como Deus"

— resultava absurdo.

De um ponto de vista objetivo — supondo-se que toda aquela aventura louca encerrasse alguma verdade

—, as "novas razões" da famosa rebelião deram muito que pensar aos "iuranchianos". Para Sinuhe aquele *Manifesto* continha, no mínimo, aspectos mais concretos e até mais "lógicos" que a tradicional justificativa católica. ..

"O Grande Deus, o Pai Universal" — dizia o *Manifesto* luciferiano — "é um mito. Não existe. Ninguém pôde demonstrar sua existência real..."

A afirmação do soberano do sistema de Satânia foi e continua sendo blasfêmia, pelo menos para os que crêem nessa Força ou Energia Suprema. Mas e para um ateu? Se se considera o ponto de vista de Lúcifer por um ângulo racional e científico, quem conseguiu demonstrar a existência do Pai? Um dos argumentos que servia de apoio a essa postura insólita, falava dos "finalistas": essas miríades de seres evolucionários que; de acordo com os planos cósmicos, vão ascendendo, como nós, para a Ilha Eterna do Paraíso e que, logicamente, deveriam saber como é o Pai. E no entanto — segundo Lúcifer — jamais falaram sobre Ele.

Esse silêncio dos "finalistas" foi igualmente usado pelo rebelde para qualificar esses mortais "ascendentes" e

"finalistas" como "traidores dos seus próprios irmãos"; entrando assim no jogo das personalidades do Paraíso.

É evidente que, partindo desse princípio básico — "a não existência de Deus" — o resto foi fácil a Lúcifer. Que sentido tinha então que Micael declarasse sua soberania sobre o universo local de Nebadon,

"em nome de um Pai Universal hipotético"? E de certa forma, ao reclamar a autonomia e o governo independente para o seu sistema de 619 planetas habitados e para os outros sistemas planetários, Lúcifer se convertia

— há 200 000 anos — no primeiro "separatista" e "nacionalista" da História, se seguirmos a concepção humana de tais conceitos...

Nietihw e Sinuhe começavam a intuir o porquê da rebelião ter logrado arrastar a tantos milhares de milhões de criaturas... Não pretendendo, claro, avaliar a bondade ou a perversidade do soberano sistêmico, o que surgia muito nítido, é que Lúcifer jamais pretendeu ser como Deus. Entre outras razões — segundo o próprio *Manifesto da Liberdade* —, porque, para ele, Deus não existia.

Aceitando por um momento que tais argumentos estivessem corretos, o entusiasmo e a fidelidade que demonstraram seus seguidores, a partir do conclave de Jerusem, eram mais que justificados.

Mas Sinuhe desejava conhecer outros aspectos da revolta. É verdade que se deu a mítica batalha nos céus? Quais foram os protagonistas? Lúcifer fracassou? Que risco correu nosso planeta?

E, com as mãos estendidas sobre a esfera transparente, formulou uma nova pergunta.

— Fala-nos do advento da rebelião.

— Após a leitura e proclamação do *Manifesto da Liberdade* — prosseguiu a voz dos arquivos de IURANCHA —, Satã se dirigiu às multidões atônitas congregadas em Jerusem, a capital do sistema de Satânia, declarando que se podia adorar as forças universais físicas, intelectuais e espirituais, mas que tão-só a Lúcifer se devia obediência, pois era o chefe atual e real, "amigo dos humanos e dos anjos" e "Deus da Liberdade". Assim foi ele qualificado por seu lugar-tenente. E estes foram os gritos de guerra dos rebeldes.

"Lúcifer, a partir desse momento, apregoeou incansavelmente a "igualdade de pensamento" e a

"fraternidade da inteligência", insistindo em que a administração e o governo tinham de limitar-se a cada planeta e, em todo caso, à confederação voluntária dos mundos em sistemas locais. Qualquer outro tipo de supervisão celeste foi repelida.

"Prometeu aos príncipes planetários de Satânia que governariam seus respectivos mundos como administradores supremos. Rechaçou Edência (sede da constelação a que pertence Satânia) como lugar das atividades legislativas e à capital do universo local de Nebadon, Salvington, como centro diretor dos assuntos judiciais. "Todas essas funções" — declarou Lúcifer — "devem concentrar-se nos mundos-capitais dos sistemas". E ele mesmo iniciou a constituição da sua própria assembléia legislativa, organizando os tribunais sob a presidência de Satã. Ordenou aos príncipes leais à sua causa que fizessem o mesmo em seus planetas.

Todo o gabinete administrativo de Lúcifer passou-se em bloco para o seu campo, e seus membros foram juramentados publicamente como agentes da administração do novo chefe dos "mundos liberados".

Atônito com o que estava ouvindo Sinuhe interferiu, formulando duas novas perguntas:

— Já houve anteriormente alguma rebelião similar? E, em todo caso, qual foi a reação de Micael?

— Sim, houve — emitiu a voz ante a lógica surpresa dos "iuranchianos" —. A de Lúcifer era a número três das registradas no universo local de Nebadon. Mas aquelas duas primeiras sublevações tiveram lugar em constelações tão distantes da nossa, a de Norladiadek, que não se revestiam de importância. Lúcifer acentuou, precisamente, que tais insurreições malograram porque a maioria dos seres se absteve de seguir os chefes. E reafirmou que "as maiorias governam" e que o "pensamento é infalível".

"Quanto à tua segunda questão, inicialmente não se deu reação alguma por parte das altas hierarquias dos universos. Lúcifer e seus leais atuaram com liberdade absoluta. Posteriormente, e de forma reiterada, foi-lhes oferecida a clemência. Mas Lúcifer declarou que tais perdões eram apenas uma prova a mais da incapacidade dos Filhos do Paraíso para conter a rebelião. Naqueles momentos, Lúcifer desafiou abertamente Micael, Manuel e os Anciãos dos Dias, considerando sua aparente passividade como um sinal de fraqueza. E sua radicalização foi então completa.

"Só Gabriel se pronunciou a respeito, mas limitou-se a anunciar que "em seu devido tempo me entrevistarei com Micael e todos os seres ficarão em liberdade, qualquer que

seja sua determinação. O

governo dos Filhos pelo Pai deseja tão-só a lealdade e devoção quando expressadas voluntariamente".

"Em consequência, os rebeldes ficaram em liberdade para organizar e estabelecer seu governo. Foram anos caóticos e de desordens graves, sobretudo nos Mundos das Casas ou Moronciais. Mas o ataque de Lúcifer aos "finalistas", qualificando-os de traidores de seus irmãos, provocou efeito contrário ao pretendido pelo soberano rebelde: a maior parte dos cidadãos "ascendentes" que se achavam em Jerusem permaneceu fiel a Micael. E Lúcifer tomou esse respeito como ignorância.

— Mas — insistiu Sinuhe — que fez Micael?

— Quando a rebelião do sistema local de Satânia já se havia estendido e firmado em 37 dos 619 planetas habitados, Micael pediu a Manuel, seu irmão paradisiáco, que o aconselhasse. Depois dessa entrevista, aquele que seria mais tarde Soberano definitivo de Nebadon anunciou que continuaria com sua política de não intervenção, tal como havia feito com as insurreições anteriores. Micael, naquele tempo, dirigia o universo local por direito divino e não em virtude do seu próprio direito pessoal. A explicação residia em que ainda não havia expandido totalmente sua carreira,

não tendo sido investido, portanto, de "todo o poder sobre os céus e a terra".

"Durante 200 000 anos de IURANCHA, Micael não interveio contra as forças leais a Lúcifer. Agora, há 2 000 anos terrestres, possui poderes e autoridade para terminar rapidamente com qualquer outra rebelião.

"E foi a partir dessa "não intervenção" de Micael na revolta, que Gabriel tomou a decisão de assumir o comando das tropas que não haviam secundado a Lúcifer. Reuniu seu Estado-Maior pessoal em Edência, celebrando uma "cúpula" com os Mui Altos da constelação. Entretanto, Micael continuou em Salvington.

"E Gabriel se dirigiu a Jerusem, a capital de Satânia, instalando-se na esfera consagrada ao Pai Universal.

Ali, em presença das multidões leais, desdobrou o estandarte de Micael: a bandeira branca com os três círculos concêntricos e azuis no centro, símbolo do governo trinitário da criação.

"Lúcifer, por sua vez, desdobrou sua própria bandeira: branca, também, com um círculo vermelho e outro menor, negro, no centro.

"E houve guerra nos céus. . .

— Então — disse Sinuhe — o *Apocalipse* tinha razão.. .

— Sim, Micael e seus anjos combateram e lutaram contra o Dragão de Lúcifer, de Satã e dos príncipes planetários rebeldes. Mas essa "guerra" nos céus não foi uma batalha física, tal como vós o entendeis em IURANCHA. Não se tratava de uma de vossas bárbaras contendidas, onde se perde a vida física e corporal.

Aquela luta foi, se é possível, mais implacável, já que estava em jogo a sobrevivência eterna.

"Nos primeiros tempos da "guerra nos céus" Lúcifer permaneceu no "anfiteatro planetário". Gabriel, por outro lado, instalou seu quartel-general em suas proximidades e, dali, rebatia os sofismas dos rebeldes. As diferentes e numerosas personalidades celestes presentes tiveram, assim, a oportunidade de escutar as duas facções e adotar, finalmente, uma decisão pessoal.

— Quantas criaturas do sistema de Satânia se passaram para o bando de Lúcifer?

— A rebelião, como já foste informado, deu-se em escala sistêmica. Os teólogos do teu mundo equivocaram-se em suas apreciações ao considerar que ela teve um caráter universal. Foram 37 os planetas que se alinharam com os rebeldes e ofereceram a Lúcifer suas respectivas

administrações e criaturas. Foi, definitivamente, uma insurreição da Ordem Lanonandek. As demais ordens superiores do universo local de Nebadon não se uniram à secessão. Reduzido número de Portadores de Vida estacionados nos planetas rebeldes inclinaram-se para Lúcifer. Em compensação, nenhum dos Filhos Trinitizados se perdeu. E os Melchizedeks, os arcanjos e as Brillhantes Estrelas da Noite permaneceram igualmente leais a Micael. Tampouco se viram implicados na rebelião os seres originários do Paraíso. Quanto aos chamados Conciliadores e Arquivistas Celestes, tampouco houve deserção alguma entre suas fileiras. Entretanto, forte contingente de Companheiros Moronciais e Instrutores do Mundo das Casas sim, fez sua a causa de Lúcifer.

"Entre as ordens supremas de serafins não se registrou baixa alguma. Em troca, os anjos superiores e, sobretudo o quarto grupo (o dos anjos administradores), foram os mais afetados.

Milhares de serafins designados para as capitais de planetas preferiram Lúcifer. No total, um terço desses seres celestes se passou para o bando rebelde. Um terço também dos querubins estacionados em Jerusem uniu-se aos serafins desleais. Manótia, segundo comandante dos serafins do quartel-general de Satânia em Jerusem, persuadiu dois terços do Corpo de Serafins, e sua audácia foi reconhecida a nível

universal.

"Dentre as ajudas angélicas planetárias, os que padeceram o furor da rebelião com maior virulência foram os Filhos Materiais ou "Adões e Evas". Um terço deles foi enganado e quase dez por cento dos ministros de Transição caíram igualmente em poder de Lúcifer...

Novamente surgiam os nomes de Adão e Eva e, aparentemente, grande número deles. Mas Sinuhe preferiu abordar a questão mais na frente.

— ... João Evangelista — continuou a voz — recebeu uma visão simbólica dessas perdas e escreveu: "E a cauda do Dragão vermelho arrastou a terça parte das estrelas do céu e as arrojou às trevas."

"As maiores deserções, entretanto, aconteceram nas fileiras dos anjos. Ocorreu outro tanto entre os seres "medianos". Quanto aos 681 227 Filhos Materiais de Satânia, noventa e cinco por cento foram igualmente vítimas da rebelião.

— Como é possível — interrompeu o membro da Escola da Sabedoria — que a rebelião arrastasse tantos anjos e serafins?

— Ao eclodir o levante, o chefe dos exércitos seráficos em Jerusem passou-se para o bando luciferiano. Isso ocasionou

a imediata e maciça adesão dos serafins de quarta ordem ao seu comandante. Mas uma criatura houve, Manótia, que se destacou por sua intrepidez. Não faz muito, ao descrever suas experiências sobre a rebelião, esse segundo comandante dos serafins dizia: "Meus momentos mais vivificantes foram aqueles em que me neguei a insultar Micael. As potências rebeldes trataram então de destruir-me. E em Jerusem registrou-se um grande cataclisma... Ausente meu imediato superior, tive de assumir o comando das legiões de anjos da capital de Satânia, assim como dos confusos assuntos seráficos do sistema. E moralmente apoiado pelos Melchizedeks e pelos humanos 'ascendentes', pude resistir aos embates da rebelião. Tendo sido automaticamente cortados os circuitos que uniam o sistema ao resto da constelação, dependíamos da lealdade do nosso serviço de informação que lançava apelos de socorro a Edência, do sistema vizinho de Rantulia. Assim, pudemos sobreviver até a chegada do sucessor de Lúcifer. Depois fui agregado ao Corpo dos Melchizedeks ^que se haviam encarregado do falido planeta IURANCHA, tomando a meu cargo a jurisdição das ordens seráficas leais a Micael."

"Na atualidade — concluiu a voz — Manótia continua em atividade no teu mundo, em IURANCHA, onde desempenha o posto de chefe-adjunto dos serafins.

— Dizes que o sistema de Satânia foi isolado... Isso não

parece justo, insinuou Sinuhe.

Mas a voz, como já o advertira, eludiu o assunto:

— Não é minha missão opinar, apenas registrar. O que figura nos arquivos de IURANCHA é o seguinte: tão logo se produziu a rebelião, os circuitos de Satânia foram interrompidos. Tanto os que uniam os planetas com a constelação, como os do resto do universo local. E os mundos foram submetidos a uma "quarentena" que ainda dura. Nesse tempo todo, agentes seráficos e mensageiros solitários transmitiram e transmitem a totalidade dos comunicados.

"Essa situação obrigou Lúcifer e seus leais a propagar e manter sua rebelião de uma forma pessoal. Uma das ações dos rebeldes concentrou-se precisamente nas Escolas do planeta cultural dos "finalistas", empenhando-se em ganhar para a sua causa as almas dos humanos evolucionários. Tal ação ficou registrada como um dos piores atos dos rebeldes.

"Os humanos "ascendentes" talvez fossem os mais indefesos. Mas resistiram melhor, até mais que os espíritos inferiores. Nenhum dos cidadãos "ascendentes" de Jerusem, como já fostes informado, aliou-se à causa luciferiana.

"Hora após hora e dia após dia, as estações difusoras de Nebadon viram-se invadidas por todo tipo de observadores

e criaturas celestes, desejosos de conhecer o processo da rebelião em Satânia.

"Essa situação tensa se prolongaria durante dois anos do tempo sistêmico. Como sabes — esclareceu a

"pluma de Thot" —, um dia de Satânia equivale a três de IURANCHA, menos uma hora, quatro minutos e quinze segundos. Cinco anos de cem dias do sistema de Satânia são, aproximadamente, quatro de IURANCHA.

"Ao cabo desses dois anos, Lanaforge foi designado sucessor de Lúcifer, aterrorizando com seu Estado-Maior o mar de cristal. Formava parte dos exércitos mobilizados por Gabriel em Edência e esta foi sua primeira mensagem ao Pai da constelação de Norladiadek: "Nenhum cidadão 'ascendente' de Jerusem se perdeu. Todos os mortais evolucionários sobreviveram às chamas ardentes e saíram vitoriosos da prova decisiva."

"A tropa de Jerusem contava então com 187 432 811 humanos "ascendentes" de todos os planetas habitados do sistema.

— Que representou a chegada de Lanaforge para a rebelião?

— Os rebeldes foram destronados e destituídos de todo poder de governança. Apesar disso, permitiu-selhes circular

livremente em Jerusem, nas esferas moronciais e nos planetas habitados. E prosseguiram com seus esforços para recrutar novos adeptos para a sua causa.

"Como também foste informado, por aqueles tempos, Micael não era ainda o Soberano de Nebadon. E

embora os Anciãos dos Dias defendessem os Pais da constelação quando estes decidiram tomar em suas mãos o governo de Satânia, não comunicaram notícia alguma sobre a sorte de Lúcifer. Os rebeldes, conseqüentemente, continuaram percorrendo o sistema a propagar suas doutrinas.

Muitas questões pairavam sobre a rebelião, mas Sinuhe ardia em desejos de conhecer o papel desempenhado por Caligastia, o príncipe planetário de IURANCHA, e pelo resto do Estado-Maior. E

solicitou informação a respeito:

— Que havia acontecido aos humanos do planeta Terra?

— Foi durante aquela visita de inspeção de Satã a IURANCHA, como te foi dito anteriormente, que Caligastia recebeu as primeiras notícias sobre a rebelião iminente. Devo esclarecer-te que Satã não se parece em nada com essas grotescas caricaturas humanas que dele se fizeram. Era, e

continua sendo, um Filho Lanonandek primário de grande resplendor.

"E foi no curso dessa inspeção rotineira que Satã pôs Caligastia a par do *Manifesto da Liberdade* que Lúcifer se propunha levar a efeito em Jerusem.

"Imediatamente, o príncipe concordou em trair o planeta, no instante em que a rebelião se tornasse pública.

"Pouco depois dessa entrevista, quando a administração dos "cem de Caligastia" estava a ponto de iniciar novos e promissores projetos, altamente benéficos para a humanidade do teu mundo, ao meio-dia de um dia de inverno nos continentes setentrionais, o príncipe manteve longa conversação secreta com seu lugar-tenente, Daligastia. E, ato contínuo, este convocou os dez conselhos de IURANCHA em sessão extraordinária, informando-lhes que o príncipe estava disposto a proclamar-se soberano absoluto do planeta.

Por conseguinte, os "cem" deveriam abdicar de suas funções, delegando seus poderes a Daligastia.

"A inesperada declaração foi seguida de fulminante reação da parte de Van, um dos membros dos "cem"

e presidente do Conselho de Coordenação das Tribos, que

acusou Caligastia, Daligastia e Lúcifer de ultrajar a soberania do universo local de Nebadon. E, imediatamente, deu andamento a uma comunicação aos Mui Altos de Edência visando que o confirmassem em seu posto.

"As notícias da proclamação do *Manifesto da Liberdade* em Jerusem haviam chegado, então, às autoridades supremas celestes, e o sistema de Satânia, isolado. A partir desse momento, teu mundo, como os demais, ficou incomunicável. E todos os grupos celestes que se achavam presentes em IURANCHA (fixos ou em trânsito) ficaram insulados, sem prévio aviso.

"Durante sete anos terrestres a situação em teu mundo não variou. Não se produziu qualquer tentativa exterior para modificá-la.

Sinuhe lembrou-se de repente: no sul da Armênia atual, efetivamente, existe um lago que leva o nome de Van. Seria em memória daquele remoto membro dos "cem de Caligastia", que se opôs à rebelião de Lúcifer?

Mas não se atreveu a alterar o curso da narração com uma questão aparentemente tão banal.

— Em IURANCHA quarenta membros do Estado-Maior corporal do príncipe, com Van à frente, recusaram unir-se à revolução. E numerosos assistentes humanos modificados

os seguiram. Não obstante, cerca da metade dos serafins administrativos optou pelo bando de Caligastia, assim como 40 000

"medianos". Outros 9 800 permaneceram fiéis a Micael, e o príncipe rebelde preparou esses 40 000

"medianos" para que executassem suas ordens em todo o planeta.

"Ao mesmo tempo, Van organizava tudo para tentar salvar o Estado-Maior e as personalidades celestes bloqueadas em IURANCHA. Alguns serafins e querubins leais a Van, ajudados por três "medianos"

igualmente fiéis, garantiram a vigilância e integridade da "Árvore da Vida", permitindo o acesso a seus frutos e folhas unicamente aos quarenta do Estado-Maior e a seus aliados humanos modificados...

Antes que a voz dos arquivos de IURANCHA se manifestasse sobre isso, os "iuranchianos" presentes na Sala de Thot compreenderam por que Belzebu se havia apoderado do frasco com os "ibos". Se não se enganavam, a partir da rebelião, muitos desses seres rematerializados no planeta perderam sua imortalidade, quando não puderam superar as leis biológicas de IURANCHA com os frutos daquela árvore de Edência.

— ... O número desses leais que continuavam beneficiando-se da "Árvore da Vida" — continuou a voz

— foi de 96: os quarenta já citados do Estado-Maior e outros 56 "andonitas" modificados, cujo plasma vital servira para rematerializar os "cem de Caligastia". Foi durante esses sete anos de disciplina espiritual que um

"iuranchiano" surpreendeu o universo. Vossa humanidade não conheceu esse herói, cujas façanhas inscreveram-se no livro de ouro da História de Nebadon.

"Refiro-me a Amadon, o associado modificado de Van, que foi qualificado como "o grande herói humano da rebelião de Lúcifer". Esse descendente varão de Andon e Fonta foi um dos cem "iuranchianos"

que cederam seu plasma vital aos membros corporais do Estado-Maior do príncipe. Sua inquebrantável fidelidade a Micael tem sido tomada como exemplo universal...

— E que foi que aconteceu com os restantes sessenta membros desse Estado-Maior? — interrompeu Sinuhe, muito mais interessado no destino dos rebeldes que nas façanhas de Amadon.

— Eles elegeram Nod como novo chefe: um dos sessenta. E lutaram com todas as forças pelo príncipe.

Mas bem depressa se deram conta de que tinham sido privados do apoio dos circuitos vitais do sistema, tendo sido rebaixados ao estado de simples mortais. Continuavam como seres sobre-humanos, mas já carentes de sua imortalidade. E, em desesperada tentativa para aumentar seu contingente, Daligastia ordenou a procriação sexual entre os sessenta sobreviventes do Estado-Maior e os quarenta e quatro humanos modificados, também leais ao príncipe. Apesar disso, Daligastia sabia que aqueles 104 super-homens cedo ou tarde morreriam.

"Depois do desastre e da queda de Dalamachia, os 104 partidários de Lúcifer emigraram para o Norte e para o Leste. E seus descendentes ficaram conhecidos, durante milênios, com o nome de "noditas". E o lugar deles, como o "País de Nod"...

Nietihw recordou então uma passagem do *Gênese* (4,16). "... Caim, distanciando-se da presença do Senhor, habitou a terra de Nod, ao oriente de Éden."

O companheiro, fascinado por essa revelação, perguntou que relação guardavam aqueles acontecimentos com aquela outra passagem da Bíblia (*Gênese* 6,1-4) em que se diz: "Quando começaram a multiplicar-se os homens sobre a terra e tiveram filhas, vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram dentre elas por

mulheres as que bem quiseram. E disse Yaveh: 'Não permanecerá para sempre meu espírito no homem, porque não é mais que carne. Cento e vinte anos serão seus dias'. Havia então gigantes na Terra, e também depois, quando os filhos de Deus se uniram com as filhas dos homens e engendraram filhos; estes são os heróis famosos de mui antigamente."

— Como já foste informado — anunciou a voz — muitas das antigas passagens da Bíblia sofreram deformações e interpolações. Quando os 104 leais a Caligastia se uniram sexualmente entre si e, logo após, com outros seres humanos, seus filhos se revelaram criaturas muito superiores ao resto dos "iuranchianos", tanto no aspecto físico, como mental. E esses fatos, com o passar dos tempos, acabaram por incorporar-se a todas as lendas. Esta foi, na verdade, a origem da infeliz passagem citada no *Gênese* e que rememoraste. Sem ser exatamente "filhos dos deuses", os membros corpóreos do Estado-Maior do príncipe foram, isso sim, tomados por "seres vindos dos céus". Esse fato passou pouco a pouco para a mitologia, obscurecendo-se, ainda mais, a partir dos graves acontecimentos que se deram muitos milhares de anos depois, com a chegada a IURANCHA de Adão e Eva.

“A rebelião de Lúcifer, por conseguinte, começara a dar seus primeiros e nefastos frutos em teu mundo. ..

— Por quê? — rebateu Sinuhe sem entendê-lo.

— Ao consumir-se a ruptura dos membros do Estado-Maior e de seus humanos modificados, o plano cósmico previsto para IURANCHA viu-se alterado. O progresso pela evolução viu-se substituído pelo da revolução. Os cruzamentos entre os 104 leais a Caligastia e as restantes tribos humanas trouxeram como resultado um momentâneo pico na civilização do planeta. Mas essa explosão de progresso só foi eficaz entre os povos mais próximos aos "noditas". Quando a experiência se propagou a outras raças primitivas mais distantes, o caos foi total. A maior parte daqueles humanos não estava ainda preparada, nem mental nem fisicamente, para semelhante passo, e da liberdade se passou à libertinagem.

"Não se passara muito tempo desde que os 104 se decidiram a cruzar-se entre si e com "as filhas e filhos dos homens", quando se viram comprometidos em desesperada defesa da cidade de Dalamachia, atacada pelas hordas semi-selvagens dos povos entre os quais tinham tentado inculcar, prematuramente, aqueles princípios de liberdade. Esses ataques obrigaram os rebeldes a fugir da esplêndida cidade-modelo, e encaminhar-se para o Norte e para o Leste.

— E que foi feito de Dalamachia?

— Cento e setenta anos depois do estouro da rebelião, uma grande inundação, procedente dos alterados mares do Sul, arrasou aquilo que fora o primeiro foco cultural do planeta. E o quartel-general de Caligastia sumiu-se por debaixo do nível do mar.

— E Van e seus leais, que destino tiveram?

— Van, chamado "o Inquebrantável", se havia retirado muito tempo antes para as terras do oeste da Índia. Ali, ele e seus partidários ficaram ao abrigo dos ataques das tribos semibárbaras que haviam provocado a derrota de Nod e seus super-homens.

Touco a pouco, trinta e nove dos quarenta membros do Estado-Maior foram regressando a Jerusem; Amadon e seus descendentes (os "amadonitas"), assim como Van, continuaram em IURANCHA. E, por mais de 150 000 anos, foram sustentados pela "Árvore da Vida" e pelo Ministério dos Melchizedeks que tinham tomado a seu cargo o governo do planeta.

— Qual foi o final de Nod e dos membros do Estado-Maior?

— Os dois grupos (os sessenta membros corporais e os quarenta e quatro "andonitas" modificados) foram o germe da oitava raça aparecida em IURANCHA. Os "noditas" de puro sangue eram, sem dúvida, uma raça magnífica, embora

não prevista nos planos dos Portadores de Vida. Mas, com o tempo, acasalando-se com os humanos foram degradando-se e 10 000 anos depois da rebelião, a vida média de um indivíduo não ultrapassava a das raças autóctones.

"Quando os arqueólogos do teu tempo — aclarou a "pluma de Thot" — desenterraram os milhares de tabuinhas de argila dos sumérios, descendentes dos "noditas", descobriram listas de reis que retrocediam milhares de anos no tempo. Segundo esses arquivos, os reinados se prolongavam desde os 25 anos dos monarcas mais próximos aos 150 (ou mais) dos mais remotos. A explicação é simples: alguns dos primeiros chefes "noditas", descendentes dos membros do Estado-Maior de Caligastia, viviam muito mais que o resto dos humanos e que seus próprios sucessores.

— Certamente — interveio Sinuhe, evocando as vidas centenárias de muitos patriarcas bíblicos —, que há de verdade nessas existências longevas que menciona a Bíblia?

— Em geral, trata-se de uma confusão entre os meses de 28 dias e os anos de mais de 365 dias. Cita-se, por exemplo, um humano que teria vivido mais de 900 anos. Na realidade, essa cifra representava 70 dos atuais anos de IURANCHA: "três vintenas mais dez".

"Depois da desapareição de Dalamachia, como já fostes

informado, os "noditas" emigraram para o Leste e o Norte, fundando a cidade que se chamou Dilmun: o novo quartel-general racial e cultural dos rebeldes.

Paulatinamente, todos os membros corporais do Estado-Maior e seus humanos modificados foram morrendo de morte natural. Uns 50 000 anos depois da morte de Nod, os descendentes viram-se obrigados a ampliar seus domínios, em busca de alimentos. E, conscientes de que deveriam fundir-se com outras raças limítrofes, fundamentalmente "Sangik" e "andônicas", os chefes "noditas" convocaram um grande conselho de todas as tribos para preservar a unidade racial. Depois de muitas deliberações, adotaram o chamado "plano de Bablot", um descendente de Nod. Bablot propôs a construção de um templo que perpetuasse e glorificasse a origem sagrada daquela estirpe. Essa magnífica e soberba construção deveria erguer-se no território de Nod...

Sinuhe, sem saber por quê, emocionou-se. E tinha razão para tanto...

— ... Esse templo deveria dispor de uma torre sem par no mundo. Deveria ser um monumento que testemunhasse toda a grandeza dos seus antepassados: os leais a Lúcifer. Surgiram, porém, complicações.

Uma parte do povo "nodita" desejava que o templo e sua torre fossem edificados em Dilmun. Os demais, lembrando a desapareção da antiga pátria, Dalamachia, devorada pelas águas, pretendiam que fossem levantados longe do mar.

"Bablot previa que aqueles novos edifícios chegariam a ser o núcleo e a base de um futuro centro de cultura e civilização "nodita". Seu critério prevaleceu. E começou-se a construção. A nova cidade se chamaria "Bablot", em homenagem a seu arquiteto. Mais tarde, porém, recebeu o nome de "Bablod". Por último, foi conhecida pelo de "Babel".

— Babel! — exclamou Sinuhe, compreendendo agora o porquê de sua emoção —. Então... a confusão das línguas?

— Não houve tal. Depois de quatro anos e meio de trabalho, os "noditas" se enredaram em debates intensos sobre a forma de construção da torre e do templo, assim como sobre a finalidade deles. E as obras se paralisaram. Os fornecedores de víveres propalaram então a notícia dos desentendimentos e muitas tribos se dirigiram para o lugar da construção.

— Quais foram esses motivos de dissensão entre os "noditas"? A Bíblia fala de um castigo de Deus...

— Não, exatamente. Um dos grupos, o mais numeroso,

desejava que aquele monumento fosse homenagem perene à superioridade histórica e racial de sua raça. Para tanto, deveria superar todas as medidas e proporções imagináveis.

“O seguinte grupo em importância defendia que o templo devia comemorar a cultura de Dilmun.

"Bablot" se converteria em um grande centro comercial e artístico.

"O terceiro contingente em discórdia, o menos importante, pensava que a edificação da torre poderia redimi-los, em parte, das loucuras dos seus antepassados que se uniram à rebelião de Caligastia. Sustentavam que o templo deveria ser consagrado ao Pai Universal, convertendo a futura cidade de "Bablot" em uma segunda Dalamachia que irradiasse cultura e espiritualidade entre os bárbaros dos arredores. Em votação, este último grupo foi derrotado e a maioria rechaçou a idéia de que Nod e seus companheiros (seus antepassados) tivessem sido responsáveis pela rebelião de Lúcifer.

"Por último, os dois bandos dominantes e em litígio resolveram a situação com as armas. O resultado final foi o extermínio quase absoluto dos "noditas"...

"Muito tempo depois (faz agora uns 120 000 anos), houve uma segunda tentativa para edificar a torre de Babel sobre as

ruínas da primitiva construção. Mas o projeto voltou a fracassar, por falta do apoio necessário. Durante muito tempo, aquela região foi conhecida pelo nome de "o País de Babel".

"Aquele primeiro fracasso provocou a dispersão imediata dessa raça. E a cultura "nodita" eclipsou-se por 80 000 anos. até que foi parcialmente recuperada por Adão e Eva...

De novo Adão e Eva. Nietihw e Sinuhe não podiam compreender quando, como e por quê se deu a aparição daqueles que a Bíblia chama "primeiros pais". Ou seria possível que as Sagradas Escrituras estivessem equivocadas também nesse assunto? Por que os arquivos de IURANCHA lhes concedia tanta importância?

— A partir daquela dispersão — continuou a voz — os "noditas" sucessores dos rebeldes se dividiram em quatro grandes povos:

"Os ocidentais ou sírios. Foram os sobreviventes do chamado grupo nacionalista: os partidários da primazia racial. Tomaram o caminho do norte, unindo-se com os andonitas e fundando as cidades do noroeste da Mesopotâmia. Contribuíram decisivamente para a aparição da raça assíria.

"Os orientais ou elamitas. Foram os partidários da cultura e

do comércio. Emigraram em direção ao leste, ao Elam, fundindo-se com as tribos "Sangik". Sua região daria nome ao "País de Nod".

' Os centrais ou pressumérios. Foi um pequeno contingente que se instalou nas desembocaduras dos rios Tigre e Eufrates, conservando a pureza e a integridade racial. Sobreviveu durante milênios. De sua fusão com os descendentes de Adão e Eva, surgiram os sumérios.

"Isso poderia explicar a vossos arqueólogos do século XX de IURANCHA porque esse povo sumeriano apareceu tão subitamente na Mesopotâmia. Na realidade, os investigadores do teu mundo, Sinuhe, ignoram que os sumérios têm sua origem 200 000 anos atrás, com os rebeldes do Estado-Maior de Caligastia...

"Essa cultura, sucessora da de Nod, carregava a semente de um progresso milenar, abortado pela rebelião de Lúcifer. Assim, realizaram a construção de templos, o trabalho em metais, a agricultura, a pastoreio, a olaria, o estudo da astronomia e de outras ciências matemáticas, das leis comerciais e civis, da escritura e dos cerimoniais religiosos. É certo que haviam perdido e olvidado o alfabeto aprendido em Dalamachia, mas souberam conservar a particular escritura de Dilmun. Embora virtualmente perdido para o mundo, o idioma sumeriano não era semítico. Tinha

numerosos elementos comuns com as línguas chamadas arianas.

"Em documentos deixados pelos sumérios descreve-se uma paragem situada no golfo Pérsico: Dilmun.

Os egípcios chamaram "Dilmat" a esse lugar. Posteriormente, os sucessores daqueles "noditas", que se haviam estabelecido entre o Tigre e o Eufrates confundiram a cidade com a legendária Dalamachia. Alguns arqueólogos encontraram velhas tabuinhas de argila, nas quais os sumérios falam de "um paraíso terrestre em que os deuses abençoaram pela primeira vez a humanidade com o exemplo de uma vida civilizada". Essas tabuinhas descrevem, na realidade, a cidade de Dilmun, sede de Nod. Hoje, porém, repousam esquecidas e empoeiradas nos museus do teu mundo...

"O quarto grupo, formaram-no os "noditas" do Norte, os chamados "vanitas". Surgiram antes do conflito de Bابلot. Eram os mais setentrionais e descendiam dos rebeldes que haviam deixado de obedecer a Nod para unir-se a Van e a Amadon. Muitos se instalaram às margens do lago que até hoje continua levando o nome de Van, ao sul da Armênia e ao norte do que foi a cidade de Nínive. O monte Ararat foi sua montanha sagrada. Para os descendentes dos "vanitas" representaria o mesmo que o Sinai para os hebreus. Há 10

anos, os sucessores daqueles primitivos "noditas" aliados de Van afirmavam que sua lei moral, formada por sete mandamentos, fora dada a Van, "o Inquebrantável", pelos deuses no cume do Ararat. E acreditavam com toda firmeza que Van e Amadon tinham sido transportados vivos do planeta quando oravam no cume. Por ser a montanha sagrada da Mesopotâmia do norte, não nos deve surpreender que tenha sido implicada em outras narrações judias posteriores sobre Noé e o dilúvio.

Sinuhe, fatigado, agradeceu que a voz do arquivo secreto de IURANCHA fizesse silêncio. Mas as surpresas continuariam...

A voz não esperou, e prosseguiu em seu relato, aliviando a tensão de Sinuhe. Seu espírito se achava demasiadamente agitado com aquelas revelações sobre os verdadeiros motivos da rebelião luciferiana e sobre o que, sem dúvida, podia qualificar-se como "primeiro grande conflito planetário". A "pluma de Thot" se referiu, então, a outra não menos fascinante e ignorada etapa da Terra: Adão e Eva.

— É fácil reconhecer em teu coração a dúvida que minha exposição anterior suscitou quando, em várias oportunidades, falei-te dos Adões e Evas — começou a

misteriosa voz dos arquivos de IURANCHA —. Tua mente se vem perguntando por que, ao referir-me aos que credes vossos primeiros pais, sempre o fiz no plural: "Adões e Evas". E sentiste estranheza, também, ao escutar a palavra "enviados" e não "nascidos", como é crença geral. . . Permitti que, antes de passar a contar a história de personagens tão relevantes, ponha-vos a par dos antecedentes de alguma coisa que ignorais e que se acha intimamente relacionada como o que foi o segundo privilégio concedido a IURANCHA.

"Em todos os mundos habitados e evolucionários dos universos, durante a etapa do governo do respectivo príncipe planetário, os humanos mortais alcançam quase sempre o aperfeiçoamento em seu desenvolvimento natural. Essa culminância biológica é o aviso para que o Soberano do sistema envie a esse mundo dois membros de segunda ordem: os chamados "ascensores biológicos". Trata-se de dois filhos materiais, denominados, em Satânia, Adão e Eva. Estes foram os nomes dos primeiros Filhos Materiais do sistema a que pertence IURANCHA. Desde então, todos os Filhos Materiais descendentes daquele primeiro Adão e daquela primeira Eva conservam os nomes de seus "pais".

"Os Filhos Materiais são o dom do Filho Criador aos mundos habitados e em evolução. Constituem sua prole. Nessa criação física não intervém o Espírito-Mãe do

Universo. Mas essa ordem material de filiação não é uniforme em todo o universo local. O Filho Criador gera apenas um par desses seres em cada um desses universos locais. E a natureza deles é adequada aos arquétipos de vida de cada sistema. É

indispensável. De outro modo, o potencial reprodutor dos Adões seria incompatível com o dos mortais evolucionários. A IURANCHA chegou também um desses casais de "ascensores biológicos", descendentes dos Filhos Materiais de Satânia.

"Em geral, cada Adão e Eva permanecem no planeta juntamente com o príncipe. Não correm grandes riscos, a não ser que, como sucedeu em vosso mundo, sua chegada coincida com uma "quarentena" e com ausência de príncipe planetário. Nesse caso extremo, sua missão se vê cercada de perigos.

"Como no resto dos mundos, o Adão e a Eva que chegaram à Terra tinham, eles também, uma missão básica: melhorar as raças autóctones do planeta.

"O talhe desses autênticos colossos oscila entre dois e meio e três metros. Seus corpos têm, entre outras, uma propriedade muito especial: irradiam luz. Às vezes violeta, às vezes azul. Quando rematerializados, à sua chegada ao

planeta eleito, seus corpos são inteiramente físicos e humanos, embora carregados de energia divina e saturados de luz celeste. Esses Filhos Materiais (os Adões) e as Filhas Materiais (as Evas) são iguais em todos os sentidos, com exceção de suas naturezas reprodutoras e de certos fatores químicos. São, por conseguinte, fêmea e varão, mas concebidos para cumprir sua missão de uma forma complementar.

"Enquanto permanecem fiéis aos seus objetivos cósmicos, os Filhos Materiais desfrutam de uma dupla via

"alimentícia". De um lado, consomem energia materializada, como os outros humanos mortais. Mas, além disso, a absorção direta e automática de certas energias cósmicas lhes proporciona a imortalidade. Se fracassam ou se rebelam, esta segunda via sustentadora se interrompe, e os Adões e Evas se vêem submetidos à mesma morte natural da dos mortais desse mundo.

"Posso afirmar-vos que esses seres, únicos e maravilhosamente úteis, são o elo que une os mundos físicos com o espiritual. Açam-se concentrados nas sedes dos sistemas e ali vivem e se reproduzem como cidadãos materiais do reino, até serem enviados

(sempre aos pares) para os mundos evolucionários. Durante

suas vidas nessas capitais sistêmicas, os Filhos Materiais não têm harmonizador de pensamento. Recebem-no depois de trasladados a um planeta.

"Contrariamente aos outros filhos criados que servem nos mundos evolucionários dos mortais, os Adões e Evas não são invisíveis para esses humanos. Podem misturar-se e, até, procriar com eles.

"Todo Adão e Eva originais e diretamente criados são imortais por natureza, tal como sucede com as restantes ordens dos universos locais. Essa imortalidade é transmitida aos filhos, sempre e enquanto vivam em suas respectivas capitais sistêmicas. Mas, quando os Filhos Materiais têm filhos depois de terem sido rematerializados em um mundo, sua prole não nasce imunizada contra a morte. Nesse processo de corporalidade, os "ascensores biológicos" experimentam uma mudança no mecanismo transmissor da vida. É

uma das normas impostas pelos Portadores de Vida, que não permitem aos Adões e Evas que possam engendrar filhos que não morram.

"Quando o Soberano do sistema recebe a notícia de que um planeta concreto está pronto, já, para receber os "ascensores biológicos", reúne o Corpo de Filhos Materiais

na capital sistêmica e revê as necessidades e características do mundo evolucionário em questão. Em seguida, seleciona-se um casal do grupo de voluntários: um Adão e uma Eva do contingente mais antigo...

— Eu me pergunto — interveio finalmente Sinuhe — como se realiza essa operação de traslado e materialização?

— O casal selecionado é mergulhado em sono profundo, preparatório para o que se denomina

"enserafinamento". Os Adões e Evas são entes semimateriais e, por conseguinte, não transportáveis por serafins. Hão de sofrer, necessariamente, prévia desmaterialização na capital do sistema, antes de partir para o seu objetivo. Essa preparação para o transporte requer uns três dias do tempo padrão e a colaboração de um Portador de Vida para estabelecer e configurar a rematerialização posterior, no termo da viagem.

"Essa técnica de desmaterialização não pode ser usada em sentido inverso: para devolver a dupla à capital do sistema, a menos que esse mundo se ache vazio. Em tais casos se monta uma estação de socorro, em que se utiliza a mesma técnica de desmaterialização para toda a população recuperável...

— Um momento! — interrompeu o "iuranchiano" —. Isso

quer dizer que as hierarquias celestes podem, em caso de emergência, retirar os humanos de um planeta?

— Assim é. Se uma catástrofe física chegasse a arruinar a residência planetária de uma humanidade em evolução, os Melchizedeks e os Portadores de Vida poderiam utilizar a técnica de desmaterialização para evacuar os sobreviventes. . . Esses humanos seriam então trasladados (por transporte seráfico) a um novo mundo, preparado já para a continuação de sua existência. Uma vez inaugurada, a evolução de uma raça humana deve prosseguir, independentemente da sobrevivência física do seu planeta.

— Nesse caso — tornou Sinuhe — se a Terra ou IURANCHA se visse envolvida em uma terceira guerra mundial, os sobreviventes seriam conduzidos a outro mundo?

A voz, ignorando a pergunta, continuou nos seguintes termos:

— Em meus arquivos está registrada a História do teu mundo; não o futuro. . . Como te informava, ao chegar a seu destino, Filho e Filha Materiais são rematerializados sob a direção de um Portador de Vida. O

processo necessita de dez a vinte e oito dias do tempo de IURANCHA. Durante esse período o Adão e a Eva

continuam mergulhados na inconsciência de um sono profundo. Ao despertar, suas estruturas físicas acham-se totalmente concluídas.

"Nos mundos habitados evolucionários, esses filhos materiais constroem seus lares no que se denomina

"Jardim do Éden". A localização é determinada previamente pelo príncipe planetário, cujo Estado-Maior colabora estreitamente com os primeiros trabalhos, e conta com a ajuda de numerosos humanos modificados.

"Como já sabes, o nome "Jardim do Éden" vem de Edência, a capital da constelação de Norladiadek, à que pertence IURANCHA. São jardins planejados e levantados de acordo com a grandeza botânica do mundo-capital dos Mui Altos Pais da constelação. Quase sempre se determina sua localização em lugar isolado e próximo aos trópicos desse planeta. São criações maravilhosas, destinadas a servir de segundo foco cultural desse mundo.

"A primeira e principal missão desses Adões e Evas é sempre a de multiplicar-se, dando origem à chamada raça azul ou violeta. No caso de IURANCHA e de outros mundos evolucionários, a segunda raça azul. . .

A voz fez uma pausa propositada. Os corações de Nietihw e Sinuhe haviam sofrido um sobressalto.

— A segunda raça azul! — exclamou o "iuranchiano" —. Então, você, Nietihw, é descendente de Adão e Eva! . . .

— Não te assombres, Sinuhe — prosseguiu a "pluma" — vós, humanos, não conheceis ainda o poder e a grandeza da Divindade. Como vos digo, o objetivo de todos esses casais "importados" é formar e forjar uma nova espécie humana, mais forte e preparada para o glorioso futuro que vos aguarda sempre. Mas, durante muitas gerações, Adão e Eva se limitam a engendrar sua própria prole, sem cruzar-se com o resto das raças autóctones.

"Em um planeta "normal" — e a voz deu ênfase especial à palavra "normal" — os planos para elevar o nível da espécie humana que habita esse mundo são sempre dispostos pelo príncipe e, posteriormente, executados por Adão e Eva. Mas, como veremos a seguir, em IURANCHA não foi assim.

"Cada par de Filhos Materiais chega sempre acompanhado por um séquito de anjos de quinta ordem, agregados à "missão adâmica". O grupo inicial é geralmente de uns cem mil. E uma vez terminada a residência (o Jardim do Éden) numerosos humanos nela se instalam, servindo assim como colaboradores e enlaces com as outras tribos do planeta em questão.

"Necessariamente, quando um Adão e uma Eva chegam a

um planeta evolucionário, já terão sido prévia e exaustivamente instruídos sobre as raças existentes nesse mundo e sobre a fórmula idônea para melhorá-

las. O plano não é obrigatoriamente uniforme, permitindo aos Filhos Materiais completa liberdade de atua-

ção, sempre de acordo com as normas sagradas que regem os universos.

"O normal é que os homens "azuis" ou "violetas" (procriados por Adão e Eva) não comecem a cruzar-se com os nativos do planeta até que o número deles — os "azuis" — não tenha ultrapassado o milhão de indivíduos. Esse momento se reveste sempre de especial e emocionante importância para os humanos mortais. É o príncipe planetário quem anuncia e proclama "que os filhos de Deus desceram para fundir-se com as raças humanas". E os mortais aguardam com impaciência o dia em que os exemplares mais destacados de todas as tribos e raças superiores sejam chamados ao Jardim do Éden para unir-se aos filhos e às filhas do Grande Par e iniciar, assim, uma nova ordem de criaturas humanas.

"A raça azul ou violeta (os "adamitas") é monogâmica. Cada humano que se une a esses filhos de Adão e Eva se compromete a não ter outro cônjuge e a educar seus filhos

na monogamia. Esses novos seres evolucionários passam pelas Escolas do Príncipe, onde são instruídos e formados. Em seguida se integram na estirpe de seus pais. Quando essa linha dos Filhos Materiais se une às raças evolutivas de um mundo, esse planeta entra em invejável era de progresso. Em geral, em cem mil anos se registra um avanço muito superior ao do milhão de anos precedente.

— Como são esses Jardins do Éden?

— Em quase todos os mundos habitados constituem centros vitais de cultura, funcionando eras inteiras como modelos sociais. Esses "jardins", sedes das raças "adâmicas", são o segundo foco cultural de cada planeta. O primeiro, como vos citei, é a cidade-modelo do príncipe. Mas ambos permanecem estreitamente unidos, regulando a marcha da civilização. As escolas do príncipe planetário se dedicam especialmente ao desenvolvimento da filosofia, da religião, da moral e dos trabalhos intelectuais e artísticos. As do Jardim do Éden consagram-se às artes práticas, à educação intelectual de base, à cultura social, ao desenvolvimento econômico, às relações comerciais, à aptidão física e ao governo civil.

"Finalmente, os dois centros acabam por fundir-se. Isso, porém, não ocorre antes da época do Filho Magistral.

"Os Filhos Materiais são, na realidade, o último elo (indispensável) que une Deus ao humano, vencendo assim o abismo quase infinito que se interpõe entre o Criador Eterno e as mais humildes das suas criaturas do tempo: vós. Por intermédio deles, os mortais de qualquer mundo podem conhecer e perceber o invisível príncipe planetário e ao seu Estado-Maior. Não olvideis que os Adões e Evas, embora fisicamente visíveis para os humanos, podem ver todas as ordens de seres espirituais, normalmente invisíveis para os autóctones.

"Com o passar dos séculos, esse Grande Par acaba por ser considerado como o verdadeiro antepassado comum de toda a humanidade. É quando adquire verdadeiro sentido essa frase bíblica que qualifica os vossos

"Adão e Eva" como "primeiros pais do homem".

"A intenção cósmica, através dos Filhos Materiais e do príncipe planetário, é a de que os humanos evolucionários, ao abandonar sua existência terrena, tenham adquirido experiência suficiente para saber reconhecer a sete "pais" ...

— Sete? — exclamou perplexo o "iuranchiano".

— É isso. Em primeiro lugar, o pai biológico ou carnal. Depois, o pai do reino ou Adão planetário. Em terceiro lugar, o chamado pai das esferas ou Soberano do sistema. Quarto:

o Mui Alto Pai da constelação.

Em quinto lugar, o Pai do Universo ou Filho Criador e Chefe Supremo do universo local...

— Micael ou Jesus de Nazaré! — interferiu Sinuhe.

— Perfeitamente. Em sexto lugar, aos "superpais" ou Anciãos dos Dias, que governam o superuniverso.

Por último, naturalmente, ao Pai Universal ou Pai de Havona. Isto é, o Pai Universal (aquele que identificais com o Grande Deus), que mora no Paraíso e que se derrama em cada uma das mais humildes criaturas que vivem no Universo dos Universos.

"Prodigioso, simplesmente prodigioso" — monologou o membro da Loja — "se realmente fosse verdade..."

De novo, como em ocasiões anteriores, sem saber por quê, as dúvidas tinham-lhe escalado a mente. E se tudo aquilo não passasse de fruto de sua imaginação ou mais uma armadilha das forças do Mal?

"A verdade é que tudo resulta tão lógico, original e belo" — replicou para si mesmo — "que valia a pena que fosse realidade. .. No momento, só posso escutar e deixar que o coração faça o resto..."

— ... Mas esse ambicioso plano dos Filhos Materiais — concluiu a voz — ver-se-ia truncado em IURANCHA. Uma vez mais, o fracasso adejava sobre o teu mundo atormentado...

— A chegada de Adão e Eva à Terra aconteceu faz agora uns 37 000 anos.

Sinuhe e a companheira compreenderam que a voz dos arquivos se dispunha a relatar aquela outra versão da estadia em IURANCHA dos, talvez, mal chamados "primeiros pais" da humanidade. Apoderou-se deles, então, uma grande excitação.

— Foi num meio-dia — continuou a "pluma de Thot" — e sem anúncio algum, que dois comboios seráficos, acompanhados do pessoal de Jerusem encarregado do transporte dos "ascensores biológicos", aterrissaram lentamente na superfície do vosso planetas, nas proximidades do templo do Pai Universal.

"Todo o trabalho de rematerialização dos corpos de Adão e Eva foi realizado no interior do mausoléu recentemente construído. Em dez dias estavam preparadas para serem apresentados ao mundo como os novos chefes. Era o começo da nova concessão.

“Os filhos materiais destinados a IURANCHA, como vos

disse, conheciam perfeitamente a situação que atravessava o mundo evolucionário. Tinham permanecido fiéis a Micael. A rebelião, entretanto, havia arrastado para as fileiras de Lúcifer 681 204 adões planetários.

“Sabiam das terríveis lutas que haviam assolado o planeta e que deveriam submeter-se, também, à autoridade do Conselho de Melchizedeks que regia IURANCHIA desde que o príncipe Caligastia fora deposto do seu cargo. Van e Amadon, sabedores da chegada iminente desses Filhos Materiais, tinham preparado, anos a fio, o lugar onde se levantaria o Jardim do Éden.

“Um dos problemas que Van e seu associado enfrentaram foi justamente este: a escolha da paragem do Éden. ..

— Qual foi o lugar?— perguntou impaciente Sinuhe.

—Depois de várias expedições, o ponto escolhido foi uma península mediterrânea, que desfrutava de clima saudável e de temperatura regular.

O “iuranchiano” inquieto, insistiu:

— Uma península do Mediterrâneo? Qual?

— Tratava-se de uma península (quase uma ilha) que partia das costas do país que conheceis como Líbano...

— Oh!... Sempre acreditei que o Paraíso se achasse na Mesopotâmia

— Chovia copiosamente — prosseguiu a voz — nas terras altas que rodeavam a parte central dessa quase ilha e, durante a noite, uma névoa refrescava a vegetação do jardim. As ourelas dessa península eram muito altas e o istmo que a unia ao continente mal alcançava quarenta quilômetros em sua zona mais estreita. Um grande rio descia dos cumes elevados, regando o jardim, e corria para o oriente, enveredando pelas terras baixas da mesopotâmia até chegar ao mar. Esse rio era alimentado por quatro afluentes que nasciam nas colinas costeiras da península edênica. Eram as quatro cabeças fluviais que saíam do Éden, tal como registra vosso livro chamado *Gênese*. . .

Efetivamente, Sinuhe recordou-se de que em seu segundo capítulo, versículos 10 a 14, diz este texto bíblico:

“Plantou logo Yaveh Elohim um jardim no Éden, ao Oriente, e ali pôs o homem que ele formara. Fez Yaveh Elohim brotar nele, da terra, toda espécie de árvores formosas para a vista e saborosas para o paladar.

e no meio do jardim a Árvore da Vida e a Árvore da Ciência do Bem e do Mal. Do Éden saía um rio que regava o jardim e dali se repartia em quatro braços. O primeiro se chamava

Fison, e é ele que rodeia toda a terra de Evilat, onde abunda o ouro, um ouro muito fino, e ainda bdélio e ágata; e o segundo se chama Geon, e é o que rodeia toda a terra de Cush; o terceiro se chama Tigre, e corre ao oriente da Assíria; o quarto rio é o Eufrates..."

— Incrível! — comentou Sinuhe.

— Um dos primeiros trabalhos foi a construção de uma muralha de tijolos, que isolasse essa península, em sua parte mais estreita, do resto do continente. E o Jardim do Éden, quase um jardim zoológico, foi construído a partir desse muro principal. Os grupos humanos que prepararam o Éden não sabiam qual seria o prazo para a chegada dos Filhos Materiais. Van, de certo modo, depois de muitos anos de trabalho, decepcionou-os ao anunciar-lhes que seria necessário preparar as novas gerações para que prosseguissem na edificação do jardim, na previsão de que a ansiada vinda de Adão e Eva pudesse atrasar-se.

"Foi no centro dessa península que se levantou o templo ao Pai Universal. Em seu interior, Van plantou a Árvore da Vida, tão ciosamente guardada pelo "Inquebrantável" durante aqueles 150 000 anos ou mais que mediaram entre o começo da rebelião e o surgimento de Adão e Eva. Esses Filhos Materiais precisavam do arbusto de Edência para perpetuar sua imortalidade, uma vez rematerializados. Em Jerusem,

como te informei, os Adões e Evas não precisavam da ajuda da Árvore da Vida. . . Mas em IURANCHA, e em outros mundos evolucionários, é fundamental para manter sua imortalidade. . .

— Um instante — terçou Sinuhe —. No *Gênese* se fala de duas árvores: a da Vida e a da ciência do Bem e do Mal...

— Só houve uma árvore — esclareceu a "pluma" —. A segunda, como outras muitas passagens bíblicas, é pura retórica. . . que encobre um sem-fim de experiências humanas mal resolvidas. A da Vida, pelo contrário, não é um mito. É uma árvore (uma superplanta) que armazena certas energias do espaço, que constitui antídoto contra os elementos e fatores que provocam a senectude. Seus frutos atuam, em certa medida, como uma bateria de acumuladores superquímicos, liberando a força prolongadora de vida no universo, Essa forma de sustentação era absolutamente inassimilável pelos humanos evolucionários do teu planeta. Só os cem membros corporais do Estado-Maior de Caligastia e seus cem humanos associados e modificados, tal como já te foi explicado, podiam beneficiar-se das propriedades de imortalidade da Árvore da Vida.

Nietihw e Sinuhe adivinharam, nesse momento, o porquê daquela tentação bíblica: "... e se comêsseis desse fruto serieis como deuses."

— Depois da chegada de Adão e Eva a IURANCHA — retomou a voz — a notícia se espalhou, e milhares de humanos se dirigiram para a península edênica, aceitando as doutrinas de Van e Amadon.

Quando despertaram, Adão e Eva receberam a responsabilidade, por parte do decano dos Melchizedeks, pela vigilância e cuidado do planeta. E ante ele prestaram juramento de fidelidade. A seguir foram proclamados soberanos de IURANCHA por Van que, a partir desse momento, declinou da autoridade nominal que ostentara durante mais de 150 000 anos, à espera da decisão final do Conselho dos Melchizedeks.

"Em seus primeiros quatro dias, os Filhos Materiais tomaram conhecimento do mundo. Inspeccionaram o jardim. Contemplaram as vastas extensões daquelas terras. Celebraram sua chegada com todos os habitantes do Éden e, pela primeira vez, fizeram ver que as mulheres eram necessárias no controle do planeta. Em seu quinto dia organizaram um governo provisório de administração, que devia funcionar até o momento em que os Melchizedeks abandonassem IURANCHA.

"O sexto dia, destinaram-no a inspecionar todos os tipos de homens e seres vivos. E o sétimo, em certa medida, consagraram-no ao descanso, depois de haver tomado

conhecimento da realidade do mundo que lhes fora encomendado. Foi no curso desse sétimo dia que sobreveio a primeira comoção que os pôs em estado de alerta. A luminosidade azul-violeta que irradiavam e a majestade dos corpos e as suas maneiras provocaram nos humanos que habitavam o jardim certo sentimento de adoração. O casal se dirigiu então às multidões reunidas. E, mostrando-lhes o templo de pedra do Pai Universal, disseram-lhes: "Dirigi-vos ao símbolo material da presença invisível do Pai e inclinai-vos, adorando Aquele que nos criou. Que esse ato seja a promessa sincera de que não caireis na tentação de cultuar a outro que não seja Deus."

— Quinto, sexto e sétimo dias — meditou Sinuhe, sem poder afastar da mente uma idéia inquietante —.

Isso tem algo que ver com a famosa criação bíblica dos seis dias?

— O relato da Criação, no por vós chamado Antigo Testamento, data de muito tempo depois da época de Moisés, o chefe judeu, que jamais ensinou ao seu povo uma história tão deformada como a que lhes chegou.

Na verdade, ele apresentara aos israelitas um relatório simples e condensado da Criação, com o propósito de aumentar a reverência devida ao Pai Universal: o Senhor

Deus de Israel, tal como Moisés o chamou. Em suas primeiras ensinanças, Moisés evitou, sabiamente, remontar-se à época de Adão e Eva. Como instrutor dos hebreus, aquelas histórias dos Filhos Materiais foram intimamente associadas às da Criação. Hoje, em IURANCHA, a ciência reconhece a existência de uma civilização pré-adâmica que não se encaixa, evidentemente, com o exposto no *Gênese*, e em que (a causa dessas múltiplas distorções da realidade) Adão e Eva aparecem como os "primeiros humanos da Terra". Os editores posteriores do *Gênese*, no seu afã de eliminar dos textos bíblicos qualquer alusão aos assuntos humanos anteriores a Adão, cometeram, todavia, um erro que confirma a existência de tal manipulação...

— Um erro? A Bíblia (dizem) é um livro inspirado por Deus... .

— A vontade dos humanos — replicou a voz — não tem por quê coincidir sempre com a vontade divina... E uma prova de que nem toda a Escritura Sagrada é obra de inspiração divina, está justamente no que vou recordar-te. No capítulo quarto do *Gênese*, quando, segundo esse texto, Caim mata seu irmão Abel, dizem: "... e Caim, afastando-se da presença de Deus, habitou a terra de Nod, ao oriente do Éden".

— Nod! Um dos rebeldes do primitivo Estado-Maior do príncipe Caligastia!

— Com efeito, Sinuhe — prosseguiu a "pluma de Thot" —. Essa referência demonstra que os editores dos Antigos Livros Sagrados conheciam muito mais coisas do que inscreveram na Bíblia.

"Quando os sacerdotes judeus regressaram a Jerusalém, acabavam de escrever seu relatório particular do começo do mundo e fizeram crer ao povo hebreu que aquela narração procedia diretamente de Moisés. Mas, segundo consta destes arquivos de IURANCHA, esses documentos, em sua maioria, têm apenas um valor apócrifo. Com o tempo, esses relatos sobre a Criação passaram ao Baixo Egito, onde um rei grego, conhecido na História recente de IURANCHA com Ptolomeu, fê-los traduzir em sua língua natal, o grego, por uma comissão de setenta eruditos. Esses documentos judeus passariam assim a engrossar a biblioteca real, em Alexandria.

"Não vos deveis esquecer que todos os comentários posteriores sobre essa parte da Bíblia fundamentam-se na citada tradução dos Setenta, ou dela se originam. Aí começou novo calvário. O próprio Agostinho (a quem a Igreja chamada Católica considera santo) teve enormes dificuldades ao verificar que, sob muitos aspectos, a tradução dirigida por Ptolomeu não coincidia com as versões judias. Depois, com o passar dos tempos, os instrutores cristãos perpetuaram a crença de que a raça humana fora

criada num ato soberano.

Tudo isso conduziu os humanos à hipótese de que existiu uma Idade de Ouro, uma felicidade utópica, nascida e cultivada no Jardim do Éden. Da mesma maneira, esses instrutores de IURANCHA fizeram crer às pessoas simples que a culpa de Adão e Eva teria sido a causa da queda moral da humanidade...

— De certo modo — opinou Sinuhe — assim foi...

— Não — retrucou vivamente a voz —. Nos arquivos de IURANCHA se recolhe uma crença generalizada entre os humanos, nascida exatamente dessa errônea narração bíblica: ao interpretar a queda dos Filhos Materiais como uma regressão ou retrocesso, a imagem da Divindade ficou para os mortais associada à vingança. A partir de então, Deus aparece como um ser colérico, que se enfurece com a raça humana como castigo pelos erros de determinados administradores do planeta.

"Uma vez mais, os humanos evolucionários do teu mundo confundiram os termos, os fatos e, até, muitos dos que protagonizaram aquelas etapas.

— Dizes que Deus não é um ser colérico — manifestou Sinuhe —. Sem dúvida estás certo. Mas como interpretar essas injustificáveis matanças que encobriu, dirigiu e

protagonizou o próprio Yaveh?

— Os humanos evolucionários, ao longo de toda a sua História, têm identificado muitas das criaturas celestes a serviço da Divindade ou de Lúcifer com o próprio Pai Universal...

A resposta não deixou o "soror" muito satisfeito.

— ... A Idade de Ouro a que aludem os instrutores humanos é um mito — continuou a "pluma de Thot"

—>, O Éden, não obstante, foi uma realidade física. E o foi também a civilização que o ocupou durante 117

anos. Sua ruína deveu-se, como compreenderás em seguida, não à cólera ou à vingança da Divindade, mas ao equívoco de Adão e Eva. Recorda que uma das normas cósmicas, que devia ser respeitada acima de tudo, estabelecia e estabelece que os Filhos Materiais não se podem cruzar diretamente com as raças autóctones dos mundos em evolução. O Grande Par devia procriar filhos próprios, com a finalidade de que, lentamente, essa segunda geração se fosse misturando com os humanos, elevando assim o nível biológico da humanidade.

Adivinhando que a voz se preparava para relatar-lhes a verdade sobre a enigmática culpa de Adão e Eva, Sinuhe —

atento e sempre obcecado pelos pequenos detalhes — rogou-lhe que, antes de prosseguir com a história, lhe proporcionasse novos dados sobre um fato que o havia fascinado: aquela luminosidade azul-violácea que irradiavam os corpos dos gigantescos "ascensores biológicos".

— Foi um dos contratempos que tiveram de superar imediatamente, para anular ou reduzir a natural tendência dos humanos a considerá-los como deuses. As roupagens ajudaram a resolver o problema. Durante a noite, principalmente, a luz se destacava demais, e as vestimentas ajudavam a dissimular a radiação. À

volta de suas cabeças, porém, continuavam vivos os halos magníficos. A partir de então, propagou-se pelo mundo a crença de que as pessoas santas dispõem ou desfrutam dessa mesma auréola luminosa em torno de suas cabeças. Em muitas das pinturas da antigüidade próxima de IURANCHA é possível descobrir imagens de seres que trazem halos semelhantes e que não são outra coisa que representações "adâmicas".

"Aqueles Filhos Materiais, chegados ao teu planeta, gozavam igualmente de outra particularidade quase inexistente em IURANCHA: a capacidade de transmissão mental de imagens.. .

— A telepatia?

— Assim é definida hoje pelos "iuranchianos". Adão e Eva podiam comunicar-se entre si e inclusive com sua prole, a distâncias de oitenta quilômetros. Esse intercâmbio de idéias se produzia graças à vibração de delicados alvéolos de gás, alojados em suas estruturas cervicais. Esse poder lhes foi retirado quando se afastaram do plano cósmico previsto para IURANCHA.

— Por que o fizeram? — adiantou-se Sinuhe. — Que terá ocorrido, realmente? É correta a versão bíblica da serpente?...

— A verdade — voltou a voz do arquivo — é mais dramática. .. e bela, ao mesmo tempo, que a que vos foi transmitida.

Nietihw e Sinuhe ficaram surpresos. Mais "dramática e ao mesmo tempo bela"? Como era possível?

— Vossos próprios teólogos e exegetas — prosseguiu a "plu-ma" — reconheceram finalmente que a história do engano de Eva por uma serpente é apenas um símbolo. E aí têm razão.

"Adão e Eva ensinaram aos humanos tudo aquilo que eles poderiam assimilar e que, comparativamente não foi muito.

Entretanto, os mortais das raças mais nobres esperavam ansiosos o momento, já anunciado, em que se lhes permitiria unir-se aos filhos do Grande Pai.

Como vos foi dito, os Filhos Materiais enviados a IURANCHA mantiveram-se no Jardim do Éden durante 117 anos. Mas, bruscamente, em conseqüência da impaciência de Eva e dos erros de julgamento do companheiro, afastaram-se do caminho traçado. Isso representou uma catástrofe para si mesmos, atrasando de forma desastrosa o desenvolvimento progressivo do vosso planeta. "O erro de Adão e Eva obedeceu realmente a hábil e paciente complô tramado por Caligastia, que fez cair (de boa fé) Eva. Eis como se passaram os fatos:

"O plano de evolução biológica, da forma como estava planejado, era lento. Caligastia sugeriu a um grande chefe de uma tribo "nodita" a idéia de que, visto tratar-se de um dos povos mais inteligentes de IURANCHA, se se lograsse a união sexual direta de qualquer dos indivíduos "noditas" com Adão ou com Eva, o processo de desenvolvimento biológico da humanidade se aceleraria.

"Esses planos foram expostos a Eva secretamente. Adão ficou alheio ao complô. Pelo espaço de cinco anos a Filha Material discutiu, considerou e refletiu sobre a possibilidade de cruzamento com um dos mais destacados exemplares

humanos descendentes de Nod. Finalmente, Eva, convencida da vantagem do plano, consentiu encontrar-se em segredo com Cano, um chefe e brilhante pensador da vizinha colônia de

"nodistas" simpatizantes. A reunião se deu ao entardecer de certo dia de outono, não muito longe da mansão do Grande Par.

"Eva jamais tinha visto o formoso e arrebatado Cano, magnífico espécime da estrutura física superior, dotado de aguda inteligência.

"Cano, assim como Eva, cria também na retidão do projeto. De fato, fora do jardim, a poligamia se praticava normalmente. E, influenciada pela personalidade forte do "nodita", a Filha Material consentiu finalmente no ato sexual.

"Dera-se o passo fatal.

"Adão, por sua vez, não tardaria em descobrir que algo ia mal. Foi sua parceira quem o pôs logo a par dos antecedentes do plano tão longamente amadurecido. Anteriormente, cada vez que se acercavam da Árvore da Vida, o arcanjo guardião os advertia da necessidade imperiosa de resistirem às sugestivas provocações do príncipe planetário, ainda presente em IURANCHA, que os

aconselhava a conciliar os conceitos do Bem e do Mal. Aquele serafim, chefe dos ajudantes planetários (chamado Solônia), lhes havia anunciado: "No dia em que mescleis o Bem com o Mal parecer-vos-eis aos mortais do reino. E certamente morrereis."

— Solônia! — murmurou Sinuhe, recordando seu encontro com o estranho ente do sol "negro".

Certamente, examinando esses fatos, as passagens bíblicas do *Gênese* relativas à tentação de Eva só podiam ser consideradas como uma parábola... bem infeliz, por sinal.

— Foi Solônia quem se dirigiu a Adão e Eva quando ambos parlamentavam no jardim sobre o passo irreparável dado pela supermulher. Eva pusera Cano a par de todas aquelas advertências do anjo guardião da Árvore da Vida. Mas o "nodita", de boa fé, fizera por persuadir a Filha Material de que nenhum homem ou mulher que atuasse com lisura podia sofrer dano algum e, muito menos, morrer por isso. É preciso levar em conta que o chefe "nodita" não conhecia o sentido das palavras de Solônia.

"Quando Eva se convenceu de que falhara, seu naufrágio moral foi patético. ..

Sinuhe, intérprete dos sentimentos de Nietihw, perguntou:

— E qual a atitude de Adão?

— O Filho Material soube medir, desde o primeiro instante, a dimensão da tragédia pessoal da companheira. E, apesar do seu abatimento e do coração machucado, só manifestou piedade e simpatia pela amiga enganada. Não deveis olvidar que Adão e Eva se amavam intensa e profundamente...

"Solônia, como eu vos dizia, anunciou-lhes o erro e a quebra do juramento prestado ao Conselho dos Melchizedeks. A partir dessa solene declaração do anjo guardião, o Grande Par teve total e definitiva consciência de que tinha fracassado.

— Solônia... — murmurou Sinuhe —. Uma vez mais, pelo que vejo, a Bíblia confunde a voz de um ser celeste com a de Yaveh...

— Assim é. O relato bíblico desse sucesso identifica, como em tantas outras vezes, os associados e subordinados do Pai Universal com Ele próprio. Seria o mesmo Solônia quem proclamaria o fracasso do plano cósmico para IURANCHIA, pedindo o regresso dos síndicos Melchizedeks.

— Há alguma coisa que não consigo compreender — acresceu o "iuranchiano" —. Por que Caligastia desejou a interrupção ou o fracasso da evolução de uma humanidade que, em certo sentido, havia-se posto ao seu lado, por

ocasião da insurreição de Lúcifer?

— Só lendo no coração do príncipe se poderia adivinhar a verdade. Adão e Eva tinham repudiado o *Manifesto da Liberdade*. Dessa forma, arruinando-lhes a missão, a vingança de Caligastia se viu consumada e satisfeita. Tal como podeis supor, nesse caso, como em outras oportunidades, a humanidade desempenhou unicamente o papel de simples e inconsciente "veículo" ou "meio" para satisfazer os propósitos das forças do Mal. Eis porque não é possível culpar os humanos pelo que foi um erro pessoal de Adão e Eva.

— Então o chamado "pecado original" ... — disse Sinuhe.

— Antes de passar a expor tudo quanto foi registrado nos arquivos de IURANCHA sobre tal assunto, permite que eu pondere sobre os sucessos que se seguiram à queda do Grande Par. Só assim estareis em condições de avaliar essa parte da Verdade na medida justa.

"Na manhã seguinte ao grave erro de Eva, Adão, desesperado pelo fracasso da missão, saiu à busca de Laota, uma brilhante mulher "nodita" que dirigia as escolas ocidentais do jardim. E, premeditadamente, cometeu com ela a mesma loucura que a da companheira: uma procriação direta.

"Deveis considerar que, ao contrário de Eva, Adão não foi seduzido. Sabia exatamente o que fazia, e escolheu, deliberada-mente, compartilhar o destino da amada. A idéia da solidão em IURANCHA sem Eva era superior às suas forças.

"Sessenta dias depois do erro da Filha Material, o par teve a confirmação do seu fracasso: os Melchizedeks regressaram ao planeta, assumindo o governo dos assuntos do mundo.

"Adão pediu conselho aos Melchizedeks. Mas eles recusaram-se a dar-lhe qualquer explicação ou conselho. A partir desse momento, os Filhos Materiais tomaram a decisão de abandonar o Éden, com todos os seus filhos e partidários, em busca de novo lar.

"E 117 anos depois de sua chegada a IURANCHA, longa caravana edênica partiu então da península. Ao terceiro dia de marcha, foi detida pelos transportes seráficos que chegavam procedentes de Jerusem. Pela primeira vez, Adão e Eva foram informados sobre o destino reservado a seus filhos primários.

"Enquanto os transportadores se preparavam, os filhos diretos que já tinham atingido a idade de escolha e de critério pessoal (vinte anos) receberam a opção de permanecer junto aos pais ou de ser trasladados, como

alunos dos Mui Altos da Constelação, para a sua capital: Edência.

"Dois terços preferiram o regresso à sede de Norladiadek. O resto ficou com Adão e Eva. Quanto aos menores de vinte anos, foram levados para Edência.

"Os Filhos Materiais foram informados, igualmente, de que tinham sido rebaixados (por si mesmos) ao estatuto de simples mortais. A partir daí, portanto, só poderiam conduzir-se como um homem e uma mulher a mais de IURANCHA.

Não obstante, apesar desse fracasso, a posterior contribuição dos homens e mulheres da raça "azul-violácea" às raças autóctones da Terra foi assaz considerável, porque melhorou sensivelmente o nível biológico da humanidade. Não houve, por conseguinte (e respondo assim à tua pergunta sobre o chamado

"pecado original") uma queda dos humanos evolucionários do planeta. Repito: não houve tal falta por parte dos mortais. A História de IURANCHA e de suas raças é uma evolução progressiva e a efusão "adâmica"

deixou muito melhorados os povos do mundo em relação ao seu anterior nível biológico.

"As linhagens superiores do teu mundo têm, agora, os fatores hereditários derivados de quatro origens diferenciadas: "andonitas", "Sangiks", "noditas" e "adâmicas".

"Adão não pode ser considerado como uma fonte de maldições para a raça humana. É verdade que transgrediu seu pacto com a Divindade, mas, apesar disso, sua contribuição ao desenvolvimento de IURANCHA foi destacada. Todos os seres fazem parte de um universo gigantesco; não pode parecer estranho que, às vezes, os passos para a Perfeição resultem imperfeitos.

"Os universos não foram criados perfeitos. A Perfeição é o fim e não a origem. Se o Universo fosse mecânico, se a Grande Causa Centro Primeira ou Grande Deus, como vós costumais chamá-la, não fosse mais que uma força carente de Personalidade, se toda a Criação fosse um mero agregado de matéria física, dominado por leis precisas e caracterizadas por ações energéticas e variáveis, então, a Perfeição poderia prevalecer. Até sem que o estatuto do Universo estivesse consumado. Mas nós vivemos em um Universo de Perfeição e de Imperfeição relativas. E nos alegramos com desacordos e mal-entendidos existentes, pois isso, justamente, é a prova da existência da Personalidade. Se nossos universos constituem uma existência dominada pela Personalidade, então podemos estar seguros de que a sobrevivência, o

progresso e a realização da Personalidade são possíveis.

"É esse Universo pessoal e progressivo o verdadeiramente glorioso. Não o mecânico..."

— Que foi feito de Adão e Eva?

— Houve um segundo Jardim do Éden fundado pelos Filhos Materiais, depois de sua peregrinação para a Mesopotâmia. Entretanto nasceu Caim, o filho de Eva com Cano. E também foi dado à luz Abel, o filho autóctone do casal. A partir daí, surgiria uma série de confrontos entre duas atitudes encabeçadas e representadas pelos dois míticos filhos de Adão e Eva: Caim, o bastardo, e Abel, primeiro filho propriamente

"humano".

— É verdade a maldição divina sobre o parto com dor? — perguntou Sinuhe ao escutar as alusões aos novos nascimentos.

— Não. Aquela nova raça (a azul-violácea ou "adâmica") tinha os olhos claros e a pele era mais para o branco. Os cabelos eram louros, ruivos ou castanhos. Eva continuou dando à luz numerosos filhos. Sempre sem dor. Só as mulheres das raças mistas,

nascidas da união de povos evolucionários com os "noditas" e, posteriormente, com os "adâmicos"

começaram a experimentar violentas dores ao nascimento de seus filhos. Apesar da falta e de não mais comer do fruto da Árvore da Vida, Adão e Eva possuíam características fisiológicas diferentes das dos seus descendentes. Ao mesmo tempo em que tomavam os alimentos normais, obtinham da luz e de outras formas de energias hiperfísicas forças desconhecidas aos mortais de IURANCHA. Mas seus descendentes não herdaram o dom.

"Embora tivesse perdido a imortalidade, o casal, graças a essa especialíssima constituição física, pôde desfrutar de uma vida bem longa, muito superior à do resto dos humanos. Seus filhos, em primeiro grau, também se sobressaíram pela considerável longevidade. Porém, pouco a pouco, mercê do cruzamento com outros povos evolucionários, esse potencial se foi também minando, até desaparecer.

"Já estabelecido no segundo jardim, junto às águas do Eufrates, Adão fez planos para deixar depois de si o máximo possível de seu plasma vital e melhorar, assim, o nível biológico das raças existentes então.

"Eva se pôs à cabeça de uma comissão de doze pessoas para o melhoramento da raça. Antes da morte de Adão, essa

comissão havia escolhido 1 600 mulheres do tipo mais evoluído de IURANCHA, que foram fecundadas com o plasma vital adâmico. Quase todos os filhos resultantes dessas procriações alcançaram a idade adulta e o mundo se beneficiou, com isso, de uma contribuição suplementar que veio melhorar a estirpe humana. Essas candidatas à maternidade foram previamente selecionadas entre as tribos vizinhas do segundo jardim e que representavam a quase totalidade das raças do planeta. A maior parte dessas mulheres superiores era de origem "nodita".

— Quando morreu o Grande Par?

— Adão, à idade de 530 anos terrestres. Eva, aos 511. Ambos faleceram do que hoje se denomina velhice. Foram enterrados no centro do templo do serviço divino, construído por eles mesmos. Daí vem o costume, em IURANCHA, de sepultar os humanos notáveis nas cercanias dos lugares de culto. Esse foi o fim da história dos Filhos Materiais (Adão e Eva) chegados certo dia, faz agora 37 000 anos, ao teu mundo.

— Uma história — sentenciou Sinuhe — repleta de fracassos, de êxitos... e de amor. Uma história, a meu ver, mais lógica e formosa que a que nos fizeram conhecer.

Na mente do "iuranchiano" ficava um sem-fim de

interrogações.

Se Adão e Eva, apesar do fracasso pessoal, conseguiram impulsionar o nível biológico da Humanidade e sua cultura, por que não teria IURANCHA respondido a esse impulso?

— Dizes bem — reatou a voz —. Aqueles Filhos Materiais deixaram um verdadeiro legado. Mas, ao desaparecerem eles, os humanos evolucionários não souberam conservar aquilo que, sem dúvida, era uma civilização excessiva para um mundo órfão e desprovido dos governantes planetários necessários. Teria sido tudo diferente se Adão e Eva não tivessem falhado. . .

"Não olvideis que são os povos que criam uma civilização e não esta que cria os povos.

— Há algo mais que desejo perguntar — virou Sinuhe — em relação a Adão e Eva: que aconteceu com a Árvore da Vida e com o primeiro Jardim do Éden?

— O erro de Eva e do companheiro trouxe consigo outra cadeia de desastres. Quando os humanos que habitavam o jardim receberam a notícia da transgressão dos planos cósmicos, entraram numa fase de fúria incontrolável. Responsabilizaram os "noditas" instalados para além das muralhas da península edênica do que, para eles, constituía uma grande desgraça. Arrasaram a colônia. Nem um só dos

seus habitantes foi perdoado. Homens, mulheres e crianças foram executados. Até mesmo Cano, o que seria pai de Caim, foi igualmente sacrificado.

"Os desastres não se acabaram com a matança. A notícia do massacre dos "noditas" chegou finalmente a outras tribos que se assentavam mais ao norte. E um grande exército "nodita" se pôs em marcha em direção à península, iniciando-se assim uma longa história de guerras, morte e desolação entre "adâmicos" e "noditas".

"E houve, como diz vosso *Gênese*, "inimizade intensa entre o homem e a mulher". Entre a semente de um e a de outra.

"Quando Adão soube que aquele poderoso exército de "noditas" se dirigia para o Jardim do Éden, teve de tomar, solitário, sua decisão. Não recebeu conselho algum. Depois da partida do casal, rumo à Mesopotâmia, a península foi finalmente conquistada pelos "noditas".

"Esse povo conhecia e ouvira falar da Árvore da Vida e cria que seus frutos poderiam torná-los imortais.

Ao penetrar no jardim, encontraram a árvore que, para grande surpresa deles, não era vigiada. Durante anos, comeram abundantemente dos seus frutos. Mas bem depressa compreenderam que não faziam efeito algum em seus corpos. Os "noditas" eram e continuaram sendo

mortais. Enfurecidos, por ocasião de uma de suas lutas intestinas, queimaram templo e. Árvore.

"Cerca de 4 000 anos depois desses acontecimentos, o fundo oriental do mar Mediterrâneo submergiu, arrastando sob suas águas a totalidade da península edênica. Intensa atividade vulcânica cortou simultaneamente o istmo que unia então a Sicília com o continente africano. E a costa oriental do Mediterrâneo acabou por elevar-se.

"Esse foi o fim da mais bela criação natural do teu mundo..

Embora ignorasse se Belzebu chegaria a cumprir sua promessa de deixá-los ir-se da Torre de Amon, Sinuhe, ao ouvir aquela? últimas revelações, forjou em seu pensamento um firme propósito. .. para o caso de poder voltar ao "seu" mundo: procurar nas costas do Líbano pelos restos da península submersa, onde esteve o Jardim do Éden. . .

— Vós, agora — lembrou a voz aos "iuranchianos" — vos encontrais ante outra dessas belas criações surgidas em tempos adâmicos.

— Nós? — exclamou Sinuhe, sem compreender.

— Embora tenham optado pelo *Manifesto da Liberdade* — explicou a "pluma" —, as criaturas que vos cercam procedem justamente de um dos filhos de Adão e de Eva e

foram chamados "medianos secundários".

Nietihw, perplexa, passou o olhar por Belzebu e seus três "irmãos". Mas nem um deles pronunciou palavra.

— Os "medianos"! — balbuciou Sinuhe. — Como aconteceu?

— A maioria dos mundos habitados de Nebadon alberga um ou vários grupos de seres excepcionais, cujo nível de funcionamento encontra-se a meio caminho entre as naturezas espirituais e as físicas ou mortais. Daí sua denominação de "medianos" ou "medianes". São, na realidade, o que poderíamos qualificar como um

"acidente do tempo". Não obstante, geralmente seus serviços foram e são de inestimável valor. Em teu mundo, Sinuhe, em IURANCHA, operam hoje dois tipos de "medianos": os primários, procedentes, como sabes, do Estado-Maior corporal do príncipe Caligastia, e os secundários, nascidos (se é que se me permite a expressão) da descendência de Adão e Eva.

"Em IURANCHA, depois da aparição dos primeiros cinqüenta "medianos" primários, Caligastia ordenou que eles fossem observados pelo espaço de um ano. Terminado o prazo, depois de comprovar que poderiam prestar insuperáveis serviços como "enlaces" entre o Estado-Maior

e os humanos evolucionários, decretou-se uma reprodução em massa dessas criaturas, até alcançar a já conhecida cifra de 50 000.

"Depois da procriação psíquica de cada contingente de "medianos" primários, registrava-se um período estéril de seis meses. Quando os cinqüenta pares do Estado-Maior tinham logrado criar um total de mil

"medianos", as experiências cessaram. E não foi possível a procriação de novas criaturas intermediárias. Nos arquivos de IURANCHA jamais foi registrada a causa da repentina interrupção. Apesar dos esforços dos

"cem de Caligastia", todos os experimentos levados a efeito para recomençar a procriação de "medianos"

foram infrutíferos.

"Esses seres, além de servirem de elo, foram enviados pelo príncipe a todo o planeta, e efetuaram valioso estudo das raças humanas. Com o advento da rebelião, 40 119 dos 50 000 que formavam o Corpo dos Medianos elegeram o *Manifesto da Liberdade*.

"Quanto aos qualificados como "secundários", antes de falar sobre eles, é imprescindível que nos refiramos a Adamson, o primeiro filho de Adão e Eva, nascido no Jardim

do Éden. Esse filho primogênito foi um dos que decidiu permanecer junto aos pais quando a caravana edênica foi detida pelos transportes seráficos. Adamson recebeu um duro golpe quando foi abandonado pela companheira e os filhos, que preferiram partir para Edência.

"Desde pequenino esse primeiro representante da raça "azul-violácea" em IURANCHA tinha ouvido, com muito interesse, as histórias de Van e Amadon a respeito de seus antigos lares, nas terras altas do Norte.

Depois da criação do segundo jardim, decidiu viajar para aquelas latitudes. Adamson tinha então 120 anos e já, durante sua estadia na península edênica, fora pai de 32 filhos de puro sangue azul-violeta.

"Para o primogênito, embora amasse seus pais, o ambiente do segundo jardim não resultava satisfatório.

Finalmente, em companhia de outros 27 parentes e amigos, partiu para o país dos seus sonhos infantis. Ao cabo de três anos o grupo achou sua meta. E Adamson descobriu, então, uma formosa jovem de 20 anos, uma das últimas descendentes do Estado-Maior de Caligastia. Ela se chamava Ratta. Ao conhecer Adamson e sua origem, aceitou casar-se com ele.

"Ratta e Adamson tiveram 77 filhos. Entre sua prole, tal

como sucedera com a família Sangik, algo surpreendente aconteceu: o filho número quatro era invisível. E o mesmo sucedeu com o oitavo e com o número doze e com o dezesseis.. . E assim, sucessivamente, a cada quatro.

"Ratta não chegou a compreendê-lo. Mas Adamson, que conhecia a existência dos "medianos" primários dos "cem de Caligastia" e que estava consciente das estruturas fisiológicas sobre-humanas de ambos, considerou que se achavam diante de um fenômeno similar.

"Quando veio ao mundo a segunda dessas crianças (uma menina e capaz, como o irmão número quatro, de fazer-se invisível à vontade), Adamson resolveu casá-los. Foi a origem da chamada Ordem Secundária dos "medianos" de IURANCHA. Em um século se reproduziram até atingir a cifra de 1 984.

"Em vida de Adamson esses "medianos" secundários prestaram igualmente inestimáveis serviços. O

primogênito de Adão e Eva morreu aos 396 anos de idade, deixando à sua morte um valioso Corpo de seres que se esforçaram por propagar a Verdade.

"Os descendentes de Adamson e Ratta mantiveram uma alta cultura pelo espaço de mais de 7 000 anos, até serem absorvidos pelos sucessivos acasalamentos com as tribos

"noditas" e "andonitas". Seu principal centro localizou-se na região leste do extremo sul do mar Cáspio, perto de Kopet Dagh. A pouca altura, nos contrafortes do atual Turquestão, encontram-se vestígios do que antanho foi o quartel-general de Adamson.

Nessas terras altas, ao pé da cadeia montanhosa do Kopet, quatro ramos descendentes do primogênito de Adão mantiveram por muito tempo outras tantas e florescentes civilizações. O segundo desses grupos emigrou para o Oeste, estendendo-se pela Grécia e ilhas do Mediterrâneo. O resto se encaminhou para o Norte e Oeste, penetrando na Europa atual com as raças mistas da última vaga de "andonitas", e participaram igualmente da invasão de parte da Índia com os "andonitas-arianos".

— Que aconteceu com aqueles estranhos "filhos" de Adamson e Ratta?

— Os dezesseis "medianos" secundários procriados pelo primogênito de Adão e Eva (oito mulheres e oito homens) eram capazes de gerar, fosse pela técnica sexual normal, fosse pela união psíquica do casal, outro "mediano" secundário a cada setenta dias. Cada um desses casais deu à luz um total de 248 novos

"medianos". Existem oito subgrupos de criaturas

"medianes" secundárias, que são designadas por letras. No caso do primeiro grupo recebemos os seguintes nomes: "A-B-G, o primeiro", "A-B-C-, o segundo", "A-B-O, o terceiro" e assim sucessivamente. Os do segundo grupo se denominam com as seguintes letras: "D-E-F, o primeiro", etc. . .

Sinuhe lembrou-se então da apresentação de Belzebu: "Sou "A-B-C, o primeiro" . . ." Isso significava que o chefe dos "medianos" rebeldes da Torre de Amon era um dos filhos excepcionais do primogênito de Adão e Eva.

— Após o fracasso do plano dos Filhos Materiais — continuou a voz —, os "medianos" primários leais a Micael voltaram ao serviço da comissão de Melchizedeks. Os secundários, depois da morte de Adamson, elegeram o *Manifesto da Liberdade*. Só 33 "medianos" secundários permaneceram fiéis às idéias de Adamson e Ratta. E passaram a depender dos novos síndicos planetários.

"Os "medianos" secundários que passaram a engrossar as fileiras da rebelião em IURANCHA foram contínua fonte de desordens, chegando a influenciar, por vezes, as mentes e vontades dos humanos evolucionários inferiores. Mas esses poderes esporádicos (que qualificastes de "diabólicos") acabaram-se com a chegada, a IURANCHA, do Soberano do Universo de Nebadon, Micael, e do Espírito de Verdade...

Sinuhe se recordava das palavras de Belzebu a esse respeito. E, tentando confirmar-lhes a veracidade, insistiu.

— É verdade que, desde Pentecostes, as forças do Mal ficaram incapacitadas para penetrar ou dominar as inteligências humanas?

— É isso mesmo — sublinhou a voz do arquivo —. E mais: os 40 119 "medianos" primários e os 873

secundários que auxiliaram a rebelião foram, a partir do triunfo do Cristo Micael, devidamente encarcerados.

— Então — exclamou Sinuhe — a Torre de Amon.. .

— Uma das prisões estabelecida por ordem dos Mui Altos de Edência, sede da constelação.

— Onde se encontra essa prisão? — insistiu, inquieto, Sinuhe. Mas a voz não respondeu.

— Agora compreendo — declarou Nietihw — por que se disse que Micael, nosso Jesus de Nazaré, livrou definitivamente o homem do risco de ser possuído pelo Diabo.. .

E, no mais profundo de sua alma, a filha da raça azul deu graças a Jesus Cristo. É que começava a intuir a maravilha e

a generosidade de sua passagem por IURANCHA.

Pela primeira vez, desde que se iniciara aquele incrível e fascinante diálogo na "câmara coraçada" da fortaleza, a voz dos arquivos de IURANCHA dirigiu-se a Nietihw. Em tom solene anunciou-lhe:

— As maravilhas do Cristo-Micael não terminam aí, Nietihw, filha da raça azul-violácea de Adão e Eva.

..

— Os "medianos" rebeldes. O Diabo...

Sinuhe continuava debatendo-se ante uma velha dúvida. Resolveu externá-la diretamente.

— Quem é então o Diabo?... Essas criaturas talvez: os "medianos"?

— Não, Sinuhe — replicou a voz —. A figura do Diabo ou do Demônio, tão espalhada entre os humanos de IURANCHA, é outro mito, cegamente alimentado por muitas igrejas. Nem Lúcifer nem Satã nem Caligastia guardam semelhança alguma com essas grotescas caricaturas humanas. Em que pesem seus erros, são seres de esplendor excelso.

— Dizes que os "medianos" rebeldes foram encarcerados. Que sucedeu com os leais?

— As duas ordens (primárias e secundárias) formam atualmente um único Corpo de 10 992 criaturas. Os Medianos Unidos de IURANCHA são governados, alternativamente, pelo decano de cada uma das ordens.

Ambas as classes, como sabes, são invisíveis aos olhos dos humanos evolucionários, não necessitando de alimentação ou absorção alguma de energia para a sua sobrevivência. Quando se acham a serviço dos mortais, podem penetrar no espírito do trabalho, do descanso e dos jogos daqueles humanos. Não dormem e não possuem poder de procriação sexual. Na realidade, como sabeis, não são nem homens nem anjos. Mas, em virtude de sua natureza, estão e se sentem mais próximos da humana que da espiritual. Pertencem, de certo modo, às vossas raças, e o sabem. Isso os torna sumamente úteis para infinidade de missões de estudo e conexão com os humanos. Os serafins guardiães dos mortais, por exemplo, recebem extraordinário apoio desses "medianos" na hora de velar por vós.

"Já que te interessa, como suponho, citar-te-ei os principais trabalhos encomendados a esses "medianos"

leais:

"Os "mensageiros" dispõem de nomes próprios. Formam um grupo reduzido e asseguram as comunicações pessoais de forma rápida e eficaz.

"Os "vigilantes planetários" são os guardiães ou sentinelas do mundo do espaço. Cumprem missões importantes como observadores de numerosos fenômenos de grande transcendência para os seres sobrenaturais do reino. Patrulham o domínio espiritual invisível de IURANCHIA.

"Os chamados "personalidades de contato" têm-se dedicado ao estabelecimento de contatos com os humanos mortais.

— *Ra!* — sussurrou o "iuranchiano", recordando o "amigo" perdido, o disco.

— Com efeito, Sinuhe — acentuou a "pluma de Thot" — e? por último, existe um quarto grupo de

"medianos" denominados "ajudantes do progresso". São os mais espiritualizados. Açam-se distribuídos como assistentes das diversas ordens de serafins que atuam em grupos especiais sobre o planeta.

"Apesar dessa classificação, os "medianos" primários, por suas características, são mais unidos aos seres celestes, servindo quase sempre de associados e guias aos visitantes

espirituais. Têm mais dificuldade que os secundários para comunicar-se com os humanos evolucionários e, em conseqüência, são eles os responsáveis pelas missões que têm como objetivo os mortais do reino. Esses 1111 "medianos" secundários leais a Micael, embora invisíveis também para os "iuranchianos" mortais, são de natureza corporal diferente da dos primários. Se os comparamos com os procriados pelos "cem de Caligastia", os filhos de Adamson e Ratta são de uma natureza muito mais densa. Essas criaturas têm certo poder sobre as coisas do tempo e do espaço, incluído o reino animal.

"Muitos dos fenômenos físicos atribuídos pelos humanos aos anjos foram (e são) realizados por esses

"medianos" secundários.. .

— Fenômenos? — interveio Sinuhe, intrigado. — Que fenômenos?

— Quando os primeiros apóstolos do Evangelho de Jesus de Nazaré foram presos pelos ignorantes chefes religiosos da época, um verdadeiro "anjo do Senhor abriu à noite as portas do cárcere e os conduziu para fora". Mas, no caso da libertação de Pedro, ocorrida depois da execução de Tiago por ordem de Herodes, foi um "mediano" secundário quem realizou o trabalho que os humanos atribuíram a outro anjo.. .

Sinuhe teve uma súbita idéia:

— São essas criaturas, os "medianos", os responsáveis pelos chamados fenômenos de "espiritismo"?

— Não...

A negativa reboou como um trovão. E, antes que o "iuranchiano" interviesse, sentenciou:

— Os "medianos", em geral, não permitem que os humanos testemunhem suas atividades físicas nem seus contatos com o mundo material de IURANCHA. Jamais, em toda a História do planeta, quebraram essas normas.

— Em toda a História de IURANCHA, dizes... Queres dizer que não morrem?

— São imortais por natureza, e constituem, por direito próprio, o primeiro grupo de habitantes permanentes do planeta. Ao contrário do que acontece com as outras criaturas evolucionárias, permanecem ancorados ao seu mundo, até que se alcance a Era da Luz. Embora estejam capacitados para cruzar e navegar pelos circuitos energéticos do universo, nunca abandonam sua esfera nativa. Exceto o "1-2-3, o primeiro", o número um dos

"medianos" primários, nenhum dos "medianos" leais pode partir de IURANCHA. Esse decano dos primários foi liberado de suas obrigações planetárias pouco depois do Pentecostes e trasladado a Jerusem. Durante as jornadas da rebelião, "1-2-3, o primeiro", manteve-se firme e fiel junto a Van e Amadon. Hoje é membro do "Conselho dos Vinte e Quatro".

Sinuhe e Nietihw reconsideraram. Se os "medianos", tanto primários como secundários de IURANCHA eram imortais, Bel-zebu lhes teria mentido. . . Não precisava do frasco dos "ibos". Mas por que o teria feito?

Que pretendia?

O "iuranchiano" insistiu sobre a imortalidade dos "medianos".

— Nascem já adultos — esclareceu a voz —. Não necessitam passar pelas habituais fases de crescimento dos mortais do reino. Sua sabedoria e experiência se incrementam com o passar do tempo. E posso afirmar que entre os de IURANCHA há grandes pensadores e espíritos potentes. São, de certo modo, vossos "Irmãos Maiores..."

Convencido de que o chefe dos "medianos" rebeldes encarcerados na Torre de Amon lhes havia preparado uma nova armadilha, Sinuhe guardou silêncio, sentindo como se

um áspero nó lhe fechasse a garganta.

Que lhes reservaria ainda o destino, naquela interminável aventura?

O membro da Escola da Sabedoria retirou as mãos da esfera flutuante. No mesmo instante os dois diminutos cristais de titânio recuperaram seu movimento de translação em torno do eixo transparente. O

resplendor azul retrocedeu e a penumbra que reinava na Sala de Thot desapareceu. As lâminas de ourocalcum que cobriam as paredes voltaram a refulgir, derramando na última mas-taba da fortaleza sua luz avermelhada.

Nietihw mirou o companheiro, sem compreender. Por que interrompia seu diálogo com a voz dos arquivos secretos de IURANCHA?

Sinuhe não fez comentário algum. O descobrimento daquilo que ele considerava uma nova traição de Belzebu, o "mediano" secundário, rebelde e chefe dos prisioneiros daquela estranha prisão, o transtornara.

Que sentido tinha conhecer a verdade sobre a rebelião de Lúcifer, se jamais sairiam vivos da Torre de Amon?

O chefe dos rebeldes adiantou-se aos desejos da filha da

raça azul. Estendendo seus longos braços segurou com firmeza os pulsos de Sinuhe.

— Lembra-te de que fizemos um pacto — censurou-o Belzebu —. A nós nos interessa também conhecer o estado atual da rebelião...

O "iuranchiano" esteve a ponto de enfrentar o "mediano". Mas a rápida intervenção da amiga evitou que cometesse um desatino.

— Por Deus, Sinuhe — suplicou-lhe Nietihw —, cumpramos o acordo. Depois... depois veremos.

Aquela insinuação infundiu-lhe certo ânimo. Havia uma trama no ar...

Com um lacônico "de acordo", Sinuhe levou novamente as mãos sobre a superfície da esfera. No mesmo instante, como sucedera a primeira vez, um finíssimo raio de luz partiu do seu tríplice círculo, incidindo em uma das esferas celestes. O par de cristais se imobilizou e as trevas voltaram a cair sobre a câmara.

— Qual a situação atual da rebelião e dos rebeldes? — perguntou a contragosto.

— Como foste informado — proclamou a voz imediatamente

—, tanto Lúcifer como seu lugar-tenente, Satã, circularam livremente por todo o sistema de Satânia durante 200 000 anos de IURANCHA. Só ao final da efusão de Micael em teu mundo (faz agora 1954 anos), a sorte desses caudilhos rebeldes e de quantos se juntaram ao *Manifesto da Liberdade* mudou definitivamente.

"Até então, Satã freqüentava regularmente as assembléias dos príncipes planetários em Jerusem, com a pretensão de representar os mundos apóstatas. Mas depois da proclamação de Micael como Soberano indiscutível do universo local de Nebadon, essa autorização lhe foi denegada. As simpatias que ainda se tinha em Jerusem por Lúcifer e Satã desapareceram a partir de sua tentativa de corromper Micael durante sua encarnação como humano.

"Esta sétima e última expansão de Micael em IURANCHA, como um mortal a mais do reino, pôs fim à rebelião em todo o sistema de Satânia, com exceção dos 37 mundos que tinham abraçado a causa de Lúcifer.

Este foi o significado das palavras de Micael (vosso Jesus de Nazaré) quando disse: "E vi Satã cair do céu como um raio."

— Lúcifer e Satã tentaram corromper e ganhar Micael para sua causa? — perguntou Sinuhe, novamente absorto com as

revelações da voz dos arquivos. — Como pôde ser?

— Esse fato faz parte de uma extensa história da vida, em IURANCHA, de Jesus de Nazaré (conhecida pelos humanos como "as tentações do deserto") e que não cabe agora relatar. Basta o que te vou expor. Tanto Lúcifer como seu lugar-tenente suspeitavam de que súbita e misteriosa desapareção de Micael de sua sede habitual em Nebadon tinha de obedecer a uma nova expansão daquele que fora chamado para ser o Soberano do universo local. Ao ter conhecimento da inesperada chegada a IURANCHA de um mortal de características tão singulares como as de Jesus de Nazaré, apressaram-se a visitar o planeta. Foi a única vez que Lúcifer viajou ao teu mundo...

— Não entendo — replicou o "iuranchiano" — Os chefes da rebelião não sabiam que Jesus era seu Soberano e Criador?

— Não a princípio. A encarnação de Micael na Terra, como nas seis anteriores, deu-se inicialmente em segredo. Poucas personalidades celestes estavam a par. Mas os dois não tardaram a descobrir a tremenda realidade: aquele humano tinha de ser Micael. E Lúcifer e Satã empreenderam a que seria a sua última e decisiva batalha. Durante algum tempo, lutaram para atrair Jesus para eles; mas o chamado Filho do Homem sabia que seu triunfo em IURANCHA resolveria para sempre a questão dos seus inimigos seculares, não só

em Satânia, mas também nos outros dois sistemas que haviam registrado revoltas anteriores. A sobrevivência dos mortais e dos anjos ficou garantida quando vosso Mestre, em resposta às perguntas de Lúcifer, replicou:

"Para trás de mim, Lúcifer!" Este foi o princípio do fim da rebelião.

"Pouco antes de sua morte, Micael reconhecia ainda a Caligastia como, tecnicamente, o príncipe planetário de IURANCHA, quando disse: "Agora será o julgamento deste mundo. Agora o príncipe deste mundo será alijado."

À luz dessas revelações, com efeito, as enigmáticas palavras de Jesus de Nazaré adquiriam, para Nietihw e Sinuhe, novo e lógico sentido.

— O último ato de Micael antes de abandonar vosso planeta foi a oferta de perdão e misericórdia a Caligastia e a seu adjunto, Daligastia. Ambos a recusaram.

"Caligastia — prosseguiu a "pluma de Thot", indo ao encontro dos pensamentos de Sinuhe — continua livre em IURANCHA. É o único que não foi preso. Mas carece de qualquer poder para penetrar no pensamento dos humanos evolucionários. Como também te foi explicado, apesar das enigmáticas assertivas dos ministros de vossas igrejas e da crença popular dos mortais, o Diabo, como tal, não existe. E

o poder dos rebeldes foi cerceado a partir de Pentecostes. O mal, a degradação e o caos que reinam em IURANCHA são conseqüência do isolamento do planeta, das bruscas alterações originadas pela rebelião e pelo fracasso de Adão e Eva e, evidentemente, conseqüência das próprias tendências agressivas, primitivas e animalescas dos humanos.

"Nos primeiros tempos da rebelião luciferiana, Micael ofereceu igualmente seu perdão a todos os implicados na revolta. Chegou mesmo a propor-lhes o retorno aos postos de serviço universal, tão logo fosse confirmado como Soberano absoluto de Nebadon. Chefe algum aceitou. No entanto, milhares de anjos pertencentes a ordens inferiores como também centenas de Filhos Materiais, acolheram essa medida de perdão e foram reabilitados no momento da ressurreição de Jesus de Nazaré em IURANCHA.

— Que foi feito de Lúcifer, de Satã e dos demais chefes?

— Quando Micael foi confirmado pelo Pai Universal como Soberano, Lúcifer foi encarcerado por agentes dos Anciãos dos Dias de Uversa, capital do superuniverso de Orvonton, a que pertence o universo local de Nebadon. Continua prisioneiro no satélite-cárcere número um do grupo de esferas artificiais e de transição que rodeia Jerusem, a capital do sistema de Satânia.

— Prisioneiro! — exclamou Belzebu.

— Paulo, vosso São Paulo, soube da situação dos chefes rebeldes e escreveu: "Um exército espiritual de perversidade nos lugares celestes". Foi, como te digo, no momento em que Micael foi proclamado Soberano Supremo que Ele reclamou junto aos Anciãos dos Dias o direito de deter todas as personalidades que haviam participado da insurreição, enquanto se esperava pelo veredito dos tribunais superuniversais sobre o caso de Gabriel contra Lúcifer.. .

— Por que o "caso de Gabriel contra Lúcifer"?

— Não te olvides que, tecnicamente, Gabriel é o chefe e responsável por todos os soberanos sistêmicos.

Foi ele quem denunciou Lúcifer. Os Anciãos dos Dias aceitaram a petição de Micael, com uma só exceção: Satã. O lugar-tenente teria permissão para visitar periodicamente os príncipes rebeldes dos 37 mundos implicados na revolta, até que fossem devidamente substituídos ou até o início do julgamento por parte dos tribunais de Uversa.

— Satã continuou visitando IURANCHA? — perguntou, intrigado, o membro da Escola da Sabedoria.

— Sim, regularmente. Até a chegada de Micael, o planeta

não contava com um Filho residente de linhagem suficiente para enfrentá-lo. A partir da abertura do processo de Gabriel contra Lúcifer e da tomada de posse de Machiventa Melchizedek como príncipe planetário e vice-regente de IURANCHA, Satã foi igualmente internado nos mundos-cárceres de Jerusem.

— Então — exclamou Sinuhe, recordando a misteriosa mensagem procedente do astro intruso,

"Ra", que o conduzira à filha da raça azul —, o julgamento de Lúcifer chegou...

— A primeira sessão do processo se abriu há cinqüenta anos terrestres...

— Em 1 934! — murmurou o "soror".

— É isso...

— Mas por que deixaram passar tanto tempo? A rebelião eclodiu há 200 000 anos...

— A resposta à tua pergunta figura já em teu coração. Sabes que o tempo de IURANCHA não é o mesmo para todo o sistema. Tempos diferentes para o sistema, para o universo local, para os superuniversos e para Havona. Um dia de Nebadon equivale a 18 dias, 6 horas e 2,5 minutos dos de

IURANCHA. E um ano de cem dias em Nebadon significa cinco para o teu mundo. O tempo do superuniverso de Orvonton também é diferente do vosso. Ali, um dia equivale a trinta dias em IURANCHA. E um ano de cem dias, a três mil dias do teu planeta; quer dizer, a uns oito anos e meio terrestres. Quanto ao tempo de Havona, um dia equivale a mil anos bissextos de IURANCHA.

"O que vós, humanos evolucionários, estimais como um longo período de centenas de milhares de anos, para as criaturas residentes no Universo Central de Havona, não representa mais que um curto espaço de dias... Duzentos, aproximadamente, desde que se deu a rebelião.

— Que sorte os aguarda, a Lúcifer e ao resto dos rebeldes?

— Isso será avaliado pelo grande tribunal...

— E se for considerado culpado? — pressionou Sinuhe.

— Nesse caso, a mensagem-raio porá fim às suas existências, aniquilando-os. Ficarão reduzidos ao que nunca foram. E talvez se cumpram as proféticas palavras: "E aqueles que te conheceram entre os mundos te repudiarão. Foste o terror, mas deixarás de existir."

— Poderia haver benevolência ou perdão? A voz silenciou. Mas Sinuhe desafiou:

— Poderia...?

— A crença generalizada em todas as ordens celestes — declarou finalmente a voz — é que os rebeldes dignos de misericórdia já a receberam..

— Mas essa bondade e misericórdia divinas, dizem, são infinitas. . .

— Sim, elas são — confirmou, lacônica, a "pluma de Thot". Duro silêncio caiu sobre a sala.

Sinuhe, visivelmente confuso,

balbuciou uma última pergunta sobre aquele assunto desagradável:

— Quando se conhecerá o veredito final?

— Estima-se que não tardará muito para ser anunciado publicamente. Antes, porém, um humano evolucionário de cada um dos 37 planetas afetados deverá assistir ao julgamento.

— Nietihw! — exclamou o "iuranchiano", recordando as revelações do seu Kheri Heb. Ela, como representante em IURANCHA da raça azul, deveria culminar a segunda parte da missão, com sua presença no referido processo. Mas

quando e como teria lugar essa segunda fase da desconcertante aventura?

Sinuhe, supondo que a voz dos arquivos do planeta não acesse em responder-lhe, optou por esquecer o assunto. Uma vez mais, o "soror" se enganava. ..

— Lúcifer. . . encarcerado. Satã, o lugar-tenente, igualmente insulado. Mais de 40 000

"medianos" de IURANCHA prisioneiros.

Sinuhe foi desafiando seus pensamentos em voz alta. E, movido por incompreensível sentimento de piedade por aquele utópico

— quem sabe se blasfemo? — caudilho, perguntou, timidamente:

— Será que ninguém, nesses dezenove séculos, levou sequer uma palavra de consolo a Lúcifer?

Nietihw ficou perplexa ante a inesperada peroração do amigo. Belzebu e os "medianos", por seu lado, tendo escutado as revelações em silêncio, olharam o "iuranchiano" com um misto de simpatia e curiosidade. Que pretendia Sinuhe? Teria perdido o juízo? Como podia ele exprimir piedade por alguém que fora responsável pela maior

convulsão registrada no sistema de Satânia e em toda a constelação de Norladiadek?

— Desde Micael — respondeu a "pluma de Thot" secamente

— nenhuma personalidade de Satânia quis visitar os mundos-cárceres. Nem Lúcifer nem Satã receberam ajuda alguma, nem sua causa ganhou um só adepto. Nesses 2 000 anos terrestres, os sete satélites-prisão de Jerusem constituíram uma advertência para todo Nebadon. E se tornou realidade "que o caminho do transgressor é duro e que o salário do pecado é a morte".

— Algo há que também não compreendo — cresceu o jovem—. Se os chefes da rebelião foram depostos e encarcerados, por que os 37 mundos implicados continuam submetidos a essa "quarentena" e ao insulamento?

— Essa é a ordem dos Anciãos dos Dias: os circuitos celestes não serão restabelecidos enquanto não se conclua o julgamento de Lúcifer.

— Que conseqüências teve e tem para IURANCHA essa "quarentena"?

— O progresso da civilização em teu mundo não é muito diferente do de outros planetas que sofreram o infortúnio da

solidão espiritual. Mas, se se compara com os mundos leais a Micael, IURANCHA, com efeito, surge como um lugar confuso e atrasado. Por causa dessa "involução cósmica", os humanos do teu mundo não podem compreender a cultura de outros planetas. E mais: nem sequer conhecem a existência dessas civilizações. O nível biológico de vossas raças encontra-se alterado e sumamente atrasado, e sois vítimas da falta de ideais autênticos. Mas não te confundas, Sinuhe: à primeira vista, IURANCHA é um mundo desgraçado. Certo. Não obstante, o insulamento oferece também vantagens.

— Vantagens? — retrucou Sinuhe com ceticismo.

— A falta de comunicação dessas esferas permite o exercício de uma virtude sem igual: a fé. O

desenvolvimento dessa qualidade, à margem da vista e de qualquer outra consideração material, fortalece os espíritos dos mortais desses mundos, até limites inimagináveis.

"Posso dizer-te que, em Jerusem, os humanos "ascendentes" de planetas incomunicáveis ocupam um setor residencial particular. Ali são conhecidos pelo nome de "agontonários", que significa "criaturas evolucionárias que podem crer sem ver". São (melhor dito, sois) seres capazes de triunfar nas mais difíceis missões. Em toda a "corrida

ascendente" para a Ilha Eterna do Paraíso, o "Agrupamento de Agontonários"

distingue-se sempre por sua audácia. São consideradas "forças de choque", capazes de superar dificuldades extremas...

— Entendo e admiro tudo quanto me dizes — rebateu Sinuhe —, mas não teria sido mais justo e caritativo para esses milhares de milhões de criaturas evolucionárias dos 37 mundos em "quarentena", que as altas hierarquias celestes tivessem feito abortar a rebelião instantaneamente?

— Entre as numerosas razões que figuram neste arquivo, pelas quais Lúcifer e seus rebeldes não foram detidos e julgados imediatamente, estou autorizado a expor-te as seguintes:

"1.a A misericórdia divina exige que todo culpado disponha de algum tempo para que reconsidere seu próprio comportamento.

"2.a A Justiça Suprema é dominada pelo amor do Pai Universal. Por isso, a Justiça nunca destruirá o que a graça pode salvar. E o tempo, aqui, é vital.

"3.a Nenhum pai afetuoso impõe castigo a um filho faltoso. A paciência pode atuar independentemente do tempo.

"4.a A sabedoria e o amor estimulam sempre os filhos íntegros a tolerar o irmão transviado, pelo menos durante o tempo imposto pelo pai para que esse filho desorientado reconheça seu erro.

"5.a Independentemente da atitude de Micael, e apesar de ser o criador e pai de Lúcifer, não competia ao Soberano de Nebadon o direito de exercer justiça sobre o chefe rebelde de Satânia. Seria necessário, primeiro, que Micael concluísse sua carreira de expansão e se proclamasse Soberano indiscutível.

"6.a Os Anciãos dos Dias poderiam ter fulminado os rebeldes. Mas raramente agem contra um criminoso sem antes examinar sua causa.

"7.a É evidente que Manuel aconselhou Micael a permanecer distante dos rebeldes e permitir que a rebelião prosseguisse em seu curso normal de autodestruição.

"8.a Em Edência, o Fiel dos Dias recomendou aos Pais da constelação que deixassem livres os rebeldes.

Dessa forma, foi possível desterrar qualquer possível simpatia pela *Manifesto da Liberdade*. Cada cidadão (presente e futuro) de Norladiadek teve então a oportunidade de avaliar por si mesmo o alcance e a natureza da rebelião, amadurecendo sua decisão final em absoluta

liberdade.

"9.a A Divina Ministra de Salvington ordenou que os exércitos celestes velassem, precisamente, para que nada nem ninguém se interpusesse na propagação da insurreição. Essa medida conduziu a rápido desencanto.

"10.a Um comitê de urgência, formado por Poderosos Mensageiros e mortais glorificados com experiência em rebeliões anteriores, foi constituído em Jerusem. E preveniu Gabriel: se se fizesse abortar a rebelião, o número de seguidores de Lúcifer poderia multiplicar-se por três. Todo o Corpo de Conselheiros de Uversa concordou com essa recomendação, rogando a Gabriel que deixasse correr a revolta, mesmo que depois fossem necessários milhões de anjos para eliminar as conseqüências.

"O total de razões acumuladas nestes arquivos chega a 48. .. Mas supomos que existam muitas mais.

Sinuhe ficou em silêncio. Depois de longa meditação, ponderou mais para si:

— Que teria sido deste planeta se Caligastia não tivesse apostado na rebelião?

A voz, com a mesma precisão, sentenciou:

— IURANCHA, como outros milhares de milhões de mundos evolucionários, seguiria percorrendo, sem traumas nem convulsões, as sete eras evolutivas obrigatórias.

— Tem isso alguma relação com a Era da Luz, à que te referiste antes?

— É isso. Se tivessem contado com um príncipe planetário honesto e com uns Filhos Materiais firmes, as raças humanas do teu mundo, como todas as do espaço e do tempo, teriam conhecido os seguintes estágios:

"A Era da Nutrição: nessas épocas, as criaturas pré-humanas e as raças iniciais de um planeta vivem principalmente para a sua alimentação e sobrevivência física. A busca de comida é o seu horizonte único e básico.

"A Era da Segurança: tão logo os caçadores primitivos disponham de alimentação abundante, todo o seu tempo se destinará a reforçar sua segurança e a do seu clã. Nascem assim novas técnicas guerreiras e de construção de vivendas.

"A Era da Comodidade e dos Prazeres: depois de ter resolvido seus problemas de alimentação e segurança, os homens caem no luxo e na esfera dos prazeres. São épocas que se caracterizam pela tirania em todos os níveis, pela intolerância, gula, embriaguez e o que hoje chamais

"consumismo desenfreado".

"A Era da Busca da Sabedoria e do Conhecimento: a alimentação, a segurança, o prazer e o ócio são as bases que permitem o desenvolvimento da cultura e da inteligência. O esforço para pôr em prática os conhecimentos desemboca na sabedoria. A obsessão pelo bem-estar material domina ainda essa civilização, mas muitos dos seus indivíduos visam já outro horizonte: o do conhecimento. Em geral, a educação e a cultura são o grande triunfo dessa Era.

"A Era da Filosofia e da Fraternidade: quando os mortais aprendem a pensar por si mesmos e a tirar proveito da experiência, surge a Filosofia. A sociedade então se faz ética e seus homens, morais. E somente esses seres sábios e realmente morais estão capacitados para estabelecer uma autêntica irmandade humana.

"A Era do Esforço Espiritual: quando os mortais evoluem e passam pelos estágios de desenvolvimento físico, intelectual e social, cedo ou tarde alcançam os níveis de clarividência que os leva, irremissivelmente, à busca de satisfações espirituais e à compreensão das verdades cósmicas. As religiões conseguem elevar-se acima das motivações do medo e da superstição, até à verdadeira sabedoria da experiência pessoal. Os humanos desta Era conhecem, por vez primeira, a plenitude da palavra "Deus".

"A Era da Luz e da Vida: é o florescimento das idades sucessivas da segurança física, da expansão intelectual e espiritual. Os desejos e objetivos humanos se fundem, então, com os de outros seres celestes. É

a época final, época em que não existem fronteiras. O intercâmbio com outras civilizações é total. Nesses tempos, os príncipes planetários dos mundos "ancorados na luz" ascendem à posição de soberanos planetários.

Não era preciso ser muito sagaz para deduzir que a Terra — IURANCHA — não superara ainda a terceira dessas eras: a da Segurança. E mais: em algumas regiões do globo, os humanos se debatem ainda na primeira e na segunda. E, embora não seja menos certo que no planeta se "pressinta" uma mudança — um

"salto" talvez para essa outra Era da Busca do Conhecimento —, a verdade é que o caminho a percorrer é ainda imenso.

Sinuhe e sua companheira compreenderam que tinham chegado ao final. O arquivo secreto de IURANCHA lhes revelara tudo o que desejavam e precisavam saber: a frustrada história de Caligastia, o príncipe planetário rebelde chegado ao mundo faz agora 500 000 anos; a explosão da revolta luciferiana e a cisão do Estado-Maior corporal; o

insólito *Manifesto da Liberdade* e o caráter relativamente reduzido da insurreição no sistema de Satânia; a chegada, há 37 000 anos, dos Filhos Materiais voluntários — Adão e Eva — e seu não menos frustrado plano de "ascensão biológica" das raças humanas; o segundo Jardim do Éden e a estranha aparição dos "medianos" secundários; a expansão final das raças "noditas" e "adâmicas" e a situação dos rebeldes e da rebelião, depois da encarnação de Micael — Jesus de Nazaré — na Terra.

Antes que a voz do arquivo se calasse para sempre, Sinuhe pediu resposta e conselho para duas últimas questões:

— E agora, depois desse rosário de fracassos, que podem fazer os povos do mundo?... e que devemos nós fazer?

— O destino de IURANCHA vai mudar — retomou a voz, enchendo de otimismo os "iuranchianos" —.

Só é necessário esperar o final do processo contra Lúcifer. Quando for levantada a "quarentena", a esperança brilhará de novo. A melhora do nível evolutivo dos humanos, falida após a experiência adâmica, será canalizada pelos caminhos, principalmente humanos, da adaptação e do controle...

"Quanto a vós, filhos de IURANCHA, regressai e contaí ao mundo quanto haveis vivido e conhecido..."

Só então, quando esta parte da Verdade tiver sido propagada... só então — insistiu a voz — podereis iniciar a segunda fase da missão: o julgamento de Lúcifer.

— Propagar esta parte da Verdade? Mas como?...

As novas perguntas do membro da Escola da Sabedoria não terminaram de ser enunciadas. Apesar de continuar com as mãos estendidas sobre a esfera flutuante, o feixe luminoso que partia do costado esquerdo de Sinuhe extinguiu-se e o par de esferinhas de titânio se pôs novamente em movimento. E as trevas voltaram.

Nietihw avisou o companheiro que tudo se havia concluído, E, depois de alguns minutos de indecisão, Sinuhe procurou Belzebu.

— Já que tudo está terminado, podemos abandonar a torre? O chefe dos "medianos" tornou a pousar sua pequena e áspera mão sobre o costado do "iuranchiano" acariciando o tríplice círculo de Micael.

— Foi esse o pacto, Sinuhe. Apesar de tudo o que ouviste, nós, que escolhemos o *Manifesto da Liberdade*, continuamos interessados em que os humanos conheçam a Verdade... e julguem por si mesmos.

Podeis voltar.

A filha da raça azul ajoelhou-se então ante o silencioso Vana e, depois de abraçar o "mediano", perguntou-lhe:

— Que será de ti, amigo?

Vana dirigiu um olhar para o chefe dos rebeldes. Depois, com voz serena, respondeu:

— O prazo para a misericórdia não se esgotou, filha de IURANCHA... Talvez a presença desta bandeira na Torre de Amon — disse mostrando o símbolo que ostentava no peito — signifique, para todos nós, o retorno à verdadeira Liberdade... Voltaremos a ver-nos, filha da raça azul.

Belzebu levantou o braço esquerdo e, quando os dois "medianos" às suas ordens se preparavam para inverter a posição do disco do Yin-Yang, Sinuhe, sem poder resistir à tentação, interpelou de novo o chefe dos rebeldes:

— Antes de partir, quisera saber algo...

Belzebu, com o braço ainda no alto, aguardou a pergunta.

— Dize-nos: se és imortal, por que nos enganaste, fazendo-nos crer que precisavas do frasco dos "ibos"?

O "mediano" cerrou o punho e, ao mesmo tempo em que seus servidores, atentos ao sinal, faziam girar o disco que

simbolizava o Universo, colocando a meia-lua do Yang em posição dominante, replicou com voz vigorosa:

— Não houve tal engano, Sinuhe, filho de IURANCHA! Talvez ao teu retorno, se o destino voltar a cruzar nossos caminhos, conheças esse lado da Verdade...

— Mas...

O "soror" não teve tempo para protestar. Ao mudar de posição, o Yang saiu disparado para a cúpula onde se difundia a misteriosa "atmosfera" esmeralda.

E Nietihw, maravilhada, viu como a atravessava facilmente sem quebrá-la, perdendo-se, veloz, em direção a "algo" que se recortava nas alturas: o sol "negro"!

Tudo, a partir de então, se foi sucedendo vertiginosa e matematicamente. Melhor dito, tudo não...

De repente, vindo do astro "negro", irrompeu no hexágono um velho conhecido de Sinuhe: o corvo branco que o ajudara na praia e que lhe engolira o anel. Nessa ocasião, o vôo do pássaro foi diferente.

Conforme se foi aproximando da cúpula, a cada lento e majestoso adejar, iam as asas deixando atrás de si esteiras coloridas. E, ao pousar sobre o solo da Sala de Thot, a filha

da raça azul descobriu, fascinada, que o corvo enlaçara aquela última mas-taba da fortaleza e o sol "negro" com um gigantesco arco-íris.

Ato contínuo, o corvo remontou o vôo. Antes, porém, de perfurar a cúpula, abriu o bico e deixou cair alguma coisa dourada e brilhante.

E o anel de Sinuhe tilintou no solo de ourocalcum da sala. Nietihw apressou-se a apanhá-lo e, pegando a mão direita do amigo, confuso porque não podia compreender o que se estava passando, introduziu-lhe o selo no dedo anular. Ao reconhecer o anel, Sinuhe pronunciou, comovido, o nome do pêndulo:

— *Ra!*

E, deixando-se levar pelo instinto, Nietihw arrastou o amigo até a base do arco-íris.

— Vamos, Sinuhe!. . . Saiamos daqui!

O "iuranchiano" obedeceu. Mas, ao passar junto da coluna que sustinha a esfera com os 606 cristais de titânio, ele se deteve. Antes que os "medianos" pudessem agir, abraçou-se à "pluma de Thot", ao mesmo tempo em que gritava para a filha da raça azul:

— É agora! . . . Fugamos!

Nietihw empurrou violentamente o companheiro para o arco-íris, submergindo com ele na cascata de luz.

Ao penetrar na fantástica "ponte", os "iuranchianos" foram absorvidos para o alto.

E tanto Sinuhe como a descendente da raça azul-violácea perderam-se no céu esmeralda daquele insólito

"mundo" . . .

O resto desta história talvez carecesse de interesse, não fora por duas — talvez três — circunstâncias não menos surpreendentes.

De repente, sem saber como, Nietihw e Sinuhe descobriram que se achavam na praça da Lastra, na recôndita aldeia soriana de Sotillo dei Rincón, caminhando sem pressa em direção à Casa Azul. O Sol, radioso, provocava um brilho doce e discreto no bronze da Diana Caçadora, enquanto a bica continuava a jorrar em silêncio, como se nada tivesse acontecido...

O jovem, tendo a bolsa das câmaras ao ombro, deteve-se um instante junto à fonte. Voltou a cabeça para o bosquezinho e, em seguida, interrogou a companheira, com o olhar. A

resposta brotou de seus corações...

Tinham regressado!

José Maria, o prefeito, confortavelmente sentado no jardim da Casa Azul, continuava sorvendo sua fumegante xícara de café. Sinuhe, maravilhado, constatou que seu relógio marcava 13h56. Não mais de cinco minutos haviam transcorrido desde o início da lua nova e daquela aventura fantástica!

Antes que Sinuhe conseguisse pronunciar palavra, a senhora da Casa Azul tomou-lhe a mão direita e, em silêncio, com um sorriso de cumplicidade, mostrou-lhe o anel dourado — com o símbolo dos homens "Pi" —

que ainda lhe brilhava no dedo anular...

Pouco depois, o investigador iniciava o relato de tão desconcertante missão, com as seguintes frases:

"... Quanto a vós, filhos de IURANCHA, regressai e contai ao mundo quanto haveis vivido e conhecido...

Só então, quando esta parte da Verdade tenha sido propagada... só então" — insistiu a voz — "podereis iniciar a segunda fase da missão: o julgamento de Lúcifer."

E este relato foi terminado em janeiro de 1985.

Nesse mês de janeiro de 1985 — dia 23, às seis da tarde —, José María Gómez Zardoya, alcaide de Sotillo, falecia na citada aldeia de Soria. Fora uma das duas pessoas que ouviram as misteriosas sessenta e seis badaladas...